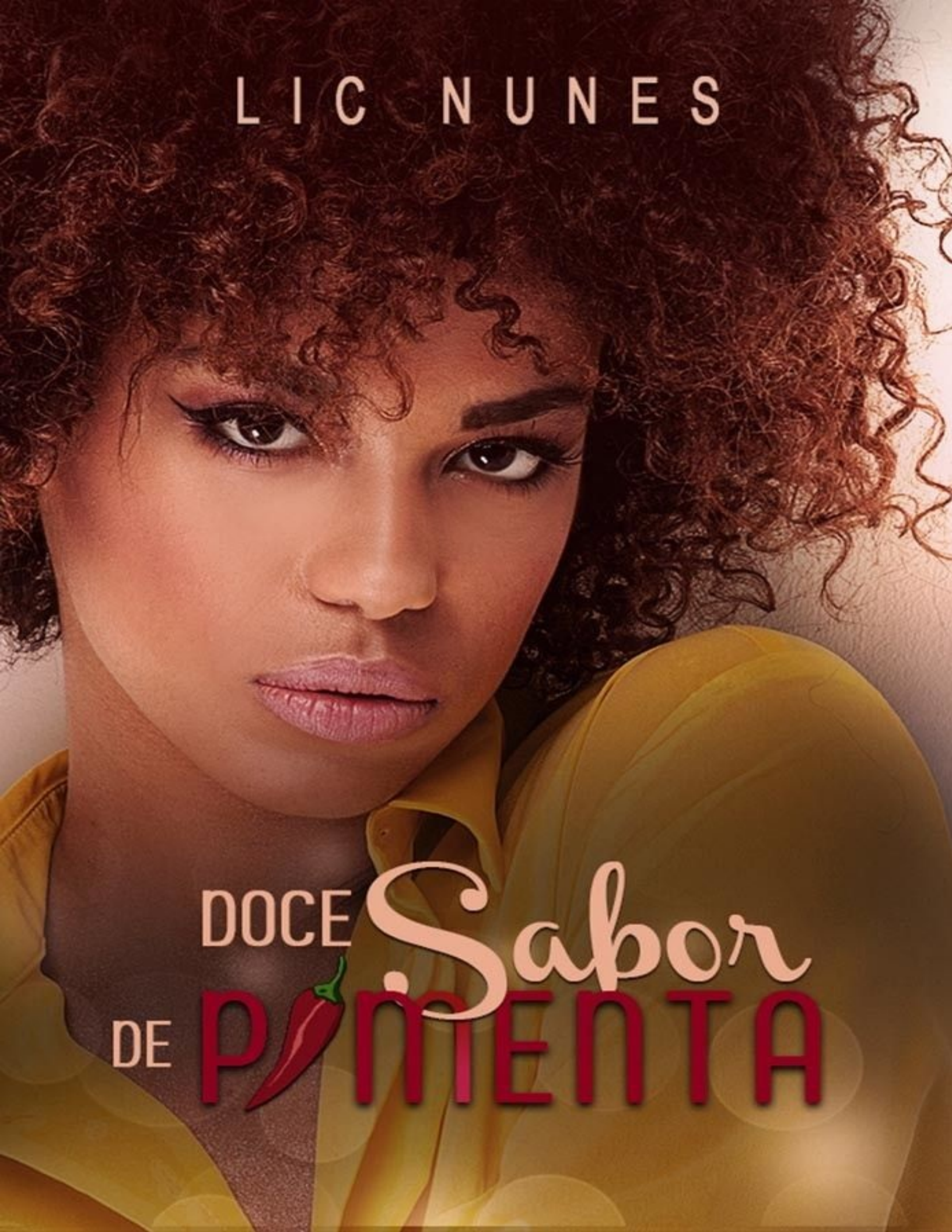

LIC NUNES
DOCE Sabor
DE PIMENTA

Doce Sabor de Pimenta

Lic Nunes

2018

Dados Bibliográficos

Arte Capa – Barbara Dameto

Revisão e Diagramação: Eliane da Costa Nunes Brito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

_____Nunes, Lic. Doce Sabor de Pimenta / Lic Nunes | 1ª ed. - São Paulo: - 2018

1. Literatura Brasileira 2.Romance I

_____

Índice Catálogo Sistemático

1.Romance Brasileiro

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora Tribo das Letras, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos desta reservados.

Para todas as mulheres que seguem protagonistas de suas histórias.

À Maria Silva, uma leitora desta história que se tornou escritora e que, no fim de 2017, virou um anjo.

Cuidado, a presença de clichês em uma história não faz dela uma história clichê

Capítulo 1

Júlia sentiu um frio na barriga. Aquela sensação devia ser comparável a subir em um palco diante de milhões de pessoas. Respirou fundo, tentando não chorar e borrar a maquiagem. Apanhou a mão de seu pai com mais força e ele acariciou o dorso da mão da filha de modo a acalmá-la.

Quando a música começou, pensou que o coração fosse sair pela boca. Seu pai olhou para ela e sorriu, iniciando a caminhada, conforme haviam treinado. Assim que a porta da igreja se abriu, todos os olhares foram em sua direção e ela sentiu o coração bater acelerado.

Seu vestido havia sido inspirado na roupa da princesa Tiana, da história da princesa e o sapo, retratada nos cinemas anos antes, e era exatamente daquele modo que estava se sentindo. Tudo estava como imaginara, desde a decoração na igreja, até a recepção que havia sido preparada cuidadosamente para um pouco mais de duzentos convidados.

Ricardo a viu se aproximar e nem mesmo em seus sonhos pensou que fosse ficar tão bonita. Estava perfeita. Sentiu as pernas bambas e lágrimas virem aos seus olhos, entretanto não eram de felicidade.

Lutando contra a vontade de chorar, Júlia o viu. E realmente estava tão bem-vestido que parecia saído de um conto de fadas. Pelo casamento ser à tarde, havia optado por um terno cinza um pouco mais escuro do que o colete da mesma cor. Completando o visual, no colarinho da camisa branca, uma gravata de cetim num tom intermediário entre os dois tons de cinza utilizados.

Ela continuou andando e foi como se deslizasse por todo o caminho, pois vê-lo fez com que sua caminhada, até então vacilante, se fizesse segura. Finalmente, conseguiu domar o nervosismo e sorrir. Chegando perto do altar, viu rapidamente sua mãe com os olhos marejados e Constância, a mãe de Ricardo, que lhe sorriu cúmplice. Eduardo estava ao lado dela e, Júlia não conseguiu deixar de sorrir ao vê-lo dentro de um terno. Não era um visual ao qual ele estava acostumado e sabia que só se vestira assim em consideração a ela e ao seu irmão. Ainda viu o médico da família e o achou sério demais, era o único que

não sorria.

Ricardo engoliu em seco, antes de ir apanhá-la das mãos de seu pai. Cumprimentou-o rapidamente e deu-lhe a mão. Júlia percebeu que devia estar tão nervoso quanto ela, pois tremia e sua mão estava fria. Ao ser conduzida até o altar, sentiu falta também de seu sorriso, atribuindo à ansiedade toda aquela seriedade. Ajoelharam-se diante do altar e o padre iniciou a cerimônia.

Júlia mal conseguiu ouvir tudo o que o padre dissera, tamanha emoção. Ele era seu sonho e agora se tornaria sua realidade. Só faltava um detalhe para saírem de lá em direção ao seu final feliz.

— Senhorita Júlia Lins Pimenta, aceita o senhor Ricardo Góes Vidal como seu legítimo esposo, para amá-lo, respeitá-lo e lhe ser fiel, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, todos os dias de sua vida, até que a morte os separe?

— Sim — foi um fio de voz que saiu e Júlia sorriu nervosa, quando Ricardo olhou para ela. Percebeu os olhos dele, cheios de lágrimas. O padre continuou, virando-se para Ricardo.

— Senhor Ricardo Góes Vidal, você aceita a senhorita Júlia Lins Pimenta como sua legítima esposa, para amá-la, respeitá-la e lhe ser fiel, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, todos os dias de sua vida, até que a morte os separe?

À pergunta do padre seguiu-se um silêncio incômodo. Júlia olhou para ele, assim como as outras pessoas, esperando que respondesse. O padre repetiu a pergunta e Júlia estranhou quando seu noivo soltou sua mão. Será que estava tão nervoso, a ponto de perder a voz?

— Não — Ricardo respondeu, após encará-la.

Júlia arregalou os olhos sem querer acreditar no que ele dissera. Houve um burburinho entre os convidados. Mesmo sabendo da seriedade de Ricardo, acharam que se tratasse de alguma brincadeira, pois todos sabiam o quanto eram apaixonados. Sob os olhares do padre, ele se levantou devagar e viu a noiva fazer o mesmo.

— Rico? — Júlia chamou sua atenção.

— A resposta é não, Júlia! — a voz dessa vez soou tão alta quanto fria. Ela estremeceu, sem acreditar que aquilo pudesse estar acontecendo.

De seu lugar, Constância sorriu. Eduardo afrouxou a gravata que o estava incomodando, sem acreditar que seu irmão estivesse protagonizando aquela cena.

— Como? — incrédula, Júlia só conseguiu balbuciar a pergunta, sentindo a emoção de outrora se transformar em outra coisa: uma espécie de nó na garganta.

— Você está grávida, Júlia — ele a encarou como se não houvesse mais ninguém na igreja.

— Sim... E te contaria mais tarde, durante a lua-de-mel — confirmou e o viu passar a mão sobre o cabelo de forma nervosa.

— Por favor — o padre tentou intervir, porém, Ricardo o ignorou, voltando-se para a noiva.

— De quem? — a pergunta veio mais com ressentimento do que com raiva.

A pergunta chocou a todos. De onde estava, Júlia ouviu sua mãe dizer algo em protesto; logo na sequência seu pai se levantou, indo até o altar, colocando-se no meio dos dois, para apanhar o noivo pelo colarinho. Ricardo não reagiu, estava triste demais para fazê-lo.

— Que tipo de brincadeira é esta, rapaz? Eu confiei a você minha filha para humilhá-la deste jeito?

Eduardo também se viu no altar. Não conseguiu ficar inerte, diante de tudo aquilo. Não concordou com aquela exposição toda, afinal seu irmão poderia ter conversado com ela a sós, sem transformar a situação em um espetáculo. Quando ele falou sobre a gravidez, seus olhos foram para a mãe e entendeu que havia sido ela quem lhe contara, uma vez que somente os dois sabiam e haviam prometido guardar segredo.

— Garanto que sou o mais humilhado aqui, senhor Ivan — os olhos dele continuavam cheios de lágrimas e o homem, por mais nervoso que estivesse, pôde ver o quanto estava sofrendo, só não entendia o motivo — Acabei de

descobrir que sua filha está grávida.

Júlia assistia a cena sem compreender. A pergunta que ele lhe fizera foi como uma bofetada em seu rosto. E ficava voltando, como um looping doloroso "De quem?" "De quem?" "De quem?". Como assim "de quem"? Nunca imaginou que ele reagisse tão mal à ideia de um filho.

— Está desistindo de nós por não ter te contado antes? — tentou entender.

— Não — ainda seguro pelo pai da noiva, respondeu em alto e bom som — Estou desistindo porque você jamais conseguiria cumprir o juramento que acabou de fazer. Não entendo como pôde mentir tanto.

— Do que está falando, Rico? — praticamente suplicou por uma explicação.

— Não posso ter filhos, Júlia — revelou e sentiu a mão ao redor de seu pescoço se afrouxar — Era sobre isso que tentei conversar com você no outro dia!

Júlia ficou pasma diante da declaração e o burburinho entre os convidados aumentou. Nada mais fazia sentido. Estava sendo acusada de traí-lo? Como, se após ele, jamais tivera olhos para outro homem? A partir daí, tudo se resumiu a flashes. Viu-o deixar o altar em direção à sacristia; Eduardo sair atrás dele; enxergou a expressão chocada dos convidados; ouviu seus cochichos e o choro de sua mãe; percebeu seu pai envergonhado... E o padre falou coisas que não conseguiu entender. Era como se não estivesse ali, pois não parecia ser com ela. Então tudo começou a girar, até se transformar em escuridão.

◆◆◆

Eduardo alcançou o irmão, antes que ele saísse da igreja. Apanhou em seu braço, fazendo-o parar.

— Volte lá e aja como um homem Rico! — exigiu — Por que fez isso?

— Não escutou nada do que eu disse? Ela está grávida e não pode ser meu! — gritou, tentando se desvencilhar — A mulher que eu amo não existe, é uma farsa.

— Veja o absurdo do que está dizendo, Rico. É sobre a Júlia que está falando. Será que não percebe que isso não faz o menor sentido? Ela jamais o trairia!

— Era o que pensava, até minutos antes — Ricardo finalmente conseguiu se soltar.

— Precisava humilhá-la dessa forma? — ainda estava inconformado.

— Não pensei direito, ok? No entanto, estava com muita raiva. Juro que nunca mais amarei ninguém para não me decepcionar tanto assim.

— Você é um idiota, Rico — Eduardo o encarou — Algo deve estar errado. Devia ter conversado com ela antes. Desde quando não pode ter filho? Fez um exame? Quantas vezes o fez? — e sem dar tempo ao irmão para responder — Só sei que acredito na honestidade dela e você deveria ter feito o mesmo. Só pode estar enganado — tentou convencê-lo — Não percebe que, se você estiver errado, acabou de abandonar uma mulher que o ama e que está esperando um filho seu?

— Estou escapando de uma armadilha, Edu — Ricardo ignorou-o, só queria sair dali o quanto antes. Constância foi ao encontro deles.

— Deixe seu irmão, Eduardo! Ele fez o correto a se fazer. Melhor agora, do que descobrir que ela não prestava depois.

Eduardo olhou para a mãe e para o irmão, sentindo vergonha dos dois.

— Se já sabia que não haveria casamento, por que envergonhá-la deste jeito na frente de sua família, de seus amigos? Pelo amor de Deus, cara, não vê a burrada que fez?

Ricardo evitou encará-lo, só queria sair dali. Queria ir para um lugar onde pudesse chorar e tentar esquecê-la.

— Não vou perder mais meu tempo com vocês, porque não merecem — Eduardo ergueu as mãos, desistindo, entretanto, olhou para a mãe — Não sei o que fez, mas se tiver alguma coisa com o que aconteceu hoje, descobrirei — e saiu, indo ficar ao lado da pessoa que mais fora prejudicada com aquela história.

I

Um mês antes

Mesmo sabendo o que ocorreria, assustou-se com o barulho, provocando nele um riso gostoso com o qual já estava acostumada. Viu-o colocar o líquido nas taças sem deixar cair uma só gota nos lençóis de cetim. Depois, colocou a garrafa no espaço ao lado da cama e estendeu uma taça na direção dela, esperando que a apanhasse para pegar a dele.

— Um brinde ao sucesso nos negócios, ao amor e, principalmente, ao nosso casamento daqui a quatro semanas!

Júlia sorriu, mantendo seus olhos fixos em seu noivo. Estavam nus, sentados um de frente para o outro e brindaram, antes de tomarem um pequeno gole do champanhe. Ele nunca lhe parecera mais bonito. Talvez a felicidade o tornasse mais especial do que já era.

— Por que está me olhando assim, minha pimentinha?

Ela sorriu.

— Sou uma mulher de sorte. Vou me casar com um homem honesto, carinhoso e muito bonito... Ainda que insista em me chamar por um apelido bobo.

— Não é bobo — discordou e o sorriso que deu provocou covinhas em seu rosto — Meu jeito de saber que é só minha é tratá-la de uma forma que ninguém mais faz — colocou sua taça junto da garrafa e, após se certificar que ela também não beberia mais, colocou a dela também, puxando-a para si — Espero que tenha espantado aquela sensação.

Ela fez que não, e ele riu.

— Você que está sendo boba, Júlia.

— Eu sei, Rico. Mas me parece tão... — procurou por uma palavra para

descrever o que estava sentindo e não conseguiu — "Inadequado" estarmos aqui.

— Estou no motel com a minha noiva, qual a inadequação, pimentinha? — acariciou o rosto dela e o puxou para si, fazendo com que olhasse para cima, onde um espelho mostrava os dois juntos — Adoro estar com você, adoro o contraste das nossas peles, adoro cada segundo na sua presença. Você poderia me pedir qualquer coisa, menos que ficasse em jejum de você, apenas porque vamos nos casar.

— Não é apenas por isso — tentou se explicar — O casamento está tão perto e ainda há tantos detalhes...

— Nossas mães não estão ajudando? — quis saber e ela fez que sim com a cabeça.

— Então, relaxe, pimentinha. Você consegue ser mais preocupada do que eu.

— É um sonho casar com você, Rico. Só queria que saísse tudo perfeito.

— Já está perfeito. Se nossos convidados fossem cinco pessoas, já estaria perfeito para mim — abraçou-a — Não vê que está tudo dando certo? Tanto na vida pessoal, quanto na profissional. Não tenho do que reclamar.

— Verdade. Parece um sonho... — suspirou de um modo que chamou a atenção dele.

— Meu Deus, nunca a vi tão nervosa... Quer dizer, tirando o dia em que nos conhecemos — provocou-a.

— É que prefiro que seja realidade, em vez de parecer sonho... Porque dos sonhos, acordamos.

— Não seja boba, nada acontecerá. Será apenas uma nova fase em nossas vidas. É claro que estou nervoso também, só que meu nervosismo é infinitamente menor do que a minha felicidade — prendeu-a em seu abraço — Eu tenho você e nada pode dar errado.

— Se você está dizendo, acredito — Júlia olhou para ele de modo apaixonado e quando ele a beijou, correspondeu imediatamente.

◆◆◆

— Gostaria de saber onde o Ricardo está para não atender o telefone — Constância não escondeu o nervosismo e o doutor Vicente Queiróz sorriu. Sempre quis saber como a amiga reagiria quando seu filho mais velho se casasse, e agora vendo-a irritada na maior parte do tempo, tinha certeza de que acertara e ela não estava reagindo nada bem.

— Provavelmente com a noiva — concluiu calmamente.

— Nem me lembre desse casamento! — ajeitou-se no sofá — Criei meu filho com tanto cuidado para isso! Vê-lo casar com uma cozinheira.

— Confeiteira é o nome certo. Pelo que eu saiba é formada em gastronomia e a Doce Pimenta está em plena ascenção.

Para mim, não passa de uma cozinheira — Constância retrucou — Tantas mulheres bonitas e inteligentes, ele tinha que se apaixonar logo por uma... — respirou fundo, cansada demais para continuar fingindo — Mulher de cor.

Não está sendo politicamente correta, Constância. O termo correto é afrodescendente — Vicente a corrigiu. Talvez, se o marido de Constância estivesse vivo, esta postura provocasse uma briga entre os dois, já que ele era um homem correto e que ensinara aos filhos tratar todos da mesma maneira, sem qualquer tipo de discriminação.

— Quem disse que estou interessada em ser correta? Só não me conformo. Está tudo finalmente acontecendo para o Ricardo e ele me inventa esse casamento! Meu filho acabou de se tornar sócio majoritário de um hotel três estrelas. Conheço o Ricardo, em dois anos ou menos vai elevá-lo a um de cinco estrelas, da mesma forma que fez com a nossa pousada no interior.

— Ele tem um tino incomparável para os negócios, não há dúvidas. Da mesma forma, deve saber o que está fazendo, confie no julgamento de seu filho.

— Se fosse o Eduardo, vá lá. Aquele lá nunca se preocupou com nada. Agora o Ricardo, ele sempre foi tão centrado...

— Por falar no Eduardo, ele vai estar na cidade, durante o casamento?

— Não sei e nem me importo — Constância respondeu aborrecida — Queria tanto que ele tivesse puxado o irmão... Infelizmente está sendo o contrário, Ricardo que o está imitando e me decepcionando também.

— Não seja dramática.

— Fala, porque não é o seu filho — rebateu, fazendo o médico sorrir.

— Eles casarão com comunhão parcial de bens, Constância. Não sei o motivo de tanta resistência de sua parte.

— Agora que o Ricardo começará a ganhar dinheiro, vai dar no mesmo que comunhão total. Tudo o que construírem após o casamento deverá ser dividido. Já pensou se acontece algo com ele?

— O Ricardo está muito bem, Constância. Ele sempre se cuidou. Aliás, marcou um check-up para amanhã em minha clínica. Tenho certeza de que nada acontecerá a ele. Então, seja menos pessimista.

◆◆◆

Júlia apoiou-se no balcão e suspirou ao se recordar da noite anterior. A história dos dois acontecera muito rápido, o que a assustava um pouco. Completariam um ano juntos e a data do casamento fora escolhida por essa razão. Porém, como lhe dizia Ricardo, um amor arrebatador era assim mesmo. Esperava que ele estivesse certo.

Nunca imaginara que uma confusão com a reserva em uma pousada no interior de São Paulo, pudesse apresentá-la ao amor de sua vida.

Ricardo era o administrador e surgira para resolver o erro que a deixara sem acomodações em plenas férias. A solução foi a mais inusitada possível: pelo menos na noite em que chegou, ele cedera o próprio quarto, passando a noite em claro na recepção, desdobrando-se em busca de uma solução. No dia seguinte, já havia resolvido a questão, acomodando-a, de acordo com o que havia sido contratado.

O modo seguro com o que tratou de tudo apagara qualquer rusga existente entre eles, permitindo que visse o belo homem por trás daquelas atitudes. Ricardo, apesar de manter seu profissionalismo durante toda a situação, não conseguira deixar de notar sua hóspede e sorriu ao descobrir que seu sobrenome era Pimenta. Achara bastante apropriado, por tê-la visto nervosa. Além disso, não teve como negar que era muito bonita e seu tom de pele era maravilhoso. Sentiu-se tentando a repetir o clichê e compará-la a uma deusa de ébano. Porém, segurou-se, afinal só sabia dela que estava em férias, sem ter qualquer outra referência à sua vida pessoal.

Somente na véspera de ela deixar a pousada, finalmente tomou coragem e a convidou para jantar. Júlia hesitou, no entanto, acabou aceitando. E foram duas horas mágicas, em que falaram sobre seus gostos e paixões e pareceu que se conheciam há tempos. Ao fim do jantar, trocaram um beijo, sem saber se voltariam a se encontrar e nem que aquele seria o primeiro de muitos.

Ricardo, na primeira oportunidade, viajou para São Paulo e a procurou. E desde então, não mais se separaram. Júlia só percebeu que era algo mais sério, quando sentiu dificuldades em ficar longe dele. Ricardo sentiu-se do mesmo jeito. E desse modo, sentindo saudades antes mesmo de se separarem, descobriram ser mais do que atração, ou paixão, descobriram que queriam ficar juntos para sempre.

Conhecerem as famílias um do outro foi o passo seguinte e Júlia se identificou bastante com o irmão mais novo do namorado que, embora muito diferente dele, principalmente na personalidade, tornou-se um amigo presente. Ele foi quem a melhor recebeu em sua família e aquele a quem mais se apegou. Ricardo, por sua vez, deu-se muito bem com os pais dela, e conseguiu conquistar até mesmo suas amigas mais próximas.

Ainda que fosse o planejado, Júlia chorou quando Ricardo a pediu em casamento, ali mesmo, na confeitaria, ao fim do expediente, entre doces, bolos e biscoitos. Mesmo não estando vestida apropriadamente para um pedido daqueles, usava seu dólmã branco, e a confeitaria estar com um movimento acima do normal, só conseguiu dizer sim.

Agora, finalmente o grande dia se aproximava e, para o espanto de sua mãe, driblava o nervosismo, trabalhando. Era a forma de não enlouquecer, parando para pensar se tudo daria certo.

Ela e sua equipe, um pouco mais de dez pessoas, haviam ficado responsáveis pelos doces da festa. O bolo de casamento ficaria pronto apenas horas antes de ser levado ao salão de festas e ela só saberia como havia ficado na hora da recepção, porque passaria o dia do casamento no salão, aproveitando seu dia de noiva.

◆◆◆

Eduardo entrou na confeitaria e não foi preciso de muito para saber onde estava o pensamento de sua bela cunhada. Ricardo havia tirado a sorte grande, pois Júlia era uma pessoa especial, atenciosa e bastante dedicada.

— Terra chamando Júlia Pimenta — aproximou-se do balcão e foi recebido com um sorriso.

— Que grata surpresa, Edu!

— Não diga isso, Júlia, sabe que sou apaixonado pelos doces que faz e... Bem, por essas gratas coincidências da vida, sua confeitaria fica próxima ao meu apartamento e estúdio.

— O que tem fotografado atualmente? — quis saber, vendo-o escolher entre um dos muitos doces que estavam expostos na vitrine.

— Depois da minha exposição sobre a fauna brasileira, voltei às pessoas. Acho que prefiro os animais — brincou, provocando-lhe — E você, como está a expectativa para o casamento?

— Veja, por si só — mostrou-lhe a mão e ele percebeu que estava tremendo.

Não conseguiu deixar de sorrir diante daquilo. Com um gesto natural, tomou a mão dela entre a sua.

— Sei que meu irmão está do mesmo jeito e vocês não têm motivos para tanta preocupação. Serão felizes juntos e isso é o que importa.

Júlia se preparou para responder, porém, não teve tempo: sentiu-se mal e, se ele não a tivesse amparado, teria caído.

◆◆◆

Constância chegou apressada à clínica e Eduardo olhou-a surpreso. Havia deixado recado para avisarem ao irmão, por isso não esperava que sua mãe aparecesse.

— Cadê o Ricardo? — questionou, assim que ela se aproximou. Sempre se deu melhor com o pai e com a morte dele, resolveu sair de casa, algo que ela jamais havia perdoado.

— Estava em reunião, tratando assuntos do hotel. E você, o que está fazendo aqui? Não devia estar brincando de trabalhar? Por que não me espanta que esteja envolvido nisso?

— Envolvido em que? A Júlia passou mal e, como eu estava na confeitaria, resolvi trazê-la ao hospital — Eduardo defendeu-se e quando sua mãe retrucaria, o médico apareceu. Eduardo caminhou até ele, visivelmente preocupado — E então, o que houve? Como ela está?

— Para quem está com duas semanas de gravidez, ela está um pouco anêmica — o doutor disse de uma vez, surpreendendo mãe e filho. Constância odiou a notícia, entretanto soube disfarçar bem. Quando o médico disse que poderiam entrar, Eduardo foi o primeiro a vê-la.

Constância aproveitou o fato de ter ficado sozinha e, sem esconder o nervosismo, ligou para seu amigo de longa data.

— O pior aconteceu, Vicente!

— Está se referindo ao que? O que houve?

— Vou ser avó de uma criancinha mestiça, provavelmente de cabelos crespos.

— Constância!!! — o médico a advertiu — Pensei que fosse algo sério. Além do mais, daqui a pouco seu filho chegará aqui, se ele sonhar com seu comentário, é capaz até de romper com você.

— Não posso permitir uma coisa dessas, Vicente.

— Como se isso dependesse de você. Afinal, como você espera reverter uma gravidez?

Constância andou de um lado para o outro, no corredor do hospital, pensando em uma solução.

— Você é o médico, não eu... — subitamente parou, ao ter um estalo — Você me disse que meu filho fará um check-up. E ele confia plenamente em você...

— E daí...?

— E se ele for levado a crer que não pode ter filhos?

— Constância, isto é impossível, não sei como poderia fazê-lo e nem é minha especialidade...

— Impossível não é. Na sua clínica há doutores especializados em fertilidade, não há? É só me passar o nome de um desses médicos que cuido do resto. Basta fazê-lo realizar o exame.

— Digamos que compactue com essa loucura. Acha realmente que mudaria alguma coisa?

— Conhece meu filho, Vicente. E para ele a honestidade é muito importante. Se ele desconfiar que foi traído... Matamos dois coelhos com uma só pedrada.

— Não acho, pois vai continuar havendo a criança...

— Pode ser, mas não carregará o nome da minha família. É o que importa.

— Isto é crime...

— Deixe de ser chato, Vicente! Sabe que nunca o colocaria em maus lençóis. Poderia me ajudar, pelos velhos tempos...

— Não lhe prometo nada...

— Por favor, se quiser eu imploro. Será que não reconhece uma mãe desesperada?

— Tudo bem, verei o que posso fazer, no entanto se o Ricardo se opuser a fazer o exame, não insistirei — foi a última coisa que disse para a amiga, antes de encerrar a ligação.

Minutos depois, quando Ricardo chegou, inseriu o assunto, entre os tantos exames de rotina agendados.

— Você já está com trinta e cinco anos, Ricardo.

— Sim — respondeu bem-humorado, abrindo a camisa para que o doutor pudesse auscultar seu coração — Com corpinho de vinte e oito.

— Perdoe minha indiscrição, mas você e a Júlia usam métodos anticoncepcionais?

Ricardo riu da pergunta, na verdade, porque ficou um pouco sem graça. Era sério e reservado demais para tratar de assuntos pessoais com estranhos, ainda que o médico, que o conhecia desde criança, não pudesse ser chamado assim.

— Sim. Além da camisinha, a Júlia toma anticoncepcional.

— E pretendem ter filhos?

— Claro. Quero curtir minha linda esposa um pouco, antes de termos filhos. Queremos ter pelo menos um casal — sentiu-se desconfortável com o interrogatório — Desculpe, Vicente, qual a razão dessas perguntas?

— Você me disse que gostaria de um check-up completo. Como médico e amigo da família, acho que deveria incluir um espermograma.

— Por que? — não compreendeu — Acha que pode haver algum problema?

— Torço para que esteja tudo em ordem, mas sabe, você já está perto dos quarenta. Então, por que não conferir se tudo está indo bem?

— Sim, por que não? — concordou, por mais estranho que a ideia pudesse lhe parecer.

— O resultado demora menos de uma semana, porém, alguns médicos aconselham a manter abstinência antes de realizar o exame.

— Sério? — fez uma careta, imaginando o que diria para Júlia.

— Sim — o médico sorriu da expressão dele.

— Tudo bem, é algo que posso fazer — falou antes de começar a ser examinado.

E desse modo, Vicente conseguiu convencer Ricardo a fazer os exames e, como Constância pedira, passou a ela o contato do doutor Felipe Gusmão, um especialista em fertilização.

Foi de Constância a sugestão para que Júlia esperasse o casamento passar para contar sobre a gravidez. No hospital, segurando em sua mão, disse que era o melhor a fazer.

— Por que? Acha que o Rico não vai gostar?

— Claro que vai — seu tom foi convincente —Porém, enlouquecerá. Sabe como ele é, gosta de planejar tudo. Assim sendo, vai querer recuperar o tempo em que não planejaram esta criança, e correr atrás de enxoval, de um quarto de bebê, essas coisas todas. Acabará com tantas coisas para fazer que vai deixar o casamento em segundo plano, talvez até cancele a viagem de lua-de-mel de vocês...

Júlia sorriu, pois, Constância tinha razão.

— Fica sendo o nosso segredo, então? — insistiu

— Sim — Júlia concordou, exibindo seu melhor sorriso — Nosso segredo.

◆◆◆

Pior do que ficar em uma sala para colher o esperma e convencer Júlia de que não havia nada errado com sua libido, somente esperar o resultado do exame. Apesar de tentar ficar calmo, Ricardo estava apreensivo. Queria ser um marido perfeito e isso queria dizer dar filhos à mulher que amava.

Assim, quando o jovem doutor Felipe Gusmão lhe deu o resultado, sentiu-se formar um bolo em seu estômago.

— Isso quer dizer que...

— Segundo os resultados — apanhou a folha e leu-a com cuidado. Na noite anterior, ele havia trocado o resultado com o de um paciente que não podia ter filhos. Não era de seu feitio fazer tal coisa, porém, estava apertado e não pôde negar a quantidade de dinheiro oferecida por uma mentira que considerava à toa — O número de esperma está muito abaixo do normal...

— Isso quer dizer que não posso ter filhos? — interrompeu-o, decepcionado.

— Sem um tratamento delicado, não — a mentira quase não saiu, diante do olhar de Ricardo.

Naquela noite, Ricardo procurou a noiva e até tentou falar com ela, porém a frase ficou entalada na garganta. Faltava muito pouco para o casamento, não queria decepcioná-la. Assim, em vez de tocar no assunto, culpou o trabalho pela distância, e conseguiu se sentir em paz, após fazerem amor e dormirem abraçados.

◆◆◆

Se tivesse sido combinado não daria tão certo e, por isso, Constância sorriu. Havia conseguido fazer Júlia manter segredo sobre sua gravidez e, não só isso. Seu maior problema foi fazer com que Eduardo se mantivesse de boca fechada e seu filho mais novo só o fez porque o pedido partiu da noiva de seu irmão.

Além disso, Ricardo ficou tão abatido com o resultado que nem pensou em refazer o exame após quinze dias, como era o recomendado.

E então, chegou o grande dia. Constância ficou emocionada ao ver o filho tão bonito e nervoso. Porém, estava mais tranquila ao saber que, se tudo desse certo, ao fim do dia ele não teria cometido o maior erro de sua vida

— Não sei se deveria manter o casamento. Eu me sinto enganando a Júlia — Ricardo revelara para o médico e o homem sentiu-se mal.

— Não serão os primeiros a enfrentarem tratamentos para terem filhos, também não serão os últimos. Então, não sofra por antecipação.

— Eu tento — sorriu tristemente — Porém, é como se fosse menos homem...

— Não diga bobagem, Ricardo — o médico começou a se arrepender da mentira e teria revelado tudo se Constância não tivesse aparecido. Bastou um olhar dela para saber que esperava falar a sós com o filho.

Porém, antes pudesse se retirar, Eduardo chegou, logrando o plano de Constança. Pelo menos, ele estava bem vestido e não cometera a gafe de combinar terno com tênis, como fizera em outros casamentos, demonstrando um pouco de respeito.

— Vim te dar um abraço, Ricardo — encaminhou-se até o irmão e o abraçou — Que seja muito bom entrar para o time dos casados. E que seja muito feliz nessa nova etapa de sua vida.

— Não tenho dúvidas de que serei — Ricardo retribuiu o abraço — Quem sabe um dia possa pensar em constituir uma família também.

— Não é minha prioridade no momento — Eduardo foi sincero — Porém, nada é impossível.

Constança olhou o relógio. Não demoraria muito para a noiva chegar. Precisa agir.

— Que tal vocês me deixarem falar com o meu primogênito? — virou-se para Eduardo e Vicente — Será o último momento, antes de ele deixar de ser apenas meu filho querido para se tornar um chefe de família.

Eduardo cumprimentou-o mais uma vez e se despediu. Vicente aproveitou para ir com ele, trocando olhares com Constância antes de sair.

— Está lindo, Ricardo. Queria que seu pai estivesse aqui para vê-lo.

— Também gostaria — suspirou — Coloque nervoso nesta lista, mãe, porque é como estou me sentindo. Gosto tanto da Júlia que a simples possibilidade de tê-la para sempre na minha vida tem a capacidade de me deixar assim.

— Que lindo, filho — esforçou-se para dizer isso — Você a ama tanto, que me sinto culpada...

— Por que culpada? — Ricardo não entendeu, olhando-a intrigado. Era justamente com a culpa que tinha lidado por todos esses dias, sentindo-se pouco à vontade com Júlia por não ser totalmente sincero com ela.

Constância apanhou as mãos do filho. Ele realmente estava muito bonito, lembrando o pai, quando era novo. Embora ela tivesse olhos azuis, ele puxara os olhos verdes de seu pai, e não era tão loiro quanto Eduardo, seu cabelo era mais para castanho claro. Era também mais alto e mais encorpado que o irmão e abominava tatuagens, não cobrindo seu corpo com desenhos que ela achava horríveis. Tanto fisicamente, quanto psicologicamente, era uma réplica do homem por quem havia se apaixonado e, talvez isso fizesse dele seu filho preferido.

— Por que acho que não deva esconder um detalhe tão importante de sua felicidade.

— Do que está falando, mãe? — teve um mau pressentimento.

— A Júlia quer te fazer uma surpresa. Porém, acho que você não pode passar por um marido desatento.

— Por favor, Dona Constância, não aumente meu nervosismo, fale de uma vez o que quer dizer com isso. Por qual motivo passaria por um marido desatento?

— Não tem reparado em sua noiva? Que ela ganhou alguns quilos, poucos é verdade, mas teve que ajustar o vestido. Que a pele dela está mais bonita e que está mais sensível...

— E...? — não compreendeu onde ela queria chegar.

— Meu Deus, Ricardo! Como pode ser tão desligado? Você convive com ela mais do que eu e nem notou nada. Todas as mudanças...

— Não notei... Não sei do que está falando — ficou sério, apreensivo.

— Filho, fiquei tão feliz ao saber... Só acho que vocês poderiam ter esperado um pouco mais, deixado que me preparasse, antes de me transformarem em avó.

Ricardo teve que se apoiar em um pilar para não cair. A cor sumiu de sua

face.

— O quê? — seus olhos faiscaram e Constância sentiu-se muito bem ao verificar que seu plano dera certo.

— Grávida, Ricardo. Isso mesmo, de quase cinco semanas. Vocês vão ter um bebê! — falou como se estivesse transbordando de alegria e viu a expressão do filho ficar carregada.

— Está enganada — negou com veemência, sentindo-se como se o chão se abrisse aos seus pés.

— Não, não estou. A própria Júlia me confirmou. Aliás, estive com ela no hospital. Seu irmão também sabe, se não acredita em mim, pergunte para ele.

Ricardo ficou pálido. Não conseguiu se manter em pé, foi preciso sentar para tentar digerir a notícia. O diagnóstico do doutor Gusmão voltou imediatamente. E então, por mais inacreditável que pudesse parecer, em seguida veio a única conclusão a que pudera chegar: se ela estivesse grávida, como sua mãe acabara de dizer, então o traíra, porque o filho não poderia ser dele.

Capítulo 2

3 anos e meio depois

Júlia tentou ficar imóvel enquanto o técnico de som ajustava o microfone, prendendo-o na parte de trás de seu vestido.

Facilitara o trabalho da equipe, chegando com o cabelo devidamente preso, tal como o usava na confeitaria, quando um chapéu compunha o uniforme próprio para o trabalho. Há alguns anos, abandonara o alisamento e o usava natural quando estava de folga ou assim que acabava o expediente, adorando o volume. Quanto à roupa, escolhera um vestido acinturado da cor vinho, que lhe ficava muito bem e um conjunto de brincos e colar que combinavam com o sapato de salto alto que usava. Além disso, já havia sido devidamente maquiada e embora não costumasse usar tanta maquiagem no dia a dia, gostara do resultado. Pelo menos, o maquiador tinha utilizado uma base de acordo com o seu tom de pele. Por bem pouco não lhe perguntou as referências, porque tinha sérias dificuldades em encontrar maquiagem adequada para sua pele. Algumas empresas ainda não entendiam que, mesmo entre a pele negra, existiam várias tonalidades e desenvolviam produtos únicos, esperando que as clientes se adequassem a eles, quando deveria ser o contrário. Já havia melhorado muito, mas nada parecido à diversidade de produtos conhecida em sua primeira viagem ao exterior.

Essa preocupação estética um tanto fútil, diriam alguns, serviu para disfarçar seu nervosismo. Em alguns minutos estaria no ar para o país inteiro e sua apreensão não se devia à inexperiência diante das câmeras, mas sim ao fato de sua prima não ter ligado para lhe dizer se conseguira uma babá para ficar com seu filho.

— Sarah, se não conseguir, deixo tudo e volto para casa — havia declarado, quando se falaram pelo telefone, alguns minutos antes de o pessoal da produção chamá-la ao estúdio.

— Nem pense nisso, Júlia! Não devia ter te contado! — Sarah tentou

tranquilizá-la — Tem que curtir seu momento, mulher! O Lipe ficará bem. Quando é que te faltei com minha palavra?

— Nunca, Sarah... Só não queria que...

— Acho uma bobagem, sua mãe adoraria ficar com o neto, mas quem sou eu para ir contra suas determinações? Conseguirei a melhor babá para o Lipe e, se falhar nesta missão, juro que eu mesma fico... O Wagner já está medicado e entenderá.

— Sei... — deixou escapar.

— Se não entender, problema dele. Minha família em primeiro lugar — Sarah afirmou com tanta convicção que Júlia sorriu, pois, pelo que a conhecia, sabia que estava falando a verdade.

Agora, faltando poucos minutos para entrar no ar, ainda não sabia se a prima conseguira alguém para substitui-la, ou se deixara o namorado sozinho no hospital.

— Está bem? — Silvia, a apresentadora do programa Cozinha e Magia, sentou-se diante dela, despertando-a de seus pensamentos.

— Um pouco apreensiva — Júlia não faltou com a verdade, enquanto a apresentadora virava o alvo do rapaz responsável pelo áudio.

— Fique tranquila, vai tirar de letra. Pense em um diálogo com uma amiga. O primeiro bloco será a nossa conversa e, no segundo, iremos para aquele lado — apontou o local do estúdio em que havia sido montada uma cozinha idêntica à que tinha em sua confeitaria — Mas, acho que lá estará mais à vontade do que eu — sorriu-lhe, cúmplice — Afinal, você faz mágica com aqueles doces! Tudo bem que deveria estar brigando com você, pois fez minha dieta ir para o espaço.

— Como se precisasse — Júlia sorriu diante do comentário. A mulher à sua frente era magra e não parecia alguém que vivesse à base de dieta.

— E isso porque, antes de provar seus doces, nem de pimenta gostava — Silvia confidenciou, descontraindo o ambiente, deixando-a cada vez mais calma — Na minha ignorância, achava que tal especiaria só combinava com pratos salgados.

— Confeitaria é uma espécie de alquimia. É preciso cuidado ao misturar ingredientes até combinarem, porém, uma vez feito, é só seguir a fórmula e sempre dá certo!

— Será que pode repetir isso quando estivermos no ar? — Silvia perguntou de forma tão espontânea que Júlia sorriu novamente e fez que sim com a cabeça, afinal acreditava naquilo — Adorei — confessou, antes de lhe explicar brevemente sobre o uso do ponto eletrônico e para quais câmeras deveria olhar, segundo as determinações recebidas por meio dele.

◆◆◆

Sarah demorou um pouco para atender a campainha. Como o menino ainda estava acordado, trazia-o nos braços, dificultando um pouco o simples ato de abrir a porta. Quando estava quase desistindo, acreditando que teria que ficar, recebera um telefonema providencial.

Eduardo sorriu, assim que a porta foi aberta. Sarah retribuiu, sorrindo de volta. Foi inevitável pensar que, a cada vez que o via, ele parecia mais bonito. Costumava dizer que ele não era um pedaço de mau caminho, mas o mau caminho inteiro. Do alto de seus um e setenta e três, mesmo usando saltos, teve que erguer o rosto para encará-lo. Sua prima, bem mais baixa que ela, tinha um dom para se cercar de homens altos.

— Vou ficar te devendo esta, Sarah. Estava com saudade deste carinha aqui — Eduardo quebrou o silêncio, agradecendo-a, antes de se curvar um pouco para beijá-la no rosto.

O garoto ergueu as mãos em sua direção, assim que o viu, fazendo-o sorrir ainda mais.

Pelo fato de um dos avós de Júlia ser branco, Felipe não havia puxado seu tom de pele, ao contrário, saíra ao pai, com a pele bem clara e os cabelos castanhos claros e encaracolados. Dela herdara apenas os olhos, que tinham a mesma cor, brilho e intensidade.

Sarah atendeu o desejo do garoto passando-o ao tio que o apanhou um uma facilidade espantosa. Porém, em vez de segurá-lo normalmente, começou a

brincar com ele, simulando um voo, usando praticamente apenas um de seus braços para sustentá-lo, enquanto o erguia e o abaixava, deixando Sarah apreensiva e Lipe eufórico.

— Pelo amor de Deus, Edu! Não faça com que me arrependa. Prometi à Júlia a melhor babá e o garoto estava a um passo de dormir...

— Está tudo sob controle — Eduardo achou engraçada a preocupação. Jamais faria nada para machucá-lo, tampouco chatear sua mãe. Para convencer Sarah disso, foi cessando os movimentos aos poucos, até parar de vez — Não se arrependerá de me confiar o cuidado de meu sobrinho.

— Desculpe-me... Na verdade, nem te dei alternativas, porém, não vi mal — Sarah apanhou sua bolsa.

— Eu que perguntei demais, como sempre. E fico muito feliz que tenha me falado o que estava acontecendo. Se posso ajudar, por que me negaria a fazê-lo?

— É que nem foi à sua casa... Aliás, está chegando de onde? — Sarah quis saber, enquanto procurava a chave do carro em sua bolsa. Tinha vontade de trocá-la por uma menor, pois nunca encontrava facilmente as coisas que colocava dentro dela.

— Do Chile. Quase um mês fora é muito tempo — falou para ela, depois virou-se para o menino — Não é, Lipe? — beijou-o e garoto impulsionou o corpo, demonstrando que queria continuar a brincadeira.

— Quero avião, tio Du! — pediu, abrindo os bracinhos.

Eduardo ficou todo bobo ao ouvir o pedido e seu nome sendo pronunciado cada vez com mais facilidade por ele. Sarah teve que interromper o momento de encantamento.

— Por favor, não o atenda — olhou no relógio, eram quase nove horas — Ele já tomou banho, já jantou e já deveria estar dormindo.

— Depois, Lipe — Eduardo falou com carinho no ouvido do menino e caminhou com ele em direção ao sofá, sentando-se e finalmente se livrando da bolsa que trazia a tiracolo.

— Tem certeza de que pode ficar? — Sarah preocupou-se, pois, pela primeira vez, pensou que ele deveria estar cansado da viagem.

— Posso e quero, será um prazer cuidar do Lipe — colocou-o sentado ao seu lado — Que horas é o tal programa?

— Deve estar começando — finalmente encontrou a chave. Aproveitando a pergunta dele, apanhou o controle remoto, ligou a televisão e colocou no canal que seria exibida a participação de sua prima — Sabe, estes programas sobre culinária estão na moda. Esse é um pouco diferente, rola primeiro uma entrevista, antes de a Júlia preparar alguma coisa — explicou, estendendo-o para ele.

— Aposto que fará doce de pimenta em calda — chutou e Sarah olhou-o intrigada, sem saber como ele adivinhara, afinal este era apenas um dos muitos doces que ela fazia e que levava o condimento. Eduardo sorriu ao perceber sua expressão — Sou bom com palpites — piscou, apanhando finalmente o controle.

— Acredito... — olhou no relógio, agora precisava mesmo ir. Passou na frente dele para beijar o garoto — Cuide bem do seu tio, Lipe — o menino apontou para a televisão ao ver a mãe, fazendo com que ela virasse para vê-la — Ela está linda.

— Sim — Eduardo concordou, despedindo-se de Sarah, levantando-se para beijá-la no rosto e voltando-se imediatamente para a imagem. Quando Sarah deixou o apartamento, apanhou novamente o garoto no colo, aproximando-se mais do aparelho de televisão, a ponto de o menino tocar a tela, quando a imagem de Júlia apareceu novamente — Como sempre — completou, mais para si mesmo, como se alguém, além do garoto, pudesse ouvi-lo.

Sarah saiu apressada.No elevador apanhou o celular e descobriu que ele estava quase sem bateria. Mandou uma mensagem para a prima só para dizer que tudo dera certo, mesmo sabendo que a esta altura ela já teria desligado seu aparelho. Depois rezou para que o namorado a perdoasse pelo atraso. Se os homens pudessem ter filhos, saberiam o que era dor e não seriam tão manhosos, fazendo tanta tempestade por conta de um braço quebrado.

◆◆◆

A decisão de transformar o Hotel Magista em um empreendimento misto foi a responsável pelo seu crescimento e, sobretudo pela obtenção da quinta estrela. A ideia de Ricardo em reformar a segunda torre para uso comercial abriu um nicho que era tão lucrativo quanto o voltado à hospedagem. É verdade que a localização, em plena Avenida Paulista, ajudara muito.

Toda essa mudança, responsável pelo sucesso financeiro, também fora capaz de preencher todos os seus dias e se afundar no trabalho fora a saída encontrada para não pensar em Júlia, tampouco em todos os detalhes que os afastara.

A rotina pesada de trabalho fizera com que tivesse um quarto no hotel, voltando para casa apenas aos fins de semana. E mesmo quando isso acontecia, estava à disposição para resolver qualquer problema de última hora, mantendo-se em contato permanente com sua competente gerente, Ellen Marques. A bela mulher era muito mais do que seus olhos e ouvidos no lugar, era uma amiga preciosa, embora deixasse claro que estava disposta a ser mais do que isso, caso ele permitisse. Na verdade, nunca permitiu, pois não podia oferecer mais do que um envolvimento físico e para esse tipo de envolvimento preferia alguém com quem não tivesse nenhum tipo de intimidade. Até aquele momento, havia sido bem-sucedido em seu plano de não se envolver novamente com ninguém e desejava permanecer assim.

— Acho que estamos de acordo — Ricardo estendeu a mão para cumprimentar o cliente. Não se importava que as reuniões fossem até tão tarde, principalmente quando fossem para fechar negócios tão lucrativos quanto aquele. Sem dúvida, o salão do Magista estava se tornando o lugar preferido para grandes eventos.

— Sim, agora voltamos a nos comunicar para preparar a convenção — o empresário, um homem mais velho, de cabelos grisalhos e figura imponente cumprimentou-o — Este encontro de atacadistas tem tudo para ser um sucesso e seu hotel contribuirá em muito para isso.

— Fico muito feliz com sua escolha e garanto que o Magista oferecerá toda a estrutura que possui.

— Tenho certeza, meu rapaz. Em contrapartida, o nome deste hotel não sairá da mídia. Ainda mais agora com o crescimento do mercado gourmet no Brasil. Inclusive, homenagearemos uma empresa que tem se destacado usando nossos

produtos — não escondeu o contentamento — A marca Doce Pimenta atrairá a mídia, especializada ou não, para o evento

A cor abandonou o rosto de Ricardo. Não era possível que estivesse falando da mesma empresa...

— Como?

— A grande moda entre as confeitarias — o homem explicou, estranhando que ele não conhecesse — Uma empresa despretensiosa que caiu no gosto da classe A, após ter conquistado as demais por seus valores atraentes e sabores deliciosos, usando pimenta. Por falar nisso, hoje a chef confeiteira participará de um desses programas de sucesso sobre cozinha. Sabe de quem estou falando, não? Júlia Lins...

Ricardo engoliu em seco e fez que sim com a cabeça, ainda sem acreditar que aquilo fosse possível. Parecia ser alguma brincadeira de mau gosto que seus caminhos fossem se cruzar novamente daquela maneira. Acompanhou o homem até a porta do escritório, sentindo uma tensão tomar conta da região de seu pescoço.

— Além de ótima confeiteira é uma delícia para os olhos. Aposto que deve ser tão "quente" quanto as pimentas com as quais trabalha — riu do péssimo trocadilho — Se fosse alguns anos mais novo... — o homem suspirou, ignorando a expressão de Ricardo por conta deste comentário. Cumprimentaram-se novamente, antes de a secretária acompanhar o empresário até o elevador.

Ricardo voltou para dentro da sala de reuniões e trancou-se lá. Totalmente desconcertado passou a mão nos cabelos e andou de um lado para o outro, sem saber o que pensar e como agir. Por um lado, era bom que ela não desistira de seu sonho e estivesse fazendo sucesso. Por outro, não esperava receber notícias dela, principalmente quando não as procurava.

Esfregou uma mão na outra, antes de finalmente procurar o controle do aparelho de televisão. Exceto em algumas ocasiões, para acompanhar algum jornal matinal, a televisão era ligada, portanto, demorou um pouco para achá-lo. Ignorava o canal no qual iria ao ar o tal programa, portanto teve que zapear para encontrá-lo.

A simples visão de Júlia, depois de tanto tempo ignorando qualquer notícia a

seu respeito, a ponto de romper com o próprio irmão, fez com que se sentasse na ponta da mesa e mesmo sem som, ficasse a assisti-la. Talvez, se os dois fossem tão bem-sucedidos na época em que a deixara, o caso tivesse virado um escândalo estrondoso. No entanto, estavam começando a voar mais alto e ninguém fora de seus círculos de amizade ou famílias sabia do que acontecera. Isso permitira que aquele velho falasse aquela bobagem logo para ele, supondo que não a conhecesse. Neste ponto poderia estar correto, porque, depois de tanto tempo, era como se fossem completamente estranhos.

◆◆◆

— Alguém aqui não gosta muito de falar sobre a vida pessoal — Silvia brincou, diante da reserva de Júlia. Ela fora extremamente profissional, sempre puxando o assunto para seu amor pela confeitaria e como se tornara uma mestre-confeiteira — No entanto, assim como os fãs do programa, sou curiosa e não posso deixar de te perguntar se é casada, namora...

— Posso dizer que estou muito feliz — Júlia a interrompeu, rezando para que fossem logo para a cozinha — E sim, tenho uma pessoa muito importante na minha vida — sorriu ao se lembrar do filho.

— Pelo sorriso, não tenho dúvidas que esteja feliz — a apresentadora entendeu que esse assunto não seria estendido, então resolveu não insistir — Pode nos dizer o que vai preparar no bloco seguinte?

— Uma receita que gosto muito: pimenta em calda — sua fala entusiasmada soou bem diferente de quando falara sobre a própria vida.

— E, antes de irmos para os comerciais pode me dizer quais ingredientes usará?

— Claro — sorriu — Basicamente usarei água, vinagre, açúcar cristal, anis, canela, cardamomo, pimenta calabresa moída e pimenta de cheiro. Há mais um ingrediente, mas esse é um segredo meu e não revelarei.

— Humm — a apresentadora fez uma careta — E garante para quem fizer em casa que ficará tão saboroso quanto o seu?

— Com certeza — Júlia respondeu com convicção.

— Então, amigas do Cozinha e Magia, peço que aguardem a volta do comercial para conhecermos esta, tenho certeza antes mesmo de experimentar, deliciosa sobremesa — olhou para a câmera principal, antes de o diretor avisá-las pelo ponto que não estavam mais no ar.

Um homem da produção trouxe água para as duas. Júlia agradeceu e enquanto se encaminhavam para o outro lado do estúdio, ligou rapidamente o celular, ficando em paz ao ler que Lipe estava bem e que Sarah havia conseguido alguém para ficar com ele até a hora em que chegasse.

— Desculpe-me pelas perguntas pessoais — Silvia pediu, assim que chegaram à cozinha. Os ingredientes, em suas devidas quantidades estavam sendo colocados sobre o balcão e uma moça da produção verificava o funcionamento do fogão para que nada desse errado.

— Tudo bem — Júlia respondeu rapidamente, guardando o celular, antes de receber o dólmã com o logotipo de sua confeitaria e colocar o chapéu de confeiteiro, nada convencional, decorado com bolinhas coloridas, estampa preferida do filho.

◆◆◆

Muito melhor do que os elogios, foi receber, antes mesmo de sair da emissora, um convite informal para participar de um reality sobre confeitaria, na condição de jurada.

— Pensarei — prometera e fora sincera na promessa. Porém, levaria em consideração seu tempo ao lado de seu filho. Não abriria mão dos momentos que passavam juntos, mesmo que a proposta fosse tentadora.

Estava ansiosa para chegar em casa e vê-lo, confirmando que Sarah fizera uma boa escolha e o menino ficara bem. As circunstâncias a fizeram superprotetora. Sabia que era algo em que deveria melhorar, porém, essa postura se devia ao fato de que, por um tempo, pensou que seriam apenas os dois contra tudo e todos. Não bastasse ter sido magoada pelo homem que julgava amar, pior, foi ser ferida pela própria família.

— Júlia, querida. Sabe, pode contar comigo e com sua mãe para qualquer coisa. Se você errou, iremos apoiá-la e amaremos esta criança da mesma maneira — seu pai havia lhe falado dias após ter sido deixada no altar.

Não conseguiu responder, em vez disso, uma semana depois, estava se mudando para longe dos pais. Sarah, que na época morava em Belo Horizonte e não pudera comparecer à cerimônia, não hesitara em visitá-la ao saber tudo o que acontecera e que aquelas que se diziam suas amigas haviam lhe virado as costas. Mudar para a cidade, foi o passo seguinte.

— É muito simples, DNA existe para isso. Pode exigir o exame e esfregar na cara daquele idiota... Sabe que poderia processá-lo por perdas e danos? Esta situação, além de aviltante, é passível de punição na justiça. Já vi vários casos semelhantes em que a noiva foi ressarcida. Afinal, e os gastos com a recepção, os presentes que ganharam, o apartamento no qual morariam, e todo o estresse...?

— Não quero nada dele, Sarah — havia sido bastante clara — Pode ter certeza de que não preciso de esmola.

— Quem é que está falando de esmola? Estou falando de direitos, seus e da criança que nascerá. Acha certo todo esse prejuízo? Acha correto que este bebê seja registrado como de pai desconhecido, tendo um?

— Não importa o que eu acho, Sarah. Tudo o que achava até agora estava errado. Provarei que posso me virar sozinha e, se depender de mim, o Ricardo nunca se aproximará desse bebê!

Tais lembranças ainda tinham o poder de feri-la, mesmo depois de tanto tempo. Afastou-as ao entrar na garagem de seu prédio, estacionando o carro em sua vaga e apressadamente caminhando em direção ao elevador. Ao apertar o botão de seu andar, pensou que, na próxima vez, recusaria o convite para um programa no horário nobre, ainda que tivesse uma ótima audiência como aquele.

Em frente ao seu apartamento, destrancou a porta e estranhou o silêncio.

— Oi! — chamou — Acabei de chegar!

Ficou apreensiva por ninguém ter respondido e chegou a pensar mil

bobagens. Temerosa caminhou em direção à entrada principal. Quando entrou na sala, foi impossível não se surpreender com a babá conseguida pela prima e com a cena: Felipe e o tio estavam adormecidos e, por mais desconfortável que lhe parecesse um homem do tamanho de Eduardo naquele sofá, ele dormia profundamente, protegendo o menino em seus braços.

Capítulo 3

Mesmo sendo cuidadosa, Eduardo acordou assim que ela fez o primeiro movimento na tentativa de apanhar o filho.

— Júlia — apesar de falar baixo para não acordar o menino, acabou por assustá-la. Passou a mão sobre os olhos para vê-la melhor — Podia ter me chamado.

— Acabei de chegar e presumi que estivesse cansado — apontou a bolsa dele ao lado do sofá e, antes que conseguisse impedi-lo, viu-o se ajeitar no sofá e cuidadosamente apanhar o sobrinho, levantando-se devagar, sentindo o piso frio embaixo de seus pés descalços.

— Devo levá-lo para quarto dele? — ajeitou-o em seu colo e deu leves tapinhas em suas costas, quando ameaçou acordar.

— Pode colocá-lo no meu — Júlia respondeu e, antes de segui-lo, livrou-se dos sapatos, para que não fizessem barulho no piso. Assim, conseguiu não apenas alcançá-lo, como também passar em sua frente para abrir a porta do quarto e acender a luz para que ele entrasse. Eduardo sentou-se na cama, puxou a colcha que a cobria e nela depositou o garoto. Lipe ainda se virou, dando a impressão de que despertaria, porém, continuou dormindo.

Júlia não conseguiu ficar indiferente a todo cuidado que ele dispensava ao seu filho e nem ao modo carinhoso como o fazia. Ficou encostada à porta, observando-o. Ela havia tentado afastá-lo, afinal não queria mais contato com ninguém daquela família. Eduardo não só ignorou todas as bobagens que ela lhe dissera no momento da raiva, como também se revelou o apoio de onde menos esperava.

Antes de ir de encontro à Júlia, ainda cobriu o sobrinho. Ela esperou que ele saísse do quarto para encostar a porta. Fez-lhe um sinal para voltarem à sala, porém Eduardo parou no corredor, em frente ao quarto de Lipe, para se espreguiçar, sentindo o corpo dolorido.

— Espero que dormir no trabalho não me diminua como babá — brincou, passando a mão nos cabelos que, embora sempre parecessem despenteados, conferiam-lhe um charme especial.

— Não sei, vou pensar no seu caso — retribuiu no mesmo tom de brincadeira. Depois da cena presenciada só se fosse louca para se zangar com ele. Ficou séria — Você era a última pessoa que esperava encontrar aqui, Edu.

— Considerando-se que não me cumprimentou, pensarei que não sou bem-vindo — fingiu-se de ofendido.

— Não fale besteira — defendeu-se e ficou surpresa, quando ele a abraçou.

— Eu sei, só estou valorizando meu passe — como era bem mais alto do que ela, encurvou-se um pouco para abraçá-la, mas nem a posição um tanto incômoda para quem havia dormido de qualquer jeito no sofá, fez com que a soltasse — Saiba que estou muito feliz em estar aqui e poder ficar com o Lipe. Afinal, estava com saudades — fez uma pausa, enquanto sentia o aroma de seu perfume — Dele — completou.

— Agradeço, Edu, apesar de não saber como exatamente a Sarah o encontrou, você foi um anjo — respondeu, retribuindo o abraço.

Ele sorriu, antes de se afastar devagar. Era estranho que ela o visse como um anjo. Aliás, era a única mulher que se referia a ele desse modo.

— Na verdade, eu quem a encontrei — explicou, caminhando em direção à sala e sendo seguido por ela — Estava dentro do táxi, indo para casa e liguei para cá. Queria notícias e, quando perguntei sobre você, a Sarah acabou me contando do seu compromisso e sobre a busca para uma babá para ficar com o Lipe... — deu de ombros — Por que não eu? — sentou-se, procurando os sapatos.

— Você é doido, Edu, imagino como foi cansativa sua viagem — comentou, observando-o.

— Quando é para ficar com quem a gente gosta, qualquer esforço é válido — sorriu novamente — Passei um mês longe, natural que quisesse matar as saudades e, além disso, é bom ser útil — suspirou — Agora que cumpri minha missão... — fez um sinal, apontando a porta.

— Nem pensar — Júlia sentou-se ao seu lado — Seria muito ingrata se o deixasse ir embora, sabendo que está cansado. Vai ficar — informou-o — E não vai ser nesse sofá desconfortável. Agora no quarto do Lipe tem outra cama, para quando preciso chegar muito tarde.

— Não me diga que tem mantido seus horários insanos de trabalho — cruzou os braços, deixando clara sua reprovação.

— Só quando temos alguma grande festa — explicou.

— E com você aparecendo na televisão, duvido que essas grandes festas sejam raras.

— Não me diga que viu o programa! — comentou e ele fez que sim com a cabeça.

— Eu e o Lipe. Tudo bem que ele adormeceu antes do fim.

— No entanto, a questão não é essa. Quis dizer que dormirá aqui e confortavelmente — Júlia mudou de assunto. Ainda faltava um pouco para quitar o apartamento e não se daria ao luxo de recusar trabalho. Embora a confeitaria estivesse a cada dia dando mais lucro, as festas correspondiam a quarenta por cento de sua renda bruta.

Ele balançou a cabeça, engolindo o que tinha a dizer. Achava impressionante que tanto ela quanto seu irmão houvessem reagido do mesmo modo, após ao término: agarrando-se ao trabalho como se fosse uma tábua de salvação. Em comparação, sabia que ela se sacrificava mais, porque nos momentos em que estava de folga, dedicava-se ao filho.

— Comeu alguma coisa? — Júlia ignorou a expressão dele, emendando outro assunto.

— Não, porém, não estou com fome. Se estivesse, já teria me virado. E quanto a você? Continua não jantando?

— Nossa, Edu, ficou só um mês fora, não um ano! Meus hábitos continuam os mesmos. Parece que voltou com um arsenal de recriminações! — queixou-se.

— Não são recriminações. É que na minha terra, trabalho em excesso e

alimentação descuidada nunca foram sinônimos de saúde.

Júlia virou os olhos. Só não se zangava com ele, porque sabia que tudo aquilo era cuidado. E nesse sentido, acreditava que ele agisse daquela forma para tentar compensar tudo o que Ricardo lhe fizera passar.

— Por falar em sua terra — novamente resolveu não retrucar — Qual era o tema das fotos dessa vez?

— A Cordilheira dos Andes — a resposta saiu sem entusiasmo, ao perceber que ela não o levava a sério nem mesmo para discutirem.

— Foi tão ruim assim, a ponto de me responder desse jeito, ou sua saudade já passou e minha voz está soando irritante? — provocou-o.

— Claro que não, para as duas perguntas. E quanto à Cordilheira, tem paisagens surreais — desfez a expressão séria, permitindo que o sorriso voltasse.

— Ainda que não tivesse, não haveria problemas. Você é o fotografo mais talentoso que conheço... — continuou, na tentativa de deixar o clima ainda mais leve.

— Isso é golpe baixo, Júlia! Pelo que me lembre, sou o único fotógrafo que você conhece! — protestou, fazendo-a rir e rindo com ela.

— Deixe de ser chato e me conte mais sobre essa viagem — pediu, preparando-se para ouvi-lo contar todos os detalhes de seu período no Chile.

◆◆◆

Não eram dez horas da manhã ainda e a rotina do Magista já estava a todo vapor. Ellen teve que apressar os passos para acompanhá-lo.

— O que houve, Rico? — quis saber o motivo de seu patrão estar com uma expressão carregada.

— Por que tem que haver alguma coisa? — Ricardo continuou caminhando, sem ao menos olhar para ela. Cruzou o saguão com passos firmes, irritando-se com a obstinação da mulher em obter dele respostas.

— Quem sabe por causa desse seu mau humor? Começou o dia dando respostas atravessadas, o que não é do seu feitio — retrucou também irritada. Considerava falta de educação ele não parar e falar direito — E para completar, com vários assuntos do hotel para resolver, está indo onde?

— Se eu fosse imprescindível aqui, você não seria gerente, Ellen. Teria extinto esse cargo — foi tão duro que se arrependeu. Afinal, não devia estar descontando nela, aliás, nem deveria estar tão nervoso. Porém, desde a noite anterior, não estava conseguindo pensar direito. Foi como se, depois de tanto tempo, todo seu esforço tivesse sido em vão e Júlia saísse do ecrã da televisão diretamente para seus sonhos. Finalmente parou, respirou fundo e ajeitou a gravata — Perdoe o meu jeito, Ellen, só estou com enxaqueca — mentiu — Minha mãe chega hoje, vou ao aeroporto buscá-la.

— Ah sim, nem me lembrava que a Constância retornava hoje da Europa — Ellen comentou sem graça — Mande lembranças minhas.

— Pode deixar — prometeu, olhando no relógio — Agora, não posso mais perder mais tempo. Cuide de tudo e, se houver algo muito importante, pode me ligar.

Ela fez que sim com a cabeça e quando ele caminhou em direção à saída, não mais o seguiu. Por mais que ele tivesse revelado o motivo de sua acidez, uma intuição lhe dizia que estava deixando passar alguma coisa.

Enquanto caminhava para sua sala, resolveu descobrir o motivo principal por trás daquela atitude.

— Se não for por causa de mulher, não me chamo Ellen Marques — resmungou para si mesma, resolvendo parar na recepção. Sua intenção era a de saber se Ricardo recebera alguma visita na noite passada. Alguma visita feminina. Além de solteiro e bonito, ele não era adepto do celibato. Infelizmente, vez ou outra, aparecia muito bem acompanhado. Ainda que essas companhias sumissem em tempo record.

Encontrou a funcionária do turno da manhã na recepção. Sem nenhuma cerimônia, perguntou o que desejava.

— Sabe se o senhor Ricardo Vidal recebeu alguma visita ontem? — soou tão naturalmente que a funcionária não estranhou, uma vez que era comum serem

vistos juntos.

— Hoje cedo verifiquei o computador e não há nenhum registro de visitantes. A menos que tenha sido algo muito sigiloso...

— Já entendi, Fátima! — escondeu a frustração — Obrigada. Tenho coisas importantes para cuidar, só me chame se realmente precisar de mim — pediu, antes de se afastar. Se Fátima estivesse certa, e ele não recebera ninguém, seja lá o que mudara seu humor só podia ter a ver com a reunião de trabalho da noite anterior. Por esse motivo, faria uma pequena visita à Solange, a secretária de Ricardo e só sossegaria quando descobrisse o que havia sido.

◆◆◆

O sorriso de Constância abriu-se ao ver seu filho. A presença dele ali no aeroporto fazia com que se esquecesse do cansaço da viagem. Tinha muito orgulho dele e jamais duvidara que expandiria os negócios da família, podendo lhe proporcionar viagens como aquela ou a nova casa no Morumbi, que comprara há pouco tempo. Só faltava um detalhe para ficar mais feliz, vê-lo casado com uma moça bonita, decente e que ela aprovasse. Sabia que a competente gerente gostava dele, porém, ainda não era sua nora dos sonhos. Preferia vê-lo casado com alguém que tivesse dinheiro e não precisasse trabalhar. Assim, as chances de se envolver com alguma golpista diminuíam.

— Meu querido — abraçou-o — Que bom que não se esqueceu.

— Nem que eu quisesse conseguiria, mãe. A Sol que comprou suas passagens, lembra-se?

— Sim e quanto a isso tenho apenas uma ressalva: não gostei do hotel em que fiquei em Amsterdã. Da próxima vez, penso que a reserva deva ser feita por alguém que já tenha estado no lugar. Rico, você é um hoteleiro, tem que se cercar de pessoas qualificadas...

— A Sol é bastante competente.

— Porém, nunca saiu da cidade, quem dirá do país. Não sei se está à altura para ser sua secretária.

— Vou me permitir o direito de continuar com ela — Ricardo sorriu, sem a intenção de iniciar uma discussão, fazendo um sinal para que fossem apanhar as malas.

— E o Vicente? — Constância indagou, assim que viu o filho tirar as malas da esteira — Tem falado com ele? Estou preocupada, faz exatamente dois dias que não me dá notícias.

— O Dr. Queiroz só deve estar com muitos pacientes — Ricardo quis tranquilizá-la, embora até ele mesmo estranhasse a falta de contato do médico. Era um amigo precioso da família, que o sempre tratou como a um afilhado.

— Não sei, ele não é de me deixar de me responder. E convenhamos, o Vicente não é mais nenhum garoto.

— Ok, dona Constância. Eu a deixarei em casa e procurarei o Dr. Queiroz. Aproveito para convidá-lo para um jantar de boas-vindas.

— Deus me concedeu uma dádiva. Você é um filho de ouro, Ricardo, e me enche de orgulho. É o filho que toda mãe sonha...

— Vi uma exposição do Edu, mas não estive com ele. Estava fora do Brasil — Ricardo deixou escapar e viu a expressão da mãe mudar bruscamente.

— Ah, não me fale daquele inconsequente. Romper com a família mostra o quão desrespeitoso é.

— O movimento não foi unilateral, mãe. Sabe que também tive minha parcela de culpa.

— Ah não me fale esta palavra. Seu irmão foi muito injusto comigo ao me culpar por... — respirou fundo, tentando se controlar. Havia prometido não perder mais seu tempo falando sobre cartas fora do baralho e era isso o que aquela mulher e seu filho mais novo representavam para ela — Deixemos para lá, estou de volta, cansada, só quero minha casa e a companhia do meu filho querido.

Ricardo assentiu. Era melhor deixar mesmo para lá, caso contrário se concentraria no fato que sonhara a noite toda com o motivo que o fizera romper com o irmão.

◆◆◆

— Tem gente que tem sorte — Andreia murmurou ao ver Júlia se despedindo de Eduardo na porta da confeitaria. Àquela hora o lugar estava com um público acima do normal e além do rapaz que estava no caixa, três moças atendiam no balcão. Sendo da equipe principal da Doce Pimenta, vez ou outra, ia até o salão para verificar o movimento e conferir se era preciso realizar a reposição de algum produto.

Deixe-a te ouvir falando isso — Karin comentou parando ao seu lado, enquanto se preparava para substituir a bandeja com doces finos no formato de corações. Eram criações de Júlia e tinham ótima saída, ainda que neles o sabor de pimenta fosse mais picante do que nas demais guloseimas.

— Queria eu ter um cunhado desses — continuou, sem se importar com a advertência. Parte de seu cabelo ruivo que aparecia era um contraste com a touca branca.

— Ex cunhado — Rui juntou-se a elas no balcão — Ai se ela pega vocês duas fofocando — virou-se para Andreia — E referindo-se a ele como cunhado!

— Como se estivesse falando alguma mentira — Andreia continuou a observá-los.

— Júlia odeia se lembrar daquele noivado. Depois não diga que não avisei — mudou de assunto — Olhem para esse balcão — fez com que as duas olhassem — Os cookies já foram quase todos, os sonhos acabaram, os cupcakes e tarteletes à moda da casa, precisam ser repostos com urgência.

— Desde quando é sua função nos lembrarmos do que devemos fazer? — Karin virou-se para ele, interessada na resposta. O homem alto e roliço franziu a testa, depois deu de ombros, nunca fora de controlar o serviço de ninguém, no entanto conhecia muito bem sua patroa e amiga, por ser o mais antigo ali, e sabia que ela também repararia no que estava faltando.

— Minha especialidade são os bolos, querida. Só estou adiantando o que a Júlia vai dizer. Depois da aparição dela no programa, a tendência é isto aqui bombar.

Diante do argumento dele as duas concordaram, Andreia conferiu as vitrines e Karin substituiu a bandeja, antes de voltar à cozinha. Era Júlia também quem decidia a quantidade de doces a ser feita e era impressionante como tinha conhecimento de sua freguesia. Desde que o público aumentara, jamais deixou que faltasse qualquer tipo de produto e mesmo quando sobrava, era pouca coisa.

◆◆◆

— Bem, vou te deixar trabalhar — Eduardo declarou, colocando as mãos no bolso da calça jeans que usava — Quando quiser e se precisar, pode deixar o Lipe comigo. Sabe que meu apartamento não é tão organizado quanto o seu, no entanto, nada que uma arrumação não dê jeito. Posso deixá-lo seguro para o pequeno.

— Obrigada, Edu, não tenho palavras para expressar a minha gratidão... — sorriu ao recordar que após compartilharem o café da manhã, ele fizera questão de acompanhá-la até a escola do sobrinho. A ideia fora aprovada pelo menino, mas quase deu errado, porque ele chorou quando a professora apareceu para pegá-lo, separando-o dos dois — Caso precise, aceitarei sua proposta.

— Esperarei por isso — piscou, e por segundos seus olhos pareceram ainda mais azuis.

— Não quer mesmo entrar? Escolher algo?

— É mito dizer que homem não engorda — sorriu, brincando — Adoro seus doces, mas depois daquele café da manhã, estaria cometendo o pecado da gula — foi franco, afinal havia se alimentado bem.

— Ok, quando quiser cometer seu pecado favorito, basta aparecer.

Eduardo tentou conter o sorriso malicioso, mas não conseguiu evitar. Não era exatamente o pecado da gula o que gostaria de cometer quando estava ao seu lado. Júlia ficou sem graça, ao notar o que havia falado. Eduardo, ao contrário do irmão, sempre tivera muitas namoradas. Era óbvio que aquele não era seu pecado favorito.

— Ah você entendeu! — tentou se corrigir.

— Sim, entendi e aparecerei — deu-lhe o melhor sorriso, antes de se despedir novamente, arrumar a bolsa no ombro e começar a caminhar em direção ao seu apartamento.

Júlia observou-o até que atravessasse a rua e só depois disso entrou. No começo fora muito difícil ficar ao lado dele, pois, em muitas atitudes, lembrava o irmão. Porém, bastou conhecê-lo melhor para saber que estivera equivocada, já que Edu era muito diferente de Ricardo.

Quando Sarah aparecesse, mais para o fim do dia, fingiria estar zangada e depois contaria como Lipe fora bem cuidado e como gostava de ser mimado pelo tio.

Capítulo 4

Ao encontrar o Dr. Vicente, Ricardo achou que o receio de sua mãe não era à toa. Não o via há exatamente uma semana, porém, era como se tivesse envelhecido dez anos nestes dias.

— Sinto muito, tenho estado muito ocupado, Ricardo. Peça desculpas à sua mãe, porém, terei que me ausentar neste jantar de boas-vindas.

Ricardo ajeitou-se no sofá. Pensou em levantar e ir embora, porém, não conseguiu ficar de boca fechada.

— Há alguma coisa errada, Dr. Queiróz? Eu o conheço há tempo demais e não me parece bem.

— Estou velho — Dr. Vicente sorriu — Apenas isto. Aproveite a vida, Ricardo, porque passa rápido demais. Como uma máquina, as peças vão desgastando, dando defeito...

— Está doente? — preocupou-se.

— Estou falando de modo geral, pois tem gente que passa a vida inteira ganhando dinheiro e, quando envelhece e tem a oportunidade de gastá-lo, já não tem disposição, tampouco saúde.

— Seja como for, quero dizer que pode contar comigo. Depois que o meu pai morreu, você é a figura masculina mais importante em minha vida — foi sincero — Quer dizer, na vida da nossa família.

Vicente engoliu em seco. Ricardo sempre fora bastante fechado, logo não esperava uma declaração daquele peso e de forma espontânea. Pensou no mal que lhe fizera e mais uma vez o sentimento de arrependimento o visitou. Aquele desfecho na igreja não saía de sua cabeça. Na ocasião, chegou a ir atrás de Ricardo, mas ele havia saído de carro, cantando os pneus.

— O que pensa que vai fazer? — Constância surgiu no estacionamento atrás

da Igreja — Meu filho quer e precisa deste tempo sozinho.

— Pois saiba que a noiva desmaiou e aquilo lá virou um rebuliço.

— Mais um motivo para estar lá dentro, prestando socorro a ela, como médico.

— Entre os convidados da noiva há um médico também e ele está lá prestando os devidos socorros e o Edu já chamou uma ambulância.

— Se está tudo sob controle, qual foi sua intenção vindo atrás do Rico? Ele tomou a decisão dele, não interfira.

— Você provocou tudo isso, Constância, agora me pede para agir como se não tivesse nada a ver com o que aconteceu lá dentro?

— Nós provocamos, Vicente. Eu tive a ideia e com sua intervenção ela se concretizou. Sem a sua clínica, jamais teria dado certo.

— E você não se arrepende?

— Do que? De ser avó de um mestiço de cabelo crespo? — balançou a cabeça —Sinceramente, não.

— Independentemente de ser mestiço ou não, terá sangue dos Vidal correndo em suas veias. Não se importa com isso? Com o futuro da criança?

— Daqui a uns anos essa moça já vai estar casada e terá dado a ele mais dois ou três irmãos, que é bem comum na periferia de onde veio. Talvez o novo marido seja alguém decente — deu de ombros — E até adote o bastardinho. O problema é dela, não meu.

— O Ricardo está sofrendo, não vê? — questionou inconformado.

— Antes agora do que depois, ao perceber a roubada em que se meteu. Nada que o tempo não cure. Meu filho é lindo e inteligente, esquecerá essa aventura num piscar de olhos. E tem outra, se você contar a verdade, o que acha que acontecerá com a sua clínica? O Conselho de Medicina vai adorar saber sobre a troca de diagnóstico.

— Isso é uma ameaça, Constância? — tentou entender.

— Claro que não. Pelo menos, não da minha parte. Mas e essa gente? Adoram uma vingança. Você seria o mais prejudicado, sem sombra de dúvidas.

Espantando tais fantasmas, que a cada dia o visitavam com mais assiduidade, o médico tirou os óculos para poder limpar as lentes. Na verdade, sua intenção era desviar o foco de Ricardo de seu rosto, pois as palavras o haviam comovido.

— Agradeço, Ricardo, pela consideração. Pode ser menos formal e me chamar de Vicente — conseguiu sorrir — Conheci seu pai e seguramente posso afirmar que ele se orgulharia do homem que se tornou.

— Espero que sim, Dr.... Vicente — sorriu timidamente, duvidando disso. Era justamente igual às pessoas que o médico havia descrito, pois dedicara sua vida para o objetivo de expandir os negócios e lucrar com essa expansão.

— Se é assim, vou indo — Ricardo levantou-se e quando o homem faria o mesmo, impediu-o — Não precisa me acompanhar, sei o caminho — mas antes que fosse em direção à porta quis saber — Fora a diarista não mantém outros empregados?

— Não. Como disse, sou velho e cheio de manias. Não gosto de muita gente em casa. A Celinha vem aqui apenas duas vezes por semana e é o suficiente. Sou bastante organizado neste sentido.

— Não duvido. É que fico preocupado que fique sozinho — Ricardo foi franco — Ainda mais achando-o abatido — não quis detalhar todos os motivos de sua preocupação, porém, o homem morava sozinho em um apartamento grande e que ficava no décimo terceiro andar de um prédio no bairro da Aclimação. Como ele não se cansara de repetir, estava velho e nesta faixa etária, a casa podia ser uma verdadeira armadilha — Talvez devesse passar uns dias conosco. Minha mãe adoraria tê-lo como hóspede.

Vicente riu.

— Quem se preocupa demais, envelhece mais rápido, Ricardo. Estou bem, não há motivos para me hospedar em sua casa. Ainda assim, obrigado pelo convite. Estarei bem aqui.

Ricardo não concordou, no entanto acatou. Despediu-se de longe e deixou o apartamento, pensando em como diria para sua mãe que seriam apenas os dois no jantar, sem demonstrar seu receio.

◆◆◆

— Que pergunta difícil — Júlia riu, dirigindo com cuidado. No banco de trás, preso na cadeirinha, Lipe brincava com um bichinho de pelúcia. Sarah estava sentada ao seu lado, no banco do passageiro — Televisão é televisão, não sei o que quer que eu diga, Sarah.

— Estava me referindo às suas impressões, ao programa, aos estúdios...

— Resumindo: a tudo — sorriu — É outro mundo, principalmente quando o programa é ao vivo. O diretor falava o tempo todo no ponto eletrônico. Mais para a apresentadora do que para mim, porém, sei lá como funcionam estas coisas, só sei que deviam estar na mesma frequência, pois eu escutava tudo o que era dito para ela e isso me atrapalhou um pouco. Além do mais, lembra-se que tive que chegar mais cedo no estúdio, mesmo sendo um programa ao vivo? — indagou e a prima fez que sim com a cabeça — Pois bem, antes mesmo da maquiagem, tive que preparar o doce que escolhi fazer.

— Está me dizendo que foi tudo fingimento, já estava pronto quando foi ao ar? — Sarah indignou-se.

— Claro que não – Júlia respondeu bem-humorada — Fiz o doce na hora. Porém, se não desse certo, já havia um pronto e os comerciais seriam providenciais para realizarem esta troca.

— Nossa, senti-me enganada agora — comentou séria — Quantos programas culinários que assisti e cujos pratos devem ter dado errado? Enquanto me martirizava, quando algo dava errado na cozinha, pegando trauma das panelas, os chefs chamavam os comerciais!

— Sarah, só você mesma! — Júlia se divertiu com as ideias da prima. Fez a manobra para entrar na garagem do prédio e apertou o botão para que o portão abrisse. Excepcionalmente, a Doce Pimenta havia sido fechada mais cedo, o que permitira que apanhasse o filho na escolinha. Comumente era Sarah que o

apanhava e ficava com ele por quase duas horas, até Júlia passar em sua casa e pegá-lo. Sinceramente, não sabia como seria sua vida se Sarah não tivesse se tornado sua vizinha de bairro. O fato de ela fazer seu próprio horário ajudava muito.

— E o Wagner? — Júlia quis saber, quando entraram no elevador. Como sempre, indicou para o menino qual o número do andar em que morava e ele precisou de sua ajuda para apertá-lo, ficando radiante ao conseguir.

— Acho que ele nunca quebrou nada, mal de filho único de mãe superprotetora — Sarah suspirou, estava carregando a pequena mochila do garoto — Não vá criar o Lipe como se fosse de vidro, por favor! — provocou-a — Namoro um homem manhoso. Acredita que fez com que comprasse uma agulha de tricô para poder coçar o braço por dentro do gesso?

— Acredito — Júlia riu — E, para seu governo, não vou criá-lo assim — retomou, mais séria, esperando a porta do elevador abrir e saindo primeiro que ela.

— Quando é que vai chegar ao assunto principal? — Sarah estendeu a mão para que o menino fosse com ela para que Júlia pudesse abrir a porta.

— Dizer que você é surpreendente seria pouco — Júlia abriu a porta e acendeu a luz — Devia ter visto a minha cara surpresa ao encontrar o Edu e o Lipe dormindo no sofá.

— Sério? Que lindo — Sarah sorriu, imaginando a cena.

— O tio Du chegou? — o menino perguntou, deixando claro que estava atento ao que elas falavam.

— Vá brincar, Lipe — Sarah colocou-o no chão e o menino não precisou ouvir novamente a sugestão, para correr em direção ao seu quarto, onde os brinquedos ficavam ao alcance de suas mãos.

— Sem correr! — Júlia recomendou, mas o menino já estava longe demais para ouvi-la.

— Viu como ele presta atenção e como adora o tio? — Sarah retomou o assunto — Pelo que me falou, parece ter dado tudo certo e não havia babá

melhor. E, que o Wagner não me ouça, mas por momentos desejo estar em seu lugar.

— Lá vem...

— Diga para mim: que homem se oferece para registrar um filho que não é dele? Tudo bem, as crianças realmente são cruéis, porém, acha realmente que era só para proteger o Lipe?

— Seja lá como fosse, não aceitei e não fiquei refletindo sobre as razões para isso. Pelo que me conste, o que não falta ao Edu é companhia. E, além do mais, não duvido do amor que ele sente pelo Lipe...

— Ok, Júlia, entendi. Mas que ele está cada dia melhor, isso está.

Júlia preferiu não comentar nada, para não lhe dar mais corda. Sem dúvida que Eduardo era um homem muito bonito, porém, ainda que fossem bem diferentes diferentes, ao olhar para ele, experimentava o mesmo que sentia ao olhar diariamente para o filho: ambos faziam com que se lembrasse de Ricardo. Talvez tivesse sido melhor cortar qualquer laço com a família Vidal, no entanto, não se arrependia de ter deixado Eduardo permanecer em sua vida.

◆◆◆

Eduardo saiu do quarto escuro com as fotos reveladas. Havia deixado que secassem, antes de levá-las para sala. Colocou-as sobre a mesa, espalhando-as para escolher as melhores que seriam enviadas para a revista. Gostava de ser livre para escolher as editorias das quais participar, pois não gostava de se limitar ao escolher fotografar apenas paisagens ou somente pessoas. Essa flexibilidade fazia com que sempre tivesse trabalho, e fosse conhecido no meio.

Por mais que a viagem tivesse sido boa, estava feliz em estar de volta e ter visto Júlia e o sobrinho tinham contribuído para isso. A convivência com os dois nos últimos anos fizera com que repensasse muitas coisas. A ideia de constituir uma família não era mais tão assustadora quanto antes.

O interfone tocou quando havia acabado de escolher as primeiras fotos.

— Pronto — correu para atendê-lo.

— Senhor Eduardo, é a senhorita Luciana.

— Pode deixá-la subir — enquanto respondia, apanhou uma camiseta e a vestiu. Não estava esperando visitas, no entanto conhecia Luciana de longa data e se a dispensasse, ela saberia que não queria atendê-la.

Pouco menos de cinco minutos, a campainha tocou e quando Eduardo abriu a porta, a moça pendurou-se em seu pescoço e o cumprimentou com um beijo molhado. Eduardo correspondeu, passada a surpresa.

— Não pretendia me contar que havia chegado? — encarou-o, após se afastar dele.

— Nem bem cheguei, Lu. Na verdade, nem tive tempo.

— Pois, nas minhas contas, você chegava ontem — deu de ombros. A mulher ostentava tatuagens em boa parte do corpo, até no pescoço. Amava tatuagens e por isso que fizera desta sua profissão. Haviam se conhecido quando ele fizera a primeira de suas tatuagens. Demorou apenas duas semanas para serem muito mais do que cliente e tatuadora — Sem crise.

Ele sorriu, decididamente ela não era o tipo de mulher que cobrava alguma coisa. Viu-a passar a mão nos cabelos curtos e loiros e se aproximar da mesa, onde estavam expostas as fotos.

— Ficaram muito boas.

— Sim, gostei de tirá-las — concordou, parando ao lado dela — A que se deve sua visita, Lu?

— Poderia mentir e inventar um motivo, no entanto, só queria vê-lo mesmo, fez falta enquanto esteve fora.

Eduardo riu.

— É bom ouvir isso, Lu.

— Então, deixa o trabalho de lado um pouco e vamos sair. Tem um barzinho

novo que é sua cara. A menos que queira ficar aqui mesmo e... Bem, tem várias coisas que podemos fazer...

Deveria estar sendo o cara mais burro do mundo, porque conhecia Luciana e ela era uma ótima companhia nas duas situações. No entanto, preferiu o bar.

◆◆◆

Ellen decepcionou-se. Além de não encontrar nada, além de um contrato bem vantajoso para uma convenção com vendedores de produtos gourmets, também não foi convidada para o jantar de boas-vindas de Constância. Em outras ocasiões, Ricardo a convidara e se sentira parte de sua vida. Desta vez, no entanto, só ficou sabendo do jantar no dia seguinte, da boca do próprio chefe, que se queixou de ter abusado do vinho na noite anterior.

— Fora isso, está com um humor melhor? — não conseguiu deixar de alfinetá-lo. Estava sentada diante dele, impressionada como conseguia manter uma mesa tão clean. Por um lado, era bom, porque não havia porta-retratos.

— Não sei de onde tirou isso, Ellen — comentou, normalmente, embora ainda estivesse preocupado com a conversa com o Dr. Vicente — Queria ver manter seu bom humor, estando com enxaqueca.

— E mal se recupera, já exagera no vinho? — confrontou-o.

— Nem sempre a gente faz o que deve — Ricardo piscou para ela — Diga-me, o que a trouxe tão cedo ao meu escritório?

— A tal convenção — ao tocar no assunto, teve certeza de que o viu franzir a testa — O mesmo cliente está reservando alguns quartos para o evento, parece que já escolheram a data.

— Não estou a par. Deixei tais detalhes com a Solange e você poderá cuidar dos demais, não só na parte da hospedagem, mas, no dia do evento, a infraestrutura ficará a seu cargo.

— Vai viajar? — estranhou, pois ele sempre fazia questão de estar presente, principalmente se o evento fosse grande.

— Não — Ricardo tentou não deixar evidente sua intenção de se manter bem afastado da tal convenção — Só estarei fechando um negócio ainda maior — mentiu — Será que pode cuidar de tudo, Ellen?

— Sem dúvidas — respondeu prontamente.

— Então, tenho certeza de que será um sucesso — fez-se sér

— Estarei no hotel, caso precise de mim — levantou-se e Ricardo sorriu-lhe, admirando sua figura. Tinha um porte físico elegante, além de se vestir à altura de um hotel do tamanho do Magista.

Às vezes, ficava imaginando o que aconteceria se a tivesse conhecido antes. Talvez, quando ainda acreditasse em relacionamentos, fosse capaz de se envolver com ela.

— Melhor trabalhar, Ricardo — falou a si mesmo, ligando o computador para verificar os e-mails mais importantes que haviam sido escolhidos por sua secretária.

◆◆◆

O convite em papel reciclado chegou na confeitaria. Rui foi quem o recebeu das mãos do carteiro e entrou na cozinha, balançando-o no ar.

Karin e Andreia que assistiam Júlia preparar uma nova receita com pimenta dedo-de-moça ergueram o rosto.

— Nem olhem meninas, o convite não traz o nome de vocês. A única pessoa cujo nome está no envelope está compenetrada demais e, nem se abala mais com a fama batendo à porta.

Júlia sorriu com a indireta do seu mais antigo confeiteiro.

— Só não quero perder o ponto e, além disso, acho que seja lá o que for não vá fugir.

— Fugir não, porém, meu dedo pode coçar e posso acabar abrindo, sem querer — Rui comentou bem-humorado.

— Não tenho segredos de vocês e o sucesso é da confeitaria como um todo. Portanto, se quiser abrir, fará um favor para mim.

— Será um prazer — Rui abriu a carta sem dificuldade e impostou a voz para ler — A Associação Estadual de Atacadistas e Distribuidores de Produtos Industrializados vem por meio desta convidar a chef Júlia Lins Pimenta, proprietária da confeitaria Doce Pimenta, a participar da 9ª Convenção de Produtores Atacadistas de produtos destinados ao ramo gourmet, na condição de homenageada. A convenção acontecerá de 10 a 12 de junho, e a homenagem se dará no sábado, dia 11, no hotel... — Rui suspendeu a leitura ao descobrir o local em que aconteceria.

— Não saber ler em inglês, Rui? — Karin o provocou.

— Peça ajuda aos universitários — Andreia ajudou a amiga.

— Sou obrigada a concordar com as duas, estava indo muito bem até agora — Júlia não tirou os olhos do ponto do doce — Continue, Rui. Agora fiquei interessada. Afinal, se soubessem o quanto a Doce Pimenta vende no dia dos namorados, teriam escolhido outro fim de semana para tal homenagem.

Rui limpou a garganta, como se tivesse algum pigarro na garganta. Quando Júlia parou de mexer o doce com a colher de pau e olhou para ele, não viu outro jeito além de completar.

— A homenagem se dará no sábado, dia 11, no hotel Magista, localizado...

— Continue para mim, Karin — Júlia pediu, finalmente entendendo o motivo do silêncio do amigo. Só precisava de um pouco de ar para digerir aquela brincadeira sem graça.

Karin ainda tentou argumentar que não sabia o ponto certo, mas Júlia já havia saído da cozinha.

— Estou perdida — Andreia comentou, olhando para Rui.

— Vocês duas nasceram perdidas — Rui comentou ácido — São desligadas demais. Por acaso, vocês se esqueceram de quem é o dono do Magista? — somente diante dessa pergunta, as duas entenderam a reação de Júlia.

Capítulo 5

— Eu não vou. Já está decidido! — Júlia declarou com uma convicção que assustou a prima — Aliás, não sei o que o Rui tinha na cabeça ao ligar para você.

— Ele fez muito bem, Júlia. Estava perto e vim aqui, não me custou nada. E quanto a ideia de não comparecer, pare com isso. Desde quando é covarde?

— Não passei todos esses anos, evitando encontrá-lo para assim, sem mais nem menos, estarmos no mesmo lugar. Se ainda fosse em um ambiente neutro, vá lá...

— Está supondo que ele estará lá, o que nem sabe se é verdade. Pelo que me lembro, você lutou bastante por esse reconhecimento e agora, quando receberá uma homenagem, quer desistir e isso tudo apenas por conta de um homem. Vai deixar que ele estrague mais uma vez sua vida, Júlia? Ou está com medo de reencontrá-lo.

— Será que não tem nenhuma cliente para encontrar agora à tarde? — Júlia não escondeu a irritação.

— O nome correto seria aluna — Sarah a corrigiu — Sou formada em educação física, não em advocacia para ter cliente...

— Ah, dane-se a nomenclatura, o importante é que entendeu.

— Não adianta descontar em mim, acontece que não permitirei demonstrações de covardia. Pense em tudo o que fez. Graças a você, a Doce Pimenta é uma marca conhecida no Brasil, logo mais no exterior. Não dependeu de ninguém para chegar onde chegou. Então, se não quiser ir, tudo bem, mas que seja porque acha que o prêmio não representa nada e não por causa de alguém.

— Vou pensar, Sarah — prometeu — Agora, pode voltar para suas alunas — fez questão de falar da forma como ela indicara.

— Trate de pensar rápido, pois só tem quinze dias para isso.

Deveria ter previsto que Sarah apelaria e quando, à noite, o porteiro informou que Eduardo estava subindo, não conseguiu se surpreender. Ele chegou no momento em que ela estava dando janta para Lipe e o menino ficou agitado com a presença do tio.

— Obedeça a mamãe, Lipe e sente-se para comer — Edu pediu na segunda vez em que teve que apanhá-lo e colocá-lo de volta na cadeira.

— Você tem o efeito de um energético para ele, Edu. Nunca vi, coisa igual.

Eduardo riu, de certa forma era bom saber que era um estimulante pelo menos para alguém ali.

— Verei esse carinha com mais frequência, aí ele não ficará tão eufórico das outras vezes.

— Não sei porque, mas não acredito que funcione — Júlia duvidou bem-humorada, embora soubesse que o assunto que o levara até ali era mais sério — Antes que reclame dos meus modos, não quer jantar?

— Só se me fizer companhia — provocou-a, deixando-a sem palavras. Em vez de dizer algo, continuou dando comida para o menino, até que ele estivesse satisfeito.

Mal acabou de comer, o garoto estendeu os braços para o tio e ele não hesitou em pegá-lo no colo e se levantar, mesmo sob o olhar de Júlia que fora o suficiente para adverti-lo a não balançar o sobrinho.

Enquanto Edu andava com o menino de um lado para o outro no apartamento, Júlia aproveitou para lavar a louça. Quando aceitou a ideia de jantarem juntos, viu o filho encostar a cabeça no ombro do tio, bêbado de sono, entretanto lutando para não dormir.

— Viu? Posso ser o que quiser para ele — brincou — Inclusive sonífero — declarou, antes de entregá-lo à Júlia. Ela beijou o menino na testa e começou a cantar baixinho, até que ele finalmente adormeceu, enquanto Edu assistia à cena, achando bonito o carinho que ela demonstrava pelo filho. Nem todas as mães gostavam tanto de seus filhos. Outras, por muito menos teriam descontado nele todo o sofrimento. Pegou-se pensando em Constância...

Júlia colocou o filho deitado de lado na cama e fechou um pouco a janela. Todas as janelas do apartamento tinham telas e, durante o verão, era comum deixá-las abertas.

Quando voltou à sala, Edu estava acabando de tirar os pratos do micro-ondas, porque a comida já havia esfriado.

— Você é tão prendado! — Júlia elogiou-o, sentando-se.

— Moro sozinho — fez questão de recordá-la.

O assunto indigesto veio, após a primeira garfada.

— A Sarah me ligou.

— Imaginei.

— Devo admitir que, após pensar muito, sou da mesma opinião que ela — disse de uma vez. A verdade é que não chegara àquela resposta de forma tão simples. Havia ficado tão surpreso quanto Júlia. Além disso, sentira-se um pouco desconfortável ao saber o modo como ela reagira à simples possibilidade de reencontrar seu irmão.

— Vindo de você é estranho, Edu — Júlia rebateu — Rompeu com a sua família.

— Não dá para comparar, Júlia. Rompi, pois não comungo da mesma forma de pensar. Porém, não interrompi minha carreira por eles e nem o faria, se fosse o caso.

— Está me dizendo que, se fosse você o homenageado, iria numa boa?

— Não serei hipócrita. É claro que não seria "numa boa", porém, iria. Só eu sei a história por trás de cada foto que tiro. E, se pessoas do meu ramo quisessem me homenagear, doa a quem doer, estaria ali para receber os louros. Deve pensar do mesmo modo. Lembre-se, eu acompanhei boa parte do que viveu... Então, não sei se deve esquecer tanto esforço apenas para evitar se encontrar com uma pessoa indesejada.

Júlia suspirou. Racionalmente isto estava bastante claro. Porém,

emocionalmente, não era tão claro. Preparou-se para esquecê-lo, não para reencontrá-lo.

— Esse é a primeira homenagem de muitas, então aproveite, porque merece. E se precisar de mim, estarei lá.

— Faria realmente isso por mim? — Júlia olhou-o, interessada na resposta e ele fez que sim com a cabeça, sem deixar qualquer dúvida.

◆◆◆

Quando a convenção finalmente começou, Ellen percebeu a mudança no estado de espírito de Ricardo. Não que estivesse mal-humorado, porém, ocupou-se com coisas totalmente desnecessárias, como se não quisesse estar presente.

— Eu te avisei, Ellen — foi a única resposta que dera à gerente, quando ela perguntou porque não podia estar presente — Confio que cuidará para que tudo saia conforme o desejo dos contratantes.

— Estou me esforçando para isso — aborreceu-se com o distanciamento dele, principalmente por não entender o modo como estava agindo.

No dia seguinte, que seria o da homenagem, ele pretendia ser o primeiro a chegar e o último a sair, acabando assim com a possibilidade de ver Júlia por acaso. Felizmente Constância não soubera da tal convenção e imaginara que o estresse era o responsável pelo seu nervosismo.

— Depois do próximo fim de semana, tudo volta ao normal — havia falado para a mãe, acreditando piamente naquilo.

— Tem que tirar férias, Rico. Uma viagem para a Europa te faria bem. Você se encantaria com as holandesas e as italianas. Lindas, charmosas e com toda a bagagem do velho mundo.

— Prefiro as brasileiras — Ricardo rira da sugestão. Seu gosto não tinha nada a ver com mulheres europeias. Se ela o observasse um pouco melhor, já saberia disso.

◆◆◆

— Está linda — Sarah foi sincera, mas Júlia estava tão nervosa que não acreditaria em nada do que lhe dissessem.

— Bem, espero que esteja — sorriu sem mostrar convicção.

— Acredite na Sarah — Rui pediu. Como o prêmio fora conseguido graças à Doce Pimenta, Júlia havia decidido que Rui iria com ela para representar a confeitaria. Toda a equipe aceitou e até mesmo Eduardo achou que fosse o mais correto a se fazer. — Está maravilhosa, Júlia.

— Então vamos de uma vez, antes que eu desista.

O trânsito os surpreendeu e um trajeto que deveria demorar pouco mais de quarenta e cinco minutos, foi feito em quase uma hora e meia.

— O plano de chegarmos bem antes e circularmos um pouco foi por água abaixo — Júlia conferiu no relógio, observando que faltava menos de uma hora para a homenagem.

— Sugiro que desça aqui — Rui manobrou devagar, parando em uma das entradas do hotel — Enquanto estaciono o carro. Aí não gasta tanto tempo e nem tem que andar tanto, com esses saltos.

— Aceitarei a oferta — Júlia não hesitou, beijando-o no rosto, antes de descer. Rui percebeu que ainda continuava nervosa e, antes que ela fechasse a porta, disse:

— Vai dar tudo certo, Júlia.

Ela cruzou os dedos e piscou para ele, começando a se caminhar em direção à entrada. Aproveitou o fim ameno de outono para usar um vestido preto de alcinhas, que alongava sua silhueta, fazendo-a parecer mais alto do que era, visual corroborado pelos sapatos prateados de salto quinze. Para completar, não prendera os cabelos, assumindo o estilo afro.

Carregando a bolsa de mão, que combinava com o sapato, chegou à entrada, porém, não soube dizer se estava no lugar correto. O hotel tinha duas torres e estava tão apreensiva que não se recordava em qual delas ocorreria a convenção.

Ao buscar pelo convite, percebeu que o esqueceu no carro e torceu para que Rui não cometesse o mesmo erro que o seu. Ainda assim, a ideia era a de não se atrasar. Por isso, com passos hesitantes, entrou no hotel, com o intuito de se informar onde acontecia a convenção.

Sua figura chamou atenção imediatamente ao pisar no lugar. Tanto que mal conseguiu chegar ao balcão de informações. Um homem alto, magro, de cabelos grisalhos, e trajado com terno e calça social preta, aproximou-se dela. Por conta de tantos hóspedes para a convenção, Ellen havia contratado uma equipe para auxiliar o esquema de segurança, tanto do hotel, quanto da convenção.

— Em que posso ajudá-la? — abordou-a sério demais.

— Vim para a convenção — pelo nervosismo não conseguiu sorrir direito — Diga-me que não estou no lugar errado.

— Na verdade, está sim. A convenção acontecerá na torre B — o homem apontou a entrada da torre correta — Porém, terá que dar a volta.

— Dar a volta? Por que, se acabou de me dizer que o prédio é aquele? — Júlia não entendeu.

— Aquela é a entrada dos convidados — o homem respondeu com toda a naturalidade do mundo — A entrada das pesssoas que trabalharão no evento é outra. Aliás, creio que esteja bastante atrasada.

Júlia demorou alguns segundos para entender o que ele havia acabado de dizer.

— Como é? — olhou-o indignada e o homem respondeu a mesma coisa, fazendo um novo sentimento brotar dentro de si: a raiva — Sou a homenageada da convenção — tentou explicar para o homem e ele a mediu dos pés à cabeça, parando em sua cabeleira crespa.

— Se é a homenageada com esse cabelo, sou o rei da Inglaterra — zombou — Agora que já te dei a informação, será que pode circular? Está atrapalhando o bom andamento do saguão.

— Como assim com "esse cabelo"? Bom andamento do saguão? — a indignação só fez aumentar. Teve que se segurar para não agredir aquele homem

— Vamos ver como vai ficar o bom andamento do saguão, se não chamar o gerente dessa droga agora! — exigiu — Ou prefere que eu chame a polícia?

— Não sei por qual motivo chamaria a polícia. Portanto, pare de tumultuar a entrada do hotel e saia — fez-lhe um gesto, indicando a saída.

— Quero falar com o gerente agora! — exigiu, falando mais alto do que o homem apreciou. O tempo estava passando, porém, já não se importaria em chegar atrasada, pois só sairia dali após aquela situação ser resolvida. Desculpas era o mínimo para não dar queixa em uma delegacia. Sabia muito bem de seus direitos e aquele homem, ainda que não tivesse usado nenhuma palavra específica, poderia ser enquadrado por injuria racial.

Fátima estava na recepção e viu de longe o início de confusão. Começou a se preocupar quando alguns hóspedes pararam para ver o que estava acontecendo. Sua primeira ação foi ligar para Ellen.

A discussão continuou acalorada, enquanto Rui, na outra torre, circulava pelos convidados sem encontrá-la. Como era a homenageada, presumiu que não tivesse sido necessário o convite para entrar.

— Tire as mãos de mim! — Júlia tentou se desvencilhar, quando o segurança ousou segurar em seu braço para forçá-la, ou a calar a boca, ou a se retirar.

Apesar do pedido, o brutamontes, irritado com a quantidade de pessoas que se juntava para assistir a cena, não a largou. Chegou a pressionar seu braço com mais força.

— Você não ouviu a senhora? Largue-a imediatamente, se não quiser que eu mesmo o obrigue a fazê-lo — ouvir aquela voz depois de tanto tempo, fez que Júlia erguesse o rosto. Ricardo olhou para ela no mesmo momento e seus olhares se cruzaram. Ficaram assim hipnotizados por segundos, como se só houvesse eles e tudo ao redor tivesse desaparecido.

Capítulo 6

Não foi só a voz de Ricardo que soou nervosa. Ele era a personificação da tensão.

Na noite anterior, por insistência de Ellen, estivera na convenção e cumprimentara o empresário que fechara o aluguel do espaço, deixando claro que estaria ausente nos dias seguintes, por conta de compromissos anteriormente agendados. Não hesitara em mentir.

Entretanto, não conseguira seguir seu plano de permanecer na torre em que o evento aconteceria, indo para seu quarto, antes mesmo de seu começo. Não estava conseguindo se concentrar em nada e se aborrecendo com qualquer coisa. Para não descontar seu nervosismo em pessoas que nada tinham a ver com o que estava sentindo, preferiu o sossego de seu quarto.

Quando recebera o telefonema da recepção, estava se preparando para tomar um banho e sair. Talvez acompanhado, ainda não havia se decidido. A única certeza era que desejava se ausentar pelas próximas horas; ir para qualquer lugar em que o passado não batesse à sua porta.

— E onde está a Ellen que não pode resolver isto? — quis saber, irritado.

— Falei com ela, senhor Vidal, porém, respondeu-me que, segundo suas ordens, ela devia se dedicar exclusivamente à convenção. Sugeriu-me que eu resolvesse tudo — Fátima escolheu bem as palavras, visto que só havia escutado um "Vire-se" — Porém, temo que não tenha autoridade, tampouco experiência, para fazê-lo — foi sincera.

— Tudo bem, estou descendo — nem tentou esconder o aborrecimento.

Mesmo o banho tendo ficado para depois, livrou-se da gravata e do paletó, optando por um visual ainda sóbrio, porém, muito menos formal.

Desceu o mais rápido que pôde, encaminhando-se à recepção.

— Então, o que está acontecendo? — sua pergunta saiu dura e aborrecida,

fazendo com que a jovem se recordasse do motivo pelo qual ele lhe inspirava temor.

— Veja o senhor mesmo — Fátima apontou o lado para o qual ele devia olhar e não foi preciso de muito para perceber que ela não mentira. Uma discussão era responsável pelo início de uma aglomeração. De onde estava não conseguia ver além disto, porque o número de pessoas que se juntavam para entender o que estava acontecendo só fazia aumentar, diminuindo seu campo de visão.

— Hoje, a noite promete! — inspirou e expirou lentamente, como se pedisse paciência. Tinha a intenção de resolver o mal-entendido, apaziguar a situação e voltar para seu quarto. Por isso caminhou com passos largos e decididos na direção em que se dava o desentendimento. Queria entender a natureza do conflito, pois a recepcionista não tinha conseguido se fazer entender, quando ligara aflita para ele.

Sua confiança o abandonou no exato momento em que, não tendo mais a visão bloqueada pelos curiosos, pôde enxergar as pessoas envolvidas na discussão. Empalideceu ao notar que seus planos resultaram inúteis: uma delas era Júlia e estava furiosa com o segurança que tentava intimidá-la, segurando-a com força pelo braço.

Ao enxergar a cena, a racionalidade foi a segunda a deixá-lo, não conseguindo pensar em mais nada, nem mesmo nos motivos de não querer encontrá-la. Só conseguiu enxergar aquele homem, muito maior do que ela, segurando-a daquela forma.

— Você não ouviu a senhora? Largue-a imediatamente, se não quiser que eu mesmo o obrigue a fazê-lo — exigiu e, por segundos, desejou que o segurança o desobedecesse, pois queria ver como ele se saía com alguém de seu tamanho.

Ao ouvir sua voz, Julia virou o rosto imediatamente e seus olhares se encontraram por uma fração de segundos. Ricardo entendeu a razão de ter querido evitá-la a todo custo: apesar de tanto tempo longe, um simples olhar ainda tinha o poder de deixá-lo impactado. Para completar, teve que admitir que ela estava muito bem, talvez ainda mais bonita do que quando estavam juntos.

Júlia quase se esqueceu do que estava acontecendo. Ficara tão indignada com a atitude do segurança que nem se lembrara da possibilidade de encontrar

Ricardo. Estar diante dele fez com que lembrasse do motivo pelo qual pensara em desistir de receber a homenagem. Percebeu que, independentemente do tempo que passara, ainda doía. Ele podia estar mais velho, um pouco diferente e com uma expressão mais dura, porém, ainda era o Ricardo Vidal, o homem com quem tivera um passado e com quem planejara um futuro. A pessoa que a fizera sonhar e, ao mesmo tempo, a que o transformara em pesadelos.

O segurança, indiferente à troca de olhares, virou-se assustado e engoliu em seco ao reconhecer o dono da voz. A gerente do hotel, Ellen Marques, havia sido bem clara em sua recomendação sobre o trabalho: portarem-se corretamente de modo a não chamarem a atenção do dono do hotel. Diante da frase que acabara de ouvir, ficou óbvio que ele falhara neste quesito. Foi afrouxando a pressão de seus dedos, até soltar completamente a mulher.

Ricardo olhou em volta, sim muita gente havia presenciado aquilo e Fátima estava coberta de razão ao chamá-lo, só que, em sua opinião, o episódio já extrapolara os limites.

— Sou o dono do hotel — Ricardo se dirigiu à Júlia, como se fossem desconhecidos. Depois virou-se para o segurança — Como se chama?

— Marcelo, senhor — respondeu rapidamente.

— Não é meu contratado direto — comentou com certeza, podia não saber os nomes de todos os seus funcionários, mas era ótimo fisionomista — Quem o contratou?

— A senhorita Marques. Fui contratado especialmente para esses dias em que o hotel receberia mais hóspede, por conta da convenção.

— E não se deu ao trabalho de pesquisar nada sobre a convenção? — encarou-o e o segurança fez que não com a cabeça. Ricardo prometeu a si mesmo investigar quem fora responsável pela entrevista que o admitira. Se ele tivesse conversado com Ellen, ficaria decepcionado com sua gerente, pois ela já fora mais rigorosa na escolha dos funcionários — Se o tivesse feito, não teria que me explicar o que raios está fazendo, segurando desta forma a homenageada — confrontou-o, de modo duro.

— Sinto muito senhor, foi apenas um mal-entendido — não conseguiu encará-lo.

— Mal-entendido? — Júlia concentrou-se na raiva que estava sentindo, deixando em segundo plano o fato de estar diante de Ricardo — Você é um racista nojento e não tem nada nas suas palavras que não eu não tenha entendido.

— Racista? — os olhos de Ricardo faiscaram. Não estava acreditando naquilo. O Magista havia conseguido cinco estrelas pelo ótimo atendimento prestado a todos, sem qualquer tipo de distinção. No entanto, não era isso o que o deixara mais furioso e sim imaginar de que modo ele a ofendera. Usando de um controle que não possuía, dirigiu-se a ela — A senhora pode me relatar o que ocorreu?

Júlia engoliu em seco. O tratamento formal soara estranho.

— Senhorita... — sem querer o corrigiu e ignorou a expressão surpresa de Ricardo — Não sabia ao certo o local da convenção e vim me informar. O seu segurança me abordou, antes mesmo que chegasse à recepção...

— Eu informei o que queria saber — o homem a interrompeu.

— Sim, do mesmo modo que me indicou a entrada de serviço e ironizou o meu cabelo, quando te disse que seria homenageada...

— Foi apenas uma brincadeira — mais uma vez a interrompeu — Não sabia que levaria a sério...

— Tenha educação e não a interrompa novamente! — Ricardo perdeu a paciência, enojado com o discurso covarde do segurança. Era óbvio que seria a palavra dela contra a dele. Independente de tudo o que acontecera entre eles, duvidava que Júlia tivesse mudado tanto, aumentando o ocorrido, como o segurança dera a entender. Recordava-se de que, nas poucas ocasiões em que ficava tão nervosa, sempre tinha motivos.

— O que para você é brincadeira, para mim é algo sério. Vou denunciá-lo — não hesitou e viu o segurança arregalar os olhos.

— Não posso ser acusado de racismo, também tenho o pé na cozinha. Minha tataravó era de cor — Marcelo se defendeu, deixando-a abismada com sua fala — Veja bem, meu melhor amigo também é... Se fosse racista, como diz, nem manteria contato, de nenhuma espécie com pessoas como você. Talvez eu tenha me equivocado, só isso e estou disposto a me desculpar.

— Será que pode calar a boca? — Ricardo pediu, sentindo o sangue subir. Já ouvira aquele discurso milhões de vezes e o homem nem imaginava que falar aquelas coisas estava piorando sua situação, em vez de melhorá-la.

◆◆◆

Rui ficou preocupado, não havia encontrado Júlia em lugar algum e ela não atendia o celular. Tinha certeza de que a vira colocar dentro da bolsa e a menos que a bateria tivesse acabado, não tinha motivos para não atender. Preocupou-se ainda mais, quando o nome de sua amiga e chefe foi chamado pelo palestrante principal.

◆◆◆

— Não posso fazer outra coisa, além de demiti-lo — Ricardo virou-se para o segurança — Há inúmeras testemunhas que, se não ouviram o que disse, viram o modo como segurou no braço da senhorita Pimenta — ouvir seu sobrenome sendo dito por ele, fez com que Júlia se recordasse de quando estavam juntos. Odiou-se por não conseguir controlar seus pensamentos.

— Por favor, tenho dois filhos pequenos — o segurança implorou, olhando para Júlia.

— É por pensar na educação deles que não posso abrir mão de prestar queixa — Júlia, mesmo sensibilizada pelas últimas palavras dele, ao pensar que ele podia ter filhos da idade do Lipe, não pôde deixar de fazer o que pensava ser certo — Quem sabe você aprenda a tratar as pessoas com mais educação, independente de qualquer diferença.

Ricardo passou a mão pelos cabelos exasperado. Sempre fora justo e ainda que aquela situação maculasse a reputação do hotel, não tentou convencê-la do contrário. Assim, quando dois policiais militares, chamados por alguém que presenciara a cena, entraram no saguão do hotel, não se espantou. Também não lhe causou surpresa, quando Júlia repetiu todo o acontecido para um dos policiais e respondeu positivamente à sua pergunta.

— Sim, eu quero dar queixa.

— Senhor Vidal — o policial mais velho o cumprimentou — Teremos que levar o segurança para prestar depoimento na delegacia.

— Mas, eu não fiz nada — o homem protestou, exaltando-se.

— Se não quiser sair daqui algemado, sugiro que se acalme e nos acompanhe — o policial fez um gesto para que o acompanhasse.

O segurança, ao passar por Júlia, segurou-se para não a xingar e piorar de uma vez sua situação. O policial mais novo, voltou-se para ela.

— Posso levá-la em minha viatura, senhora...

— Também irei até a delegacia, testemunhei parte do que aconteceu... — Ricardo interrompeu o policial que olhou para Júlia.

— Não perca seu tempo, fazendo essa boa ação — Júlia deixou escapar, afinal preferia que ele não fosse.

— Faço questão. Como cidadão e como dono do estabelecimento, é o mínimo que posso fazer — olhou nos olhos dela para responder — E posso te oferecer uma carona...

— Se quiserem ir juntos, sem problemas, nós nos encontramos lá — o policial preparou-se para sair.

— Se não se importa — Júlia voltou-se para o policial — Prefiro ir com você, pois não conheço este senhor.

— Como quiser, senhora — o policial informou o número do distrito para Ricardo e fez um gesto para ela, pedindo que o seguisse. Júlia não hesitou em dar as costas a Ricardo, sem ao menos olhar para trás.

Ricardo bufou. Também onde estava com a cabeça para sugerir que fossem juntos? Em qual momento passara de não querer vê-la para lhe oferecer carona? Para dizer a verdade, nem ele entendia o que havia acontecido ali. A verdade é que com a situação passara por cima da mágoa que ainda sentia, apenas pela possibilidade de protegê-la, de alguma forma. Não queria que chegasse à delegacia em uma viatura...

◆◆◆

Júlia só apanhou o celular na bolsa, a caminho para a delegacia. Se ele não estivesse no silencioso, teria sido avisada das inúmeras ligações de Rui. Percebeu que a bateria estava prestes a acabar.

— Posso ligar? — questionou ao policial. Este, pelo espelho do retrovisor, deu-lhe um sorriso tímido.

— Não está presa, senhora. Assim sendo, é claro que pode usar o celular.

Júlia sentiu-se tola. Na verdade estava atordoada com tudo o que acontecera. O episódio com o segurança, reencontrar Ricardo... Preferia que ele se mostrasse um imbecil, em vez de agir com firmeza, ficando ao seu lado naquela questão. Foi impossível não se lembrar do homem por quem se apaixonara um dia; pelo menos nessas questões, não havia mudado. Ainda que fosse o dono do hotel e pudesse querer abafar o caso, ou ficar com a versão do segurança e desmenti-la, comportara-se de modo íntegro. Havia ligações que não foram atendidas, assim, entendeu a aflição do Rui.

— Júlia o que aconteceu? Foi abduzida?

— Ocorreu uma confusão na outra entrada do hotel... Com um segurança... Desculpe, nem tinha mais clima para receber qualquer homenagem. Estou indo para uma delegacia.

— Nossa, Júlia! Pelo visto foi grave. Você está bem?

— Sim... Quer dizer, vou ficar. Puxa, era para ser meu dia...

— Não se preocupe, eu acabei a representando na homenagem, sem saber que o imprevisto que citei era verdade. Não sei se fiz bem, mas acho que pegaria mal para a Doce Pimenta.

— É claro que fez bem, Rui. Você foi um anjo. Agiu de modo correto, pois pareceria descaso, falta de respeito. Só estou preocupada com o Lipe, não sei que horas vou sair da tal delegacia.

— Passe-me o número do distrito e deixe o resto comigo. Se a Sarah não

puder ficar até mais tarde, eu fico com o Lipe até você chegar.

— Já disse que te amo? — soou agradecida.

— Hoje não — respondeu bem-humorado, anotando os dados do distrito.

O depoimento demorou mais do que ela imaginava. Além disso, sentiu um pouco de descaso da parte do delegado que lhe perguntou por mais de uma vez se ela não interpretara errado, visto que não havia sido falada nenhuma palavra ofensiva.

— Não preciso ouvir "cabelo de Bombril" ou ser chamada de "macaca" para ser ofendida por conta da minha cor de pele, há maneiras mais sutis. Eu sei o que ouvi e o modo como foi pronunciado. Mantenho a queixa — permaneceu firme.

Quando saiu da sala do delegado, Ricardo e o segurança esperavam suas vezes para depor.

— Senhor Marcelo Souza — um policial chamou o segurança que seria o próximo e o conduziu à sala do delegado.

O segurança mal sentou-se diante do delegado e já demonstrou sua exaltação.

— Juro que não a ofendi. Aliás, será que posso fazer uma queixa de difamação contra ela? Algo sobre perdas e danos? Por causa dela, perdi meu emprego.

— Fazer, até pode, porém, a pessoa que ligou para a polícia será chamada para depor. Com o depoimento dela, pode se complicar ainda mais, senhor Souza.

Ricardo se ajeitou no banco de madeira, desconfortável. Estava tão tenso que lhe doía a região próxima ao pescoço. Imaginara mil maneiras de aproveitar a noite, contudo sua imaginação jamais o levaria até ali.

Júlia estava sentada do outro lado no banco à sua frente, porém, evitava olhá-lo.

Talvez estivesse com frio, pois a temperatura começava a baixar, e o vestido dela era fino. Aliás, nada apropriado para um lugar como aquele, cheio de homens.

Sentiu a boca seca ao perceber ao notar que, tal como dissera no hotel, não havia aliança em sua mão. Mal conseguira disfarçar a surpresa, pois imaginou que ela já estivesse casada. Por falar em casamento, se estivessem juntos, teriam completado as bodas de trigo, ou de couro. De couro, porque este representava proteção e o contato diário do casal ou de trigo, porque simbolizava a prosperidade, o plantio da terra para a colheita de uma relação que duraria muitos anos. À época do noivado, lera vários livros, inclusive um que o fazia saber de detalhes desse tipo. Tudo bem, que só o fizera porque Júlia rira de sua ignorância a respeito e queria surpreendê-la. Só não imaginava que jamais se esqueceria daqueles aprendizados e que não completariam bodas alguma. Essas coisas que julgava esquecidas, agora torturavam-no, voltando naquela hora imprópria. Deviam ter ficado restritas ao passado distante no qual tiveram alguma coisa.

Fizera vários planos, caso a encontrasse um dia. Agora, ela estando a uns passos de distância, queria entender o motivo de não conseguir agir da forma planejada. Só precisava entender, porque não era imune à sua presença, já que julgava tê-la riscado de sua vida.

Júlia respirou fundo. Saíra de casa preparada para uma coisa e vivera outra. A vida tinha esse dom de ser imprevisível. Não precisava virar-se para ele para saber que a estava olhando. Conseguia sentir seu olhar de uma forma que a impressionava, pois era tão quente quanto o calor de suas mãos. Agora que o sangue esfriara, sentia dor no braço, na região onde fora segura, tendo certeza de que a marca dos dedos do homem poderia ser percebida por um olhar mais atento. Apesar da violência, não incluíra este detalhe em seu depoimento. A verdade é que não queria passar por um exame de corpo de delito por conta daquilo. Só queria voltar para segurança de seu lar, para junto de seu filho e para longe de Ricardo.

Suspirou, sentindo frio. Talvez o traje fosse outro, se soubesse que o destino seria aquele.

Ricardo teve certeza de que ela estava com frio, quando a viu cruzar os braços. Em seu carro havia uma blusa e, se isso fizesse com que se sentisse

melhor, não se importava de apanhá-la. Chegou a se levantar para fazê-lo, quando teve a certeza de que aquele dia só piorava.

Eduardo entrou tão preocupado na delegacia que só conseguiu enxergá-la. Júlia sorriu aliviada ao vê-lo e se levantou-se, deixando-se abraçar por ele, do modo que ele sempre fazia.

— Caramba Júlia, quando o Rui me contou, não pensei em nada a não ser ver como estava — sentiu a temperatura dos braços dela e tirou a blusa de moletom que usava e a ofereceu para Júlia — Deu uma esfriada, você está gelada — ofereceu-se para ajudá-la a vesti-la, preparando-se para perguntar o que ocorrera, quando finalmente olhou para frente e viu Ricardo.

Ele havia cruzado os braços e balançava a cabeça negativamente sem acreditar na cena que presenciava. Sentiu-se mal com aquele cuidado todo. Pior, sentiu ciúme. Imaginava que fossem próximos, porém, não daquele jeito. Não era possível, era? E todas as vezes que ele pedira que a ouvisse, que conversassem, que reconsiderasse? Tudo fachada? Será que descobrira a verdadeira explicação pela qual Eduardo rompera com a família?

Capítulo 7

A surpresa de Eduardo também ficou estampada em seu semblante. Depois de receber o telefonema de Rui, só conseguira pensar em Júlia sozinha em uma delegacia e tentar adivinhar o ocorrido que a fizera perder a tal homenagem. Em momento algum se recordou da possibilidade de ela encontrar Ricardo.

Agora ali, tinha certeza de que se esquecera de algo muito importante e não estranharia se ele tivesse alguma coisa a ver com o motivo de ela ter ido parar em uma delegacia.

Ricardo encarou o irmão. Mesmo sem vê-lo há um bom tempo, teve certeza de que aquela era uma péssima hora para reencontrá-lo.

Partiu de Eduardo quebrar o contato visual. Assim que Júlia colocou a blusa, voltou-se para ela.

— Está bem? O que aconteceu?

— Estou sim, obrigada, Edu — sentou-se devagar — É uma longa história.

— Tenho tempo — embora a situação o tivesse deixado mais sério do que o habitual, deu-lhe um meio sorriso, sentando-se ao seu lado.

— Acho que vai demorar mesmo — Júlia suspirou — Antes, sabe me dizer se o Rui foi ficar com o Lipe?

— Foi, seu fiel escudeiro cumpriu com a palavra e, por conhecê-la como conheço, também me certifiquei disso, antes de vir para cá.

— Bem, assim fico mais tranquila — confidenciou.

Sua vontade era agir como se o irmão não estivesse ali do outro lado, observando-os, no entanto Eduardo não conseguiu.

— Ele tem alguma coisa a ver com você estar aqui? — foi direto, perguntando num tom que só ela ouviu.

— Não! Quer dizer, não dessa forma que está pensando — Júlia nem titubeou. Ricardo a desarmara, agindo da forma como agiu e, por esse motivo, ainda que desejasse, do fundo de seu coração, ter motivos para culpá-lo, não conseguiu.

— Menos mal — Eduardo comentou mais para si mesmo do que para ela, um tanto sem ação com a presença do irmão na delegacia..

Se não tivesse se comprometido a depor, Ricardo teria se levantado e ido embora. Talvez, assim, aquele dia acabasse mais rápido. Mentiria se não admitisse que, muitas vezes, imaginou aquele reencontro. Porém, em sua imaginação, estava no controle de suas emoções e seria indiferente a ela.

De um modo bem simples, percebeu que a vida não segue um roteiro, pois a frieza e a indiferença, tão protagonistas em sua imaginação, não confirmaram presença em sua realidade. Pelo menos, não de seu lado.

Sentando no banco de madeira, não conseguiu desviar os olhos dos dois. Juntos, pareciam um casal. Para o diabo, se fossem. Afinal, por que estava tão incomodado com isto? Talvez porque não conseguisse mais enxergar como verdadeiras as tentativas de reconciliação promovidas por Eduardo. Diante da cena, só conseguia pensar que o irmão agira em benefício próprio. A simples possibilidade de mais uma vez ser enganado por alguém de quem gostava deixou-o irritado.

Levantou-se disposto a falar com os dois, porém, na mesma hora, um policial saiu conduzindo o segurança algemado e se dirigiu a ele.

— Senhor Vidal, o delegado o aguarda.

Ricardo fez que sim com a cabeça, acreditando que ter sido chamado fora a melhor coisa que poderia ter acontecido, pois não estava concatenando direito as ideias, logo era melhor se manter afastado para não fazer nenhuma bobagem.

Eduardo ouviu o relato de Júlia, ficando impressionado ao saber que no Brasil, um país mestiço, ainda pudesse haver pessoas que agissem de modo tão pequeno.

— Em pensar que, mesmo você me dizendo que não precisava ir, pensei em prestigiá-la... Se presenciasse algo do tipo, não seria nada diplomático... Ou seja, talvez eu não ter ido tenha sido a melhor coisa.

— Sou obrigada a concordar com você, Edu: ainda bem que não foi — Júlia conseguiu sorrir — Já pensou? Em vez de vir me buscar, estaria atrás das grades e, do jeito que as coisas são, aquele cara ainda sairia de vítima.

— Estas coisas só acontecem neste país: um monte de gente presenciar e não fazer nada! — comentou, ainda digerindo o que Júlia havia contado. Deveria ter parado por aí, porém, sua curiosidade não permitiu. Em seu relato ela não havia tocado no nome de seu irmão — Se não é do modo que pensei, como o Ricardo está envolvido no que aconteceu? Para manter a imagem do hotel, teve a coragem de defender o segurança?

— Não — Júlia odiava admitir, mas pelo menos na conduta perante o acontecimento, não tinha nada contra Ricardo — Ele chegou bem no meio de toda a confusão e intercedeu em meu favor. Além de deixar claro que demitirá o segurança, também se dispôs a depor sobre o que aconteceu.

Se não gostou da resposta, Eduardo não disse. Preferiu creditar a atitude de Ricardo ao fato de ele estar sendo sincero sobre o que viu e não por estar querendo posar de bom moço para Júlia, porque depois de tudo o que já a fizera passar, achava que não fazia o menor sentido.

Por ter presenciado apenas parte do conflito, o depoimento de Ricardo durou menos do que o de Júlia e o do segurança. Ainda assim, foi fiel a tudo o que presenciara, admitindo que o segurança a serviço em seu hotel tivera uma postura agressiva e discriminatória.

Mediante as palavras dele, o delegado que, até então, estava relativizando as coisas, achando que Júlia exagerara um pouco, pediu que ela voltasse à sua sala.

Ricardo e ela se cruzaram na porta e ele deu dois passos para o lado para que ela entrasse. A fragrância de seu perfume, atingiu-o como uma bala. Ficou meio desnorteado, sem saber como agir. Segundo o delegado, estava dispensado, porém, não queria ir para casa ainda, não antes de tirar uma coisa a limpo

Eduardo teria entrado na sala do delegado para fazer companhia à Júlia, se

fosse permitido. Porém, como não era advogado, restou-lhe apenas dizer que esperaria por ela.

Assim que ela foi chamada, foi até o carro pegar seu celular. Antes de sair do veículo, aproveitou para ligar para Rui e dizer que demorariam um pouco, porém, ele a deixaria em casa. Não deu muitos detalhes para não se demorar, pois não queria estar lá, quando Júlia saísse. Apenas disse que a situação estava próxima de um desfecho.

Estava trancando o carro, quando ouviu alguém se aproximar. Não precisou se virar para saber que era Ricardo. Era bem típico dele, agir assim. Girou lentamente até ficar de frente para o irmão.

— Irmãozinho — Ricardo destilou toda sua ironia — Então, hoje é o dia internacional da surpresa?

— Diria mais: é o dia internacional da surpresa desagradável — rebateu, sem deixar de o encarar. Queria entender como pudera admirá-lo tanto um dia.

— Pelo menos concordamos em algo — Ricardo sorriu — Pensando melhor, estou enganado, concordamos em muitas coisas. E eu que julgava termos gostos tão distintos. Se bem que nunca fui bom em julgamentos...

— Vai ficar com seus joguinhos, ou ser homem suficiente, algo que não tem sido nos últimos anos, e dizer de uma vez o que quer me falar? — Eduardo perdeu a paciência, pois queria entrar.

— Diga-me o que entende por ser homem suficiente? — Ricardo cruzou os braços, numa postura desafiadora — Não entendo muito da Bíblia, porém, no pensamento cristão a inveja não é um pecado? E não há alguma coisa nos mandamentos sobre a cobiça...

— Só faltava essa — Eduardo o interrompeu — Essa conversa não tem o menor sentido. Você perdeu todo e qualquer direito de me questionar, quando a abandonou no altar — fez questão de lembrá-lo — Portanto, não venha posar de bom cristão, evocando a Bíblia logo agora.

— Juro que tentava entender sua defesa tão veemente e não conseguia — Ricardo o ignorou, precisava dizer o que estava entalado em sua garganta — Na minha cabeça, fazia mais sentido, se ficasse do meu lado, afinal somos irmãos,

pensei que o sangue falasse mais alto... Agora, no entanto, tudo se encaixou como uma luva. Defendendo a Júlia, pedindo-me para perdoá-la, você se sentiria menos culpado, quando ficasse com ela. Não é mesmo? Pelo menos havia tentado...

— Não sabe do que está falando.

— Não apenas sei, como também vi. Deveria ver o modo como a olha, Edu... Tenho apenas duas dúvidas: isso começou agora ou você sempre a olhou desse modo e nunca notei? — aproximou-se mais — A outra, não menos importante: Foi você quem a engravidou?

O soco veio tão rápido que Ricardo mal teve tempo de se defender, sendo atingido na altura do queixo e caindo. Eduardo, sentindo a mão latejar, aguardou que Ricardo levantasse e revidasse. Porém, viu o irmão mais velho se levantar e se aproximar devagar, com a mão no queixo, movendo o maxilar de um lado para o outro, como se aquilo fosse capaz de diminuir o impacto sofrido.

— Já deu a resposta que eu precisava — falou, antes de virar as costas e sair, indo em direção ao seu carro. Entre os dias para esquecer, aquele entraria em seu hall. Seria colocado logo após o dia de seu casamento. Neste último, perdera a noiva. Agora, perdia o irmão.

— Fiança? — Júlia não escondeu sua decepção, diante da explicação do delegado.

— Sim, senhorita Pimenta. A justiça determinará um valor para a fiança e, se o senhor Marcelo realizar o pagamento, ele terá a liberdade provisória concedida e responderá o crime em liberdade. Sei que não é o que a senhorita gostaria de ouvir, porém, prefiro explicar o que acontecerá daqui para frente a iludi-la.

— Depois dizem que a justiça é igual para todos — resmungou, contrariada. Em todo caso, o delegado não tinha culpa e não descontaria nele sua frustração com as leis. Estendeu a mão para cumprimentá-lo — Muito obrigada.

— Às ordens — cumprimentou-a educadamente e a acompanhou até a porta, abrindo-a para que ela saísse. Júlia não soube dizer se era um gesto de gentileza ou apenas a felicidade em vê-la longe.

Sem querer pensar que para a polícia aquela ocorrência não era tão grave quanto outros delitos, saiu da sala, ficando feliz em pelo menos poder ir para casa.

— Finalmente podemos ir — dirigiu-se a Eduardo e o achou estranho. Ele não disse nada, apenas concordou com a cabeça e em silêncio caminharam até o carro. Abriu a porta para que ela entrasse e somente quando ele entrou no lado do motorista e segurou o volante que ela percebeu: sua mão direita estava machucada.

— O que houve? — apanhou sua mão, antes que ele ligasse o carro.

— Júlia eu... — não sabia nem por onde começar. Também não se atrevia a repetir o que Ricardo dissera. Permanecendo em silêncio, fechou a mão na dela. Talvez se o irmão tivesse revidado, não estivesse se sentindo tão mal.

— Olhe para mim, Edu — Júlia pediu — Não me diga que se rebaixou ao nível dele...

— Ficou mexida por tê-lo encontrado? — quis saber, ignorando-a. Manteve os olhos no volante. Notou que precisava ter certeza sobre o que ela sentia por ele, se é que ainda sentisse algo.

— O que importa? Só sei que amanhã será um novo dia e não precisarei vê-lo novamente. Logo, já estou feliz com isso — esquivou-se. Era óbvio que não tinha como passar por aquilo tudo incólume.

Eduardo queria dizer que para ele era importante saber. Na verdade sempre fora, só não admitira isso antes. Precisou ouvir da boca de seu irmão para se dar conta de que ele tinha razão em parte. Primeiro fora a atração, depois a amizade e a convivência trouxe algo mais forte. Nunca sentira inveja, desse ponto discordava. E, se estivessem casados, jamais o desrespeitaria. Agora, o que podia fazer, se ele a deixara? A convivência separa casais, mas também os une. Jamais fora movido por interesse, ou por desejar recompensa. No entanto, como não se apaixonar, conhecendo-a tão de perto? Como não achar Ricardo o homem mais burro do mundo? Ter o amor de uma mulher como Júlia e se desfazer dele, era o suprassumo da idiotice.

Eduardo ergueu o rosto, virando-se e olhando dentro dos olhos dela. A dor que sentia entre os dedos era o menor de seus problemas. O reencontro com o

irmão fora suficiente para lhe mostrar isso.

— Tem certas coisas que não consigo evitar — admitiu — Por mais que eu queira.

— Não precisa ser como ele...

— Escute — conseguiu fazer com que ela soltasse sua mão, sentindo que seus dedos inchavam — Jamais me igualarei ao Ricardo, por um simples motivo: não consigo nem pensar em magoá-la — e sem que ela esperasse, finalmente fez o que há muito sentia vontade de fazer: aproximou-se ainda mais e a surpreendeu com um beijo.

◆◆◆

Ricardo chegou ao hotel próximo da meia noite e não passou pelo saguão, subindo pelo elevador privativo cuja entrada ficava na garagem. Imaginou que no dia seguinte, estaria com um aspecto péssimo. Pensou em colocar gelo e esperar que isso amenizasse o hematoma. Contudo, considerava cancelar todos os compromissos e se dar uma folga.

Agora mais do que nunca, precisava de um banho relaxante, para tentar esquecer tudo o que acontecera. Não foram poucas coisas, a descarga de adrenalina foi bem alta. Abriu a porta do quarto rapidamente e entrou se livrando da camisa.

Sabia que reencontrar Júlia poderia ser impactante, só não imaginava o quanto. Seu queixo era prova disso. Além disso, tinha que admitir, ela estava linda e seu desejo não fora capaz de ignorar tal visão. Se pudesse retroceder no tempo, não teria descido, mesmo que Fátima implorasse. Teria continuado seu plano: um bom banho e uma companhia descartável para o jantar. Deixaria que os funcionários do Magista resolvessem tudo, independentemente do resultado. Seria muito mais fácil.

Como àquela hora a possibilidade de uma companhia descartável era inviável, afinal, não recorreria a profissionais, pensou que só lhe restava o banho. Livrou-se do sapato, das meias e depois da calça. Deixando as peças espalhadas pelo chão. Queria ter paciência para usar o furor, mas realmente era

algo que não possuía no momento. Estava apenas de cueca, dirigindo-se para o banheiro, quando bateram à porta.

— Inferno! O que mais me falta acontecer hoje? — bufou, apanhando uma toalha para enrolá-la na cintura. Não podia ser mais um problema no hotel, não naquela hora, não quando precisava urgentemente desestressar. Cogitou em não atender, no entanto sua intuição lhe disse que as batidas não cessariam.

Abriu a porta de má vontade e ficou surpreso ao ver sua gerente. O turno dela já havia acabado há muito tempo e ela ainda estava ali, esperando-o. Dava para ver na expressão dela o quão aflita estava.

— Vi chegar você chegar através das câmeras de segurança. Meu Deus, Rico. O que houve? Fiquei preocupada quando soube da confusão no hotel, só não sabia que havia chegado a este ponto. Não consegui ir embora sem falar com você, precisava me explicar... Sei que deveria estar aqui para solucionar. Assumo minha culpa e se isso manchar a reputação do hotel, pode me demitir, porém, ao mesmo tempo, você me instruiu a...

A mulher parecia ter engolido uma metralhadora. As palavras saiam em uma velocidade espantosa. Mal respirava, antes de falar. Aquilo já estava próximo de lhe dar uma dor de cabeça. Não estava precisando disso. Deveria estar furioso com ela, no entanto, no momento só queria que calasse a boca, mesmo porque não estava prestando mais atenção em nada do que falava. Era como assistir uma tevê sem som, só via os movimentos dos lábios, sem compreender o que estavam dizendo. Impulsivamente, ignorando a dor no queixo, tampouco pensando nas consequências deste ato, aproximou-se, puxou-a pela cintura e a calou com um beijo.

Capítulo 8

Se lhe fosse pedido para descrever o que estava passando em sua cabeça naquele exato momento, Júlia não conseguiria, tamanha gama de sentimentos que experimentava.

O beijo, apesar de intenso, não fora precipitado. Ao contrário, Eduardo fora comedido sem deixar de ser caprichoso, controlando-se para que seu desejo não a assustasse. Ainda assim, quando Júlia foi abrindo os olhos, seu coração estava disparado e sentia como se os seus lábios queimassem. Afastou-se devagar, aos poucos, desnorteada demais para saber se aquela era a atitude certa a tomar. Por duas vezes mais, Eduardo alcançou-a, encurtando a distância, e a beijando novamente, beijos mais curtos que o primeiro, mas tão intensos quanto.

Coube a ela se afastar em definitivo, totalmente desconcertada. Colocou as mãos sobre o peito dele, impedindo-o que voltasse a beijá-la. Elas tremiam ao fazê-lo. Era óbvio que o homem à sua frente era lindo, uma ótima companhia e beijava muito bem. Porém, sempre o vira como o irmão de seu ex, ou o tio de seu filho, jamais como alguém que pudesse desejá-la, mesmo porque a ele nunca faltou companhia feminina. A primeira sensação após o beijo, foi a de surpresa.

— Edu, você está confundindo tudo...

Tentou começar, mas ele a interrompeu, colocando delicadamente o dedo indicador da mão que não estava machucada sobre seus lábios.

— Não pense, Júlia, por enquanto apenas sinta — pediu, percorrendo com o dedo o desenho dos lábios dela — Não estou confuso, sei exatamente o que fiz e não me arrependo — concluiu, antes de aceitar a distância imposta por ela. Virou-se para frente, buscando o cinto para prendê-lo e verificou o retrovisor dianteiro, antes de dar partida no carro.

Após prender o cinto de segurança, Júlia repousou a cabeça no encosto do banco, sem saber como agir. Sua tendência era racionalizar tudo, pois desaprendera a lidar com os próprios sentimentos. Desde o casamento malogrado, não tinha estado com mais ninguém, para a incredulidade de Sarah

que a achava bonita e jovem demais para ser adepta do celibato.

No início, culpou a gravidez, afinal era complicado começar um relacionamento, esperando um filho de outro e, depois, com o nascimento de Felipe, ninguém era bom o bastante para conhecê-lo. Sua melhor forma de preservá-lo seria não deixar que se apegasse a homens que estivessem em sua vida de passagem.

No entanto, não houve relacionamentos de passagem, tampouco duradouros. Sua vida foi dividida em dois polos: maternidade e trabalho. Contentou-se com tal divisão.

Eduardo, por sua vez, era diferente. Era seu ex cunhado, o tio de seu filho, um amigo. Mais do que isso, era pessoa que não a deixou passar sozinha pela gravidez, fazendo-se presente durante o pré-natal e estando no hospital, quando dera à luz. Atualmente era a grande referência masculina para Lipe. Não duvidava do afeto que ele dispensava a seu filho. Porém, em relação a ela, sempre achou que seu cuidado todo tinha a intenção de compensar tudo que Ricardo lhe fizera passar, como se pedisse desculpas pela atitude dele e, protegendo-a, diminuísse a vergonha que sentira. Portanto, foi impactante descobrir, durante os beijos, que havia muito mais ali do que mera proteção.

Suspirou, era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, natural que estivesse confusa. Nem bem conseguira compreender o quanto aquele reencontro havia mexido com ela e agora tinha que lidar com o beijo, com a mudança de postura de Eduardo.

Só voltaram a falar, diante do prédio dela.

— Quer subir? — a pergunta saiu forçada, sabendo que, se ele aceitasse, seria muito estranho.

— Adoraria ver o Lipe, porém, a essa hora... — olhou no relógio — Apenas acompanharia seu sono. E, além disso, dá para ver no seu rosto que não está confortável.

— Beijá-lo não me deixou desconfortável — olhou-o nos olhos, afinal não mentiria sobre o beijo, dizendo que foi ruim, quando não fora. Eduardo não conseguiu evitar o meio sorriso, pois adorou ouvir aquilo — Só me deixou confusa... — aproveitou para soltar o cinto de segurança.

— Tudo bem, Júlia — compreensivo, resolveu que não forçaria a situação. Agora que demonstrara o que sentia, deixaria que ela pensasse a respeito. Entretanto, não pôde evitar olhar para os lábios dela e se recordar do beijo. Foi a primeira vez que Júlia notou o quanto aqueles olhos azuis podiam ser incandescentes. Foi como se o carro dele, um desses veículos utilitários esportivos, virasse um fusca com um espaço muito menor entre os dois.

— Tem que ver essa mão, Edu — mudou de assunto, embora estivesse realmente preocupada.

— Nada que uma bolsa de gelo não resolva — minimizou, mesmo que estivesse doendo bastante, com certeza bem menos do que o queixo de Ricardo.

Júlia fez menção de tirar o moletom dele, porém, Eduardo não permitiu.

— Ainda está frio, aqui fora. Quando estiver em casa, aí sim pode tirar — e quando ela abriria a boca para dizer algo em contrário — Estarei no conforto do ar condicionado, portanto, não precisarei agora.

— Obrigada, Edu, por ter ido me buscar — em outra ocasião, ela o teria beijado no rosto, no entanto, achou melhor não o fazer. Eduardo percebeu e também acreditou que aquela atitude fora a mais sensata, pois certamente lhe roubaria outro beijo.

— Fiquei feliz por ter ido — fez uma pausa — E trazê-la para casa em segurança.

Júlia quase sorriu do que ele disse, será que tinha noção de que ela não estava mais segura em relação a nada?

Despediu-se brevemente e não se surpreendeu quando ele desceu do carro correndo, só para abrir a porta para que ela desembarcasse. Júlia agradeceu e, quando estava a poucos metros de entrar, Eduardo a chamou. Quando se virou, ele estava encostado no carro, com a mão sã no bolso da calça jeans e a outra no capô. Sentiu-se como alguém que enxerga mal e coloca óculos pela primeira vez, pois, também, pela primeira vez, percebeu o quão sexy era naquela postura displicente.

— Diga — pediu, sem esconder a pressa de subir.

— Ia me esquecendo. Estive arrumando meu apartamento, agora só falta você deixar o Lipe passar uma tarde comigo, quando possível.

Júlia sorriu, assentindo com a cabeça.

— Combino com você. Tenha uma boa noite, Edu.

— Você também — desencostou-se do carro e deu a volta, entrando nele. Mal ela sabia que, apesar do desentendimento com o irmão, a noite já estava ótima.

◆◆◆

Ricardo surpreendeu-se. Que ela tivesse um corpo que ficava muito bem em suas roupas sociais, não duvidada, no entanto se imaginasse que sua fosse ainda mais bonita nua, já teria cedido às investidas dela antes. Não só a beijara, como a puxara para dentro do quarto. Para chegarem à banheira de hidro foi questão de minutos.

— Sei que vou me arrepender amanhã, Ellen, no entanto você é bem gostosa — sussurrou no ouvido dela, afastando seu cabelo da nunca para poder beijá-la.

— Duvido que se arrependa, Rico — fechou os olhos. As mãos dele a puxaram mais para trás. Havia imaginado tanto estar ali, que mal acreditava. Gemeu, quando ele começou a massagear seus ombros, antes de mordê-los levemente. Apesar da água estar em uma temperatura agradável, sentiu a pele toda arrepiar-se quando as mãos dele seguraram em sua cintura. Queria virar-se de uma vez para ele, no entanto, ainda assim era muito bom sentir suas carícias, enquanto a mantinha presa entre suas pernas fortes, o quadril tocando-lhe a ereção, a ponto de constatar o quão ele já estava excitado. Como era possível um homem como aqueles estar sozinho? Começou a pensar nisso, quando ele mordeu o lóbulo de sua orelha.

Dessa vez foi ele que fechou os olhos. Então, sua noite não estava arruinada de todo. Terminaria muito melhor do que começara, pouco se importando com o incomodo que sentia no local em que fora atingido. Sentira um pouco de dor ao beijar Ellen, mas isso não fizera com que parasse. Um pouco de dor não era de todo ruim, fazia com que se lembrasse que estava vivo. Muito vivo.

Suas mãos abandonaram a cintura dela e buscaram seus seios, trazendo-a mais para perto, estava resistindo a colocá-la em seu colo, porque queria fazer aquele alongar ao máximo o prazer que aquele momento lhe daria e nada melhor para isso do que torturá-la com preliminares demoradas. Ainda estava apenas começando.

Ela gemeu, quando ele tomou seus seios redondos e firmes nas mãos e Ricardo sorriu, adorando aquele som. Sentiu-a se contorcer quando se dedicou aos dois mamilos simultaneamente.

— Rico... — gemeu.

— Diga — pediu, continuando a brincar com seus mamilos, de modo hábil, conforme tantos encontros descartáveis o haviam ensinado a fazer. Achara seu ponto fraco, pois a mulher se contorceu novamente.

— Assim, Rico, não pare — pediu ofegante e ele obedeceu.

— Tudo o que você quiser, Júlia.

Ellen abriu os olhos na hora. Júlia? Ele a chamara de Júlia? Bruscamente afastou-se dele, levantando-se com tudo, espirrando água para fora dos limites da banheira.

Ricardo não entendeu nada.

— Quem diabos é Júlia? — Ellen irritou-se e Ricardo franziu a testa, incrédulo. Pela reação dele, ela notou que não havia se enganado. Ricardo levantou-se, tentando amenizar a situação.

— Ellen, eu...

— Você me chamou de Júlia — furiosa, não deixou que tentasse se defender de algo para o qual não havia defesa — Não sou surda, portanto, nem desperdice seu tempo.

— Calma! Estávamos indo muito bem aqui — pediu, dando dois passos em sua direção — Não deixaremos um detalhe à toa estragar tudo, deixaremos?

— À toa, a puta que te pariu — revoltada deu dois passos para trás,

afastando-se dele, antes de resolver sair da banheira. Agora entendia o motivo de estar sozinho. Mesmo sendo bonito e bastante experiente, era um idiota insensível.

— Caramba, está agindo como se fôssemos namorados. Nós apenas transaríamos, não ficariamos noivos — rebateu, ao vê-la apanhar a toalha e começar a se secar, furiosamente, enrolando-se nela em seguida para poder procurar pelas roupas — Vou te compensar, sabe que irei, olhe para mim, veja como você — frisou bem o pronome — Conseguiu me deixar — também saiu da banheira, na tentativa de acalmá-la.

— Vá para o inferno, Ricardo. Dane-se, você que se resolva sozinho! — abaixou-se para apanhar a calcinha, o sutiã e a saia. Com Ricardo seguindo-a, andou até o local onde estava sua blusa, em cima da cama, e sentou-se, começando a se vestir rapidamente sem se preocupar em ficar com o visual tão impecável quanto aquele que chegara — Ou melhor, por que não convida essa tal de Júlia? — levantou-se, acabando de fechar a blusa durante sua caminhada em direção à saída.

Ricardo bufou, quando Ellen saiu, batendo a porta. Enganara-se mais uma vez e adeus relaxamento. Conseguira estragar o instante, pelo simples fato de ter cometido um erro. Pior do que a troca de nomes foi ter permitido, depois de tanto tempo, que Júlia retornasse aos seus pensamentos.

Voltou ao banho, agora uma ducha fria, que não foi o suficiente para baixar seu estado de excitação. Prometeu que, da próxima vez, diminuiria alguns minutos das preliminares. E, como não era possível seguir a segunda sugestão de sua gerente, teve que se contentar com a primeira.

Capítulo 9

Ao receber o telefonema da recepção, Ricardo percebeu que seu plano de dormir até mais tarde havia falhado. Também não se surpreendeu com a reação da mãe, ao vê-lo.

— Rico, filho, o que houve? Foi assaltado? O delinquente que o agrediu já está preso? — examinou-o, sentando-se ao lado dele no confortável sofá de couro marrom.

Ricardo sorriu. Mesmo com um belo hematoma no queixo e com o fim de noite desastroso, ainda tinha algum humor.

— Estou bem, dona Constância. Poderia ter sido pior — falou sério, vendo sua mãe se aproximar para verificar de perto o estrago.

— Pior do que isso, filho? Como?

— Poderia ter desmaiado. Levar um soco nesta região é muito perigoso. No entanto, prova de que está se preocupando à toa é que estou vendendo saúde e nada de ruim ter me acontecido — brincou.

— Pare de brincar com coisas sérias — seu nervosismo era real — Quero saber tudo o que aconteceu... — pareceu se lembrar de algo — Isso teria algo a ver com a nota que saiu no jornal, na coluna do Nelsinho Gaspar?

— Estava deitado mãe, nem li os jornais ainda, como vou saber que nota é essa?

— Esse pessoal que enxerga racismo em tudo, Rico. O Nelsinho deu uma nota sobre um suposto mal-entendido com um funcionário do hotel...

— Como foram rápidos! — Ricardo surpreendeu-se.

— Então, você confirma o mal-entendido?

— Não foi mal-entendido algum — Ricardo fez ainda mais sério — A nota

está certa, o funcionário ofendeu uma pessoa pelo tom de sua pele.

— Que horror — Constância colocou a mão na boca — Como deixou que um marketing tão negativo tenha ido parar num jornal de grande circulação?

— Acha que isso é mais grave do que a agressão? — Ricardo não quis acreditar que ela estivesse falando sério.

— Claro que não — pensou bem na resposta — Há de ser feita a justiça e talvez o ofendido ganhe alguns salários mínimos de indenização. E depois esquece o caso. Bem diferente de um hotel ficar com essa fama.

— Fiz minha parte, fui à delegacia e meu depoimento foi a favor da vítima. Se esta atitude não refletir a idoneidade do hotel, não sei qual outra seria capaz. Além disso, o segurança era terceirizado, a Ellen que o contratou.

— Por falar nela, o que houve? Sempre é doce e gentil comigo e hoje deu-me um bom dia seco...

— Nem imagino — Ricardo deu de ombros — Talvez esteja naqueles dias, quem sabe? — brincou.

— Que humor, meu filho! — Constância o repreendeu — Isso não me importa. Quero saber de você; quando é que vai me contar o que houve? Sabe que tenho alguns amigos policiais, posso descobrir se essa agressão se deu em uma das delegacias...

— Não foi nada disso, mãe...

— Então me conte de uma vez, Ricardo! Não sei para que tanto suspense.

— Não acho justo aborrecê-la com minhas histórias.

— Aborrecida está me deixando com essa sua falta de respeito. Se não me disser o que houve, não sairei daqui.

Ou porque estivesse com raiva do irmão, ou porque conhecesse bem sua mãe a ponto de acreditar nela, acabou relevando o que acontecera, omitindo os detalhes da discussão.

Mais do que chocada e revoltada com a atitude do filho mais novo, Constância ficara abalada em ouvir dos lábios de seu primogênito o nome Júlia Pimenta.

◆◆◆

— Dia dos namorados em pleno domingo é um saco — Sarah resmungou, empurrando o carrinho. Não era a pessoa mais indicada para fazer compras do mês, porém, Wagner, que estava ficando em sua casa até melhorar, não tinha a menor aptidão ou vontade de substituí-la na missão. Júlia conseguiu rir da observação da prima.

— Posso saber o motivo?

— Ah domingo já é um dia maçante, porque traz a segunda-feira no seu encalce, sabe: uma espécie de presente surpresa e desagradável. Além disso, passa rápido demais. Sei lá, prefiro que o dia dos namorados caia às sextas ou aos sábados, porque dá para curtir o fim de semana todinho, fazer uma viagem ao lado de quem se ama... — fechou os olhos, porém, abriu-os rapidamente voltando à realidade — Agora o que eu faço com um boy em casa com o braço quebrado? Só sei que queria fazer qualquer coisa, menos estar com a prima em um hipermercado.

— Não seja mal agradecida, sou ótima companhia — Júlia brincou.

— Na maioria das vezes é mesmo, hoje não. Além de estar me escondendo detalhes da sua historia, ficou quase meia hora para decidir entre duas marcas de leite. Engraçado, quando é para a confeitaria, não hesita tanto....

— Que exagero, Sarah. Nem demorei tanto assim e,quem disse que estou te escondendo algo?

— Talvez o fato de que eu pergunto A e você responde B. Cansei de ouvi-la falar sobre o episódio com o segurança, se a justiça fizer seu papel, aquele homem vai pagar e aprender a nunca mais destilar sua ignorância. O que quero saber mesmo é se reencontrou o Ricardo. Esse encontro explicaria o motivo de estar tão estranha.

— Não estou estranha — discordou mais uma vez — Apenas acho que aqui não é lugar para esta conversa e, para ajudar, a Doce Pimenta ainda abre hoje, no fim da tarde.

— Isso é verdade, em pensar que ano passado havia tantos casais apaixonados... — Sarah suspirou.

— E você apanhou o solteiro misterioso com quem está até hoje...

— E este ano nem aparecerei, tentaremos usar este domingo com precaução — olhou-a como se lembrasse de algo — Júlia, espanta-me que você...

— Qual parte do estarei trabalhando não entendeu?

— Ok, assunto solteirice também está proibido. Já contratou uma babá para ficar com o Lipe?

— Não. Usei uma carta na manga.

— Diga-me de uma vez do que está falando.

— O Edu havia pedido para passar um dia com ele, logo... — Júlia sorriu ao se recordar da surpresa dele com o seu telefonema. Eduardo achara que ela falaria sobre o beijo, não sobre o Lipe. Entretanto, gostou do que ouviu e disse que só precisava ver se a geladeira estava abastecida para apanhá-lo.

— Caramba, além de não curtir o dia, ainda complica o dos outros.

— Não acho, ele estava bem feliz quando buscou o Lipe — a situação havia sido estranha, pois ela agiu como se nada tivesse acontecido.

— Você confia demais no Edu, hein! Porque para o Lipe dormir em casa a primeira vez, faltou me mandar passar pela entrevista para tirar o visto na embaixada americana!

— Como você é exagerada, Sarah — Júlia sorriu.

— No fim das contas, eu a entendo. Com um par de olhos daquele em cima da gente, quem não cede a qualquer pedido? Aliás, onde será que pego uma senha para ter quinze minutos com o Edu, hein? É o tipo de homem por quem

esqueceria de tudo, até do Wagner — Sarah brincou, achando estranho Júlia não ter rido como das outras vezes que citara seu ex cunhado.

— Viu, como está estranha? — pararam em frente à gôndola de conservas e Sarah pegou um vidro de seleta de legumes — Costumava rir das minhas brincadeiras... Se não me contar o que houve, ficarei chateada com você.

Júlia ajeitou o carrinho para que uma senhora passasse por ela e respirou fundo, desistindo.

— Quer que eu comece por onde? Por eu ter reencontrado Ricardo, por ele e o Edu terem brigado ou... — a pausa foi maior — Por ter sido beijada pelo Edu?

Júlia sabia que sua prima ficaria chocada, só não esperava que ela soltasse o vidro que segurava, deixando-o que se espatifasse no chão.

◆◆◆

Eduardo sentou-se ao lado do sobrinho no chão. Estava cansado, pois o garoto parecia ligado nos 220 volts. Já havia lido para ele, sido seu cavalinho, desenhado e, conforme Júlia dissera, desconfiava que após o almoço ele fosse ser vencido rapidamente pelo sono.

— Vamos brincar com os blocos agora? — propôs, chamando a atenção dele.

— A mamãe vai brincar com a gente?

— Mais tarde — Eduardo sorriu — Quando eu te levar para casa. Agora vamos empilhar os blocos? O maior ganha — desafiou-o, puxando a caixa de brinquedos, que havia sido preparada para aquela visita, para junto dos dois. Os olhos do menino brilharam, assim que viu os blocos de madeira, das mais variadas cores.

— Quero os azuis — Lipe apontou.

— Ei, não pode ser o verde? — Eduardo divertiu-se com a careta que ele fizera. Ver sua postura o fez sorrir ainda mais. Ele cruzou os braços na frente do corpinho e fez que não com a cabeça.

— Ai ai, vem aí mais um Pimentinha — Eduardo abriu os braços para ele. O menino hesitou, porém, foi — Está bem, você fica com os azuis, eu com os amarelos — Não conseguiu conter o riso, ao ouvir o menino bater palmas de felicidade.

Quando a campainha tocou, os dois se assustaram. Lipe chegou a fazer cara de choro, mas assim que Eduardo levantou-se, com ele no colo, espantou a vontade de chorar.

Estranhou que o porteiro não tivesse avisado. Torceu para não ser nenhuma de suas amigas, pois não pensaria muito, antes de se dizer ocupado e dispensá-la.

Abriu a porta de vez, com um discurso pronto, porém, a fala morreu em sua garganta, ao ver quem estava ali.

— Continua com uma péssima educação, Eduardo. Além de sair por aí, agredindo os outros, com essa idade ainda não sabe as regras de etiqueta — Constância reclamou, diante da expressão surpresa do filho — Convide-me para entrar de uma vez.

E então, antes que ele pudesse fazer o convite, os olhos da mulher foram para o garoto. Era um belo menino. Cabelos claros, olhos amendoados e escuros e bastante esperto. Devolveu à Constância o mesmo olhar de curiosidade, um tanto fascinado com seus cabelos da mesma cor que os blocos amarelos. O que mais chamou sua atenção foi aquele bracinho em volta do pescoço de Eduardo.

— Não me diga que saiu com alguém mais irresponsável do que você e me tornou avó? — pediu e Eduardo se controlou para não fechar a porta na cara dela.

— Ele não é meu filho — admitiu de má vontade.

— Realmente — mais uma vez prestou atenção no garoto, detendo-se em sua feição. A sensação era estranha, ultrapassava o achá-lo bonito, estava o achando familiar — Não se parece com você — completou intrigada.

— Vamos para os blocos, tio Du...

O menino apontou para os brinquedos, deixando claro que queria voltar e dizendo à Constância o que ela não quisera acreditar. Não entendia. Se aquele

fosse mesmo o filho da cozinheira como pudera sair tão claro, tão bonito? Pior, notou que, se tivesse olhos verdes, lembraria bastante o seu falecido marido, quando criança.

— Meu Deus! — foi a única coisa que conseguiu dizer num primeiro instante. Depois, surpreendendo Eduardo, estendeu as mãos para o garoto e carinhosamente o chamou — Venha. Adoraria conhecê-lo melhor. Vem para o colo da vovó?

Capítulo 10

— Vá brincar, Lipe — Eduardo colocou o menino no chão e ele hesitou, afinal tinha ficado interessado naquela mulher, porém, a dúvida demorou pouco, até colocar os olhos nos blocos com os quais estava brincando. Constância aproveitou a distração do filho para entrar sem ser convidada e quando ele se virou, já estava dentro e observava a criança com verdadeiro fascínio.

Eduardo passou por ela, fechando a porta e aproveitando para se aproximar mais, já que não queria que o menino ouvisse.

— Vovó? — não sua aparição não era bem vinda — Pelo que me lembro, você nunca admitiu que o Ricardo fosse o pai da criança e agora vem com essa?

— Maneira de falar, Eduardo! — defendeu-se, pois a aparência do garoto a tinha surpreendido de tal maneira que mal conseguira segurar a língua — Tenho a idade para ser avó dele e, quando o chamou de tio, foi natural.

Ela olhou em volta, definitivamente não gostava daquele lugar. Parecia-lhe moderno demais, em sua ótica, um moderno ruim, pois preferia espaços mais tradicionais. Jamais moraria em um loft por maior que fosse, pois a falta de divisórias separando os ambientes dava-lhe a impressão de desmazelo. Nas poucas paredes existentes, quadros com as fotos mais premiadas, algo que não agradava suas vistas por não serem assinados por alguém famoso. Se ele fosse bem jovem, tudo bem, porém, o espaço não parecia condizente a um homem de trinta e seis anos. Do lado oposto à onde estavam havia uma escada que levava para um segundo nível, onde ele dormia. Parou de olhar o ambiente, para não se cansar ainda mais e perguntou de uma vez:

— Quer dizer então, que esse garoto lindo é realmente filho da Júlia?

— Por que não seria?

— Sei lá, talvez porque seja muito clarinho, não é? Quer dizer, não puxou muito a mãe. Vemos tantas histórias... Será que não foi trocado na maternidade?

— Pelo amor de Deus, pare de falar bobagem! — Eduardo se conteve para

não elevar o tom de voz — Isso é bem mais comum do que parece! Você sabia que o bisavô de Júlia era branco?

— Não e não tinha a obrigação de saber disso. Ou tinha? — Constância se irritou.

— Diga, Constância, o que exatamente quer aqui? — cruzou os braços — Tenho certeza de que não foi para tratar de assuntos dessa natureza.

— Como disse, está muito agressivo, Eduardo.

— Ah sim — balançou a cabeça inconformado — O Ricardo não cresce mesmo! Não acredito que já foi correndo te contar o ocorrido...

— Ele não me contou — defendeu seu primogênito — Fui visitá-lo e acabei descobrindo. Aliás, tive que insistir para que ele falasse o que havia acontecido e não imagina a minha decepção... Seu irmão foi bastante benevolente, qualquer outro teria aproveitado a proximidade da delegacia e prestado uma queixa e te colocado atrás das grades.

Eduardo passou a mão nos cabelos.

— Pois saiba que lhe serei eternamente grato...

— Usando de sarcasmo com sua mãe, que coisa feia! Onde exatamente esqueceu a educação que te ensinei? Ainda não entendo como pude acertar tanto com um e errar tanto com o outro — ignorou a expressão do filho — Vai me deixar em pé aqui?

Quem hesitou dessa vez foi Eduardo. Na verdade, conhecia sua mãe muito bem para saber que só tinha ido até ali para recriminá-lo pela briga e, de uma hora para a outra, estava se demorando demais para ir embora.

— Claro que não. A senhora gostaria de se sentar?

Constância sorriu, fazendo que sim com a cabeça. Juntos caminharam até onde ficava o sofá e ele esperou que ela se acomodasse. O sofá ficava bem em frente ao lugar em que o menino brincava. Motivada pela curiosidade, nem se incomodou tanto com o fato de afundar mais do que o desejado. Em sua opinião, mais um móvel que combinava mais com pessoas mais jovens. De lá podia

observar melhor o garoto. Estava encantada com ele.

— Tem água? — indagou, assim que finalmente conseguiu se sentir menos incomodada. Eduardo fez que sim com a cabeça e já estava saindo para buscá-la, quando completou — Com gás, por favor.

Engoliu em seco e fez que sim com a cabeça. Nem bem ele se afastou, Constância se dirigiu ao garoto.

— Felipe, eu também gostaria de brincar. Você deixa?

Ao ouvir seu nome, o garoto levantou o rosto e sorriu. Apesar de estar na fase em que começava a brincar com os amigos imaginários, não dispensava uma companhia real. Ao mesmo tempo, não gostava de dividir seus brinquedos com alguém que não conhecia.

— Qual cor você gosta mais? — a voz de Constância soou tão harmoniosa que o menino olhou bem para ela, antes de escolher entre os bloquinhos de madeira o que mais gostava. Segurando um bloquinho da cor azul, correu até o sofá e o estendeu para ela.

Quando Eduardo retornou com o copo de água, Lipe já estava no colo de Constância e se divertia com os botões do casaco que ela usava. Engoliu em seco, pois sabia que Júlia não gostaria nada de saber daquela aproximação, afinal Constância também havia lhe virado as costas, aceitando a versão de Ricardo.

— Vem, Lipe — chamou ao entregar o copo para ela, estendendo os braços para o menino, no entanto, ele continuava muito entretido com os botões para abandonar o lugar.

— Para que dar um nome tão bonito para uma criança para chamá-la por um apelido? — Constância comentou naturalmente, após tomar um pequeno gole de água, como se não percebesse o quanto Eduardo estava intrigado com todo aquele carinho e cuidado repentino.

— Pelo que me recordo, desde criança já chamava o Ricardo de Rico, então, não faz nenhum sentido o que está dizendo... Estou surpreso que esteja aqui, porém...

— Já está querendo que eu vá embora? — ergueu o rosto para olhar nos

olhos dele — Não se fazem mais filhos como antigamente — estendeu o copo para ele — Obrigada — sob o olhar de Eduardo, despediu-se do garoto.

— Foi um prazer conhecê-lo, Felipe. Queria brincar mais, porém, seu tio deseja que eu vá embora.

— Tio Du, já vou embora também? A mamãe não chegou.

— Não Lipe — Eduardo lançou um olhar de repreensão para a mãe, e com jeito explicou — Ainda temos muito a fazer, você ainda tem que almoçar, tomar banho, descansar.

— Ah não! Descansar? — fez uma careta contrariado.

— A mamãe só vai chegar depois que descansar — Eduardo argumentou com paciência.

Constância sorriu. Além de tudo, era um garoto sagaz e, pelo jeito com bastante personalidade. Um Vidal, com certeza. Beijou o menino no rosto, antes de pedir a ajuda do filho para se levantar. Eduardo ajudou-a e não se surpreendeu, quando ela não fez questão de se despedir. Passou por ele e ela mesma abriu a porta para sair.

Assim que a porta fechou, Eduardo coçou o queixo, sem entender o que havia acontecido ali.

◆◆◆

— Estou sem palavras, Júlia — Sarah declarou, após ouvir o relato detalhado da prima. Haviam comprado tudo o que precisavam e agora, dentro mesmo do hipermercado, haviam entrando em uma lanchonete para tomar um suco — Mentiria se não dissesse que já desconfiava, porém, sendo muito sincera, acreditava que continuaria platônico. No entanto, como rolou beijo de língua... Bem, o platônico foi para o espaço.

— Só não entendo porque logo agora?

— Pelo amor de Deus, Júlia, não me diga que balançou ao ver o Ricardo!

— Foi estranho. Não tenho um botãozinho de liga e desliga para certas situações. Por mais que não quisesse, voltou muita coisa ao vê-lo. De repente, estava diante do homem com quem um dia sonhei em passar o resto da minha vida...

— E foi salva pelo gongo. Hoje enxergo que ele ter pulado fora foi o melhor que te aconteceu. Como seria estar casada com um fraco que, na primeira oportunidade, desconfia de você?

— Não sei. E nem pensava mais nisso, até vê-lo. Aí no mesmo dia, ele age como o homem por quem me apaixonei, sendo sincero e ficando ao meu lado, mesmo isso podendo representar propaganda negativa para o hotel do qual ele é dono. Depois briga com o Edu e, para fechar a noite o Edu me beija. Percebe quanta loucura em uma só noite?

— Loucura seria você ter terminado a noite com o Edu. Desculpe-me, prima. No entanto, para mim o Ricardo já era, é passado. Tem que focar no seu futuro.

— Não tenho certeza...

— Qual a dúvida? Não a entendo.

— Sei lá, acho que o Edu só quer me proteger. Tudo o que faz é nesse sentido... Não duvidaria que, para me proteger do irmão, tenha me beijado...

— Escuta o absurdo que está falando, Júlia. Ainda que tivesse um pouco de razão, desde quando proteger e amar não podem coexistir na mesma frase?

— Não sou de cristal, Sarah e se quisesse ser protegida, namoraria com um segurança... E, além do mais, o que as pessoas pensariam disso?

Sarah riu.

— Você é tão radical, às vezes, que até me assusta. Pelo que me lembre, até aqui você se virou sozinha e está fazendo o melhor para educar o Lipe e a Doce Pimenta está crescendo com muito esforço, graças a você e a uma equipe maravilhosa. Então, o que importa o que as pessoas pensarão? E, além disso, não tem nada demais em uma mulher moderna como você se deixar ficar sob a proteção de um gostoso como o Edu — sorriu da expressão da prima — Não mudarei o jeito que falo dele só porque se beijaram, então, trate de se acostumar.

Retomando, acho que está inventando desculpas para não dar uma chance para ele.

— Não estou inventando desculpas...

— Nunca compreendi os raios de ditados que minha mãe insistia em dizer, mas sou obrigada a usar um deles agora. Dizem que “Gato escaldado tem medo de água fria”. Porque um homem a magoou, tem medo de qualquer outro que se aproxime. Então, arruma um jeito de desqualificá-lo. Uma desculpa para não admitir o seu temor. A desculpa que inventou para não dar uma chance para o Edu é que só está ao seu lado para ressarci-la por todo o dano que o irmão dele te causou.

— Fala de um jeito que faz parecer ridículo.

— Ah, talvez, porque para mim pareça. Supondo que o Edu seja o mais nobre dos homens e só faça isso para consertar um erro que nem mesmo cometeu, como explica o beijo?

— Não sei, Sarah, vai saber o que passa na cabeça dele.

— Assista um canal adulto que vai saber muito bem o que passava na cabeça dele, quando a beijou — Sarah foi tão direta que Júlia olhou para trás para ver se ninguém tinha escutado — Você mesma me disse que ele nunca teve problemas em arrumar companhia. Então, ele perderia o precioso tempo a beijando por compaixão? Para mim, essa não cola. Se a beijou é porque a deseja, oras. Vou até um pouco além, isso já faz tempo e, posso estar enganada, mas não é só de desejo físico que estou falando.

— Seu problema, Sarah, é que lê muito romance, assiste muita comédia romântica. Aí acha que as coisas acontecem como nesses livros e filmes. Só que a realidade é bem menos emocionante.

— Claro, a realidade está cheia de mulheres teimosas e medrosas como você. Nos livros e nas comédias românticas que recrimina, as mulheres pelo menos têm a coragem de se jogar de cabeça, viver o momento, para depois lidar com as consequências.

— Na vida real, o que pode acontecer, quando você se "joga de cabeça" — propositalmente fez o sinal das aspas, pois sabia que era algo que a irritava — É

ser abandonada na igreja, diante de centena de convidados.

— Caramba, já voltou para o Ricardo? Desapega e volta para o assunto Edu. É dele que estou falando.

— Entendi o recado, Sarah — olhou no relógio — Agora realmente preciso ir. Seu príncipe encantado do braço quebrado deve estar bem feliz, esperando que volte para o ninho de felicidade de vocês.

— Odeio essa sua versão debochada — Sarah fez uma careta — E para seu governo, não tem ideia do que é possível se fazer, mesmo ele estando com um braço quebrado.

— Eca, eu passo de imaginar estas cenas! — continuou zombando.

— Vai pegar o Lipe agora? — Sarah mudou de assunto propositalmente.

— Não, o Edu se prontificou a estar com ele o dia inteiro.

— Você não quer o bofe, mas o impossibilitou de ficar com qualquer outra nesta data...

— Ele que se ofereceu para ficar todo esse tempo — fez questão de corrigi-la — E se ele estivesse namorando, não teria tanto tempo livre.

— Ok, já entendi — Sarah sabia que ela não daria o braço a torcer — Se, por um acaso, aquela louca da Júlia, a que conheci quando éramos adolescentes, retornar, diga a ela que até meia noite ainda é Dia dos Namorados.

— E daí? Sabe que atualmente essa data só significa para mim alta nas vendas. E isso funcionando já está ótimo.

— Só queria te pedir para se lembrar do antigo significado, quando o Edu for levar o Lipe.

— Eu que o buscarei — corrigiu-a, feliz por tê-la impedido de continuar com a bobagem que diria.

— Melhor ainda — Sarah deu de ombros e piscou para ela — Homens adoram delivery.

— Deixa de ser podre e vamos de uma vez! — Júlia protestou, fazendo a prima sorrir.

◆◆◆

Era o terceiro ano consecutivo em que a Doce Pimenta atraía casais apaixonados para o Dia dos Namorados. Alguns comiam ali mesmo na confeitaria, no entanto a grande maioria saía de lá com doces que seguiam em caixas no formado de coração.

Desde o primeiro ano, em que a loja ainda não era conhecida, os números só faziam aumentar.

— Com o programa isso vai bombar — Karin previra e não se enganara. A maioria ávida para experimentar os doces à base de pimenta, especialidade da casa, porém, acabando por se encantar com a variedade de guloseimas, doces e tortas.

Júlia havia feito questão de chegar duas horas e meia antes da abertura para preparar tudo o que tinha mais saída.

— Não quero nada de ontem nas vitrines — havia informado à equipe, pedindo que os funcionários responsáveis pelo balcão liberassem as vitrines, tomando cuidado para embalar tudo corretamente, visto que havia feito uma parceria e doava todos os doces que não fossem vendidos no dia, porque achava desumano o desperdício de comida, mesmo aquela que não era básica. Ficava satisfeita ao saber que crianças que não podiam comprar, tinham a oportunidade de se deliciar com aquilo que fazia de coração.

Realmente, a procura deste ano estava superando as demais e o ritmo intenso do trabalho fez com que Júlia se esquecesse das questões levantadas pela prima.

◆◆◆

Qual mulher gostaria de ter seu nome trocado em um momento de intimidade? Ellen achava que nenhuma, especialmente se tivesse esperado por aquilo por tanto tempo. Não se importava se Ricardo tivesse achado sua reação

exagerada, queria ver como ele se comportaria se fosse o contrário.

No entanto, não era nisso que estava pensando. E sim no tal nome, na tal mulher. Se havia uma coisa da qual se orgulhava era a de ter uma excelente memória. Assim, natural que associasse que ele pronunciara àquele ouvido na convenção: Júlia Lins Pimenta.

— Não seria possível, seria? — pensou alto, antes de ir procurar Fátima para obter mais detalhes sobre a confusão que culminara na demissão do segurança envolvido.

Fátima respondeu todas as suas perguntas, mas não foi o suficiente para saber se estava certa em sua desconfiança. Estava prestes a digitar o nome em um mecanismo de busca, na internet, quando Ricardo entrou em sua sala.

Ele havia se iludido que pedir desculpas para sua gerente seria algo fácil. Encomendara uma joia, no formato de gargantilha, esperando que isso aplacasse a fúria de Ellen. Precisava restabelecer a boa relação que tinham, pois ela era seu braço direito. Se tivesse pensado melhor, jamais a teria beijado e a puxado para dentro do seu quarto.

— E então? — havia aberto o estojo e ela continuava quieta.

— É como trata suas amantes? Joias no dia seguinte?

— Claro que não, Ellen. E, você mais do que eu sabe que não podemos nem ser chamados de amantes.

— Então é uma espécie de suborno para eu não entrar com um processo por assédio sexual? — continuou mordaz.

— Você teria coragem de fazer isso? — não escondeu sua incredulidade.

— Claro que não, mas poderia.

— Tenho noção que fui idiota e queria, de coração, desculpar-me com você.

Ellen fechou o estojo e o empurrou de volta para ele.

— Não quero a joia. Sabe Deus se foi comprada para mim ou se era alguma

sobra de seus outros relacionamentos.

— Ah qual é, Ellen? Estou tentando. Preciso muito de você aqui no hotel e não quero esse clima ruim entre a gente.

— Prometo fazer a minha parte, senhor Vidal — foi fria, olhando no relógio — Agora tenho que ir embora, já deu o meu horário.

— Não vai aceitar mesmo o meu presente? — bateu com o dedo indicador no estojo, enquanto ela se levantava.

— Não. Pode devolvê-lo. Ou, talvez seja melhor ficar, pois do jeito que você é, não faltará oportunidade para passá-lo adiante — com um breve aceno despediu-se, deixando claro para ele que seria difícil voltarem às boas.

◆◆◆

— Com mais dois Dias dos Namorados no mesmo ano, fecharíamos no azul sempre — Rui comentou bem-humorado, faltando menos de duas horas para o fim do expediente, ele estava confeitando mini bolos, os últimos da noite.

— Ficaria louca — Karin sorriu, tirando com cuidado uma forma cheia de cupcakes do forno — Perdi a conta da quantidade de caixinhas em formato de coração que vi sair. Nesses dias parece que todo mundo tem um par.

— Todo mundo, menos você — Andreia comentou bem-humorada, referindo-se à própria situação. Afinal, mesmo casada, sentia-se sozinha. Seu marido trabalhava tanto quanto ela e não tinham uma cultura de comemorar pequenas coisas. Em sua estação, estava se dedicando aos brownies.

— Do jeito que vai, daqui a pouco o espaço estará pequeno — Júlia se integrou à conversa, focando-se apenas nos aspectos profissionais. Naquele dia, embora todas as receitas de doces à base de pimenta fossem suas, estava fazendo apenas as sobremesas que eram servidas geladas. Agora, finalizava o mousse de chocolate, que levava além da pimenta dedo-de-moça, hortelã e canela.

Quando começaram, a confeitaria ficava na mesma rua, porém, em um espaço menor. E agora, depois de dois anos nesta nova sede, a sensação de que

precisaria procurar um novo imóvel e contratar mais pessoas vinha amadurecendo.

— Tenho certeza disso, Júlia — Rui concordou — As pessoas vivem se preocupando com as calorias e não saem das confeitarias.

— Verdade, e a cada dia tenho pensando mais nisso. Acho que com a ajuda de uma nutricionista, poderíamos lançar uma linha diet... Pode ser um nicho a ser explorado.

— Se mesmo em meio à crise, estamos crescendo, sou a favor de expandir a clientela —Karin comentou e teria continuado, se um dos balconistas não tivesse ido até a cozinha industrial — Algum problema, Sandro?

— Na verdade, pediram-me que elogiasse a todos e, se possível, que chamassem a Júlia. A pessoa faz questão de parabenizá-la pessoalmente.

— Sem problemas. Rui, por favor, leve estas taças à geladeira — Júlia pediu, limpando as mãos em um pano de prato e, enquanto caminhava, tirou o chapéu, tendo o cuidado de manter o penteado intacto.

A mulher ergueu o rosto para encará-la, assim que surgiu atrás do balcão.

— Então você é a chef? Pedi o que havia de mais apimentado — começou — E foi uma das melhores experiências gastronômicas que já tive. Muito bom. Foi como voltar à infância.

— Obrigada — Júlia sorriu. A bela mulher à sua frente retribui também com um sorriso simpático.

— Só queria dizer isto, que tem muito bom gosto, senhorita Júlia Pimenta — estendeu a mão — E, a partir de hoje, uma admiradora. Prazer, Ellen Marques.

Capítulo 11

O bom da localização da Doce Pimenta era o fato de poder ir andando até o apartamento de Eduardo, pois era muito perto. Algo que teria feito com o maior prazer, se não estivesse de carro, principalmente para levar o filho para casa.

Mesmo achando totalmente inadequado, pelos últimos acontecimentos, também levou com ela uma das caixas no formato de coração. Não havia contado para nenhum deles sobre o beijo e, por isso, não entenderiam sua recusa em levar alguns doces para Eduardo, já que todos sabiam quais eram seus preferidos.

Assim, quando ele abriu a porta, lá estava ela segurando a caixa. Eduardo usava um shorts de time de basquete norte-americano e uma camiseta vermelha. Apesar de os cabelos estarem desalinhados, passara longe de estar feio. Era o tipo de homem que ficava bem de qualquer jeito e Júlia se pegou notando isso, assim, como desejando não estar tão de qualquer jeito, num jeans skinner que era quase um uniforme de tanto que gostava de usá-lo. Teve certeza de que a influência de Sarah era quem estava fazendo com que reparasse em detalhes como aqueles e se preocupasse com a roupa que estava vestindo para ir buscar o filho.

— Uau, isso sim é uma surpresa boa — comentou bem-humorado, cumprimentando-a com um beijo no rosto e fazendo um gesto para que entrasse.

— Antes, fique com isso — passou a caixa para ele, fazendo-o sorrir.

— Ser pedido em namoro no dia dos namorados não seria muito clichê?

— Todos insistiram muito para eu trazer e como sei que gosta...

— Poderia chegar com as mãos vazias que, para mim, continuaria perfeito — piscou-lhe, fazendo um gesto para que entrasse.

— E o Lipe, deu muito trabalho? — mudou de assunto, parando para esperá-lo, pois ele foi guardar os doces na geladeira.

— Só me fez ver o quanto estou ficando velho — Edu alcançou-a e juntos caminharam até o sofá — Brincou muito, jogou bola, quis me apresentar para o Nando...

— Ah, não diga, ele trouxe o tal amigo imaginário junto!

— Sim, ou seja, tive que cuidar de duas crianças — sentou-se logo depois dela.

— Nossa, a primeira vez que ele conversou com esse tal Nando, tomei um susto e tanto. Aí me explicaram que é bastante comum, principalmente na idade dele.

— Pois é, só sei que os dois me deixaram quebrados — espreguiçou-se.

— Ele não está lá em cima, está? — Júlia olhou as escadas preocupada. Do jeito que Lipe corria, para ele cair não era difícil. Aliás, aquele era o único ponto no apartamento dele que a deixava apreensiva.

Eduardo levantou-se e estendeu a mão para que ela o acompanhasse. Júlia demorou um pouco para apanhar a mão dele, mas o fez.

— Tire os sapatos — ordenou e a viu tirar os sapatos de salto alto, perdendo uns bons centímetros a fazê-lo. Eduardo, só para acompanhá-la, visto que o chinelo não fazia barulho no piso, também ficou descalço — Vem — ele a puxou.

Atravessaram o amplo apartamento e quando estavam próximos, Júlia sorriu. Eduardo não havia mentido, quando dissera que havia preparado seu apartamento. Ele tinha comprado uma dessas tocas infantis e, dentro dela, Lipe dormia em um saco de dormir, como se fosse a melhor cama de todos os tempos. Ao lado da cabana, percebeu um saco de dormir, onde ele estivera deitado, até ela chegar.

— Viu? A última brincadeira foi acamparmos. Ele não aguentou.

— Imagino — olhou embevecida para o filho.

— Vem — Eduardo a puxou mais uma vez e Júlia deixou-se levar. Conduziu-a até o quarto escuro, onde entraram com cuidado — Espero que não

se importe, mas também brincamos de fotógrafo.

Após se adaptar à pouca luminosidade do lugar, os olhos de Júlia percorreram as fotos que secavam no varal. O sorriso que veio aos seus lábios foi genuíno.

— Aquelas, foi ele quem tirou — apontou e Júlia riu ao ver borrões e apenas partes do rosto de Eduardo.

— Ufa, por segundos pensei que era alguma maneira nova e abstrata de fotografar — fez uma pausa — Dei conta que você o deixou mexer na máquina... Não venha me cobrar o prejuízo depois.

— Prejuízo seria perder esses momentos. E quanto à máquina, era uma antiga — sorriu — Posso parecer, no entanto não sou tão bobo assim.

Disso não tenho dúvidas, ela pensou, mas não disse.

— Edu, não tenho como me importar com a brincadeira — preferiu deter-se nas fotos que ele havia tirado — Meu filho foi fotografado por um dos melhores fotógrafos do país. Vou querer a maioria — avisou.

— Ficarei apenas com uma, todas as outras serão suas — prometeu, feliz em vê-la feliz. Tinha pensado em fazer um jantar surpresa para ela, mas seria forçar muito a barra, principalmente considerando o fato de que ela não costumava jantar.

— Promessa é dívida.

— Sei disso, fica a seu cargo me cobrar — disse e o silêncio entre os dois foi algo inédito e constrangedor. Finalmente soltou a mão dela, para poder apanhar em sua cintura, dessa vez usando as duas mãos. Precisava contar sobre a visita indesejada, entretanto só conseguia pensar na proximidade dos dois.

— Edu... — Júlia começou e ficou surpresa com a facilidade com que ele a levantou e a colocou sentada na mesa na qual trabalhava revelando as fotos — Preciso ir.

— Quem disse que não a deixarei ir? — sorriu, colocando-se entre as pernas dela. Como a mesa era alta, praticamente acabava com a diferença de altura —

Só precisava fazer isso de novo — e inclinou-se para frente para beijá-la.

Júlia fechou os olhos. Dessa vez, a conversa toda com Sarah fez o maior sentido. Passou os braços em volta do pescoço dele e correspondeu o beijo da maneira que ainda não havia feito. Eduardo foi mais para frente, puxando-a mais para si, sem acreditar que finalmente aquilo estivesse acontecendo. Se da primeira vez fora preciso roubar alguns beijos, agora ela não estava tão surpresa e correspondia, fazendo com que seu sangue fervesse.

— Feliz Dia dos Namorados, Júlia — obrigou-se a parar de beijá-la, encostando sua testa a dela — Pode ter certeza de que este será inesquecível para mim.

— Para mim também — confessou, disposta a vencer seus receios todos e considerar a possibilidade de ele vir a ser mais do que um amigo.

◆◆◆

Ricardo levantou-se da cama. Mais um sonho. Novamente Júlia. Não imaginava que reencontrá-la seria capaz de fazer ruir o muro que erguera em seu redor.

Sentindo o chão frio sob os pés, saiu do quarto e foi até a sala. Todos os quartos tinham um cofre e o daquele ficava atrás de um quadro de Botticelli. Removeu o quadro cuidadosamente, deixando-o em cima do sofá, e digitou a combinação, abrindo-o rapidamente. Apanhou a caixinha. Era a única coisa que não deixava em sua casa, preferindo que ficasse no apartamento, em um local onde somente ele tivesse acesso.

Nem se preocupou em fechar o cofre. Segurando a caixa de veludo preto, caminhou até a mesa de jantar e sentou-se. Colocou-a sobre a mesa e a abriu. Era engraçado, a confusão na qual se transformara o restante daquilo que deveria ser a cerimônia de casamento, não foi a pior parte. Como todos os presentes estavam no apartamento em que morariam, foi ele quem os devolveu e a quem coube vender o imóvel. Foi lá também que encontrou as alianças. Quando se livrou de tudo o que o fazia pensar em Júlia, ainda restavam as alianças. Pensou em se desfazer delas, no entanto, no último instante, não conseguiu.

Tirou as alianças da caixa, primeiro a que passaria a ostentar depois de

casado. Leu a inscrição: Júlia, para sempre sua. Depois aquela que seria dela: Eternamente apaixonado, Ricardo.

As alianças tinham sido feitas separadamente, pois a inscrição seria uma surpresa, mais um presente de casamento. A sintonia dos dois era tanta que praticamente escreveram a mesma coisa. Ao ler as frases, sorriu tristemente. Pareciam inscrições ridículas agora. Eternamente e para sempre haviam durado pouquíssimo tempo. E Júlia... Bem, seria mentira dizer que não havia imaginado mil vezes como estaria e, principalmente, com quem estaria. Só não esperava reencontrá-la, afinal, estava indo muito bem em seu plano de jamais se envolver de novo, mesmo que isso significasse magoar as pessoas. Pior, não esperava encontrá-la ao lado de seu irmão. Se blindara tanto, tanto se mantivera afastado e para que? A dor estava de volta. Pois olhá-la era se recordar de que a única mulher que amara fora capaz de traí-lo.

— Por que tinha que aparecer agora, Júlia? — suspirou, olhando a aliança.

Fechou as duas alianças na palma de sua mão e depois fechou os olhos, fazendo uma coisa que há muito não fazia: sentiu saudades do tempo em que estavam juntos. Lamentou-se por tudo o que acontecera e principalmente pela pessoa que havia se tornado.

◆◆◆

Com a viagem de Eduardo à trabalho para o Rio, foram duas semanas falando-se apenas por telefone. Telefonemas muito diferentes do que comumente trocavam, evidenciando que as coisas estavam caminhando para um possível namoro.

— Finalmente, Júlia. Estava mais do que na hora de fazer a fila andar — Sarah estava falando com ela por telefone, logo cedo.

— Não se empolgue, Sarah. Sabe que não gosto de criar muita expectativa, nem de muito grude.

— Está apenas desacostumada. Um pouco de grude, às vezes, é bom. Precisa voltar a curtir um pouco, Júlia. Ainda sabe o que é isso?

— Sinceramente, não — Júlia caminhou até o quarto de Felipe. O menino dormia de uma maneira tão gostosa que teve dó de acordá-lo.

— Que tal um barzinho hoje, comigo e com o Wagner? E se o Edu chegar cedo, pode convidá-lo.

— Não sei... Provavelmente ele estará cansado e depois tem o Lipe...

— Você poderia deixá-lo com sua mãe, pelo menos uma vez. Minha tia sente falta do neto e no fim você a está punindo pelo comportamento do seu pai. E se o Edu não for, bem, você nunca precisou estar acompanhada para sair.

— Sarah...

— Se quiser ir adiante mesmo, melhor começar perdoando mágoas antigas. E no fim, fará bem para o Lipe também ter um contato maior com a avó.

— Vou pensar com carinho — prometeu — Agora tenho que desligar, porque tenho que acordar o Lipe, prepará-lo para deixá-lo no colégio.

— Tudo bem, às seis horas entro em contato e nem ouse me dizer que não vai!

Júlia apenas riu, sem concordar ou discordar da prima. Sarah podia até ter razão em algumas coisas, porém, não conseguia ser assim, passando uma borracha no passado e agir como se nada tivesse acontecido. E, além do mais, ainda tinha que se acostumar ao que estava acontecendo.

◆◆◆

— Você devia se ouvir, Constância — Vicente comentou sério, antes de tomar um gole de chá. Sua amiga estava falando sem parar, sobre o mesmo assunto — Pensei que tivesse vindo me visitar.

— Vim, claro. Você virou um amigo relapso, desde que voltei da Europa, não foi mais me ver — serviu-se de mais um pouco e ofereceu para ele, mas o homem negou, fazendo com que ela colocasse o bule de porcelana sobre a mesa.

— Tenho estado muito ocupado mesmo. Mas, sempre com tempo para um

bom chá inglês. Enquanto você está obcecada pela sua descoberta.

— É que fiquei boquiaberta. Pense num garotinho lindo, um anjinho de cabelos claros. Quase tão claros quanto do meu Rico, quando criança. Juro por Deus, jamais imaginei que fosse ter um neto assim, não vindo daquela cozinheira. Se soubesse dessa possibilidade, teria pensando em alguma outra coisa, não na infertilidade.

— Isso quer dizer o que? — Vicente tentou entender — Que se arrependeu?

— Não, de maneira alguma. Veja bem, ela nem retornou e já fez meus filhos brigarem! Arrependida estaria, se o casamento tivesse se consumado. Longe dela, o Rico progrediu muito. O inverso já não sei se seria possível. Agora, se o Felipe pudesse vir sem a mãe, aí seria perfeito.

— Sempre que penso no que fizemos, eu me sinto mal, Constância. Se imaginasse que o desfecho teria sido aquele, faria tudo diferente. Foi bastante difícil a situação na Igreja.

— A única coisa difícil para mim foi não poder expressar o quanto estava feliz — Constância confessou.

— Ainda que seu filho estivesse sofrendo e a noiva arrasada?

— Sofrimento é algo que dá e passa; além de nos fazer mais fortes. Veja, a cozinheira até que progrediu também. Ou seja, para ela também foi melhor seguir longe do Rico.

— E cada vez mais próxima do Eduardo. Não compreendo, Constância. O Eduardo também é um Vidal e no caso dele, você não se importa.

— Eduardo é um caso perdido — Constância comentou pesarosa — Nunca teve o mesmo apego que o Rico à família. Se eu dependesse da companhia dele para ser feliz, estaria perdida. Já o Rico, nunca me abandonou. Mesmo tendo que ficar a maior parte do tempo no hotel, ainda mantém seu quarto em casa.

— Filhos são feitos para o mundo, Constância. Recriminar o Eduardo por essa independência é injusto.

— Que seja, eis aí outro motivo para não me preocupar com a proximidade

do Eduardo e da cozinheira. Enquanto estão próximos, ela está longe do Rico. Vai demorar para compreender a diferença principal entre meus filhos. Eduardo é feito um navio: gosta muito de estar ancorado em algum porto, mas nasceu mesmo para navegar. Agora o Rico é completamente diferente. Pode fazer mil viagens e em todas estará buscando sempre voltar para o lar. Por isso, me espanta que não tenha aparecido com alguém ainda.

— Ou talvez, só esteja errada e sofrimento não seja assim tão simples. Talvez ele ainda pense em...

— Nem ouse em terminar a frase. Não há a menor chance disso acontecer.

Vicente balançou a cabeça sem se conformar. Não havia um resquício de arrependimento na voz dela.

— Falemos em coisas agradáveis. Quero dar um jantar em casa, na próxima sexta-feira. Sei que não gosta de comemorar seu aniversário, porém, adoraria se me deixasse fazê-lo.

— Constância... — tentou protestar.

— Por favor, Vicente. Já te pedi coisa pior — foi tão franca que ele sorriu.

— Eu, você, o Rico. Talvez peça para ele trazer uma acompanhante para não ficarmos em número ímpar na mesa de jantar. Acho que dá azar.

— Tudo bem, Constância... — concordou a contragosto e bastou que aceitasse para ela pedir sugestões sobre o menu.

◆◆◆

Júlia contratou uma babá para ficar com o filho, pois ainda não conseguia deixá-lo com sua mãe. Quanto a Eduardo, conseguiu falar com ele, no entanto, como previu, ele mal havia chegado à cidade e, por isso, não lhe deu certeza de comparecer. Ainda assim, prometeu se divertir, visto que já havia perdido a conta da última vez que saíra.

Sarah e Wagner passaram em sua casa por volta das vinte horas e juntos foram para um barzinho na Vila Madalena, onde tocava samba. Como ele tinha

acabado de tirar o gesso, mas ainda usava uma tipoia, era Sarah quem estava dirigindo.

— Espero não ter exagerado muito — Júlia disse insegura ao descerem do carro, afinal era tanto tempo sem vida social que temia ter pecado na escolha do figurino. Tinha escolhido uma minissaia preta com um top cropped azul. Completando o visual, não podia dispensar os brincos em forma de argola e o sapato de salto alto também preto, pois se achava baixa, com seus 1.67.

— Está ótima, Julinha — Wagner avaliou-a, olhando-a dos pés à cabeça, apenas para provocar a namorada. Esta última havia se vestido para matar, com um vestido branco justo e com um decote generoso.

— Concordo — Sarah foi sincera, deixando claro que o namorado falhara na provocação. Júlia era a irmã que não tivera, jamais teria ciúme dela, ou se indisporia com ela por causa de um namorado. Era mais fácil acabar o namoro do que brigar com sua prima.

Júlia dava-se muito bem com o namorado dela, principalmente por saber que fazia muito bem a ela. Sarah podia não demonstrar muito, mas gostava dele como jamais gostara de nenhum outro. Tudo bem que sua aparência ajudava muito, afinal o belo negro de quase um e noventa de altura, como personal trainer, tinha uma presença marcante. Desse modo, formavam um casal que chamava atenção. Além disso, estavam aproveitando o incidente no qual ele se machucara para experimentarem morar juntos. E vinha dando certo até agora.

— Uau, não esperava que fosse tão cheio — Júlia observou o ambiente, assim que se instalaram em uma mesa, de onde era possível ver a pista de dança — Estou enferrujada mesmo — admitiu, provocando risos nos dois.

— Nada que dançar um pouco não melhore — Sarah a provocou.

— Ah não, faz tanto tempo que nem sei se me lembro — Júlia negou com a cabeça.

— Dançar é algo que não se desaprende, querida, então arrume uma desculpa melhor. Se até o Wagner, com esse braço, vai me tirar para dançar daqui a pouco é muito ruim de eu te deixar sair ilesa desta.

Júlia sorriu, sabendo que ela estava falando sério e não a deixaria em paz. E

sua prima estava certa, porque depois de um tempo, dançou primeiro com o próprio Wagner, que Sarah lhe "emprestou" e depois com um rapaz que a convidou.

Eduardo entregou a chave do carro para o manobrista e foi em direção à entrada. Pensou que estaria muito mais cansado do que estava, por isso, não dera certeza de que iria. No entanto, nunca tinha estado com Júlia em um barzinho e pensou que não queria perder essa oportunidade.

A maioria do público era negra e, por isso, enquanto entrava teve a impressão de que alguns homens o olharam de maneira estranha. Acreditando que fosse só impressão, entrou e começou a procurar por Júlia. Acabou avistando Sarah em uma mesa e se encaminhou até lá. Ficou sem graça ao chegar, enquanto ela beijava o namorado.

— Hummm — pigarreou e deve ter ficado vermelho de tão sem graça, pois quando Sarah voltou-se para olhá-lo, acabou rindo.

— Edu, que bom que veio! — levantou-se para cumprimentá-lo, beijando-o no rosto.

Wagner fez o mesmo, cumprimentando-o com um aperto de mão.

— Sente-se — convidou e os três se sentaram.

— A Júlia está no toalete? — quis saber e Sarah fez que não com a cabeça e apontou para onde ele poderia encontrá-la. Eduardo virou-se e ficou surpreso. Não sabia que ela dançava, tampouco que o fazia tão bem.

Quando acabou a música, o rapaz à conduziu até a mesa e dessa vez quem ficou surpresa foi ela, ao ver o recém-chegado.

— Obrigada — falou para seu partner da dança, dispensando-o, enquanto Eduardo levantava para recepcioná-la. Antes de abraçá-la, teve que admirar o visual dela.

— Está maravilhosa — disse em seu ouvido, durante o abraço.

— Obrigada — falou sem graça e o viu puxar a cadeira para que ela sentasse,

sentando-se em seguida.

Apesar de não se conhecerem muito bem, Wagner e Eduardo se integraram de imediato e, por esse motivo, as conversas fluíram normalmente.

Quando Wagner e Sarah voltaram à pista, o mesmo rapaz voltou a convidar Júlia para dançar, porém, dessa vez ela recusou educadamente.

— Não precisa parar de dançar, só porque estou presente — Eduardo falou seguro, fazendo com que Júlia o olhasse admirada.

— Está falando sério?

— Sentirei um pouco de ciúme — brincou — Porém, no fim das contas, sou quem irá levá-la para casa mesmo — deu de ombros, fazendo-a sorrir — Agora falando sério. Quer dançar?

Júlia olhou-o sem acreditar no convite.

— E então? — levantou-se, estendendo-lhe a mão.

Júlia sorriu, aceitando o convite. Os dois chamaram atenção ao se dirigirem para a pista.

— É impressão minha ou todos estão nos olhando? — Eduardo indagou bem-humorado — Nesse momento estão invejando o branquelo aqui e esperando para ver de camarote ele pagando o maior mico por ter chamado logo você para dançar.

— Deixe de ser bobo — apesar do tom dele, Júlia sabia que era exatamente o que boa parte das pessoas que os olhavam estava pensando. Até Sarah, que estava a caminho da mesa, puxou a mão de Wagner para que ele esperasse, pois queria vê-los dançar.

Contrariando a expectativa de todos, e a surpreendendo, Eduardo mostrou logo nos primeiros passos que sabia dançar.

— Edu, nem imaginava...

— Gostei. Mesmo correndo o risco de passar vergonha, não recusou meu

convite — respondeu, sem perder o ritmo e segurando em sua cintura — Um homem que dança... — interrompeu o que diria, mas Júlia percebeu o que falaria e riu.

— Conquista mais mulheres — completou, deixando-se conduzir por ele.

— Isso você que está dizendo — respondeu, puxando-a mais para si, colocando a mão na base das costas dela.

Dançaram duas músicas seguidas, antes de voltarem para a mesa, de mãos dadas. Ele puxou a cadeira para que ela sentasse.

— Dançar me deu sede. Vou pegar algo. Quer água, suco, refrigerante?

— Aceito suco, qualquer um — Júlia agradeceu e o viu sair.

— Vou até lá com você — Wagner se ofereceu, levantando-se também e repetindo a mesma pergunta para Sarah, que não quis nada.

— Estou passada — Sarah confessou, assim que se afastaram — E ainda dança?

— Pois é, também não sabia.

— É prima, parece que tem muita coisa a descobrir sobre ele. Sabe que basta um telefonema para que a babá fique por mais tempo, não é?

— Sarah... Tem mais de três anos que... — Júlia balançou a cabeça, constrangida demais para continuar.

— É, quase voltou a ser virgem, mas primeiras vezes existem para isso. Desencana um pouco, Júlia! — pediu — Posso até falar demais, contudo que seria o desfecho perfeito para essa noite, isso seria. E, ainda que não admita, sabe disso também.

Eduardo pagou as bebidas, enquanto Wagner esperava que seu drinque ficasse pronto.

— Você olha as bebidas, enquanto vou ao banheiro? — pediu e Wagner confirmou.

— Vai lá, eu o aguardo aqui e voltamos juntos.

Eduardo agradeceu-o e se retirou. Usou o banheiro e, quando estava lavando as mãos, foi abordado por dois homens negros, provavelmente de sua idade.

— Não acha que está no lugar errado? — um deles perguntou.

— Que eu saiba, não — Eduardo respondeu calmamente — Tem isso de lugar certo ou errado?

— Para quem tem noção, sim — o outro se intrometeu — Vocês já têm tudo, ainda precisam dar em cima das nossas mulheres?

— Suas mulheres? — Eduardo segurou-se para não rir — Desculpe-me, porém, não me aproximei de mulher alguma que seja sua.

— Não se faça de tolo, entendeu muito bem do que estou falando — o homem se irritou.

— A única coisa que entendo é que não vivemos sob o regime de apartheid e me relaciono com quem bem entender, desde que haja interesse da outra parte também. E, sinceramente, esta conversa já se estendeu mais do que devia — deu as costas e retornou para o bar, onde Wagner o esperava. Tudo o que não queria era se envolver em uma confusão.

A conversa foi o suficiente para fazer com que mudasse, ficando mais quieto do que o costume, e quando Júlia lhe perguntou o motivo, atribuiu ao fato de finalmente ter sentido o cansaço da viagem.

— Se quiserem ficar mais, nós já estamos de saída — Júlia anunciou, perto de dar onze horas.

— Nós vamos também — Wagner falou em nome dos dois, porque queria ficar sozinho com a namorada.

Juntos, os dois casais foram pagar as comandas e saíram. Despediram-se na porta do barzinho e o carro de Sarah saiu primeiro e o de Eduardo, logo em seguida. Mesmo sem ter bebido, dirigiu com cuidado e não demorou para chegar ao destino, estacionando diante do prédio de Júlia.

— Adorei a noite — ela confidenciou — Descobrir mais uma faceta sua, foi muito bom.

— Eu nem viu a melhor parte — provocou, malicioso, antes de soltar o cinto para beijá-la. Mesmo sabendo que não era possível, adoraria que ela o chamasse para subir ou que fosse para o apartamento dele. No entanto, não havia esperado tanto, para querer apressar as coisas agora. Esperaria o tempo que fosse preciso, pois sentia que valeria a pena.

Capítulo 12

Júlia sentiu as mãozinhas do menino sem seu pescoço e sorriu. Adorava que ele fosse carinhoso. Pelo menos era o que lhe ensinara, abraçando-o e o beijando sempre que podia.

— Que delícia de abraço, Lipe. Assim, vou querer ser abraçada toda hora — falou retribuindo o abraço — Você vai conseguir me abraçar toda hora?

— Não — respondeu, após alguns segundos.

— Ué! Por que não, Lipe? — Júlia o provocou, fingindo decepção — Pensei que abraçar fosse seu super poder.

— Porque você não está na minha escola — respondeu de uma forma tão simples, que Júlia o apertou ainda mais, beijando-o repetidas vezes nas bochechas. Entendeu o recado e no fim das contas gostou da resposta.

— Prometo que passaremos mais tempo juntos, Lipe. Agora, já que falou em escola, está na hora de ir — afrouxou o abraço e olhou no relógio. Na verdade, estavam quase atrasados.

Apesar disso, não correu e dirigiu com cuidado, chegando no colégio na hora, porém, demorando quase cinco minutos para conseguir deixá-lo. Cortou-lhe o coração o fato de seu filho seguir à risca seu pedido e não querer parar de abraçá-la, obrigando a professora a intervir para entrarem. Lipe ameaçou chorar, mas para o alívio de Júlia, isso passou ao ver as outras crianças.

Quando imaginava ter um filho, não pensava em deixá-lo na escolinha quase que o dia inteiro. Queria que ele tivesse a mesma sorte que ela, que fora criada pela avó e que passara a maior parte do tempo em casa. Verdade que não era uma escola paga, como a de seu filho, porém, o tempo de permanência também não era excessivo. Às vezes, o menino voltava tão exausto que adormecia não muito depois do jantar.

Esperava que não estivesse trabalhando demais. No entanto, queria

proporcionar a seu filho tudo o que sua infância modesta não lhe permitira.

— Que bom que chegou — Rui foi o primeiro a cumprimentá-la, mal ela entrou na cozinha.

— Algum trabalho de Hércules? — brincou, passando em direção ao vestiário, no entanto parando na porta deste para ouvir a resposta.

— Um casamento no interior de São Paulo. A festa vai durar de sexta à domingo. Embora tenham contratado um buffet grande, querem que a parte dos doces fique sob a nossa responsabilidade.

— É complicado isso — Júlia suspirou — Tem muito ego neste meio. Se o cozinheiro chefe do tal buffet for contra nossa contratação... Aí já viu.

— Pelo que eu sei, manda quem pode, obedece quem tem juízo — Karin intrometeu-se na conversa — Bom dia — sorriu — Quis dizer que, se o cliente está pagando e quer os dois serviços, o tal chef que engula o ego.

— Em todo caso, temos que verificar. São muitos dias e interior... Quando a festa é muito grande, sempre é necessário que um de nós vá...

— Sei, pense no Lipe — Rui voltou à conversa.

— Eu sei que ele sente falta de mim, porque já me disse. Agora imagine: os únicos dias em que posso ficar mais tempo com ele, perder viajando à trabalho.

— Bem-vinda ao dilema da mulher moderna — Karin comentou bem-humorada — Ou foca no dinheiro e sacrifica a família, ou foca na família e sacrifica o dinheiro.

— Na minha opinião, tanto você quanto a Andreia já estão aptas a fazer o que faço, sabem tudo sobre as receitas.

— Menos improvisar, quando algo dá errado — Karin discordou.

— Por falar na Andreia, onde ela está?

— Hoje era o dia da consulta dela, esqueceu-se? — Rui fez questão de recordá-la — Chegará mais tarde.

— Esqueci-me completamente. Devo estar ficando velha.

Karin e Raul trocaram olhares e foi o confeiteiro que respondeu:

— Se fala isso para dizermos que ter trinta e um anos é ser nova, que está com uma pele maravilhosa e que, graças a ela, aparenta menos, então, tire seu cavalo da chuva, pois não ouvirá isso de nossa boca.

Júlia riu, finalmente entrando no vestiário, para se trocar.

◆◆◆

Afundado no trabalho, Ricardo percebeu que o tempo passou mais rápido. Só conseguiu tirar Júlia da cabeça, quando a mãe o avisou do jantar em homenagem ao doutor Vicente. Com receio de que a mãe convidasse alguma mulher, que julgasse ser perfeita para ele, acabou convidando Ellen para acompanhá-lo. Verdade que a gerente demorou até aceitar, porém, o convite surtiu mais efeito que a joia.

Assim, na noite combinada, caprichou no visual, colocando um de seus vestidos mais caros no intuito de impressionar Constância. Imaginara que, se tivesse um tempo a sós com ela, tentaria saber se conhecia a tal Júlia e o que achava do fato de Ricardo demonstrar interesse por ela.

Ao chegarem à casa de Rico, ficou impressionada com o jantar oferecido por Constância e tudo estaria perfeito, não fosse por um detalhe: o atraso do homenageado.

— Vicente não é de fazer isso, Rico. Ele é um lorde, jamais se atrasaria deste modo. Estou preocupada — Constância declarara, após tentar falar com o médico, sem sucesso.

Ricardo olhou as horas no relógio de pulso. Quase vinte minutos de atraso. Teria tentado minimizar, se sua mãe não estivesse tão nervosa.

— Façamos o seguinte, vou até a casa do doutor Vicente — Ricardo falou decidido — E, se preciso, eu o arrasto — brincou, para dissipar o clima estranho — Na pior das hipóteses nos desencontramos. Pode fazer companhia à minha

mãe, Ellen?

— Claro, Ricardo. Pode ir sossegado.

Ricardo agradeceu e colocou-se a caminho imediatamente.

◆◆◆

Depois de mais um dia cansativo no Doce Pimenta, ao pegar Lipe na escola, Júlia só queria tomar um bom banho e dormir. O plano era deitar-se com o filho, assim que ele fosse dormir.

Desde o dia em que fora ao barzinho não havia falado com o Eduardo e isto, em vez de deixá-la insegura, dava-lhe tempo para pensar melhor em tudo o que estava acontecendo.

— Antes de tomar banho, deixarei escolher sua roupa — Júlia anunciou, abrindo a gaveta onde ficavam as camisetas do garoto — Que cor você quer usar?

Lipe, desceu da cama, ficando na ponta dos pés para conseguir olhar na gaveta. Teria pego uma camiseta azul, mas no último momento escolheu a amarela.

— Amarela, como o cabelo da vovó.

Júlia tomou um susto. Tentou esconder do garoto a surpresa diante do que acabara de ouvir.

— Que vovó? A sua vó tem o cabelo parecido com o da mamãe. É mais uma amiguinha que só você vê?

— Não! — fez o gesto com a cabeça, reforçando a resposta — Ela foi na casa do tio Du.

Júlia deu um sorriso amarelo. Adeus planos. Deu banho e janta para o garoto e juntos no quarto dela viram uma animação, antes de ele adormecer. Ainda não eram oito horas, quando ligou para Eduardo.

— Nossa, agora me senti importante.

— Preciso falar com você, Edu — a voz dela saiu séria demais. Do outro lado da linha, Eduardo percebeu imediatamente e estranhou. Olhou no relógio, de sua casa à dela, não dava mais que trinta minutos.

— Em meia hora estou aí — falou, sem lhe dar tempo para esboçar qualquer reação. Como estava sem camisa, apanhou uma camiseta limpa no guarda-roupas e a vestiu, ficando pronto para sair, sem necessidade de trocar o jeans lavado ou o tênis que usava. Pegou a chave do carro e chegou a trancar o apartamento. Retornando, para apanhar uma sacola que estava em cima do sofá.

Estourando um pouco o tempo anunciado, Eduardo pediu que o porteiro avisasse que estava subindo. Fez isto, porque não queria tocar a campainha e correr o risco de acordar seu sobrinho. Pela hora, ele já deveria estar dormindo. Percebeu que era algo sério, quando desceu do elevador e Júlia o esperava na porta do apartamento.

— Queria muito que fosse saudades, porém, não está me parecendo que seja — comentou sério.

— Na verdade, Edu, só queria saber quando me contaria sobre Constância. Se é que pretendia fazê-lo — não escondeu o nervosismo.

— Entremos — sugeriu e juntos entraram no apartamento. Viu-a sentar-se no sofá e sentou-se diante dela, na poltrona, colocando a sacola no chão — Pronto, pergunte-me o que quiser.

— O que a Constância foi fazer em sua casa?

— Cobrar-me pela briga com o Ricardo.

— E ela viu o Lipe? — quis saber e ele fez que sim com a cabeça — E soube quem ele é?

— O Lipe me chamou de tio, logo ela deduziu que fosse seu filho.

— O neto que ela renegou — Júlia deixou escapar.

— Desculpe-me, se soubesse que ela apareceria, teria saído com ele...

— Você não tem uma bola de cristal, como saberia? — Júlia tentou sorrir, até

hoje não entendia o motivo de Constância ter pedido que guardasse segredo sobre a gravidez e se achava idiota em ter concordado e ainda pedido para o Edu manter segredo. Quantas vezes não repassava em sua cabeça o que teria acontecido se não tivesse seguido aquele conselho infeliz? E depois, dias após o ocorrido, ainda se humilhara ao procurá-la.

— Se meu filho diz que não pode ser pai, Júlia, sinto muito. Deve refazer as contas e entrar em contato com o responsável, porque não pode ser dele. É uma moça esperta, se fez com que o Rico se apaixonasse por você, talvez consiga prender o outro com o mesmo encantamento. Se tiver escolhido certo, mesmo que não case, poderá ganhar uma gorda pensão e o pai da criança poderá contribuir muito na criação dela.

Aquilo acabara com ela. Só não chorou, porque estava seca de lágrimas. Por esse motivo, não queria Constância perto de seu filho, não depois daquelas palavras tão duras, ditas sem a menor cerimônia.

— Só não gostei de ter escondido isso de mim, Edu — achava que era um fato muito importante para ser omitido.

— Não foi a intenção, Júlia. Porém, lembra-se do que aconteceu, quando foi buscar o Lipe? — timidamente ela fez que sim com a cabeça — Meu Deus, mentiria se dissesse que consegui pensar em outra coisa além de você. Sei que não é desculpa, no entanto é a verdade. E depois, acabei não voltando ao assunto.

Júlia ficou em silêncio por instantes.

— Não quero essa mulher perto do meu filho! Muito menos ouvir o Lipe a chamando de avó!

— Ainda que ela seja — viu a expressão dela ficar ainda mais contrariada — Também não vejo com bons olhos esta aproximação. Se depender de mim, não deixarei que se repita — imitou o gesto de juramento de um escoteiro — Ainda está muito nervosa comigo?

— Não — falou pausadamente — Desde que não me poupe de nada. Não sou de cristal, Edu. Consigo suportar muita coisa...

— Não tive a intenção de poupá-la. Chegou até aqui porque tem fibra — levantou-se, apanhando a sacola e sentando-se ao lado dela — Só aconteceu o que te disse mesmo. Não consegui pensar em mais nada, além de nós dois.

Júlia baixou os olhos sem graça. Eduardo percebeu e tirou o que estava dentro da sacola. Viu a face dela se transformar, ao perceber o que era.

— Promessa é dívida. Aqui estão as primeiras fotos do álbum — estendeu-o para ela. Júlia apanhou o pequeno álbum que estava envolto em papel manteiga e, depois de desembrulhá-lo, começou a folheá-lo.

— Ficou muito bonito — falou impressionada, conseguindo sorrir.

Eduardo ficou observando a reação dela, divertindo-se toda vez que ela sorria.

— Lindo mesmo. Você é um excelente fotógrafo.

— O modelo ajudou muito — sorriu-lhe de modo encantador — Prefiro você sorrindo, do que zangada... Por isso, desculpe-me novamente — apanhou o álbum da mão dela e o colocou no outro sofá.— Sei que é a hora em que deveria me levantar e ir embora — comentou, sentando-se ao lado dela — Porém, não consigo. Está sendo uma tortura manter distância, depois de estar tão próximo.

— Não tenho sido muito constante, admito. Sei o que quero, no entanto, tenho receio... — admitiu.

— Quem falou que estou reclamando? Gosto de mulheres difíceis mesmo — brincou — Estou apenas dizendo que a cada dia que passa, meu desejo por você aumenta. E espero com todas as forças que esteja acontecendo o mesmo contigo.

— Depois de muito tempo, você é a primeira pessoa com quem quero estar — confessou.

Eduardo sorriu, feliz demais em ouvir aquilo.

— Ganhei a noite, após esta frase. Nem me importaria em tomar mais mil broncas, se me dissesse isso novamente sempre ao fim delas — declarou, antes de aproximar-se e beijá-la levemente nos lábios — Quanto ao receio, não precisa temer, não pretendo magoá-la. E se depender de mim, nada será capaz de nos

separar.

◆◆◆

— O doutor Vicente não saiu — informou-lhe o porteiro — Tenho certeza. Estou aqui há muito tempo, eu o teria visto,

— Estranho, estamos o esperando para um jantar e ele não é de se atrasar. Minha mãe ficou preocupada.

— Vou interfonar — o porteiro avisou e o fez inúmeras vezes, sem sucesso.

— Há uma chave extra? — Ricardo questionou, preocupado.

— Há, mas não é permitido...

— Estou convencido de que algo grave aconteceu. O doutor Vicente já tem uma idade avançada. Quer ser acusado de omissão, caso esteja certo?

O homem arregalou os olhos.

— Claro que não, porém, posso ser despedido... Não posso abandonar meu posto, para acompanhá-lo.

— Se for demitido, eu o contrato — prometeu impaciente — Agora dê-me essa chave de uma vez — abriu a mão, esperando que ele lhe desse.

O homem hesitou muito, antes de fazer o que foi pedido. Com um péssimo pressentimento, Ricardo entrou no elevador e apertou o andar em que o médico morava. Quando ficou diante de sua porta, ainda apertou a campainha duas vezes, antes de colocar a chave na fechadura e abrir a porta.

— Doutor Vicente — chamou, entrando devagar, encostando a porta, atrás de si. O apartamento estava silencioso e pouco iluminado. Só agora percebia que era um espaço muito grande para um homem sozinho. Vicente Queiróz não havia casado, tampouco tivera filhos de fora do casamento. Era um homem já passado dos sessenta anos que, tirando as amizades, não tinha um convívio muito próximo à família.

Continuou a chamar pelo médico, indo de cômodo em cômodo e, quando se aproximou do quarto dele, começou a ouvir um ruído, um som estranho, algo que foi entrando em sua mente, deixando-o agoniado. Ao se aproximar mais, percebeu que era um gemido. Não pensou duas vezes antes de derrubar a porta da suíte. Ficando em silêncio, percebeu que aquele som, vinha do banheiro.

Correu até a porta e respirou aliviado ao perceber que não estava trancada. Porém, ao girar a maçaneta e empurrá-la, enxergou o médico caído de lado ao fim dos degraus que levavam para o furô. Como estava de roupão, deveria ter caído, após sair do banho.

— Dr. Vicente! — Ricardo se ajoelhou ao lado do homem, tentando entender o que acontecera. Pelo que pôde perceber, ele estava sentindo muita dor, só não conseguia determinar onde e nem se havia batido a cabeça.

Sentiu vontade de movê-lo, porém, lembrou-se de um dos treinamentos com o pessoal da brigada de incêndio, quando simularam a evacuação do hotel. Na ocasião, em resposta à pergunta de alguém, o bombeiro fora enfático em sua recomendação de que só se deveria mover um acidentado, se houvesse certeza absoluta de que ela não tivesse ferimentos internos que pudessem piorar ao ser movido de qualquer maneira. Esta era uma certeza que não tinha e, por mais que lhe doesse deixá-lo daquele jeito, fez o que julgou ser o correto. Antes mesmo de confortá-lo, ligou para a emergência pedindo uma ambulância e para o porteiro, informando o ocorrido.

— Vai ficar tudo bem, Dr. Vicente — apanhou a mão do amigo de longa data de seu pai. Teve que ser forte, porque estava impressionado. Sempre havia escutado falar sobre o perigo de queda para os idosos, porém, nunca imaginou que pudesse acontecer com alguém que conhecesse. Principalmente, com um médico.

O homem, que aparentava estar sentindo uma dor insuportável, parou de gemer ao ouvir sua voz.

— Rico? — sua voz saiu cavernosa, profunda, assustadora — Deus que o mandou! — a demora em terminar a frase indicou que, para ao falar, a dor era ainda maior.

— Sim, foi ele — preferiu concordar, mesmo se recordando que ele não era religioso.

— Precisa me perdoar — esforçou-se mais uma vez e Rico ficou preocupado, pois achou que estivesse delirando.

— Eu o perdoo. Agora descanse. A ajuda já está chegando.

Mais gemidos. Ricardo apertou a mão do homem para demonstrar que estava ali e não o deixaria até que a ajuda chegasse.

— O exame — o médico insistiu.

— Será examinado, doutor. Não se preocupe.

— O seu exame — elevou o tom acima da dor que estava sentindo — Precisa me perdoar.

— Fique em silêncio, não se canse, por favor — sua incapacidade de fazer qualquer coisa estava acabando com ele. Era duro ver alguém a quem se tinha um carinho genuíno sofrer, sem poder fazer nada.

— Seu exame está errado — Vicente concentrou-se para chamar a atenção dele e finalmente conseguiu.

— O quê?

— Precisa me perdoar... Não quero esse peso... Estou arrependido!

— Está delirando, doutor Vicente. Permaneça quieto.

— Você não é estéril — falou de uma vez.

Ricardo tomou um choque tão grande que chegou a afrouxar um pouco a pressão que fazia na mão dele.

— Como? — questionou atônito — É impossível. Vi o exame.

— É falso, Rico. Diga que me perdoa.

Mesmo demorando para processar as informações, os olhos de Ricardo se encheram de lágrimas.

— Eu o perdoo, mas por que seria falso? — naquele momento não lhe

passou na cabeça que falar, era ainda mais doloroso para o médico. Só queria que ele dissesse que aquilo era uma brincadeira de mau gosto, que não passara tanto tempo enganado e, principalmente, que não condenara erroneamente a mulher que amava.

— Porque atendi um pedido e ajudei a falsificá-lo...

— Pedido de quem? — quis saber perplexo. Porém, não obteve resposta. O doutor Vicente, devido ao esforço realizado, não suportou mais a dor e simplesmente desmaiou.

◆◆◆

A falta de notícias deixou Constância mais nervosa. Se tudo estivesse bem, por que o Rico ainda não tinha voltado? Cansada de permanecer sentada, levantou-se, saindo pela porta de vidro que dava no jardim. As luzes estavam todas acesas, promovendo um belo espetáculo.

Ellen, levantou-se na sequência, indo até ela. Estava angustiada também e o silêncio só fazia aumentar esta angústia. Mesmo sem saber como seria recebido seu comentário, ousou quebrar o silêncio.

— Daqui a pouco, o Rico trará seu convidado, devem estar presos no trânsito, apenas isto...

— Espero que tenha razão, Ellen — Constância parou para reparar na acompanhante de seu filho. Se fosse melhor nascida, daria uma ótima nora. No entanto, teve que reconhecer que conseguia ser agradável — Gosta bastante do meu filho, não?

— Trabalhamos juntos, não há como não gostar — não esperava que ela fosse tão direta.

— Entendo — Constância a encarou, deixando claro que não havia engolido aquela resposta.

— Mesmo porque, acredito que não tenha chance — Ellen aproveitou o momento. Viu Constância arquear uma das sobrancelhas, desconfiada.

— Por que não teria chance? Meu filho não traria alguém aqui em casa, se não tivesse o mínimo de admiração pela pessoa — tentou entender o que queria dizer com aquilo.

— Não sei... Como disse, trabalho com o Rico. Eu o conheço um pouco e sei que, pelo menos no momento, está interessado em uma mulher.

— Deve estar errada. Rico me diria, se isso fosse verdade. De onde tirou essa conclusão?

— Ele deixou escapar – tecnicamente disse a verdade, porém, fora do contexto — Algo sobre uma tal de Júlia.

A mudança na expressão de Constância denunciou o que Ellen desconfiava. Se a mãe de Rico já ouvira falar nela, era sinal de que representava uma ameaça muito maior do que imaginara.

— Não... Deve estar enganada. Ele jamais se interessaria por aquela... — na boca vieram várias palavras, mas para não espantar Ellen, manteve a que sempre usava e que não poderia lhe render um processo — Cozinheira.

— Cozinheira? — Ellen fez-se de desentendida, pois havia conhecido Júlia e entendia o motivo da indignação de Constância. Tinha que confessar que até para ela foi um pouco de surpresa, não imaginava que aquele fosse o tipo preferido de Rico, visto que era bem diferente das mulheres com quem desfilava. Contudo, não se incomodou tanto pelo fato de ela ser negra, mas sim pelo fato de ser bem bonita.

— Desculpe Ellen, é o modo de dizer. Só sei que ganha a vida, cozinhando. Nada tenho contra isso, mas definitivamente ela não é uma mulher para o meu Rico. Ela ficou em um passado distante...

— Sinto muito, Constância, no entanto creio que esteja enganada, porque tenho certeza de que é algo recente — Ellen a interrompeu, insistindo.

— Pode me falar mais a respeito? — Constância questionou, esquecendo-se por momentos até mesmo da aflição que estava sentindo. Queria escutar o que a levara a acreditar que Ricardo pudesse estar pensando novamente naquela mulher. Ellen, por sua vez, estava bolando um jeito de convencer Constância do que estava falando, sem contar o modo como o nome de Júlia viera à tona.

◆◆◆

— Você não é estéril.

Ricardo perdeu a conta de quantas vezes ouviu a mesma frase em sua cabeça durante o trajeto do apartamento até o hospital que indicou para os paramédicos. Aliás, entre a chegada da ambulância e a imediata remoção do médico, era como se tudo se passasse em câmera lenta, como se fosse um flash, um borrão.

Não conseguia ao menos se lembrar de como entrara na ambulância, visto não ter a menor condição de dirigir. Estava atordoado, sentindo algo tão ruim que não conseguia explicar.

Chegando ao hospital, acompanhou a maca até ser impedido de entrar na área de emergência. Barrado, ficou parado na porta, totalmente perdido. Como se aquilo fosse capaz de amenizar o que estava sentindo, começou a andar de um lado para o outro, feito uma fera enjaulada. A cada passo, maior se tornava sua perplexidade.

Por que não confiara em Júlia? Por que não refizera o exame? Por que não a procurara? A cada porque sentia-se pior.

Os últimos anos de sua vida haviam sido baseados em uma farsa. Condenara, sem chances de defesa, a única mulher que já amara, por acreditar que ela o traira. Crédulo, nunca lhe passou pela cabeça questionar a idoneidade da clínica. No entanto, ficara tão abalado com a notícia da gravidez que, irracionalmente, duvidara da fidelidade de Júlia.

Quando se deu conta da parte final desta equação, percebeu o seu maior erro. Aquele para o qual, talvez não houvesse perdão.

Parou de andar, encostou-se à parede extremamente branca, na verdade escorou-se nela, como se lhe faltasse forças para se sustentar sobre as pernas e deixou-se escorregar, até que estivesse sentado no chão. Nesta posição, sozinho no corredor, finalmente fez o que tivera vontade, desde que ouvira a declaração do médico: arrependido, chorou copiosamente ao pensar que só havia uma coisa pior do que abandonar a mulher que amava: ter rejeitado um filho legítimo.

◆◆◆

— Sim, sei onde é. Estamos indo para aí — Ellen confirmou, antes de desligar o telefone. Os olhos de Constância estavam arregalados, como se já esperasse por uma má notícia. Uma parte da notícia também havia deixado Ellen um pouco surpresa, portanto, tentou passar segurança, quando não a tinha — O senhor Vicente sofreu uma queda em seu apartamento, parece que foi algo sério, o atendente disse algo como fratura do fêmur proximal, não sei se entendi direito.

— E por que o Rico não nos ligou, avisando?

— Bem, não sei o que houve —— não mentiu, pois não lhe fazia o menor sentido — O Rico teve uma crise nervosa — achou tão surreal a frase que a disse sem convicção — E precisou ser medicado também...

Se à notícia da queda do amigo Constância já reagira mal, saber que seu primogênito precisara ser medicado, fez com que piorasse. Ricardo era o sinônimo de saúde, indo ao médico apenas para realizar checkups, ou seja, coisas daquele tipo não combinavam com ele.

— Estão em um hospital na região da Avenida Paulista — Ellen continuou.

— Então não percamos tempo, Ellen, tinha me preparado para festejar e agora a única coisa que desejo é encontrar bem duas pessoas que amo muito — falou, caminhando na frente, determinada a chamar o motorista para conduzi-las até o tal hospital.

Capítulo 13

Constância estava passada. Desconcertada apertava a mão de Ellen que, sentada ao seu lado, também ouvia a explicação do médico, compreendendo o motivo de Ricardo ter reagido tão mal. A situação de Vicente não era nada boa e nem estar em um dos melhores e mais caros hospitais da cidade parecia ter influência sobre isso.

— Em pessoas idosas, é algo comum. Há a fratura no fêmur e esta provoca a queda — o homem continuou explicando — Comumente as pessoas acham que é o contrário, que é a queda que causa a fratura.

— Resumindo um pouco, doutor... — Constância o interrompeu, aflita.

— O doutor Vicente Queiroz acabou de passar por uma cirurgia muito delicada. As próximas horas serão importantíssimas, pois, ele corre risco de morte. Mesmo sem termos o seu prontuário , eu e a equipe que acompanha o caso, temos a suspeita de que ele já estivesse doente, alguma doença que teria causado a osteoporose.

— Vicente não me disse nada, por que esconderia algo assim? — Constância perguntou mais a si mesma do que ao médico.

— Realmente não sei — o homem lançou um olhar cúmplice em sua direção — Por ora é só, a única recomendação que posso fazer é que chamem os familiares dele.

— Nós somos as pessoas mais próximas que ele tem — Constância respondeu de modo automático. Era a primeira vez que se dava conta do quão solitário era o seu amigo — Não sairei daqui — declarou resoluta — E quanto ao meu filho? Ele estava acompanhando o Vicente.

— O senhor Ricardo Vidal teve uma crise nervosa... — repetiu para Constância a mesma informação do telefonema e Ellen mexeu-se desconfortável na cadeira.

— Meu filho nunca teve algo assim, como podem ter certeza de que foi isso?

— Quando os enfermeiros o ampararam, o senhor Ricardo estava em meio a uma crise de choro — o médico explicou, deixando Constância ainda mais intrigada, realmente não era do feitio de Ricardo nem chorar, muito menos fazê-lo diante de desconhecidos. Sempre fora muito comedido em tudo, principalmente em demonstrar o que estava sentindo.

— Posso vê-lo?

— Claro que sim — o médico concordou simpático, antes de chamar uma enfermeira e pedir que acompanhasse as duas mulheres até o quarto em que Ricardo estava.

Embora estivesse bastante ansiosa para ver Ricardo, Ellen entendeu quando apenas Constância entrou para ver o filho, deixando-a na sala de espera. Estava querendo entender aquela avalanche de acontecimentos e nada tirava de sua cabeça que tudo estava ligado ao surgimento da tal Júlia. Desde que a talzinha aparecera, Ricardo não parecia a mesma pessoa.

Quando Constância entrou no quarto, encontrou Ricardo deitado com o rosto virado para a parede. Ele havia relutado em acompanhar os enfermeiros, porém, ao perceber que era alvo de olhares de comiseração, acreditou que fosse o melhor a fazer.

Os enfermeiros haviam perguntado o que estava sentindo e ele não soube definir, mesmo porque não havia palavras capazes de explicar que a dor era na alma e as feridas haviam sido abertas pelo arrependimento. Não sabia de nenhum remédio capaz de curar tal enfermidade e duvidava que eles soubessem também.

Mesmo os acompanhando, não concordou em tomar qualquer medicamento, tampouco aceitou falar com o psicólogo do lugar. Só precisava ficar quieto, pensar em tudo com mais calma.

Além do estado do doutor Vicente, seu pensamento era dominado pela ideia de haver rejeitado uma criança para quem talvez nem existisse. Qualquer mulher interesseira, sabendo-se inocente e acompanhando seu sucesso através da mídia, teria esfregado um exame de DNA em sua cara e arrancado até seu último centavo. O fato de Júlia não ter agido assim, conseguia piorar a situação. Percebeu que estivera totalmente errado e, enquanto se achava a vítima, só fizera

agir como o grande vilão dessa história.

— Rico, meu amor, estou preocupada com você — Constância quebrou o silêncio, bem junto da cama, sem saber muito como se comportar. Imaginou que o filho estivesse mal pelo que acontecera ao médico. Sabia que gostava dele, só não tinha noção do quanto — Foi tão ruim assim o estado em que encontrou o Vicente?

Ao ouvir sua voz, Ricardo virou-se para ela. Seus olhos estavam vermelhos, o rosto amassado, cabelos desalinhados e a gravata torta. Um verdadeiro desastre.

— Não foi nada bom, porém, o que ele me disse foi ainda pior.

Constância franziu a testa, será que Vicente enlouquecera e dissera algo para seu filho? Não quis acreditar nesta hipótese.

— O que pode ter sido tão ruim?

— Ele me contou tudo — Ricardo respondeu de forma genérica sem perceber o quão desconfortável Constância ficou com a frase — Disse-me tudo o que eu sonhei escutar há alguns anos, mas que hoje me deixou totalmente sem chão — fez uma pausa, mostrando que era doloroso pronunciar aquilo — Nunca tive problemas de infertilidade, mãe.

A declaração atingiu-a como um tiro; o impacto de ele ter descoberto uma verdade que nunca deveria ter sido revelada, fez com que a senhora se sentasse na poltrona ao lado da cama

— Como é? — questionou tão abalada, levando Ricardo a acreditar que compartilhasse de seu espanto.

— O doutor Vicente me pediu perdão e revelou que os exames eram falsos.

Constância colocou a mão sobre a boca. Faria com que Vicente desmentisse tudo aquilo, assim que ficasse bem. Ele, pelo menos, não tinha revelado tudo, porque se o tivesse, Ricardo nem olharia para seu rosto, mal falaria com ela.

— Rico, não se fie no que o Vicente falou, ele podia estar delirando...

— Estive lá e garanto que estava consciente quando me disse — Ricardo, sentou-se na cama, balançou a cabeça inconformado — Disse mais ainda.

— O que pode haver mais para dizer? Já está tudo tão inacreditável.

— Deixou a entender que atendeu um pedido... De alguém que queria me prejudicar, afastando-me da Júlia, só pode ser...

— Isso é impossível filho, quem faria algo tão vil, tão baixo?

— Não sei ainda, mas pode ter certeza de que vou tirar isso a limpo e juro por Deus que farei com que pague pelo que fez.

— Rico, acalme-se — abriu a boca para dizer que saber não faria a menor diferença e que Júlia não o perdoaria, principalmente se dependesse dela. Porém, não prosseguiu. Não falaria daquela cozinheira ali, mesmo porque , diante do que ele havia falado, agora entendia a tal crise de choro, assim como tinha certeza de que era nela que ele pensava, enquanto conversavam.

— Não me peça para ter calma, mãe. Desperdicei três anos da minha vida por conta de uma mentira, tudo o que não quero é ter calma agora.

— Tudo bem, Rico. Cada coisa em sua hora. Neste momento precisamos apoiar o Vicente. Quando ele estiver recuperado, há de esclarecer tudo. Que tal sairmos daqui? Você se sente melhor para deixarmos esse quarto? — questionou e ele fez que sim com a cabeça, era hora de erguer a cabeça e arcar com as consequências de sua burrice — Ainda bem. A Ellen está lá fora, aflita com todos os acontecimentos, principalmente com a sua condição. Ela me parece gostar muito de você, Rico. É uma ótima pessoa.

— Nossa, pensei que a tivesse dispensado — Ricardo ignorou toda a simpatia e comentários favoráveis de Constância em relação à Ellen, só se fixando no fato de ela ainda estar ali.

— Ela é muito prestativa e me apoiou muito. Não podia dispensá-la. Além do mais, quando tudo isso acabar, ela poderá te fazer companhia até o hotel.

— Não estou precisando de babá — Ricardo colocou os pés no chão e como estava só de meias, procurou pelos sapatos, achando-os debaixo da cama. Calçou-os rapidamente. O corpo estava todo doendo, como se ele também

tivesse sido vítima de uma queda, em seu caso, caíra do alto de sua certeza e o tombo doía bastante.

◆◆◆

O passar do tempo aumentava a angústia. Quase seis horas no hospital e nada de notícias. Mais contido, Ricardo já havia ido até os enfermeiros por mais de duas vezes, sem obter resposta. Se Vicente passara por uma operação, por que ninguém dava respostas sobre seu estado?

A madrugada já estava avançada, quando finalmente um médico foi até eles, encontrando-os na sala de espera. Dos três, Ellen era a que menos aparentava cansaço; porque sobre Constância e Ricardo, além de físico, também pairava o cansaço emocional.

Ricardo e Constância se levantaram, assim que o médico se aproximou. O homem olhou bem nos olhos de Ricardo e em um tom solene, declarou:

— Sinto muito, o senhor Vicente Queiróz não suportou...

Constância sentiu as pernas fraquejarem e voltou-se a sentar, como se estivesse tonta.

— Não é possível... — Ricardo comentou, sentindo-se destruído. Só podia ser um castigo, tudo acontecer ao mesmo tempo — Quer dizer, ele foi operado por conta de uma fratura no fêmur... Como pode ter morrido? Não faz o menor sentido.

— Ele morreu por causa de uma embolia pulmonar — o médico explicou calmamente, embora neste momento Constância não estivesse mais ouvindo nenhuma palavra que estava dizendo.

Esperava sair dali com seu amigo, dar-lhe uma bela bronca por ter falado demais, e não ouvir que o perdera para sempre. Dessa vez, foi Ellen que apanhou sua mão, confortando-a e Constância aceitou o afago. Aquele cuidado todo estava fazendo com que subisse em seu conceito. De repente, ela não estivesse tão longe assim de ser a esposa ideal para seu primogênito.

Perante um Ricardo devastado, mas que no entanto precisava voltar a ser forte para cuidar de tudo, o médico continuou explicando o que havia acontecido

— Ocorreu a ele uma das complicações possíveis em uma cirurgia de ortopedia. Por ter ficado muito tempo deitado, acabou desenvolvendo uma trombose venosa... — tentava ser simples no uso dos termos técnicos, ainda que para Ricardo ainda soasse inacreditável — Esse trombo se deslocou parar o pulmão e o paciente, por estar debilitado, acabou não resistindo.

Era impressionante, em tão pouco tempo, aquele, sem dúvida, era outro dia digno de ser esquecido. Quando o médico lhe disse o procedimento legal que deveria ser tomado, achou-se egoísta, pois, apesar de estar triste com a perda, só conseguia pensar que jamais ouviria dele o complemento do que começara a dizer.

◆◆◆

Eduardo desligou o celular e sua expressão denunciou que havia acontecido algo errado. Ele quem ligara e a convidara para almoçarem em um restaurante no bairro do Pacaembu, perto do estúdio dela. Encontraram-se pouco depois das onze da manhã, pois ele passaria o fim da tarde trabalhando e planejava ver Júlia e Lipe à noite.

— O que houve, Edu? — a tatuadora perguntou interessada. Mesmo acabando de ser dispensada oficialmente, gostava muito dele. Ela havia estranhado o convite, mas comparecera. Não foi nenhuma surpresa ouvir dele que a amizade colorida que mantinham havia chegado ao fim e que precisavam parar de se encontrar, porque estava apaixonado por outra mulher.

Embora Luciana desconfiasse disso há algum tempo, foi surpresa vê-lo falar abertamente. Mesmo quando estavam juntos, ele nunca se entregou completamente. O lance sempre fora mais físico, algo que coube perfeitamente para ela, pois tinha noção de que seria o máximo que teria dele.

— Alguém que me ajudou bastante a superar a perda do meu pai, morreu — Eduardo declarou com tristeza, reconhecendo a importância de Vicente não só em sua vida, como também na vida de Ricardo. O médico fora essencial para sua família e chegou a aconselhá-lo, antes que saísse de casa. Não havia escutado os

apelos do doutor e havia saído de casa, pois estava cansado de ser preterido por Constância.

— Sinto muito — Luciana preocupou-se, vendo-o tomar o líquido do copo em um só gole — Se quiser, podemos terminar e, assim, terá tempo de se despedir dele.

Eduardo pensou bastante, antes de negar com a cabeça.

— Não comparecerei. Prefiro não me encontrar com meu irmão.

— Nossa, sabia que não se falavam, mas desde quando piorou a este ponto? — o bom de estar com Eduardo é que sempre tivera liberdade de falar com ele sobre tudo o que pensava.

— Nosso último encontro não foi um dos melhores — foi sucinto demais, deixando-a desconfiada de que a razão era outra. Juntou o motivo daquele almoço à informação recebida e teve a equação resolvida. Mesmo assim, resolveu tirar a prova.

— Agora que tecnicamente não teremos mais nada, pode tirar uma dúvida minha?

— Claro, Lu — respondeu rapidamente.

— Lembro-me de quando foi fazer a sua primeira tatuagem — ela sorriu diante da lembrança — Uma das coisas que mais chamou a atenção em você foi sua tristeza. Achei-o bonito e deprimido.

Eduardo a encarou, compartilhando das mesmas memórias e aguardando a pergunta.

— Você se lembra da sua resposta, quando perguntei o motivo de sua melancolia?

Eduardo balançou a cabeça negando.

— Não faço a menor ideia.

— Você me disse que a vida era injusta, pois você desejava a única mulher

que jamais poderia ter.

Eduardo endireitou-se na cadeira, recordando-se do motivo de ter falado aquilo.

— Talvez esteja errada, mas seria a mesma mulher por quem está me dispensando agora? — a pergunta veio a queima roupa e Eduardo engoliu em seco. Então, era verdade que as mulheres tinham uma ótima memória, indo buscar as frases exatas que haviam sido proferidas. Não imaginou que depois de tanto tempo, ela se recordasse do que lhe dissera em um momento de fraqueza, regado à sinceridade do vinho. Luciana olhou-o, interessada na resposta.

— Sim — demorou a admitir, no entanto o fez — Por que chegou à esta conclusão?

— Está com aquele mesmo olhar, só que de uma forma positiva, não sei explicar — Luciana estudou a expressão do belo homem, enquanto queria compreender a resposta dele — Só não entendo como pode se tratar da mesma pessoa, quer dizer, naquela época, passou-me a ideia de que fosse inatingível. Como podem estar juntos hoje?

— Estamos juntos por um simples motivo, Lu: meu irmão e ela não se casaram — mais uma vez a resposta veio rápida. Eduardo notou a expressão da amiga se modificar — Por favor, não me censure.

— Sei lá Edu, só me parece estranho. Tanta mulher para se apaixonar, tinha que ser logo pela sua cunhada? — não estava despeitada por ter sido dispensada e fez questão de deixar isso claro, perguntando de modo incisivo, no entanto sem fazê-lo num tom de mágoa — Se fosse o contrário, como reagiria?

— Se fosse o contrário, jamais teria agido da mesma forma que meu irmão. Não seria tão burro a ponto de perder a mulher que eu dizia amar. E quanto ao fato de que ela era minha cunhada, se fosse possível escolher por quem se apaixonar, acha realmente que escolheria uma situação tão difícil?

— Desculpe, é que não imaginava... Quer dizer, você já me falou tanto do seu irmão e sempre me pareceu que discordava de seu modo de vida. Logo, causa-me estranheza que anseie pela mesma coisa que criticava e, principalmente, ao lado da mesma mulher.

— O amor não é uma ciência exata. Certas coisas não têm explicação. Por muito tempo lutei contra um sentimento que também me pegou de surpresa. No entanto, agora que posso ser feliz e fazê-la feliz, tenho que abrir mão, apenas porque ela era minha cunhada? Para mim não faz o menor sentido desistir de alguém por conta de um tabu...

— Não é só o tabu... — Luciana tentou se explicar — É que, sei lá, parece injusto com a outra ponta do triângulo, com o seu irmão...

— Mostre-me um triângulo que seja justo! — desafiou — E discordo da comparação escolhida, pois ela teria que gostar dele ainda para termos um triângulo. Injusto foi o que ele fez com ela — rebateu — Teve sua chance e a desperdiçou em grande estilo, na frente de centenas de convidados em uma igreja lotada. Não posso ser hipócrita. O amor em si é egoísta, sempre será. Demorei tempo demais para me aproximar, pensando no que as pessoas diriam — suspirou cansado — Cansei, afinal, também tenho direito a ser feliz.

— Não estou contestando seu direito, Edu. Nem estou te falando essas coisas por ter me dado um fora. É que... — procurou as palavras, sem encontrá-las — Já se sentou com essa mulher e foi sincero da mesma forma que está sendo comigo? — quis saber e ele fez que não com a cabeça — Acha realmente que um relacionamento pode dar certo, iniciando com uma mentira?

— O que importa ela saber disso agora? — perguntou exaurido, revirando a comida no prato, sem a menor vontade de continuar comendo — Qual a diferença de ela saber quando exatamente comecei a amá-la? O importante é que meu sentimento seja verdadeiro.

— Ok — Luciana ergueu as mãos em desistência — Não está mais aqui quem falou — havia percebido que Eduardo jamais entenderia o quão estranho poderia parecer para sua "amada", o fato de que ele já a desejasse antes mesmo dela terminar o noivado, ou ser abandonada – como ele preferia lembrar– , em pleno altar.

Capítulo 14

Ricardo mexeu-se na cadeira, desconfortável, revivendo a mesma sensação de anos atrás, no entanto em uma situação totalmente diferente. Não tinha conseguido ao menos cumprir o luto pelo doutor Vicente. Em nenhum momento duvidara de suas palavras, porém, precisava seguir os procedimentos desta vez.

— E então? — quis saber e o médico estendeu o exame para ele, esperando que passasse as vistas sobre ele, antes de responder sua pergunta.

— Senhor Ricardo Vidal, segundo o resultado do exame, não há a menor possibilidade de o senhor ser estéril. O espermograma...

Para espanto do médico, Ricardo se levantou e deixou a sala, antes mesmo que ele concluísse. Não precisava ouvir o que o médico ainda tinha para dizer, pois não lhe importava os termos técnicos, o mais importante já havia sido dito. Apertando com força as folhas do exame, deixou a sala.

Mais do que ar, precisava organizar os pensamentos, visto que estavam uma bagunça. Júlia, criança e arrependimento eram termos recorrentes e que voltavam fora de ordem nas mais complexas reformulações.

Tinha prometido a si mesmo que encontraria o médico da clínica do doutor Vicente e o faria cuspir o motivo pelo qual o enganara. Obrigaria o homem a revelar o nome por trás daquela farsa, ainda que já tivesse sua teoria a respeito. Em sua cabeça, o médico apenas confirmaria o nome da pessoa que mais se beneficiara com sua separação.

◆◆◆

Júlia sentiu-se cansada. Logo cedo havia conversado com o produtor do canal de televisão e este havia reiterado o interesse em tê-la como uma jurada fixa em um programa semanal sobre confeitaria.

— Façamos assim, eu te envio o contrato por e-mail. Você o lê e nos retorna

com suas dúvidas — o homem propusera.

— Pode ser — concordou. Porém, tinha receio de que aceitar a oferta significaria se sobrecarregar e ter menos tempo com Lipe. Já estava tão acostumada a jantar com o filho que se essa rotina não era mantida por alguma razão, sentia-se culpada.

Logo na sequência, recebera outro telefonema. Agora de clientes do casamento que ocorreria no interior e ao qual ela havia acabado aceitando. Eles, principalmente a noiva, queriam escolher os doces a serem servidos na festa e isso significava preparar uma bela degustação com amostra de tudo o que vendiam ali.

Apesar da expansão, a equipe da Doce Pimenta não havia crescido muito. Contando todos os funcionários, principalmente confeiteiros, atendentes e pessoal da entrega, não chegava a trinta pessoas. Assim, para o tal casamento, Júlia decidiu que iria e levaria um dos confeiteiros e mais cinco membros da equipe, confiando a abertura da loja aos confeiteiros que ficassem.

— Com certeza sua participação naquele programa é responsável pelo aumento da procura — Rui comentou, enquanto terminava o naked cake.

— Felizmente e, embora esteja bastante cansada, ainda não desisti da ideia da linha diet.

— Cada coisa a seu tempo, Júlia. Não vá ter uma estafa por causa de excesso de trabalho, afinal nem se decidiu ainda se vai aceitar ou não ser jurada do tal programa — Rui ponderou.

— Isso é verdade; estou colocando o carro na frente dos bois, como diz a minha mãe — fez uma pausa ao pensar que no dia seguinte levaria Lipe para ela ver. Estava tentando seguir os conselhos da prima — É que, às vezes, eu me esqueço de que estou trabalhando. Quando fazemos o que gostamos, como é o meu caso, a gente nem se dá conta.

— Você pode não se dar conta, mas o corpo cobra depois.

Faltava um pouco para uma hora da tarde quando Karin e Andreia retornaram, elas haviam saído para almoçar às onze.

— Tem visita para você no salão — Andreia foi quem a avisou e mesmo sem dizer quem era Júlia deduziu que fosse Eduardo. Afinal, morava muito perto dali.

Lavou a mão, secando-a em um pano de prato e tirou o chapéu para encontrá-lo. Errou ao pensar que ele vinha de casa e notou isso não só pela forma como estava vestido, mas também porque trazia algumas sacolas.

— A que se deve a visita? — brincou e ele sorriu.

— Estava passando perto, vi a hora e pensei "por que não?" — mostrou as sacolas — Se ainda não almoçou, queria saber se gostaria de almoçar comigo. Comprei comida indiana...

Por segundos, ela pensou em dizer não, porém, lembrou-se do que o Rui havia acabado de lhe dizer.

— Adorarei.

— Pode ser aqui ou na minha casa — Edu deixou que ela escolhesse.

— Na sua casa — escolheu e piscou para ele — Só vou tirar o dólmã e já vamos para lá.

— Tudo bem, não tenha pressa — viu-a sumir pelo corredor, aproveitando para comprar dois sonhos — Para viagem.

Júlia pendurou o dólmã e despediu-se brevemente dos três confeiteiros.

— Qualquer coisa, liguem para o meu celular.

— Bom apetite — o tom malicioso de Karin a fez sorrir.

◆◆◆

— Que bom que veio — a voz de Constância soou grave. Apreciou a disponibilidade de Ellen que fora até lá, durante seu expediente. Marcara o encontro em um restaurante próximo do hotel. A matriarca da família Vidal estava toda de preto, o cabelo platinado, contrastando com o tecido do vestido,

estava como sempre devidamente penteado. O nariz arrebitado conferia-lhe ainda mais arrogância à personalidade que possuía. Apesar de estar bastante abatida, a maquiagem escondia qualquer marca de cansaço — Sente-se.

Ellen sorriu, sentando-se em frente a ela. Ao contrário da mulher, trazia seus cabelos presos, em um coque elegante que valorizava o formato de seu rosto.

— Como está o Rico? — Constância foi direta.

— Estranho — Ellen também foi direta — Nem parece que já se passou uma semana. Esses dias ele não trabalhou, saiu boa parte do tempo. Tem se mantido ocupado a ponto de não ter tempo para os assuntos do hotel. Nos poucos momentos em que o vi, achei-o inseguro, perdido, triste. Não imaginava que sentisse tanto a perda do doutor Vicente.

Constância respirou fundo. Quem dera se esse fosse o verdadeiro motivo.

— Sua admiração por ele vai além do trabalho, não é Ellen? — novamente a pergunta foi feita à queima roupa.

Ellen engoliu em seco, sem graça. Ainda não tinha se acostumado ao jeito dela. O modo como ela a olhava, deixava claro que não admitiria que mentisse, por isso, nem tentou fazê-lo.

— Sim — confessou.

— Havia percebido. E é por isso que preciso de sua ajuda para tirar o Rico desta situação.

— Estou à disposição — Ellen afirmou solícita — Basta me dizer o que preciso fazer, que farei.

— A primeira coisa a fazer é entender o que está acontecendo. Rico está triste com a perda de Vicente, porém, não é o verdadeiro motivo para seu abatimento. Infelizmente, a razão para seu estado deplorável não é tão nobre assim — a expressão dela ficou carregada — Lembra-se da tal Júlia sobre a qual me perguntou?

Ellen fez que sim com a cabeça.

— Está na hora de saber mais sobre ela.

◆◆◆

— Por que os sonhos? — ela insisitu e Eduardo riu da pergunta. Estavam sentados na bancada da cozinha que fazia divisa com a sala, lado ao lado, bastante próximos, após terem almoçado e ele segurava a sobremesa que trouxera da confeitaria.

— Não me diga que você os faz e não gosta? Quem pode não gostar de sonhos?

— Não é que não goste . Só não é o meu doce preferido.

— Prove...

— Provar que não é meu doce preferido? — ela não entendeu.

— Não... provar um pedaço — ele riu e ofereceu um pedaço do sonho que segurava para ela, colocando-o na frente de seus lábios.

— Ei, não sou o Lipe! — Júlia protestou sem graça, no entanto Edu não disse nada, ficou olhando para os lábios dela, até que ela mordesse o doce.

— Viu, está uma delícia — satisfeito observou-a mastigá-lo.

— Acabou não respondendo à pergunta — ela notou, assim que acabou de comer. Ainda não havia se acostumado a tê-lo tão perto, por isso, ainda ficava nervosa diante dele. Principalmente quando ele a olhava daquela forma que não sabia explicar direito, mas que a deixava arrepiada.

— Na verdade não tem uma explicação. É a tal máxima de que gosto é gosto — deu de ombros — E, após ter dividido meus sonhos com você, passarei a gostar ainda mais.

Júlia sorriu com a resposta. Ele fazia com que se sentisse bem e sempre conseguia dizer coisas como aquela que a deixavam sem resposta. Eduardo voltou a oferecer um pedaço do doce para ela, e como ela negou, colocou o dedo

no recheio do sonho e lambuzou seu rosto de propósito.

— Edu! — protestou, pronta para se limpar, mas nem teve tempo, já que ele se aproximou ainda mais e bem devagar colou sua boca no lugar que sujara para limpá-lo, usando a língua. Júlia fechou os olhos, diante do gesto. Não se admirou, quando ele apanhou mais creme e colocou-o no outro lado de seu rosto, repetindo a mesma técnica. O próximo alvo foi seu pescoço, e depois o colo. Nunca mais conseguiria ver um sonho apenas como um doce.

Edu adorou vê-la de olhos fechados, apenas sentindo, sem pensar muito a respeito. Passou o dedo no creme do sonho e dessa vez lambuzou os lábios dela, contornando-os com o dedo. Achava-os lindos.

Não que precisasse de desculpas para saboreá-los, no entanto foi excitante começar retirando o creme e acabar beijando-a com vontade. O fato de o beijo ser totalmente correspondido foi o suficiente para fazer com que Edu o intensificasse, aproximando-se mais a ponto de perceber que aquele lugar não estava favorecendo uma maior proximidade. Sem parar de beijá-la, apanhou-a pela cintura e, contando com sua colaboração, colocou-a sentada em seu colo. Dessa vez, ele quem fechou os olhos por segundos ao se encaixarem naquela posição.

Mesmo sobre o jeans, Júlia conseguiu sentir a excitação de Eduardo, algo que acabou excitando-a também.

Com ela em seu colo, Edu não conseguiu conter suas mãos e elas tremiam quando começaram a explorar aquele corpo com o qual havia sonhado por tantas vezes. Com as mãos por dentro da blusa que ela usava, primeiro sentiu a pele macia de suas costas, alisando-a, depois a lateral de seu corpo, a barriga, até finalmente concentrar-se em seus seios. Júlia gemeu em sua boca quando ele tocou-os mesmo por cima do sutiã, fazendo movimentos circulares.

As mãos voltaram às costas, agora buscando o fecho do sutiã. Precisava libertá-los para senti-los.

Deixou seus lábios para distribuir beijos em seu pescoço, queixo, ombro. Júlia ao abrir os olhos, viu aquele homem totalmente entregue ao que sentia e retribuiu na primeira oportunidade que ele lhe deu, beijando-o no pescoço, queixo e orelha, descobrindo aí seu ponto fraco, ou, no caso, algo que o inflamava ainda mais.

Colar sua boca ao ouvido dele, e principalmente, lamber o lóbulo de sua orelha, foi o incentivo para que as mãos dele agissem mais rápido na missão de liberar seus seios. Quando ele tocou em seus mamilos já rijos, Júlia contorceu-se levemente, suscitando um sorriso provocante nos lábios de Eduardo.

— Adoro estar com você — sussurrou, deliciando-se com a parte recém-explorada, posicionando suas mãos para livrá-la da blusa.

Júlia notou o que estava prestes a acontecer, no entanto, pela primeira vez, sentiu-se preparada e com certeza do que faria. Queria tanto quanto ele. Assim, ajudou-o, passando os braços pelas mangas da blusa, e viu a peça cair no chão, ao lado da cadeira em que estavam. O sutiã foi a próxima peça a se juntar a ela.

Eduardo abriu bem os olhos, diante da visão. Ainda não a vira totalmente nua, mas já podia afirmar que era melhor do que sua imaginação. Ergueu o rosto para olhar para ela e sorriu, passando a língua sobre os lábios, antes de afastá-la um pouco, abaixar a cabeça e tomar um dos seios em sua boca, trazendo sua mão para acariciar o outro. Júlia gemeu de forma contida, embora o que ele estivesse fazendo com a boca, bem poderia ser brindado com um grito. Além disso, sentiu-o pulsar embaixo de si, cada vez mais excitado. Quando ele a mordeu, não conseguiu se conter, arqueando o corpo para trás, chegando a sentir o lateral da bancada em suas costas.

Ele estava tonto de tanto desejo. Antes de mudar o lado de suas mordidas e chupadas, livrou-se da camiseta que usava, deixando à mostra o corpo definido. Nem acreditava que aquilo estivesse acontecendo.

Júlia aproveitou o momento em que ele tirava a camiseta para acariciá-lo no tórax e abdômen definido. Com a ausência total de pelos, ele parecia um nadador e suas mãos deslizavam fácil sobre sua pele clara.

Livre da camiseta, Edu retornou ao que fazia com mais voracidade, gemendo a cada gemido que ouvia dela. Sempre amara preliminares, porém, aquela era a mulher com quem sempre sonhara estar e não conseguiria suportar por muito mais tempo. Deixou seus seios e a beijou mais uma vez, devorando sua boca, como se fosse o melhor de todos os doces que já provara. Depois, colocou os braços embaixo do corpo dela e levantou-se com ela no colo, sem dificuldades, começando a caminhar com ela em direção às escadas que levavam para a sua cama. Júlia colocou a mão sobre o pescoço dele, tão excitada quanto e ansiosa

para o que viria depois.

Edu sentia o próprio coração batendo acelerado, quando a depositou na cama, livrando-a dos sapatos que usava. Estava tão excitado que a calça jeans o estava machucando. Ainda assim, a prioridade era ela. Primeiro a despiria.

Demonstrando uma segurança que não possuía, desabotoou a calça jeans dela e abriu o zíper para que pudesse puxá-la. Júlia estremeceu ao sentir as mãos dele, quentes e grandes, tocá-la tão perto de seu sexo, ergueu os quadris para ajudá-lo a passar a calça pelos seus quadris.

Edu puxou uma respiração ao ver a lingerie branca, um contraste perfeito que aprovou imediatamente. Livrou uma perna e depois a outra, deixando a calça cair ao lado da cama.

— Meu Deus, Ju, você é perfeita.

Embora discordasse dele, afinal fazia muito tempo que não era despida, ou se despisse para alguém, sorriu. Ele era lindo e estava sendo extremamente cuidadoso, ainda que ela percebesse que estivesse se segurando, talvez para não assustá-la.

Quando ele ameaçou livrá-la de sua última peça, ela fechou os olhos, sendo pela primeira vez, apanhada pela insegurança. Era preciso muita confiança para estar tão vulnerável diante de alguém. Eduardo percebeu e, pelo menos por enquanto, deixou que ficasse de lingerie.

— Abra os olhos, por favor — Eduardo pediu e ela o atendeu — Quero que presencie o quanto mexe comigo — tê-la em sua cama era a melhor fotografia que jamais havia sido tirada.

Agora sim, antes de continuar, sob os olhares dela, livrou-se da calça jeans, tomando cuidado para tirar sua carteira do bolso, antes de jogá-la ao chão. Pegou um preservativo dentro dela, caminhando para deixá-lo no móvel ao lado da cama.

Dizer que não se impressionara diante do corpo dele era mentir para si mesma. Não devia, mas acabou comparando-o à Ricardo, afinal este fora o último homem com quem dormira. Percebeu que eram totalmente diferentes. Edu era mais sarado, todo definindo, daquele tipo que parece não ter uma

gordura sequer no corpo, e totalmente depilado. Enquanto Ricardo, embora também tivesse um corpo bonito, não era adepto de malhação e tampouco iria a um salão para tirar os poucos pelos que tinha nas pernas e no peito. Nesse sentindo era mais rústico, porém, um rústico bom.

Alheio aos pensamentos dela, Edu se deitou ao seu lado, estava embasbacado diante da situação. Tinha que se concentrar, afinal estava muito ansioso em pensar que finalmente a teria. Mordeu os lábios levemente, antes de beijá-la, puxando-a para junto de si, sentindo seus seios redondos e firmes em seu peito.

Adorou sentir as mãos dela o explorarem e chegou a fechar os olhos quando ela o sentiu sobre o tecido da cueca que usava. Poderia chegar ao céu se ela continuasse com aquilo.

Antes que isso pudesse acontecer, porém, a campainha tocou.

Edu continuou a beijá-la. Não havia escutado o interfone e, ainda que tivesse tocado, não autorizaria ninguém subir.

Tentando ignorar a campainha, esperou que a pessoa desistisse. Não foi o que aconteceu. Novo toque, uma, duas, três... Na sexta vez, Júlia afastou-se dele, preocupada.

— Edu, é melhor atender. Só pode ser algo importante, caso contrário a pessoa já teria ido embora...

— Nada é mais importante do que você Júlia — Eduardo hesitou ofegante, porém, a isso se seguiu um novo toque seguido de batidas muito fortes à porta, convencendo-os, por fim, de que a pessoa iria embora.

Contrariado ele se levantou, apanhou um regata e uma bermuda e as vestiu de qualquer jeito, descendo descalço, enquanto Júlia sentava-se na cama. Sentia-se queimando, seu coração ainda batia aceleradamente e sua respiração estava voltando ao normal. Mal acreditava que alguém os tivesse interrompido.

— Que seja urgente! — Eduardo praguejou, abrindo a porta — Você? — tentou empurrar a porta para fechá-la, mas Ricardo não deixou, usando as duas mãos para forçar a entrada.

— Você armou para mim, não é seu invejoso? Você é um mau caráter, um

traíra, alguém que joga sujo — Ricardo esbravejou, apanhando o irmão pelo pescoço, ouvindo a porta bater às suas costas.

— De que raios está falando? — Eduardo tentou compreender do que se tratava e nem teve vontade de reagir até saber o que estava acontecendo. Ricardo também não estava apertando tanto a ponto de ter qualquer dificuldade para respirar.

— Descobri tudo, não precisa mentir. Não foi ao enterro do Vicente por medo da verdade vir à tona? — Ricardo continuou, nervoso demais para falar baixo ou soltá-lo. Só conseguira entrar no prédio, apresentando-se como irmão de Eduardo e dizendo que o assunto era urgentíssimo. O porteiro, após ter dado a informação de que ele estava em casa, tentou interfonar e não obtendo sucesso, deixou que entrasse. Afinal, não era de todo ignorante, conhecia aquele homem dos jornais e ele lhe pareceu muito importante para ser barrado.

— Não fui, porque não queria encontrá-lo — Eduardo admitiu — Diga-me de uma vez de que sandice está falando.

— Você é um maldito dissimulado. Sabe bem do que estou falando. Da farsa toda, do exame... O Vicente me contou antes de morrer e eu fui tirar a prova. Nunca fui estéril. Está entendendo? Nunca fui estéril.

Eduardo arregalou os olhos, enfim compreendendo do que estava sendo acusado.

— Tenho certeza de que você armou para mim, ele me disse que fez a pedido de alguém. E quem se beneficiou com toda a merda que aconteceu?

— Pense bem naquele dia, na escolha que você fez... Verá o que se nega a enxergar. Quantas vezes te procurei para pedir que revisse sua decisão? Não me culpe por ter sido um idiota ciumento.

Por mais nervoso que estivesse, Ricardo foi largando Eduardo. Desconcertado olhou em volta e acabou prestando atenção a dois detalhes. Uma blusa feminina jogada no chão e a camiseta regata vestida ao contrário. Sentiu a raiva do irmão se renovar.

— Você não mudou nada. Enquanto fica pagando de bom moço para a Júlia, diverte-se em plena luz do dia com uma qualquer...

— Não fale besteira. E quem é você para me julgar? Sou fotógrafo, acha que não vi as inúmeras companhias ao lado de quem foi fotografado nos últimos anos? Nós dois mudamos...

— Quer me dizer que mudou? — riu nervoso — Continua sendo a mesma pessoa... E pode tentar me confundir, mas sei que você é o responsável por toda essa mentira.

Eduardo pensou em Júlia lá em cima e odiou que o irmão tivesse aparecido justamente quando estavam tão envolvidos.

— Se quiser continuar a ser burro vá em frente, agora se ainda te restar algum neurônio, pense que quem te contou sobre a gravidez, antes da cerimônia, já sabia sobre ela bem antes daquele dia. Por que escolheu justamente seu casamento para te revelar? Por que ela fez com que eu e a Júlia a mantivéssemos segredo?

Ricardo arqueou as sobrancelhas, sem querer acreditar no que acabara de ouvir.

Júlia devia ter ficado e esperado, mas à medida em que as vozes aumentaram, percebeu que se tratava de uma discussão. Preocupada, vestiu sua roupa, pelo menos a que estava lá em cima e apanhou uma camisa de Eduardo. Só descobriu que era com Ricardo que Edu discutia, ao dar de cara com eles.

— Era óbvio que tentaria culpar outra pessoa, afinal não tem o menor senso de família... Se tivesse, nunca daria em cima da mulher de ...

A voz de Ricardo sumiu. Assim como a cor de seu rosto. Ao vê-la, entendeu tudo. Enganara-se. Eduardo não estava com qualquer mulher. Era com ela que estava. Era ela o motivo de tanta demora. Imaginou-o tocando-a, beijando-a, fazendo amor com ela e olhou para baixo, cerrando os punhos.

— Ju, por que desceu? — Eduardo virou-se, também surpreso, após seguir o olhar estupefato do irmão — O Ricardo já estava de saída.

Ricardo desviou os olhos, no entanto continuava sem reação e sem palavras. "Ju"? Ela estava usando uma camisa dele, então aquela blusa no chão era dela... Já tinha percebido que estavam juntos na delegacia, só não sabia que a ponto de

passarem as tardes juntos. Júlia também ficou imóvel e o modo como ele a olhou, foi pior do que se tivesse descido nua.

Ricardo sentiu várias coisas ao mesmo tempo: ciúme, inveja, raiva, decepção. Esta última no entanto, não com ela, mas consigo próprio, ao notar que a entregara de bandeja ao irmão pelo fato de agir impulsivamente, sem raciocinar. Estava prestes a fazer novamente, por isso, tratou de se acalmar.

Pensou em pedir perdão à Júlia e lhe dizer que o exame de fertilidade havia sido falsificado, que fora tão vítima quanto ela. Em dizer que seu irmão estava por trás daquilo tudo, mesmo tentando culpar sua mãe, o que lhe parecia um absurdo. No entanto, não conseguiu pronunciar uma só palavra, não diante dele, não enquanto parecesse estar diante de um casal. Prometeu a si mesmo procurá-la, quando, e se, aquela coisa ruim que estava sentindo passasse.

Vê-los juntos e ter noção do que estavam fazendo tivera o poder de feri-lo de uma forma com a qual não estava conseguindo lidar. Se permanecesse por mais um segundo, agrediria o irmão e a magoaria com palavras duras e que seriam mais por conta do rancor que sentia, do que representação do que achava. Precisava respirar, necessitava de ar puro, porque ali não estava conseguindo. Desde que a vira o ar estava preso em seus pulmões.

Para não dizer nenhuma bobagem da qual se arrependeria profundamente e nem chorar na frente dos dois, uma vez que era a vontade que sentia, deu as costas e caminhou até a porta, batendo-a com força ao sair.

— O que foi isso? — Júlia não tinha escutado a conversa toda e só chegara ao fim da frase de Ricardo — Essa discussão não era a respeito de mim, era? Por que se fosse, não faz o menor sentido...

— Não sei o que ouviu, mas o Ricardo está fora de si — Eduardo tentou minimizar. Ficara estampado em seu rosto que, seja lá o que o irmão tivesse dito, tivera o poder de abalá-lo.

Júlia percebeu que não receberia nenhuma explicação sobre o que acontecera e achou estranho passar de uma vibe para outra totalmente diferente, em questão de minutos. Diante do silêncio de Eduardo foi até a mesa pegar a blusa e o sutiã e sem falar nada, dirigiu-se até o banheiro para se vestir, como se, de repente, fosse difícil ficar nua na frente dele.

— Julia, por favor, não vá ainda — pediu, assim que ela voltou, sem conseguir se esquecer de que até minutos atrás estavam trocando carícias em sua cama.

— Desculpe, Edu — arrumou a roupa — Não tem mais nenhum clima... Você anda recebendo as piores visitas possíveis. Acho que vou ter que rever a decisão de o Lipe vir te visitar de vez em quando.

— Não sabia que era o Ricardo. Por mim não tinha nem aberto a porta, você que insistiu — tentou se defender.

— Tem razão — ela respirou fundo. Havia sido muito constrangedor ficar diante de Ricardo, após quase ter feito amor com Eduardo — Desculpe-me. Jamais impediria que visse o Lipe, ele gosta muito de você. Só não quero eles perto do meu filho, entende?

— Claro que entendo — fez que sim com a cabeça, vendo-a se desviar e passar ao seu lado — Podemos conversar a respeito...

— Não dá mesmo — ela o interrompeu — Mesmo porque já estourei um pouco o horário de almoço — começou a caminhar em direção à porta, sendo acompanhada por ele — A gente se fala.

◆◆◆

Passada, chocada e, principalmente, indignada. Assim Ellen poderia se definir. Até imaginara que Ricardo tivesse tido um caso com a tal Júlia, mas quase se casar com ela era demais. Não entendia. O que ele vira naquela mulher?

— Pelo jeito, ficou surpresa com tudo o que te contei — Constância leu em sua expressão que lhe seria uma aliada preciosa.

— Confesso que sim — se já havia sido uma surpresa receber um convite para almoçar com ela, ouvir tudo o que ela lhe contara, tivera o poder de abismá-la.

— Meu amigo Vicente não podia ter ido sem me deixar esse problema? — Constância resmungou.

— E é verdade tudo o que ele disse? — Ellen não se conteve, Constância havia contado os detalhes sobre a revelação que Vicente fizera ao filho.

— Erros médicos acontecem. Quem se importa? — Constância deu de ombros — O foco deve ser outro. E acho que nós duas temos interesse na mesma coisa, não?

— Se estiver falando em ver o Rico longe daquela mulher,.. Sim, temos.

Constância sorriu, admirando-a. Ellen estava ganhando muitos pontos junto dela.

— Em todo caso — a moça ponderou — Se o erro aconteceu, há uma criança envolvida. Fica muito difícil competir com isto.

— Conheci meu neto. Realmente vai ser difícil o Rico não cair de amores por ele. É um menino lindo, parece um anjo, com os cabelos loirinhos e cacheados — sorriu ao dizer isso — Porém, não há problemas. O Rico pode ficar com o menino, não com a cozinheira.

— E como é que isso aconteceria? Quer dizer, acho muito improvável que ela abra mão de uma criança que nem está registrada no nome dele.

— Nisto, tem razão. E ela é daquele tipo de pobre orgulhosa, que se ofenderia com uma boa quantia para se afastar... E como está obtendo um pequeno sucesso, fica ainda mais difícil. Porém, não há sucesso que não acabe, nem necessidade que não se apresente.

— E quer minha ajuda para apressar este processo? — Ellen indagou, fazendo com que Constância sorrisse. Outra mulher mais tola teria perguntado como é que poderiam acontecer tais coisas.

— Exatamente, minha cara.

— E em troca...

— Sabe que o Rico me ouve bastante. Posso fazer com que a convide mais para estar conosco, elogiá-la, mostrar a ele como sua presença é necessária. O restante fica a seu cargo. Todo homem precisa de uma esposa que o apoie e não vejo ninguém melhor do que você para ocupar este cargo.

Ellen sorriu, pois também não via. Encarou Constância e fez que sim com a cabeça.

— Pode contar comigo. Basta me dizer como posso ajudar, que terei o maior prazer em fazê-lo.

Capítulo 15

Júlia odiara a sensação. Não gostou de se saber assunto entre os irmãos, tampouco o silêncio que se seguiu à sua chegada. Passividade diante de acontecimentos que desgostava nunca foi uma de suas características, principalmente nos últimos anos. Não entendia como Edu pudera partilhar de momentos tão íntimos com ela e, logo depois, negar-se a explicar o que estava acontecendo.

Sentando dentro do carro, Ricardo inspirou e expirou várias vezes até que se sentisse mais calmo. Por muito pouco não se deixou cegar pela raiva e pelo ciúme. Sim, fora exatamente isto o que sentira. Após três anos, a intensidade de seus sentimentos não diminuíra. No entanto, sabia que, se não fosse a revelação do médico, teria continuado a negá-los porque achava que Júlia não fosse merecedora deles. Teria, também, continuado a agir de modo inconsequente em suas relações pessoais, ferindo por ter sido ferido.

Usando o relacionamento fracassado como desculpa, tornou-se especialista em encontros vazios, lidando com as mulheres como se fossem objetos para satisfazê-lo. Nunca se orgulhara disso, pois sabia que piorara como ser humano. Após a revelação, no entanto, recuperara um pouco do bom senso e começou a se questionar, afinal como pudera se perder tanto? Por pior que fosse a decepção amorosa, ela jamais poderia ser motivo para se esquecer dos princípios nos quais acreditava.

Sabia que não bastava se arrepender, precisava mudar de postura. Estivera vivendo uma mentira por tanto tempo que agora carecia aprender a lidar com a verdade. E havia deixado um belo momento passar. Em vez de virar as costas e sair, deveria ter ficado e aproveitado a reunião para colocar tudo em pratos limpos, como se dizia. Pelo menos, acreditava, Júlia saberia o que aconteceu e tiraria suas próprias conclusões. Talvez, e esperava por isso, também voltasse sua desconfiança para seu irmão e, nesse caso, duvidava que continuasse com ele.

Júlia mal acreditou no que viu. Mesmo já tendo passado um bom tempo

desde que saíra do apartamento, Ricardo estava sentado em seu carro, estacionado do outro lado da rua. Por instantes, pensou que ele pudesse ter ficado a esperá-la, porém, notou que ele estava tão distraído que mal percebia o perigo de ficar parado dentro do carro. Assim sendo, mesmo que se arrependesse depois, ela não hesitou. Atravessou a rua com passos decididos e deu duas batidas na janela do lado do passageiro, mais fortes do que desejava, despertando-o de suas divagações.

Ricardo se assustou, porque além de o pensamento estar longe, esperava qualquer coisa, menos que ela fosse até ele. Vendo-a pela janela, percebeu o quão irritada estava, pois a conhecia bem e sabia que não era de perder a oportunidade de tirar as coisas a limpo. Demorou para destravar o carro, contribuindo ainda mais para a sua irritação.

Quando o fez, viu-a abrir a porta do passageiro e nem bem se sentara já estava dizendo o que parecia estar engasgado.

— Não sei a droga que houve lá em cima, mas se acha que pode surgir assim, dar seus chiliques e sair, está muito enganado!

— O Eduardo te falou que foi um chilique? — manteve-se o mais calmo que pôde, virando-se para olhar para ela.

— Não, isso eu mesma pude ver. O problema é que ele não disse nada — ela o fuzilou com os olhos — Acho que é mal de família.

— Compreendo que esteja tão nervosa, após ter sido interrompida — não conseguiu manter sua boca fechada e a frase soou irônica, maldosa. Viu Júlia erguer o queixo para olhar dentro de seus olhos, como se não acreditasse que ele houvesse dito aquilo.

Mentalmente ela contou até dez. Se ele achava que poderia fazer com que se sentisse suja por estar com Eduardo, provaria que estava enganado, afinal não estava fazendo nada errado, principalmente sendo uma mulher de trinta e um anos, solteira e independente.

— É possível que esteja sim — concordou, surpreendendo-o — O que é bastante compreensível, porque lá estava muito mais agradável do que estar aqui diante de você.

— No entanto, você está aqui — rebateu, provocando-a com sua pretensão. Mesmo depois de tanto tempo, o incômodo em ficarem frente a frente era grande demais para ambos.

— Estou, porque não gosto de joguinhos. Se a pauta era sobre mim, por que me excluir da conversa? — ignorou-o, sendo direta. Ricardo quase sorriu ao se lembrar de que, quando a conheceu, embora ela estivesse bastante irritada, nunca deixara que o nível da conversa caísse, como fizera agora, não aceitando sua provocação.

— Vim atrás do meu irmão — começou — Não esperava encontrá-la com ele — a frase teve um duplo sentido que ele não fez questão de negar — Porque minha conversa, no momento, era com ele.

— Você nem tenta negar que eu seja o assunto! — exaltou-se.

— Estou tentando fazer a coisa certa, Júlia; é verdade, nós precisamos conversar também, porém, prefiro que não seja diante de outras pessoas, muito menos dentro de um carro.

— Você prefere? — a pergunta saiu debochada — Sinto muito, mas a vida não é como preferimos. Eu mesma preferia nunca ter te reencontrado — sua mágoa atingiu Ricardo que, mesmo sabendo possível a reação, não esperava ouvir aquilo — E, pensando bem, não temos nada para conversar — teve a intenção de sair do carro, no entanto Ricardo travou a porta, de propósito — Por favor, não torne a situação mais estranha do que já está.

— Não tornarei — prometeu — No entanto, estou cansado de fugir. Amanhã a procurarei e continuaremos daqui...

— Qual a parte não entendeu sobre... — ele destravou o carro, fazendo com que ela não concluísse a frase.

— Se permanecer, terei que arrancar com esse carro e levá-la comigo — ameaçou e viu Júlia abrir a porta do carro, preparando-se para descer — Até amanhã — disse, antes de ouvir o barulho da porta sendo batida com força. Pelo retrovisor a viu se afastar, sem dar uma olhada sequer para trás.

Ricardo deu um longo suspiro, assim que se viu sozinho. Pela predisposição de Júlia percebeu que seria muito difícil a conversa do dia seguinte, porém, não

recuaria. Agira de modo covarde ao abandoná-la em um altar, agora tinha que ser corajoso para lidar com as consequências.

◆◆◆

Júlia não conseguiu fazer nada certo, desde o minuto que pusera os pés na Doce Pimenta. Após o episódio na igreja, aquela tarde fora a mais surreal que tivera. Como é que começara na cama com Eduardo e terminara discutindo com Ricardo? Nem ela mesmo entendia.

— Boss, o que está havendo com você? — Rui quis saber, preocupado, na terceira vez que ela errou o ponto de um doce que fazia de olhos fechados.

— Só estou um pouco nervosa — liberou sua meia verdade — Como se não bastasse, hoje vou à casa dos meus pais.

— Se não se sente à vontade, não entendo o porquê tem que ir — o confeiteiro foi sincero e Júlia refletiu um pouco.

— Percebi que a Sarah tem razão, minha mãe não tem culpa de as coisas terem se desmantelado com o meu pai. E ela gosta bastante do neto para eu afastá-lo de sua convivência. O Lipe precisa conviver mais com ela.

— Entendi — Rui a observou — Tem certeza de que é só isso? É que saiu com um astral tão bom e de repente voltou totalmente diferente.

— Tenho certeza, Rui — fez questão de tranquilizá-lo. Certeza era a única coisa que não passava nem perto dela. Como se fosse uma ameaça, a frase de Ricardo lhe veio na cabeça, Quem ele era para achar que ainda tivessem qualquer coisa para conversar? — Vou refazer o doce, e dessa vez vai dar certo — tentou acreditar no que estava dizendo.

—Tudo bem. Precisando de mim, estarei às voltas com um bolo delicioso — o confeiteiro sorriu para ela, esperando que ela retribuísse, porém Júlia manteve-se séria. Era óbvio que havia acontecido algo, ela só não queria dizer o que.

◆◆◆

Embora o exterior estivesse de dar inveja, só Deus sabe como estava por dentro. Se pudesse, não iria. No entanto, havia prometido a si mesma que o faria e não era de quebrar uma promessa.

Lipe, acostumado a ficar mais em casa, estava radiante. Bastou pronunciar a palavra "sair", para ele ficar ansioso, o que tornou o banho, bastante complicado, já que ele dispensou por várias vezes a ajuda de Júlia que, mesmo o monitorando, não conseguiu evitar que ele se ensaboasse com xampu.

— Lipe, o que a mamãe te ensinou sobre o xampu? — perguntou de um modo doce, porque, o mundo poderia desabar na sua cabeça que jamais descontaria em seu filho. O garoto ergueu os ombros e abriu os braços com a palma das mãos para cima. Era sua maneira de dizer que não se recordava — Xampu é só para os cabelos, Lipe — fez questão de lembrá-lo.

Depois, ele também não colaborou muito para vestir a roupa que ela escolhera. Mesmo assim, não perdeu a paciência. Por esses motivos, demorara um pouco mais para sair de casa. Recebeu um telefonema de Eduardo, enquanto prendia o filho à cadeirinha.

— Tudo bem entre nós Júlia? — quis saber.

— Edu, podemos nos falar depois? Estou indo para a casa da minha mãe agora — explicou.

Embora a resposta o tenha frustrado, ele concordou.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — não escondeu sua preocupação.

— Não sei. Só sei que eles são meus pais e minha mãe não tem culpa... — suspirou — Boa noite, Edu — e assim, sem muito se estender, decretou o fim da conversa.

— Boa noite — Eduardo até quis, no entanto não conseguiu dizer outra coisa, antes de desligar sem vontade nenhuma de fazê-lo. Tinha certeza de que a noite seria péssima, pois era a primeira vez que ela o tratara de modo frio. E depois da tarde que tiveram, sabia que ela poderia ser qualquer coisa, menos fria.

Ao mesmo tempo entendia, pois sabia que ela ficara nervosa por conta de seu silêncio. Mesmo assim não queria que tivesse saído daquela maneira. Porém, não

tinha como se virar para ela e dizer "Meu irmão acabou de descobrir que foi enganado e não é estéril. Está aqui me culpando por várias coisas, principalmente por ter me apaixonado por sua ex noiva".

Sinceramente, teve medo de como ela agiria. Medo principalmente de que tivesse uma recaída. Tinha noção de que a história da Júlia com o Rico foi forte, porém, estava no passado.

Seu irmão até podia ter sido vítima de uma armação, mas isso não o isentava das decisões erradas que tomara. Classificava como seu maior erro, ter levado o casamento adiante. Deveria ter chamado a noiva para conversar na sacristia e anunciado sua decisão, fosse ela qual fosse, longe de todos. No fim, tivera uma atitude própria de um moleque. Só alguém muito forte como Júlia para se recuperar de tamanha humilhação. Ele acompanhara o processo e não fora tão fácil. E agora, que as cicatrizes estavam fechadas, achava nociva aquela reaproximação. Tinha medo de vê-la magoada novamente.

Como se não bastasse, por que Ricardo tinha que aparecer logo naquele momento? Ao convidá-la para almoçar não imaginava que acabariam na cama, na verdade as coisas aconteceram naturalmente, porque os dois desejavam. O desfecho teria sido maravilhoso, se não fosse aquela interrupção. Parecia ironia, pois ele não apenas interrompera o momento, como conseguira, mesmo que momentaneamente, afastá-los.

Deitou-se mais cedo do que o costume e a cama nunca lhe parecera tão grande. Pensar na sequência dos acontecimentos da tarde fez com que ficasse excitado. Não era adepto do banho frio, porém, foi o expediente utilizado para fazer com que os seus ânimos acalmassem. Agora que já havia provado um pouco dela, seria difícil não sofrer com a abstinência. Como sempre, não pretendia pressioná-la, nem forçar sua presença, porém, isso não significava desistir tão fácil.

◆◆◆

Júlia sorriu, vendo o filho junto do avô. Ainda assim, não sentia-se à vontade. Quando chegaram, o contato entre ela e o pai havia sido bem formal. Por isso, ficou embevecida ao ver seu pai tratar o menino com carinho.

— Esperava que fosse diferente? — Salete, sua mãe, aproximou-se, sentando-se ao lado dela no sofá.

— Não — Júlia, negou acintosamente com a cabeça, e estava sendo sincera, pois sabia que seu pai nunca maltrataria uma criança. Bem diferente do que acontecera com ela, magoando-a ao duvidar de sua honestidade. Se de Ricardo fora difícil ouvir a insinuação, tornar a escutá-la de seu pai foi insuportável.

— Então há algo mais do que isso? — encarou a filha, buscando seus olhos. Quando Júlia desviou-os rapidamente, teve certeza de que sim — Vem, filha — levantou-se e deu a mão para que Júlia a seguisse. Antes de sumirem em direção ao quarto, ainda gritou — Ivan, cuide bem do Lipe, já voltamos para jantar.

Júlia sentou-se na cama, vendo a mãe fazer o mesmo, após fechar a porta. Podia ter se afastado do pai, no entanto sentia muita falta daquela convivência, de ter o colo da mãe sempre que precisava.

— Diga-me, o que está acontecendo? Está com um olhar triste.

— É impressão — Júlia se esquivou. Confusa seria a melhor definição. Como é que falaria para ela que estava se envolvendo com seu ex cunhado e que Ricardo ressurgira? Ambas situações, que nem digerira ainda, eram capazes de render um belo sermão — Só tenho trabalhado muito.

— Você pode ficar afastada o tempo que for, Júlia, no entanto ainda consigo perceber quando está mentindo — Salete falou de modo sereno e viu a filha sorrir nervosa.

— Deveria ter ensinado esta técnica para o papai — deixou escapar, arrependendo-se logo em seguida — Desculpe. Não foi a minha intenção...

— Tudo o que mais gostaria, era que as coisas voltassem a ficar bem entre vocês — não teve como ignorar a mágoa existente na voz da filha — Porém, sei que há mais alguma coisa a incomodando, Júlia. Entendo que não se sinta à vontade para compartilhar comigo...

— Não é isso, mãe. Apenas não consigo externar algo que nem eu mesma estou entendendo.

— Filha, você finalmente está se envolvendo com alguém, não é mesmo? —

Salete leu novamente a filha de uma maneira tão perfeita, que à Júlia só bastou fugir novamente do contato visual — Só Deus sabe o quanto tenho torcido por isso. Você é muito nova e bonita para ficar sozinha. E, no fim das contas, vai ser bom para o Lipe, quem sabe, mais para frente, ganhar um irmão...

— Nossa, nem estou com ninguém e já me colocou grávida — riu, pela primeira vez descontraída desde que chegara.

— Quem é? Eu o conheço? Não me diga que é algum chef também...

— Não há ninguém, mãe! — mentiu, pois não falaria sobre os momentos ao lado de Eduardo e o quão havia pensado neles. Salete não simpatizava com ele, por um simples motivo: era irmão daquele que a abandonara e a fizera sofrer. Não acompanhara a filha apenas à igreja, mas estava com ela nos dias que se seguiram e fora testemunha de tudo o que ela passara. Não queria que aquilo se repetisse e, assim, reprovava a amizade dos dois.

— Vou fingir que acredito, Júlia.

— Aproveitando que estamos conversando — achou melhor mudar de assunto — Queria te pedir um favor. Talvez, daqui a um mês, mais ou menos, tenha que viajar a trabalho, três dias longe...

— Pode deixar o Lipe aqui, quando quiser Júlia — nem deixou que terminasse — Amo o meu neto e por mim, ficaria com ele sempre que precisasse. Não quero me tornar uma estranha para ele, Júlia. Sorte das crianças que podem ser cuidadas pelas avós. Não desmerecendo as babás, porém, cuidado de avó é especial.

— Sim, sim, para mimar e deixar os netos fazerem tudo o que os filhos nunca puderam – Júlia a provocou, com um fio de bom humor.

-— Só não quero que meu neto me estranhe ou tenha vergonha de mim, mais para frente.

— Que coisa horrível, mãe! O Lipe nunca terá vergonha da própria família, por um simples motivo: estou o educando da maneira correta, para que valorize suas raízes. Independentemente de ter puxado... — fez uma pausa, mas sua mãe entendeu o que diria — Acima de qualquer coisa, ele é meu filho e, portanto, negro também. Toda criança nasce pura, mãe. É A educação, o bom exemplo,

que define como será no futuro. Se as crianças se tornam preconceituosas, a culpa é dos adultos. Se a senhora e o meu pai não tivessem orgulho de serem quem são, eu também não teria e levaria para casa qualquer desaforo que me fizessem, relacionado à cor da minha pele, porque não teria aprendido a gostar de mim mesma.

— Desculpe, filha. Você tem razão — Salete emocionou-se — Fico orgulhosa pela mãe que se tornou.

— Aprendi com a melhor — Júlia piscou.

— Já que não vai me dizer o que está te incomodando, voltemos para sala, antes que fique tarde demais para jantar.

◆◆◆

A breve conversa com Júlia, fez com que Ricardo tentasse, em vão, encontrar o doutor Felipe Gusmão. Havia pedido à secretária que levantasse seu endereço e quando ela citara uma clínica em uma cidade a três horas da capital, não hesitou em ir até lá. No entanto, a viagem foi em vão, pois ninguém sabia o paradeiro do tal médico. Embora quisesse muito ser o responsável por colocar as mãos em cima dele, voltara decidido a contratar um detetive.

Chegou ao hotel tarde e exaurido física e emocionalmente.

Sua decepção era grande, porque desejava estar munido de todas as provas, quando procurasse Júlia. Não que necessitasse delas, mas queria muito fazê-la entender que foram vítimas de uma armação e se encontrasse o médico, ele diria a mando de quem.

Havia sido estúpido demais para perdê-la, reconhecia isso. Porém, estava longe de se acovardar e não tentar reconquistá-la. Além disso, havia a criança. Desde que o doutor Vicente lhe contara a verdade, não havia uma minuto sequer que deixava de pensava nela. Não tinha como ignorar o fruto de um amor tão grande.

Antes do casamento, ele e Júlia não haviam falado em crianças, porque queriam se dedicar um ao outro, à paixão que os unira. Isso não significava que

não desejasse ser pai. Ela seria sua família e é claro que gostaria de ter filhos com ela.

Sempre que ela sorria, ou se lembrava de algo que ele esquecia, zangando-se sem se zangar, era impossível não imaginar que daria uma bela mãe. Assim, descobrir-se estéril foi um balde de água fria em seus planos para o futuro. Exatamente como dissera à época, sentiu-se menos homem. De repente, pareceu-lhe uma grande ironia, não poder dar filhos à mulher que havia escolhido para viver.

E então, ouvir minutos antes de se casar que ela estava grávida, fez com que seu sangue fervesse. Não só a imaginou na cama com outro, imaginou-a com outro melhor do que ele. Alguém que fora capaz de lhe dar algo que nunca poderia. Isso não justificava o que fez, mas quem é que pensa quando está nas terras do ciúme?

Para esquecê-la, havia passado três anos apenas trabalhando, juntando dinheiro e agora percebia a tolice disso. Tinha conquistado a tão sonhada estabilidade financeira, mas não podia se dizer feliz. Era um homem sozinho. Nem mesmo os amigos conservara. Fora incapaz de retomar o contato com eles, depois do episódio da igreja.

Em seu quarto, após se livrar da gravata, percebeu o quanto estava tenso. Sentia dor principalmente nos ombros e no pescoço. Caminhou até o bar, serviu-se de um copo de uísque e virou-o em um só gole. O líquido desceu queimando em sua garganta. Mesmo o gosto lhe parecendo bastante amargo, não chegou nem perto do que sentira ao vê-la ao lado de seu irmão. Se dependesse dele, o tempo de Eduardo ao lado de Júlia estava prestes a acabar.

Precisava de um banho e dormir, porque o dia seguinte, como todos os outros que estava tendo desde a morte do doutor Vicente, prometia.

◆◆◆

Dia seguinte

— Maravilhoso — ao elogio, Júlia sorriu, tentando se concentrar no trabalho. Estava cansada por ter chegado tarde e, para ajudar, não tinha dúvidas que

Ricardo cumpriria sua promessa. Por ora, deteve-se à satisfação estampada no rosto da jovem mulher. Sempre que criava um doce novo, ficava na expectativa, principalmente porque como gostava de pimenta, nem sempre sentia o quão estava picante. Ter obtido a aprovação da noiva, foi um alívio, principalmente tendo a degustação começado bem cedo — Com certeza vou querer esses muffins de abacaxi com pimenta. E aqueles doces que provei — apontou — Meu Deus, já me sinto engordar — sorriu, virando-se para ela — Deve imaginar como esse dia é importante. Quero que tudo corra bem, preciso que tudo seja perfeito.

Júlia sabia bem o que ela estava sentindo, porém, preferiu manter-se quieta, sendo o mais profissional possível.

— No que depender da gente, podem contar com isso.

— Se a Vânia aprovou, também aprovo — o noivo finalmente abriu a boca, estava claro que estava ali apenas para concordar e se preciso, pagar a conta — Onde que acertamos os detalhes? — quis saber.

— Podemos ir até o escritório — Júlia sugeriu — Lá tirarei as dúvidas, se existirem, e podemos fechar o contrato.

Esperou que eles levantassem e os acompanhou até a outra parte da confeitaria, aquela que haviam ganhado ao expandir a loja. Se havia uma coisa que aprendera é que não podia lidar com tudo. Não abriria mão de estar na cozinha, por isso, precisava delegar funções. Geralmente só tirava as dúvidas dos contratantes, pois havia duas pessoas que cuidavam da agenda e dos contratos da Doce Pimenta.

— Deus do céu — Júlia falou assim que voltou à cozinha — Pensei que não acabaria mais essa degustação. Custou-nos todo expediente da manhã!

— Pelo menos aprovaram quase tudo aquilo em que haviam mostrado interesse — Karin deu de ombros — Ou seja, estamos no lucro.

— E ainda se apaixonaram pelo bem-casado e pelo meu bolo — Rui teve que concordar com a amiga — Portanto, também não tenho do que reclamar.

— Não vai me contradizer também, Andreia? — Júlia questionou a confeiteira que se mantinha mais calada. Cruzou os braços, esperando o que ela

diria.

— Tenho sim um comentário a fazer — Andreia começou e Júlia arqueou uma das sobrancelhas — Aquele marido está perdido. Se ela já decide tudo agora, meu Deus, o que será do homem depois? — comentou, fazendo com que Rui e Karin rissem.

— Andreia, eles podem estar lá ainda! — Júlia teve que admitir que ela fora engraçada, mas não estava tão bem-humorada a ponto de rir.

— Ah, o que posso fazer? Disse alguma mentira?

Júlia fez que não com a cabeça, tinha percebido a mesma coisa.

— Se quiserem sair para o almoço, o melhor momento é agora — olhou o relógio que havia na parede — Só abriremos após as duas da tarde.

◆◆◆

Para começar, Constância havia feito um pedido simples: prestar atenção nos passos de Ricardo.

— Meu filho é previsível, Ellen. E ele não vai se contentar em tirar a história a limpo, vai acabar procurando a cozinheira.

Ellen compreendera bem o que ela quisera pedir com isso. Porém, seu trabalho a deixou restrita ao hotel. Desse modo, ver Ricardo vestido impecavelmente logo cedo, sem haver nenhuma reunião agendada foi o suficiente para que ficasse atenta. Mesmo ele voltando ao trabalho, havia algo em sua linguagem corporal que a deixou intrigada.

Propositalmente, foi para o restaurante do hotel, onde Solange estava e almoçou com ela. A secretária não estranhou muito, porque antes, quando começara, tais almoços eram frequentes e Ellen sabia ser agradável, quando queria. Manteve com ela uma conversa informal, até chegar ao ponto em que queria. De maneira natural, perguntou sobre a agenda do chefe e mal acabado o almoço ligou para Constância.

— A senhora estava certa, ao que tudo indica, o Rico irá vê-la hoje — Ellen

disse desgostosa — E ontem, esteve procurando pelo médico Felipe Gusmão.

— Não sei que mal fiz a Deus! — Constância bufou — Já era para ter esquecido a cozinheira. Não me conformo. E para que mexer no passado indo atrás desse médico?

— Ele pode descobrir algo que a complique? — embora, por intuição soubesse que sim, Ellen quis confirmar.

— Entenda Ellen, isso não importa, porque ele não encontrará o médico — falou com tanta certeza que a gerente não teve como duvidar — Se houver alguma forma de impedir que ele deixe o hotel hoje, por favor, tente.

— E se não houver? — não queria fazer aquela pergunta, no entanto não pôde evitar.

— Nesse caso, conto com sua criatividade — Constância disse, antes de desligar.

◆◆◆

Ricardo estranhou. Sempre que pensava ter um tempo livre, aparecia um documento que necessitava de sua assinatura ou algum problema no hotel.

— Sinto muito, Rico. Porém, ficou um tempo afastado. É natural que tenha acumulado muita coisa.

— O que depende da minha assinatura, até entendo, mas isso não se aplica a assuntos que você poderia resolver... — irritou-se, pois tinha planejado encontrar Júlia à tarde. Se ela tivera tempo para Eduardo, teria para ele também — Por favor, está fazendo com que eu repense na sua capacidade de gerenciamento.

— Se está assim tão insatisfeito, é só me demitir — Ellen retrucou, criando um clima de propósito — Aliás, eu facilito. Estou me demitindo — e deixou a sala dele, com passos firmes e rápidos.

Ricardo bufou. Era tudo o que lhe faltava. Teve que correr atrás de sua gerente, porque não podia abrir mão de seu braço direito, não agora em que estava se ausentando mais do hotel. Mesmo sabendo que perderia tempo com

aquela pequena crise, era sua obrigação resolvê-la.

◆◆◆

Andreia foi a primeira a vê-lo ali. Não que o conhecesse pessoalmente, mas já o tinha visto nas revistas e tinha certeza de que se tratava do mesmo homem. Ainda que a confeitaria estivesse cheia, o que não era o caso, ele se destacaria facilmente. Se houvesse um homem para quem os ternos pareciam ter sido inventados, estava diante dele. Não teve como negar que ele era bem bonito, embora fosse totalmente diferente do Edu, sendo dono de uma beleza mais clássica. Sem desmerecer o irmão mais novo, nem duvidar de sua hombridade, entendia bem o que Júlia vira no primogênito. Ele tinha um ar mais rústico, mais "cara de homem", como dissera tantas vezes de homens alfa.

Chegou à cozinha tão sem jeito que acabou chamando a atenção dos dois confeiteiros, visto que Júlia estava compenetrada demais limpando a estação onde trabalhara.

— Nossa, Andreia, parece que viu um fantasma — Karin comentou bem-humorada.

— Se todo fantasma tiver aquele porte... — Andreia assoviou, antes de ficar séria — Bem, Júlia, tenho certeza de que veio para falar com você.

Júlia ergueu os olhos. Passara o dia todo tensa, imaginando que Ricardo pudesse aparecer a qualquer minuto. Como isso não aconteceu, acabou ficando mais tranquila. Tranquilidade que lhe permitiu atender um telefonema de Eduardo e conversar com ele de maneira mais natural do que na noite anterior.

— Não acredito — Júlia exclamou, olhando o relógio. Estava perto do horário de buscar o filho no colégio e, de modo algum, queria que Ricardo o visse. Livrou-se do chapéu e tirou o dólmã rapidamente, apanhando o celular. Antes de sair para o salão, precisava da ajuda de Sarah. Pediria à prima que não só apanhasse o menino, mas também o levasse para sua casa.

— Tudo bem, Júlia? — Rui ainda não tinha entendido quem era e tampouco a expressão de sua chefe.

— Depois que eu fizer um telefonema, talvez fique — o seu tom saiu grave, antes de ir em direção ao vestiário para ligar de lá.

Rui e Karin olharam para Andreia.

— Não me diga que é quem estou pensando — Rui pediu, quando finalmente caiu a ficha. Andréia não pôde fazê-lo.

— Ricardo Vidal? — Karin perguntou boquiaberta e Andreia fez que sim com a cabeça.

Para Ricardo era estranho estar na Doce Pimenta. Vira a confeitaria nascer. Nela experimentara as primeiras criações de Júlia, quando a equipe era reduzidíssima e nem sabia se durariam um mês. Para completar, em meio a bombas de chocolate e tarteletes havia feito o pedido de casamento. Sabia o que aquele lugar representava para ela e estava orgulhoso com a expansão.

Ao mesmo tempo, estar ali e ver tantas mudanças, significava tudo o que havia perdido, todas as vitórias que não comemorara ao lado dela. Engoliu em seco, sentindo-se mal por notar que em três anos estivera ausente das maiores conquistas de sua vida. Isso, apenas relativo à vida profissional, se pensasse em Júlia como mãe, a sua culpa só faria aumentar.

Estranhou a demora e olhou para o lado. Tirando os atendentes, havia apenas duas mesas ocupadas. Olhando as vitrines, pensou que tinha todo tempo do mundo e, para ter a conversa mais importante de sua vida, aguardaria o tempo que fosse preciso.

◆◆◆

Ellen não imaginava voltar ali tão cedo. Porém, fora o último expediente, após não conseguir mais adiar a saída de Rico. Ele estava determinado e mesmo se acontecesse alguma tragédia, ele teria saído.

— Será que ela vale tudo isso mesmo? — questionou para si mesma, o despeito falando mais alto do que qualquer coisa.

Rico conhecia seu carro e, por esse motivo, alugara um modelo diferente,

com vidro fumê que permitisse seu anonimato. Assim poderia deixá-lo estacionado do outro lado da rua, enquanto observava o que aconteceria.

Constância teria que entendê-la, pois estava tão nervosa em vê-lo ali, tão próximo da mulher com quem quase casara, que sua criatividade simplesmente a abandonara.

Capítulo 16

— Desculpe, Sarah, estou me sentindo aquela pessoa que só pede — Júlia tentou não deixar transparecer sua apreensão com a situação.

— Não se preocupe, Júlia. Nunca me faltou, quando precisei, portanto, deixe disso — Sarah fez uma pausa — Estou a caminho da escola e vou levar o Lipe para minha casa, como pediu. Bom que assim vejo como o Wagner se comporta com crianças — suspirou — Tem certeza de que vai ficar tudo bem?

— Absoluta, Sarah — apesar do nervosismo, respondeu com convicção — Muito obrigada mesmo.

— Beijos, até mais tarde — ouviu a prima se despedir, antes de desligar.

Júlia saiu do vestiário, pelo menos em relação ao Lipe estava tudo resolvido. Agora era resolver o restante. Quando retornou à cozinha, já estava sem o dólmã, embora ainda mantivesse o cabelo preso. Os três confeiteiros olharam-na ao mesmo tempo, com certo suspense.

— Hoje foi um dia atípico — começou, antes que lhe perguntassem algo — Então, vou perguntar como está o salão e dependendo da quantidade de clientes, fecharei a Doce Pimenta mais cedo. Tudo bem para vocês?

— Sim — Andreia e Karin responderam quase ao mesmo tempo e Rui apenas concordou com a cabeça. Júlia sabia que, na verdade, ele duvidava que estivesse bem, por isso, lançou-lhe um olhar cúmplice.

— Vou dar uma olhada em como estão as coisas e falar com os demais funcionários. Aproveitarei para organizar os doces que sobraram para serem doados — Andreia informou, saindo sem que Júlia tivesse tempo para agradecê-la. Ao mesmo tempo, os dois confeiteiros começaram a limpar suas estações de trabalho, pois compreendiam que aquela conversa devia ser particular.

Ricardo estava ficando ansioso. Tão acostumado a ser seguro, já havia se esquecido de como era vacilar, principalmente, por causa de uma mulher. A verdade é que não tinha nenhum plano, não sabia como tratar daquele assunto e tampouco como seria a reação de Júlia.

Para que não parecesse um reunião de negócios, não levara uma maleta, mantendo o resultado do exame no bolso interno do paletó.

Percebeu toda a movimentação dos funcionários, assim que os ocupantes das duas mesas acabaram de comer e se retiraram. Compreendeu o que aconteceria e, sinceramente, achou a decisão acertada. Não sabia como seria a conversa, por isso, melhor que fosse particular.

◆◆◆

Não era preciso ter um Q.I acima da média para entender o que estava ocorrendo. Os primeiros a deixarem o lugar foram os clientes. Depois de algum tempo, estacionou uma van com o logotipo da confeitaria e Ellen assistiu os funcionários carregarem-na. Quando a van partiu, viu as persianas das janelas serem baixadas e, antes de os últimos funcionários saírem, o lugar já estava praticamente fechado.

Ellen se mexeu inquieta no banco do carro ao perceber que os dois ficaram sozinhos dentro da confeitaria. Teve vontade de sair do carro e tomar alguma providência para impedir que aquela conversa acontecesse. Porém, não conseguiu pensar em nada, além de ligar para Constância.

◆◆◆

Júlia puxou o ar, antes de finalmente caminhar em direção ao salão. Mesmo achando não ter nada para conversar com Ricardo, estava tensa. Nem bem entrou no salão, enxergou-o.

Ele, que havia sentado há poucos minutos, levantou-se imediatamente. Respirou fundo, a espera tinha chegado ao fim. Leu na expressão dela o seu desconforto.

— Pronto — cruzou os braços, parando diante dele, em uma distância que considerava segura — O que há de tão importante para me dizer? — indagou de modo seco sem ao menos cumprimentá-lo.

Era estranho conversar com ele naquele lugar, pois a Doce Pimenta sempre estivera muito presente no relacionamento dos dois.

Ricardo engoliu em seco. Respeitou a distância estabelecida por ela, sem conseguir deixar de admirá-la; mesmo quando se vestia de modo casual, como agora, dentro de um jeans preto e com uma blusa que deixava os ombros de fora, conseguia ficar muito bem. Por outro lado, seu tom e sua postura deixavam claro o seu desconforto. Sem saber como começar, tirou o papel do bolso.

— Bem... — procurou as palavras certas — Não sei o melhor jeito para fazer isto. Quer dizer, se é que há um jeito correto — sua mão tremia ao estender o papel para Júlia. Ela hesitou, demorando muito para descruzar os braços e receber o papel que lhe era oferecido — Só espero que não me odeie ainda mais...

As palavras dele, deixaram-na cismada. Seja lá o que fosse, deveria ser grave, caso contrário, não se mostraria tão reticente e nem faria tal pedido. Devagar, desdobrou o papel, abrindo-o aos poucos, passando os olhos sobre ele. Arregalou-os, ao ler o nome do laboratório e compreender que tipo de exame era aquele. Suspendeu a leitura.

— O que significa isto?

— Por favor, continue – praticamente implorou, a voz rouca, demonstrando o também seu nervosismo — Leia até o fim.

Júlia respirou fundo, a aflição tomando conta de sua falsa segurança. Ainda que estivesse cada vez mais tentada a não prosseguir, atendeu ao pedido dele, lendo, linha a linha, número a número, até o resultado, antes do nome do médico responsável.

Imediatamente abaixou a cabeça e seus olhos se encheram de lágrimas. De repente era como se tivesse esquecido de como respirar, pois lhe parecia algo muito difícil naquele momento. Ali, diante dela, um resultado confirmava o que estava cansada de saber: Ricardo não era estéril. Para piorar a data do exame era recente. Inspirou e expirou lentamente, controlando o ritmo da respiração, já que

seu coração estava acelerado.

Ricardo observou a tudo em silêncio. Era muito difícil saber que lhe causara tanta dor e que aquelas lágrimas não haviam sido as primeiras que provocara. Sua vontade era confortá-la, abraçá-la, porém, pelo que a conhecia, sua tentativa seria rechaçada.

— É algum tipo de piada? — foi a primeira coisa que conseguiu dizer ao erguer a cabeça. Diante o baque, encostara-se ao balcão, porque até se manter em pé estava difícil.

— Não, Júlia. Infelizmente não é nenhuma piada. E é por isso que estou aqui. Estou te pedindo uma chance para me explicar.

— A mesma que me deu? — sua voz soou irônica, revelando toda mágoa que estava represada — Você me vem com uma droga de um papel, comprovando o que eu sempre soube e me pede uma chance? Pois a minha resposta é não. Não quero ouvi-lo e este exame não muda nada — jogou o papel na direção dele — Agora, saia daqui!

Ricardo viu o papel cair no chão e não fez menção alguma de apanhá-lo. Sabia que aquela conversa não seria fácil, por isso, não se surpreendeu com a reação dela.

— Ainda que não queira ouvir, vou falar — ignorou-a — Sei que feri seus sentimentos e estou aqui para pedir perdão por tudo o que fiz a você, na verdade a nós dois, pois também sofri bastante — continuou, mesmo quando ela virou de costas para ele.

Júlia esperava qualquer coisa, menos que aquele fosse o assunto. Por quanto tempo esperara escutar aquelas palavras e agora, quando não faziam o menor sentido, ele as estava dizendo. Que a ferida nunca cicatrizara, isto já sabia, só não imaginava que doesse tanto mexer nela. A primeira lágrima riscou sua face sem que pudesse impedi-la.

— Vá embora, Ricardo! —— voltou a pedir, sem querer demonstrar o quanto aquele assunto ainda a deixava mal — Está três anos atrasado para esta conversa. Nada do que me disser agora vai fazer com que mude minha opinião sobre você.

Consciente de que poderia se arrepender, Ricardo aproximou-se ainda mais,

negando-se a fazer o que ela pedira.

— Fui enganado! — continuou e Júlia nem se preocupou em limpar as lágrimas. Não compreendeu o que ele estava dizendo, portanto, não o interrompeu — Sei que não justifica nada, mas o resultado dos exames anteriores foi forjado — surpreendeu-se com a própria voz, não mais rouca, e sim embargada — Fui levado a acreditar que não podia ter filhos e quando descobri sobre sua gravidez, minutos antes do casamento, fiquei cego! Apenas com a morte do doutor Vicente, descobri toda a verdade.

Júlia colocou as duas mãos sobre o balcão. Ouvira bem e compreendeu a gravidade da revelação, no entanto, para ela, ainda não justificava os atos dele. Devagar se virou para olhá-lo, sem se importar em esconder que estava chorando.

— Isso não faz o menor sentido. Por que alguém faria algo assim?

— Sei que não faz nenhum sentido, porém, é óbvio que foi para nos separar! — estava tão próximo, que sua vontade era secar suas lágrimas, no entanto, conteve-se — Estou procurando o médico que me levou ao engano e, assim que o encontrar, terei certeza de quem foi o responsável, entretanto precisava dividir isto com você — fez uma pausa, esperando que ela dissesse algo.

Júlia refletiu por alguns segundos. Verdade que a revelação a pegara de surpresa, porém, não apagava tudo o que sofrera.

— Você é tão culpado quanto esta pessoa — comentou finalmente, abandonando qualquer tentativa de ser racional — Se tivesse confiado em mim, nada disso teria acontecido. Se me tivesse dado o benefício da dúvida, não estaríamos aqui tendo essa conversa! Porém, foi covarde, acreditou no que quis e saiu daquela igreja sem sentir um pingo de remorso.

— Não é verdade, doeu em mim fazer aquilo! —— protestou. Agora foram os olhos dele que se encheram de lágrimas — Não há um dia que não me recorde e não me arrependa daquilo. Não ache que me orgulho do que fiz, pois não me orgulho. Esse exame só veio enfatizar o tamanho do meu erro! Também fui vítima dessa farsa, afinal também fui prejudicado? — encarou-a — Eu perdi você, Júlia.

Ela balançou a cabeça negativamente, sem acreditar que ele estivesse falando

a verdade. Seu silêncio foi a pior resposta.

— Por favor, diga algo, faça qualquer coisa, só não me ignore. Sou um idiota, e todos os palavrões que você possa estar pensando e estou aqui admitindo isso, fazendo mea culpa. Não posso voltar no tempo e apagar toda a droga que fiz, porém, estou me despindo de todo o meu orgulho, para te pedir perdão e dizer que errei e que não me orgulho do meu comportamento e, ainda que seja difícil de acreditar, não fiz nada de caso pensado, nem por mal. Tenho noção de que a magoei e quero que saiba, pelo menos, que me arrependo.

Júlia continuou a observá-lo. Como ele queria que agisse depois de despejar toda aquela informação sobre ela?

— Quer que faça o que? — ele insistiu, quebrando o silêncio — Que me ajoelhe para implorar seu perdão? — não esperou a resposta para se ajoelhar diante dela — Não tenho a menor vergonha de fazê-lo.

— Não seja ridículo, levante-se! — ordenou, incomodada com a situação. Uma parte dela queria muito perdoá-lo e seguir em frente, mas outra não conseguia se esquecer de tudo o que vivera nos últimos anos — Por favor, não aja como se eu fosse a vilã! — esperou que ele se levantasse.

— Coloque-se no meu lugar, por favor! — suplicou, deixando-a mais nervosa ao diminuir a distância entre os dois. Fixou seus olhos verdes nos dela.

— Faça o que eu falo, mas não o que faço, não é mesmo Ricardo? Quando é que você se colocou em meu lugar? — Júlia não fugiu ao seu olhar — Ainda que tenha sido uma farsa, nada justifica suas escolhas. Sabe, se tivesse sido o contrário, se tivesse aparecido na igreja uma mulher dizendo esperar um filho seu, jamais agiria como agiu. Logo você que se dizia justo, condenou-me sem ao menos me dar oportunidade de defesa!

— Meu Deus, Júlia, estava confuso! Sentia-me humilhado por não poder te dar filhos e nem sabia como te contaria. De repente, descobri que estava grávida e surtei — sem querer elevou um pouco a voz.

— Não chame sua fraqueza de surto! — fez o mesmo, aumentando o tom também — Quem ama confia. Se me amasse naquela época, teria confiado em mim. Em vez disso, na primeira oportunidade, ao primeiro surgimento de um problema, você me deixou. Ter me envergonhado diante da minha família e dos

nossos amigos não foi tão decepcionante quanto saber que seu amor era só da boca para fora.

—Você está sendo injusta, Júlia. Sempre soube que te amava...

— Injusta? — o riso, entre lágrimas, interrompeu-o — Acho que vou considerar sua opinião, afinal de injustiças você entende. E quanto a saber, não tenho tanta certeza. Percebi que me apaixonei por um homem que nunca existiu, alguém que inventei, pois nunca conheci o verdadeiro Ricardo Vidal.

— Sabe tanto quanto eu que não é verdade o que está dizendo. Nós nos amamos. A partir do momento em que nos conhecemos, já sabíamos que nosso destino estaria ligado. E isso não era algo restrito à atração que sentíamos, pimen...

— Não ouse me chamar assim... — Júlia limpou as lágrimas — Se era isso o que queria dizer, considere a missão cumprida, já pode ir embora.

— Não terminamos ainda... — Ricardo se manteve no mesmo lugar. Estava perto demais dela. Podia sentir seu perfume e, se estendesse a mão, tocar em seu rosto — Cansei de fugir, Júlia. Estou deixando o Ricardo que fui no passado. Quero voltar a ser aquele que conheceu e por quem se apaixonou.

— Acho que é meio tarde para isso. Você mesmo disse que não pode voltar no tempo — Júlia manteve-se irredutível.

— Realmente, nada posso fazer com o passado. Porém, tenho o futuro pela frente para me redimir.

— Pensa realmente que é assim que acontece? Que podemos ferir hoje e, pedindo desculpas amanhã, tudo se resolve? — respirou fundo — Só há um furo em sua teoria: você pode até tentar, mas jamais — frisou a palavra — Conseguirá desfazer o mal que causou.

— Sei disso, Júlia. Não estou pedindo para se esquecer tudo o que houve, pois, como disse, tenho noção do quanto fui cruel com você e estou envergonhado por isso. Só queria que não me odiasse tanto, porque apesar da raiva que senti, nunca consegui te odiar.

— Devo agradecê-lo pela sua benevolência? — o sarcasmo dela o

incomodou.

— Júlia, pode me acusar do que for, dizer que cometi inúmeras falhas, porém, não tem como negar que eu esteja tentando, apesar dos meus inúmeros defeitos, estou tentando...

— Você merece um prêmio, por isso, com certeza — novamente escondeu-se atrás do escudo do sarcasmo, sem fazer o menor esforço para conter as lágrimas, agora abundantes.

Ricardo nervoso, passou a mão sobre a boca e depois sobre o queixo. Sua impressão era a de que poderia dizer qualquer coisa que não adiantaria. A mulher que estava diante dele não era mais a Júlia por quem se apaixonara. Era alguém que sofrera demais, sofrimento que ele causara. Diante dela, sabia agora que não tinha dimensão do quanto a ferira. Só enxergava uma mulher tão machucada que, talvez, não conseguisse perdoá-lo. Vê-la chorar o machucou.

Seguindo o que estava sentindo, fez aquilo que estava com vontade. Deu um passos na direção dela, eliminando a curta distância que ainda existia entre eles e a surpreendeu com um abraço.

Sentir-se envolvida por um abraço que já havia esquecido foi como tomar um choque de alta voltagem. Júlia tentou empurrá-lo e se debater, para que a soltasse. Ricardo não cedeu, nem se afastou, mantendo-a em seus braços, sem ter que fazer muito esforço para isso.

— Isto, Júlia — sua resistência o deixou ofegante — Se me bater, fará com que se livre de um pouco da mágoa que tem contra mim, prefiro que seja assim. Só não aceitarei que se esconda atrás de ironias ou frases que não refletem o que está sentindo de verdade.

—Você não tem o direito! — continuou tentando fugir ao seu contato e só desistiu ao, perceber que ele não a soltaria — Não pode aparecer agora e pedir que eu aja como se não tivesse acontecido nada. Você me abandonou, Ricardo. Deixou-me à própria sorte. Por sua causa, não falo direito com o meu pai! Sabe o que sentir-se sozinha, sem esperança? Ir dormir e não querer acordar?

— Eu sei, Júlia — a resposta rápida foi sincera, pois ela acabara de descrever o que ele sentira nos dias que se seguiram à cerimônia — É horrível. Olhe o homem que tornei. Acha que estou satisfeito? Só não quero mais ser a causa de

seu sofrimento... — era indescritível mantê-la em seu abraço, depois de tanto tempo — Imagino o quanto é difícil me perdoar, porque eu ainda não consegui — confessou, ao perceber que ela estava se acalmando. Poder confortá-la por um mal que havia causado, estava sendo o melhor momento daquele encontro.

Ficaram em silêncio por alguns segundos. Concentrando-se, podia ouvir o coração dela batendo de maneira acelerada.

— Além do mais, apesar de tanta coisa ruim, Deus nos concedeu uma dádiva, fruto do nosso amor, uma criança...

A expressão de Júlia se modificou e foi como se quebrasse o encanto no qual estava. Como ele havia relaxado os braços e não esperava que ela tentasse se livrar novamente, não foi difícil se desvencilhar. Ricardo a olhou sem entender o que havia feito de errado.

— Fruto de nosso amor? — indiguinou-se — Não ouse se aproximar do meu filho!

Ricardo sorriu, a lágrima que estava represada no cantinho de seus olhos caiu.

— Então, é um menino?

— Não ouviu o que lhe disse? Nem pense em se aproximar dele! Não chamde de fruto de amor,o que até agora tratou como fruto da minha traição — fez questão de lembrá-lo.

— Caramba! Já disse que me arrependo. Não abro mão de conhecê-lo, Júlia — fez-se sério — É meu direito.

— Direito? — a indignação só fazia crescer — Você o rejeitou durante três anos e agora vem me falar em direito? Sinto muito, porém, farei de tudo para impedir que se aproxime dele.

— Então, teremos problemas, pois não desistirei de conhecê-lo.

— Ele nem sabe que existe e posso te garantir que nunca sentiu sua falta. E além do mais, ele já tem uma figura masculina em quem se espelhar, não precisa tomar alguém tão fraco e volúvel como exemplo.

— Espero que não esteja falando do Eduardo! — os olhos dele faíscaram, não entendia como o clima podia ter piorado tanto em segundos — O fato de ele se deitar com você não lhe dá direito de... — a bofetada não deixou que terminasse a frase.

— Se me deito ou não com ele, o problema é meu! — Júlia sentiu a mão latejar, estava com tanta raiva de Ricardo que se descontrolara a ponto de usar toda força que possuía. O coração voltou a bater aceleradamente, como se fosse capaz de sair pela boca, junto com as palavras.

— Não tem como voltarmos atrás, Júlia, você sabe bem disso — apesar de surpreso e com o rosto ardendo, ele estava mais irritado com o fato de ela ter tocado no nome de Eduardo — Tem razão, pode ficar com quem quiser — foi difícil admitir isso — Porém, passa a ser da minha conta, quando expõe o meu filho à convivência desta pessoa. Não aceitarei que ninguém seja pai do meu filho.

— Meio tarde para isso, não é mesmo? — mal podia acreditar que quase caira naquele teatro, Ricardo era incapaz de mudar — Primeiro vai ter que provar que ele é seu filho, para depois ter direito sobre ele! Afinal, enquanto você posava nas revistas com suas conquistas, eu cuidava dele. Foram longos três anos e você sequer quis saber sobre a criança. Portanto, cale-se e tire o "meu" da boca, porque você não passa de um desconhecido para ele.

— Júlia! — a voz de Eduardo interrompeu a discussão. Ao chamado seguiram-se batidas à porta da frente da confeitaria.

Ellen sorriu satisfeita. Constância estava certa, apenas seu outro filho poderia impedir que os dois se reaproximassem mais do que deviam. Tinha sido difícil disfarçar a voz e ligar de modo anônimo para Eduardo. A verdade é que não o conhecia, porém, não duvidava de Constância, afinal aquela mulher parecia nunca errar em suas suposições. Assim, aceitou de bom grado o número que ela lhe passou e não hesitou em ligar.

Bastou pronunciar "Ricardo", "Júlia" e "confeitaria" na mesma frase para que ele acreditasse no que dizia.

Agora ali, vendo-o bater à porta, com expressão de poucos amigos, desejou ter um saquinho de pipocas para assistir ao espetáculo de camarote.

Capítulo 17

— Só pode ser brincadeira isso! — Ricardo bufou — Logo você, Júlia, tão independente, será que não consegue mais dar um passo sem sua sombra? Tinha que avisá-lo que estou aqui?

— Sabe o seu mal, Ricardo? — encarou-o irritada — Tira as conclusões precipitadas e as toma por verdades absolutas. Veio com seu discurso de desculpas, mas parece não ter aprendido nada. Nem imagino o que o Edu esteja fazendo aqui.

— Se é assim, então, basta ignorá-lo. E, quem sabe, podemos continuar nossa conversa...

— Sinceramente, a nossa conversa já tinha acabado, antes mesmo de o Edu chegar. Por isso, minha sugestão é a de que aproveite a deixa e vá embora.

Júlia passou por ele, e mesmo sentindo uma imensa vontade de detê-la, Ricardo ficou a observando, sem aceitar a sugestão.

Para ele a conversa não tinha terminado ainda, não sem chegarem a um entendimento sobre o filho que tinham em comum. Nem conhecia a criança e só conseguia pensar nela. Agora que sabia ser pai de um menino, ficava imaginando como ele era. Ficava tentando imaginar quais as características havia puxado dele e quais as de Júlia. Mesmo sem conhecê-lo era capaz de apostar que era lindo, pois, por mais que Júlia negasse, ele havia sido concebido durante um ato de amor.

Tentou afastar esse detalhe da cabeça, pois isso fazia com que se lembrasse da vida que compartilharam juntos, até os momentos mais íntimos. Lembranças que decididamente não cabiam naquele contexto, não depois de tê-la, ainda que por alguns minutos, em seus braços, não após aquele tapa que ainda ardia em sua face.

— Já estou abrindo, Edu! — Júlia respondeu impaciente, quando ele bateu mais uma vez.

Como a porta havia sido fechada por fora e sua mão ainda doía, Júlia demorou um pouco mais do que o costume para conseguir abri-la. Primeiro, teve que achar a sua chave e como estava nervosa, demorou para encaixá-la na fechadura.

Ainda que tivesse ido à confeitaria, Eduardo só acreditou que o telefonema anônimo não blefara, ao ouvir a voz de Júlia. Sentiu-se estranho, afinal as coisas entre eles haviam ficado esquisitas, logo após a interrupção de Ricardo. Não imaginou que ele voltasse a encontrar Júlia tão cedo.

— Pronto — conseguiu destrancar a porta e sua intenção era a de conversar com ele ali mesmo — Posso saber o que está fazendo aqui?

— Recebi uma ligação... — parou de falar para olhar por cima de seu ombro, para dentro da confeitaria — Então é verdade? O Ricardo está aí?

— É verdade sim — Ricardo nem deixou que ela respondesse, surgindo atrás de Júlia, apenas para deixar claro que dessa vez ele quem interrompera.

— Você não perde tempo, não é mesmo? — Eduardo não só aceitou a provocação, como também deu dois passos para dentro, fechando a porta, restando apenas Júlia entre ele e o irmão.

— Já perdi três anos da minha vida. Acha realmente que tenho mais algum minuto a desperdiçar? Você, como sempre, está se intrometendo onde não deve, minha conversa não é com você hoje.

— As únicas vezes que tentei me intrometer, você não me deu ouvidos. Então, não adianta posar de bom moço. Aparecer agora não apagará o que fez, tampouco fará com que recupere o tempo perdido.

— Como eu poderia escutar alguém incapaz de manter um relacionamento sério? — Ricardo debochou — E, como se não bastasse, alguém que cobiçava a própria cunhada? Por isso que tem me atrapalhado desde então, porque o cara que nunca quis ninguém, achou de querer justamente a mulher que havia escolhido para mim.

— Não fale bobagem! Nunca faltei com respeito nem a ela, nem a você,

quando estavam juntos. E se a tivesse escolhido realmente, não a teria abandonado...

— Fale a verdade, Edu! Você deve ter vibrado com aquilo — Ricardo não o deixou continuar, se tivesse a prova, revelaria para Júlia sua desconfiança, no entanto o faria quando encontrasse o médico — Sabe que, se não fosse isso, jamais teria sua chance de se aproximar. Minha dúvida é como agiria, se tivesse me casado com ela. Você seria tão prestativo como é? Você a cercaria, sempre que eu não estivesse perto? Ou teria coragem e se declararia, tentando provar que é melhor do que eu?

— Deveria fazer você engolir as bobagens que está dizendo — Eduardo achou as acusações injustas, pois jamais se insinuara para Júlia. Falando dessa maneira, fazia com que parecesse um pervertido, algo que não era. A verdade é que, ao se descobrir apaixonado, tratou de buscar a cura na companhia de outras mulheres, não conseguindo ficar com nenhuma por muito tempo.

— Experimente — Ricardo fez um gesto chamando-o para briga — Dessa vez, pode ter certeza de que reagirei. Estou cansado de suas intromissões...

— Vocês dois podem parar de agir como se eu não estivesse aqui? — Júlia ergueu a voz, fazendo com que os dois a olhassem ao mesmo tempo — Quem vocês pensam que são, para discutirem a minha vida?

— Não foi a intenção — Ricardo apressou-se em dizer.

— De boa intenção o inferno está lotado — dessa vez, Eduardo não conseguiu se segurar, fazendo com que Júlia perdesse a paciência de vez.

— Os dois para fora! — aumentou o tom de voz, apontando para a saída e os dois a olharam de novo, agora surpresos.

— Júlia... — Eduardo tentou argumentar, sem sucesso.

— Agora! — apontou mais uma vez a saída — Tive um dia muito cheio para ter que lidar com vocês agindo feito crianças disputando um brinquedo, que no caso sou eu. Só para constar, o brinquedo aqui tem vontade própria e já está bastante estressada para ter que lidar com guerra de egos. Se quiserem brigar, terão bastante espaço na rua para fazê-lo.

— Está tarde para... — Eduardo tentou dizer que era perigoso ela fechar a confeitaria sozinha, no entanto parou, diante do olhar que recebeu. Acabou acatando a ordem dela — Tome cuidado — pediu, antes de sair.

— Nossa conversa não terminou — Ricardo deixou claro ao passar por ela. Júlia entendeu muito bem que ele não desistiria de conhecer o filho. Esperou que ele saísse e bateu a porta na cara dos dois.

Precisava de um tempinho sozinha, para respirar. Era muita coisa para digerir e não estava conseguindo. Ricardo dissera muitas coisas. Primeiro as revelações sobre o exame, a tal farsa. Quem poderia querer prejudicá-la a tal ponto? E depois aquilo de dizer que o Edu gostava dela desde que ainda estavam juntos... Pelo que se lembrara, a resposta havia sido verdadeira, pois ele nunca se insinuara e, se é que isso fosse verdade, jamais deixara que percebesse. Além disso, sempre vira Eduardo muito bem acompanhado, logo, não fazia o menor sentido aquilo que Ricardo dissera.

◆◆◆

Ellen não entendeu nada. O primeiro a deixar o lugar foi Eduardo, que mal entrara. Em seguida, foi a vez de Ricardo. Os dois chegaram a se olhar, porém, preferiram não dar sequência ao clima de animosidade, indo cada um para o lado.

— Que droga! — praguejou, ligando imediatamente para Constância.

— Alô — Constância atendeu imediatamente ao ver o número de Ellen no visor do celular. Colocou a revista que estava lendo na mesa do centro, antes de se recostar confortavelmente no sofá — E então, deu certo?

— Parcialmente — Ellen demonstrou o desânimo — Conseguimos colocar fim à conversa. Porém, as coisas não aconteceram como você previu. O Eduardo e o Rico não brigaram.

— Menos mal, afinal não fica bem para um dono de hotel aparecer com o rosto marcado por hematomas. Só não entendi seu humor, deveria estar feliz, afinal atingimos o objetivo e sem o estrago esperado. Perigo mesmo seria a Júlia e o Rico juntos por mais tempo. Sei o quanto o meu filho gostou dessa

mulherzinha, não podemos dar chance para que esse sentimento retorne.

— Posso estar enganada, entrento, acho que o fato de não terem agido como previu nos dá mais motivos para nos preocuparmos.

— Explique-me, Ellen, pois, até o momento, não está fazendo o menor sentido para mim — Constância não escondeu o interesse.

— A impressão que me deu é a de que a cozinheira — acabou aderindo à forma que Constância se referia a ela — Tem seus dois filhos na palma da mão. Agiram como se fossem cachorrinhos, saindo com o rabinho entre as pernas.

— O Edu não me importa, agora um homem como o Rico se sujeitando às vontades dessazinha é inadmissível. Era bem melhor quando ele achava que foi traído. O Vicente abrir a boca foi sua piada póstuma de mau gosto. Não consigo entender porque fez isso. Agora tenho que aguentar situações como essa.

— Acredito que esteja na hora de fazer o que a senhora propôs. Talvez o Rico a admire pelo fato de ser bem-sucedida. Então, acho que temos que começar por aí, acabando com sua brilhante carreira da cozinha.

— Sim, primeiro a carreira, depois a reputação, até fazer com que perca a guarda da criança. Afinal, meu neto já conviveu tempo demais na senzala.

Ellen desencostou o celular do ouvido ao ver Júlia finalmente sair da confeitaria. Antes de começar a trancar a porta, a confeiteira ainda verificou se realmente os dois tinham ido embora. Não conseguia entender o que dois homens como aqueles viam naquela mulher, pois lhe parecia tão sem graça. Alarmou-se quando Júlia apertou o chaveiro e o veículo estacionado a dois carros de distância de onde ela estava, piscou os faróis.

— Desculpe, Constância. Amanhã nos falamos mais. Tenho que ir embora, parece-me que a cozinheira vai atravessar a rua, aí corre o risco de ela desconfiar do meu carro. Apesar de ter o vidro filmado, já estou há muito tempo aqui.

— Tudo bem. Amanhã ajustamos os detalhes dos nossos próximos passos — Constância mostrou-se paciente e encerrou a ligação.

Mal se livrou do celular, Ellen colocou as mãos sobre o volante, observando Júlia atravessar a rua. "Se ela fosse atropelada, também ajudaria", não conseguiu

evitar o pensamento, porém, reconheceu que não seria tão bom como o que Constância planejava para ela. Tudo o que não precisava era endeusá-la ainda mais para Rico e seria justamente o que aconteceria se ela sofresse um acidente.

Viu-a entrar no carro, dar a partida e sair. Só depois que o carro dela se afastou é que resolveu sair dali, voltando para casa.

◆◆◆

— Julinha! — Wagner a beijou no rosto, ainda que não fosse um expert em decifrar sinais, motivo de frequentes discussões entre ele e Sarah, percebeu que ela havia chorado — Tudo bem? — questionou sem jeito.

— Sim — mentiu mal, porque a mão ainda estava doendo e a cabeça uma confusão sem igual.

— Entre, por favor — fez-lhe um sinal para entrar — Sarah! — chamou a namorada, esperando que Júlia entrasse para poder fechar a porta.

Sarah surgiu segundos depois.

— Acabei de colocar o Lipe na cama — explicou, aproximando-se da prima para beijá-la no rosto — Só dormiu agora e comeu bem pouco — continuou, até parar e reparar na expressão dela — Nossa, Júlia, desculpe, nem perguntei como estava e pelo jeito não está bem — prestando mais atenção a ela, não foi difícil perceber o incômodo que sentia na mão — Temporada de UFC já está aberta? — estava cada vez mais curiosa com o que tinha acontecido — Amor, sabe aquela sua bolsa de gelo? — fez uma pergunta retórica, já que Wagner não respondeu, indo imediatamente apanhá-la.

— Vem, vamos para o quarto, porque está muito estranho você aí em pé no meio da sala — Sarah disse a puxando pela mão na qual não sentia dor.

Júlia sorriu ao ver o filho dormindo. Ele parecia tão em paz e tão frágil ao mesmo tempo. Sarah seguiu o olhar da prima:

— Devia conseguir se enxergar, quando olha para o Lipe — sorriu — É inspirador. Até eu que não pretendo ser mãe tão cedo fico tentada, só para

entender o que é amar alguém tanto assim.

— Um amor inexplicável, incomensurável e incondicional, Sarah, é isso que vai sentir, quando for mãe. Sabe, tento pensar em como seria minha vida se eu não tivesse um filho e simplesmente não consigo...

Mesmo sabendo que o garoto não tinha um sono leve, sentaram-se com cuidado na cama.

— Perguntaria como foi, porém, vi que chorou — Sarah começou — Então, vou direto para a pergunta principal: o que o Ricardo queria com você?

— Nem sei por onde começar, Sarah — Júlia suspirou — Em pensar que até semanas atrás ele não fazia mais parte de minha vida... — resolveu terminar o suspense — O Ricardo me procurou para dizer que não é estéril.

— Puta que o pariu! — Sarah não conseguiu impedir o palavrão, depois colocou a mão na boca — Ainda bem que ele está dormindo — apontou para o garoto.

Antes que Júlia pudesse continuar, Wagner deu duas batidas leves na porta.

— Aqui está a bolsa de gelo — foi breve, entregando-o para Sarah que levantou-se para apanhá-la e saindo, não sem se despedir da namorada com um selinho.

— Homem bom é aquele que sabe a hora de se retirar — comentou, voltando ao seu lugar e entregando a bolsa para Júlia. Só quando viu a prima colocar a bolsa na parte da mão que estava doendo que retomou o assunto — O que o Ricardo disse que você já não sabia? Porque essa da esterilidade, você nunca teve dúvidas. O cego da história sempre foi ele.

— Ele disse que foi vítima de uma farsa.

— Como é? — o tom de Sarah deixou claro que não acreditava na possibilidade.

— Segundo ele, o doutor Vicente, médico e amigo da família, revelou pouco antes de morrer que o Ricardo nunca foi estéril, mas que o exame foi falsificado, a pedido de alguém.

— A bruxa velha, no mínimo. Pelo que me falou, você se decepcionou com ela...

— Pensei a mesma coisa, enquanto vinha para cá, só não entendo o motivo, afinal, ela sempre me tratou bem... Enfim... Ele tentou explicar o inexplicável: porque me abandonou... Digamos que não me convenceu. E, para completar, disse que quer conhecer um filho que ele sempre renegou.

— Caramba, no meu tempo, encontro de ex eram mais simples. Se para mim está confuso, imagino para você. Mas, há algo que me perturba nessa história: Você ainda sente algo por ele?

Júlia olhou para baixo, pensou alguns segundos, antes de voltar a encará-la.

— Um dia pensei que envelheceria ao lado dele, entende? Ainda que eu não queira, é o pai do meu filho. Mesmo durante tantos anos ausentes, a presença dele ainda é muito forte na minha história. Mentiria se dissesse que não sinto mais nada, porém, é estranho. Nem de longe é parecido com o que já senti. Há algo, só não sei o que.

— Além disso, você e o Edu...

— É, além disso, isso. Como se não bastasse, ainda insinuou que o Edu sempre foi apaixonado por mim e os dois quase brigaram.

— Volte a conversa e aperta o play novamente: Quando é que disse que o Edu também estava lá?

— Não disse, porque ele não estava. Porém, chegou e aí o circo ficou completo. Dois macho-alfas querendo decidir quem é o líder. Poupe-me, não é? Acabei me estressando com os dois.

— Nossa, Júlia, não queria estar na sua pele.

— Nem eu queria estar, porque juro para você, tem mil coisas passando na minha cabeça. Queria muito que o Ricardo não tivesse aparecido — inspirou e expirou lentamente — Tenho tanto medo dele se aproximar do Lipe...

— Tem noção que abomino esse cara, não tem? — Sarah quis saber — Porém, se essa viagem toda for verdade, por mais tolo que ele tenha sido,

imagine a situação em que ele está. Fez uma burrada gigante, perdeu tudo e só agora descobriu que é pai. Não deve estar sendo fácil para ele também não.

— Você sempre bancando a advogada do diabo, Sarah.

— É que quando estamos muito envolvidos em um assunto, não conseguimos ter a dimensão das coisas... — Sarah deu de ombros — Se fosse questão de torcida, sabe que acho o irmão mais novo muito mais atencioso e fofo.

— Coloque gostoso na lista...

— Como é? Andou experimentando e nem me contou?

— Eis a questão, foi um lance degustação. Quando eu realmente sentiria todos os ingredientes e a consistência da massa, fomos interrompidos.

— Pelo amor de Deus, não me diga que foi pelo Ricardo — pediu.

Júlia fez uma careta ao ouvir o nome e Sarah intuiu a resposta.

— Estou pasma. Será que ele não podia esperar mais um mês para surgir? Como vai fazer agora? Retomar de onde pararam?

— Não tenho a mínima ideia, Sarah. Nunca estive tão confusa em toda a minha vida. Adoro o Edu e sinto que ele pode me fazer feliz e não estou me referindo só a entre quatro paredes. Confesso, achei estranha a possibilidade de que ele sempre tenha gostado de mim. Por outro lado, o retorno do Ricardo mexeu comigo. Quando ele me abraçou...

— Vocês se abraçaram? — Sarah apontou a mão dela — Pensei que...

— Sim, isso também.

— Abraços e tapas na mesma sequência, realmente Júlia, sou obrigada a concordar que está confusa.

— É porque não conhece o Ricardo — Júlia sorriu tristemente — Ele tem o dom de estragar os momentos, dizendo alguma bobagem. Falou-me que o fato de estar dormindo com o Edu não me dá o direito de transformá-lo no pai do Lipe.

— Nossa, ele passou na fila do ciúme várias vezes — apesar de falar em tom de brincadeira, era aquela a opinião dela mesmo — Afinal, por causa dele, você nem concretizou isso ainda.

— Para você ver o meu dilema. Tem essa química absurda com o Edu e o fato de ele sempre ter estado presente, quando precisei. E do outro, essa coisa mal resolvida com o Ricardo. Um passado em comum, um filho em comum...

— Coloque na lista — propositalmente imitou o modo que Júlia falara — Que os dois são bastante bonitos.

— No momento, estou dando mais importância ao caráter mais bonito — olhou para o filho — Que dia esse, começar com uma degustação de doces e acabar dessa forma. Ainda bem que você ficou com o Lipe, não tenho como agradecer. Estou exausta. Não vejo a hora de ir para casa.

— Se quiser dormir aqui, dou um jeito — Sarah propôs, no entanto Júlia agradeceu e fez que não com a cabeça. O apartamento da prima era bem menor, só tinha o quarto em que estavam e ela não queria atrapalhar, mais do que já atrapalhara, a fase de experiência dos dois.

— Agradeço de coração, mas eu e o Lipe vamos amanhecer em nossas camas — sorriu — E você e o Wagner nesta aqui.

Sarah deu de ombros, no entanto, algo fez com que ela voltasse ao assunto do encontro.

— Só tem um detalhe nessa história toda que não me explicou direito, Júlia.

— Qual?

— Como é que o Edu apareceu lá?

— Bem, ele disse alguma coisa, mas estava tão nervosa que não entendi — Júlia, pela primeira vez entendeu em que ponto a prima queria chegar: era estranho demais ele aparecer, uma vez que ela não o tinha chamado e as únicas pessoas que poderiam fazê-lo, sabiam que ela queria conversar a sós com Ricardo — Pensando bem, Sarah, não faço a menor ideia de como, nem por qual motivo, o Edu apareceu lá.

Capítulo 18

— Isso é legal? — Fátima quis saber ao notar a curiosidade com a qual Ellen lia os registros de ligações do PABX que servia como central telefônica do hotel. A partir dela, todas as ligações dos hóspedes eram devidamente tarifadas. Porém, a mesma central mantinha um banco de dados que os armazenava por um tempo, sendo possível solicitar listas que vinham detalhadas e mostravam os dados completos das ligações efetuadas. Como Ricardo não voltara para casa nos últimos dias, passando horas e horas naquele quarto, Ellen havia solicitado ao técnico responsável, a listagem referente ao quarto dele – Quer dizer, acho que o senhor Vidal não gostará de saber que...

— Fátima, desde quando é advogada para discutir a legalidade das coisas? Pelo que me conste, ainda é recepcionista — Ellen interrompeu-a irritada — Como é que ele saberá? Pretende contar?

— Não... — tentou se defender, dizer que não concordava, mas não teve tempo.

— Ouse abrir a boca e poderá colocar outra palavra no seu currículo: desempregada — falou de modo sério — Agora saia da minha sala.

A recepcionista pensou em responder, porém, precisava muito do emprego e conhecia muito bem Ellen, a ponto de saber que cumpriria suas promessas. Mesmo tendo sido a principal responsável pela contratação do segurança que se envolvera no incidente, culpou a agência que o mandara e com a qual o hotel tinha um longo contrato. Não pensou duas vezes, antes dispensar seus serviços, recorrendo a outra agência.

Sozinha na sala, Ellen surpreendeu-se com a quantidade de ligações, visto que Ricardo não usava tanto o telefone. Como já conhecia alguns números de cor, deduziu que os outros, no total de quinze, pertenciam às desfrutáveis com as quais ele era fotografado ou que frequentavam sua suíte. Deveria estar feliz, mas não estava. Não era burra, sabia exatamente o que ele estava fazendo. O que chegava a ser ironia, visto que sempre desejara que ele se desfizesse daqueles

contatos. Sem hesitar, ligou para Constância.

— Boa tarde, Constância — disse, assim que a mulher atendeu a ligação.

— Diga-me Ellen, o que o Rico fez dessa vez? Não é possível que já tenha voltado a procurar a cozinheira...

— Não, absolutamente — Ellen negou, porém não com a empolgação que a matriarca esperava ouvir em sua voz — Porém, acho que há mais motivos para nos preocuparmos. O Rico está ligando para todos os seus contatos femininos...

— Meu filho é um homem bonito, precisa de distração, Ellen...

— Não é para marcar encontros, Constância — deixou bem claro — Aposto que seja para dizer o oposto: que não está mais disponível.

— Não acredito que meu filho faria algo assim... Não por conta daquela mulher.

— Conheço um pouco o Rico, e aposto o meu cargo como é exatamente o que está fazendo.

— Nesse caso, temos que parar de planejar e começar a agir — Constância não escondeu sua irritação.

Eduardo estava nervoso, quando bateu à porta. Desde o episódio no Doce Pimenta, não havia falado com Júlia e já havia passado uma semana. Ela não lhe pedira espaço, porém, tinha dado, aparecendo somente, e se, ela o chamasse, o que era o caso.

Temia que ela pedisse para se afastar para sempre, embora não acreditasse ter feito nada para merecer isso.

Júlia também não era o sinônimo de calma, porém, sabia disfarçar melhor do que ele. Portanto, abriu a porta com um sorriso no rosto. Eduardo sorriu em resposta, um pouco menos tenso e, quando Lipe apareceu correndo, metendo-se até eles, conseguiu relaxar completamente.

— Quantas vezes sua mãe falou para não correr, Lipe? — questionou,

apanhando o menino no colo e o beijando no rosto.

— Sou muito rápido, tio Du — respondeu, ignorando o que era para ser uma bronca — Como o desenho...

— Não duvido, Lipe, mas tem que tomar cuidado.

— Isso, pois desenho não se machuca de verdade, Lipe — Júlia sorriu para o menino, depois virou-se para Eduardo — Ah nem queira saber qual o desenho, perdi as contas de todos que assisti e te garanto, ainda estou procurando o sentido de muitos.

— Hoje não vai ter avião? — o menino perguntou, abrindo os braços.

— Era segredo, sua mãe não podia saber que o fazemos — Eduardo falou bem-humorado — Se você se comportar e não viver correndo, eu faço, antes de ir embora — prometeu, colocando-o no chão.

— Mãe, o tio Du pode assistir desenho comigo? — o menino quis saber — Ele pode dormir aqui? — continuou olhando para ela, sem perceber o quão a pergunta a deixou constrangida.

— Ei, calma amigão, nem cheguei — Eduardo foi quem começou a responder — Não dá para eu dormir aqui – tentou explicar.

— Por que não? — olhou para o tio e depois para a mãe, sem compreender.

— Porque o tio Du tem outros compromissos, Lipe — Júlia respondeu sem graça — Agora vá brincar, ainda tem um tempinho, antes de tomar banho e jantar.

— Está bem — respondeu contrariado, principalmente com a ideia de parar de brincar. Sairia correndo, porém, no último momento se recordou das palavras do tio e não o fez.

Eduardo o viu se afastar e finalmente entrou.

— Cada dia que o vejo, parece que esticou um pouco mais.

— Convivo com ele e tenho essa mesma impressão. Fora as coisas que não

sei de onde ele tira — Júlia deixou escapar e Eduardo sorriu mais amplamente.

Antes de conversarem, Eduardo ainda atendeu o pedido do sobrinho, assistindo um pouco de desenho com ele, enquanto Júlia terminava o jantar. Quando ela apareceu para interromper a sessão, o garoto reclamou, mas não resistiu muito.

— Janta conosco, não é? — Júlia quis saber, colocando a mesa.

— Conosco? — indagou e ela fez que sim com a cabeça.

— Bem, de uns tempos para cá o Lipe resolveu não querer comer, então precisa de um incentivo.

— Se não comer, nunca vai ficar tão forte como eu — Eduardo mostrou os músculos do braço de propósito, impressionando o garoto, que repetiu o gesto.

— A mamãe também nunca vai ficar como você — o menino disse naturalmente, fazendo Júlia sorrir.

— Graças a Deus — Edu brincou.

O jantar seguiu muito bem e Júlia confirmou que a presença de Edu deixava o garoto menos agitado. Até para dormir, demorou menos. Foi a primeira vez que se pegou pensando no pedido de Ricardo. Será que era justo para o Lipe crescer sem conhecer o pai? Ainda que esse pai não merecesse ter um filho tão maravilhoso quanto ele... Antes que seu silêncio denunciasse que seus pensamentos estavam longe, Júlia virou-se para Eduardo.

— Agora, nós.

— Sim — ele sentiu a tensão voltar.

— Sobre aquele dia na confeitaria... — Júlia começou — Algumas coisas não ficaram bem explicadas e, antes de eu tirar minhas conclusões, queria ouvir de você.

— Sim, qualquer coisa que queira saber — foi sincero, pois estava disposto a responder o que quer que fosse.

— Primeiro, como chegou até lá? — resolveu começar pela dúvida que agora compartilhava com a prima.

— Por mais estranho que possa parecer, recebi um telefonema anônimo — diante do olhar que recebeu — Juro.

— Concorda que não faz o menor sentido? — Júlia o encarou.

— Sim, porém, é a verdade. Não teria motivos para mentir para você — ele se ajeitou no sofá, para olhá-la melhor.

— Naquele dia, em seu apartamento, o Ricardo lhe contou sobre o que havia descoberto? — foi direta, prestando atenção na reação de Eduardo. Ele engoliu em seco, antes de fazer que sim com a cabeça — E por que não me alertou, Edu? Por que deixou que fosse pega de surpresa com um assunto que me machucou tanto? – questionou magoada.

— Porque não sabia como te contar e... Caramba, estávamos envolvidos demais... Como é que viraria para você e diria: "Meu irmão acabou de descobrir que o exame foi falsificado e que não é estéril"? Cabia mesmo essa conversa entre nós, naquele momento?

— Mesmo assim, Edu...

— Desculpe, Júlia, o Ricardo era a minha última preocupação naquele momento — aproximou-se mais um pouco, sem deixar de olhar nos olhos dela por um minuto sequer — Meu Deus, não estava mentindo quando disse que você era meu sonho. Estava com você em meus braços, não queria pensar em outra coisa, não queria falar de outra coisa. Se desejar estar com quem se gosta é ser egoísta, reconheço meu egoísmo.

Júlia percebeu que ele estava sendo sincero, no entanto, isso levava à outra pergunta, algo que achava ainda mais delicado do que ele ter omitido a conversa com Ricardo. Tomou coragem e questionou:

— E sobre o que o Ricardo disse, Edu? É verdade que você já gostava de mim, antes...

Eduardo ficou em silêncio. Foi a primeira vez que deixou de encará-la.

— Edu?

— Aconteceu, Júlia, não foi planejado — voltou a olhá-la e admitiu, chocando-a — Não é mentira, o que dizem sobre não mandar no coração...

Júlia se levantou, sem saber como agir, ficou de costas para ele. Era estranho saber daquilo, soava meio incestuoso, pois quando estava com Ricardo, jamais o olhara daquela maneira. E até se beijarem, nunca tinha pensado na possibilidade de serem um casal.

— Por favor, Júlia! — Eduardo levantou-se também, parando atrás dela, já que ela não se virou — Lembre-se — pediu — Em algum momento me insinuei para você?

Apesar de ele nunca ter se insinuado, a estranheza com a situação ainda continuava.

— Não é por isso, Edu... Porém, sei lá, se eu tivesse uma irmã... — o abraço dele fez com que se calasse.

— Minha prova maior de respeito por você e até pelo Rico, foi nunca — frisou o advérbio, falando no ouvido dela, sem deixar de roçar o queixo em seu pescoço — Ter interferido, ou me insinuado, ou deixado de torcer por vocês. Se soubesse que estava feliz, mesmo que não fosse comigo, também estaria feliz. Juro que quis matar o Rico, quando ele a deixou naquela igreja e, mesmo sangrando por dentro, tentei fazer com que voltasse atrás, porque estava me matando vê-la triste. Achava que ele voltaria e seu sorriso viria junto. Não contava que fosse tão teimoso e estivesse cego.

— Edu — Júlia não tentou se desvencilhar do abraço, mas deixou claro que não estava confortável, fazendo com que ele se afastasse naturalmente.

— Só te peço que não use o amor que sinto por você para se afastar de mim — sem saber o que fazer com as mãos, e para não voltar a abraçá-la, colocou-as no bolso da calça de sarja — Entendo que veja como um tabu, eu próprio demorei a aceitar, porém, você deve me afastar se eu te fizer um grande mal, não por te querer bem.

— Não estou o afastando, Edu, só é estranho para mim — Júlia admitiu, virando-se para ele.

— Estranho é bom? — Edu olhou-a preocupado.

— Estranho, por enquanto é apenas estranho — Júlia foi sincera.

— Continuando a ser franca, pode me responder uma coisa? — foi mais um pedido do que uma pergunta e Júlia fez que sim com a cabeça — Você ainda sente algo pelo Ricardo?

Júlia não esperava por aquela pergunta e isso ficou estampado em seu rosto. O silêncio dela disse tudo o que ele não queria ouvir. Eduardo não conseguiu esconder a decepção. Ele balançou a cabeça negativamente.

— Edu... Não sei responder, é complicado. Não posso mentir, dizendo que sou indiferente.

— Não direi que entendo, porque mentiria. Não direi que concordo, porque mentiria mais ainda. Eu me importo demais com você, Júlia — declarou, pela primeira vez, sem hesitar — E se escolher ficar com o responsável por tudo o que passou nos últimos anos, nada posso fazer além de acatar. Não gostarei, mas aceitarei. Saiba que, mesmo doendo muito, estarei pronto para me afastar, contanto que esteja feliz. Da mesma forma, ficarei, se quiser. Entenda que jamais irei impor a você coisa alguma, principalmente a minha presença.

As palavras dele cortaram seu coração e a declaração a chocou. Ainda que estivesse digerindo a ideia de ele ter começado a desejá-la quando ainda estava com o Ricardo, não tinha uma queixa sequer contra Eduardo, nem durante o namoro e o noivado, nem após o rompimento. Ele sempre estivera lá, quando precisou. Jamais lhe faltara com o respeito. Só se estivesse acometida da mesma cegueira que Ricardo, conseguiria ignorar esse fato.

Eduardo preparou-se para ir embora. Infelizmente tinha ouvido o que temia. Respirou fundo, inclinou-se para beijá-la no rosto e foi com surpresa que a viu virar o rosto, oferecendo-lhe os lábios. Beijou-a entre sorrisos, envolvendo-a em seus braços.

— Não quero você longe da minha vida, Edu — confessou, assim que se separaram —Porém, não é fácil para mim e ainda tem muitas coisas que não entendo, por isso quis falar com você.

— Eu entendo, não queria pressioná-la...

— Não está. Além do mais não sou cega, muito menos injusta. Você esteve ao meu lado durante todo este tempo... Estou muito confusa, mas não quero me arrepender de não ter tentado.

— Isso quer dizer o que, senhorita Júlia Lins Pimenta? — olhou-a esperançoso.

— Se você aceitar minhas dúvidas e entender a minha situação, senhor Eduardo Vidal — imitou-o — Podemos nos conhecermos melhor... — diante das interrogações em seu semblante, achou melhor completar — Digo, nesta nova condição...

— Está me pedindo em namoro? — o sorriso que nasceu em seus lábios foi genuíno.

— É como as pessoas adultas fazem, não?

Ele não teve palavras para responder, seu sorriso, o mais genuíno que lhe dera, demonstrou o quanto estava feliz com a decisão. Assim, cedeu à vontade e se inclinou para beijá-la novamente, um beijo mais intenso do que o primeiro, que não tinha planejado.

—Edu — Júlia o conteve, segurando suas mãos — Lembre-se do Lipe...

— Sim, desculpe-me... — afastou-se dela, ofegante — Ainda que não veja a hora de você repetir o que ele disse, convidando-me para dormir aqui, sou capaz de me conter — piscou para ela.

— Não será hoje — avisou, fazendo-o sorrir.

— Depois da ótima notícia que me deu, não me importo em esperar. Estive fazendo isso por tanto tempo que já me acostumei — foi sincero, mas notou que ela ainda não estava à vontade com a ideia de ele sempre ter gostado dela — Perdão, fiquei tão zonzo com esse seu beijo, que só consigo falar bobagem. Soaria muito indecente, desejar dar uns amassos na minha namorada — adorou pronunciar esta palavra — No sofá, antes de ir embora?

— Você garante que vai conseguir se segurar? — Júlia lembrou-se de como acabaram na cama, da primeira vez.

Eduardo pensou bem e sorriu, fazendo que não com a cabeça.

— Então é melhor ir embora, Edu — ela o puxou até a porta — O que não nos faltará é tempo para ficarmos juntos e sem nos preocuparmos com o Lipe acordar ou não.

— Melhor mesmo — concordou, dando-lhe um selinho de despedida — Ainda que esta noite seja mais uma tortura, Júlia, por estar longe de você — roubou-lhe mais um beijo, antes de sair de uma vez, obrigando-se a se afastar dela.

◆◆◆

Dia seguinte

Ellen nem sabia exatamente como chegara até ali. Após o expediente, havia aparecido na Doce Pimenta e ganhado algumas calorias, experimentando alguns doces que, justiça seja feita, eram divinos.

Havia observado o ambiente e, principalmente, as pessoas que trabalhavam lá. Como Constância dissera era uma mulher bonita e sabia detectar quando alguém se impressionava com ela. Lia as reações masculinas.

Perceber o olhar do jovem atendente em seu decote não foi difícil. Até que era bem apessoado, com o corpo em forma, sem ser malhado. Porém, nada que se comparasse ao Ricardo.

Para obter sucesso, bastou lhe dar corda, sorrindo-lhe furtivamente e olhando-o da mesma maneira que era olhada. O rapaz, que tinha por volta de vinte e cinco anos, entendeu todos os sinais e quando ela pediu a conta, ele deixou junto da mesma, um pequeno bilhete:

"Será que poderia lhe pagar uma bebida, algum dia desses?"

Ellen havia sorrido, e pedido ao próprio atendente uma caneta, escrevendo no guardanapo de papel sua resposta: "Puxa, viajo amanhã. Haveria a possibilidade de ser ainda hoje?" e deixou o número do celular.

Estava pagando a conta no caixa, quando recebeu uma mensagem de texto.

"Será um prazer. Saio daqui a alguns minutos, podemos nos encontrar do lado de fora? Não é usual, nem permitido, flertarmos com as clientes".

E assim, agora estavam em um barzinho, na Vila Madalena, rindo de coisas sem graça, e bebendo cerveja, algo que ela nem gostava.

— Douglas, acho que está na hora de irmos. Amanhã, viajo. Melhor deixá-lo em sua casa.

— Bem, pelo menos as bebidas ficam por minha conta — o rapaz dissera sem graça, além de ser mais novo, não possuía um veículo sequer — No entanto, ainda é cedo... Adoraria ficar mais tempo com você. E, pretendo agradecer pela carona — foi malicioso, recebendo dela um sorriso de consentimento.

Ellen olhou no relógio, fazendo um charme.

— Tudo bem. Comece me falando mais de você — pediu — Do seu trabalho. Como foi parar lá? Como é trabalhar para uma chef famosa?

O falso interesse dela e algumas bebidas mais fortes fizeram com que o rapaz começasse a lhe informar tudo o que queria e precisava saber sobre o funcionamento do local e, principalmente, sobre a agenda da Doce Pimenta.

Capítulo19

— É até estranho vê-lo em casa, Ricardo — Constância comentou, tentando não parecer tão aborrecida quanto estava, fingindo se concentrar na refeição. Ainda assim, o filho notou.

— Ah Dona Constância! — fez de propósito, pois sabia que ela não apreciava — Tenho muita coisa na cabeça, então acabo ficando pelo hotel — respirou fundo — Desde que o doutor Vicente me fez aquela revelação, minha vida virou de ponta cabeça. Já parou para pensar que tem um neto? — apesar do tom bem-humorado, a voz dele se revelou triste.

— Sou nova demais para ter um neto — Constância brincou. Se Ricardo soubesse como o menino era bonito, talvez sua voz estivesse ainda mais pesarosa.

— E eu me sinto como um adolescente que descobriu que a namorada está grávida, morrendo de medo do futuro — suspirou — O que é engraçado, pois perdi um tempo precioso e que jamais recuperarei. Quero muito encontrar meu filho e ao mesmo tempo estou com receio desse encontro. E a Júlia que poderia ser a ponte para isso acontecer, está inflexível. Desde a nossa conversa, não atendeu nenhuma das ligações que fiz.

— Se tem certeza de que é o pai desse menino, tem direito de conhecê-lo. E ela não pode impedir. É simples, Rico, entre na justiça! — soou com tanta naturalidade, que Ricardo a olhou surpreso.

— Deve estar brincando, só pode ser! — revirou a comida com o garfo, sentindo o apetite abandoná-lo — Ainda que não soubesse do engano, eu quem fui o errado nessa história mãe, como é que ainda colocaria a Júlia na justiça? Ela cuidou sozinha do nosso filho por todo este tempo, sem me pedir um centavo sequer... Será que percebe o absurdo do que disse?

— Absurdo é impedir que pai e filho convivam — Constância não deu o braço a torcer e Ricardo ficou a olhá-la recusando-se a acreditar que estivesse falando o que pensava.

— Há uma coisa apenas que não entendo, mãe — Ricardo a encarou — Se já sabia da gravidez, por qual motivo não me contou antes?

Constância, pega de surpresa pela pergunta, desviou seu olhar rapidamente, antes de dizer alguma coisa.

— Oras, Rico, só achei que não deveria haver segredos entre vocês. Não sei o que está insinuando, porém, como é que eu saberia do exame que realizou? Em vez de ficar criando teorias da conspiração, deveria lutar pelos seus direitos e parar de proteger a Júlia.

— Seriam teorias, se alguém não tivesse me prejudicado...

— E acha que eu seria capaz disto? — dessa vez o encarou, sem fugir ao seu olhar.

— Claro que não... Só estou confuso, desculpe-me. E quanto à Júlia, não a estou protegendo, estou apenas pagando pelos meus erros.

— Que bom, ficaria muito ofendida se me acusasse de algo tão monstruoso, afinal ninguém torce tanto pela sua felicidade quanto eu. Sobre esta criança, se quisesse mesmo conhecê-la, já o teria feito, não esperaria a boa vontade de ninguém. Rico, seja sincero, você não acha que vai continuar de onde pararam, acha? Não me diga que nutre sonhos infantis de amor verdadeiro e essa baboseira toda que as pessoas enfiam goela abaixo para venderem bombons e flores...

— Seja direta, Constância — Ricardo a interrompeu.

— Você ainda sente algo pela... — sua boca chegou a abrir para pronunciar "cozinheira", no entanto se policiou — Júlia?

— Isto não importa — Ricardo esquivou-se — Mesmo porque ela está com o Eduardo.

— Veja só, mais um motivo para tomar alguma providência, Rico. E se o seu querido irmão resolver adotar seu filho? — questionou maldosa e Ricardo perdeu a paciência, largando os talheres e levantando-se da mesa. A lembrança de Júlia falando que o irmão era a referência masculina que seu filho tinha, fez com que seu sangue subisse.

— Eu o mato — disse entre os dentes, para si mesmo, subindo para seu quarto.

◆◆◆

Do banco em que estava sentada, Júlia sorriu ao ver Lipe interagindo com outras crianças. A qualquer momento, Eduardo deveria chegar, visto que o programa seria a três. Ele havia avisado que se atrasaria cinco minutos, pois mesmo sendo domingo, tinha que colocar umas fotos no correio.

— As crianças são tão puras — a voz fez com que Júlia se virasse. A mulher estava sentada no banco ao lado do que estava e também tinha os olhos nas crianças que brincavam, sentados na caixa de areia.

— Sim, são infinitamente melhores que nós, os adultos — concordou educadamente, percebendo que, pelo modo de se vestir, tratava-se de uma babá. A moça, que também era negra, era bem nova, talvez tivesse entrado na casa dos vinte recentemente. Júlia diria mais alguma coisa, porém, levantou-se a tempo de impedir que Lipe colocasse a mão na boca. Tirou uma toalhinha da bolsa e limpou suas mãos.

— Lipe, quantas vezes eu já te disse que não é para colocar a mão suja na boca? — repreendeu-o de forma delicada, mas deixando claro que não estava brincando. Quando voltou para o banco, a babá olhava para ela espantada.

— A sua patroa sabe?

— Oi? — Júlia não entendeu, virando-se para ela para tentar compreender do que estava falando.

— Que você repreende assim o filho dela? A minha nem me deixaria estar aqui sem uniforme — referiu-se à roupa de Júlia, um vestido azul, de estampa toda quadriculada, uma sandália preta com o salto médio e destoando da roupa, a bolsa cinza na qual trazia as coisas do Lipe. Estava há um quarteirão de sua casa, o lugar marcado para o encontro com o Edu, pois gostava de caminhar com o filho de vez em quando, parando exatamente naquela praça, onde ele gostava de brincar — Seu cabelo é bonito, mas ela nunca exigiu que o alisasse? Nem pensar de eu aparecer com meu cabelo assim, perco o emprego na hora.

— Não sou a babá dele — Júlia explicou constrangida. O fato de a pele do garoto ser bem mais clara que a sua já havia provocado situações inusitadas, como as pessoas olharem-na desconfiada. No entanto, era a primeira vez que alguém a confundia com uma babá e lhe dizia isso em sua cara. Não tinha nada contra estas profissionais, recorrendo sempre que possível a elas, mas fora chocante que aquelas palavras tivessem vindo de alguém tão nova e, principalmente, tão negra quanto ela — Ele é meu filho.

A moça olhou-a chocada.

— Desculpe, não cogitei que pudesse tê-lo adotado.

— Ele não é adotado — Júlia sentiu a paciência ir embora — É meu filho — repetiu, achando aquela conversa a mais non sense que já havia tido.

— Sabe, sei de vários casos de crianças trocadas na maternidade, já pensou em investigar...

Júlia nem esperou que ela terminasse para se levantar. Não queria dizer-lhe alguns desaforos e era exatamente o que estava a ponto de fazê-lo. Onde já se viu ter que provar que era a mãe de Lipe? Foi até o filho e apanhou em sua mão.

— Diga tchau para seus amiguinhos, Lipe — tentou não descontar nele o nervoso que sentia.

— Quero brincar, mãe! — mesmo protestando, ele fez o gesto com as mãos, despedindo-se das crianças que continuariam ali.

Eduardo a encontrou enquanto se encaminhava para fora da praça, no lado oposto ao que combinaram.

— Jú — chamou-a e teve que apertar o passo para alcançá-la — Tudo isso é por causa do meu atraso? — perguntou bem-humorado, porém, ela não sorriu.

— Quem dera, Edu! Cada dia sinto mais tristeza pela humanidade. Em pleno século XXI e a mentalidade está cada vez mais atrasada...

Eduardo não entendeu o que ela quis dizer e nem teve tempo para isso, pois o menino ergueu os braços para que ele o apanhasse no colo, algo que fez com prazer. Júlia balançou a cabeça devagar, ainda tentando se esquecer das

bobagens que ouvira.

— Senhorita esquentadinha, não vai me dizer o que houve? — Eduardo estendeu a mão livre para que ela apanhasse.

— Não vale a pena — hesitou antes de apanhar a mão dele. Temia a reação do filho, diante do contato físico. Porém, Lipe estava mais interessado em olhar tudo em volta, aproveitando-se daquela altura privilegiada e, por isso, nem reparou nas mãos dadas — O que planejou para nós?

— Por mim iríamos ao Ibirapuera, porém, pensei no Lipe e achei melhor desta vez, irmos para um parque desses infantis e que ficam dentro do shopping, onde ele possa se divertir, sem risco de tomar chuva ou sol demais. E o parque, prefiro levar minha namorada lá, quando for possível. Acho que ela aceitaria, é um tanto nervosa, mas linda — brincou, enquanto caminhava de volta, para onde havia estacionado o carro. Havia comprado uma cadeirinha apenas para poder transportar o menino em segurança.

— Se ela é assim tão nervosa, talvez o parque lhe faça bem — Júlia estava ainda chateada, porém, deu indícios de que o bom-humor estava retornando.

◆◆◆

Ellen estava ficando obcecada. Em pleno domingo, estava revendo todas as informações que o atendente lhe passara a respeito da agenda da Doce Pimenta. O casamento no interior de São Paulo parecia-lhe a oportunidade perfeita. Com o aval de Constância, no que dependesse dela, a festa seria inesquecível.

Recordou-se do encontro com o atendente e não se arrependera. Por um simples beijo, Douglas não apenas revelara a data em que aconteceria, como também disse quem participaria.

— Como é um evento grande, irá o Rui, responsável pelo bolo do casamento, e a Júlia. Além deles, mais quatro da equipe, para ajudarem. Geralmente estas festas têm garçons, mas a chefe é perfeccionista. Essa turma vai deixar os doces no jeito para serem servidos...

— Entendi... Muita gente, não é? Disse que a festa vai durar três dias... Onde

ficarão hospedados? — disfarçou seu interrogatório em curiosidade e sentiu que rapaz falava com orgulho de tudo o que ela queria e precisava saber.

— Geralmente ficam hospedados em hotel, na cidade em que ocorre o evento...

— Nossa, quem paga por isso? — aparentava estar cada vez mais interessada na profissão dele e isso era uma massagem e tanto para seu ego, por isso falava sem parara.

— É um custo que já está inserido no valor do contrato — explicara pacientemente, aproximando-se dela o bastante para deixar claro que estava cansado de conversar.

Ellen sorriu, ele era bem apessoado e, feito cão adestrado que completa uma tarefa, precisava de uma recompensa. Ignorando tudo o que o rapaz já havia ingerido e o gosto ruim na boca que isso provocaria, aproveitou a aproximação dele e o surpreendeu com um beijo.

Agora estava ali, em seu quarto, repassando tudo o que descobrira e imaginando algo bombástico.

◆◆◆

Almoçar no shopping e passar a tarde toda nele cansou o menino de tal forma que adormecera ainda no carro, a caminho de casa.

— Confesso que também estou esgotada — Júlia reposou a cabeça ao encosto do banco e Eduardo olhou-a de maneira maliciosa — O que disse de errado?

— Nada — sorriu — Só o meu pensamento que foi longe — preferindo não revelar o que havia pensado. Estavam saindo como namorados há duas semanas e ainda não tinham tirado um tempo para ficarem realmente sozinhos. Quando ela falou de cansaço, já imaginou fazendo-lhe uma massagem.

Como ela havia falado que estava cansada, ele subiu carregando o Lipe e colocou-o em sua cama, sob os olhares atentos de Júlia.

— Pronto — sorriu, ao sair do quarto do menino — Aposto que este aí só amanhã.

— Nem tomou banhou, ou jantou... — Júlia lamentou, fazendo Eduardo sorrir.

— Ele comeu um monte de coisa, Jú!

— Um monte de bobagem, não se compara à comida caseira.

— Há controvérsias — piscou, caminhando para a sala, sendo seguido por ela até a porta — Vou deixá-la descansar também — inclinou-se para beijá-la, colocando as mãos na cintura dela, para puxá-la em sua direção. O beijo falou o contrário do que havia acabado de dizer, deixando claro que não tinha a menor vontade de ir embora. Quando suas mãos grandes e hábeis começaram a deslizar pelo seu corpo, ela teve certeza disso.

— Não diria na frente do Lipe, mas está deliciosa nesse vestido, Jú — falou ao parar de beijá-la, a boca colada em seu ouvido — Impossível não imaginá-la sem ele.

Se não fosse o receio de o filho acordar, Júlia teria cedido ao seus instintos e o levado para seu quarto. Porém, em respeito ao filho, afastou-se devagar, com o coração acelerado. Eduardo entendeu a reação e se afastou. Forçar a barra não estava nos seus planos e prometera entender suas dúvidas e hesitações. Pela convivência nos últimos anos, sabia que Júlia nunca ficara com ninguém em seu próprio apartamento e, por isso, também em respeito ao sobrinho, não insistiu. Em vez disso, despediu-se de longe e deixou o apartamento, queimando por dentro.

Nem a noite mal dormida foi capaz de fazer com que se arrependesse dos momentos que passara com os dois no dia anterior. Acordou mais cedo do que o normal e estava prestes a entrar no banho, quando a campainha tocou.

— Isto esta virando rotina — reclamou, pois mais uma vez não foi avisado de quem estava subindo. Sua leve irratação foi embora, quando abriu a porta. Júlia estava maravilhosa em um vestido vinho que se moldava ao seu corpo perfeitamente, como o do dia anterior.

— Dormi muito mal, depois que você foi embora — confidenciou, fazendo-o

sorrir

— Bem-vinda ao clube — ficaram parados por instantes, sem dizer nada.

— Deixei o Lipe na escola e...

Ele não deixou que terminasse. Em vez disso, encurtou a distância entre eles, beijando-a e a puxando para dentro do apartamento. Desta vez não se policiou e, assim que fechou a porta, suas mãos começaram a explorar seu corpo, como havia imaginado fazer na noite anterior. Por isso, agradeceu-a mentalmente, por estar de vestido.

— Edu... — Júlia gemeu o nome dele, quando sentiu a mão dele em sua coxa. Definitivamente ele sabia o modo como tocá-la. Eduardo a beijou, abafando seus gemidos ao chegar em sua intimidade. Primeiro por cima do tecido da calcinha. Quando a puxou para o lado, ele quem gemeu ao tocá-la. Simplesmente pensara ser capaz de resistir ao que ela lhe fazia sentir, mas viu que não era capaz. Júlia se inclinou em sua direção, quando ele começou a fazer movimentos circulares com o dedo e quase se desmanchou nas mãos dele, quando introduziu um dedo dentro dela, simulando o que tinha vontade de fazer.

— Você é uma delícia realmente — sussurrou ao senti-la molhada, aumentando o ritmo e fazendo com que ela se contorcesse.

— Edu... — novamente só conseguiu dizer isso, porque fazia muito tempo que não era tocada daquela maneira, tinha impressão que sua cabeça explodiria, tamanho prazer que estava sentindo — Não quero assim... — conseguiu falar finalmente, fazendo-o parar, confuso, pois imaginou que ela estivesse gostando. Foi tirando a mão e tremia ao fazê-lo — Quero com você — balbuciou e Eduardo sorriu, meio abobado. Por instante pensou que estivesse fazendo tudo errado.

Não esperou que ela dissesse duas vezes, puxou-a em direção à escada que conduzia ao seu quarto. Mal entraram, começaram a se beijar, ao mesmo tempo que se livraram de suas roupas. Ele fez questão de ajudá-la a se despir e foi impossível não admirá-la, quando fez com que se deitasse. Eduardo adorava preliminares, no entanto, se segurara por tempo demais. Tinha uma urgência absurda em senti-la e teve que se controlar porque, com o desejo que sentia, temia machucá-la. Antes de fazer companhia a ela na cama, procurou o preservativo na carteira.

Tempos atrás, Júlia se condenaria por, pela primeira vez, pensar primeiro em si mesma e depois no trabalho. Havia deixado uma mensagem para a equipe, avisando sobre o atraso e não se sentia menos profissional por isso.

Seus pensamentos foram interrompidos por Eduardo que se juntou a ela na cama, beijando-a mais uma vez, antes de se colocar entre suas pernas. Apesar de ter controle do que estava fazendo, ele estava tão nervoso quanto ela e quando finalmente seus corpos ficaram alinhados, buscou suas mãos e entrelaçou seus dedos aos dela. Encaixados, Eduardo deslizou em sua direção, uma, duas, três vezes até finalmente preenchê-la completamente. A sensação foi tão boa que precisou se concentrar para não atingir o clímax antes mesmo de começar.

Júlia gemeu baixinho, acostumando-se com ele. Primeiro, sentiu um pequeno incômodo, porém Eduardo foi paciente, mexendo-se devagar no início, até que seus corpos estivessem totalmente acostumados um ao outro. Só assim, intensificou os movimentos, proporcionando um prazer que ela já havia se esquecido. Quando ela abandonou a passividade, correspondendo com a mesma intensidade, foi a vez dele gemer seu nome, arremetendo cada vez mais rápido.

Era muito melhor do que imaginara e Eduardo teve que diminuir o ritmo várias vezes, pois não admitia chegar antes que ela, queria fazê-la sentir o mesmo que estava sentindo. Quando mudaram de posição, sentando-se na cama, um de frente para ao outro, Júlia sentiu-o completamente e com as mãos de Edu em seu quadril, ditou o ritmo, enlouquecendo-o com isso. Cada vez mais rápido. Suados, o coração batendo tão rápido como se fosse saltar do peito, as respirações entrecortadas, palavras semi-pronunciadas. Júlia sentiu o orgasmo chegando e quando aconteceu, estremeceu ao sentir todas suas terminações nervosas reagindo, foi preciso arquear o corpo para trás. Eduardo segurou em suas costas, saboreando aqueles seios que ficaram em evidência e estavam super sensíveis. Não entendia como podia ter esperado tanto. Sentindo o coração desacelerar, endireitou o corpo e abraçou Eduardo.

Ele sorriu, nunca a vira tão linda. Não só se deixou abraçar, como a beijou, e agora suas mãos no quadril dela serviram para determinar a velocidade, pois agora podia se preocupar com seu próprio prazer. Não foi preciso muito para chegar lá também e foi tão forte que sentiu as forças o abandonarem. Ele a apertou em seu abraço, como se ela fosse sua tábua de salvação. Faltava apenas um espelho no qual fosse possível enxergar os dois corpos integrados, as duas peles suadas, um contraste belíssimo, que Edu não conseguiria esquecer tão

cedo.

— Meu Deus! — suspirou com a boca no ombro dela — O que foi isso?

— Boa pergunta — Júlia sorriu, ainda estava sensível, a respiração voltando ao normal — Preciso de um banho.

— Eu também — falou sério — Será que podemos tomá-lo juntos?

— Vai se comportar? — questionou bem-humorada, pois sabia que se ele a provocasse, acabaria cedendo.

— Prometo, Ju. Afinal não sou uma máquina, nem um ator pornô — declarou, fazendo-a rir — Ainda que queira muito, preciso me recompor, antes de te atentar novamente.

— Então podemos — concordou, saindo de cima dele, com cuidado, levantando-se. Quando ela ficou de pé, Eduardo a olhou de uma forma que ela quase sentiu vergonha da própria nudez. Ficou no quase, pois haviam compartilhado um momento muito especial para voltarem à fase das inibições.

Passaram algumas horas juntos, antes de ela ir para a confeitaria e o dia fluiu muito bem. À noite, Eduardo jantou com ela e com o Lipe e foi a primeira vez que ele dormiu em seu apartamento. Dormiram em quartos separados, pois haviam combinado que, pelo menos por enquanto, fariam amor somente no apartamento dele, pois queriam ir devagar, até que o menino entendesse que estavam juntos. Ainda assim, para os dois, foi bom acordar e compartilhar o café da manhã.

◆◆◆

Ter dado um passo tão importante como o que dera com Eduardo, fez com que as coisas no trabalho seguissem mais tranquilas. Mesmo com tanta coisa acontecendo, sentia-se mais leve. Pôde se dedicar ao casamento que estava cada vez mais próximo. Aproveitando o fim do expediente, reuniu-se aos confeiteiros para tratar das questões burocráticas.

— Você e a Karin ficarão na confeitaria nos dias em que estivermos na festa

— referiu-se à sexta e ao sábado — Para que tudo dê certo, acho melhor sairmos daqui na quinta-feira à noite, para amanhecer lá. Não confio nessas estradas para deixar para ir no dia do casamento — falou esta última parte, virando-se para Rui.

— Ok — Andreia concordou — Sem problemas, Júlia. Manteremos o mesmo horário de funcionamento. Como só estaremos nós duas, colocaremos uma aviso que algumas especialidades da casa, só na próxima semana.

Júlia entendeu que Andreia estava se referindo à maioria de doces que levavam pimenta, visto que ela e Karin faziam com perfeição apenas três deles.

— Ao total seremos seis pessoas? — Rui quis se certificar.

— Sim. Eu, você e a equipe — Júlia sempre levava sua equipe, variando apenas o nome daqueles que iriam.

A ideia era irem todos no furgão da empresa, porém, isso teve que ser mudado ao descobrirem não haver acomodação para todos no hotel da cidade.

— A maioria dos hotéis e pousadas está com a lotação máxima para a data — Júlia notou, preocupada — A Aninha acabou de verificar. Deveríamos ter visto isto antes.

— Tudo por conta dos convidados da tal festa? — Karin indagou surpresa e Rui fez que sim com a cabeça — Caramba, será a "festa".

— Alguma coisa tem que ser feliz naquele casamento — Andreia não segurou a língua — Como duvido que os noivos serão, que seja a celebração desta união.

— Estive pensando — Júlia ignorou o comentário jocoso da confeiteira e olhou para Rui — De repente, tenhamos que ficar em locais diferentes. Você fica com a equipe no hotel mais próximo e eu vou de carro e me hospedo em uma cidade vizinha.

— Não seria melhor o contrário? — Rui questionou, preocupado com o fato de ela ficar longe.

— Pode ficar, tranquilo, Rui. Sabe que sou super cuidadosa e tenho um filho

e — sorriu — Agora um namorado, para quem quero voltar sã e salva. Além disso, eu me sentirei mais segura, sabendo que você e os rapazes estarão mais perto da festa.

— Tudo bem, se é assim, concordo.

— Vou falar com a Aninha e já resolvemos essa parte burocrática que falta.

◆◆◆

Foi totalmente ao acaso. Ricardo foi à um almoço de negócios com um joalheiro. Este queria, a exemplo de hotéis de fora do país, colocar uma joalheria no hotel, na torre principal, aquela na qual ficavam os hóspedes. Ricardo estava reticente, pois isso significava triplicar a segurança e, por mais rentável que pudesse ser o negócio, preocupava-se com a integridade física dos hóspedes. Grandes joalherias não traziam apenas o prestigio, como também atraiam assaltantes.

— Vou pensar com cuidado em sua oferta, Humberto — foi sincero.

— Sem pressão — o homem tranquilizou-o com um tom amistoso e tirou da maleta algo, que Ricardo julgou ser um contrato e o estendeu em sua direção. Só entendeu que não era, ao apanhá-lo — Minha filha casa daqui a uma semana, gostaria que estivesse presente.

— Muito obrigado, Humberto, afinal não é todos os dias que um Alcântara Salles se casa — examinou o convite de casamento e fingiu um entusiasmo que não possuía, pois não era tão íntimo assim a ponto de ir à uma festa daquelas. Sabia que Humberto via como mais uma possibilidade de convencê-lo.

— Pena que a Vânia seja tão avoada, não vai dirigir os negócios da família. Conto com meu genro para isso. Mimei demais minha filha e agora... Vivemos a mercê de seus desejos. Acredita que quase causou uma grande confusão ao escolher um buffet para o casamento?

— Não — Ricardo sorriu, tentando imaginar, como isso poderia ser possível.

— Pois é, contratou um chef caríssimo, mas depois cismou que queria os

doces dessa confeitaria da moda...

Ricardo ajeitou-se na cadeira, surpreso e finalmente interessado.

— Fez que fez até que o homem aceitasse que sua comida fosse servida e os doces ficassem a cargo da Doce Pimenta. Também fez questão que a chefe-confeiteira esteja presente. Diga-me se não a mimei demais?

Ricardo teve vontade de afrouxar a gravata, pois era como se precisasse de ar. Era muita coincidência. Mais do que isso, era uma oportunidade de "esbarrar" com Júlia justamente no momento em que ela se recusava a atender seus telefonemas. Seus caminhos se cruzarem novamente, só podia significar algo bom e não tinha como ignorar isso.

— Concordo que um pouco. Porém, acho que a maioria dos pais erra por excesso de zelo. O que é melhor do que pela ausência — pensou em si mesmo — Quanto ao convite, não perderia esta festa por nada, será um prazer comparecer.

Capítulo 20

Ellen já estava se acostumando à frequentar a casa dos Vidal e a ser muito bem recebida por Constância. A mulher ouviu com interesse tudo o que havia pensado, baseada nas informações que vinha obtendo com o atendente.

— Está tendo um caso com o jovem? — mordaz encarou-a e Ellen fez que não com a cabeça — Até acredito que os fins justifiquem os meios, porém, se pretende ficar com o Rico, mantenha isso o menos íntimo possível.

— Apenas nos beijamos — Ellen fez questão de explicar. Constância, às vezes, lhe dava medo. Ao mesmo tempo em que a incentivava a fazer coisas pouco éticas, deixava claro que não aceitaria uma nora que traísse seu filho.

— Menos mal. Agora, minhas questões. Se o rapaz não fará parte da equipe que vai viajar, como é que tem certeza de que dará certo?

— Fui criativa, como me disse. Descobri o buffet principal e não foi preciso muita pesquisa para encontrar um jovem garçom insatisfeito. A senhora disse que dinheiro não era problema...

— Realmente não é — Constância concordou — Mas exijo a perfeição, nada mais que isso. Sem pontas soltas.

— Sem pontas soltas, prometo — Ellen foi enfática. Saber planejar era uma das qualidades de alguém que se dispunha a gerenciar o que quer que fosse e se dependesse dela, Rico podia não lhe dar bola, mas também não ficaria com a tal Júlia.

— Então, continue. Não entendi, a relevância de hospedar-se ou não na cidade.

— Sabe que a guarda rodoviária é bastante rígida, ela vai ter que se deslocar... Imagine a bela manchete que não renderá. É o bom de ter influência no setor. Além de ter certeza de que não ficará na cidade, ainda vou fazer com que apenas um hotel aceite nossa querida cozinheira.

— Tem poder para isso, Ellen?

— Pode ter certeza. O Magista não chegou onde está por sorte, Constância. Há muitas trocas de favores e gentilezas neste ramo. Ninguém se nega a um favorzinho à gerente desse hotel. Ainda mais, se prometer uma estadia para a família...

— Veja bem, se o Rico desconfiar...

— São coisas sobre as quais o Rico não tem acesso. Ele não se inteira dessas miudezas, Constância. Fique calma e tudo dará certo.

◆◆◆

Júlia estava mais preocupada com a bolsa que preparava para o filho do que a que levaria na viagem. Aproveitara o horário do almoço para separar as roupas, porém a presença de Sarah não a estava ajudando.

— Como assim, não sabe! Ah Júlia, corta essa. Não vai me dizer que sua memória não resistiu a quase quatro anos...

— De onde essa ideia de falar do Ricardo? — Júlia não se conteve.

— Talvez do fato de ele ser a sombra que anda te rondando... Já pensou sobre o pedido dele?

— Não, quer dizer, não do jeito que ele quer que eu pense. Tenho muito medo da aproximação dele e do Lipe. Eu consigo suportar as bobagens que ele faz, agora não sei se meu filho está preparado para isso...

— Você não sabe se ele fará bobagens com o garoto. Talvez ele seja tão dedicado quanto o Edu, quando o assunto são crianças, afinal são irmãos.

— Não sei se cabe comparação entre eles — à declaração de Júlia, Sarah olhou-a com certa malícia — Estou me referindo à personalidade, são como água e vinho.

— Imaginei que fosse sobre isto mesmo, afinal, nem sobre tortura me diria algo comparativo de outra natureza, não é mesmo? — e antes que Júlia

respondesse, completou, sorrindo — O importante é que esteja feliz.

— Obrigada — sorriu de volta — Confesso que estou um pouco aflita.

— Com o que? Com o casamento?

— Também, mas principalmente com o fato de o Lipe ficar com a minha mãe. E se ele estranhar?

— Ué, diga para sua mãe me ligar e irei até lá, se isso acontecer — falou naturalmente.

— O Edu me falou a mesma coisa — Júlia sorriu ao se recordar.

— Adoraria ver a cara do tio Ivan quando o Edu aparecesse lá.

— Ainda tem isso. Meus pais não aceitarão o meu namoro — suspirou — E dessa vez não será só o meu pai que me recriminará. Eles não acreditarão que, apesar de serem irmãos, são completamente distintos. Farão com que eu escolha...

— Se não aprenderam nada com você, Júlia, então é uma pena, pois não queria vê-los se afastarem novamente

— Também não queria, só que as pessoas deviam, em vez de julgarem a felicidade alheia, torcerem para tudo continuar bem.

— Ah seria muito fácil e a humanidade não gosta de coisas fáceis, quando pode complicá-las — Sarah deu de ombros — Quanto ao casamento, tenho certeza de que tudo dará certo.

— Assim espero — Júlia sorriu, cruzando os dedos.

◆◆◆

— Tenha certeza de que não me esquecerei desse favorzinho — Ellen jogou todo o seu charme, antes de desligar o telefone. Nunca estivera tão ansiosa por um casamento, como estava com aquele. Esperava, realmente, que tudo saísse conforme planejado, afinal, gastara muito dinheiro para se assegurar daquilo.

Só havia omitido um detalhe de Constância, no entanto, tinha certeza de que quando acontecesse, ela até lhe agradeceria.

◆◆◆

Para evitar desgastes, Eduardo ficou no carro, enquanto Júlia entrou com Lipe na casa de seus pais. Ela cumprimentou a mãe com um beijo no rosto e entregou-lhe o neto que já estava adormecido.

— Ele não tem costume de acordar à noite — Júlia sorriu, olhando com ternura para o filho — Qualquer coisa, por favor, não hesite em ligar.

— A Sarah me ligou, colocando-se à disposição caso precise de algo, então vá em paz, filha. Ele estará bem aqui.

— Obrigada, mãe — Júlia deu-lhe um sorriso tímido. Como já eram um pouco mais de oito horas e ainda não o vira, perguntaria por seu pai, mas preferiu se apressar — Benção, mãe. Até domingo.

— Deus de te abençoe, filha. Dirija com cuidado.

— Pode deixar – inclinou-se para lhe dar um beijo de despedida, deixando a bolsa com as coisas do filho sobre o sofá, antes de ir embora.

Eduardo achou-a triste, quando retornou ao carro.

— Calma, Jú, serão apenas três dias. Daqui a pouco, estará em casa, com o Lipe — deu partida no carro e apartou a seta para sair com o carro, esperando que uma moto passasse, para ganhar a rua.

— Eu sei, só que sempre me parte o coração, afastar-me dele por mais do que um dia.

— Se quiser, eu e o Lipe vamos para a cidade na qual acontecerá o casamento. Cuido do meu sobrinho-enteado — sorriu ao se dar conta de que talvez a palavra nem existisse — Enquanto você trabalha e à noite, se reúne conosco.

— Agradeço, Edu. Contudo não exporia o Lipe a uma viagem cansativa só

para matar minha saudade. Tenho que me lembrar que o cordão umbilical foi cortado e me encher de trabalho, para o tempo passar mais rápido e voltar logo.

— Isso! Para ele e para mim – Eduardo deu um de seus belos sorrisos — Quanto a dirigir à noite, tem certeza de que está bem para fazê-lo? Posso levá-la e depois volto de ônibus.

— Você fala que sou superprotetora em relação ao Lipe e faz o mesmo comigo. Agradeço o seu cuidado, porém, realmente não é preciso. Irei seguindo o furgão, ou seja, tecnicamente, não estarei sozinha.

— Tudo bem, Jú. Vou esperar ansioso pela sua volta — sem querer a frase soou mais maliciosa do que deveria, fazendo com que ela risse.

◆◆◆

A passagem pela Doce Pimenta foi apenas para encontrar Rui e os outros e garantir que tudo estivesse devidamente acondicionado nas câmeras frigoríficas, na parte de trás do furgão. Karin e Andreia ainda permaneciam lá, pois ajudaram a carregar o furgão.

— Ligue para mim, avisando quando chegar — Eduardo pediu, antes de se despedir dela com um beijo, que fizeram as duas confeiteiras trocarem olhares.

— Ligarei, Edu — prometeu e, depois de verificar com o pessoal que ficaria na Doce Pimenta se estava tudo correto para o dia seguinte, despediu-se de todos, entrando no carro e esperando a partida do furgão para segui-lo.

◆◆◆

A viagem foi tranquila e chegaram à cidade em que seria o casamento, quase duas da manhã. Júlia manteve a promessa e ligou para o namorado, apenas para confirmar que chegara bem. Omitira que ainda teria que andar por mais quarenta e cinco minutos até a cidade mais próxima, onde ficaria.

Não o fez, muito em função de Rui, que acabou convencendo o gerente do hotel a deixar que ficasse em seu quarto, apenas até amanhecer, pagando uma

quantia módica.

Júlia agradeceu o amigo, no entanto se recusou a desalojá-lo da cama, ajeitando-se no sofá, sob os protestos deste.

◆◆◆

O casamento estava marcado para as três da tarde, assim, chegando à cidade uma hora, Ricardo acreditou que conseguisse, sem dificuldades, uma hospedagem. Enganou-se completamente, pois todos os hotéis e pousadas estavam lotados. Se tivesse usado sua influência, teria conseguido um lugar para ficar sem se esforçar muito, porém, para isso teria que pedir que Sol realizasse algumas ligações e não quisera ocupá-la com essa tarefa. Simplesmente viajara, sem avisar exatamente para onde iria.

— Senhor, estamos indicando o mesmo hotel, na cidade vizinha — disse o recepcionista — Fica apenas a quarenta e cinco minutos daqui.

— Tem certeza mesmo que estão lotados? — Ricardo não escondeu sua desconfiança, pois algo ali não fazia sentido. Sabia muito bem qual a movimentação de um hotel lotado e aquilo não parecia nem de longe estar assim. Pensou em pedir para falar com o gerente, porém, como o rapaz afirmou com segurança, resolveu deixar para lá, considerando que ainda tinha duas horas até o casamento.

Saiu decidido a ir até o local indicado, sem imaginar que a equipe da Doce Pimenta estava hospedada ali e que horas atrás, Júlia estava falando com o mesmo recepcionista, antes de ir para a mansão na qual aconteceria o casamento.

◆◆◆

Uma festa grandiosa com mais de trezentos convidados. Uma oportunidade e tanto para os negócios, pois bastava um destes convidados gostarem dos doces para recomendá-los e o que não faltavam eram jovens casais com planos de casamento.

Júlia pensou que teria mais dificuldades com o chef do buffet principal, no

entanto se enganou. O homem, um francês na casa dos quarenta e cinco anos, não foi arrogante, tampouco competitivo. Ao contrário, sempre que possível jogou todo seu charme para cima dela, ainda que exibisse uma bela aliança em sua mão esquerda. Júlia relevou e se esquivou das cantadas, cuidando para que tudo saísse bem.

Como sempre ocorria em casamentos, ou aniversários, enquanto a equipe ficava na cozinha, o representante da marca precisava transitar entre os dois ambientes. Como dessa vez, ela quem representava a confeitaria, não bastava estar com o dólmã impecável, tinha que se vestir de acordo com a festa. Pela cerimônia ser à tarde, escolhera um vestido claro,- que usado com o dólmã parecia uma saia -, bastante sóbrio e elegante, que contrastava com sua cor de pele, dando-lhe um belo destaque. Por ter que se deslocar de um lado para outro, escolheu uma sandália cujo salto não fosse tão alto. Brincos e colares discretos e uma pequena bolsa que trazia, onde deixara a chave do carro e um batom. Por fim, por motivos óbvios, estava usando os cabelos presos, e bem pouca maquiagem. Ainda assim, pelos olhares que recebera da própria equipe, sabia que acertara na escolha.

Ricardo estava tão acostumado ao uso de paletó que sentiu-se à vontade dentro de um, mesmo que a tarde estivesse um pouco mais quente do que o normal. Como sempre escolhera um de corte impecável, da cor azul escuro que lhe ficava muito bem.

Havia ido até o hotel indicado, ficando com o último quarto disponível, após o recepcionista descobrir seu nome.

Como esperado, foi muito bem recebido pelo pai da noiva, sendo apresentado para um bom número de possíveis parceiros futuros. Ainda que sua primeira meia hora no lugar pudesse vir a ser bastante lucrativa, seu interesse era outro. Não tinha visto Júlia ainda.

Assim que a demorada cerimônia de casamento terminou, suas esperanças de se encontrarem se renovaram, porém, percebeu que não seria tão fácil assim. Devia estar muito atarefada e, mesmo que circulasse entre os convidados, era muita gente para se encontrarem facilmente.

◆◆◆

— Como assim viajou? — Ellen não acreditou. Tinha atribuído o fato de não ver Rico durante o dia todo a ele estar muito ocupado no escritório, pois a hipótese de ele sair sem avisá-la não existia. Por isso, ficou sem ação diante da revelação de sua secretária — Não disse nada?

— Sinto muito, Ellen. Sei tanto quanto você; só disse que era urgente, algo a respeito de uma joalheria... Não deu explicações, disse que, se precisasse de algo, ligaria.

— Eu precisava conversar com ele — não mentiu — A respeito do hotel... — aquilo era tão fora do padrão de Rico, que não sabia como se portar. Antes, ele a informava sobre todas as coisas, inclusive viagens que não estavam planejadas. Despediu-se de Solange, disposta a descobrir o paradeiro dele e o motivo de ter mantido a viagem em segredo.

◆◆◆

Júlia foi quem o viu e, por segundos, teve que olhar direito para ter certeza de que não estava tendo algum tipo de alucinação. Ricardo conversava de forma natural com um grupo de homens de meia idade e parecia estar bem à vontade. Encontrá-lo em um casamento estava próximo de uma piada de mau gosto. Até então, estava pouco se importando com o tipo de festa que era, levando tudo com profissionalismo. Porém, bastou saber que ele estava ali, para as lembranças de sua experiência desagradável retornarem. Por esse motivo, Júlia voltou desconcertada à cozinha.

— O que houve, Júlia? — Rui notou imediatamente a mudança em sua expressão.

— O Ricardo está aqui. Acredita nisso, Rui? — Júlia indagou incrédula —— Agora, depois de tanto tempo sem vê-lo, parece que encontrá-lo é a nova moda.

— Acredito — o confeiteiro fez uma pausa — Ele a viu? Será que veio atrás de você?

— Não, para as duas perguntas: ele não me viu e não acredito que tenha vindo por minha causa, afinal está integrado com os convidados. No fundo essa gente sempre se conhece — recusava-se a acreditar que fosse o motivo de estar

ali, enchendo o amigo de explicações.

— Se é assim, então, não tem com o que se preocupar — Rui disse confiante e ela assentiu com a cabeça, resolvendo mudar de assunto.

— Pelo que o chef Michel Oliver me informou, daqui a pouco será a hora da valsa dos noivos e do bolo: a estrela da festa...

— Ah sei, com esses seus doces, mexendo com os paladares e com imaginação dos convidados, duvido — Rui sorriu — Ouvi alguns comentários sobre efeitos afrodisíacos da pimenta nos doces que você faz.

Júlia riu, sabia das propriedades afrodisíacas do condimento, porém, em relação aos doces, acreditava que fosse algo que estivesse mais na cabeça das pessoas, do que na ponta de suas línguas.

Conforme o chef falara, com a chegada da noite, finalmente os noivos tiveram sua dança e somente após isso, foi solicitado o bolo. Júlia não estava esperando ser chamada, mas foi exatamente o que aconteceu, juntamente com o chef Oliver.

— Gostaria que conhecessem as pessoas maravilhosas, responsáveis pelo que estão comendo e agradecê-los por estarem brindando minha festa com seus talentos — Vera falara, logo após cortar o bolo — O chef Michel Oliver e a chef-confeiteira Júlia Pimenta.

Os convidados aplaudiram e Júlia sorriu agradecida, embora reconhecesse naquilo mais exibicionismo por parte da noiva, ao mostrar que contratara dois chefs, do que gratidão. A pior parte daquilo, foi finalmente ficar diante de Ricardo, que não pareceu surpreso ao vê-la e também não tirou os olhos dela.

— Será que alguém pode nos trazer champanhe — a noiva pediu — Quero brindar com meus chefs preferidos.

◆◆◆

O pedido para levar as taças de champanhe para o brinde com os chefs foi a deixa para que o garçom fizesse o que recebera para fazer. Com a desculpa que

precisava apanhar uma nova garrafa, foi até a cozinha, onde pôde encher as taças, misturando à bebida de Júlia um comprimido de ecstasy, que havia sido reduzido a pó. Com uma colher, mexeu o líquido rapidamente e colocou as quatro taças na bandeja, posicionando a destinada à Júlia em um lugar estratégico.

Segundo a mulher que o contratara, efetuando o pagamento antecipado, era algo simples, uma viagem para quem já estava acostumada. Uma brincadeira entre amigas. Como ele próprio tomava as pílulas, quando ia a festas, não viu problemas. Ainda mais ganhando muito bem para isso.

Júlia apanhou a taça que lhe fora oferecida sob os olhares de Ricardo. Dizer que não bebia durante o trabalho estava fora de questão, porque naquela situação seria uma desfeita gigantesca.

— Um brinde à felicidade do casal — propusera o chef, muito mais descontraído do que ela, fazendo com que as quatro taças fossem encostadas delicadamente, antes de todos tomarem um gole generoso do líquido.

Júlia achou a champanhe muito amarga, e sua vontade foi a de deixar a taça na primeira bandeja que visse. Infelizmente, algo que não foi possível, porque uma vez livre dos noivos, no caminho de volta foi acompanhada pelo chef que propôs outro brinde, antes que voltassem aos seus postos.

— Aos que amam os doces e aos que amam tudo, principalmente, os salgados — encostou sua taça à dela e virou o restante do líquido de uma vez na boca. Novamente por educação, ela tomou tudo — Faltou dizer à nossa convivência pacífica e sadia — piscou para ela — Poderíamos estendê-la...

— Não poderíamos, porque não tenho interesse — foi direta, ainda sentindo o gosto ruim na boca.

— Desculpe interrompê-los — a voz de Ricardo chegou tão de repente que Júlia se assustou. Ele precisava parar de fazer isso.

Oliver virou-se sem se intimidar e querendo saber quem era o convidado que chegara para atrapalhá-lo.

— Júlia, posso falar com você? — Ricardo ignorou o homem, pois percebera bem suas intenções e não gostara de sabê-las.

— Vocês se conhecem? — o chef olhou-os curioso e Júlia, ainda que não quisesse, fez que sim com a cabeça. Só assim, ele retomou sua caminhada em direção à cozinha, deixando-os a sós.

— Ele estava te incomodando, deveria ser mais direta do que foi...

— Ricardo, vai dizer o que? Que eu o incentivei a agir como agiu?

— Claro que não. Desculpe — fez uma pausa para recomeçar, devia ter falado que ela estava muito bem, porém, mais uma vez, agira impulsivamente ao notar que estava sendo assediada — Tenho ligado para você, algumas vezes. Quando é que vai parar de me ignorar e me atender?

— Estou trabalhando. Agora não é hora e nem aqui o lugar apropriado para essa conversa.

— Qual será a hora e o lugar, então? Pois insiste em não conversar comigo, mesmo sabendo que temos muito a falar. Perdoe-me, mas temos concepções diferentes sobre melhor hora e lugar. Não costumo perder as oportunidades...

— Espere um pouco, está dizendo o que com isso? Não está aqui só por minha causa, não é verdade?

— Se quiser que eu minta, tudo bem. Posso falar que vim a negócios.

A resposta a seco, surpreendeu-a mais do que se tivesse negado.

— Agora mais essa, vai ficar me perseguindo no meu trabalho? — não escondeu sua indignação.

— Não é o meu intuito. Basta ser adulta e conversar comigo sobre o nosso filho — não hesitou por um segundo sequer, sendo direto como o Ricardo que ela conhecera um dia. Foi a primeira vez que ela o ouvira falar "nosso filho" e ficou um pouco abalada.

— Tenho mais a fazer — para não demonstrar como as palavras atingiram-na, deu-lhe as costas e, antes que ele tivesse a oportunidade de dizer mais alguma coisa, sumiu em direção à cozinha.

Ricardo, balançou a cabeça desaprovando a atitude. Agora era ela quem se

esquivava. Ele fugira no passado, porém, não tinha a menor intenção de repetir o erro. E, além disso, tinha o tempo todo do mundo para esperar a boa vontade dela.

Capítulo 21

— Ufa — Rui sorriu aliviado — Finalmente chegamos ao fim do primeiro dia. Acho que amanhã e no domingo a tendência é que seja mais tranquilo.

— Espero que sim — Júlia estava apoiada na bancada da pia, vendo Rui e os outros integrantes da equipe ficarem prontos para irem embora. Havia aproveitado a calmaria para ligar para a mãe e dizer que tudo estava bem, perguntando sobre o filho e falando com ele por alguns segundos. Agora, passados quase quarenta minutos desde que ingerira o líquido, estava começando a se sentir estranha, como se aquela taça não tivesse sido a única que bebera. Já estava em seu terceiro copo de água e a sede não cessava.

— Se quiser, pode ir para o hotel conosco, Júlia. Assim, não precisará viajar para a tal cidade agora.

— Agradeço, mas ficarei bem Rui. O importante é que você e a equipe estejam instalados próximo daqui. Amanhã retornarei — sorriu, de modo a afastar as preocupações dele — E quanto a viajar esta hora, estou tranquila. Afinal, o que pode dar errado, tendo um GPS por companhia?

— Rui, estamos prontos para ir —— Lauro, um dos integrantes da equipe entrou na cozinha, interrompendo-a. — Vem conosco, Júlia?

— Não, vim de carro, lembra-se? Dirigirei no sentido contrário — riu, embora não tivesse nenhum motivo para fazê-lo, visto que não dissera, nem ouvira nada de engraçado. Rui, estranhou, porém, achou que fosse impressão e ela só estivesse feliz por tudo ter dado certo e pelo primeiro dia ter chegado ao fim, afinal tinha ciência de que ela não chegara nem perto das bebidas. Aproximou-se dela e lhe deu um beijo no rosto, despedindo-se.

— Tudo bem, Júlia, nos vemos amanhã. Não demore muito para ir e tome cuidado. Quanto mais tarde, mais perigosa a estrada se torna.

— Só o tempo de tirar o meu dólmã e soltar o meu cabelo – prometeu, vendo o amigo sair.

Assim que Rui se foi, caminhou até o freezer industrial. A caminhada durou muito mais do que devia, pois era como se estivesse levemente embriagada, tendo que andar com mais cuidado. Quando chegou diante do freezer, abriu a porta e ficou olhando para dentro sem se recordar do que fora fazer ali. A ideia era verificar os doces, mas de repente só se deixou ficar, deliciando-se com as lufadas de ar frio que saíam dele.

— A senhora está bem? — Adriano, o garçom que colocara o ecstasy na bebida quis saber, ao vê-la diante do freezer, mantendo a porta aberta com uma mão e se abanando com a outra.

— Senhorita — Júlia virou-se, sorrindo — Estou muito bem, só com um pouco de calor — fechou a porta do freezer com o quadril — Acho que é esse dólmã — começou a desabotoá-lo e o fez de modo tão sensual que o garçom se pegou a observá-la meio que hipnotizado. Com certeza a viagem estava começando.

Júlia passou a mão no pescoço, massageando-o. Contrastando com a questão do equilíbrio, sentia-se leve. Mais do que isso, sentia um bem-estar, uma euforia que a deixava com vontade de dançar.

A única coisa ruim era o calor, precisava fazer alguma coisa a respeito. Assim, uma vez livre do dólmã, dobrou-o, deixando-o sobre uma das bancadas da cozinha e saiu sem se despedir, indo ao toalete.

Em frente ao espelho, puxou os grampos e tudo o que prendia seu cabelo e usando as mãos começou a arrumá-lo, de maneira a deixá-lo bastante armado. Molhou as mãos, passando-as molhadas no pescoço. Sorriu diante da visão do próprio rosto, sentindo-se maravilhosa.

Ricardo já estava se sentindo incomodado. A grande maioria dos convidados já havia se retirado e, embora ele quisesse fazer o mesmo, nada de Júlia aparecer.

Assim, quando a viu, seu choque foi tão grande que se levantou. Estava disposto a esperá-la até que saísse, só não imaginava olhar para o lado e vê-la próxima da pista de dança, acompanhada do mesmo homem que dispensara horas atrás.

Ela e o chef francês dançavam de maneira sensual, muito próximos.

Enquanto ela curtia a música de olhos fechados, o homem tinha os olhos bem abertos e admirava cada centímetro de seu corpo. Completando o quadro, boa parte da equipe do cozinheiro e do pessoal que estivera servindo, todos homens, assistia ao espetáculo. Quando o chef não se contentou em apenas olhá-la e a tocou, colocando as mãos em volta de sua cintura, Ricardo perdeu a paciência e teve que intervir. Conhecia Júlia o suficiente para saber que algo estava muito errado, pois ela parecia alheia à situação, sem se importar com a atenção que estava atraindo para si. Sem titubear, caminhou até os dois.

— Posso saber que merda está acontecendo aqui? — no último segundo conseguiu engolir o palavrão que diria, alarmando o chef e a plateia que assistia a dança, mas sem conseguir chamar a atenção dela — Júlia! — repreendeu-a.

— Uau, você disse "merda"? — finalmente abriu os olhos e se virou para ele. Alguns expectadores disfarçaram, no entanto não se moveram e continuaram assistindo — Essa me espantou mais do que saber que ainda está aqui — riu, sem parar de dançar e sem se importar com a mão do chef em sua cintura. O simples toque foi capaz de lhe provocar arrepios, algo indescritivelmente bom. Além disso, usava o contato para se manter equilibrada, pois sozinha, a impressão que tinha era a de que caminhava na lua, movendo-se mais lentamente do que o normal.

— Se ainda quiser usar estas mãos para cozinhar, é melhor mantê-las bem afastadas dela — Ricardo se voltou para Michel, que entendendo o recado, retirou a mão da cintura dela, mas ainda se manteve muito mais perto do que ele gostaria. Ricardo irritou-se com todos que continuavam parados presenciando a cena — E vocês? Duvido que não tenham o que fazer! Vão dispersar sozinhos, ou terei que ajudá-los com isso? — estava tão irritado que ninguém ousou contrariá-lo, indo cada um para um lado, como se nada tivesse acontecido.

Júlia virou-se para ele, protegendo os olhos que estavam mais sensíveis à luz. Não entendia o motivo de ele não estar dançando também, já que era impossível resistir àquela música.

— Em vez de ficar zangado, dance conosco, Rico. Você era bom, dançando — sorriu ao se lembrar — Não diante das pessoas, mas quando estávamos só nós dois – riu mais uma vez — Viu, ainda me lembro!

Foi o suficiente para Ricardo ter a certeza de que ela não estava bem. Desde

que se reencontraram, não o havia mais chamado de Rico e tampouco falado tão naturalmente, como se estivesse feliz por terem um passado em comum.

— O que fez com ela? — Ricardo furioso virou-se para Michel.

— Nada! Estava de saída, quando ela me convidou para dançar. Apenas aceitei — Michel se defendeu — Aliás, o que você tem a ver com isso? É o que dela? Pai?

Júlia gargalhou.

— Não, pai não! Isso seria muito proibido se fosse verdade, até meio nojento — riu — Incestuoso, sabe? — fez o gesto de negação com o dedo indicador, sem parar de dançar — Ele não é nada meu. Pensando bem, é sim. É o homem que me rejeitou em público. Quantas pessoas, Rico? Acho que era quase o mesmo tanto de convidados de hoje... — parou de falar e abraçou o chef de cozinha, este olhou para Ricardo de maneira desafiadora, antes de retribuir o abraço.

Ricardo perdeu a paciência e sem nenhuma sutileza, fez com que Júlia se afastasse do homem.

— Deveria ter vergonha, está se aproveitando da situação — Ricardo encarou o chef, ao separá-los.

— Pois acho que está tão nervoso, porque deseja fazer o mesmo – Michel respondeu insatisfeito.

Ricardo teria prazer em fazer o homem engolir o que dissera, se Júlia não começasse a caminhar para onde estavam os últimos convidados. Só por isso, relevou a provocação e foi atrás dela, alcançando-a facilmente e a impedindo de prosseguir. O francês, contrariado, disse alguns palavrões em sua língua e se retirou.

Uma vez impedida de continuar, Júlia voltou a dançar. Aproveitando a proximidade de Ricardo e, ignorando o seu nível de estresse, voltou-se para ele e o abraçou. Nunca tinha percebido como abraçar era bom. Tocar a outra pessoa e ser tocada, dava-lhe uma sensação quase tão boa quanto sexo. Ricardo, por sua vez, soltou-a, desnorteado com a proximidade. Experimentava um dilema, pois se por um lado, Júlia beirava a vulgaridade, por outro estava mais sensual do que nunca e sua necessidade de abraçá-lo o estava enlouquecendo, pois desde que a

reencontrara o que mais desejava era tocá-la novamente.

— Você tem pegada, Rico! — apoiou a cabeça no peito dele, passando a mão em seu abdômen — Uau, está em forma...

Sem parar de dançar, virou-se de costas e como se ele fosse um poste de pole dance, desceu no ritmo da música, encostando-se a ele propositalmente. Ricardo ficou sem reação, porém, assim que se refez do impacto de tê-la tão perto a ponto de sentir o calor de seu corpo e de se embriagar com seu perfume, apanhou-a pelo braço, fazendo com que se levantasse.

— Olhe para mim Júlia! — o que era para ser uma ordem saiu como um pedido constrangido, com a lembrança recente do que acontecera. Ela se virou para ele rindo e abriu bem os olhos para encará-lo — Pare e me diga o que aconteceu! Aquele cara lhe deu alguma bebida? — referiu-se a Michel.

— Deixa de ser chato, Rico. Não sente? A noite está perfeita — acariciou o rosto dele com uma das mãos e fixou sua atenção em seus olhos — Já te falaram que parecem esmeraldas? — inclinou-se e o teria beijado na boca, se ele não virasse o rosto. Foi uma espécie de tortura sentir os lábios dela em sua pele e saber que não havia sido espontâneo. Em vez de se sentir rejeitada, o gesto dele fez com que Júlia risse mais uma vez e começasse a acariciar seu tórax.

— Parece que alguém aqui está com medo — zombou, intensificando as carícias e aproximando-se de maneira mais ousada do cinto dele – Tornou-se um medroso, Rico?

— Quanto exatamente você bebeu? — Ricardo ignorou a pergunta, preocupado demais com o comportamento atípico. Foi preciso segurar a mão dela para impedir que continuasse com o que estava fazendo. Insistiu na pergunta — O que você bebeu?

— Tomei uma taça — riu, olhando para cima para encará-lo, tentando fazer com que ele soltasse sua mão – Estou bêbada com uma taça, acho que é meu recorde — Com a mão livre, começou a afrouxar a gravata dele — Você até fica bem com essas roupas, mas sem elas... — riu maliciosa.

— Pare, Júlia! Você não é assim! — Desta vez, a voz não falhou. Ele se viu segurando as duas mãos dela. Não que desgostasse dos toques, porém, sabia que tudo era uma ilusão, não correspondendo à realidade, se estivesse bem, manteria

distância dele, como sempre — Não sei o que te deram, só sei que não está bem — comentou mais tenso, ao notar suas pupilas dilatadas e se dar conta de que não estava bêbada e sim drogada — Vou tirar você daqui.

— Não quero ir embora. Trabalhei o dia inteiro, agora quero curtir. Qual o mal nisso? E, além do mais, esta música é ótima — Júlia resistiu, conseguindo livrar suas mãos e voltando a abraçá-lo.

Ricardo respirou fundo, exasperado com a situação. Nunca a vira naquele estado. Sabia como Júlia prezava o trabalho e, se continuasse ali na festa, acabaria sendo vista por algum convidado ou pelos parentes dos noivos, ameaçando sua reputação. Teve que ser mais enérgico, saindo de seu abraço e cuidando para não machucá-la, ao segurar em seu braço e começar a arrastá-la para a saída. Júlia chegou a tentar se desvencilhar e andar na direção contrária à que era levada, porém, sem sucesso, visto que Ricardo era bem mais forte e estava decidido a não permitir que ninguém mais daquela festa a visse. Sabia que ela teria uma bela dor de cabeça no dia seguinte, porém, no que dependesse dele, não seria por conta de seu comportamento inadequado diante de seus contratantes.

Conduziu-a para o local próximo de onde os carros estavam estacionados e fez com que se sentasse em uma cadeira, enquanto procurava no bolso do paletó a chave e o papel para entregar ao serviço de valet. Foi coisa de minutos; bastou tirar o olhos dela, para descobrir que Júlia não estava no lugar em que a deixara.

Após flertar levemente com um manobrista, pedindo-lhe ajuda para tirar a sandália, ela levou um tempo para achar a chave e o tal papel que havia recebido ao chegar, tendo que revirar a pequena bolsa que carregava no ombro. Quando Ricardo a encontrou, o manobrista acabara de trazer o carro dela, devolvendo-lhe a chave e Júlia estava prestes a entrar no carro.

— Você está louco? — deu uma bronca no rapaz que devolvera a chave à Júlia — Não percebeu o estado dela? — questionou e o rapaz manteve-se quieto, sem saber o que dizer, pois, em sua opinião, não havia nada de errado com ela.

— Estou alegre Rico, o que há de mal nisso? — deu de ombros e nem mesmo quando Ricardo foi até ela, conduzindo-a para o banco do carona de seu próprio carro, ela não se importou. Ricardo inclinou-se sobre ela para prender o cinto de segurança, sem se importar com a proximidade que ficou de seu corpo

para fazer isso.

Depois, praticamente teve que arrancar a chave de sua mão, porque ela ficou brincando de escondê-la.

— Qual o seu hotel, Júlia? — quis saber, enquanto ela buscava uma maneira de ligar o rádio do carro, sem entender que ele não ligava porque o carro estava desligado — Júlia! — mais uma vez tentou chamar a atenção dela, sem sucesso.

— Rico, só queria um pouco de música! Não sei porque essa droga não liga! — bateu no rádio e mais uma vez Ricardo teve que conter suas mãos, com medo de que se machucasse — Acho que podíamos voltar lá para festa — sugeriu tentando se livrar do cinto, sem conseguir.

— Diga-me nome do seu hotel, Júlia — Ricardo pediu novamente e só assim ela prestou atenção ao que ele dizia.

— Olha só que engraçado, não faço a mínima ideia — riu — Não sei o nome do hotel em que estou, porque ainda não fui para lá! — deu de ombros. Sentindo a boca seca e muita sede, passou a língua sobre os lábios. Ricardo ficou sem jeito ao achar aquilo extremamente sexy, porém, não era de ferro e já tinha aguentado bastante coisa. Tentou manter o foco em tirá-la dali, o que não estava sendo nada fácil, já que seu corpo ainda reagia a ela, fazendo com que se recordasse da história que tiveram — Vou para lá agora, ou um dia, se lembrar o caminho — gargalhou e o som da gargalhada serviu para tirar Ricardo do transe em que se encontrava. Soltou as mãos dela, decidindo que já havia passado da hora de irem embora. Saiu, fechando a porta do lado em que ela estava e dando a volta no carro para entrar do lado do motorista.

A primeira coisa que fez ao ligar o carro foi travar a porta. Do jeito que Júlia estava não se espantaria se a abrisse em movimento. Como suas coisas estavam no hotel, não se preocupou em deixar seu carro ali no estacionamento da mansão. Voltaria no dia seguinte e o apanharia. O que não podia era deixar que ela guiasse daquela maneira.

Lembrando-se das palavras do recepcionista do hotel, intuiu que ela tivesse recebido a mesma instrução que ele e estivesse hospedada no hotel para o qual fora encaminhando. Assim sendo, era para lá que a levaria, conduzindo com cuidado.

— Você é um imbecil, Rico — Júlia falou do nada, finalmente conseguindo ligar o rádio. Se não fosse o desconforto provocado pelo calor e pela sede que sentia, tudo estaria perfeito. Sentia-se muito à vontade e com facilidade para falar de coisas que costumavam machucá-la. Nem imaginava o que vinha a ser senso crítico, uma vez que falava tudo o que lhe vinha à cabeça — Eu o amava e você me deixou.

— Júlia, não adianta falarmos sobre isso, se amanhã não se recordará.

— Ainda assim vai continuar sendo um tolo, pois certas coisas não mudam. Sua resposta já deixa isso claro para mim. Sempre se esquivando, fugindo...

— Não estou fugindo, Júlia... Estou aqui, não estou?

Ele engoliu em seco, no fundo concordava.

— Não me conformo que o meu filho tão lindo, tenha DNA idiota — riu e a expressão de Ricardo ficou ainda mais carregada. Confirmação de que ela não estava em seu perfeito juízo era falar do filho que tiveram — Tenho muito medo que ele puxe seus defeitos. Não quero ser mãe de um fraco.

Mais uma vez, ele engoliu em seco. Novamente concordava. Se tivesse sido mais firme em suas decisões, tudo teria sido diferente, principalmente porque cumpriria a promessa de ficar ao lado dela, apesar de qualquer coisa que acontecesse.

— Você é prova de que aquelas comédias românticas são bobagem, não existem. É tudo invenção de cineasta... — olhou-o e o viu compenetrado na estrada — É exatamente assim o modo como me fez sentir... Sozinha. Não sabe o que pensei depois daquela maldita cerimônia. Desejei que fosse verdade e que tivesse um amante como supôs, pois eu o esfregaria na sua cara e talvez você sofresse tanto quanto eu...

— Nada do que fizer ou disser vai apagar meus erros... — começou a falar, porém, parou, ao notar que ela estava tentando se livrar do vestido, começando pelas alças — Pelo amor de Deus! O que está fazendo?

— Estou derretendo, está muito quente! — respondeu, tentando tirar o vestido sem conseguir. Para não correr o risco de perder o controle do carro, Ricardo teve que parar no acostamento. Era impossível impedi-la de tirar a roupa

e dirigir ao mesmo tempo. Afinal, não era tão frio a ponto de continuar dirigindo, sem prestar atenção ao que acontecia ao seu lado. Por esse motivo, falou com ela, esperando sinceramente que processasse o que lhe dizia.

— Tem que cooperar Júlia, caso contrário vai provocar um acidente...

— Basta manter as mãos no volante e tirar os olhos de mim — riu, percebendo seu constrangimento.

Ricardo inspirou e expirou lentamente. No momento só queria apanhar quem a drogara. Foi impossível não pensar no que teria acontecido caso não estivesse na festa.Que tipo de equipe era essa que comandava, capaz de a deixar para trás? Não conseguia entender.

— Assim que chegar ao hotel, poderá ficar à vontade, tudo bem? No carro não dá — manteve-se firme, como se falasse com uma criança e quando Júlia aumentou o rádio, chegou a revirar os olhos, antes de voltar a dirigir. Ainda que ela tenha começado a cantar a música que estava tocando, como se ele nem estivesse ali, não ligou, pois pelo menos mantivera a roupa no lugar.

O fato de saber o caminho para o hotel fez com que chegassem em segurança e sem novas interrupções, ainda que a estrada fosse sinuosa e de faixa simples, exigindo muita atenção ao volante.

Ao estacionar, Júlia ainda estava agitada e foi mais um sacrifício convencê-la a sair do carro, pois ela queria permanecer escutando a música que, a esta altura, já estava no volume máximo. A vontade de Ricardo era colocá-la sobre o ombro e levá-la onde quer que tivessem que ir.

◆◆◆

O homem viu o casal entrar no hotel e verificou a foto. Não teve dúvidas: a placa era aquela mesma. Havia recebido um bom dinheiro para fazer um serviço limpo e que não deixasse pistas.

Quando a madrugada fizesse todos se recolherem, mexeria no carro, de modo que o fluido de freio vazasse aos poucos. Nenhuma perícia apurada seria capaz de dizer que houvera sabotagem e, contanto que a pessoa não estivesse

correndo muito, apenas renderia um bom susto ao condutor.

◆◆◆

— É como eu disse, senhor Vidal. Quando o recebi mais cedo, avisei-o de que só tínhamos um quarto. O senhor se hospedou no quarto que estava destinado à senhorita Pimenta.

Júlia apoiou-se no balcão e riu da situação.

— Credo, isso é um déjà vu! Quase desse jeito, pensei que tivesse conhecido o amor da minha vida. Percebo que conseguia ser mais burra do que agora — comentou, passando a mão sobre a testa, suada. A sensação de que estava muito quente continuava — Será que não tem água? Preciso urgente beber água — foi enfática e o recepcionista olhou-o preocupado, apanhando o telefone e fazendo uma ligação rápida.

— Quanto ao quarto que devo fazer? — quis saber, após devolver o telefone no gancho. A expressão contrariada de Ricardo, deixou-o temeroso.

— Deveria começar aprendendo a jamais passar adiante uma reserva de outra pessoa. Sem a pessoa cancelar, ela ainda continua sendo hóspede prioritária. Sabe, poderia levar um belo processo por causa disso — Ricardo não escondeu o nervosismo, afinal parecia que aquele era o dia em que coisa alguma daria certo.

Uma mulher vestida com o uniforme do hotel, trouxe uma garrafa de água e um copo de vidro em uma bandeja. Júlia ignorou o copo, apanhando e abrindo a garrafa com pressa, tomando um gole de água, como se estivesse em um deserto.

— Obrigado — coube a ela agradecer a mulher, antes de se voltar para o recepcionista — Peço que verifiquem se há malas no porta-malas e as levem até o quarto, junto com a chave — Ricardo ordenou por fim, colocando a chave do carro sobre o balcão, afinal ficar ali dando broncas não o levaria a lugar nenhum. Colocou o braço sobre a cintura de Júlia para conduzi-la ao elevador.

Ela acabou com o líquido da garrafa, antes que tivessem chegado ao andar em que desceriam. Ricardo percebeu as gotas de suor em sua testa e ficou

assustado ao tocar no braço dela: estava quente, como se ardesse em febre.

Ficou aliviado, quando entraram no quarto, porém, não menos preocupado. Lembrou-se do médico com o qual fizera os últimos exames e, enquanto deixou Júlia mexendo no frigobar, fez uma ligação para ele.

— Doutor Luiz, desculpe-me pelo horário, no entanto, é urgente. Tenho quase certeza de que uma pessoa tomou uma bebida batizada e não sei como agir. Não entendo nada sobre drogas — admitiu.

— Tudo bem, Ricardo. Descreva-me os sintomas, por favor — o médico pediu e ele falou tudo o que havia observado, dando ênfase para a sede, a queixa constante sobre o calor e a temperatura de Júlia.

— Pelo seu relato, parece-me que descreveu os efeitos da "droga do amor".

— Aquela do "Boa noite Cinderela?" — questionou confuso.

— Não, Ricardo, aquela é outra. Estou falando de ecstasy. É conhecido como a "droga do amor" porque há um aumento considerável da libido, da autoestima e todo contato é extremamente prazeroso. O fato de deixar as pessoas bastante agitadas e dispostas é o que a faz ser facilmente encontrada em raves, onde jovens chegam a dançar sem parar por longos períodos. Esses efeitos podem durar bastante tempo, de quatro a oito horas. Prepare-se para o dia seguinte, para muitos a ressaca costuma ser pior do que a sensação boa, principalmente se tiver sido a primeira vez. Sobre o aumento da temperatura corporal é muito perigoso, portanto, é necessário que tome uma providência imediatamente.

— Perigoso de que modo? — Ricardo não entendeu, pois lhe parecia que ela estivesse bem fisicamente, ainda que agisse de modo que não condizia à sua personalidade. Com toda paciência, o médico começou a lhe explicar os perigos da hipertermia, uma das reações adversas ao uso da droga e que podia levar ao óbito.

Ricardo ficou tão apreensivo que não precisou ouvir a recomendação duas vezes, desligando, quase sem se despedir. Foi até o banheiro e deixou a banheira enchendo com água fria, antes de voltar ao local onde deixara Júlia. Ao chegar à sala, teve que se virar de costas, pois não esperava encontrá-la apenas de lingerie.

— Não sei como não se livra deste paletó, também. Está muito quente — comentou naturalmente, sem ter ideia do quão havia sido difícil para Ricardo vê-la naqueles trajes e continuar a agir de modo racional, totalmente focado no que o médico dissera.

Ricardo sorriu nervoso. "Deve ser algum tipo de prova, só pode!", pensou. Era necessário muito controle para estar perto dela em uma situação como aquela. Júlia não era somente a mulher com quem imaginara passar o resto de sua vida, além de ser a mãe de seu filho, mas era também a mulher que ainda amava.

Temendo que ela se livrasse das últimas peças que ainda restavam, e lembrando-se da recomendação do médico, virou-se, encurtou o espaço entre eles e a apanhou no colo, levando-a em direção ao banheiro.

Se fosse em uma ocasião normal, Júlia não permitiria, porém, ela só resistiu, quando ele a colocou dentro da banheira, que já estava com água fria até a metade. Ao sentir a temperatura da água, ela tentou sair, espalhando água e o molhando também. Ricardo não permitiu que saísse, segurando-a com mais força e molhando-se ainda mais nesse esforço. Se soubesse teria se livrado do paletó, como ela sugerira.

— Você é um bruto, quem disse que queria tomar banho? — questionou, ao perceber que ele não permitia que se levantasse.

— É verdade, para diminuir o calor você prefere beber toda água do frigobar — Ricardo retrucou, porém, ao perceber que não adiantava discutir com ela, mudou seu tom — Tem que ser assim, vai diminuir a temperatura do seu corpo — explicou.

— Por que você não pode ser sempre assim, Rico? Por que em vez de cuidar, você prefere machucar?

Ele suspirou. Estar todo ensopado era o menor de seus problemas. Responder a ela, continuava sendo mais difícil.

— Não é porque eu meta os pés pelas mãos que não me importe. Antes costumava me conhecer, Júlia.

— Acho que nunca o conheci de verdade, Ricardo e isso é o que me torna

mais idiota.

— Para de se chamar de idiota — pediu.

— Como se define uma pessoa que se apaixonou por alguém como você? — quis saber e sem ter o que responder, achou melhor se calar, preferindo desligar a torneira e sentar-se ao lado da banheira.

Ricardo só permitiu que saísse, quando ela começou a sentir frio, evidenciando que a temperatura de seu corpo finalmente baixara. Ajudou-a com o roupão do hotel. Como se não bastasse, ainda teve que se sentar na cama com ela para garantir que permanecesse deitada, pois se dependesse da agitação que ainda apresentava, não ficaria parada. Júlia não parou de protestar e nem de falar um minuto sequer, até o efeito da droga ir diminuindo a ponto de conseguir adormecer.

Capítulo 22

— Estou gostando de ver Lipe, tomou todo o leite — Salete comentou animada ao ver o neto se alimentando bem. Esperava que Júlia ligasse a qualquer momento, conforme havia lhe prometido.

— Quero ficar forte igual ao tio Du — o menino respondeu naturalmente, repetindo o gesto que Eduardo fizera para mostrar os músculos.

— Ah sim, seu tio — Salete ficou sem jeito, ao perceber o modo como Ivan captara essa informação — Quando você o vir novamente, já estará bem forte — garantiu e o menino sorriu.

— Sim, vó, quando ele dormir em casa de novo.

Ivan quase engasgou com o café, recompondo-se imediatamente.

— O seu tio dorme na sua casa, Lipe? — ele questionou para o neto, como se precisasse escutar novamente para acreditar.

Lipe nem hesitou, antes de fazer que sim com a cabeça e nem percebeu a apreensão de sua avó, tampouco entendeu que o fato de seu avô se levantar da mesa significava que havia desaprovado o que descobrira.

◆◆◆

Ricardo acabou de fazer a barba e se espreguiçou, exausto. Havia ficado preocupado demais para conseguir dormir, então preferiu ficar velando o sono de Júlia. Somente quando constatou que ela dormia profundamente permitiu-se tomar um banho, trocando finalmente a roupa molhada e acalmando os próprios ânimos.

Por volta das sete horas, pediu seu desjejum no quarto, limitando-se a uma xícara de café preto, sem a qual previa uma bela dor de cabeça. Não estava tão

nervoso quanto na noite anterior, porém, estava longe de estar calmo. Júlia havia sido drogada em um evento daquele porte, o que por si só já era muito grave. Agora, cabia descobrir quem estava tentando prejudicá-la e por qual motivo.

◆◆◆

— Bom dia, Constância — a voz de Ellen saiu sem a confiança que deveria.

— Só se for para você, não é Ellen? — a mulher respondeu amarga — Para mim, continua como os outros dias, sem nenhuma novidade, ou boa notícia. Pelo jeito empolgado com o qual me descreveu seu plano infalível, pensei que abriria o jornal e haveria uma manchete envolvendo a cozinheira. Algo que infelizmente não aconteceu. Diga-me, por favor, que fez o seu melhor?

— Eu fiz — Ellen confirmou, a essa altura, totalmente insegura. Aquela mulher tinha o poder de intimidá-la.

— Se isto é verdade, cadê os resultados? — Constância indagou, sem titubear — Já ligou para os seus contatos? Já se certificou que está tudo conforme o planejado? — disparou, sem dar tempo para Ellen responder e quando finalmente ficou em silêncio, foi também com o silêncio que se deparou do outro lado da linha — Assim, vai fazer com que duvide de sua capacidade de gerenciar, Ellen, minha cara. Está me dizendo que ainda não falou com os seus contatos?

— Ainda não tive tempo, Constância — teve que admitir — Sem o Rico aqui, acabei ficando sobrecarregada.

— O que quer dizer com "sem o Rico aqui"? — Constância questionou intrigada.

— O Rico viajou a negócio — Ellen quase gaguejou ao dar a informação à mãe dele.

— Desde quando? — Constância estranhou, pois seu filho não tinha dito nada a ela.

— Desde ontem...

— Para onde? — a pergunta veio antes mesmo de ela terminar e Ellen passou a mão na testa, ajeitando-se em sua cadeira.

— Constância, a secretária dele avisou-me que...

— Você não sabe — Constância a interrompeu — Pensei que tivesse acesso completo à agenda do meu filho...

— Eu tenho, quer dizer, não desta vez... Ele não disse onde iria nem para a Sol.

— E o que está fazendo aí ainda, que não descobriu? — mal lhe deu tempo para responder — Vou te deixar descobrir o paradeiro do meu filho. Volte a me ligar quando o tiver feito e, se possível, após ter conversado com o seu contato.

Ellen não teve nem mesmo tempo de dizer qualquer coisa, antes de a ligação ser interrompida. Soltou o ar, levantando-se de sua cadeira.

Na realidade, imaginava que Constância fosse controladora, porém, sua imaginação não chegava nem perto da verdade. Saiu da gerência e, aproveitando a ausência de sua funcionária mais contestadora, apanhou a chave substituta do quarto de Ricardo e não perdeu tempo para ir até ele.

◆◆◆

Abriu os olhos aos poucos. A visão de início embaçada foi se ajustando, tudo em volta ganhando forma. Apertou os olhos uma, duas, três vezes, movendo a cabeça devagar, tentando descobrir onde estava. Tentou sentar-se e o corpo inteiro doeu, todos os músculos; no entanto foi a dor de cabeça intensa que fez com voltasse a deitar.

Flashes do que havia feito retornaram, trazendo junto deles uma tristeza, uma angústia, algo tão forte quanto a excitação experimentada na noite anterior. Ao se dar conta de algumas lembranças, ficou alarmada, tentando completar o que aquele estado de confusão fizera questão de apagar. Assustada, principalmente com o que não se lembrava, ignorou todo o desconforto e se sentou na cama. Perceber-se nua embaixo do roupão, só não foi tão assustador quanto ver Ricardo se aproximar.

— Droga! — falou entre um gemido de dor — É algum tipo de pesadelo?

Ele caminhou até ela, apreensivo. Afinal, pensou que ela fosse demorar para acordar e nem eram oito horas e ela já havia despertado. Ignorou o comentário dela, sentando-se na ponta da cama, sem contudo deixar de perceber o modo como puxou o lençol até o pescoço. Estava tão envergonhada que mal conseguia encará-lo.

— O que faz aqui? — buscou uma explicação plausível, sem conseguir encontrar.

— É uma longa história, para resumir, por enquanto estamos dividindo o mesmo quarto — respondeu rapidamente, deixando-a ainda mais perdida.

— Nós? — apontou para ele e depois para si mesma — Não... Não é? — falou devagar por estar confusa e porque a cabeça estava estourando, dando-lhe a impressão de que cada palavra saída de sua boca fosse a última.

— Posso ter inúmeros defeitos, porém, ainda não me transformei em um canalha capaz de me aproveitar do estado em que estava — à resposta ofendida dele, Júlia soltou um suspiro de alívio que o deixou irritado. Ela não o fez de propósito, no entanto diante de tantos sentimentos ruins, aquilo lhe pareceu uma boa notícia.

— Desculpe — reconheceu a injustiça do que havia insinuado — Só que não me lembro de nada e estou assim — apontou para o lençol — Além disso, é como se eu tivesse corrido uma maratona.

— Virei-me de costas, quando você se livrou de suas roupas íntimas por estarem molhadas — fez questão de explicar e viu a expressão chocada de Júlia.

— Estou muito perdida, só me lembro de flashes... Não acredito que isso tenha acontecido em pleno casamento — sentiu a cabeça pesar e se rendeu à vontade de chorar, escondeu o rosto entre as mãos.

"Prepare-se para o dia seguinte", diante da confusão dela e de seu abatimento, Ricardo entendeu o que o médico quisera dizer com aquilo. Mesmo sabendo que a sua tentativa poderia ser rechaçada, não conseguiu ficar passivo diante da cena e tocou nas mãos dela, tentando consolá-la.

— Fique calma, agora está tudo bem — tentou parecer mais seguro do que realmente estava porque, depois de ontem, esta Júlia de hoje o abalava do mesmo modo. Era impossível vê-la chorar e não imaginar todo o sofrimento que já havia lhe causado. Mesmo sabendo que as lágrimas eram fruto da tal ressaca do ecstasy, não gostou de presenciá-las.

— Como pode estar bem? — levantou a cabeça para encará-lo — Arruinei tudo...

— Ei, não arruinou coisa alguma! — Ricardo a contestou, ousando aproximar a mão do rosto dela, para limpar suas lágrimas. Foi estranho vê-la se afastar ao seu toque — Você foi drogada, Júlia!

— Drogada? — diante da afirmação, a cabeça doeu ainda mais — Como? Por que? – cada vez mais incrédula, limpou as lágrimas com as costas das mãos.

— Por ora, o importante é saber que não tem culpa, pois não estava no controle de suas ações — a firmeza com que ele falou, mascarou o desconforto de vê-la limpando as próprias lágrimas, quando o poderia estar fazendo — Além disso, não tem como ter arruinado tudo, pois, tirando a equipe do tal chefe de cozinha e alguns garçons, ninguém mais a viu.

— Os flashes que tenho não me dizem isso...

— Talvez porque tenha me apagado de todos eles, Júlia. Se lembrasse de mim, perceberia que saímos imediatamente da festa — falou naturalmente, pois já estava se acostumando ao fato dela afastá-lo — Tem minha palavra que não se expôs diante de seus contratantes.

— Ah meu Deus! — ouvi-lo falar dos contratantes, foi o suficiente para trazê-la de uma vez de volta à realidade — Tenho que ir para lá... — tentou se levantar, enrolada no lençol, porém, seus movimentos, mais uma vez, foram limitados pela dor de cabeça. Se não fosse Ricardo levantar-se e ampará-la, teria caído.

— Está louca, Júlia? — repreendeu-a, ajudando-a a se sentar novamente na cama — Não permitirei que vá a lugar algum deste jeito.

— E quer que faça o que? Fique aqui sentindo pena de mim mesma? Se não voltar lá, então, o responsável por isso terá vencido.

— Se voltar lá dessa maneira, mal conseguindo parar em pé, acredito que dará na mesma — Ricardo discordou — Portanto, só vou deixá-la sair daqui, quando tiver se alimentado e conseguir se sustentar em cima das próprias pernas. Telefone para sua equipe e avise que não aparecerá no período da manhã.

— Ricardo, estarmos no mesmo quarto, algo que ainda estou tentando compreender, não te dá o direito de me dar ordens.

— Estou longe de querer mandar em você, Júlia. Porém, preciso me assegurar que não passará mal, afinal acredito que tenha mais motivos do que eu para querer voltar em segurança para casa.

De maneira sutil, Ricardo usou o único argumento capaz de fazer com que ela reconsiderasse: Lipe. E, somente assim, ela fez o que ele pedira.

◆◆◆

Se Ricardo descobrisse que ela estivera em seu quarto, revirando suas coisas, a reação não seria nada boa. Uma das características que a deixava fascinada com ele era o modo como era direto. Não usaria meias palavras para dizer o quanto desaprovara e, não se espantaria se aquilo lhe rendesse uma demissão.

Porém, ainda era mais fácil lidar com Ricardo do que com a mãe dele. Não tinha como falar com ela novamente e dizer que não tinha descoberto. Com certeza, a mulher a massacraria.

Já havia percebido que Constância considerava que nenhuma mulher fosse boa o suficiente para seu filho mais velho. Achara que poderia mudar isso, tornando-se cúmplice dela. Porém, agora entendia que a proximidade nem era tão vantajosa assim, já que as cobranças eram ainda maiores.

Procurou nas gavetas dele, sem achar nenhuma pista. Havia desistido, quando abriu o closet onde ficavam os ternos dele. Adorava Ricardo naqueles ternos. Era um homem naturalmente elegante.

Fantasiava tirar o paletó dele e afrouxar as gravata que escolhia com tanto cuidado. Por falar em gravatas, pensou que talvez ele não desse falta se ela apanhasse uma para guardar como recordação, afinal, tinha tantas. Abriu a

gaveta na qual ele as guardava e ali, sem que esperasse, encontrou o que havia procurado: em um papel reciclado e letras finas em dourado, um convite de casamento. A impressão foi a de que não fora colocado ali, e sim caíra lá.

Surpresa, apanhou-o e o abriu o devagar.

Ellen precisou sentar na cama, quando leu os detalhes do casamento: ele aconteceria exatamente na mesma cidade onde Júlia estava.

◆◆◆

— Será que pode me responder o que lhe perguntei? — Ellen questionou nervosa. Havia deixado o quarto de Ricardo e agora andava de um lado para o outro em sua sala, com o celular na mão.

— Cumpri minha parte no trato — o garçom falou de modo seguro — Conforme o que pediu e posso lhe garantir que sua amiga bebeu tudinho.

— Se ela bebeu... Por que não funcionou?

— Funcionar, funcionou... E como. Precisava ter visto como ela estava dançando — fez uma pausa — Acontece que ela estava acompanhada...

— Acompanhada? — Ellen não ouviu mais palavra alguma após esta palavra, nervosa passou a mão na testa, sentindo-se febril. Não podia ser o Ricardo.

— Sim, um namorado bem ciumento por sinal e que cortou o barato, levando-a embora — sem que ele descrevesse uma característica física sequer, teve certeza de que seus temores se confirmaram e o Ricardo estava junto dela — Porém, entendo o cara, faria o mesmo... — Ellen nem o deixou terminar, apertando o botão para encerrar a ligação.

Como diria para Constância que o plano dera errado e que Ricardo não apenas estava na festa, como também, pelo que tudo indicava, salvara Júlia de um vexame gigantesco?

Chegou a discar o número dela, porém, desistiu ao se recordar de um detalhe que havia escapado e que piorava muito mais a conversa que teriam que ter.

— Ah meu Deus! — Ellen interrompeu sua caminhada, dirigindo-se para a sua mesa. Precisava encontrar o contato do homem com quem havia falado dias antes. Não o gravara no celular, porque assim achava que seria mais seguro. Precisava lhe pedir que desistisse do trabalho e não mexesse no carro.

◆◆◆

— Se quer sair daqui, vai ter que fazer melhor do que isso — Ricardo permaneceu irredutível e a vontade de Júlia foi xingá-lo. Como ela se recusou a ir até um hospital, ele havia descido rapidamente e voltado com aspirinas. Foi o tempo necessário para ela tomar um banho rápido e se colocar apresentável.

Quando apareceu na sala, ele já havia retornado a algum tempo e havia pedido um belo café da manhã para ela. Júlia até tentou, no entanto conseguiu comer apenas uma torrada e tomar um pouco de suco, antes de recusar o restante da comida, em um gesto que fez com que se lembrasse de seu filho.

— Pode apanhar minha bolsa? — perguntou para Ricardo, ignorando seu olhar de reprovação. Ele fez o que foi pedido, entregando-lhe a pequena bolsa e Júlia entendeu porque ainda não havia recebido nenhuma ligação desesperada de Rui: o celular estava desligado.

Bastou ligá-lo para verificar a quantidade de chamadas perdidas. Só na caixa postal, tinha três recados, um deles do Eduardo. Não demorou nem três minutos para que o confeiteiro ligasse mais uma vez.

— Júlia! — respirou aliviado ao ouvir a voz dela — Estava muito preocupado, imaginei que tivesse acontecido algo grave com você. Depois, liguei no hotel e você não estava registrada. Quase abandonei meu posto para tentar descobrir o que tinha acontecido — disparou, demonstrando todo o nervosismo.

— Agradeço por toda a preocupação — fez uma pausa, vendo Ricardo sentar-se diante dela — Aconteceu realmente algo, no entanto estou bem, apesar de não ter condições de aparecer aí agora de manhã.

— Assim está difícil acreditar que realmente esteja bem – o tom de voz, demonstrou que estava mais preocupado agora do que antes.

— Tudo bem, Rui vou re contar tudo, porém, antes, preciso saber se consegue se virar sem mim, pelo menos por ora.

— Claro que sim, Júlia. Somos uma equipe, não é mesmo? — ele quis saber e Júlia disse que sim, antes de, sob olhares atenciosos de Ricardo, colocar o confeiteiro a par do que havia lhe acontecido.

◆◆◆

— E então, tia? Vim o mais rápido que pude —Sarah falou, após beijá-la no rosto.

— Entre, querida — Salete pediu para a sobrinha e ela o fez procurando pelo menino, sem encontrá-lo.

— O que houve? O Lipe não se adaptou? — perguntou preocupada — Se quiser, posso levá-lo para minha casa, como ele já ficou lá...

— O Lipe está muito bem. Neste momento, está brincando de pintar no meu quarto, com o avô dele — Salete comentou, como se tivesse lido na mente dela a sua pergunta sobre o paradeiro do garoto.

— Ufa, pensei que ele tivesse estranhado e a Júlia foi viajar tão preocupada com isso que, quando a senhora me ligou, vim o mais rápido possível — Sarah acompanhou a tia até o sofá da sala e esperou que ela se sentasse para fazer o mesmo.

—Você e a Júlia são como irmãs. Acho bonito a relação que têm.

— Eu também, gosto mais da Júlia do que do meu irmão — Sarah brincou, depois ficou séria ao perceber a feição da mulher à sua frente — Se o Lipe está bem, o que houve tia, está tão séria...

— Acabou de dizer que gosta da Júlia como se ela fosse sua irmã, não é? — quis saber e Sarah fez que sim com a cabeça — Você acompanhou tudo o que ela passou? — novamente, o mesmo gesto com a cabeça — Por esse motivo, não a deixaria se meter em nenhuma confusão, não é mesmo?

Sarah não estava gostando dos rumos daquela conversa, porém, respondeu a

questão, dizendo que era óbvio que não.

— Nesse caso, por favor, diga-me que estou enganada e que a Júlia não está namorando o irmão do mau caráter que a abandonou no altar.

Sarah foi pega de surpresa e, de repente, ao notar que aquele era o motivo de estar ali, ficou sem palavras. O silêncio foi o suficiente para confirmar tudo o que Salete tinha a intenção de saber.

◆◆◆

— Viu? Nem foi tão difícil assim — Ricardo comentou, assim que Júlia desligou o celular — Tem que confiar mais no fato de ter montado uma equipe competente, que consegue sobreviver sem você por algumas horas. Tudo bem que foram relapsos ao deixá-la sozinha.

— Não foram relapsos, eu ordenei que fossem embora e, apesar de serem competentes, a minha presença foi exigida, quando fechamos o contrato — rebateu.

— Sei que a noiva é mimada, porém, basta um telefonema meu para o pai dela e te garanto que nem notará sua ausência.

— Quem está lhe pedindo para fazer isso, Ricardo? Tudo para me provar que é um homem influente? Já percebi que se tornou um fenômeno no ramo hoteleiro, não precisa ficar demonstrando — não se conteve.

— Meu Deus, Júlia! Será que não conseguiremos conversar direito nunca mais? — Ricardo questionou preocupado — Está sempre armada...

— Desculpe — baixou os olhos — Estou tão acostumada a me proteger de você que reajo a qualquer coisa que me diz. Por exemplo, ainda não o agradeci por ontem, nem pelo seu cuidado comigo, hoje. Sei, que sem você, teria sido um desastre total.

— Fiz o que qualquer um faria... — Ricardo falou sem graça.

— Duvido — manteve os olhos nos dele — Sei de cor todos os seus erros, porém, não sou injusta a ponto de não reconhecer seus acertos.

— Acha que um dia, conseguirá me perdoar? — perguntou do nada, surpreendendo-a.

Júlia engoliu em seco, processando a pergunta à queima-roupa. Pensou um pouco.

— Acredito que sim — foi sincera — Porque a mágoa é uma bagagem pesada e que retarda qualquer viagem. Se eu quiser seguir em frente, não posso ficar remoendo esse sentimento ruim. Perdoar acaba sendo a única forma de seguir mais leve.

Ricardo baixou os olhos, deveria estar feliz com aquela resposta, porém, não estava. Relacionado à ela, a ideia que fazia de "seguir em frente" era se envolver cada vez mais com o seu irmão. Por não querer trazê-lo para o meio da conversa, nem correr o risco de discutirem, permaneceu calado. Já sabia tudo o que ela pensava dele, pois quando estava drogada lhe dissera, porém, ao mesmo tempo, não esquecia a maldita dança, nem os avanços de Júlia. Não estava delirando, ela ainda sentia algo por ele, mesmo que não admitisse.

O silêncio entre os dois foi mais complicado do que os momentos em que estavam se desentendendo. Júlia tinha ciência disso, pois, por mais que quisesse negar, a história dos dois estava mal resolvida. Não era imune à presença dele; afinal, se o fosse, não se irritaria tão fácil. No entanto, isso só vinha para complicar as coisas, porque estava com o Eduardo e não pretendia fazer sofrer quem sempre estivera próximo quando precisou.

Júlia suspirou, sem conseguir dizer nada. Como prova de que tentaria se livrar da mágoa que sentia, começou a mexer em seu celular e quando achou o que procurava, estendeu-o para Ricardo.

Por não entender o gesto de imediato, ele hesitou um pouco para apanhá-lo. Seus olhos vislumbraram lentamente o que ela queria lhe mostrar.

— Este é o Felipe, é a pessoa mais importante da minha vida — Júlia começou, a voz embargada — Tenha muito cuidado para não magoá-lo, porque se o fizer, juro por tudo o que há de mais sagrado, Ricardo, farei com que se arrependa até o fim dos seus dias...

Ricardo não duvidou da ameaça. Sabia que ela estava falando sério. Porém, entendeu perfeitamente o motivo de tanto zelo. Na tela do celular, em uma foto

aparentemente recente, pela primeira vez teve contato com o filho. Foi pego tão de surpresa que teve que precisou inspirar e expirar profundamente por duas vezes. Fascinado diante da visão, sorriu como um bobo. Júlia percebeu que ele tremia, ao olhar para o próprio celular que ele segurava. Também foi impossível deixar de perceber seus olhos ficando marejados. Aquela emoção, teve certeza, era legítima.

Ele experimentou tudo ao mesmo tempo. Não esperava que ela mostrasse uma foto de seu filho.

— Felipe, então esse é o nome dele? — falou mais para si mesmo do que para Júlia, reparando que aquele nome até o dia anterior não lhe dizia nada, porém, a partir daquele momento, já lhe era muito especial.

O garoto era muito melhor do que sua imaginação pintara. Tinha os mesmos olhos de Júlia e os cabelos cacheados eram quase tão loiros quanto os seus quando criança. Ao mesmo tempo parecia tão frágil que Ricardo se recriminou por ter ficado tanto tempo distante. Era estranho saber tudo o que já tinha perdido e que não teria mais a oportunidade de vivenciar: o primeiro banho, o nascimento do primeiro dente, os primeiros passos, as primeira palavras... Agora cabia-lhe estar por perto sem perder um momento sequer de seu crescimento.

Ao ajudá-la, na noite anterior, não queria nada em troca, apenas garantir que não se prejudicasse e que chegasse ao hotel com segurança. No entanto, provando a máxima que gentileza gera gentileza, fora surpreendido com o maior presente que poderia ganhar. Mesmo sendo uma simples foto, já estava completamente encantado pelo garoto que era seu primogênito, seu herdeiro e alguém por quem seria capaz de fazer qualquer coisa.

Capítulo 23

— Vocês sabe que um erro desse é capaz de prejudicar a imagem do hotel, não sabe? — Ricardo disse de modo duro — E se ela fosse uma cliente oculta? Com certeza vocês perderiam pontos importantes — o gerente do hotel estava suando frio. O sobrenome Góes Vidal era muito forte no ramo, logo não queria se queimar com ele. Além disso, sabia que estava coberto de razão.

Nervoso, mexeu no computador e soltou a respiração, quando viu uma luz no fim do túnel.

— Um quarto ficará vago, daqui a uma hora. A senhorita Pimenta poderá se instalar lá — falou sem graça.

— Eu me mudarei para lá — fez questão de corrigi-lo — Afinal, a reserva era dela, não minha.

— Tudo bem, senhor Vidal, como o senhor quiser — concordou rapidamente e Ricardo teve certeza de que ele concordaria com o que quer que fosse, na tentativa de refazer a má impressão — Daqui a uma hora, apressaremos a limpeza do quarto e o avisaremos.

Ricardo deu um meio sorriso, senão satisfeito, pelo menos mais tranquilo. Por conta da noite mal dormida, estava cansado.

— Sabe me dizer se há táxi por aqui? — mudou de assunto. Afinal, seu carro estava no estacionamento da festa e se pudesse se livrar de ter que dirigir para lá, já serviria para descansar um pouco. Por outro lado, por mais que ela estivesse um pouco melhor, ele ainda não achava que Júlia estivesse em condições para dirigir.

— O hotel poderá providenciar o traslado para onde o senhor quiser — o gerente o surpreendeu. Apesar de saber que tudo era para tentar limpar a barra, Ricardo não negou, pois seria quase uma hora, para se refazer dos últimos acontecimentos.

Mesmo sem querer dar o braço a torcer, Júlia sentia-se bem melhor após ter

se alimentado um pouco e, depois da aspirina, a dor de cabeça finalmente cedeu. Mentalmente, agradeceu ter outros dólmãs na bagagem e, enquanto Ricardo desceu, trocou-se, escolhendo um vestido mais sóbrio do que o anterior. A ideia de ter se insinuado para o chefe francês ainda estava entalada na garganta. Estava mais do que claro que o intuito de drogá-la era acabar com sua reputação e tinha que admitir, fora por bem pouco.

A dor muscular ainda persistia um pouco, porém, nada que impedisse de voltar à festa. Rui deveria estar se desdobrando, pois, de acordo com o menu que haviam preparado, os doces gelados, como as mousses, os sorvetes e o doce de pimenta em calda, deveriam ser servidos frescos, ou seja, era o dia em que mais trabalhariam para servir três tipos de doces para quase trezentos convidados.

◆◆◆

— Desculpe-me a sinceridade, porém, o que está feito, está feito — Naldo respondeu mal-humorado — Não há meio de reparar, sem me denunciar e pode ter certeza de que não me prejudicarei, porque mudou de ideia...

— Não estou pedindo que faça nada de graça — Ellen interrompeu-o exasperada

— Também quero deixar claro que não mudei de ideia porque quis, as coisas não saíram conforme o planejado.

— Não da minha parte, portanto, o problema não é meu... — e antes que ela pudesse dizer alguma coisa, ele encerrou a ligação.

Ellen suspirou nervosa. Ter que recorrer à Constância significava revelar que havia feito algo que ela não pedira e, pior do que isso, se Ricardo e Júlia estivessem realmente juntos, ele corria tanto risco quanto ela.

◆◆◆

— Isso significa uma trégua? — Ricardo perguntou sério, abrindo a porta para que ela entrasse. Era muito bom saber que ela concordara de primeira, sem contestar. Na esperança que ela o notasse, sem precisar recorrer a drogas, havia se vestido de modo impecável.

— Significa que reconheço não estarmos cem por cento para dirigir — acomodou-se no banco da van e o observou fazer o mesmo, dizendo ao motorista que podiam ir. Certas coisas não mudavam e aquele Ricardo decidido, capaz de brigar para que a reserva fosse respeitada, fizera com que lembrasse do homem por quem se apaixonara.

Júlia fez o percurso quase todo em silêncio. Cada vez que se lembrava de algum flash da noite anterior, ficava mais constrangida. Perto de chegarem, seu celular tocou.

Ricardo nem precisou olhar no visor do celular dela para saber que era Eduardo. Percebeu, pelo modo como ela acomodou o celular ao ouvido e se virou para a janela para atender.

— Desculpe, vi sua ligação e não retornei — na realidade, com tudo o que acontecera, ela não ligara nem mesmo para sua mãe. E agora que recebia uma ligação dele, nem podia ficar à vontade, porque Ricardo estava escutando a conversa.

— Tudo bem, Jú. Na verdade, nem era nada importante, era só para ouvir a sua voz e dizer que já estou com saudades — Eduardo comentou naturalmente. Havia acabado de sair do quarto escuro, após revelar algumas fotos, e pensara que não a atrapalharia muito se ligasse rapidamente.

— Eu também — Júlia sorriu ao dizer. Era totalmente diferente o que sentia por ele. Eduardo lhe devolvia uma paz que ela não compartilhava, quando estava ao lado de Ricardo.

— Era apenas isso — apressou-se — Sei que deve estar ocupada e não quero ser inconveniente. Ligo mais tarde para lhe desejar boa noite, pode ser?

— Pode, será bom ouvir sua voz — Júlia baixou o tom de voz e ainda o ouviu se despedir, antes de desligar.

Não se surpreendeu ao notar que a trégua citada por Ricardo não durou uma ligação. Bastou desligar o celular para ele questioná-la, visivelmente incomodado com a breve conversa.

— Por que logo o Eduardo? — indagou em alto e bom som, sem se importar com o motorista no banco da frente.

— O que? — repetiu, sem acreditar que ele fizera realmente aquela pergunta.

— Você e o Eduardo? Por quê? — continuou — Caramba, Júlia! Será que não vê? Ele sempre a desejou e não me espanto se tiver sido responsável pela nossa separação...

— Nem devia te responder isso, Ricardo, porque creio que não tenha que te dar satisfações sobre a minha vida. Porém, deveria olhar para trás e ver como tem sido injusto. Ok, confesso que é estranho saber que ele gostava de mim, antes de acabarmos. Porém, isso não influenciou em nada o nosso término. Você mais do que ninguém deveria saber disso — encarou-o.

— Sim, mas...

— Não tem "mas", Ricardo. O Edu sempre esteve lá, quando precisei e nunca me pediu nada em troca. É por isso que estou com ele.

— Então, admite que estão juntos por gratidão? É o que está dizendo? Ou você o ama? — se ela dissesse que o amava, sofreria, porém, respeitaria.

— Volto a repetir que não tenho que lhe dar satisfações da minha vida — Júlia esquivou-se da resposta — Enquanto fica culpando o Edu por tudo de ruim que acontece na sua vida, deixa passar fatos muito mais importantes.

— Como quais? — indagou num tom desafiador, intrigado pelo fato de ela não responder suas perguntas.

— Responda-me uma coisa, antes — pediu e ele fez que sim com a cabeça.

— Você planejou me deixar no altar? — a pergunta foi tão à queima roupa que, dessa vez, ele quem se surpreendeu.

— Claro que não! — sua resposta foi veemente.

— Por que o fez, então? — por mais que doesse, ela gostaria de saber. Só não esperava ter uma conversa tão importante como aquela em trânsito.

— Foi no calor do momento...Não pensei. Apenas agi... Fui um idiota, hoje tenho noção disso, porém no dia não. Acreditava ser estéril e do nada descobri, segundos antes de me casar, que a minha noiva estava grávida. Fiquei sem chão.

Júlia baixou os olhos, não queria se aborrecer com uma conversa que não daria em nada, pois ela continuava achando que ele fora muito cruel ao prosseguir com a cerimônia e não engolia a desculpa da impulsividade.

— Tem certeza de que foi do nada que descobriu? — ergueu o rosto e conseguiu encaminhar a conversa para algo que vinha lhe incomodando, desde que ele lhe contara sobre a farsa — Como descobriu que eu estava grávida?

Ricardo demorou alguns segundos, querendo saber onde ela queria chegar, antes de lhe responder.

— Foi a minha mãe...

— O que é bem estranho, Ricardo — interrompeu-o — Sua mãe soube da minha gravidez no mesmo dia em que eu. Inclusive, ela e o Edu estavam comigo hospital — viu a expressão dele mudar, um misto de surpresa e incredulidade — Além disso, ela me fez prometer que não contaria nada para você.

— Não entendo... Por que ela faria isso? — Ricardo se lembrava do irmão falar algo a respeito, no entanto estava tão nervoso que nem cogitou que pudesse estar falando a verdade.E, além disso, tinha perguntado para ela e ela negara.

— Se você não sabe, imagine eu... Só sei o que vivi e que, a pedido de Constância, convenci o mesmo Edu, que você tanto recrimina, a guardar segredo, porque ele não concordou com a ideia de sua mãe. Portanto, acho que está na hora de crescer e parar de ser injusto com ele, culpando-o por todos os seus erros.

— Não compreendo o que a levaria a minha mãe a agir assim...

— Vi sua emoção ao ver a foto do Lipe — Júlia continuou num tom mais moderado, ao notá-lo abalado. Bastou citar o menino para ter sua completa atenção — Sua mãe não re disse que já o havia conhecido?

Ricardo negou com a cabeça, pasmo.

— Quando? Como?

— Ele estava na casa do Edu e sua mãe apareceu lá — respondeu imediatamente.

— Talvez ela não soubesse que era ele...

— Será? — deixou claro que não acreditava.

Mesmo se quisesse responder, Ricardo não conseguiria, pois não tinha palavras. A conversa que tivera com sua mãe, minutos antes de ir para o altar, retornou em sua lembrança com cores vivas. Era estranho como tudo aquilo começava a fazer sentido, afinal sua mãe e Vicente eram muito amigos. Por que ela omitiria o fato de ter conhecido seu filho?

Admitiu que mais uma vez sua cegueira impedira de ver as coisas tais como eram. Seu foco estava somente naquilo que o incomodava, fazendo com que tivesse uma visão parcial das coisas, uma vez que só enxergava Eduardo tomando seu lugar na vida e no coração de Júlia.

Quando o carro chegou ao destino, Ricardo ainda estava atordoado. Agora sim, parecia ele o drogado. A verdade em doses muito grandes também tinha um efeito devastador.

Ajudou Júlia a descer do carro, oferecendo-lhe o braço.

— Estarei aqui para o caso de precisar — dissera-lhe abatido — Por favor, não aceite nada que lhe oferecem. E se aquele chefe se insinuar...

— Não se preocupe — Júlia respondeu séria, afinal, pela feição dele, sabia que tinha muitas coisas mais para se preocupar.

◆◆◆

Somente com o retorno de Júlia, Rui teve certeza de que ela estava bem. Não era só em relação às drogas que estava preocupado. Não escondeu que estava apreensivo com a proximidade dela e de Ricardo.

— Não tem sido fácil estarmos juntos, pois ainda temos nossas diferenças. Porém, devo a ele estar aqui sã e salva — havia respondido, na primeira folga que tiveram.

— O Michel tem evitado até mesmo olhar para o seu rosto. Ricardo deve ter lhe deixado uma ótima impressão.

— Se isto significar que ele não me assediará novamente até o fim das comemorações, será mais um motivo para comemorar.

— Não querendo ser intrometido e já sendo — Rui começou, deixando claro que falaria algo que talvez ela não gostasse, deixando-a em estado alerta — Você contou ao Eduardo sobre o Ricardo?

— Não — Júlia respondeu rapidamente — Na verdade, falamos muito rápido.

— Se não fosse por isso, teria contado?

— O que está querendo dizer com isso, Rui? É claro que contaria, afinal estamos juntos.

— Ainda que isso detonasse a terceira guerra mundial entre os irmãos Vidal?

— Não há motivos para brigarem, estou com o Edu — repetiu.

— Isso, continue repetindo como um mantra. Quem sabe, o Ricardo entenda. Porque, desculpe-me a sinceridade, mas o modo como ele a protegeu e cuidou de você parece-me de alguém que não vai desistir tão fácil — foi franco, fazendo com que Júlia se desconcentrasse um pouco, tendo que parar e retomar o que estava fazendo para não perder o ponto do doce.

◆◆◆

A forma de Ricardo agradecer o pai da noiva por atender seu pedido, explicando à filha a ausência de Júlia no período da manhã, foi agendar uma reunião na torre B do hotel. Pediria a opinião de alguém especializado em segurança e o faria na presença de Humberto. Se o técnico em segurança lhe aconselhasse a não instalar uma joalheria no prédio, não o faria

— Não sabia que conhecia a chef Júlia Pimenta — Ricardo notou um tom que o incomodou, algo meio malicioso. Provavelmente pensara que haviam passado a noite juntos. Não deixava de ser verdade, porém, não da maneira que ele estava insinuando.

Olhou o possível futuro sócio de modo bem sério, antes que ele falasse

alguma coisa que o desagradasse.

— Temos um filho juntos — foi direto e, se Humberto tivesse a intenção de fazer algum gracejo, desistiu, percebendo o rigor com o qual ele passara tal informação.

◆◆◆

Foi com um suspiro que Júlia chegou ao fim de mais um dia. Dessa vez, sem surpresas.

— Tem certeza? — Rui quis saber ao descobrir que ela voltaria com Ricardo.

— Sim, tudo sob controle, Rui — Júlia sorriu. Não estava mentindo. O corpo ainda doía um pouco, mas o mal-estar foi se abrandando a partir do momento que começara a cozinhar, sua eterna terapia. Além disso, o tal chef nem ousara se aproximar.

Ricardo a esperava, quando saiu da cozinha e foi com certo alívio que a percebeu saudável e com uma feição mais serena do que quando chegaram.

Ainda assim, por conta da conversa que tiveram ao chegar, a volta foi tranquila, com os dois mais calados do que nunca. Ele pensando em tudo o que havia escutado e ela, recordando-se do que Rui lhe dissera.

◆◆◆

A primeira coisa que fez ao chegar ao apartamento foi se livrar do terno e da gravata. Quase se esqueceu que precisava mudar de quarto, porque na verdade, adoraria que ela pedisse para ficar. Algo que, infelizmente não aconteceu.

Sem estar sob efeito de drogas, para Júlia era muito estranho dividir um quarto com Ricardo. Tinham um passado juntos e era constrangedor se pegar olhando para ele e recordando tudo o que já haviam vivido. Por esse motivo, ainda que sua companhia estivesse longe de ser desagradável, não se opôs ao vê-lo arrumar suas coisas.

— Estarei no andar de baixo, exatamente abaixo desse quarto — ele

explicara, quando os funcionários do hotel vieram pegar suas malas.

— Deveria ter ficado com esse quarto, afinal, minha bagagem não chegou nem a ser desfeita — Júlia falou sem graça com o clima de desp edida. Nem parecia que ele só estava indo para o andar de baixo. Quando o carregador levou as malas, ele ficou para trás.

— As damas têm prioridade — encostou-se à porta e colocando as mãos no bolso — Tenho um pedido — falou tão sério que Júlia esperou que ele pedisse algo difícil de cumprir.

— Diga — engoliu em seco, esperando que ele dissesse.

— Pode me mandar a foto do Lipe? — o pedido foi tão tocante que para ela foi impossível não achar bonito.

— Neste momento? — perguntou, tímida e quando ele fez que sim com a cabeça — Não tenho o seu número.

Ele esticou a mão, pedindo-lhe o celular. Júlia hesitou, porém, buscou o celular e o entregou para ele. Ricardo digitou rapidamente seu número e o gravou.

— Pronto, agora tem — após tanta coisa que descobrira, mesmo sem ter motivos, sorriu, antes de lhe devolver o celular. Júlia enviou-lhe a foto assim que apanhou o celular.

— Agora sim, tenho certeza de que minha noite não será tão ruim — desencostou-se da porta, indeciso sobre o modo como se despedir dela. Mesmo tendo escutado por duas vezes que estava com Eduardo, mentiria se não dissesse que sua vontade era beijá-la — Obrigado — preferiu agradecer apenas, antes de se virar e se encaminhar para o elevador.

◆◆◆

Nem mesmo a foto do filho fez com que sua noite fosse melhor. Sua vontade era ligar para a mãe, independentemente do horário, e lhe exigir explicações.

Além disso, pegou-se a imaginar se Júlia ficaria no telefone com Eduardo, se

ele diria o quão era bonita, se descreveria o que faria se estivesse com ela...

Chegou a se levantar e ir na sacada, para parar de pensar nisso. Arrependimento algum seria suficiente para demonstrar o quão se sentia mal com a situação. Ficou na sacada por um tempo, olhando para cima, na esperança que ela aparecesse. Algo que não se realizou.

Depois de um tempo, entrou e se forçou a dormir, porque, embora tivesse motivos suficientes para mais uma noite em claro, estava cansado demais e precisava muito de uma noite bem dormida.

Eduardo realmente ligou, um pouco depois de Júlia sair do banho. Perguntou-lhe mais uma vez sobre o dia, ouvindo-a falar sobre os doces e o sucesso que fizeram com aqueles que nunca haviam experimentado algo picante.

— Adoraria estar aí com você — Eduardo dissera após um suspiro — Como não estou, vou deixá-la descansar, pois sei que amanhã voltará para casa mais cedo.

— Sim — concordou — Após o almoço, estou indo para casa.

— Estarei te esperando, Jú. Tenha uma ótima noite e, se possível sonhe comigo, porque estarei aqui sonhando com você.

Ela riu.

— Pode deixar, Edu. Até amanhã.

Não sorria mais quando desligou. Na verdade estava triste. Gostava dele e o respeitava, então por que não lhe contara sobre o Ricardo? Prometeu-se que seria a primeira coisa a fazer, ao chegar.

Não sabia se a insônia era ainda efeito da droga, no entanto, mexeu-se na cama, tentando dormir sem conseguir. Colocou o robe sobre a camisola e foi até a varanda, de onde observou as estrelas. Era para ser apenas um trabalho e havia acontecido tanta coisa que nem era capaz de descrever.

Olhou para baixo, para a varanda do quarto, onde estava Ricardo. Era estranha demais aquela situação. Ele a desmontara ao lhe pedir a foto do filho, pois não esperava por aquilo. Mesmo depois da conversa franca que tiveram no

carro, aquele pedido quase fez com que pensasse ser possível um dia voltarem a conviver bem.

Apoiou os braços no ferro de proteção da sacada e deu um longo suspiro. Como é que sua vida tinha mudado tanto em tão pouco tempo? Não sabia uma resposta convincente para uma simples questão. Ficou um bom tempo ali, refletindo e pensando o que levaria daquela viagem. Sua mágoa ainda existia, as feridas que ele lhe fizera também ainda estavam lá, porém, depois daqueles acontecimentos seria impossível enxergá-lo como o egoísta insensível, algo que já havia se acostumado a fazer.

Entrou para dormir, após quase uma hora refletindo, tendo por testemunha uma lua cheia e linda, destacada no céu, e várias estrelas, que dificilmente conseguiria vislumbrar se estivesse na capital.

◆◆◆

Não eram nem sete horas da manhã quando Ellen deixou São Paulo. Não tivera coragem de falar com Constância e também não podia ligar para Ricardo o alertando, sem chamar atenção sobre si mesma. Assim sendo, só lhe restava ir até o tal local da festa e dar um jeito de impedir que acontecesse alguma coisa. Faria isso, nem que tivesse que bater no carro da cozinheira.

Conhecia a natureza de Ricardo. Se ele a salvara, como o garçom dissera, então ainda estaria no módulo-cuidado e isso queria dizer não deixar que Júlia dirigisse. Se estivessem no carro dele, não haveria problemas, porém, não tinha como ter certeza disso.

O único jeito era ir até lá e garantir que o filho preferido de Constância voltasse em segurança para casa.

◆◆◆

De modo surpreendente, o domingo amanhecera chuvoso. Um dia feio que contrastava com os dois anteriores. Mesmo tendo ido dormir tarde, Júlia acordou cedo e sentiu a disposição de volta.

Como as festividades do último dia finalizavam após o almoço, a ideia era chegar o quanto antes para ir embora o mais rápido o possível. Esperava estar a caminho de casa às três horas da tarde.

Fez um desjejum rápido, tomando mais o suco do que comendo o que pedira; arrumou sua mala, antes de tomar um banho que serviu para lhe dar mais vigor. Vestiu-se de modo caprichado, usando um vestido com estampa de flores, mais descontraído do que os anteriores, porém, com o mesmo bom gosto e desceu.

Sua intenção era chegar à recepção, fechar sua conta, pedir que apanhassem sua mala e ir para casa direito da festa. Além disso, fazendo assim, só se encontraria novamente com Ricardo durante a festa. Afinal, já haviam tido contato demaiss.

Para sua surpresa, Ricardo não só já estava acordado, como também estava na recepção, quando desceu.

— Bom dia — não escondeu sua surpresa — Tinha a intenção de deixar o hotel sem se despedir?

— Nos veríamos na festa — ela minimizou, pedindo que o recepcionista fechasse a conta.

— Não pretende ir para lá assim, pretende? — apontou para o céu, a chuva só fazia aumentar.

— Não só pretendo, como irei — mesmo sem querer, pareceu que o estava provocando. Porém, era sua obrigação, não estava ali de férias, mas a trabalho.

— A conta fica como cortesia do hotel, senhorita Pimenta — o recepcionista declarou, chamando a atenção dos dois. Júlia chegou a abrir a boca na intenção de dizer que não era preciso, porém, o atendente não deixou — Nosso hotel errou com a senhorita, logo é o mínimo que podemos fazer. São as instruções do gerente e ele não abre mão de ressarci-lá pelo incômodo.

Ricardo sorriu, gostara da iniciativa, tentando fidelizar a clientela ao oferecer uma compensação pelo dano sofrido. Expressaria sua aprovação ao homem, pois sabia reconhecer bons atos e aquele era um deles. Ficou satisfeito ao saber que a conversa entre os dois surtira efeito.

— Do jeito que é teimosa, nada do que eu disser fará com que mude de ideia — Ricardo resmungou, esperando que ela retrucasse, porém, ela se manteve quieta. Ao contrário dela, sua intenção era ficar na festa até o almoço e voltar para o hotel, saindo de lá por volta das cinco da tarde. Portanto, não tinha feito as malas.

— Se é assim, dê-me a chave — pediu, estendendo a mão para ela.

— Por que eu o faria?

— Porque você não gosta de dirigir na chuva — respondeu automaticamente, arrependendo-se depois – Isto é, você não gostava. Talvez tenha mudado — atrapalhou-se — O importante é que tenho mais experiência do que você e essa estrada é bastante perigosa, com muitas curvas.

— Não pretendo voltar para o hotel, Ricardo. De lá irei para casa.

— Não estou pedindo que volte. Eu me viro para vir pra cá. Só estou pedindo que me dê essa chave e me deixe levar seu carro. Nada mais do que isso.

Júlia hesitou, porém diante do aumento da chuva, acabou cedendo. Era verdade, tinha medo de guiar na chuva. Espantou-se pelo fato de ele ainda se lembrar disso.

Quando a bagagem dela chegou, um funcionário com um grande guarda-chuva em uma das mãos e a mala na outra, acompanhou-a até o carro. Esperou que ela entrasse no veículo e apertasse o botão para abrir o porta-malas, onde depositou sua mala. Após isto, o mesmo funcionário voltou à recepção para dar carona à Ricardo, impedindo que se molhasse. Ele agradeceu a gentileza, vendo Júlia passar do banco do motorista para o carona, pulando por cima da caixa de marcha, de um modo que, mesmo estando de vestido e saltos médios, deu certo.

— Pronto. Agora podemos ir — viu-a colocar o cinto e fez o mesmo.

A cada relâmpago no céu, Júlia se encolhia no banco do carona. Nada lhe era mais assustador do que chuvas com relâmpagos e raios. À medida que se aproximavam da outra cidade, mais forte a chuva ficava.

— Pelo menos o evento não é totalmente em espaço aberto — Ricardo quebrou o silêncio, tentando diminuir sua tensão. A visibilidade era ruim e a estrada muito cheia de curvas — É apenas uma chuva, Júlia. Daqui a pouco para e, como dizem, ainda é capaz de deixar um arco-íris de lembrança.

Júlia não conseguiu relaxar. Não via aquela chuva diminuindo, tampouco o tal arco-íris. Só ouvia trovões tão barulhentos, quanto os clarões que se seguiam a eles.

— Talvez seja melhor pararmos no acostamento — sugeriu temerosa.

— Nessa chuva? Nem pensar, é muito perigoso. Agora o jeito é continuar. Pelo menos a estrada está vazia. Poderia ser pior... — Ricardo continuou tentando melhorar o clima. Porém, mal acabou de pronunciar esta frase, um raio cortou o céu, indo atingir uma árvore na margem direita do carro, muito próximo deles. Ele se assustou com o grito que Júlia soltou e com o barulho que se seguiu; mais ainda, ao pensar que a árvore poderia cair sobre a pista. Por isso, acabou jogando o carro na direção contrária.

Tudo aconteceu em questão de segundos. Como o solo estava molhado, o veículo perdeu a tração nas quatro rodas e aquaplanou. Ricardo viu-se sem o controle do carro que começou a patinar de maneira perigosa em direção à pista contrária. Pelo menos, ela está vazia, pensou.

Tentando não se abalar, tirou o pé do acelerador, apanhando o volante com força, mas o mexendo suavemente. O segundo passo, foi tentar frear também de maneira leve. Tentou duas vezes, sem sucesso. Pisou mais uma vez, um pouco mais fundo e, ao não obter nenhuma reação do carro, teve certeza de que estavam sem freio algum.

— Júlia, certifique-se de que seu cinto está bem preso — pediu, escondendo a gravidade da situação. Ela estava tão assustada que mal conseguiu dizer alguma coisa em resposta, além de fazer o que ele pediu. Só conseguia pensar no filho.

Se a pista fosse reta, não haveria problema, porém, ela era sinuosa e sem conseguir controlar a direção em que iam, acabariam saindo da estrada. Ricardo, apesar da situação, estava calmo até vislumbrar um farol ao longe, aproximando-se. Percebeu que se não tomasse uma providência o carro os atingiria. Sem freio, fez a única coisa não recomendada naquela situação, porém, a que talvez fosse a

melhor chance de evitar uma batida frontal: acelerou.

Os dois pneus da frente conseguiram recuperar alguma tração, a ponto de Ricardo conseguir controlar um pouco o volante e virar as rodas dianteiras para a margem esquerda da estrada. O carro ainda derrapou, antes de sair da pista de rolamento.

O plano teria dado certo se, em seu trajeto, não encontrassem um barranco, não muito grande, nem muito pequeno, apenas de tamanho suficiente para fazer o carro capotar violentamente por três vezes, antes de finalmente parar, com as rodas voltadas para cima.

Capítulo 24

O coração de Ellen bateu descompassado. Ainda chovia moderadamente, porém, esse não era esse o motivo de tantos carros parados naquela estrada, formando uma fila incomum. Policiais rodoviários com lanternas, sinalizavam para que os carros diminuíssem a velocidade, até finalmente pararem. Mais à frente, fundiam-se as luzes dos sinalizadores giroflex dos carro da polícia rodoviária e de ambulâncias.

— Não pode ser — disse a si mesma, embora sua intuição gritasse que sim, o seu temor havia se concretizado. Aproveitando que os carros estavam parados, desligou o motor, tirou o cinto e abriu a porta.

Os guardas estavam tão preocupados na sinalização da estrada que demoraram para vê-la, caminhando em direção ao local do acidente. Quando a viram, Ellen apressou os passos, praticamente correndo de saltos, pouco se importando com a chuva. Mesmo perseguida por dois policiais, conseguiu se aproximar o suficiente para ver o carro: exatamente o mesmo que vira, ao ficar estacionada na frente da confeitaria. Para piorar, havia duas ambulâncias. Ellen sentiu as pernas fraquejarem ao ver os socorristas erguerem uma das macas: nela, imobilizado com um colar cervical e desacordado estava Ricardo. Não estava perto o suficiente, no entanto julgou ter visto sangue.

— Senhora! — o policial rodoviário a segurou pelo braço, no exato momento em que desabou. Assim, se não tivesse sido enérgico, ela teria caído — Senhora? Está se sentindo mal? — se antes era o tom de reprovação, agora era de preocupação.

Ellen não conseguiu responder, apoiando-se no homem, começou a chorar. Não se perdoaria, se acontecesse algo mais grave com Ricardo. Tinha noção de que, se descobrisse ser a responsável, Constância não a perdoaria de qualquer maneira.

— Não me peça para voltar para o carro — implorou, entre lágrimas — O homem que se acidentou é meu... — a palavra "chefe" veio na ponta da língua, porém, percebeu que não tinha força suficiente para explicar sua reação, por isso

rapidamente falou o que gostaria que fosse verdade — Namorado.

◆◆◆

As duas macas entraram no hospital ao mesmo tempo. Enquanto os socorristas a empurraram rapidamente pelos corredores do hospital, passaram as características dos envolvidos e as idades prováveis.

— Possível ruptura de baço... — um dos socorristas informou, antes de passar a maca para a médica que foi ao seu encontro.

— Vítima inconsciente, algumas lesões, pancada na cabeça, suspeita de fraturas... — disse o outro socorrista, confiando a maca a um médico e duas enfermeiras.

◆◆◆

Ellen não conseguiu compreender muito bem o real estado em que Ricardo se encontrava. Estava muito nervosa para consegui-lo. Quanto à Júlia, pouco lhe importava. Para ela, só interessava que o homem por quem era apaixonada ficasse bem.

A parte mais difícil foi apanhar o celular e ligar para Constância. Mal conseguiu disfarçar a voz de choro, alarmando a mulher, antes mesmo de lhe contar o motivo da ligação:

— Diga de uma vez, Ellen! — Constância exigiu.

— Constância, vim atrás do o Rico e ele... — afastou o celular da boca, buscando forças para completar a frase — Sofreu um acidente de carro.

Constância sentou-se, tremendo tanto que mal conseguia segurar o celular. Teve medo de perguntar o estado de seu amado filho.

— Ele...? — pensou no pior, sem coragem de pronunciar o pensamento, com medo de torná-lo realidade.

— Não — Ellen negou rapidamente — Porém, não sei se é grave, ninguém me diz nada.

— Diga-me o endereço daí. Será que consigo chegar aí de helicóptero?

— Creio que sim — Ellen suspirou — Constância, tem mais uma coisa.

— O que mais pode haver de ruim? — tentou controlar o nervosismo.

— Ele realmente estava com a Júlia — revelou — Estavam juntos no carro.

— E ela, pelo menos, fez o favor de morrer e deixar meu filho em paz? — questionou friamente.

— Ao que parece ainda não, também não sei como está...

— Nesse caso, então, acertou. Realmente é uma notícia péssima — falou, antes de pedir que Ellen lhe dissesse o endereço.

◆◆◆

O celular tocou e Rui suspirou aliviado. Depois do que Júlia relatara no dia anterior, estava preocupado com o que poderia ter acontecido para ela ainda não aparecer. Seu alívio foi embora ao notar que desconhecia o número que estava lhe chamando.

— Senhor Rui Dantas? — a voz masculina perguntou do outro lado da linha.

— Sim, sou eu — respondeu desconfiado, afinal ninguém o tratava com tamanha formalidade — O senhor conhece a senhorita Júlia Lins Pimenta?

A ansiedade tomou conta do confeiteiro, antes mesmo que soubesse do que se tratava. Assim que confirmou, foi informado sobre o acidente e precisou puxar um banco e sentar, tamanho abalo. Respondeu às perguntas seguintes com monossílabos e quando o oficial lhe perguntou se sabia dos contatos para avisar os familiares, Rui fez o que achava mais correto.

— Prefiro comunicá-los, senhor — apanhou caneta e papel para escrever o endereço do hospital.

Definitivamente aquele casamento era um evento a ser esquecido. Nunca em um fim de semana apenas aconteceram tantas coisas. Por não saber de muitos detalhes tratou de bolar uma estratégia para comunicar os parentes, tentando não deixá-los tão assustados quanto estava, e para explicar o que acontecera aos donos da festa.

◆◆◆

Wagner assustou-se, estava preparando-se para sair, quando Sarah entrou em casa. Tinha ficado de voltar à academia e marcar seu retorno às atividades, agora que já havia recebido alta. Não aguentava mais ficar sem fazer nada. Sentia-se incomodado toda vez que ela saía para trabalhar. Antiquado, ela diria, no entanto havia sido criado assim. Para ele, um homem ainda tinha que, no mínimo, prover a casa. Além disso, ao contrário de Sarah, não atendia alunos em suas residências, e gostava da rotina das academias, sentia falta da agitação e de várias pessoas se exercitando ao mesmo tempo.

— Aconteceu alguma coisa, Sarah? — perguntou e se surpreendeu quando ela o abraçou, apoiando a cabeça em seu ombro.

— A Júlia sofreu um acidente — contou chorosa, abraçando mais forte o namorado.

— Como ela está? — questionou preocupado, confortando-o em seus braços.

— Não tenho ideia, Wagner. O Rui também não sabe, estava indo para o hospital, quando me ligou — puxou uma respiração — Como posso falar com a minha tia, sem ter a menor ideia do que aconteceu?

— Calma, Sarah. O importante é que não aconteceu o pior. Estarei ao seu lado, quando falar com sua tia e, de lá, viajaremos para comprovarmos que a Júlia está bem — falou com segurança.

— Obrigado Wagner — Sarah deu-lhe um selinho — É por isso que te adoro.

— É o mínimo que posso fazer, afinal você cuidou de mim com toda paciência e sei que não sou fácil — sorriu — Só vou me trocar e saímos —

afastou-se lentamente dela, porque não considerava sua roupa apropriada para falar com a mãe de Júlia, quanto mais ir a um hospital. Antes de sumir pelo corredor, parou, virando-se para a namorada — Será que alguém avisou o Eduardo?

◆◆◆

Constância chegou ao hospital tão nervosa que mal enxergou Ellen, enquanto se dirigia à recepção em busca de informações. Antes que chegasse ao destino, a moça foi até ela, tocando em seu ombro, devidamente coberto por um rico tailleur que fazia conjunto com uma saia vinho.

— E então, Ellen? Como está o Rico? — questionou aflita, olhos vermelhos, evidenciando que havia chorado.

— Passou por uma cirurgia, no entanto, foi a única informação que tive... — Ellen respondeu brevemente, sob o impacto de descobrir que aquela mulher era capaz de chorar.

— Sinal de que não tem voz ativa. Quero ver quem vai negar informações para mim — retomou sua caminhada em direção ao balcão — Olhe e aprenda!

Para aprender a arrogância de Constância, Ellen precisaria de um curso intensivo, já que perto dela todo mundo parecia estar na escola primária. Sem levantar a voz uma vez se quer, deixou a atendente tão nervosa que não tardou para aparecer alguém da administração. Assim que esta pessoa chegou, não pensou duas vezes em lançar a famosa frase "Você sabe com quem está falando?" e o homem intimidado pela sua postura e seu nariz empinado, engoliu em seco e, ainda que não fizesse ideia de quem ela fosse, começou a tratá-la com mais cuidado. Conclusão: menos de vinte minutos após ter chegado, já estava falando com um médico da equipe que havia atendido Ricardo.

— O senhor Vidal levou uma pancada muito forte na região abdominal esquerda, o que fez com que rompesse o baço. A equipe optou por uma cirurgia de reparação, em vez da retirada e, a operação foi bem-sucedida. O que nos preocupa, no momento, é o pós-operatório. Seu filho está precisando de sangue, já que perdeu bastante, e nosso banco de sangue não dispõe de quantidade suficiente.

◆◆◆

Júlia acordou devagar e levou um tempo para saber onde estava. A lembrança que despertou junto com ela foi a de solavancos e o carro virando por mais de uma vez. Depois a sensação ruim, de ter sido sacudida violentamente e a posição incômoda, de cabeça para baixo, com o cinto de segurança pressionando-a fortemente entre os seios. Por fim, uma dor lancinante no braço esquerdo. Havia sangue, porém, não soube definir de quem era, seu ou de Ricardo. Pensou nele. Lembrou-se de ele ter dito algo, antes de ela apagar, porém, não se lembrava do que fora.

As recordações estavam confusas, afinal, fora tudo rápido. Rápido demais para responder se Ricardo estava bem. Sua única certeza era a de que se sobrevivera, devia isso a ele, pois o acidente poderia ter sido bem pior.

Depois pensou no filho e fechou os olhos, agradecendo mentalmente por estar viva. Tudo o que queria era ouvir sua doce voz, chamando-a de mamãe e fazendo parecer que o mundo, ou melhor, a casa deles era o lugar mais especial que existia.

Essa lembrança afastou a ideia de azar, pois mesmo admitindo que ser drogada e depois sofrer um acidente, em um intervalo tão pequeno, não eram coisas positivas, agradeceu o fato de estar viva.

◆◆◆

Eduardo ficou tão perturbado com a notícia que chegou ao hospital antes mesmo de Sarah e o namorado. Havia sido imprudente ao ir para lá de moto, considerando que não pilotava há anos, no entanto, não hesitara em alugar uma apenas para chegar mais rápido. Desse modo, fez uma viagem que duraria mais de duas horas de carro, em menos de uma.

Estava assustado com o acidente, pois falara com ela durante à noite, sem imaginar que no dia seguinte pudesse lhe acontecer alguma coisa.

Foi preciso esperar duas pessoas serem atendidas em sua frente, antes de informar o nome de Júlia à atendente. Ela chegou a arquear a sobrancelha,

lembrando-se da mulher desagradável que atendera, ao se dar conta que a paciente era a outra envolvida no acidente de automóvel. Assim, rapidamente pegou seus dados, dando-lhe um crachá de visitante e informando-lhe para onde deveria ir.

Nem bem entrou na ala informada, encontrou Rui e o confeiteiro demonstrou surpresa ao vê-lo. Tinha se esquecido completamente de avisá-lo. Logo, deduziu que Sarah o fizera.

— E então? — Eduardo chegou cumprimentando-o com um aperto de mão — Alguma notícia? A Júlia está bem?

— Não faz muito tempo que veio para o quarto. Pelo que a médica falou, graças ao cinto de segurança não se machucou mais. Teve pequenas escoriações. De mais grave, um corte na testa e a fratura no braço esquerdo. Pela pancada na cabeça, deve ficar em observação, porém, está fora de perigo.

Eduardo expirou lentamente, aliviado. A falta de notícias havia feito com que imaginasse milhões de coisas. Tranquilizou-se ao saber que fora apenas um grande susto e que o perigo passara.

— Vou ligar para a Sarah e avisá-la, estava muito nervosa.

— Já fiz isso — Rui o acalmou — Assim como já falei com a dona Salete.

— Que bom Rui. Imagino que estivessem aflitos sem notícias concretas. Mesmo sabendo que ela está bem, só vou me convencer quando a vir.

— Como chegou tão rápido? — quis saber.

— Aluguei uma moto — deu de ombros — Pelo pouco que conheço a Júlia sei que não aprovará, principalmente depois de ter se acidentado nessas estradas daqui. No entanto, precisava vir o mais rápido que pudesse. Tomei um grande susto, ao receber a notícia, pois conversamos ontem à noite... — afastou a lembrança de como ficara abalado ao ouvir a notícia de Sarah — Falando no tal acidente... Sabe como aconteceu?

Rui ficou sem graça. Se os dois conversaram à noite, como é que ele não parecia saber sobre o irmão? Hesitou, decidindo se contava ou não, quando a médica se aproximou deles.

— Senhor Dantas? É o acompanhante da senhorita Pimenta?

— Sim, somos — assentiu com a cabeça — Este é o namorado dela.

— Eduardo Vidal — apresentou-se, apertando a mão delicada da jovem médica.

A médica franziu a testa, refletindo se aquilo era uma coincidência.

— A senhorita Pimenta acordou, porém, ainda passará por alguns exames, antes de poderem vê-la. Assim que for possível, volto para avisá-los. Como foram vítimas de emergência, gostaria de saber qual dos dois poderia completar a ficha de entrada.

— A prima da Júlia está chegando, possivelmente seja a pessoa mais indicada — Rui respondeu e Eduardo concordou.

— Tudo bem — a médica assentiu — Podemos aguardar — depois, olhou para Eduardo e com a maior naturalidade perguntou — Você é parente do condutor do veículo? Veio para doar sangue?

Eduardo olhou para Rui, tentando compreender a pergunta da médica.

— Como?

— O senhor Ricardo Vidal... É parente dele. Percebi que têm o mesmo sobrenome. Pois se veio para doar sangue, não podemos perder tempo. Se puder convencer seu amigo a fazer o mesmo... — apontou para Rui — É urgente.

— Sim... sim... — falou atordoado — Doarei sangue.

— A namorada dele já doou, porém, não foi o suficiente — fez um sinal para que a seguisse, sem notar a confusão que aquela informação lhe causou — É imprescindível que receba a transfusão — continuou explicando, começando a se mover — Com o rompimento do baço há uma perda significativa de sangue e para que o paciente não entre em choque é necessário repô-la.

Sua expressão atônita não o impediu de acompanhar a médica.

— E qual o estado dele? — questionou e, apesar das diferenças com o irmão,

a preocupação foi legítima. Mesmo sob o impacto de saber que estavam juntos, não queria o mal de Ricardo, só que ele se mantivesse afastado da Júlia.

— Mesmo não acreditando, devo confessar que foi um golpe de sorte. Já vi pessoas em acidentes bem mais simples se machucarem muito mais...

Fez sinal para que ele entrasse no elevador e o seguiu, apertando o botão do andar em que se fazia a coleta de sangue.

◆◆◆

Sarah ainda estava tremendo, quando abraçou Rui.

— Tem certeza de que ela está fora de perigo? — quis saber pela segunda vez.

— Sim, a médica acabou de passar. Só se ausentou porque desceu com o Eduardo, aliás, é preciso completar os dados da ficha da Júlia, indiquei você.

— Tudo bem, sem problemas — Sarah concordou, porém, pensou melhor — Não foi para isso que o Edu desceu?

— Na verdade não, parece que foi doar sangue.

— A Júlia está precisando passar por uma transfusão? Então não está tão bem assim... — Sarah exaltou-se.

— Calma, Sarah — Wagner pediu. Já havia perdido as contas de quantas vezes repetira a mesma frase. Na casa da mãe da Júlia, ele quem tivera que dar a notícia, pois Sarah não conseguiu fazê-lo sem assustar ainda mais a tia. Quando Rui ligou, nem quis atender, temendo que fosse uma notícia ainda pior. Coube a ele, também, ouvir notícias sobre o estado real de Júlia — Deixe o Rui falar.

— Obrigado, Wagner... Na verdade, ele foi doar sangue para o Ricardo.

Sarah olhou para ele sem acreditar.

— A Júlia e o Ricardo estavam juntos? Desde quando? — questionou abismada — Como o Edu encarou isso?

— Na realidade, nem teve tempo. Estava preocupado com a Júlia, aí a médica chegou, jogou a bomba e ainda o levou.

— Olha só, uma surpresa atrás da outra. Você sabe como é que o Ricardo e a Júlia acabaram no mesmo carro? — encarou o confeiteiro.

— É uma história longa - Rui admitiu.

— Vou descer para preencher a tal ficha — Sarah explicou — Porém, quando subir, terei tempo para tentar entender o que está acontecendo — em seu tom ficou explícito que achara muito estranho estarem juntos e que precisava compreender o que isso significava, se é que quisesse dizer alguma coisa.

◆◆◆

— Deve estar havendo um engano — Eduardo falou calmamente — É meu irmão. Pelo que a médica disse, ele está na Unidade de Terapia Intensiva. Ricardo Góes Vidal, tipo de sangue O negativo, como o meu.

— Senhor Eduardo, acho que o engano é do senhor — a enfermeira olhou novamente na prancheta — O único Ricardo Vidal que tenho na minha lista possui sangue A positivo. Independente disso, o bom é que você pode doar mesmo assim. Se fosse o contrário, não seria possível.

Eduardo franziu o cenho, estranhando. Tinha certeza quanto ao seu tipo sanguíneo, pois estava fazendo sempre exames regulares, principalmente quando viajava para lugares distantes. Além disso, jurava que Ricardo tinha o mesmo tipo sanguíneo que ele e o pai deles. Afinal, quando era adolescente e precisou de uma transfusão, recordava-se de seu pai lhe dizendo que doara e doaria quantas vezes fossem necessárias. Considerou que talvez, Ricardo pudesse ter puxado a mãe e resolveu esquecer isso. Como a mulher dissera, o importante era que ainda assim, poderia doar sangue para ele. Contudo, se não fosse o engano, jamais ficaria sabendo deste detalhe.

— Sim, devo ter me enganado — falou, sentando-se no lugar indicado pela enfermeira, enquanto ela começava a prepará-lo para a doação.

◆◆◆

— Você me disse que estava tudo sob controle — Constância virou-se para Ellen - E olhe só, onde me encontro: em um hospital qualquer, no meio do nada, correndo atrás de pessoas saudáveis e que aceitem doar sangue... — ainda estava aflita com a necessidade de doadores.

— É um dos melhores hospitais da região, Constância — rebateu.

— Não chega aos pés dos hospitais da capital. Onde já se viu, não ter sangue suficiente... Até falei em transferir o Rico, porém, descartaram. Disseram que ainda corre risco. Meu filho querido está preso nesta espelunca. E tudo isso porque fui confiar em você Ellen. O que veio fazer aqui, afinal?

— Tentei entrar em contato com o Rico e como ele não atendeu... — mentiu — Vim me certificar que não ficasse com a cozinheira.

— Não fez o seu melhor, pelo jeito, porque, se o meu filho estava na direção do carro dela, estavam mais juntos do que deveriam. Estou decepcionada com você, Ellen. Prometeu-me uma coisa e me liga chorando, dizendo tudo o que não gostaria de ouvir.

— Sinto muito, Constância. Adoro o Rico, não da mesma forma que você, mas de uma maneira que morrerei, se algo acontecer a ele.

— Vire essa boca para lá! Nada acontecerá com o Rico — ergueu o queixo para encará-la - Bastou essa mulher voltar à vida dele para trazer consigo essa onda de azar. Cada segundo que passa, eu a odeio mais.

— Eu também — Ellen repetiu baixinho.

◆◆◆

— Como é bom ver alguém conhecido — os olhos de Júlia se encheram de lágrimas. Pelo fato de Eduardo ainda não ter voltado, foi permitido que Rui e Sarah entrassem. Wagner ficou do lado de fora, esperando para revezar com a namorada. Até lá, previa que Eduardo já estivesse de volta.

— Júlia, que susto! Graças a Deus, está tudo bem — Sarah aproximou-se — Parece que gesso está na moda — referiu-se ao braço dela.

— Incomoda e dói um pouco — revelou —Falou com a minha mãe?

— Na verdade, quem falou foi o Wagner. Fique tranquila, ele tem mais jeito do que eu. Conseguiu não alarmá-la. O Lipe, apesar de perguntar sobre você ao ouvir seu nome, não escutou o restante da conversa.

— Menos mal — conseguiu sorrir, depois de voltou para Rui — Mais uma falha, na festa. Não duvido se pedirem ressarcimento pelo ocorrido.

— Não fale bobagem, Júlia. A noiva e o pai dela ficaram realmente preocupados. E, além disso, os rapazes ficaram lá, fazendo o que podiam.

Júlia percebeu que Sarah a estava olhando de modo estranho.

— O que houve? — quis saber e Sarah resolveu não poupá-la, sendo direta.

— Você não ter perguntado do Eduardo, tem alguma coisa a ver com o fato de que estava com Ricardo?

Júlia baixou os olhos, envergonhada. Como podia não ter falado ainda no namorado? Pelo tom de sua prima, ficou claro que Rui havia respondido às suas perguntas e ela não aprovara descobrir-lhe na companhia de Ricardo. No entanto, driblou seu olhar de censura, respondendo com outra pergunta

— E onde está o Edu?

Diante do silêncio dos dois, emendou, com aquela que lhe preocupava mais.

— Vocês sabem me dizer como está o Ricardo?

◆◆◆

Constância se levantou, assim que o viu. Nem se dera conta de que aquilo poderia acontecer e ficou desgostosa pelo fato de não ter previsto aquele encontro.

Eduardo caminhou até ela, lentamente. Tinham uma relação tão fria que há um tempo não se cumprimentavam mais com beijos no rosto, ou abraços, como ela fazia com Ricardo. Era sempre algo formal, como se estivessem em uma

reunião.

— Boa tarde — Eduardo quem estabeleceu o contato.

— Só se for para você — Constância respondeu ríspida — Com seu irmão, correndo risco de morte, para mim não tem como ser boa.

— Claro que não foi isso o que quis dizer — comentou sem jeito.

Ellen reparou nos dois. De perto ele era mais bonito e tinha alguns traços que lembrava o irmão. Porém, ainda preferia a beleza mais madura de Ricardo. Constância nem disfarçava quem era o seu preferido e até sua linguagem corporal dizia isso. Cruzou os braços, diante do corpo, para falar com ele.

— Fiquei sabendo que o Rico está precisando de transfusão — Eduardo continuou.

— Não de pessoas como você — Constância deixou escapar, causando-lhe estranhamento — Sabe lá se, com seu estilo de vida, você não é adepto de drogas.

— Deixe de falar bobagem, nunca usei drogas. Inclusive, sempre fui mais saudável do que o Ricardo — fez questão de lembrá-la — E para seu governo, jamais negaria ajuda a ele.

— Como você é bonzinho, Edu. Só que não está aqui por ele, e sim pela mulher com quem está saindo — Constância zombou — Não precisa mentir que gosta da família.

— De que forma poderia estar aqui por ele, se nem imaginava que o Ricardo pudesse estar nesta cidade? — confrontou a mãe. Ela tinha o dom de deixá-lo nervoso. Como podia sugerir que usasse drogas?

— Seja como for, sua presença aqui não fará diferença.

— Não contaria com isso — Eduardo falou, arrependendo-se de ter ido até lá — Se é que lhe interessa saber, já doei sangue para ele e pretendo subir e conseguir mais doadores, em vez de ficar apontando o dedo na cara dos outros, dizendo quem pode e quem não pode doar.

Saiu pisando duro, sem deixar que Constância retrucasse. Caminhou até a poltrona, onde estava sentada com Ellen e se acomodou. Ao estar do seu lado, Ellen certificou-se de que não era impressão. Ela realmente estava pálida.

◆◆◆

Embora estivesse a pouco tempo no quarto, Wagner fez questão de sair, quando Edu entrou.

Ele sorriu timidamente para Júlia, aproximando-se da cama. Não conseguia nem definir o quão estava agradecido por poder comprovar que ela estava bem, ainda que um pouco machucada.

— Não tem noção do medo que senti, Jú — parou ao lado dela, a uma distância que pudesse lhe acariciar o rosto.

— Também senti, Edu. Por segundos pensei que..

— A minha vida voltaria a ser sem graça, se algo te acontecesse — interrompeu-a de modo tão sincero que doeu nela — Acostumei-me com sua presença, seu sorriso, sua força. Saber que num estalo de dedos poderia ter perdido tudo isso, fez com que eu visse como somos frágeis, como a vida fica na mão de vários "de repentes".

— Edu... — queria retribuir a sinceridade dele e, pelo menos, tentar justificar o fato de estar com Ricardo. Mesmo que não houvesse uma justificativa viável — Queria dizer que... — Eduardo não deixou que falasse, colocando suavemente o dedo indicador em seus lábios.

— Preocupe-se em ficar boa, primeiro. Quando sair daqui poderemos ter essa conversa — sorriu novamente, aproximando-se ainda mais — Percebi que não poderia perder minha oportunidade de te dizer uma coisa — inclinou-se, ficando com a boca perto de seu ouvido, para bem baixinho lhe dizer — Eu te amo.

Júlia fechou os olhos e lágrimas voltaram a estacionar no cantinho de seus olhos. Realmente tinha motivos para chorar, pois, sem tentar, a lembrança retornou nítida. Aquela frase, composta por três palavras, que separadas eram

simples, mas juntas tinham uma força esmagadora, havia sido exatamente a mesma que Ricardo pronunciara, antes de tudo ser envolto pela escuridão.

Capítulo 25

Pior do que descobrir que Ricardo estava junto com a Júlia, apenas o lance na hora de doar sangue. Mesmo que quisesse, aquilo não saiu de sua cabeça e o deixou mais perturbado do que imaginou que ficaria.

Demorara trinta e seis anos para descobrir esse pormenor e não sabia por qual motivo, porém, não lhe parecia assim tão simples. Mesmo não entendendo muito sobre isso, estranhou, pois se fosse um mero detalhe, teria descoberto há mais tempo. E depois, aquela recepção de Constância. Não que esperasse que ela o recebesse com carinho, porém, por instantes pareceu-lhe que ela não queria que doasse sangue para o próprio irmão. Algo impensável. Tinham suas diferenças, no entanto, jamais se negaria a algo desse tipo.

Deitado na cama, olhando para cima, estes pensamentos não o deixavam dormir. Primeiro, se pudesse teria ficado com Júlia, mas tinha trabalho e estava muito em cima da hora para desmarcar, ela mesma não deixara que o fizesse.

— Basta de maus profissionais por este fim de semana — havia falado, considerando a festa um desastre.

— Não será uma ausência, por um motivo muito justificável, que deixará você e a Doce Pimenta com uma má fama — respondera, tentando animá-la. Não podia saber que Júlia estava pensando também no episódio com as drogas.

Para completar, também havia acertado sobre a opinião dela sobre ir até lá de moto. Júlia não só o repreendeu, como pediu que tomasse cuidado umas quatro vezes, após se despedirem.

— Não se preocupe, Jú. Irei com cuidado. Já tivemos sustos demais e agora que sei que está segura, nada faria para não a encontrar novamente — falou seguro, acariciando seu rosto.

E agora ali, sozinho em seu quarto, só desejava esquecer aquele dia, tendo certeza de que Júlia estava bem, não se sentindo ameaçado pela sua proximidade com Ricardo e considerando a confusão com os tipos sanguíneos apenas uma

cisma.

◆◆◆

Dois dias depois

— Por que acho que não deveria fazer isso? — Sarah questionou, seguindo Júlia nos corredores do hospital — Após dois longos dias, você está liberada para ir para casa, não para perambular pelo hospital.

— Ninguém mais do que eu sabe o quanto preciso ir para casa Sarah, estou morrendo de saudades do Lipe — Júlia falou sem parar de caminhar, incomodando-se com a tipoia e o gesso. Não imaginava que fraturar o braço em dois lugares diferentes poderia doer tanto. Pelo que o médico dissera, não duvidaria se tivesse que fazer fisioterapia. Enquanto ele falava, só conseguia imaginar o malabarismo que faria para cozinhar, visto que nem cogitava a possibilidade de não fazê-lo.

— E ele de você...

— Mesmo assim, seria muito mal agradecida se não fosse me despedir do Ricardo.

— Será que está falando mesmo em gratidão? — por não nutrir simpatia ao Ricardo, acabou por provocá-la.

— Se ele não tivesse agido com frieza, pode ter certeza de que não estaria aqui diante de você, tentando me justificar — Júlia falou decidida, apertando o botão do elevador.

— Bem, de frieza ele entende — Sarah não se conteve, fazendo Júlia suspirar.

— Eu te amo, Sarah e sei que tem razão em sua preocupação. Porém, não sou injusta. As coisas poderiam ter sido muito piores para mim, se o Ricardo não estivesse aqui. Primeiro o lance da festa, depois o acidente. Não estou passando uma borracha sobre tudo o que ele fez, estou apenas reconhecendo que dessa vez ele me ajudou e sou muito grata. Por causa dele, vou poder voltar para o meu

filho.

— Desculpe, Júlia. Sempre ficarei com um pé atrás, mas está coberta de razão. Ele salvou sua vida — fez uma pausa — Sabe que o Edu queria vir no meu lugar, não sabe? — questionou, ao entrarem no elevador vazio e ela fez que sim com a cabeça, imaginava — Só não veio porque não podia adiar a sessão de fotos.

— Ele é tão cuidadoso. Qualquer outro teria feito a pergunta sobre mim e o Ricardo. Sei que ele primeiro precisa ter a certeza de que estou bem para fazê-la — Júlia suspirou — Eu me senti mal por isso. Por não ter contado. A última coisa que desejo nessa vida é magoá-lo.

— Há motivos para magoá-lo? — a indagação de Sarah novamente não foi direta, recheada nas entrelinhas.

— Não! — Júlia negou para si mesma, antes de que o fizesse para a prima.

— Se é assim, tudo bem — Sarah sorriu, aceitando a resposta — Desculpe-me se estou sendo chata...

— Relaxa, Sarah, juro que entendo.

◆◆◆

Ellen tentou disfarçar as olheiras com maquiagem, entretanto tinha noção de que não ficara tão bem assim. A liberação para não voltar ao seu posto no hotel viera de Constância que não tinha estrutura para acompanhar o filho mais velho no hospital. Para a matriarca era mais fácil ir e retornar no outro dia. Assim, ganhara a oportunidade de ficar ao lado de Ricardo, ainda que ele passasse mais tempo dormindo do que acordado. Segundo a explicação de algumas enfermeiras, os medicamentos estavam sendo reduzidos e ele logo passaria mais tempo acordado.

Mesmo não retirando o baço, sua recuperação não seria muito diferente. Graças à transfusão, não corria mais risco, porém, ainda tomaria remédios para dor e, saindo dali, precisaria de pelo menos duas semanas em repouso. Se pudesse, Ellen permaneceria ao lado dele por todo esse tempo.

Gostava de momentos como aquele, em que ficava sozinha com Ricardo, sem a presença de Constância. Naqueles breves instantes, sentia-se como se houvesse apenas os dois. No dia do acidente, apresentara-se como namorada dele e ainda não havia desmentido isso.

Aproveitando que ele estava dormindo, aproximou-se da cama e acariciou seu rosto. Não entendia o motivo para ele não a enxergar. Gostou de sentir a textura da barba recém-adquirida; se Ricardo continuasse com ela, ficaria ainda mais bonito do que já era. Seguiu a linha dos lábios dele com o dedo, relembrando-se do momento em que quase ficaram juntos. Seu desejo por ele era tão grande a ponto de pensar que talvez devesse ter fingido. Se tivesse ignorado que o nome que saía de seus lábios não era o seu, tudo poderia ter sido diferente. Mas não, tivera aquele rompante de amor-próprio e, desse modo, afastara-se dele por completo.

— Júlia? — a voz saiu fraca, mas o suficiente para entender o que ele dissera. Cada vez mais odiava aquela mulher, compartilhando com Constância da mesma ojeriza. Afastou a mão do rosto dele, ao notar que despertava.

— Não se exalte Ricardo – pediu.

Ricardo demorou para se encontrar. A última imagem que tivera foi a de Júlia perdendo os sentidos. Natural que, ao ficar consciente, estivesse assustado. Precisava saber o que acontecera a ela, sem sequer imaginar que ele correra muito mais riscos. Ouvir a voz de Ellen ao longe fez com que fosse entendendo que estava em um hospital. Ele ainda a viu ir para frente da cama e apertar um botão, fazendo com que essa se erguesse pouca coisa, tornando mais fácil para ele olhar para ela e para o quarto. A lembrança sobre o fato de Constância saber sobre a gravidez e já conhecer seu filho teve o poder de irritá-lo.

— O que está fazendo aqui, Ellen? — questionou, assim que pôde.

— Estava esperando que se recuperasse, sofreu um grave acidente e teve muita sorte...

— Consigo me lembrar. Quis dizer, o que está fazendo aqui e não no hotel? Quem está à frente dos negócios, se você, que deveria estar lá, está aqui?

— A Fátima está no hotel e Sol está me mantendo informada sobre tudo — disse tão baixo que ele teve dificuldades em escutá-la. Ellen não esperava tanta

ingratidão, por isso se magoou — A Constância pediu que ficasse, enquanto ela não estivesse.

— Quem a contratou? — continou implacável.

— Você — engoliu em seco, sendo posta no lugar de onde gostaria de sair, apenas como a gerente do Magista — Mas, sua mãe...

— Então, da próxima vez que minha mãe disser algo — não deixou que concluísse a frase — Pense duas vezes, porque ela não tem autonomia para cuidar da minha vida.

As enfermeiras não haviam falado nada sobre mau humor, portanto Ellen ficou surpresa que as primeiras frases dele tivessem sido tão duras.

— Tudo bem, só não pode se agitar tanto — Ellen preferiu pensar que ele estivesse sentindo dor e, por isso, estava descontando nela — Vou chamar as enfermeiras.

— Quero saber a respeito da mulher que estava comigo no carro — falou um pouco mais calmo — Tem notícias dela?

Ellen engoliu em seco, quando pensou em abrir a boca para dizer alguma coisa, foi interrompida por duas batidas na porta. Virou-se e deve ter ficado pálida ao se deparar com a própria. Júlia a olhou com cuidado. Sabia que a conhecia de algum lugar, só não conseguiu se lembrar de onde. Enquanto Sarah optou por esperar do lado de fora, deu dois passos para dentro do quarto.

— A enfermeira deixou-me entrar — explicou, sentindo-se estranha ao encontrá-lo com uma mulher. Não soube o porquê de estar surpresa com aquilo.

— Júlia — ao ouvir a voz dela, tentou se mexer na cama, fazendo uma careta de dor com a tentativa.

Como se Ellen não estivesse ali, Júlia aproximou-se da cama.

— Ei, não vá pôr tudo a perder! Tem noção de que passou por uma operação? — deu-lhe uma bronca e Ricardo não conseguiu deixar de sorrir — Está sorrindo por que?

— Fiquei imaginando se você é assim com o Felipe — buscou os olhos dela, feliz demais em saber que estava vivo e, por isso, tinha chance de conhecer o garoto.

— Ele não me dá tanto trabalho — Júlia ficou sem graça e viu o olhar dele em seu braço.

— Isto deve incomodar — comentou, quando o desejo era perguntar se ela realmente estava bem.

— Foi bem pouco, perto do que poderia ter acontecido...

Ellen estava ficando enjoada, os dois conversavam com tanta naturalidade, como se ela nem existisse.

— Ellen — Ricardo a chamou, despertando-a de seus pensamentos e, por segundos, chegou a sorrir, porém, durou pouco: assim que se aproximou da cama, do lado oposto ao que Júlia havia se colocado, Ricardo pediu — Pode nos deixar a sós?

Ela ficou até sem ação e teve que ser hábil para Júlia não perceber sua raiva.

— Claro Rico, estarei lá fora, se precisar de mim — falou, antes de sorrir para Júlia e se retirar.

— Ela é gerente do hotel e meu braço direito — Ricardo começou a se explicar.

— Não importa — dessa vez Júlia que o interrompeu, de modo delicado — Estou indo embora e só queria lhe agradecer, Ricardo. Quebrar o braço foi muito pouco perto do que poderia ter acontecido — sorriu timidamente — Sei admitir quando estou errada e não poderia haver companhia melhor para mim neste fim de semana. Obrigada.

Ricardo conseguiu sorrir ao vê-la ficando com os olhos marejados. Sabia que o agradecimento era feito de coração.

— Ainda temos... — começou e novamente Júlia o interrompeu.

— Não faltarei com a minha palavra. Assim que estiver plenamente

recuperado, marcaremos um dia para conhece-lo.

— Estou ansioso por isto — admitiu.

— Bem, preciso ir — deu-lhe um sorriso amplo desta vez, porque na verdade não sabia como se despedir dele. Antes que ela se afastasse, Ricardo esticou a mão para tocar a dela.

— Posso te fazer uma pergunta, fora essa é claro? — quis saber, feliz por ela não ter fugido ao seu toque. Júlia fez que sim com a cabeça — Você se lembra de algo do acidente?

— Não me lembro — Júlia mentiu, após entender exatamente o que ele queria saber e sem coragem de admitir que se recordava das palavras dele. Dois motivos fizeram com que se preservasse: já havia se magoado demais com ele e seria uma falta de respeito com Eduardo, com quem estava no momento.

◆◆◆

— Conseguimos — Eduardo sorriu para a modelo. A sessão de fotos havia o cansado mais do que ocorria comumente. Nada havia mudado, um novo dia tinha chegado e a cisma continuava com ele. Nem mesmo saber que Júlia estava voltando o deixou mais animado, porque aquele sentimento ruim estava lhe fazendo mal. Tinha que tomar uma atitude a respeito, caso contrário enlouqueceria.

No horário do almoço já havia deixado a locação onde as fotos foram realizadas. Além disso, havia procurado na agenda do celular o telefone de um amigo que há tempos não via e que talvez pudesse diminuir suas dúvidas.

— Duda! Quanto tempo, claro que sim. Será um prazer, almoço em um restaurante próximo à Faria Lima. Pode me encontrar lá?

— Claro – olhou no relógio — Chego lá em vinte minutos.

Sua previsão errou por cinco minutos, porém Cristiano o estava esperando e ao vê-lo se aproximar da mesa, levantou-se para cumprimentá-lo.

— Quem diria vê-lo em um terno, Cris — Eduardo brincou, afinal o amigo

era o mais extrovertido e informal, quando mais novos. Não imaginava que fosse vestir a máscara da seriedade com tanta propriedade.

— Nem eu — o homem moreno, quase de sua altura, deu-lhe um sorriso triste — No entanto, são ossos do ofício. Acabei tendo que assumir a clínica do meu pai — deu de ombros, fazendo um gesto para que ele sentasse.

Antes de falar o que lhe perturbava, fizeram o pedido e conversaram amenidades e, por meio dessas, descobriu que seu amigo estava noivo, mesmo sem a moça estar grávida. É que ele costumava dizer que só casaria se fosse obrigado.

— As coisas mudam — Cris sorriu — E você, Duda? Levando a mesma vida de sempre? Porque, do pouco que me lembro, você não parara muito com a mesma garota...

— As coisas mudam — devolveu, fazendo o amigo sorrir — Só tenho olhos para uma mulher agora e estou feliz assim.

Assim, quando o garçom trouxe os pedidos, fizeram um brinde com cerveja, como nos velhos tempos.

— Às mudanças!!

Somente após terem almoçado, Eduardo acabou fazendo a pergunta que desejava.

— Estou precisando de uma opinião técnica — revelou e Cris ajeitou-se na mesa, querendo saber como um endocrinologista poderia ajudá-lo — Para você pode ser muito simples, mas confesso que sou ignorante no assunto. É sobre tipo sanguíneo: se pai e filho são O negativo, a mãe tem qual tipo sanguíneo?

— Ufa, cara, pensei que fosse algo mais sério — Cris sorriu — Bastava jogar isto na internet e surgiria várias calculadoras com as possibilidades. Mas, vamos lá, posso dizer com certeza que a mãe também tem que ser O negativo. Se fosse O positivo, o filho herdaria seu fator RH.

— Entendi — Eduardo tentou se lembrar, mas teve certeza de que não sabia o tipo sanguine da mãe — Agora, é possível que esses mesmos pais tenham um filho com o tipo sanguíneo A positivo?

— Nem ferrando — policiou-se, pois falaria um palavrão. Para o filho nascer com esse tipo, então, um até pode ser O negativo, mas o outro, obrigatoriamente tem que ser A positivo. Nesse caso, são setenta e cinco por cento de probabilidade da criança ser A positivo e vinte e cinco por cento de ser O, só que positivo, também.

Eduardo engoliu em seco. Então não estava tão enganado assim. Havia ali alguma coisa muito errada. Pensou que talvez pudesse ser adotado, o que explicaria o tratamento que sempre recebera de Constância.

— Alguma mulher está querendo fazê-lo assumir um filho? Minha dica, peça um exame de DNA e não restará nenhuma dúvida.

— Valeu, Cris — agradeceu, sem lhe dar mais detalhes. Era preferível deixá-lo imaginar que sua preocupação fosse com algum possível herdeiro do que com a própria origem.

Naquele momento decidiu que a próxima parada seria a casa de Constância.

◆◆◆

— Veio calada o tempo todo, Júlia. Está sentido dor no braço? – Sarah preocupou-se.

— Incomoda um pouco, porém, não está doendo. Só quero ver logo meu filho.

— Bem... Por falar nele...

— O que houve? — Júlia a interrompeu apreensiva.

— Não sei exatamente o que o Lipe falou lá na casa da sua mãe, só sei que ela e o seu pai descobriram que está com o Edu e não gostaram nada. Sua mãe me chamou lá e me deu o maior sermão... Então se prepare.

— Sério isso? Era só o que me faltava.

— Preferi te contar, antes que me esquecesse — Sarah continuou, dirigindo com cuidado — Não duvide se sua mãe quiser que fique com ela.

— Eu lhe serei muito grata, mas irei pra minha casa com o Lipe. Ficarei muito melhor do que lá e não me refiro somente à pressão que eles farão.

— Sabe que talvez terá que fazer fisioterapia, não é? Fratura é complicado — Sarah fez questão de recordá-la.

— E tenho uma prima personal trainer para que? — Júlia brincou.

— Estou falando sério, precisa consultar uma fisioterapeuta — Sarah a corrigiu e Júlia fez que sim com a cabeça.

— Tudo a seu tempo — disse, antes de suspirar, e Sarah percebeu que não estava se referindo a apenas em seguir seu conselho.

◆◆◆

— Deveria ter impedido — Constância estava furiosa.

— Como poderia? O Rico quase me mandou voltar para o hotel e quando a talzinha chegou, ainda me pediu para sair do quarto. Ele acordou perguntando por ela...

— Deveria ter colocado aquela mulher no lugar dela, Ellen. Você esteve presente na vida dele nos últimos três anos, ela não.

— Pois parecia que nunca estiveram separados. A forma como o Ricardo a olha... O jeito como conversam... — Ellen teve que admitir — Odeio admitir, mas há tensão ali suficiente para sustentar algumas usinas...

— Seu mal é este, não sabe lutar pelo Rico. Desiste muito fácil. Se eu estivesse aqui, ela não teria entrado no quarto, nem que tivesse que chamar os seguranças.

— Só Deus sabe o quanto sofri com o acidente, Constância. É muito bom saber que está vivo e bem. Porém, não posso mudar a opinião do Rico a meu respeito. Ele não me enxerga.

— Quer ser vista, faça-se notar, não desapareça na sombra da cozinheira — Constância comentou, sem paciência — Vou vê-lo, depois falamos mais.

— Estou pensando em voltar para São Paulo — foi sincera.

— Se sair daqui sem a minha permissão, pode começar a procurar outro emprego — Constância foi categórica e não deu tempo para Ellen dizer coisa alguma, apenas deu duas batidas na porta e entrou.

— Filho — deu-lhe um sorriso amplo — Se soubesse que passaria mais tempo consciente, teria chegado mais cedo. Graças a Ellen, posso ir para casa sossegada, sabendo que há alguém de confiança cuidando de você — aproximou-se da cama. Ricardo observou o movimento — Sabia que não se encontra mais empregados tão leais, quanto ela?

— Não sabia — Ricardo respondeu somente quando a mãe estava bem perto — Parece que não saber é uma especialidade minha — a frase saiu ríspida.

— Por que esse tom e do que está falando, Rico? — Constância questionou surpresa.

— Estou me referindo às mentiras que tem me contado, ou às verdades que tem me omitido.

— Não sei o que aquela mulher te falou, no entanto, só pode ter mentido.

— Aquela mulher não, o nome dela é Júlia, a mãe do meu filho, portanto, refira-se a ela da forma correta — Ricardo falou nervoso como a forma com que a mãe se referiu à Júlia, num misto de desprezo e raiva que nunca havia notado antes.

— Não sei o que a Júlia te falou — Constância recomeçou.

— Disse algo que o Eduardo já havia falado e eu não tinha acreditado: que a senhora já sabia da gravidez muito antes daquele dia na sacristia e que só não fiquei sabendo porque você a aconselhou a não me contar. Além disso, fiquei sabendo que já conheceu o meu filho. Esteve com o Felipe na casa do Eduardo. Diga-me que ela está mentindo, que as duas informações não procedem — Ricardo disse tudo de uma vez e Constância ficou pálida. Esperava seu filho debilitado por conta do acidente, não desrespeitoso, quase agressivo.

— Rico...

— Ela mentiu? Por que você a fez prometer guardar segredo sobre a gravidez? Por que não me contou sobre ter conhecido meu filho? Conversmos esses dias sobre ele e não me disse nada? — insistiu e como Constância não conseguiu dizer nada — Deixe-me sozinho, por favor!

— Mas, filho, acabei de chegar... Estou tentando transferi-lo para São Paulo.

— Prefiro ficar aqui até que tenha alta.

— Neste fim de mundo? — Constância questionou incrédula.

— Sim. E não quero nem você, nem a Ellen aqui — decretou, deixando-a abismada.

— Como é?

— Isso mesmo o que ouviu. Ellen é mais útil no hotel, não preciso de baebá. E quanto à senhora, para não te faltar com o respeito, que é o meu desejo neste momento, preciso ficar um tempo sem vê-la.

Constância caminhou até a poltrona e se acomodou, ainda mais pálida.

— Acho que tive uma queda de pressão, filho. Não estou me sentindo muito bem, não pode me tratar dessa maneira. Está sendo injusto comigo...

Sem que a mãe percebesse, Ricardo apertou a campainha para chamar a enfermeira. Em menos de cinco minutos a enfermeira entrava no quarto, surpreendendo Constância.

— Qual o problema, senhor Vidal? — a enfermeira aproximou-se solícita.

— Comigo tudo bem, tem como levar a minha mãe para medir a pressão? Ela teve um leve mal-estar.

— Sem problemas — a enfermeira virou-se para Constância — A senhora está conseguindo andar ou quer a minha ajuda?

Constância levantou-se indignada.

— Não preciso de sua ajuda para nada — deixou a enfermeira sem entender

nada — Estou indo para casa, Rico.

— Não se esqueça de levar a Ellen com você — Ricardo falou, antes que ela cruzasse a porta — Caso contrário, arrumarei outro gerente para o Magista.

◆◆◆

Não foi surpresa alguma descobrir que sua mãe não estava. Deduziu que estivesse visitando Ricardo. Eduardo só conseguiu entrar porque a senhora chamada para trabalhar como governanta já havia trabalhado para a família anteriormente e o conhecera quando adolescente.

— Senhor Eduardo! — a mulher sorriu-lhe, feliz com a surpresa — Estava mesmo querendo saber quando o veria por aqui, já que só tinha visto o senhor Ricardo.

— Pode me chamar de Eduardo. Tenho a minha própria casa, Rosa — sorriu para ela — Por isso, as visitas são esparsas. Será que não faz mal eu esperar minha mãe aqui?

— Claro que não Eduardo. Fique à vontade. Só não poderei ficar fazer a sala.

— Não se preocupe, moro sozinho, logo não estou acostumado a alguém me fazendo sala — novamente o sorriso mascarou a angústia que sentia. Sentou-se no sofá, tentando ficar à vontade como a mulher sugerira.

Porém, bastou ficar sozinho para saber que aquilo não era suficiente. Subiu as escadas e foi até o quarto da mãe. Em algum lugar deveriam estar os exames que fazia. Sentiu-se mal por mexer em suas coisas, porém, não via outro modo.

Foi cuidadoso para não bagunçar nada e quando estava desistindo, achou uma pasta de documentos. Sorriu, ao perceber que só tinha coisas de seu pai ali. Levou a pasta para o outro lado do quarto, para a poltrona e começou a ver documento por documento e algumas fotos, sorrindo com as lembranças que tinha do homem que tanto admirava.

Sem estar procurando, acabou achando a chave para sua angústia. Entre as

coisas de seu pai havia uma certidão de óbito de uma mulher e uma certidão de nascimento. Eduardo leu as duas com cuidado. A primeira de óbito era de uma mulher que morrera nova, há um pouco mais de trinta e quatro anos atrás, quando contava apenas com vinte e quatro anos. O nome dela não lhe disse coisa alguma.

Na sequência, foi para outra certidão e, ao identificar ali seu nome, ficou abalado antes mesmo de começar a ler. Num primeiro momento pareceu-lhe uma cópia de sua certidão de nascimento. Porém, atendo-se aos detalhes, percebeu que era diferente da certidão que conhecia. Além da data em que fora lavrada ser diferente, havia outro detalhe muito mais impactante: o nome do pai continuava o mesmo, porém o nome da mãe era idêntico àquele presente na primeira certidão.

Capítulo 26

Eduardo estava sentado na sala, no escuro, quando Constância chegou. Decidira esperá-la porque se recusava a sair dali sem uma explicação razoável para tudo o que descobrira.

Os pensamentos de Constância estavam longes, ainda na reação de Ricardo, de modo que ela não escutara nada do que a governanta tentara lhe dizer, caminhando direto para a sala, livrando-se do casaco do tailleur ao fazê-lo.

Ainda sem perceber que não estava sozinha, depositou-o sobre o braço do sofá e caminhou até o barzinho, onde se serviu de uma taça de licor de amora. Apenas quando voltou e estava prestes a se acomodar no sofá, percebeu a presença de Eduardo. Seu susto foi tão grande que quase deixou cair a taça.

— Quem o deixou entrar? Desde quando age como um ladrão, escondendo-se nas sombras? — questionou nervosa.

— Não é necessário se esconder, quando já se é invisível — Eduardo comentou magoado, atraindo a atenção dela.

— Não me diga que todo esse susto foi para me falar algumas frases enigmáticas! Diga-me de uma vez o que está fazendo aqui. Seja lá o que for, hoje não é um bom dia. Estou cansada, acabei de chegar daquele fim do mundo e preciso tomar um banho...

— Estranho, sempre reclamou do meu desapego e quando apareço, pede-me para ir embora? — seu tom irônico deixou Constância ainda mais intrigada com o motivo de sua visita.

Como a escuridão a estava incomodando, ela caminhou até o interruptor e bateu a mão nele, acendendo a luz. O modo como ele a encarou fez com que cogitasse que estava melhor antes. Sentou-se diante dele e tomou um gole do licor.

— Não tenho todo o tempo do mundo. Ou diz de uma vez o que quer, ou me brinde com a sua ausência.

— Sabe, sempre me culpei pelo modo como você me tratava — Eduardo começou — Imaginava que se eu fosse um garoto melhor, você me olharia com mais carinho. Talvez me elogiasse...Talvez escondesse sua preferência pelo Rico. Mas nada do que fazia era capaz de mudar seu tratamento. Agora, consigo recordar que jamais esteve ao meu lado, quando me machucava, ou quando precisava. Sempre contei com o meu pai e ele sempre inventou desculpas que justificassem sua ausência — respirou fundo — Não seria mais fácil contar a verdade?

— Que verdade? — Constância não estava gostando do rumo que a conversa estava tomando. Acreditou que Eduardo estivesse blefando, afinal ele não poderia saber de nada, não é mesmo? — Você está sob o efeito de alguma droga, Eduardo?

— É a segunda vez que insinua que uso drogas! — Eduardo exaltou-se — A verdade também é algo extremamente estimulante, deveria experimentá-la mais.

— Está me chamando de mentirosa? — Constância o encarou, pensando que aquele dia realmente não era o seu. Primeiro o rompante de Ricardo e agora a surpresa desagradável de encontrar Eduardo a esperá-la.

— Como é o nome de alguém que esconde por trinta e seis anos um segredo? — ele cruzou os braços — Por que nunca me disse que não tínhamos laços de parentesco? Teria sido bem melhor para mim do que imaginar que a minha própria mãe me odiava sem eu saber o motivo!

As palavras dele tiveram o poder de atingi-la, pois não esperava a verdade dita daquela maneira, sem rodeios, na cara. Acabou com o restante do líquido que havia na taça, tentando digerir aquelas perguntas, enquanto elaborava a melhor resposta.

◆◆◆

Júlia abraçou o filho da melhor maneira que podia fazê-lo, usando apenas um dos braços. Ele não lhe foi indiferente, beijando-a e se deixando abraçar, de maneira a deixar claro que também estava com saudades. Depois, ficou analisando o gesso no braço dela, até finalmente perguntar:

— Você correu e se machucou?

Júlia sorriu, era o que sempre repetia para ele, sobre correr, natural que ele associasse vê-la machucada com o que ela vivia repetindo. Sentou-se no sofá e ele a imitou, para ficar perto dela.

— Sim, Lipe. Por isso que não pode correr.

— E por que você correu, mamãe?

— Ah porque fui desobediente — Júlia respondeu naturalmente, fazendo com que Sarah sorrisse. Gostava de ver os dois juntos. Imaginava como uma espécie de intensivo para quando tivesse filhos que, esperava muito, fosse com Wagner — Isso sempre acontece, quando a gente é desobediente. A gente se machuca.

— E o machucado dói? — perguntou, revezando o olhar do gesso para a sua testa, onde havia ainda um pequeno curativo.

— Só de vez em quando, Lipe. Mas a mamãe está bem, isto é o que importa.

— Vou voltar a dormir na minha cama? — quis saber, acomodando-se no colo dela.

—Sim, você na sua e eu na minha, isso é maravilhoso não? Também não vejo a hora.

— Lipe, deixe a vovó falar com a sua mãe — Salete pediu e viu o menino hesitar. Estava com saudades dela e por isso estava mais apegado do que costumava ser.

— Isso, Lipe, pode brincar um pouco, antes de irmos embora — Júlia o incentivou a descer de seu colo, ainda que quisesse muito que ele permanecesse lá. Só de pensar que não mais teria momentos como aquele, agradeceu mentalmente o fato de estar viva.

— Sim, após o jantar — Salete recordou a filha, porém, fazendo-a perceber que não era um convite e sim uma intimação.

Lipe demorou um pouco para descer do colo da mãe, indeciso entre ir ou

ficar, como se estivesse com receio de Júlia não estar lá, quando voltasse.

— Vá brincar com os blocos lá no quarto da vovó — Salete sugeriu e só assim o menino deixou a desconfiança de lado e saiu, correndo, pelo corredor, antes que Júlia tivesse tempo para abrir a boca.

-— É impressionante, o Lipe não perde essa mania — comentou, assim que o menino estava longe da visão das três — Tem certeza de que é seguro, mãe?

— Claro que sim, Júlia. Tomadas cobertas, quinas protegidas, brinquedos acessíveis a ele — Salete a tranquilizou — Passou todos esses dias bem, sem um arranhão sequer, bem diferente de você, não é, filha?

Júlia trocou olhares rapidamente com Sarah que chegou a se levantar, com a desculpa de ir verificar se o menino estava realmente bem.

— Pode ficar, Sarah — Salete falou, fazendo com que a moça voltasse a sentar — Não direi nada do que já não tenha falado com você.

— Se é sobre o que estou pensando... — Júlia começou, mas nem conseguiu terminar.

— Primeiro, quero saber se está realmente bem; posso cuidar do Lipe, levá-lo e buscá-lo no colégio como fiz estes dias — interrompeu-a e o fez de um jeito tão preocupado que Júlia se desarmou. Estava preparada para ser ríspida com ela, se fosse preciso, porém, sentiu-se ingrata e resolveu escutar sua mãe, ainda que não concordasse com ela.

— Estou bem, mãe. Viva! — Júlia suspirou — Pronta para recomeçar. Agradeço de coração sua oferta, no entanto, só fraturei um braço e diante do acidente que sofri, pode ter certeza de que foi uma chance para começar de novo. Prefiro retomar a minha rotina com o Lipe, por mais complicado que pareça.

— E se ela precisar, tia, poderei ajudá-la — Sarah completou — Continuarei buscando o Lipe no colégio. A única diferença é que eu o levarei para a Júlia, quando ela voltar do trabalho, porque com esse braço e sem carro, ficará difícil para ela buscá-lo. Ou seja, não tem com o que a senhora se preocupar.

— Queria tanto acreditar nisso — Salete olhou para Sarah e depois para a filha — Porém, não consigo. Não, após saber que você e o Eduardo estão juntos.

Havia desconfiado que estivesse com alguém, só não imaginava que fosse com ele. Por que mentiu?

Júlia engoliu em seco. Esperava que sua mãe se sensibilizasse com o fato de ela ter saído do hospital, mas se o fizesse não seria sua mãe e outra, portanto, sua surpresa não foi tão grande.

— A senhora não entenderia, mãe. Discordo que tenha mentido, só não te contei porque nem eu mesma tinha certeza do que estava acontecendo.

— Não acha que já sofreu demais nas mãos dessa família, Júlia?

— Não planejei isto mãe, simplesmente aconteceu. E o Eduardo não me fará sofrer.

— Como pode saber disso? Tem alguma bola de cristal? — Salete questionou séria — Você pensava o mesmo do Ricardo. E por falar nele... O que estava fazendo com o Ricardo no momento do acidente? Desde quando ele retornou para sua vida?

— É uma longa história mãe — Júlia admitiu — Preciso muito mais do que uma hora para colocá-la a par de tudo o que aconteceu e peço esse voto de confiança: que me dê tempo para explicar tudo o que está acontecendo e, de preferência, quando Lipe não puder escutar.

— Temo apenas que esse tempo que me pede seja o suficiente para se magoar novamente, Júlia.

— Prometo ir com cuidado — Júlia sorriu, pois naquele momento não tinha cabeça para contar tudo para sua mãe e, além disso, precisava fazê-lo quando seu pai estivesse presente, o que não era o caso, visto que ainda não tinha chegado. Seu desejo não era de se vingar, contudo queria que ele percebesse o quão fora injusto com ela ao acreditar na versão de Ricardo.

◆◆◆

— Você não tem o direito de entrar na minha casa, vasculhar as minhas coisas...

— Coisas do meu pai — Eduardo a interrompeu. A essa altura, os dois já estavam de pé, um diante do outro.

— Que estavam na minha casa! — Constância retomou, exaltada.

— Essa droga desse papel é sobre a minha vida — Eduardo rebateu — Se não fosse preciso doar sangue para o Ricardo, jamais saberia que tudo em que acreditei não passou de uma ilusão. Por que não para de mentir? Diga-me de uma vez: por que só soube da existência dessa Denise Gatti, após descobrir sua certidão de óbito?

Ouvir o nome daquela mulher fez com que Constância perdesse a pouca paciência que conseguira conservar desde o começo da conversa. Recordou-se de seu marido e da forma que ele se referia àquela mulher. Imediatamente tudo retornou, o sofrimento, a traição, a vergonha e o ódio...

— Porque ela era uma rameira, uma meretriz. E porque roubaria meu marido de mim — foi a vez dela se enfurecer — Por conta de um bastardo, seu pai estava disposto a me deixar com um filho de dois anos! Acabaria com o sagrado sacramento que é o casamento por causa de uma aventura, por conta de uma mulher mais nova. Taí, talvez vocês dois tenham puxado esse lado de seu pai: a facilidade para se apaixonar por vagabundas.

Por mais rude que ela fosse, Eduardo nunca imaginou que ela se referisse a ele daquela forma. Foi chocante ouvi-la revelar o que realmente pensava. Ficou sem ação diante do desdém e da raiva demonstrados por Constância.

— Felizmente, seu pai nem teve tempo. Ela morreu, antes que ele me abandonasse. Bem, não posso dizer o mesmo de você. Lamentavelmente, como a morte daquela miserável, seu pai depositou todo o amor que sentia por ela em você. Nem o Rico recebeu tamanha atenção depois que aquela biscate morreu. Então, para não perder o homem que mais amei nesta vida, eu me humilhei, implorei para ele ficar e fiz o maior sacrifício da minha vida: eu me propus a cuidar de seu filho bastardo, como se fosse meu. Deveria me agradecer, Eduardo, pois eu o adotei. Dei-lhe o meu sobrenome. Você não tem noção do que foi olhar todos os dias da minha vida para o símbolo da traição sofrida.

— Era uma criança, você foi cruel, só me tratava melhor, quando ele estava por perto. Nunca fez com que eu me sentisse querido!

— Queria que eu agisse como? Que te cobrisse de afagos e carinho? Como poderia, se não havia um dia que não lamentasse o fato de não ter morrido com ela.

— Você é má, é nojenta, é amarga — Eduardo não conseguiu esconder o quão ficara abalado — Não sei como meu pai pôde se apaixonar por você um dia. Veja como são as coisas, tenho certeza de que ele jamais passou do estágio da paixão com você, apenas a suportou por todos esses anos. A rameira, a meretriz, como diz, deve ter sido muito mais mulher do que você — Constância ergueu a mão para bater no rosto dele, mas Eduardo a impediu, detendo-a com facilidade —Já me feriu demais, isso para por aqui!

— Vai torcer meu braço? — Constância o desafiou.

— Meu pai, o senhor Bernardo de Almeida Vidal, ensinou-me que não se deve bater em uma mulher, quanto mais em uma idosa — Eduardo respondeu entre dentes — Só me esclareça uma coisa: O Ricardo já sabia disso tudo?

— O meu filho nunca soube de nada. Ele era pequeno demais para lembrar da sua chegada. Acolheu-o como se fossem irmãos de verdade. Meu Rico era tão seguro que sequer teve ciúme de você. Talvez, se ele soubesse, teria te colocado em seu devido lugar, jamais deixaria que um bastardo fosse tratado como um igual. Jamais deixaria que chegasse perto do patrimônio que o pai dele te deixou.

— Nosso pai — Eduardo a corrigiu — Engraçado, Constância. Que eu saiba, você era pobre até se casar. Então, não sei exatamente no que se difere da mulher que trata com nomes tão desrespeitosos. Aliás, pensando bem, pelo seu relato e pelo seu despeito, sei sim: ela foi amada! — falou, soltando o braço dela e saindo, deixando-a em pé no meio da sala.

◆◆◆

Júlia cobriu o filho e deu-lhe um beijo na testa, levantando-se em seguida. Antes de ter um filho, jamais entenderia a atitude de sua mãe, mas agora vendo Lipe dormir serenamente, sabia que era capaz de fazer qualquer coisa para protegê-lo. No fundo, era isso o que dona Salete estava tentando fazer, preservá-la de qualquer mal. Não queria que sofresse, por isso se negava a acreditar que Eduardo fosse incapaz de magoá-la.

Seu pai não tecera comentário algum, porém deixou evidente que não aprovara seu namoro, praticamente levantando-se da mesa e levando consigo o neto, quando, ao fim do jantar, sua mãe tocou no assunto mais uma vez. E quando Sarah se propôs a começar a tirar a louça da janta, sua mãe lhe fez a pergunta mais perturbadora.

— Supondo que acredite no que diz e o Eduardo seja incapaz de fazê-la sofrer. Você tem certeza de pode fazer o mesmo por ele?

— Como? — não entendeu de imediato o que ela quisera dizer.

— Experimenta relatar o acidente diante de um espelho, Júlia.

— Por que faria isso, mãe?

— Quem sabe consiga perceber o modo como seus olhos brilham. Sem medo de errar, brilham muito mais do que quando fala sobre o Eduardo...

Agora, as palavras dela não saíam de sua cabeça. Era natural que estivesse grata a Ricardo, afinal ele lhe salvara duas vezes. Talvez, por isso, a impressão que o brilho em seu olhar fosse diferente. Havia passado por uma situação limite, de muita adrenalina e que estava muito recente.

— Por que estou me justificando? — Júlia disse a si mesma, saindo do quarto do filho. Havia esperado pelo telefonema do Eduardo e estranhou que ele não tivesse dado nenhum sinal de vida. No dia seguinte, bem cedo, entraria em contato com ele. Tinha agendado uma reunião com sua equipe e, se não conseguisse falar com ele por telefone, iria até o apartamento dele, assim que esta terminasse.

Estava para entrar em seu quarto, quando o interfone tocou. Ficou surpresa ao ser avisada que era o Eduardo. Não era comum que ele aparecesse tão tarde, ainda mais sem avisar.

Eduardo não apertou a campainha, pois sabia que Lipe estaria dormindo e não queria acordá-lo. Em vez disso, deu duas batidas na porta. Júlia abriu-a sem muita demora e nem bem o fez, Eduardo a abraçou, curvando-se para recostar sua cabeça no ombro dela.

— Será que posso ficar? — sua voz estava embargada.

— O que houve Edu? — foi impossível não se preocupar, afinal era a primeira vez que o via daquele jeito.

— Por favor — pediu e Júlia fez com que ele erguesse o rosto. Não entendeu suas lágrimas, tampouco insistiu na pergunta. Apenas, beijou-o rapidamente e o puxou para dentro.

Eduardo agradeceu a acolhida, porém, não confessou o que o deixara tão mal. Naquele momento só precisava se sentir querido e estar com Júlia deu-lhe o ânimo que precisava.

Não fizeram amor, porque seu intuito não fora este ao procurá-la. No entanto, encontrou nela seu porto seguro, o local para onde poderia voltar, quando nada fizesse sentido. Dormir, tendo-a em seus braços, sentindo o calor de seu corpo, teve a capacidade não só de serenar seu coração, como também de fazer, pelo menos momentaneamente, com que esquecesse tudo o que Constância lhe dissera.

Capítulo 27

Talvez tenha sido voltar à sua casa, depois de uns dias, ou então, sentir falta do calor do corpo de Eduardo, o certo é que uma dessas duas razões, ou talvez as duas, o que era o mais provável, fez com que acordasse mais tarde que o habitual. Acordou sobressaltada, crente que perdera a hora de levar o filho para a escola, ainda mais estando sem carro. Estranhou Eduardo não estar na cama, ainda mais depois do jeito que chegara na noite passada.

Rapidamente foi ao banheiro, fazer sua higiene matinal e ao voltar, separou uma roupa, deixando-a em cima da cama. Ainda estava se acostumando a fazer tudo utilizando uma das mãos, por isso ainda demorava um pouco. Depois, foi em direção ao quarto do filho e ao abrir a porta, não se surpreendeu ao notar que ele não estava mais dormindo.

Compreendeu rapidamente a ausência de Eduardo em sua cama e de Lipe, ao encontrá-los na cozinha. Ficou a observá-los, sem que dessem conta de sua presença. Lipe não apenas estava pronto para ir para o colégio, mas também, sob a supervisão de Eduardo, acabava de tomar o café da manhã.

— Não vá se sujar hein, senão sua mãe dará uma bronca em nós dois — advertiu o menino num tom bem-humorado. Mesmo que ainda estivesse triste pelas descobertas do dia anterior, não deixaria transparecer, principalmente para ele, uma criança que ainda não compreendia como os seres humanos podiam ser pequenos.

— Em você também, tio Du? — Lipe pareceu surpreso com a declaração e Eduardo sorriu com vontade.

— Com certeza, olhe só bagunça que fiz na cozinha dela. Se não fosse você me ajudar, não saberia onde achar as coisas — olhou para o relógio — Mas, não me enrole, Lipe. Tome o leite, falta só um pouquinho para acabar.

—Está bem, vou tomar tudinho para ficar forte como você.

— Humm — Júlia os interrompeu — Pretendiam me deixar dormindo?

Lipe nem acabou de tomar o leite, antes de sair da mesa, correndo até ela. Júlia abaixou-se para abraçá-lo.

— Quantas vezes, vou ter que falar para não correr Lipe? — perguntou, tendo os braços dele em volta do seu pescoço.

— Estávamos indo bem aqui — Eduardo respondeu, cruzando os braços — E sim, pretendíamos deixá-la dormindo. Combinei de levar o Lipe hoje, não é Lipe?

— Sim, o tio Du falou que você ficaria feliz e talvez seu braço sarasse mais rápido.

Júlia sorriu. Como era possível, com tantos problemas, Eduardo preocupar-se com ela? Ficou sem palavras, diante da afirmação do filho.

—Isso, Júlia — Eduardo confirmou — Vou só colocar a cadeirinha no meu carro e levo o Lipe. Já combinamos tudo.

— Mas... —Júlia tentou dizer algo, mas Eduardo não permitiu.

— Caso contrário, ele vai se atrasar. Depois eu volto, conversamos um pouco e te deixo no seu trabalho — falou resoluto e Júlia finalmente concordou. Percebeu que aquele era um modo de lidar com o que o deixara tão triste. Não o forçaria a lhe dizer o que fora, porém, gostaria de que ele compartilhasse algo assim com ela. Pois, sabia que ele não estava bem e o que mais queria era retribuir o que ele fazia por ela.

◆◆◆

Ficar em um hospital distante de tudo e sem nenhum acompanhante seria extremamente incômodo, caso Ricardo não estivesse acostumado a estar sozinho e, principalmente, se não precisasse daquele tempo para refletir.

Tivera uma noite atribulada, por conta das dores e dos pesadelos. No mais recorrente deles, ele e Júlia eram separados e não mais conseguiam se encontrar. Engoliu em seco, imaginando que era exatamente isto o que havia acontecido: eles haviam sido separados e cada vez achava mais complicada a possibilidade

de ficarem juntos novamente.

E agora, estranhamente, as coisas começavam a fazer o maior sentido. Sempre que mentalmente perguntava quem gostaria de separá-los, a figura de sua mãe substituía a de Eduardo. A pior doença era a cegueira que se deixara acometer, porque agora ficava evidente que tudo fazia mais sentido, se fosse Constância a pessoa a estar por trás daquilo tudo. Afinal, ela era a pessoa mais próxima do doutor Vicente e, se ele contribuíra para a farsa, não duvidaria que tivesse sido a pedido dela. Estava tão nervoso com Eduardo por ele estar com Júlia que o culpara por tudo, sem sequer escutá-lo ou parar para pensar.

— Só preciso achar esse médico — disse a si mesmo. Sabendo que fosse qual fosse a revelação que o médico lhe dissesse, perderia. Antes, achava que perderia um irmão, porém, agora, o que era mais assustador, estava inclinado a cortar os laços com a própria mãe.

Assim que a enfermeira entrou no quarto, perguntou como poderia fazer para ligar. O hospital realmente era mais humilde do que os que costumava utilizar, não havendo telefone nos quartos. Não sabia de seus pertences, caso contrário, já estaria fazendo uso do celular. Precisava de alguém sim, para fechar sua conta no hotel e para verificar se havia saído um laudo para o acidente. Já dirigia há um bom tempo para saber que não foi só a chuva que causou tudo aquilo, tinha certeza de que o carro não respondera direito. Talvez estivesse paranoico, porém, não queria arriscar.

— Senhor Vidal, se quiser ligamos para a sua mãe...

— Não — Ricardo a interrompeu tão rapidamente que a enfermeira olhou-o assustada — Preciso falar com a minha secretária.

— Tudo bem, se o senhor me passar o telefone, posso falar com ela primeiro e depois estabelecermos uma forma de entrarem em contato...

— Obrigado — viu a enfermeira se aproximar para medir sua temperatura e ver como estava sua pressão – Será que posso pedir mais uma coisa?

— Sim, claro — a mulher ficou esperando.

— Pode apenas me chamar de Ricardo?

— Como preferir, senhor... Quer dizer, Ricardo. É que sua mãe e sua namorada fizeram questão que o tratássemos com respeito...

— Minha quem? — Ricardo precisou escutar de novo para acreditar e, quando a enfermeira descreveu Ellen, fez questão de desmentir — Aquela mulher é apenas minha funcionária... Por favor, esqueçam qualquer coisa que aquelas duas tenham falado.

— Tudo bem, Ricardo. Agora preciso que fique quieto para fazer o meu trabalho.

Ele fez que sim com a cabeça, enquanto tentava compreender por qual motivo Ellen se apresentara daquela forma e porque Constância permitira.

◆◆◆

Júlia estava acabando de se vestir, quando Eduardo retornou. Chegou a se assustar, quando a campainha tocou, caminhando para abrir a porta, vestindo a blusa, atrapalhando-se com o gesso.

Ela havia ficado mais tempo que o costume no chuveiro, pensando sobre tudo, desde os momentos de proximidade a Ricardo ao modo como Eduardo chegara. Estava confusa, como nunca estivera antes.

Era óbvio que Eduardo era a melhor escolha, então por que ficava se recordando das palavras que Ricardo dissera antes que apagasse? Será que ele falara somente por ter achado que morreriam? Será que era verdade? E se fosse verdade, isso tinha o poder de apagar tudo o que passara?

Depois, tinha o Eduardo. Na noite passada vira no olhar dele uma tristeza que jamais tinha visto e se assustou ao perceber que não gostava de vê-lo mal. Preocupava-se com ele e não estava em seus planos magoá-lo. Porém, voltara bastante confusa da viagem e sempre que parava para pensar nisso, percebia que a chance de fazê-lo era muito grande.

Abriu a porta ainda atrapalhada, fazendo Eduardo sorrir. Ele entrou e a ajudou na missão.

— Só você, Júlia!

— Só eu o que?

— Para me fazer ajudá-la a se vestir, quando o meu maior desejo é despi-la — falou de modo natural e Júlia teve certeza de que ele não percebia o quão sexy ficava, quando falava daquele jeito.

— Eu pensei que... A noite passada... — soou confusa e o viu fechar a porta.

— Tem razão, Jú — ele ficou sério — Porém, quando a procuro, não é apenas por conta do desejo que sinto por você. Senão, era possível que não conseguisse sair daqui, porque a desejo o tempo todo. Preciso também da sua companhia. E, além disso, não estava muito bem; aliás, ainda estou me recuperando — admitiu.

Júlia apanhou na mão dele, puxando-o para o sofá.

— Percebi isso — sentou-se e o viu fazer o mesmo — Quer falar a respeito?

— Bem, temos algumas coisas para conversar — ele concordou — O que me aconteceu, pode ser uma delas.

Júlia fez que sim com a cabeça, porque percebeu que finalmente também teria que explicar porque omitira o fato de Ricardo estar com ela.

◆◆◆

— Achei melhor colocá-las a par de tudo o que aconteceu, antes de a Júlia chegar – Rui falou encostado à sua bancada — Não estranhem se ela retornar ainda mais exigente, afinal, vocês a conhecem. Qualquer outra pessoa tiraria uns dias de folga.

— Caramba Rui – Andréia estava abismada — E eu achando que o acidente havia sido tudo de ruim que aconteceu! A Júlia ter sido drogada é surreal, quem faria uma coisa dessas?

— Ótima pergunta e nem tivemos tempo de respondê-la. Só sei que se não fosse pelo Ricardo, o estrago teria sido muito maior.

— Eis aí uma parte que não entendi — dessa vez foi Karin quem falou — O que ele estava fazendo no casamento?

— Pelo que a Júlia me contou, era convidado do pai da noiva, no entanto, não estava lá pelo casamento, era para conversarem, visto que ela não atendeu às ligações dele.

— Nossa, faz todo sentido a expressão do passado batendo à porta — Andréia comentou — E que passado! Não queria estar na pele da Júlia agora.

— Depois de ouvir tudo isso, será que sou a única a achar tudo muito suspeito? — Karin interrompeu a divagação da amiga — Não que seja partidária das teorias da conspiração, porém, é muita coisa ruim ao mesmo tempo.

— E quer insinuar o que com isso? —Andreia tentou entendê-la.

— Sei lá, é como se fosse tudo de propósito para prejudicar a Júlia, ou a Doce Pimenta... Vai saber.

— Não sei, Karin, supondo que alguém quisesse atingir a Júlia ou a confeitaria, precisaria saber dos detalhes do casamento com antecedência... — Rui parou da falar ao ouvir um estrondo, vindo do salão. Fez um sinal para as duas e foi ver o que aconteceu — Tudo bem? — perguntou ao atendente que encontrou agachado, apanhando o que havia deixado cair no chão.

— Sim... Apenas deixei cair as bandejas, mas já estavam vazias — Douglas disse sem graça, sentindo o rosto queimar. Gostava muito de Júlia e a mulher misteriosa havia feito inúmeras perguntas para, depois de um só encontro, não mais atender nenhuma ligação sua. Reconhecia que havia falado demais e estava arrependido, pois ouvira parte da conversa e ela era mais do que suspeita.

— Menos mal, o importante é não ter se machucado — Rui falou aliviado — Afinal, já atingimos a cota de acidentes por enquanto — e voltou para a cozinha.

◆◆◆

— Meu Deus, Edu! — Júlia exclamou, chocada com o relato. Nunca ouvira tanto absurdo e agora entendia perfeitamente o estado em que ele chegara.

— Foi isso — concluiu, abaixando a cabeça e Júlia tocou em seu queixo, fazendo com que o erguesse.

— Edu, ela está errada! Você não pode deixar que o fel dela o envenene. Pelo que me contou, você é fruto de uma história de amor. Imagine, seu pai queria abrir mão do casamento para ficar com sua mãe...

— Uma meretriz, segundo a Constância — repetiu e Júlia colocou o dedo indicador sobre os lábios dele, impedindo-o de continuar.

— Não vou deixar que continue se machucando, Edu. A Constância já fez o suficiente — encarou-o — Não sabe se isso é verdade e, ainda que seja, você é a pessoa mais íntegra, cuidadosa e gentil que conheço. Agora conhece o nome de sua mãe legítima e pode investigar mais, antes de tirar conclusões sobre a sua origem. Uma vez comentou que seu pai teria adorado conhecer o Lipe e eu fiquei imaginando se ele era igual a você, ou melhor, se você havia puxado a personalidade dele... Não o conheci, mas você sim. Baseado nisso, acha realmente que ele se apaixonaria por uma mulher que não merecesse seu amor? — Eduardo não respondeu, em vez disso beijou o dedo indicador de Júlia.

—- Deveria estar te apoiando, não esperando que me ajude a juntar meus cacos — desculpou-se — Não queria expô-la ao meu caos.

— Não diga isso, Edu! Em meio ao "caos" que sua vida se transformou, você está aqui e me ajudou com o Lipe — acariciou o rosto dele — Todo relacionamento tem que ser uma via de duas mãos, se não puder contar com o meu apoio, então não tem sentido estarmos juntos.

— Por falar nisso — ele fez-se mais sério do que antes — Estamos juntos? — a pergunta dele a surpreendeu e isso ficou estampado em sua feição. Não precisou ser direto para questionar sobre o episódio envolvendo Ricardo.

— Sim — Júlia confirmou — Sinto muito por não ter falado a verdade, porém, acho que não entenderia, o que nem eu entendi ainda.

— Pode tentar me explicar —- Eduardo pediu sério e Júlia engoliu em seco. Talvez a melhor resposta seria a de que deveria ir para a confeitaria, porém, não era de fugir de nada, muito menos da conversas sérias. Além disso, ele merecia saber o que acontecera.

◆◆◆

Falar com Solange deixou-o mais tranquilo e só conseguiu o contato porque a enfermeira passou à secretária o número do próprio celular e deixou-o com Ricardo. Prometeu a si mesmo retribuir o empenho, quando saísse dali.

Por meio da secretária, soube que Ellen voltara ao trabalho com um mau humor horrível, distribuindo broncas de bom grado a qualquer um, estivesse o funcionário certo ou errado.

— Quando retornar, eu me acerto com a Ellen, Sol, por ora peço que supervisione o que ela fizer. Se passar dos limites, quero ser informado. Meu pedido mais urgente é para que contrate alguém para me auxiliar aqui.

— Um cuidador? — Sol não entendeu.

— Não. Estava pensando mais em um assistente pessoal. Alguém capaz de resolver as questões relativas ao hotel, ao acidente e a tudo o que possa precisar, enquanto estiver aqui.

— Se quiser, posso lhe fazer companhia...

— Agradeço, Sol. Você é muito competente e sei que seria de muita valia para mim aqui, no entanto, sei também que tem um marido e uma filha que sentiriam muito sua falta. Além disso, preciso de você aí, Sol. Será meus olhos, enquanto estiver internado.

— Se o senhor quiser, posso cuidar da transferência.

— Em outros tempos até desejaria, porém, decidi ficar aqui até ser liberado. Estou em um quarto já e apesar de ser modesto o lugar, não posso reclamar do tratamento que tenho recebido. Busque alguém com suas características, leal e competente, contrate-o imediatamente e faça me encontrar o quanto antes.

— Tudo bem, senhor Vidal. Há algo mais que vá precisar, durante sua estadia aí?

— Vou dizer algumas coisas, que pode mandar por essa pessoa.

— Sim, senhor, pode falar, que já estou anotando – Solange falou, prestando atenção às coisas que o chefe lhe pedia.

Ricardo suspirou, assim que a ligação terminou. Usaria os dias para pensar bem nos passos que daria ao sair dali. Como um gestor, sempre se destacara no quesito planejamento, obtendo o sucesso, por meio de decisões acertadas. Portanto, não tinha do que reclamar. A vida lhe oferecera uma segunda chance. Teria a oportunidade de conhecer seu filho, que já lhe era muito importante, e, principalmente, reconquistar a mulher que amava.

◆◆◆

— Não tinha ideia de que o seu irmão estaria entre os convidados do casamento – Júlia tentou convencê-lo, porém, Eduardo nem parecia o mesmo de minutos atrás. Seu desconforto era maior do que a tristeza exibida anteriormente.

— E ele estava lá pelo casamento, ou por sua causa? — foi direto e ela demorou um pouco para responder. Novamente, optou pela verdade.

— Ele conhecia o pai da noiva, porém, confidenciou que sua intenção era a de falar comigo.

Eduardo balançou a cabeça negativamente, devia ter imaginado que Ricardo não desistiria tão fácil. Só não imaginava que fosse atrás dela em seu ambiente de trabalho.

— Como chegaram ao acidente? O que ele estava fazendo dirigindo seu carro, Júlia? — tentou não soar tão inseguro quanto estava, porém, sem muito sucesso — Vocês...

— Não, Eduardo! — Júlia desmentiu o que ele não tivera nem a coragem de pronunciar – O Ricardo estava comigo porque... — não imaginou que fosse tão difícil relatar o que acontecera — Porque ele me salvou, quando fui drogada.

— O que? — Eduardo levantou-se, desconcertado diante da revelação, deixando-a sentada — De que raios está falando, Júlia?

Ela mordeu levemente os lábios, nervosa. Nem ela havia compreendido

ainda, como poderia explicar?

— Por favor, sente-se — pediu e ele, por mais nervoso que estivesse fez o que ela pediu, só que se mantendo distante para poder olhar melhor para o rosto dela. Quando tinha toda a atenção dele, falou bem devagar — Alguém no casamento colocou ecstasy em minha bebida — confessou — Ricardo estava lá, quando a droga começou a fazer efeito. Ele me tirou da festa e me levou para o meu hotel.

— Quem fez isso? Quando foi isso? — questionou incrédulo.

— Não sei, Edu, só tomei uma taça de champanhe. Aconteceu no fim da primeira noite — a voz dela saiu em um fio e percebeu a expressão de Eduardo ficar mais carregada do que estava.

— Liguei para você, Júlia, por que não me contou? — tentou entender, sem conseguir, depois se deu conta de que o acidente fora apenas no último dia — Você e o Ricardo estavam juntos desde sexta-feira à noite?

— Já disse que não aconteceu nada, Edu!

— Por que não me explica o que aconteceu, então? Porque não estou entendendo nada. Afinal, omitiu uma série de informações importantes.

— Você confia em mim, ou não? — Júlia quis saber, sentindo a paciência se esgotar.

— Em você confio, não confio no Ricardo — foi sincero — Ainda mais você estando drogada! É muito sério isso, não entendo porque não me contou. Teria ido para lá imediatamente.

— Foi tudo muito rápido, quando nos falamos já havia passado pelo pior. Seu irmão não fez nada além de me salvar — admitiu.

— Como é que sabe, se estava drogada? — insistiu, porque no meio que trabalhava conhecia algumas pessoas que já haviam usado e sabia muito bem que um dos efeitos da droga mexia diretamente com a libido.

— Ele não se aproveitou da minha condição, ainda que tenhamos ficado no mesmo quarto...

— Nossa, só piora! — Eduardo disse inconformado, passando a mão pela boca, nervoso. Viu-a se aproximar de modo a ficarem muito próximos — Por que estavam no mesmo quarto?

— Houve uma confusão no hotel e fiquei sem hospedagem; por causa do meu estado, o Ricardo levou-me para o quarto dele, porém, não aconteceu nada — tentou se explicar, olhando nos olhos dele, pois não queria mais ser acusada de omitir coisa alguma — No dia seguinte, ele conseguiu resolver a questão e se mudou para outro quarto.

— Uau! De repente o cara virou um herói! — Eduardo debochou, magoado — Primeiro, tirando-a drogada da festa; depois, resolvendo a questão do hotel e, finalmente, impedindo que o acidente fosse pior. Começo a pensar que talvez Constância tenha razão.

— Edu, por favor, não aja assim. Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Ele deu um meio sorriso, o mais triste que ela já havia presenciado.

— Não tenho tanta certeza. Nos dois casos, tento descobrir o que estou fazendo de errado e não consigo. Nos dois casos... — completaria dizendo que Ricardo, apesar de todos os defeitos que tivesse, ganhava facilmente o carinho que ele lutava para obter. Júlia o impediu de continuar, dessa vez o beijando. Beijo que ele correspondeu.

— Acredite quando digo que não aconteceu nada, Edu! Não mentiria a respeito de uma coisa dessas — falou, mantendo sua testa junto a dele.

— Não duvido da sua palavra, Júlia. Eu a conheço o suficiente para saber que teria coragem para falar, se tivesse acontecido algo, porém...

— Porém? — afastou-se um pouco, sem perder os olhos dele.

— Passei muito tempo ignorando que vocês tiveram história juntos, têm um filho... Achei que meu amor bastaria — foi a vez de ele acariciar o rosto dela — Porém, às vezes, é impossível competir com o passado.

— O que quer dizer com isso? — ela não entendeu.

— Vou deixá-la na Doce Pimenta — respondeu como se fosse isso o que ela

houvesse perguntado.

— Edu, não me respondeu o que te perguntei — insistiu.

— É muita coisa para lidar ao mesmo tempo, Júlia — levantou-se, antes de se levantar — Você tem razão, tenho que procurar saber mais sobre minhas origens. E nós, talvez...

— Está terminando, é isso? Por algo que não fiz? — os olhos dela se encheram de lágrimas, foi como um déjà vu. A mesma sensação que teve ao ser abandonada retornou. E de repente, por alguns segundos, pensou que aquela deveria ser sua sina.

— Não, claro que não — voltou a se sentar, quando percebeu que ela estava prestes a chorar. Apanhou a mão dela — Nunca agirei como o Ricardo. Só não sei se isso é o suficiente para ficarmos juntos. Meu Deus, Jú! Eu a desejo tanto que chega a doer. Abriria mão de qualquer coisa para ficar com você, só que não estou bem. Não suportaria ser deixado de lado, pois já atingi minha cota de rejeição e, confesso, isso me feriu bastante. Talvez devêssemos ficar um pouco separados, para você ter certeza do que sente e eu resolver a bagunça em que a minha vida se transformou.

Sabia que o que ele propunha era o mais sensato a se fazer devido aos sentimentos confusos que experimentava, porém, não imaginava que aquela decisão a machucaria tanto.

— O Lipe vai sentir sua falta — disse com a voz embargada.

Eduardo a abraçou, não tinha certeza de que estava agindo corretamente, pois conhecia o irmão bem demais e ele usaria essa brecha para se aproximar dela. Porém, precisava muito se sentir querido, amado e, por mais que ela tivesse se entregue na única vez em que ficaram juntos, ainda não estava seguro disso.

— A cadeirinha ainda dele está no meu carro. Posso levá-lo ao colégio, enquanto estiver sem carro e com o braço desse jeito — seu oferecimento foi genuíno.

— Não sei se isso seria melhor ou pior — também foi franca, apoiando a cabeça no ombro dele.

— Nunca faria nada para prejudicar o Lipe, se acha que ele não vai lidar bem com isso...

— Não estou falando dele, Edu — Júlia confidenciou, segurando-se para não chorar.

— Jú — afastou-se dela, devagar, para capturar seus olhos novamente — Faço do jeito que quiser, se for melhor para você não me ver por um tempo...

— Estou confusa também, Edu. Não estava pronta para ouvir isso de você, não depois de ter revelado sobre nós para a minha mãe... A essa altura, acredito que o meu pai já saiba também...

— Você falou? — indagou surpreso e ela fez que sim com a cabeça.

— Verdade que o Lipe ajudou, dizendo que você dorme aqui de vez em quando — confessou.

— Deixe-me adivinhar: sua mãe desaprovou — ela repetiu o mesmo gesto e Eduardo sorriu — Puxa! E ainda assim, manteve-se firme?

— Sim. É minha vida. Amo meus pais, mas sou eu quem decido como levá-la.

— Puxa, Jú! Você me deixa zonzo, faz com que eu me perca, faz com que qualquer plano saia do eixo... Estava pronto para sair por aquela porta e só voltar quando, e se, realmente tivesse certeza de que me queria de volta.

— Não vai mais fazê-lo? — indagou — Agora quem está zonza sou eu.

— Não consigo. Sou inseguro, quando sei que está próxima do Ricardo, mas, saber que assumiu o que temos, encheu meu coração de esperanças, por mais arriscado que seja, Jú. Preciso de você mais do que nunca. Sozinho, neste momento, talvez cometesse alguma bobagem.

Júlia o abraçou e, aliviada, permitiu-se chorar.

— Não chore, por favor — beijou-a no rosto — Só preciso que me prometa...

— O que, Edu? — novamente foi preciso se afastar um pouco para

restabelecer o contato visual.

— Que me dirá, o mais rápido possível, se descobrir que ainda ama o Ricardo...

— Edu...

— Prometa — pediu e ela fez que sim com a cabeça.

— Eu prometo, Eduardo. Agora tem que me prometer algo também.

— Qualquer coisa, Jú.

— Diga que jamais vai me julgar, ou me deixar por algo que não fiz — as palavras dela saíram com tanta dor que Eduardo percebeu o erro que teria cometido, se seguisse com sua decisão: teria agido da mesma forma que o irmão, anos atrás.

— Prometo, senhorita Júlia Pimenta. Só irei embora da sua vida, se me pedir — falou, antes de se aproximar novamente, mas agora para beijá-la, limpando suas lágrimas. Naquele momento percebeu que o caos não lhe era exclusivo, os dois dançavam sobre ele. Depositou vários beijos nos lábios dela, antes de conseguir parar.

— Depois dessa conversa, acho que não tenho condições de ir trabalhar hoje... — Júlia revelou, o quase término deixara claro que não tinha condições psicológicas de retomar sua vida.

— Desculpe-me, não era a minha intenção. Só que depois desta conversa, nem eu tenho condições de me afastar de você — Edu passou os braços atrás do corpo dela, pegando-a no colo, tomando cuidado com o braço que trazia engessado — Quanto ao seu trabalho, nada que uma ligação não resolva – disse, enquanto a levava em direção ao quarto dela.

Capítulo 28

Solange levou quatro dias para conseguir a pessoa mais qualificada para auxiliar Ricardo e, conforme solicitado, passou-lhe o endereço e pediu que levasse tudo o que ele havia pedido, inclusive um novo celular.

Chegou ao hospital tão cedo que Ricardo ainda estava dormindo. Não era permitido acompanhantes para pessoas tão jovens quanto ele, por isso, adiantou tudo o que podia até o horário das visitas para se apresentar.

As dores a cada dia diminuíam mais, ou então, estava acostumando-se a elas. Ainda assim era angustiante não poder se virar de lado para dormir e na primeira semana fora constrangedor não poder se levantar, tendo que usar sonda e tomar banho na própria cama, dado geralmente por uma enfermeira. Tinha a impressão que a maioria das mulheres que trabalhavam ali já o tinham visto nu. Era engraçado, nunca tivera problemas com a própria nudez, mas a situação era totalmente diferente.

Assim, colocar os pés no chão, estar livre da sonda e ser liberado para tomar banho sozinho era quase uma alta. O médico havia lhe falado que estava evoluindo muito bem e talvez precisasse de apenas mais alguns dias, antes de ser liberado para ir para casa. Se tivesse sido apenas a cirurgia no baço, já estaria em casa, mas havia outros hematomas decorrentes do acidente que somados a esta, aumentaram seu período de internação.

Estava no banheiro, quando ouviu as batidas na porta. Soube imediatamente que não eram as enfermeiras, pois elas não batiam, apenas entravam. Respirou aliviado, imaginando que finalmente Solange encontrara alguém que pudesse ajudá-lo.

— Pode entrar — elevou a voz, desligando o chuveiro. Para estar perfeito, só precisava ter conseguido fazer a barba. Mas, alguns movimentos simples, como levantar os braços, ainda causavam um pouco de dor. Assim, por enquanto, deixaria a barba, até que pudesse fazê-la, ou ir a um barbeiro.

Secou-se devagar e cuidadosamente, como havia sido instruído a fazer. O

pós-operatório só era chato por conta da dor que sentia, pois se os seus movimentos fossem muito bruscos o desconforto ainda era grande, fora isso, havia recuperações mais complicadas.

Amarrou a roupa de modo a diminuir a abertura nas costas, outra coisa incômoda, e saiu bem devagar. Quase voltou pelo mesmo caminho, pois deu de cara com uma mulher que não conhecia e que, provavelmente, entrara no quarto errado. Mesmo de costas, e ainda que estivesse de calças, reparou que era bem gostosa. Na tentativa de voltar, deu uma topada na porta.

— Cacete! — deixou escapar, fazendo com que ela se virasse

— Desculpe, senhor Ricardo Vidal — ela ficou constrangida, mais por tê-lo assustado do que pelo palavrão, encarando-o com os olhos tão escuros quanto duas jabuticabas, fazendo menção de ir em sua direção.

— Por favor, mantenha-se aí — pediu, fazendo um gesto para que ela não se aproximasse.

— Meu nome é Vivian Garcia — falou sem graça, mantendo-se parada — A sua secretária me mandou.

Ricardo olhou-a bem. Solange não devia ter entendido direito, caso contrário não teria mandado uma mulher e, principalmente, bonita. Apesar de trajar calça social e blazer, da cor azul escuro, suas curvas ficavam evidentes. Além disso, tinha o tom da pele pela qual ele era fascinado e que fazia com que se recordasse imediatamente de Júlia. Compondo o visual sóbrio, trazia os cabelos lisos, presos de maneira indefectível, em um rabo de cavalo.

— Pode se virar um pouco? — Ricardo pediu, ainda sério demais. Vivian atendeu o pedido prontamente, considerando que o motivo do constrangimento dele fora ter sido flagrado naqueles trajes.

Ricardo sentiu um pouco de dor ao se sentar na cama e se ajeitar. Balançou a cabeça incrédulo, tentando entender o que Sol estava pensando. Afinal, se fosse um homem, não estaria passando por uma situação como aquela.

— Pronto — Ricardo falou, puxando o lençol para se cobrir e a mulher se virou, sem se mostrar perturbada – Disse-me que a Solange lhe mandou?

— Sim, senhor Vidal. Vim para o auxiliar no que for preciso.

— Não é bem como esperava —soou mais franco do que deveria.

— Estou acostumada com isso — sorriu, sem se incomodar, pois realmente não mentira. Porém, como sempre fazia, começou a provar que fora a melhor escolha — Como cheguei cedo, tomei a liberdade de entrar em contato com a polícia: seu celular e documentos foram entregues à sua namorada.

Ricardo fechou os olhos nervoso: de novo aquilo!

— Minha gerente — ele suspirou, quando voltou a abri-los — Aliás, além da Sol, você falou com mais alguém, antes de ser contratada?

— Não, por quê? Deveria ter falado? — não compreendeu.

— Na realidade não, pois duvido que tivesse sido contratada, caso tivesse falado — comentou e ao perceber que ela não entendeu o motivo de estar falando aquilo, resolveu retomar o assunto — Sabe por que minhas coisas não me foram entregues?

— Pelo que pude apurar, estão em posse da sua mãe.

— Tudo bem — Ricardo não ficou feliz em saber, no entanto, pelo menos em relação aos documentos estava mais seguro. Quanto ao celular, nem tanto, pois, se não estivesse danificado, seria um alento olhar para a foto do filho.

— Eu lhe trouxe tudo o que pediu — Vivian continuou — E, saindo daqui, vou ao hotel. Fecharei a conta e deixarei sua bagagem no meu carro. Quanto ao laudo técnico do veículo, ficará pronto em três dias. Pelo que o doutor me disse, talvez coincida com a sua alta.

Ricardo assentiu com a cabeça, impressionado e teve que admitir que Solange sabia o que fazia. Com certeza, levara em conta a competência e não a beleza ao contratá-la.

Deu-lhe mais alguns detalhes das coisas que havia deixado no hotel, inclusive de um pouco de dinheiro que estava na mala e que seria o suficiente para quitar as dívidas que deixara.

◆◆◆

Solange não esperava pela visita, portanto levantou-se assim que Constância parou diante de sua mesa.

— Senhora Vidal — não escondeu a surpresa.

— Antes que me pergunte o que vim fazer aqui, já deixo claro — falou, sem ao menos cumprimentá-la — Quero saber quem é Vivian Garcia e quem a autorizou a cuidar da estadia do Rico no hospital?

— Senhora Vidal, ela foi contratada pelo próprio Ricardo — a secretária respondeu num tom de voz baixo, apreensiva com a reação da mulher.

— Está querendo me dizer que meu próprio filho proibiu o hospital de me dar notícias sobre seu estado? Ou esta mulher tem autonomia para isto?

— Até onde eu sei, o senhor Ricardo que decidiria a autonomia dela...

Constância balançou a cabeça inconformada. E a culpa daquilo tudo era da cozinheira. Cada dia mais a odiava. Não sabia como em tão pouco tempo conseguira virar a cabeça de seu filho do avesso.

— E por que motivo foi preciso contratar outra pessoa, se você já é a secretária dele? E... Além disso, tem a Ellen...

— Ele precisava de nós aqui no Magista e de alguém para auxiliá-lo, enquanto estiver lá — Solange esclareceu, sentindo-se mal, por estar sendo pressionada a contar tudo o que havia conversado com Ricardo.

— Era só o que e faltava, Ricardo rebelar-se a uma altura dessas... Quero saber tudo sobre esta mulher.

— Senhora Vidal eu não tenho autoriza...

— Tem um filho ou filha para sustentar, não tem? — Constância a interrompeu e Solange fez que sim com a cabeça, entendendo a ameaça.

— Sim senhora, uma filha...

— Presumo que tenha sido você quem a contratou... — nem bem acabou e Solange repetiu o mesmo gesto — Portanto, trate de me falar tudo o que sabe a respeito dela — Constância exigiu — E, antes disso, faça com que Ellen venha até aqui.

Mesmo sabendo que aquilo poderia lhe render uma bronca homérica, não foi possível fugir das exigências de Constância e, na sala de seu chefe, diante dela e de Ellen, entregou os dados da recém-contratada, ouvindo o pedido para se retirar.

— Se você não fosse tão incompetente, Ellen, não teríamos chegado até aqui. Era para você ser a pessoa de confiança do Rico, não uma estranha — Constância abriu a pasta com as informações da mulher — Era para termos saído fortalecidas disso tudo e só nos prejudicamos. Essa viagem só fez afastar o Rico...

— Tudo culpa daquela cozinheira — Ellen comentou insatisfeita.

— Sim, embora ainda não entenda o que você foi fazer naquela cidade — Constância olhou-a desconfiada, aquela parte ainda não estava nítida. Bastou abrir a pasta com as informações da mulher para o foco da atenção mudar: é que o currículo vinha acompanhado de uma foto — Não é possível uma coisa dessas. Como se não bastasse a outra, agora mais uma! A senzala está na moda, por acaso?

Ellen só entendeu o motivo do destempero de Constância ao ver a foto da tal Vivian: assim como Júlia, ela também era negra, embora, não fossem nem um pouco parecidas, nem no tom de pele, tampouco no estilo.

— Acha que temos motivos para nos preocupar? — Ellen se recusou a acreditar naquilo.

— Ricardo está tão estranho, que não duvido de nada. Deve levar muito à serio essa coisa de cotas. Com certeza não foi de mim que ele herdou essa simpatia pelas minorias. O outro é igual... — Constância bufou, pensando na conversa que tivera com Eduardo. Não se arrependia de nada que lhe dissera e agora que ele havia descoberto, não precisava suportá-lo, chamando-a de mãe. Quanto ao interesse dele por Júlia, algo que não era nenhuma surpresa para ela, torcia para que ficassem juntos, porque, segundo fizera questão de dizer para ele, o bastardo e a cozinheira combinavam muito mais. Que os dois ficassem juntos e

longe, contanto que conseguisse se reaproximar do Rico para lhe convencer a pedir a guarda de seu neto; afinal, o menino tinha seu sangue. Leu as informações que julgou necessárias — Apesar de não ter gostado desta nova funcionária, ainda não quero me ocupar com ela. Meu foco ainda é manter meu filho longe da cozinheira.

— Não sei como é possível, pois, como você mesma disse, tentamos e saiu tudo errado... — Ellen não quis demonstrar seu desânimo, porém, não conseguiu — Eles estão mais próximos agora do que antes.

— Vou pensar em algo, Ellen — Constância prometeu — E dessa vez, você apenas assistirá para aprender como se faz.

◆◆◆

— Para com isso, Edu! – Júlia pediu, porém, ele não atendeu o pedido, batendo mais uma foto. Ao retornar e vê-la ainda deitada, ele não resistira, descendo para apanhar a câmera.

Na noite passada, após deixar o filho com a prima, Júlia e Eduardo haviam saído com o pessoal do Doce Pimenta para comemorar o aniversário do Rui e, na volta, ela, pela primeira vez, dormira no apartamento dele. Depois de tudo o que acontecera, havia sido também a primeira ocasião em que tirara o foco do trabalho, obrigando-se a participar da comemoração de seu amigo em um barzinho. Como voltara mais meticulosa do que nunca, inclusive preparando duas belas cestas de café da manhã para serem entregues aos recém-casados na tentativa de suavizar tudo o que acontecera na festa, achou que devia aquele momento de desconcentração à sua equipe.

— Como poderia? É um sonho, você posando para mim — provocou-a, malicioso.

— Não estou posando, você está batendo as fotos sem a minha permissão, é diferente.

— É que fica muito bem com a minha camisa — sorriu — Posa pra mim vai, Jú — pediu, movimentando-se ao redor da cama, tirando algumas fotos.

— Tenho que ir para a Doce Pimenta, não tenho tempo para tirar fotos! Vê se apaga isto, por favor — tapou o rosto com a mão.

— Não sei para que a pressa, todos foram embora no mesmo horário. A confeitaria hoje estará toda de ressaca — comentou bem-humorado, voltando a fotografá-la — Quer dizer, quase todos. Afinal, você não bebeu.

— Continuo tomando remédio para este braço — Júlia fez questão de recordá-lo — Espero que o Lipe não tenha dado trabalho para a Sarah.

— Aquele carinha não dá trabalho, pelo menos quando a mãe não está por perto, então fique calma — Edu a tranquilizou, antes de tirar mais uma foto, desta vez da silhueta de seu corpo.

— Espero que não fotografe sempre assim, só de cueca — ela apontou para ele, usando o comentário para disfarçar seu desconforto.

— Claro que não fotografo assim — riu — E não se preocupe, apagarei. Não sei como pode odiar fotos, é tão bonita. Além do mais, nem é um nude, está mais sensual do que sexual, lembre-se de que namora um fotógrafo profissional e jamais deixaria a minha namorada vulgar — sorriu novamente — Ainda que você nua seja uma visão e tanto, não dividiria com ninguém.

Pouco antes de deixar a cama, o clima havia ficado um pouco estranho, quando ele sugerira falar com os pais de Júlia e ela não concordara.

— Por favor, não vamos piorar o que já está ruim. Conheço o meu pai e ele não o trataria bem. Basta pensar que minha mãe já sabe de tudo e até hoje ele não me pediu desculpas.

— Só queria desfazer o mal-estar. Não tenho problemas em falar sobre o que sinto por você.

— Desculpe, Edu, mas meu pai enxergará apenas sua família, seu sangue... — só depois que ela disse, é que se deu conta do que havia falado — Quer dizer...

— Não precisa se corrigir Jú... Se eu ainda não assimilei, imagine você — Eduardo amenizou a falta de jeito dela ao citar suas origens — Por mim, conversaria tranquilamente com o seu pai, porém, se você não quer, não vou

forçar a barra.

— Estamos juntos — fez questão de deixar claro — E não precisamos nos explicar para ninguém — ficou séria — E quanto à viagem? Já se decidiu?

— Sim — assentiu com a cabeça — Vou para o Paraná, tentar saber mais sobre a minha mãe. No entanto, retorno a tempo... — fez uma pausa, inclusive no ato de fotografá-la — Já que é preciso voltar ao local do acidente, faço questão de ir.

Júlia fez que sim com a cabeça. Voltar de carro com Sarah, após o acidente, já havia sido estranho e, por isso, não queria retornar à cidade. Aceitara de bom grado o oferecimento de Eduardo. Ela já estava em posse de todos seus pertences, contudo faltava ter acesso ao laudo do acidente. As primeiras notícias que tivera falavam em perda total de seu carro. Após esse resultado, saberia como a seguradora de seu carro procederia. Por não haver vítimas, o caso não iria para um tribunal, no entanto, um delegado, da cidade onde ficara hospedada, receberia o parecer.

— Então, será como combinamos: assim que retornar, vou até lá — afirmou, fazendo uma careta ao vê-la levantar — Ainda é cedo, Júlia! Volta pra cama.

— Tenho que tomar banho, passar em casa e ir trabalhar — explicou, pois não havia nenhuma peça de roupa sua lá.

— Serei seu motorista, não se preocupe. Mas isto é algo para melhorarmos, afinal tem bastante espaço no meu closet. Pode deixar algumas roupas aqui para ocasiões como esta.

— Vou pensar nisso — sorriu, fazendo que baixasse a câmera a passar por ele.

— Já que se recusa a ficar um pouco mais, posso, pelo menos acompanhá-la no banho? – questionou malicioso.

— Só se deixar essa câmera aqui — Júlia respondeu sem titubear.

— Que câmera? — ele sorriu, deixando sua câmera em cima da cama

◆◆◆

Ricardo só não estava surpreso com a eficiência de Vivian porque confiava em sua secretária e sabia que ela escolheria a pessoa mais qualificada para ajudá-lo. Nos dias em que o apoiou sempre respondeu suas perguntas, antes que as fizesse, deixando-o sem palavras por algumas vezes.

— Terá que me esperar aqui, pois, embora esteja de alta, não acredito que o ambiente seja o mais adequado para alguém que acabou de sair do hospital.

— Tudo bem, se você me trouxer as informações que preciso! Afinal, não tenho a menor vontade de ir até lá — Ricardo foi sincero. Nem acreditava que estava voltando para casa. Se não fosse a gravata, já estaria pronto para ir embora, porém, não se preocupava em ter que esperá-la, pois havia se acostumado àquele lugar, onde podia refletir sobre tudo o que acontecera. Ele tentou duas vezes dar o nó na gravata, coisa que fazia com extrema facilidade, porém, ainda sentia dor. Não tanto quanto nos primeiros dias, porém, o suficiente para incomodá-lo.

— Com licença — Vivian percebeu as duas tentativas frustradas e não conseguiu ficar parada. Porque o paletó do tailleur limitava seus movimentos, tirou-o, colocando-o sobre a poltrona ao lado da cama e se aproximou dele, fazendo-lhe um gesto para que passasse a gravata. Ricardo hesitou por alguns motivos. Apesar da eficiência, pouco haviam conversado, assim sendo, tinham pouca intimidade e ela não estava sendo paga para aquilo — Por favor, senhor Vidal.

Ricardo cedeu e entregou a gravata. Vivian apanhou-a e primeiro ajeitou a gola da camisa dele, antes de colocá-la sobre ela e começar, passo a passo, sem pressa, a dar o nó, ficando com o rosto bem próximo ao dele para fazê-lo. Quando ela acabou, Ricardo se viu sem graça com a proximidade, por conta do último, e não menos importante, motivo: aquilo lhe ativava lembranças longínquas, pois quando estavam juntos, Júlia costumava fazer o mesmo. E sempre ao fim, quando o nó já estava perfeito, acabam se beijando.

Eduardo abriu a porta no exato momento e se deparou com a cena. Imediatamente arrependeu-se de ter ido até lá, pois lhe pareceu que ele e a mulher estavam flertando.

Enquanto dirigia para a cidade, decidira visitar o irmão, agora que descobrira que ele era seu único parente. De algum modo, por mais difícil que fosse, queria fazer as pazes com ele. Esperava por uma conversa franca e difícil, e não o encontrar muito bem acompanhado, em clima de romance.

— Certas coisas não mudam — comentou desgostoso, chamando a atenção dos dois, mas se dirigindo ao irmão — Nem parece o senhor da verdade. Você me condena e continua o mesmo cara das colunas sociais! Atendimento em domicílio? Mandou vir de São Paulo ou essa conquista é daqui mesmo?

Vivian entendeu a insinuação e não gostou. Quem aquele homem achava que era para ofendê-la daquela maneira? Abriu a boca para retrucar, porém nem teve tempo: Eduardo girou sobre os calcanhares e saiu batendo a porta.

— O que foi isso? — questionou visivelmente irritada.

— Parece que meu irmão achou que havia algo entre nós — Ricardo respondeu tão passado quanto ela — Tirou as conclusões, antes de perguntar — seria cômico, se não tivesse sido constrangedor, pois ele quem costumava agir daquela maneira.

— Foi extremamente grosseiro e sem educação. Agiu como se eu não estivesse aqui, ou como se, mesmo estando, não tivesse voz ativa. Reduziu-me a uma conquista... — continuou indignada, sem coragem de pronunciar como ela a fizera se sentir.

— Vivian, poderia tentar te explicar a natureza de nosso conflito, porém, era capaz de passarmos mais um mês aqui e, ainda assim, você não chegar nem perto de entender. Portanto, só me resta pedir desculpas pelo comportamento dele.

— Perdoe-me, também, a sinceridade, senhor Vidal, porém, não tenho interesse em saber nada a respeito deste cavalheiro e não aceito suas desculpas, já que a ofensa não foi feita pelo senhor — disse séria e Ricardo lhe apreciou a coragem e a personalidade, preferindo não insistir. Na realidade, ele ficara surpreso com a presença de Eduardo ali e tinha esperanças que ele não comentasse com Júlia o que julgava ter visto.

Vivian chegou à delegacia pisando duro, provocando uma música ritmada com os seus saltos batendo no piso. Ainda estava bastante aborrecida com o

acontecimento. Tinha como marca registrada seu profissionalismo e aquela insinuação havia feito com que se sentisse um objeto. Por mais bonito e charmoso que fosse seu patrão, não o olhara desse modo, logo estava ofendida por ser tratada como uma amante, ou uma acompanhante.

Verdade que estava ganhando muito bem para aquele trabalho que, parecia, tinha seus dias contados, porém, não tinha sangue frio para aturar coisas daquela natureza. Onde já se viu, ofender e se retirar, sem dar à outra pessoa a chance de responder?

Tentando não pensar no ocorrido, apresentou-se ao policial como a representante do senhor Ricardo Vidal e não entendeu o sorriso no rosto do guarda. Aquele estava longe de ser o seu dia junto do sexo masculino.

O policial a acompanhou até a porta da sala do delegado e deu duas batidas. O delegado permitiu a entrada, mas o policial apenas abriu a porta e inclinou o tronco em direção ao interior da sala.

— Chegou a outra parte envolvida — anunciou e Vivian ouviu o delegado pedir que a fizesse entrar. O policial fez-lhe um gesto e ela entrou na sala, fazendo com que o delegado e o outro homem que estava com ele se levantassem. Para seu desgosto, esse homem em pé, em frente à cadeira ao lado daquela na qual se acomodaria, era o mesmo que, momentos atrás, conseguira tirá-la do sério, algo bastante difícil.

Eduardo ficou surpreso ao vê-la entrar. Não sabia que ela estava ali a trabalho e tampouco se lembrava dela como uma das funcionárias de seu irmão. Não que conhecesse todas, porém, tinha lembrança da secretária dele e de seus advogados. Sabia que Ricardo, como homem de negócios, não mandaria alguém que não fosse de confiança para representá-lo, portanto, ficou intrigado, pois nunca a tinha visto antes. Ao mesmo tempo, lembrou-se do quão deselegante fora no hospital ao citar "atendimento em domicílio".

— Prazer delegado, sou Vivian Garcia — falou apenas para o delegado e, mesmo sem se virar para o irmão de seu chefe, sentiu o olhar dele em seu rosto — Sou assistente pessoal do Senhor Vidal.

— Então, deve conhecer o senhor Eduardo Vidal — o delegado disse, fazendo com que ela olhasse para ele, sem a menor simpatia.

— Vagamente — Vivian falou rapidamente — Só não entendo sua presença, pois eu sou a representante do senhor Ricardo, não ele — agiu como se Eduardo não estivesse ali, falando apenas com o delegado.

— Estou aqui em nome da outra parte envolvida no acidente — Eduardo falou, mesmo sem ser questionado, olhando para ela, sem que ela se virasse para olhá-lo — Minha namorada, Júlia Pimenta.

Capítulo 29

— Simplificando, o senhor está querendo dizer que...? — Eduardo começou, porém Vivian o interrompeu.

— Que há indícios de má conservação do veículo — completou impaciente, pois o delegado já havia feito um rodeio e tanto para chegar até ali e não queria ouvi-lo repetir a mesma ladainha técnica novamente, só para fazer com que o arrogante ao seu lado entendesse.

— Impossível — Eduardo recusou-se a acreditar, falando para o delegado — A revisão foi feita, antes da viagem.

— O senhor tem certeza disso? — o delegado se inclinou para frente, interessado na resposta dele.

— Absoluta, a Júlia é muito cuidadosa nesse sentido, jamais andaria em um veículo que representasse algum risco.

— Muitas mulheres não se atentam a detalhes como esse — Vivian discordou dele.

— Estou falando da Júlia, não de "muitas mulheres" — Eduardo retrucou, virando-se para corrigi-la — Por acaso a conhece? — não conseguiu se conter.

— Bem... — Vivian sentiu-se idiota e se arrependeu de ter feito o comentário. Odiava admitir, porém ele estava correto. Não a conhecia, só que o simples prazer de discordar dele, fez com que abrisse a boca.

— Ela usa o carro para transportar o filho e jamais o exporia a qualquer perigo — Eduardo não esperou que ela respondesse, sua falta de jeito já havia respondido — Sei do que estou falando, nisso a Jú... a Júlia é bastante cuidadosa, o carro passou por inspeção, como faz toda vez que viaja.

Vivian ignorou a indireta. Na verdade, era interessante ver o modo como ele defendia a namorada. Quanto à isso, estava um pouco perdida. Ricardo não lhe dera muitos detalhes sobre o acidente, porém, não conseguia entender o que

fazia ao dirigir o carro da namorada do irmão.

— É estranho isso, senhor Vidal, pois foi constatado que quase não havia fluido de freio; o mangote não estava cortado, mas frouxo e, provavelmente, o vazamento ocorreu, antes de apanharem o carro; talvez, durante a noite inteira.

— E se o carro tiver sido sabotado? — Eduardo recordou-se do fato de Júlia ter sido drogada e não conseguiu descartar a possibilidade. Foi impossível não notar a expressão incrédula da mulher ao seu lado.

— Sua namorada tem inimigos, senhor Vidal? — o delegado se interessou, pois se o carro havia passado por uma revisão, era muito estranho que não tivessem notado o mangote frouxo.

— Talvez — Eduardo admitiu — Posso parecer paranoico, porém, não é aconselhável investigarem essa possibilidade?

— Se trouxer algum documento que comprove que o carro passou por uma revisão, antes de vir para cá, posso conseguir isso sim — o delegado foi condescendente e Eduardo entendeu que muito se devia ao seu sobrenome — Isso o ajudará junto à seguradora também.

— Obrigado — agradeceu e Vivian pensou que, quando ele desejava, conseguia ser educado.

O delegado ofereceu uma cópia do laudo para cada um. Eduardo o apanhou, dizendo que aquele era provisório e viu a mulher olhá-lo como se fosse louco. Levantaram-se quase ao mesmo tempo para irem embora.

— Obrigada pelo seu tempo, senhor Palhares — ela estendeu a mão delicada, de unhas bem feitas, em direção ao delegado que a cumprimentou educadamente.

— Retornarei com o documento que solicitou — Eduardo avisou, apertando a mão do delegado, numa despedida formal. O homem os acompanhou até a porta da sala, a qual fez questão de abrir. Vivian foi a primeira a sair e Eduardo constrangido notou que o olhar do delegado passeou pelas pernas e fixou-se no quadril da nova assistente de seu irmão. Cumprimentou-o mais uma vez, de modo a fazer com que parasse de olhá-la daquela forma desrespeitosa. Não haviam tido um bom começo, porém, isso não fazia com que esquecesse das

coisas que acreditava e não gostava de presenciar cenas como aquela sem se incomodar.

Vivian suspirou entediada. Não adiantou apertar os passos, pois quando percebeu, o irmão de Ricardo já estava ao seu lado.

— O Ricardo continua sem nenhum tato, uma delegacia definitivamente não é lugar para uma mulher — Eduardo comentou e Vivian voltou o rosto para ele, sem parar de andar. Pela primeira vez ele pôde notar como era bonita e, mesmo não achando certo, compreendeu o comportamento do delegado.

— Suponho que vá dizer na sequência que as mulheres nem deveriam trabalhar, mas ficarem em casa, porque os homens são os provedores e todo esse blá blá blá imbecil — revidou, impressionada com a intensidade daqueles olhos azuis.

Eduardo não esperava pela resposta, pois ela acabara de sugerir que fosse machista e isto estava longe de ser verdade. Deveria ter ficado quieto, visto que só falara aquilo pelo modo como o delegado a olhara, pois sua intenção era apenas a de se desculpar.

— Supôs errado... — defendeu-se, mas não teve tempo de concluir e de retomar o plano inicial, pois ela não deixou que terminasse.

— Então estamos quites, pois ao que me parece, horas antes. tomou-me por uma escort — interrompeu-o mordaz, saindo do prédio, fazendo com que ele desse passos mais longos para alcançá-la.

Vivian parou de andar, assim que ele a alcançou do lado de fora da delegacia.

— Será que podemos estabelecer uma distância razoável? Não estou na cidade para perder meu tempo com conversas que não levarão a lugar algum — disparou — Se você não tem trabalho a fazer, peço, por favor, que me deixe continuar o meu.

— Você é sempre assim, tão mal humorada? — curioso, ignorou o que ela disse. Recebeu um olhar tão frio que quase fez com que se arrependesse da pergunta.

— Apenas quando não estou à vontade — respondeu, encarando-o e odiou o

início de um sorriso que percebeu no rosto dele — Disse algo engraçado?

— De maneira alguma, com esse seu humor, acho até impossível que consiga fazê-lo — Eduardo respondeu naturalmente. Haviam começado com o pé esquerdo e não estava vendo jeito de consertar, parecia que a situação só se complicava. Nunca lhe acontecera algo assim, portanto achou engraçado topar com uma mulher com um gênio daqueles. Tentando amenizar o atrito, resolveu mudar de assunto, desistindo de pedir desculpas, ao perceber que ela estava arisca à sua presença — O que falará para o Ricardo, referente ao laudo?

— Falarei para o senhor Vidal, aquilo que ouvi. Quanto ao resto, acho que você está assistindo a muita série policial.

Eduardo calou-se, pensativo. Ricardo tinha mil defeitos e não estavam se dando muito bem nos últimos tempos, mas era alguém extremamente influente e poderia ser de muita valia, para ajudá-lo a descobrir uma eventual sabotagem. Se Júlia estivesse correndo perigo, precisava enxergar no irmão um aliado que não deveria dispensar.

— Pois eu pensaria duas vezes, antes de omitir esta possibilidade do Ricardo — advertiu-a e começou a caminhar em direção ao seu carro. Dessa vez, ela quem foi atrás dele, pois não havia gostado daquele tom de aviso.

— O que quer dizer com isso? — aproximou-se, antes que ele entrasse no carro.

— Que meu irmão não a perdoará, se lhe esconder esta informação.

— É apenas uma suposição fantasiosa, nem mesmo o fato de ele estar dirigindo faz dessa hipótese uma informação vital — manteve a calma, embora estivesse incomodada com a certeza dele. Eram irmãos, por mais grosso que ele fosse, conhecia seu chefe melhor do que ela.

— Realmente, não estou me referindo ao fato de ele estar na direção, mas à chance de a mãe de seu filho ter sido o alvo — Eduardo corrigiu-a, entrando no carro sem se despedir, fechando a porta e a deixando completamente perdida com aquelas informações.

◆◆◆

— Sei que não devia te dizer isso, já que fui uma das maiores incentivadoras de vocês juntos — Sarah começou e viu Júlia arquear uma das sobrancelhas, sinal de que ela não estava apreciando muito a conversa — Mas...

— Mas o que, Sarah? — Júlia ajeitou a tipoia, abaixando um pouco o fogo. Estavam na casa da prima que a havia convidado para almoçar com ela. Júlia só não sabia que o convite era para cozinhar. Soube apenas quando chegou e viu os ingredientes separados.

— Começo a duvidar das minhas convicções. Estou com receio de estarem fazendo a coisa errada — Sarah admitiu e Júlia ficou esperando que ela completasse, dando algum sentido ao que havia acabado de falar — Essa história do Edu é muito forte, prima. Vocês dois estão quebrados, isso é evidente, mas tenho medo de que, em vez de se restaurarem, se esfacelem ainda mais...

— Esta sua mudança está me confundindo, Sarah, diga de uma vez o que quer dizer — Júlia pediu, pois, embora já tivesse entendido, queria ouvir com as palavras dela.

— O Edu já passou por muita coisa, Jú, assim como você. Mas as feridas dele são recém-descobertas. E se esse namoro de vocês não der certo? E se descobrir que ainda gosta do Ricardo? Eu vi como saiu mexida do hospital, após ter se despedido dele... Você e o Edu acabarão sofrendo mais...

— Eu e o Ricardo somos passado, Sarah — Júlia apagou o fogo e procurando uma colher para poder experimentar o risoto de camarão. Se tinha facilidade com os doces, não era totalmente segura quanto aos pratos salgados — Minha vida está uma bagunça, preciso colocá-la no eixo. Não vejo ninguém melhor do que o Edu para isso.

— Não morava aqui em São Paulo, quando namorava o Ricardo. Porém, tenho certeza de que não estava com ele para colocar sua vida no eixo — Sarah contestou a declaração dela — O melhor é estar com uma pessoa que vire nossa vida de cabeça para baixo e, ainda assim, tudo faça sentido. Entende o que quero dizer? Sei que vocês se dão bem entre quatro paredes, porque você já me disse, mas seria pedir muito que estivesse totalmente arrebatada?

— Sarah, seus ideais estão românticos demais — Júlia disse se afastando do fogão — Pode servir.

— Talvez — Sarah deu de ombros, apanhando dois pratos no armário e tomando o lugar em que Júlia estava — Eu e o Wagner andamos conversando.

— E vão oficializar de vez? Afinal, já estão morando juntos mesmo... — Júlia indagou, sentando-se à mesa. Os talheres e os copos já estavam dispostos, esperando apenas pelos pratos.

— A gente vai dar um tempo — Sarah respondeu, surpreendendo-a.

— Como é? — Júlia não acreditou, vendo a prima servir um prato para ela e estendê-lo para que o apanhasse.

— Quero ter certeza, Jú, antes de dar um passo tão grande assim. Para oficializar é preciso estar cem por cento segura... — agora serviu um prato para si mesma e foi juntar-se à Júlia na mesa — O Wagner também vai também poder pensar se é o que realmente deseja... Se eu sou a mulher com quem quer se comprometer, ter filhos, constituir uma família, como dizem.

— Por essa não esperava, vocês estavam tão bem! E qual a duração disso? — questionou preocupada.

— Uns meses — Sarah falou dando uma garfada — Isso está divino!

— Não minta, Sarah, você que está com fome! Preparou-me uma armadilha: foi me buscar no Doce Pimenta só para você se alimentar — Júlia brincou, tentando disfarçar que ficara triste com a notícia, pois gostava dos dois juntos, eles se completavam — Espero que saibam o que estão fazendo.

— Eu digo o mesmo para você, Jú — Sarah sorriu, antes que começassem a comer em silêncio.

◆◆◆

Saber que ele estava certo, fez com que Vivian se sentisse tola, pois bastou mencionar a desconfiança do irmão para Ricardo enchê-la de perguntas. Foi estranho perceber que a mesma Júlia mexia tanto com o patrão. Pegou-se imaginando o que ela tinha de tão especial. Quando finalmente o interrogatório dele terminou, foi a sua vez de tentar entender tudo o que estava acontecendo.

— Perdoe-me, senhor Vidal — começou, quando apanhavam a estrada de volta para São Paulo.

— Pode me chamar de Ricardo — pediu, preocupado com a chance de Eduardo ter razão.

— Estou totalmente perdida nesta história. Confesso que não entendi muita coisa. Desculpe-me se for muito direta, no entanto, entendi que a mulher que estava em sua companhia é a namorada de seu irmão.

Ricardo, contrariado, fez que sim com a cabeça.

— E ela é mãe do seu filho? — Vivian indagou tão confusa, quanto a situação lhe parecia.

— Eu te avisei que seria difícil explicar a natureza de nosso conflito — Ricardo a recordou e Vivian entendeu que a mulher era o motivo, a "natureza do conflito" — Vou tentar resumir: há alguns anos, quase me casei com a Júlia e atualmente ela e o Eduardo estão juntos — pelo menos por enquanto, pensou.

Vivian não conseguiu esconder a estranheza que a revelação lhe causou. Primeiro, não conseguiu evitar o julgamento, afinal que tipo de mulher se envolve com dois irmãos? Depois, quis entender se o homem que lhe contratara, abandonara uma mulher grávida. E, por fim, se ela já estava com o outro, por que Ricardo dirigia seu carro? Compreendeu que um resumo não era suficiente para fazê-la entender.

— Prometo te explicar melhor, quando chegarmos.

— Pensei que meu trabalho terminasse, assim que o deixasse no hotel — revelou, surpresa.

— Vou querer acompanhar de perto essa história de sabotagem e não poderei voltar à cidade — Ricardo explicou — Já perdi muitos dias de trabalho e, como dizem, é o olho do dono que engorda o gado. Preciso retomar a administração do hotel, atualizando-me sobre tudo com a Sol. Por esse motivo, quero que continue a trabalhar para mim. Depois de te explicar tudo, vou te passar o contato do meu irmão. Como é eficiente, não terá dificuldades em fazer com que ele lhe mantenha a par de tudo.

Vivian não tinha tanta certeza assim, afinal, tinha classificado a ideia de suposição fantasiosa e achava bem complicado estabelecer contato com alguém com quem mal conseguia conversar. Além disso, ainda não entendera porque para Ricardo a possibilidade era aceitável. Esperava que a explicação detalhada a fizesse entender isso também.

◆◆◆

Eduardo espreguiçou-se no sofá, cansado. Chegara um pouco depois das três e, mal entrara no apartamento, já recebera uma ligação de trabalho. Editoriais de moda eram os mais cansativos, porque tinha que lidar com modelos e, entre estes, fossem femininos ou masculinos, havia muitos pedantes, algo que significava paciência em dobro.

Imediatamente recordou-se da nova assistente mal humorada de Ricardo e balançou a cabeça negativamente. Fazia tempo que não topava com alguém tão irritante.

— Já tomou muito do meu tempo — comentou alto, afastando-a de seus pensamentos e se levantando para apanhar a máquina fotográfica. Conforme havia prometido para Júlia, estava apagando as fotos que tirara dela em sua cama. Porém, não resistira, e havia deixado as duas mais ousadas que conseguira tirar dela, nas quais não cobrira o rosto com a mão. Enquanto não a encontrava pessoalmente, deleitava-se com a imagem dela.

Na noite anterior à sua viagem, olhando para aquelas mesmas fotos, havia ligado para ela só para dizer que se dependesse dele, estaria ao lado dela. Agora, sua vontade era a mesma, afinal tinha muita coisa para contar, não só a respeito do laudo, como também, sobre o pouco do que havia descoberto a respeito de sua mãe. Porém, não a atrapalharia em seu trabalho, mesmo porque a noite não demoraria a chegar e a veria, matando, pelo menos um pouco, sua saudade.

◆◆◆

— Nossa, sem palavras para dizer o quanto é bom estar em casa — Ricardo livrou-se com alguma dificuldade do paletó. A barba ainda o incomodava um pouco — Muito obrigada, Vivian.

— Só fiz o meu trabalho — Vivian sorriu, admirando a suntuosidade do lugar. Para ela, Ricardo era um enigma, pois estava acostumado a viver muito bem e, no entanto, tinha aceitado ficar em um hospital modesto — Agora, creio que deseje ficar sozinho.

— De maneira alguma, sei que também não comeu nada, portanto, estou convidando-a para fazer uma refeição comigo.

— Não sei, senhor Vidal...

— Ricardo — ele a corrigiu — Mesmo porque você me disse que não entendeu nada, queria te contar, porém, calmamente — apanhou o telefone sem fio e se sentou no sofá — Só preciso fazer um telefonema — argumentou, fazendo um sinal para que ela se sentasse — Só o tempo de me livrar dessa barba.

— Tudo bem — ela desabotoou o tailleur e sentou-se, observando Ricardo ao telefone. Notou o aborrecimento dele por não conseguir um barbeiro que o atendesse imediatamente. Quando ele desligou, Vivian intrometeu-se tailleur Você tem aí uma navalha?

Ricardo sorriu, duvidando do que ela acabara de dizer.

tailleur Está sugerindo que saiba fazer a barba usando uma navalha?

— Estou afirmando. Meu pai era barbeiro e tenho um irmão mais novo em quem já treinei bastante — Vivian revelou com segurança — Se tiver tudo o que é necessário, posso fazer a sua barba.

— Tem muitas qualidades, Vivian — Ricardo disse bem-humorado, sem conseguir evitar um pensamento malicioso, pois se não estivesse tão obstinado em reconquistar Júlia, gostaria de desvendá-las, uma a uma — Se puder fazer isso por mim, ficarei em dívida, porque estou bastante incomodado com essa barba.

— Basta me dizer onde posso encontrar tudo o que preciso — falou decidida, começando a tirar o paletó do tailleur.

◆◆◆

Ellen só ficou sabendo que Ricardo havia chegado, ao descobrir, por acaso, o pedido de refeição a ser entregue no quarto dele.

— Por que não me disse que o Rico havia chegado? — questionou para Fátima. A recepcionista olhou para ela, sem saber o que responder, afinal não tinha sido informada de que deveria avisá-la, quando ele chegasse — Deixa para lá, vou falar com ele — deu-lhe as costas e se encaminhou para o elevador, antes que Fátima tivesse tempo para lhe dizer que ele não estava sozinho.

Como o pedido da comida já havia sido feito, Ricardo deixara a porta aberta, para não precisar abri-la, quando fossem entregá-lo. Ellen estranhou que a porta estivesse apenas encostada, no entanto, isso não impediu que entrasse, achava que o pior que poderia acontecer era flagrá-lo nu, o que não seria tão mal assim, mesmo porque gostara muito da visão, na única oportunidade em que o vira assim.

Porém, bastou entrar para escutar as vozes. Nem se recordou da tal assistente, só conseguiu imaginá-lo com outra mulher e seu coração acelerou. Pela direção, o barulho vinha do banheiro. Conseguiu imaginá-lo na hidro com alguém, do mesmo modo que estiveram um dia e mesmo assim não deteve seus passos. Quando finalmente chegou à porta do banheiro a imagem que viu não foi tão chocante quanto a que imaginava, no entanto não a deixou nem um pouco feliz. A assistente, que tinha visto apenas pelas fotos, estava terminando de fazer a barba dele, muito perto de seu rosto, passando a navalha com extremo cuidado na pele de seu pescoço. Ricardo estava com os olhos fechados e se a mulher se inclinasse um pouco mais seus rostos se tocariam, de tão próximos que estavam. Ela estava tão compenetrada no que fazia que nem notou sua presença.

Com medo de assustá-la e ela machucar Ricardo, pisando devagar para não fazer barulho, voltou para a sala e de lá para a entrada do apartamento, batendo na porta, como se tivesse acabado de chegar.

Ricardo abriu os olhos, observando Vivian concluir e apanhar uma toalha para tirar o pouco de creme de barbear que ainda sobrara. Quando acabou, caminhou até a pia para limpar a navalha.

— Acredito que a refeição chegou — Ricardo comentou entre um sorriso. Estava aliviado em se livrar da barba e satisfeito por ver que ela não mentira.

Ellen caminhou novamente até o banheiro, como se fosse a primeira vez que

fazia o trajeto.

— Rico? Então é verdade que já retornou? — falou, chamando a atenção dele.

Ricardo não disfarçou o fato de não ter gostado de vê-la ali, o que ficou nítido por sua expressão carregada. Vivian parou de fazer o que estava fazendo e Ellen também não fez questão alguma de ser discreta, medindo a mulher que estava com ele dos pés à cabeça.

— E você quem é? — fingiu que não sabia.

— Não me lembro de tê-la chamado aqui, Ellen — Ricardo irritou-se com o fingimento dela, porque Sol havia lhe contado que ela e sua mãe haviam descoberto sobre sua nova assistente.

— Eu vim, há muita coisa a saber sobre o Magista — Ellen rebateu, incomodada com o modo como ele a estava tratando na frente de uma estranha. Vivian ficou a observar a cena e não conseguiu definir se estava diante de uma funcionária ou de uma namorada ciumenta.

— Temos muito a conversar — Ricardo admitiu, mas antes que ela se empolgasse concluiu — Porém, não aqui, nem agora. Quando for oportuno, eu a chamarei.

— Mas Rico... — tentou contra-argumentar.

— Pelo que me consta, ainda é minha funcionária — recordou-a — E nesta condição, eu determino e você cumpre.

Ellen engoliu em seco e fez que sim com a cabeça, sentindo o rosto arder, ao ver que a mulher presenciava tudo. Pediu licença para se retirar.

— Outra coisa complexa para me explicar? — Vivian questionou, assim que ela saiu, fazendo Ricardo sorrir.

◆◆◆

Júlia voltou e sentou-se no sofá com Eduardo, aninhando-se nos braços dele.

— Eu disse que ele não havia acordado — Eduardo brincou, abraçando-a — Tenho um jeito e tanto com crianças e quando eu o coloco na cama, raramente acorda.

— Deixa de ser convencido Edu! — Júlia sorriu, mascarando a preocupação. Eduardo tinha falado por alto da suspeita de sabotagem; só não conseguiram se aprofundar no assunto pela presença do garoto. Por isso, fez-se séria e perguntou — Acha que tem alguém que me odeie tanto a ponto de querer meu mal?

— Você é linda, talentosa, forte e adorável. Se existe alguém assim, o problema é com esta pessoa, sem dúvida — falou massageando os ombros dela.

— Estou falando sério — ela insistiu.

— Eu também — disse concentrando-se no pescoço dela.

— Então me responda — pediu.

— Vou descobrir quem está por trás disso, Jú, prometo — parou a massagem para abraçá-la — Seja lá quem a drogou, ou, se alguém mexeu no carro, vou me empenhar para descobrir.

— Tenho medo, Edu. O Lipe depende de mim, se algo me acontecer...

— Não vai te acontecer nada — não deixou que continuasse, beijando-a em seu pescoço, antes de falar bem baixinho em seu ouvido — Voltarei lá com os papéis que comprovam a vistoria em seu carro e a polícia investigará melhor.

Júlia tentou sorrir, como não conseguiu, resolveu mudar de assunto.

— E como foi lá em Curitiba? Descobriu alguma coisa?

— Pouca coisa; soube que os Gatti, como o nome sugere, eram descendentes de italianos. Fui ao cartório onde a minha mãe foi registrada e consegui uma pista, acho que tenho tios, que moram no interior do Paraná. Consegui alguns endereços, preciso voltar para averiguar melhor. Ao contrário do que Constância disse, parece que ela vinha de uma família de poucas posses, mas de muito caráter.

— Você duvidava disso, Edu? — Júlia virou o tronco para conseguir olhá-lo

— Você tem que ter herdado algumas qualidades também do lado materno. Eu também não a conheci, mas tenho certeza de que foi uma mulher tão encantadora quanto o filho.

— Só você, Jú para me animar — Eduardo disse, antes de beijá-la rapidamente — É por isso que adoro sua companhia. Estava tão irritado hoje que estava contando as horas para vê-la.

— Você irritado, Edu? — Júlia estranhou — Por que?

— Exagerei um pouco — Eduardo minimizou — Na realidade, acho que foi tudo. Afinal, todo dia conto as horas para estar com você. E, pode acreditar, saber que daqui a pouco terei que ir embora, deixa-me triste.

— Combinamos...

— Sei o que combinamos, não estou reclamando — Eduardo não a deixou terminar — Também acho que o Lipe ainda é muito pequeno para entender a gente dormindo e acordando juntos... Só não consigo mentir, dizendo que não a desejo.

Júlia encostou a cabeça no peito dele e pensou nas palavras de Sarah. Será que ela estava certa?

Para aumentar sua dúvida, muito tempo após Eduardo ir embora, estava quase dormindo, quando seu celular tocou.

— Alô — sonolenta, preocupou-se com uma ligação àquela hora. Não reconheceu o número.

— Desculpe ligar a essa hora — a voz de Ricardo fez com que ela despertasse — Você está bem?

— Estou sim. Aconteceu algo?

— Fora o fato de não estar conseguindo dormir e ter tido um trabalhão para conseguir seu celular, não... — falou calmamente. Já estava deitado e pela voz dela, deduziu que ela também estivesse — Ainda não recuperei meu celular, mas já estou em casa.

— Intui que estivesse...

— Não vejo a hora de conhecer meu filho... Nosso filho — corrigiu-se sem graça — Depois do acidente, preciso muito vê-lo pessoalmente — ele a atropelou, pois não queria ouvi-la falar em Eduardo.

— É só combinarmos Ricardo, não voltarei atrás com a minha palavra — repetiu o que já havia falado para ele.

— Não quero assustá-lo, infelizmente você o conhece melhor do que eu. O que determinar, eu faço. Basta dizer o melhor lugar e irei ao encontro de vocês — o tom dele saiu tão arrependido que ela não teve como não notar.

— Tudo bem Ricardo. Está tarde. Vou pensar e amanhã, volto a me comunicar.

— Obrigado — sua voz saiu pesarosa, ao sentir que ela desligaria. Quando namoravam ficavam horas no telefone, falando sobre tudo e até mesmo namorando, declarando o que fariam, quando estivessem juntos. Sentia falta daquilo. Antes que a ligação fosse desligada, diante do silêncio que se estabeleceu, questionou — Júlia, ainda está ai?

— Sim — Júlia respondeu devagar. Fazia muito tempo que não se falavam por telefone. Natural que, para ela, as lembranças de um simples hábito deixassem-na triste.

— Acha que está muito tarde?

Júlia levantou a cabeça para olhar o relógio digital do outro lado do quarto.

— De acordo com o meu relógio, sim... — não entendeu.

— Estou falando de nós. Acha realmente que está muito tarde para nós?

Novamente o silêncio, Ricardo virou-se na cama impaciente, sentindo dor.

— Desculpe, Ricardo. Eu tenho que acordar cedo. Amanhã entro em contato novamente — e desligou.

Ricardo suspirou desanimado, sem obter resposta para o que perguntara.

Júlia estava lhe dando acesso à vida do filho e, pelo jeito, seria o máximo que conseguiria. Também, estava esperando o que? Que ela o perdoasse facilmente? Virou-se para o outro lado, agora com mais cuidado, para não sentir dor e fechou olhos, mesmo tendo a certeza de que não conseguiria dormir.

◆◆◆

Eduardo pegou o material que havia separado e desceu correndo. Acordara atrasado. Só descobrira o quão estava cansado, quando dormira além do normal. Agora tinha vinte minutos para fazer um trajeto que durava quarenta e cinco minutos. Continuava preferindo fotografar paisagem. Elas permaneceriam com a mesma aparência, caso se atrasasse.

Cumprimentou o porteiro e saiu, indo na direção do metrô, pois de carro, aí que não iria muito longe. A caminho, ligou para o estúdio para avisar de que se atrasaria.

Constância viu o filho sair do prédio e desceu do carro, somente quando teve certeza de que ele não a veria. Fez questão de apanhar um pequeno embrulho, que lhe seria útil. Assim, retribuiria a visita que o filho lhe fizera. Tinha decidido usar o relacionamento dela e de Eduardo para prejudicar Júlia, só não tinha noção de que modo o faria. O fato deles estarem juntos já era uma garantia de que não voltaria com Ricardo, o que já lhe era um alento. Porém, isso não bastava. Aquele relacionamento só tinha sentido, se ajudasse a tirar a guarda de Lipe. Queria entender a quantas andava o relacionamento dos dois, descobrindo se havia roupas dela ali, ou outros indícios que deixassem claro o caso. Queria desmoralizá-la diante de um juiz e para isso seria muito bom insinuar que ela sempre que podia corria para a casa do ex cunhado, enquanto deveria estar cuidando do garoto.

Caminhou devagar até o prédio, entrando com seu andar altivo e nariz empinado. O homem era o mesmo que estava na portaria da outra vez em que ela estivera ali e sorriu para ela, impressionado com sua figura imponente.

— Bom dia — cumprimentou o porteiro — Gostaria de fazer uma surpresa para o meu filho e queria saber se o senhor poderia me ajudar — Preciso deixar este presente no apartamento dele.

— O senhor Eduardo acabou de sair, não seria melhor esperá-lo aqui?

— Desse modo não seria surpresa. O ideal era que ele nem soubesse que estive aqui. Seria só o tempo de entrar, encontrar um lugar para esconder o presente e sair. Se o senhor desconfia de mim, pode ficar me supervisionando.

— De modo algum, desconfiaria de alguém tão distinta quanto a senhora.

— No entanto, não pode me ajudar? — Constância sorriu, de maneira amigável, como se fosse desistir.

— Será mesmo rápido? — apesar de estar reticente, não duvidou quando Constância fez que sim com a cabeça.

Era para ser um primeiro contato apenas. Uma vistoria breve no apartamento de Eduardo. Algo rápido.

Para seu espanto, quase não havia quase nada de Júlia, sinal de que não dormia ali tanto quanto imaginou que fizesse. O que era ruim para seus planos, pois desejava evidências que mostrassem como era relapsa, deixando o garoto para atender aos desejos mais primitivos. Como provar isto, se ela não deixava provas? Será que precisaria colocar alguém para segui-la e fotografá-la sempre que fosse visitar o amante?

Insatisfeita, após verificar todos os cômodos, sentou-se no sofá e foi quando viu a máquina fotográfica do filho. Nunca lhe fizera um elogio, apesar de achar que ele era muito bom no que fazia, tampouco comparecera à exposição que ele havia feito e que fora um tremendo sucesso. Na época inventou uma otite e, assim não foi. Era difícil admitir que o filho bastardo fosse tão bom quanto seu filho legítimo.

Inclinou-se, apanhou a máquina digital e começou a verificar as fotos. Estava prestes a parar, quando arregalou os olhos. Duas fotos de Júlia seminua. O sorriso nasceu em seus lábios. Ali estava algo com o qual poderia desmoralizá-la. Se aquelas fotos caíssem nas mãos erradas, poderiam ser uma complicação e tanto. Adorou o fato de a cozinheira ter alcançado certo status, pois se ela continuasse desconhecida, como era quando conhecera Ricardo, não haveria a menor chance daquilo se transformar em um belíssimo escândalo.

Capítulo 30

— Como foi no médico, Jú? — Eduardo afastou-se, ficando em um lugar onde pudesse falar sem ser interrompido.

— Ainda terei que ficar com o gesso por mais vinte dias — resmungou — Pelo menos, tirou o anti-inflamatório, deixando apenas o analgésico. Quase implorei para tirar essa coisa, se ele soubesse o quanto dependo das minhas duas mãos para cozinhar... — suspirou ao telefone e Eduardo riu.

— Não nos atrapalha em nada esse gesso, Jú — comentou malicioso, para provocá-la.

— Engraçadinho — Júlia fez sinal para um táxi — Agora vou passar na concessionária onde fiz a revisão e apanhar os documentos que comprovem que o carro estava perfeito, quando saiu daqui. Depois vou para a Doce Pimenta e passo rapidamente em seu apartamento para deixá-los com você — esperou o táxi parar e foi até ele, sentando-se na frente, ao lado do motorista que lhe abriu a porta.

— Seria melhor se pudesse ficar mais — fez manha — Mas tudo bem, após as duas horas já estarei em casa, eu acho.

— Passo lá, após essa hora então — fechou a porta do veículo e afastou um pouco o celular do ouvido para dizer o endereço ao taxista.

— Está bem, Jú, vou esperá-la. Se cuide! Não me despedirei com beijos, porque prefiro dá-los pessoalmente — continuou, assim que a ouviu de volta, deixando-a com um sorriso bobo no rosto.

◆◆◆

Ricardo estava ansioso, pois Júlia ainda não ligara. Ainda assim, esperaria, respeitaria o tempo dela.

Finalmente havia voltado ao trabalho e como primeira providência, tratou de se inteirar dos assuntos mais urgentes, reunindo-se com a secretária. Na metade da reunião, Ellen juntou-se a eles, colocando mais uma cadeira em frente à sua mesa, já que não estavam na sala própria para reuniões e começou a lhe dar uma visão completa do que acontecera na Torre principal, relatando tudo o que ele julgasse importante saber. O assunto da joalheria voltou à sua cabeça, quando Sol lhe informou sobre as ligações de Humberto Alcântara Salles, preocupado com seu estado.

— Lembre-me de ligar para ele, agradecendo — pediu, olhando no relógio — Agora, pode me deixar sozinho com a Ellen?

Sol fez que sim com a cabeça, antes de pedir licença e se retirar.

Ellen cruzou as pernas, ajeitando a postura na cadeira. Havia caprichado no visual de modo que foi impossível Ricardo não notar. Também estava mais perfumada do que o costume e o fitava com os grandes olhos castanhos, desafiando-o a discordar que fosse uma mulher atraente. Ricardo levantou-se, diante do olhar dela e se encostou na mesa, em frente ao local onde estava sentada.

— Agora nós — ficou sério — Ellen não sei exatamente como te falar isso, mas...

— Vai me despedir? — questionou atônita.

— Não! — mostrou-se contrariado por ter sido interrompido — Bem, pelo menos por enquanto. Preciso me desculpar com você, se te dei a impressão de que poderíamos ser mais do que patrão e funcionária. Agi errado, eu sei, porque nunca — frisou bem o advérbio — Passaremos disto.

— Sou assim tão repulsiva, Ricardo? — Ellen questionou magoada.

— Você repulsiva, Ellen? Jamais disse isso! Você é uma mulher muito bonita e qualquer homem ficaria feliz em estar ao seu lado...

— Menos você...

— Porque nunca a vi desse modo... — suspirou, percebendo que daquela maneira nunca faria com que entendesse.

— Não foi o que seu corpo demonstrou em seu quarto, durante nosso quase encontro — fez questão de recordá-lo.

Ricardo passou a mão no cabelo, de maneira impaciente. Precisava se fazer entender.

— Caramba Ellen, se não fosse você, seria qualquer outra! Sinceramente, independente de quem fosse, o meu pensamento não estava lá. No entanto, não sou cego, você tem um corpo muito bonito, estranho seria não reagisse a ele — doeu-lhe ser tão direto, porém, ela o levou àquilo.

— Sente algum prazer em me humilhar dessa forma? — Ellen ergueu o queixo ofendida.

— Não, nenhum — foi sincero — Preferia não ter que falar assim com você, mas você nunca mais foi a mesma pessoa depois daquilo. É como se estivesse pirando — fez uma pausa — Para que continue dando certo entre a gente, preciso da minha gerente de volta, Ellen. Você precisa parar de forçar a barra, ou sonhar com um relacionamento entre a gente, porque não vai rolar.

— Claro que não, falta-me um pouco de melanina e cabelos crespos — sorriu irônica.

— Que tipo de comentário é esse, Ellen? — indignou-se — Você tem algum problema com o fato de a Júlia ser negra? Porque se tiver, vai sair daqui direto para o RH. Aceito muita coisa, até você fingindo ser minha namorada no hospital, no entanto, não tolerarei qualquer tipo de discriminação.

— Não, claro que não — desmentiu, sem graça — Só quis dizer que não sou seu tipo de mulher — falou devagar, recordando-se de que ele desfilara com inúmeras mulheres, em sua fase playboy, só ela que não tinha vez.

— Resumindo: se quiser continuar fazendo parte do Magista, é melhor manter o foco no seu trabalho, caso contrário, com muito pesar, cuidarei pessoalmente do seu afastamento da empresa. Estamos entendidos?

Ellen fez que sim com a cabeça. Sentia-se tão ultrajada que mal conseguia olhá-lo nos olhos. Constância estava coberta de razão, a volta daquela mulher fora a pior coisa que poderia acontecer.

— Por fim, tenho uma pergunta — Ricardo cruzou os braços — Como soube onde eu estava?

— Como? — estava tão aturdida que não entendeu a pergunta.

— Segundo os relatos dos policiais, você estava chegando à cidade na qual eu estava hospedado. Isso tinha me escapado na hora, mas tive muito tempo para pensar, enquanto estive no hospital, e até agora não entendi. Como sabia onde me encontrar, se não havia falado para ninguém, nem mesmo para a Sol?

Ellen ficou sem ação. Se não pensasse em algo rapidamente, estaria encrencada. Lembrou-se do convite de casamento e das palavras de Sol, durante a reunião. Sem pestanejar, inventou que, poucas horas depois dele sair, alguém da parte do senhor Humberto entrara em contato para confirmar sua presença. Ricardo achou possível, porém, por algum motivo, que não soube identificar, não conseguiu engolir aquela explicação.

◆◆◆

Eduardo chegou apressado, estranhando encontrar um folguista na portaria, mas o homem fez questão de lhe explicar que havia ocorrido um imprevisto com o porteiro da tarde e ele tinha sido chamado para ficar em seu lugar

— Espero que esteja tudo bem com o Romão — seu voto foi sincero — Vou receber visita, não precisa anunciar — avisou, antes de subir, preferindo as escadas, subindo os degraus de dois em dois para chegar mais rápido. Segundo suas contas, Júlia chegaria em pouco tempo. Tivera uma manhã corrida, por isso, queria tomar um banho e receber a namorada com um aspecto melhor do que o que estava.

Entrou no apartamento sem ao menos estar cansado com a subida rápida, passando direto para o banheiro. Se não estivesse precisando de um banho para repor as energias a teria esperado para o tomarem juntos, mesmo sabendo que Júlia não aceitaria por conta do gesso. Era um trabalho e tanto não molhar aquilo e, como ela frisara, pretendia passar rapidamente e se aceitasse o convite dele, não sairia de lá tão brevemente quanto desejava, simplesmente porque ele não permitiria. Sorriu com o pensamento, deixando a água cair sobre os ombros.

◆◆◆

Dizer que estava confortável com aquilo era mentir, porém, não tivera como negar-se a cumprir uma ordem de Ricardo, sem ter ao menos uma explicação razoável para fazê-lo. Conseguia ver algumas semelhanças entres os irmãos, porém, simpatia mesmo, somente por seu empregador. Aliás, depois de ouvir a explicação, que não foi tão minuciosa quanto pensou que seria, tinha mais reservas com ele.

— Vim ver Eduardo Vidal...

— Ele está à sua espera, pode subir — o homem mal deixou que ela terminasse de falar, adiantando-se para abrir o elevador para que ela entrasse.

Vivian achou a situação inusitada, pois antes mesmo de conseguir conferir se o endereço estava correto, a porta do elevador já havia sido fechada.

— É cada uma... — pensou alto, conferindo a andar e o apertando. Tinha certeza de que não estava sendo esperada, a menos que ele fosse algum tipo de médium, porém, não perderia tempo, explicando tudo aquilo para o porteiro.

Que ele estava esperando alguém ficou claro, ao notar a porta aberta. Deu duas batidas, hesitando entre entrar ou não. Acabou entrando, mantendo a porta encostada, como estava.

O apartamento era totalmente diferente do que imaginara, esperava algo mais rústico, porém, era de muito bom gosto. Um ambiente amplo a clean.

Não resistiu e se aproximou de um quadro em uma das paredes, impressionada com a foto, sem entender como fora tirada, já que o ângulo era incomum. O salto fez um pouco de barulho ao se mover até a outra foto transformada em quadro.

Eduardo desligou o chuveiro e, ao ouvir um barulho vindo da sala, julgou que Júlia já tivesse chegado. Nem se secou direito, apenas colocou uma toalha ao redor da cintura e saiu.

— Pensei que fosse... — as palavras morreram em seus lábios, ao se deparar

com a assistente de Ricardo em seu apartamento.

Vivian arregalou os olhos diante da visão. O homem podia ser um mal educado, porém, teve que admitir, tinha um corpo de tirar o fôlego e molhado como estava, pareceu-lhe um tanto profano. Mesmo que rapidamente, seus olhos examinaram cada pedaço que dele estava exposto, vagando do abdômen sarado, para o peito largo e estacionando nos braços musculosos, onde exibia belas tatuagens. A toalha lhe pareceu mais curta do que devia, porque foi possível perceber as coxas bem torneadas, seguida das pernas longas e musculosas. Baixou os olhos totalmente sem jeito ao perceber que sua imaginação estava caminhando para partes que não estavam visíveis.

— O que está fazendo aqui?

— Desculpe, o porteiro deixou-me subir — falou sem conseguir encará-lo. Era como se estivesse em um deserto, porque sentia um calor inexplicável.

— Isso não responde minha pergunta — Eduardo arrumou a toalha em sua cintura, pois aquela mulher tivera o dom de fazer com que se sentisse constrangido em sua própria casa.

— Eu... eu — gaguejou, nervosa por não ter conseguido manter foco, tampouco responder uma simples pergunta. Não estava abalada apenas com a imagem, mas com a reação de seu próprio corpo a ela.

Júlia subiu de elevador, sem entender o que o porteiro dissera, mas também sem tempo para lhe perguntar o que ele quisera dizer. Calmamente chegou ao andar dele e diante de seu apartamento empurrou a porta com o braço bom, fazendo com que Eduardo e Vivian olhassem para ela ao mesmo tempo. Júlia parou perante a cena, tentando compreender o que seu namorado fazia apenas de toalha com uma mulher que nunca tinha visto antes.

— Júlia! — Eduardo ficou sem jeito e caminhou em sua direção.

Vivian acompanhou a caminhada, um tanto ansiosa para saber quem era Júlia Pimenta. Tinha ouvido falar tanto na tal mulher que achava natural sua curiosidade acerca daquela que se envolvera com os dois irmãos Vidal. Mesmo com uma expressão de poucos amigos, isto é, de amigo nenhum, achou-a bonita.

— Interrompi algo? — Júlia não fez a menor questão de esconder que não

gostara da cena.

— Claro que não — respondeu constrangido – Essa é...

Vivian caminhou até eles, estendendo a mão para Júlia.

— A assistente do senhor Ricardo Vidal, me chamo Vivian Garcia — apresentou-se e abaixou a mão, quando percebeu que Júlia não a cumprimentaria — Vim por conta da suspeita de sabotagem.

Enquanto Eduardo ficou surpreso com a declaração, Júlia achou que ela estava se explicando demais e não conseguiu ser simpática com a bela assistente.

— E é comum atendê-la assim, Edu? — não conseguiu se conter, pois não digerira bem encontrar seu namorado apenas de toalha, diante de uma desconhecida.

— O porteiro deve ter feito confusão, Jú. Ele é novo, eu estava esperando por você...

— Se não for pedir muito, será que pode ir se vestir? — Júlia o interrompeu irritada, e por mais que Eduardo experimentasse uma surpresa positiva ao descobri-la com ciúme, achou que não era para tanto, pois não tinha culpa. Estava em casa, esperando a namorada, portanto não viu mal em sair apenas de toalha, poderia ter sido pior, afinal tinham intimidade e, por isso, poderia ter saído nu.

Para não piorar a situação, Eduardo atendeu o pedido dela, deixando-as sozinha.

— Desculpe, não queria causar nenhum mal-estar — Vivian quebrou o silêncio e Júlia deu um meio sorriso, sem vontade de conversar — O Ricardo — Júlia arqueou uma das sobrancelhas, notando que "senhor" e "Vidal" haviam desaparecido da frase — Pediu-me...

— Ouvi anteriormente — Júlia a interrompeu — O Ricardo quer acompanhar a investigação, já entendi. No entanto, pode deixar que informarei o que ele quiser saber, quando nos falarmos mais tarde.

Vivian entendeu o recado. Dessa vez ela quem deu um sorriso amarelo.

— Em todo caso, foi um prazer conhecê-la. Já ouvi falar muito bem da Doce Pimenta.

— Se aparecer lá — frisou bem o advérbio — Será bem-vinda — Júlia não mentiu.

— Acho difícil — Vivian tentou ser simpática, enquanto caminhava em direção à porta — Não como doce, engorda – e despediu-se com um breve menear de cabeça, antes de sair.

Quando Eduardo desceu, Júlia estava sozinha, sentada no sofá. Ele havia colocado uma bermuda cinza e uma camisa regata preta. Caminhou até ela com a intenção de depositar um beijo em seus lábios, mas Júlia ofereceu-lhe apenas o rosto.

— Jú, não acredito que ainda está brava — queixou-se.

— Queria o que? Você bem à vontade de toalhinha e aquela mulher o comendo com os olhos.

— Não viaja, Jú! — pensou em argumentar que nem houve tempo para isso e que a mulher nem ia com a cara dele, porém, percebeu que só a deixaria mais nervosa — Eu estava te esperando, ouvi um barulho, saí e não era você, foi apenas isso. Acredito que nunca te dei motivos para desconfiar de mim.

— Tem razão — Júlia admitiu, vendo-o sentar-se ao seu lado.

— E além do mais, já tenho namorada, bem bravinha por sinal, e eu a amo — virou-se para ela e dessa vez conseguiu roubar-lhe um beijo. Quando se afastou dela, quis saber — Deu tudo certo na concessionária?

Júlia fez que sim com a cabeça e, por insistência dele, contou como fora sua manhã, desde o hospital até a ida à concessionária.

— Aproveitando a visita da assistente do Ricardo, queria te avisar que ligarei para ele hoje e marcarei um dia para que ele conheça o Lipe.

Dessa vez foi Eduardo quem não apreciou a informação.

— Espero que ele valorize esse encontro, porque o Lipe é uma dádiva.

— Também espero, estou fazendo isso mais pelo Lipe, afinal ele tem direito de conhecer o pai...

— Não estou te questionando, Jú, você é a mãe dele... Apesar de temer, só me cabe concordar. Só espero que o Ricardo não ferre tudo.

— É o que mais desejo — Júlia confidenciou — Tudo bem se marcar no sábado, em casa?

— Sim – concordou — Para não correr o risco de aparecer lá "por acaso", vou levar os papéis para o delegado.

— Como pode, Edu? — Júlia quis saber e ele não entendeu ao que se referia.

— Como posso o quê? — questionou interessado.

— Deixar-me orgulhosa de ter um namorado compreensivo e nervosa por se apresentar daquela forma para uma estranha.

Ele riu.

— Primeiro, nem sou tão compreensivo assim, quando o assunto é o Ricardo — respondeu bem-humorado — Mas, adoro o Lipe e, mais do que nunca, sei qual o peso de não conhecer sua origem. Quanto ao episódio, poderia ter sido pior, Jú.

— Tinha como ser pior que aquilo? — só de se lembrar, questionou indignada.

— Estava esperando minha namorada, logo, poderia ter saído nu — sorriu de sua expressão — Estou brincando, Jú. Pode parecer meio doido, mas até que gostei do seu ciúme comedido.

— Não é meio, é completamente doido, porque nem eu gostei de me comportar daquele jeito, só não engoli a forma como aquela mulher estava te olhando.

— Apesar de achar que é viagem da sua parte, mudemos de assunto. Você me disse que passaria aqui rapidinho, então quero saber quanto tempo tenho ao lado da minha namorada.

— Pouco, tenho que voltar para a Doce Pimenta. Muitas encomendas, um braço apenas... Não quero sobrecarregar ainda mais a equipe.

— Suponho também que já tenha almoçado — comentou e ela fez que sim com a cabeça — Então não me resta muita coisa a te oferecer — deu de ombros — Apesar de que interrompi o banho, antes de tê-lo terminado. Poderíamos acabá-lo juntos — propôs malicioso.

— Edu! O que você entende por pouco tempo? — Júlia sorriu.

— Ok, você venceu! Vai ter que se contentar com uns amassos no sofá, coisa de adolescente quase...

— Não sei se é uma boa ideia Edu...

— Por que? — fingiu estar decepcionado com a resposta.

— Porque já o conheço o suficiente para saber que me atrasaria, pois de adolescente você não tem nada — respondeu séria e ouviu o som gostoso de sua risada. Dando-se por vencido, ele acabou concordando apenas com alguns beijos, prontificando-se a acompanhá-la até a Doce Pimenta.

◆◆◆

Vivian estava tão aérea que Ricardo teve que repetir a pergunta para ela poder respondê-la. Ele a recebera em seu escritório para perguntar se havia feito progressos.

— Não, não fui mal recebida — aliás, por mais que quisesse não conseguia se esquecer daquela recepção — Porém, não consegui descobri sobre o tal documento.

— O Edu não a recebeu mal e, no entanto, também não te disse nada! Eu também quase morri no acidente, gostaria de saber se foi obra de sabotagem.

— A senhorita Pimenta disse que informaria diretamente para o senhor, quando ligasse.

— Ela estava lá? — seu incômodo ficou evidente.

— Ela chegou, por isso nem tive tempo de falar direito com seu irmão.

— Nesse caso, aguardarei o telefonema — apesar de não ter gostado de imaginá-la frequentadora assídua do apartamento de Eduardo, a notícia sobre a ligação fez com que respirasse aliviado, pois tinha medo que ela demorasse para cumprir sua promessa. Ficou feliz em saber que ela mantinha as características de quando a conhecera, honrando sua palavra.

****

De volta à Doce Pimenta, Júlia não entendeu a excitação de Karin e Andreia; as duas nem bem deixaram que entrasse na cozinha, caminhando até ela, sob os olhares de Rui.

— Por favor, que não sejam notícias ruins — Júlia pediu e diante do sorriso bobo das duas, olhou-as desconfiada — E aí? Vão dizer ou não?

— Enquanto você esteve fora, naquele famigerado casamento, um crítico esteve aqui. Nem imaginávamos — Andréia explicou — E o tratamos como tratamos todo mundo.

— E veja só o que ele disse sobre a Doce Pimenta! — Karin exibiu uma revista gastronômica conceituada — Uma página inteira cheia de elogios, que vão desde o que ele provou, até o modo como foi atendido — estendeu-a para que a apanhasse.

— Uau! Finalmente algo bom — Júlia sorriu — Só me resta parabenizar vocês duas que estiveram à frente da confeitaria e atenderam bem a esse crítico — fez-lhes uma reverência — Cada vez mais deixamos claro que somos uma equipe e isso me enche de orgulho — seu olhar foi para Rui que entendeu o agradecimento — Espero que um dia, possam alçar voos solo, porque cada um de vocês é muito bom no que faz — declarou, apanhando a revista.

— Ei, está nos mandando embora? — Karin questionou bem-humorada.

— Claro que não, mas que ficarei bastante feliz quando forem as chefs principais, isso ficarei — sorriu — Depois de ler a matéria, quero a ajuda de vocês, pois queria testar um novo recheio de cupcakes.

— Picante? — Rui indagou interessado.

— Naturalmente — Júlia sorriu, imaginando que poderia ser em homenagem ao namorado, que fazia jus ao adjetivo. Com o braço engessado mais do que nunca precisava do apoio da pessoas que mais confiava.

Fazendo o que mais gostava ao lado dos amigos, o tempo passou rápido. A solteirice da prima só fez da atividade de apanhar Lipe no colégio uma distração, e quando ela fosse levá-lo em sua casa, poderiam conversar.

Mas antes que chegasse sua hora de ir embora, caminhou devagar até o escritório, despedindo-se de todos os funcionários cujos turnos haviam chegado ao fim, como sempre fazia, estranhando a atitude de um de seus atendentes, que pareceu querer lhe falar algo, mas desistiu. Ficou de perguntar para o rapaz, Douglas, se ele estava com algum problema em casa. Se pudesse ajudar, faria questão, porque levava a sério a ideia de serem uma equipe e como tal o crescimento de um, representava o crescimento de todos.

— Aninha e Leandro, será que podem me dar quinze minutos de privacidade? Preciso falar uma ligação... — pediu ao chegar ao escritório — Aliás, se quiserem ir para casa, eu fecho o escritório — os funcionários atenderam seu pedido sem questionar, pois como ela nunca usava o escritório para ligações, julgaram que fosse importante. Desligaram seus computadores, cumprimentaram-na com um beijo no rosto, antes de a deixarem sozinha.

◆◆◆

Voltar ao trabalho foi a melhor maneira de começar a colocar as coisas em ordem. Tinha falado o que precisava ser dito para Ellen e agora a estava se limitando a tratar com ela o necessário, agindo de modo profissional, ainda que para ela, o profissionalismo parecesse frieza.

Fora só o começo, afinal não se esquecera de Constância e conversar com ela era questão de honra. Se ao menos localizasse o médico, poderia ter certeza de que ela estava por trás de tudo. Por mais que doesse admitir isso, essa era a conclusão mais óbvia, só não entendia o motivo que a levara a fazer aquilo. Dizer que não tinha esperanças de estar errado era mentir, pois tinha carinho e respeito pela sua mãe, porém, a verdade não os conservaria, já que sofrera

demais e o engano fizera com que agisse com raiva, destruindo sua possibilidade de ter uma família.

Estava verificando uns papéis sobre reformas necessárias no Magista, quando recebeu a ligação de Solange. Imaginou que ela fosse se despedir, já que era tarde e ela só ficara para tentarem colocar tudo em ordem.

— Senhor Vidal, o senhor atende a senhorita Pimenta? Quis saber o assunto e ela me disse que é particular.

— Sim, esqueci-me de te avisar que aguardava por esta ligação — ajeitou-se na cadeira confortável do escritório — Obrigada, Sol. Pode me passar a ligação e vá para casa, por hoje já ficou muito — ouviu sua secretária despedir-se e esperou alguns segundos, antes de ouvir a voz de Júlia — Ainda me impressiono com seu comprometimento, seu sucesso não é à toa — começou, antes mesmo de cumprimentá-la — Boa noite, Júlia. Muito bom que tenha me ligado.

— Cumpro minhas promessas — declarou sem jeito, por não estar esperando o elogio — Agora que está de volta, acho que pode finalmente conhecer o Lipe.

— Estou ansioso — confessou — Durante minha vida só fiquei assim uma vez... — interrompeu o que diria, pois citaria o casamento — Quer dizer...

— Pensei em vários lugares para promover o encontro — Júlia entendeu o que ele diria e fez questão de seguir adiante — Porém, quero que o Lipe esteja à vontade e, por isso, prefiro que seja em um lugar onde ele se sente seguro: no meu apartamento.

— Sim, claro, como achar melhor. Por mais assustador que seja, não quero dividir a atenção dele com outras pessoas. Se o levássemos a um parque de diversão ou ao shopping, acredito que ele não perderia seu tempo comigo — seu tom soou arrependido e triste. Era difícil reconhecer-se estranho para o próprio filho.

— Acredito que, pelo menos esse primeiro contato, tem que ser em um lugar mais calmo. Pode ser no próximo sábado, se você não tiver compromissos.

— Concordo com você — engoliu em seco, concordaria com o que ela quisesse, se isso fosse capaz de fazer com que recuperasse um pouco do tempo perdido — E quanto a compromissos, ainda que os tivesse, seriam desmarcados

— foi franco, pois nada havia mais importante para ele naquele momento — Desculpe a pergunta, mas além de você, do Lipe e de mim, ainda haverá mais alguém?

— Não Ricardo. Se está se referindo ao Edu, não se preocupe. Ele tem muitas qualidades e me dá todo o espaço de que necessito — a resposta saiu mais áspera do que desejava — Vai aproveitar o dia para levar os documentos para o delegado.

— Sobre isto — fez uma pausa — Por meio da Vivian, fiquei sabendo da hipótese que ele levantou e, depois de saber que foi drogada, sou obrigado a concordar com ele. Achei muito estranho essa história de vazamento do fluido de freio.

— Sua assistente é muito competente — Júlia incomodou-se com aquela mulher pela segunda vez, agora por ter surgido na conversa.

— Sim, muito — Ricardo concordou, sem perceber o quão irônica ela havia sido — Voltando a nós... Isto é, ao nosso assunto principal, será que posso abusar e te pedir mais uma coisa?

— Diga, se estiver ao meu alcance...

— Queria passar o dia com vocês. Acho que poucas horas não satisfarão minha curiosidade sobre ele. Será possível?

Júlia ficou em silêncio, tinha planejado justamente algumas horas. Porém, percebeu que ele tinha razão, seria bom para pai e filho, só não tinha certeza de que fosse o melhor para ela. Ainda assim concordou.

— Tudo bem, Ricardo. Pode chegar na parte da manhã, então.

— Só falta algo para me fazer um homem feliz, Júlia — o modo como ele falou aquilo fez com que ela se sentisse estranha. Pensou que ele fosse dizer alguma coisa inconveniente, ou perguntar novamente se existia a possibilidade de voltarem a ser um casal. Seu silêncio mais longo do outro lado da linha fez com que Ricardo entendesse a impressão que havia passado, por isso tratou de consertar — Preciso do endereço da sua casa, pois ainda não o tenho.

Capítulo 31

Ricardo terminou de se arrumar e olhou no relógio: quase oitos horas. Não tinha dormido mal, no entanto tinha acordado bem cedo. Estava ansioso, não mentira a respeito disso. Afinal, nunca lhe pareceu tão demorado para chegar o sábado. Agora que finalmente chegara, estava apreensivo, pois faltavam poucas horas para encontrar Júlia e conhecer seu filho.

Quando parou diante do espelho, fez uma careta. Sua roupa estaria perfeita, caso estivesse indo para uma reunião de negócios. O terno risca de giz azul marinho, de corte italiano, deixava-o muito sério e não combinava com o tipo de encontro que teria.

Livrou-se primeiro do terno, depois da gravata e sem seguida da camisa, fincando apenas com a regata branca que usava por baixo desta. Descalçou o sapato, chutando-os para o lado, para soltar o cinto e livra-se também da calça.

Contrariando sua organização, não se preocupou em apanhar as roupas caídas no chão, começando a revisar o closet em busca de algo mais casual. Fazia tanto tempo que não se vestia desse modo que já nem tinha certeza de possuir um jeans ou uma camisa que não fosse social.

Achou o que buscava e não se surpreendeu que as roupas tivessem aspecto de novas, de tão pouco que haviam sido usadas. Arrumado novamente, agora aprovou o visual, pois não queria assustar ou intimidar o garoto.

Apanhou a chave do carro e respirou fundo. Se fosse uma reunião de negócios com um novo cliente, teria feito uma pesquisa prévia e isso lhe garantia sucesso no contato. Sobre o Felipe, por sua vez, não sabia quase nada, apenas que se tratava de um belo garoto de três anos de idade.

Havia conseguido evitar Constância com sucesso durante a semana e não se surpreendeu ao se deparar com ela, quando abriu a porta do apartamento para sair.

— Rico? Só assim para ter certeza de que está bem? Por que não tem

atendido às minhas ligações?

— Mãe, estou ocupado. Não posso falar agora — respondeu, passando o cartão magnético para trancar a porta.

— Nada pode ser assim tão importante — Constância se colocou no caminho do filho, fazendo com que ele perdesse a paciência.

— Tenho idade suficiente para saber o que é importante ou não — Ricardo tentando se desviar dela — Assim sendo, por favor, dê-me licença, pois tenho um compromisso.

— Vestido deste jeito? — Constância olhou-o de cima a baixo, desaprovando — Mal vestido como está, duvido que seja algo sério.

— Não tenho tempo para discutir a seriedade do meu encontro com você. Portanto, se quiser conversar comigo volte outro dia, ou então me ligue. Dessa vez, prometo atender — declarou, antes de passar por ela, caminhar até o elevador, que ainda estava no andar pela chegada de sua mãe, e entrar no mesmo, sem olhar para trás.

Constância viu a porta do elevador se fechar e se não ficou furiosa, também não ficou feliz. Depois da forma como a tratara no hospital, não era preciso de muita inteligência para deduzir qual o seu destino, principalmente depois da proximidade que haviam experimentado e do acidente. Ricardo era cristalino neste sentido e ela conseguia decifrar sem esforço o passo seguinte que daria. Aliás, fora por conhecê-lo tão bem que sua armação no passado dera certo. Estava evidente que se encontraria com a cozinheira para conhecer o filho que tiveram juntos.

Pensando melhor, não tinha motivos para ficar aborrecida. Abriu um meio sorriso. Há males que vêm para o bem, como diz o ditado. Assim, sendo, nada melhor do que Ricardo se aproximar do garoto, pois, desse modo, seria mais fácil pedir a guarda dele, quando se decepcionasse com ela.

◆◆◆

Sua mãe ter aparecido só serviu para deixá-lo mais agitado do que estava. Entrou no carro e, só quando estava no meio do caminho, lembrou-se de que tinha planejado não chegar de mãos vazias. Fez uma volta no primeiro retorno, tentando não perder muito tempo com isso e passou em dois lugares antes.

Chegou ao prédio alguns minutos antes das dez horas da manhã e gostou do lugar que Júlia havia escolhido para morar, pois recordava, guardada as devidas proporções, o prédio no qual planejaram morar juntos um dia. Por não saber se poderia estacionar dentro da garagem do prédio, estacionou o carro na porta do prédio, ligou o pisca alerta e desceu, indo se anunciar na portaria.

— A senhorita Pimenta nos avisou sobre a sua visita, senhor Vidal — o porteiro lhe respondeu pelo interfone — Pode entrar na garagem. De lá há elevadores diretos, se não quiser voltar à portaria — informou, reafirmando o andar de Júlia.

Ricardo disse um obrigado abafado e voltou para dentro do carro. O portão da garagem abriu e sem dificuldades entrou nela e estacionou no local indicado por outro funcionário do prédio.

Desceu rapidamente, abrindo a porta do banco de trás para apanhar as sacolas que havia trazido. A caminhada decidida ao elevador mascarou toda a apreensão que sentia. Não conseguia definir exatamente em que residia seu receio, talvez na possibilidade de o garoto não gostar dele, mesmo sem conseguir identificá-lo, tal sentimento o acompanhava desde a hora em que acordara.

— Calma, é somente um garoto — falou baixinho, apertando o número do andar no painel do elevador. Na verdade sabia que era muito mais do que isso, ele estava bem longe de ser “somente um garoto”, representava muito mais do que isso: era seu filho. Mais: era fruto do amor que ele e Júlia sentiram um dia. Por fim, representava tudo o que estupidamente perdera e que lutaria para reconquistar.

Quando finalmente a porta do elevador se abriu, desceu devagar. Nem na adolescência tinha estado tão inseguro. Respirou fundo e tocou a campainha.

◆◆◆

Ainda que estivesse esperando, Júlia se assustou com o barulho da campainha, chamando a atenção do garoto que se distraía brincando com duas pequenas almofadas que ele deixava sobre a cama após estendê-la.

Acordara cedo e ficara deitada mais tempo do que o habitual, pensando em sua nova ausência na Doce Pimenta e no telefonema de Eduardo na noite passada, até que Lipe acordasse também e a surpreendesse, juntando-se a ela em seu quarto, obrigando-a a levantar e começar a se preparar físico e mentalmente para o compromisso.

Havia hesitado em dar café da manhã para o filho, sem saber se Ricardo chegaria muito cedo, porém, fizera o certo em não esperar porque tudo o que não desejava era o menino mal humorado, o que ocorria algumas vezes quando ele estava com fome.

Depois do desjejum, arrumou-o e, enquanto se arrumava, aproveitou o momento para conversar com o filho sobre a visita que teriam. Não revelara ainda que se tratava de seu pai, tampouco que ele era irmão do tio adorado pelo menino.

— Lipe, ele é um amigo muito importante e especial da mamãe, que passará a te ver sempre e que gosta bastante de você — limitara-se a dizer isso, para depois, quando estivesse mais acostumado ao Ricardo, pudesse contar que ele era seu pai. Não queria subestimar a inteligência do filho e ele estava em uma fase que já entendia muita coisa, até mesmo as figuras que constituíam uma família.

— Mas mamãe, por que ele gosta de mim? — o garoto questionou confuso.

— Ah Lipe! — sorriu diante da pergunta inesperada — Ele já ouviu a mamãe falar muito de você.

— E de você mamãe, ele também gosta? — novamente outra pergunta e essa com a capacidade de deixá-la sem graça.

— Acho que sim, Lipe — Júlia respondeu brevemente e ficou feliz ao perceber que o menino aceitou sua resposta, porque se insistisse, não saberia mais o que dizer.

Agora, com o som da campainha, percebeu toda a tensão que sentia. Seu

filho era a pessoa mais importante de sua vida e aquela a quem deveria proteger. Ao mesmo tempo em que sabia ser um direito dele conhecer o pai, temia que Ricardo, de alguma forma, o magoasse. Aquilo a faria sofrer muito mais do que ter sido abandonada no altar.

— Vamos Lipe! — ela mais pediu do que ordenou, acabando de colocar os brincos de argola e armar ainda mais o cabelo com a mão — A nossa visita chegou.

O menino fez uma careta, pois naquele momento as almofadas lhe pareciam mais interessantes do que uma visita. No entanto, assim que Júlia se levantou, ele fez o mesmo, só que ficando em pé em cima do colchão, obrigando-a a pegá-lo para colocá-lo no chão, antes que caísse e se machucasse.

Ricardo ficou indeciso entre apertar mais uma vez, ou esperar. Quando sua ansiedade venceu e estava prestes a tocar mais uma vez, Júlia abriu a porta.

Ele puxou uma respiração, como se estivesse sufocado, e ensaiou um sorriso que não se saiu bem no ensaio. Achou-a bonita como sempre. Nem mesmo o gesso, bastante visível, diminuía-lhe a beleza. Talvez não tivesse sido proposital, mas o macacão curto que ela escolhera e de cor clara, além de deixar suas belas e torneadas pernas à mostra, ainda faziam um contraste maravilhoso com sua pele. Ricardo sempre fora fã da pele dela, desde a maciez até o tom, culminando na contraposição que faziam, quando estavam juntos.

Júlia, por sua vez, surpreendeu-se com o visual mais clean dele, e foi inevitável lembrar-se de que, quando o conhecera, ele não vivia escondido em ternos de grife. Percebeu na expressão dele toda a sua insegurança.

— Desculpe — coube a Júlia quebrar o silêncio — Estava no quarto com o Lipe... — foi parando de falar ao ver que o menino não a seguira e ao reparar na quantidade de sacolas que ele carregava — Ricardo, o que é tudo isso?

— Não queria chegar de mãos vazias — agora conseguiu dar um sorriso tímido que em nada combinava com o homem que costumava ser. Porém, estava vulnerável e não conseguia fazer nada contra aquilo.

— Entre, por favor — Júlia abriu mais a porta e lhe fez sinal para que entrasse.

Ricardo agradeceu o convite e entrou. Na garagem apanhara o elevador errado e chegara pela entrada que dava na cozinha. Ela esperou que ele passasse para fechar a porta.

— Esse é para você — atrapalhou-se para apanhar a menor sacola onde estava uma garrafa de licor que comprara para ela — Espero que minha lembrança não me tenha traído.

Júlia sorriu sem jeito, apanhando a sacola e descobrindo seu conteúdo. Licor de jabuticaba era o seu preferido ainda, estranhou que ele ainda se recordasse.

— Obrigada. Por causa do Lipe não tenho um barzinho, mas uma pequena adega climatizada e com chave, que fica na área de serviço — explicou, apontando o pequeno cômodo a alguns metros de onde estavam — Se importa se eu...?

— Não — Ricardo nem a deixou terminar. Pequenos detalhes como aquele revelavam um lado que ele desconhecia: o de mãe cuidadosa. E assim se viu-parado no meio da cozinha espaçosa, olhando para cada detalhe. Tinham planejado como seria o apartamento em que morariam e ficou feliz em notar que ela guardara algumas ideias que os dois tiveram juntos. Uma sombra de tristeza passou por ele ao perceber que aquela poderia ser sua família e aquele o apartamento dos dois.

Júlia voltou tão rápido que nem teve tempo de se refazer do pensamento. Quis falar algo, elogiar a cozinha, porém, sua boca estava seca e o medo de se trair, fazendo alguma referência ao passado, fez com que ficasse quieto.

— O Lipe certamente correu para a porta da sala e deve ter encontrado lá o que fazer, visto que ainda não veio até aqui — explicou e novamente seus olhos foram para as sacolas restantes — Por favor, diga-me que não são brinquedos — pediu.

— Desculpe, não sabia que não podia trazer — seu constrangimento pôde ser percebido em seu rosto avermelhado.

— Claro que podia trazer —— tentou se corrigir — Porém, se você não quer disputar a atenção dele com tudo isso, sugiro que não os dê agora.

— Nem pensei nisso — Ricardo admitiu ainda corado.

— E por que tantos? — não conteve a curiosidade.

— Fiquei um pouco indeciso...

— Deve ter sido o paraíso para as vendedoras que te empurraram tudo o que podia — o comentário saiu leve, fazendo com que ele sorrisse pela primeira vez ao concordar.

— Foi exatamente o que aconteceu. Será que me ajuda a esconder, por enquanto? — pediu e Júlia assentiu com a cabeça, de modo cúmplice, fazendo um gesto para que ele a acompanhasse. Diante da área de serviço, puxou a porta daqueles tipos de correr e fez um gesto para que Ricardo deixasse as sacolas lá.

— Ainda incomoda? — quis saber ao retornar e ela não compreendeu ao que ele se referia — O gesso — ele apontou o braço dela na tipoia — Sabe, apesar de ter sofrido um risco muito grande, parece que você ficou com a parte dolorosa.

— Ah sim... Atrapalha mais do que incomoda. E quanto ao que você disse, discordo. Seu caso foi muito mais grave, tanto que demorou mais a ter alta.

— No entanto, ninguém é capaz de saber pelo que passei, diferente de você. Se eu não realizar movimentos bruscos, não sinto dor...

A conversa foi interrompida pelo garoto que entrou correndo na cozinha, parando somente ao ir de encontro às pernas de Ricardo.

— Ops! — apoiou-se nas pernas do desconhecido para não cair.

— Lipe! — Júlia o repreendeu — O que eu te disse?

— Para não correr? — o menino perguntou, erguendo o rosto para olhar para ela — Ou para não correr na cozinha?

— Para não correr em lugar algum! — Júlia disse firme, porém de modo carinhoso — Você pode se machucar e não é nada educado chocar-se em nossa visita. Como tem que dizer?

Para Ricardo foi como se o tempo parasse. Se o seu coração batesse ritmado por seus pensamentos, reproduziria algo como "meu filho, meu filho, meu filho", cada vez mais rápido, cada vez mais forte.

Ele perdeu toda e qualquer reação, experimentando um momento de palidez e paralisia. Só conseguiu olhar embasbacado para o menino. Ele lembrava os garotos da família Vidal na mesma idade, e a mania de correr devia estar no DNA, porque ele era exatamente igual, para o suplício das babás. Se os cabelos claros e encaracolados lembraram sua família, os olhos haviam sido emprestados de Júlia, o que era magnífico, pois sempre tivera curiosidade em saber como seria um filho dos dois e agora estava diante dele e só conseguia achá-lo perfeito.

Os pensamentos seguintes fizeram-no sentir um nó no peito, afinal, tinha perdido três anos de convivência com seu filho. Não tinha acompanhado seu nascimento, não o tinha visto dar seus primeiros passos, tampouco balbuciar suas primeiras palavras. Sentiu-se mal por ter perdido tanto tempo e tolo por sequer ter cogitado que o exame poderia estar errado. Se o tivesse feito, não o teria rejeitado e talvez não estivesse vivendo aquela situação de ser um completo estranho para o próprio filho. Não se importou, quando percebeu que sua visão estava nublada, porque seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Desculpe, visita — Lipe olhou para cima, na direção de Ricardo, sem muita certeza de que era isso o que sua mãe queria que dissesse — Como ele chama mesmo, mamãe? — indagou inquieto.

Antes que Júlia tivesse tempo de abrir a boca, Ricardo agachou para ficar na altura dele. Sua vontade era abraçá-lo tão forte para que nunca mais se perdessem. Porém, sabia que o gesto o assustaria.

— Está desculpado — a voz saiu embargada, pois não conseguiu esconder a comoção. Para Júlia foi como se o coração subisse à garganta, ao notar a reação espontânea de Ricardo. Segurou-se para não se abalar mais do que já estava, pois seu passado e seu presente estavam ali lado a lado — Meu nome é Ricardo e o seu? — falou estendendo a mão para cumprimentá-lo. Precisava tocar no garoto para convencer-se de que ele era real.

— Sou o Felipe... o Lipe — o menino envolveu a mão que lhe era estendida com sua mãozinha, sem cumprimentá-lo direito. Foi o suficiente para uma lágrima riscar a face de Ricardo — Eu machuquei você? — Lipe referiu-se ao encontrão, pois não entendeu as lágrimas.

— Não! — Ricardo respondeu rapidamente e quando o menino soltou sua

mão com o intuito de limpar sua lágrima, ele fechou os olhos.

— É que eu só choro quando me machuco, ou quando estou com muito sono e não consigo dormir — Lipe continuou e Júlia inspirou profundamente, prendendo o ar, em vez de soltá-lo, pois nem em seus sonhos o encontro dos dois seria daquela forma — Não é mamãe?

— É sim, Lipe...

— Pode ficar sossegado, Felipe, você não me machucou, estou chorando porque estou feliz — Ricardo abriu os olhos, conseguiu falar com firmeza e soou mais animado.

— Pode ser Lipe — o menino corrigiu Ricardo, fazendo-o sorrir. Já havia se apaixonado à primeira vista pela mãe, agora acontecia a mesma coisa com o filho. Aquele momento era um dos mais importantes da sua vida, não tinha dúvidas disso.

— Seus olhos são que cor? O do tio Du são... — demorou um pouco para se lembrar e Júlia percebeu em Ricardo um leve franzir de testa ao ouvir o nome do irmão — Azuis.

— Pois os meus são verdes — respondeu, minimizando a informação.

— Verde também é bonito. Mas meus blocos preferidos são os azuis — Lipe completou, emendando uma informação à outra.

— Deixe o Ricardo levantar, filho — Júlia pediu, pois aquela posição não era recomendável para quem havia ficado algum tempo internado. Antes que Ricardo se levantasse, Lipe passou mais uma vez a mão em seu rosto, refazendo o caminho da lágrima. Ricardo sorriu, agradecendo aos céus por conseguir viver aquele momento.

Uma vez de pé, o garoto lhe ofereceu a mão e Ricardo não hesitou em apanhá-la. Lipe começou a puxá-lo na direção da sala.

Júlia deixou-se ficar uns passos para trás. Dizer que estava abalada era pouco. Vendo-os juntos confirmou o quão eram parecidos nos trejeitos e no modo como sorriam. O arrependimento visitou-a no instante seguinte, pois havia sido tão egoísta que jamais imaginara aquela cena e, por isso, estava sendo tão

difícil para ela, quanto para Ricardo vivenciá-la. Como podia ter cogitado privar Lipe da convivência com o pai? Quem havia sofrido era ela, portanto não poderia estender suas reservas ao seu filho. A história dele e de Ricardo ainda era uma página imaculada. Precisava respirar um pouco, porque o dia estava apenas começando.

Sentir o calor daquela mãozinha entre a sua e seguir seu cicerone de pouco mais de um metro, fez com que seu batimento cardíaco fosse se normalizando e sua preocupação diminuindo. Sua pequena réplica tinha o poder de acalmá-lo.

— Gosta de ver desenho, tio Ricado? — perguntou interessado na resposta, pronunciando o nome de forma errada, sentando-se no sofá e puxando Ricardo para fazer o mesmo.

— Vou falar a verdade, faz muito tempo que não vejo, Lipe — Ricardo sentou-se, sem se incomodar com o "tio" proferido pelo menino — Pode me chamar de Rico.

— Rico de dinheiro? — questionou confuso, fazendo Ricardo rir com a capacidade de associação que ele possuía.

— Vou explicar assim — falou com paciência, bem devagar, mantendo os olhos fixos nele — Você se chama Felipe e todos te chamam de Lipe, não é? — questionou e o menino fez que sim com a cabeça — Eu me chamo Ricardo e todos me chamam de Rico. Lipe e Rico são formas mais fáceis de dizer nossos nomes. Para esse jeito mais fácil, a gente dá o nome de "apelido" — pelo olhar interessado do menino, notou que tinha toda sua atenção — Entendeu?

Lipe demorou um pouco, processando a informação. Ele ficava fascinado sempre que aprendia uma palavra nova na escolinha ou em casa.

— Qual é o apelido da mamãe, tio Rico?

— Bem — Ricardo ficou sem graça — O nome da sua mãe é curto, mas podemos chamá-la de Jú, Julinha, Lia, Juju... — o menino riu da última opção, deixando Ricardo encantado com o som de sua risada. Faltavam-lhe palavras para descrever como estava se sentindo, pois olhar para ele era como ver seu reflexo no espelho, pois o sorriso de Lipe lembrava seu próprio sorriso. Não só isso, havia outros trejeitos que reconhecia no pequeno. Mais gratificante do que se reconhecer era descortinar cada pedacinho de Júlia presente no garoto. Era

fascinante notar que Deus escolhera características marcantes dos dois e confeccionara a criança com o que havia de melhor.

Perdeu a atenção do menino, quando a mãozinha dele buscou o controle da televisão e ele a ligou sem dificuldades, já no canal que passava desenhos. Em momento algum os olhos de Ricardo saíram do rosto dele, impressionado com seus traços, com o formato de seus olhos, de sua boca e de seu nariz. Como podia ter contribuído para tamanha perfeição e jogado tudo fora?

Talvez tivessem passados segundos ou minutos, quando Júlia entrou na sala.

— Não sei se já tomou café — falou de maneira polida, sem, no entanto, conseguir ficar indiferente à expressão entorpecida de Ricardo — Gostaria de algo?

— Já tomei — policiou-se para falar baixo e não atrapalhar a diversão do garoto — Porém, aceitaria uma xícara de café preto, se possível...

— Forte e sem açúcar — completou automaticamente e depois ficou tão constrangida que foi como se tivesse dito um palavrão. Fugir para a cozinha ajudou-a a lidar com o fato de que não era só ele que ainda se recordava de seus gostos. O que a deixou embaraçada, fez com que ele ficasse esperançoso. No fundo desejava que Júlia não tivesse se esquecido dele e, nesse caso, aquele ato falho era só um indício de que ela guardara muito mais de tudo o que viveram.

— Está gostando, tio Rico? — Lipe quis saber e Ricardo fez que sim com a cabeça. Gostar era pouco, estava amando.

Ricardo agradeceu o fato de ter escolhido uma roupa mais informal, pois quando seu filho secansou de assistir desenho, convidou-o para conhecer seu quarto. Na realidade o atraiu para uma armadilha, já que o convite era para Ricardo apanhar a caixa de brinquedos, grande demais para ele carregar e levá-la até a sala.

— Sua mãe deixa? — receoso, previu a bagunça que ficaria na sala, se ele atendesse o pedido do menino.

— Só se eu guardar todos os brinquedos depois — a resposta foi tão inocentemente direta que Ricardo sorriu, conseguindo ouvir Júlia ordenando que o filho não deixasse nada espalhado.

Queria consultá-la se aquele era o melhor momento para dar os presentes, porém, percebera que ela se mantinha mais afastada, como se estivesse lhe concedendo espaço para ter mais contato com o Lipe, sem sua intervenção, apenas sob sua vigilância discreta. Estava ótimo poder estar com o filho, mas queria estar ao lado dela também. Seguramente eram as únicas pessoas que amava com todo o seu coração e, por mais que ela não acreditasse, estava disposto a gastar todos os dias de sua vida até convencê-la disso.

Por isso, levou a caixa de brinquedos até a sala e enquanto Lipe se refastelava com várias opções, fez um gesto para ela, dizendo que precisava lhe falar. Novamente a cozinha foi escolhida como o terreno neutro, onde todos estariam seguros.

— Acha que posso dar os presentes agora?

Júlia consultou o pequeno relógio no pulso e fez uma careta.

— Daqui a pouco é a hora do almoço, se você der agora, o Lipe vai ficar tão agitado que não vai querer comer. Pode esperar mais um pouco?

— Claro — exibiu um belo sorriso para mostrar que estava de acordo — Ele é tão lindo — seu tom de voz transbordava o encantamento que sentia — Muito obrigado

Júlia sorriu de volta, aquele comportamento dele a estava deixando vulnerável também. Ricardo não estava só agradecendo a oportunidade de visitá-lo, mas também, e principalmente, o fato de ela ter lhe dado o maior de todos os presentes e ela compreendeu isso.

— Não quero que pense que desejo comprá-lo com presentes — Ricardo sentiu a necessidade de dizer isso, antes que voltassem para a sala.

— Não pensei isso, Ricardo e também, importa agora o que o Lipe está pensando a seu respeito, não eu – Júlia sem querer foi ríspida.

— Para mim importa que você saiba disso. Na verdade, tinha trazido as lembranças como um escudo, caso ele não fosse com a minha cara. Porém, agora só quero entregá-los para fazê-lo sorrir de novo, de novo e de novo, mil vezes se possível. Os sorrisos dele me dão a impressão de que não há problemas e de que para tudo nesse mundo há conserto.

— Bem-vindo ao clube —– Júlia sorriu-lhe cúmplice. Não era necessário dizer que Lipe sempre fora seu maior incentivo para se levantar todos os dias. Logo, conhecia aquela sensação que ele experimentava pela primeira vez. Era o sentimento que a acompanhava a exatos três anos e sete meses.

Foi para mais uma rodada de brincadeira com o menino, parando somente para surpreender Júlia, enquanto ela começava a aprontar o almoço.

— O que houve? O Lipe precisa de algo? — Júlia quis saber ao vê-lo entrar na cozinha.

— Ele não, mas você sim — declarou com a confiança que lhe era característica e que tinha lhe abandonado. Júlia arregalou os olhos sem entender ao que ele se referia — Com esse braço engessado, o mínimo que posso fazer é te ajudar um pouquinho. Não sou nenhum expert na cozinha, mas sei seguir instruções.

Júlia arqueou uma das sobrancelhas, desconfiada. O pior foi perceber que ele estava falando sério. Não tinha certeza de que era uma boa ideia.

— Não estou te pedindo algo tão difícil, Júlia. Só para baixar a guarda, por um segundo — parou diante dela — Deixe eu te provar que não mordo.

— Falando desse jeito, acho difícil — hesitou.

— Ok, escolhi mal as palavras —– sorriu, pois não tinha sido proposital e, pensando bem, realmente soara estranho — Deixe-me ajudar, por favor.

Júlia aceitou o pedido, depois de refletir um pouco.

— Só que não é bom deixar o Lipe muito sozinho. Ele adora subir nas coisas... — avisou e Ricardo prometeu que o olharia de cinco em cinco minuto. Essa foi a estratégia para conseguir ficar um pouco mais tempo ao lado dela.

Júlia se arrependeu de ter cedido, quando percebeu que a presença de Ricardo teve a capacidade de tornar o cômodo tão espaçoso em um lugar pequeno. Por mais de três vezes, eles esbarraram.

Em uma das vezes que voltou da visita ao menino, quando estava colocando a mesa, Ricardo não resistiu ao cheiro gostoso que vinha da panela que Júlia

estava cuidando. Por isso, parou atrás dela, para espiar o que ela havia colocado ali. Júlia estava tão compenetrada no que estava fazendo que só foi notar sua presença e, quando ele aproximou-se um pouco mais, olhando por cima de seu ombro, acabou se assustando com o gesto e por bem pouco a panela com o molho não foi ao chão. Ricardo segurou na cintura dela com uma mão, enquanto usou a outra para segurar o cabo da panela. A proximidade necessária para isso foi tanta que, quando os corpos se tocaram, foi como se Júlia tomasse um choque de alta voltagem. Certa de que a panela não mais cairia, passou por baixo do braço dele, saindo daquela posição.

Ricardo, que não fizera de propósito, pois nem imaginava sua reação, também não saiu ileso do contato involuntário. Foi tomado por uma onda de calor, quando teve a sensação do corpo dela colado ao seu. Sentir o quadril rígido e o perfume discreto, levou seu pensamento para outros lugares e foi bastante difícil interrompê-los. Levemente excitado, constatou não ter tanto controle sobre si mesmo e, por isso, entendeu perfeitamente o modo como ela se afastou.

— Perdão, não tive a intenção de assustá-la.

— Por favor, Ricardo, pare de se desculpar — Júlia pediu, impaciente. Era melhor que não falassem mais sobre o assunto.

O almoço serviu para acalmar os ânimos, pois Ricardo voltou a se encantar com o menino. Achou-o muito independente para a idade e apreciou a batalha que ele e Júlia travaram para que ele comesse tudo.

— Sabe o que acontecerá, se não comer tudo? — Júlia perguntou, após saborear um pouco da massa que fizera. O garoto arregalou os olhos e tanto ele quanto Ricardo esperaram o que ela diria — Não poderá comer a sobremesa que fiz. Porque se a sua barriguinha está cheia para comida, então, também está cheia para a sobremesa.

— Ah mamãe! — Lipe resmungou, fazendo Ricardo sorrir ao vê-lo voltar a comer.

— É raro eu fazer sobremesa — Júlia explicou para Ricardo, surpreendendo-o — Geralmente eu e o Lipe comemos frutas que são mais saudáveis.

— Agora entendo o empenho para comer tudo — Ricardo sorriu para seu

filho — Também não deixarei nadinha no prato.

Somente após ajudar Júlia com a louça do almoço, Ricardo entregou os presentes que trouxera, deixando Lipe em estado de euforia. O menino abriu todos os pacotes deslumbrado com a caixa de encaixar figuras geométricas, com o jogo de juntar letras, com a lousa mágica e principalmente com os livros de colorir. Sua maior diversão foi abrir as caixas de giz de cera e comparar as cores, fazendo com que Ricardo repetisse inúmeras vezes o nome de cada cor que não conhecia.

— Vem mamãe, brincar com a gente — Lipe chamou Júlia que do sofá observava Ricardo e o filho sentados no chão. Tinha certeza de que estava desconfortável para Ricardo, porém, ele não estava se importando, apenas se divertindo.

— Posso pintar também, mas daqui — Júlia negociou com o menino. Ele pensou em argumentar, mas acabou aceitando. Levou um livro para Júlia e escolheu as cores de giz que ela poderia usar.

— A mamãe machucou o braço — Lipe declarou, voltando a se acomodar em frente ao Ricardo, como se aquilo explicasse o fato de ela não se juntar a eles no chão.

Lipe brincou bastante com tudo o que pôde até começar a dar sinais de cansaço.

— Hora de tomar banho, Lipe — Júlia decretou, pois sabia que faltava aquilo para ele dormir. Na verdade já era para ter dormido bem antes, mas a presença de Ricardo e toda a novidade de brinquedos fizeram com que ele ficasse ainda mais agitado. Passava já das seis e só agora a pilha dele começava a abaixar.

Lipe ergueu os braços para ela, aceitando sem discutir. Ricardo sorriu embevecido, até o cansaço do menino o deixava com vontade de sorrir.

— Posso acompanhar? — pediu e Júlia não sentiu que estivesse forçando a barra. Sabia que de sua forma, era uma maneira de tentar compreender o cotidiano do menino, como se isso fosse capaz de fazer com que recuperasse um pouco do tempo perdido.

Assim, durante o banho, ficou parado junto à porta, observando-os. Adorou a espontaneidade do filho. Sorriu com os olhos ao vê-lo fazer questão de ensaboar a si mesmo, e lavar a cabeça, espalhando bastante o xampu que Júlia colocara na palma de sua mão.

— Pode me ajudar? — Júlia questionou ao fim do banho.

— Claro — Ricardo respondeu exultante — Como?

— Enrolando-o nesta toalha — Júlia apontou onde ficava — E levando-o até o quarto dele.

Novamente um nó na garganta. O menino não se opôs e, por isso, conseguiu satisfazer um desejo que tinha desde que chegara: pegá-lo no colo. Seu coração bateu mais rápido novamente e foi um sacrifício largá-lo, colocando-o na cama para que Júlia pudesse terminar de secá-lo e, em seguida, vesti-lo. Nem em seus prognósticos mais otimistas, conseguiria prever que se emocionaria tanto com coisas tão pequenas como aquela.

Seco e vestido, Ricardo o viu se aninhar no colo de Júlia, acariciando o pescoço dela, lutar um pouco para manter os olhos abertos, até finalmente se render ao sono. Júlia o acomodou na cama e Ricardo ficou a admirá-lo. Quando ela o cobriu com uma manta leve, ele não se conteve e se aproximou, acariciando os cabelos encaracolados do menino. Parecia um anjinho e não aquele menino cuja bateria demorava para acabar.

— Ele é tão frágil assim — Ricardo comentou baixinho.

— Sim — Júlia concordou, saindo do quarto e sendo seguida por Ricardo. Agora chegavam a um momento crítico da visita, pois sem a presença do garoto, necessariamente seriam só os dois.

Ricardo tinha muito a dizer, embora Júlia não se mostrasse predisposta a conversar. Não tinha o que reclamar dela, pois cumprira sua palavra, recebendo-o muito bem e extinguindo qualquer animosidade existente entre eles. Sabia que sua postura tinha a ver com o acidente e também que era sua maneira de preservar seu filho.

Acomodaram-se na sala, bem distantes um do outro, com um silêncio gigantesco entre eles. Ricardo, porém, não conseguiu preservá-lo.

— Acho que amanhã parecerá que corri uma maratona — foi sincero — Você percebe que está ficando velho, quando alguém tão pequenino é capaz de lhe deixar extenuado.

— Não deveria estar se esforçando tanto, depois do acidente...

— Não estou reclamando, Júlia — sorriu — Serão as dores mais bem-vindas das últimas que tive. É um privilégio ter recebido uma segunda chance da vida. Quero, o quanto antes, regularizar a situação do Lipe. Eu me informei e basta irmos ao cartório em que o registrou e entrar com um pedido de alteração do registro, pois assinarei a declaração, reconhecendo a paternidade.

— Pensei que fosse querer um exame, antes disso...

— Não sou assim, Júlia. No fundo, ainda sou aquele mesmo cara que conheceu há quase seis anos. Tudo o que precisava saber do Lipe, já sei: ele é lindo, esperto, voluntarioso, incansável — seus olhos brilharam — E é nosso filho.

Júlia sentiu a boca secar com o "nosso filho" proferido com tanta naturalidade por ele.

— Precisava que se conhecessem antes de lhe contar que você é o pai dele — achou que lhe devia essa explicação.

— Eu não me importei com isso. Este dia está sendo tão maravilhoso que se o Lipe me chamasse apenas de cara, seria capaz de agradecer. Tinha muito receio de que ele não gostasse de mim, pois não tenho sido uma pessoa das mais agradáveis.

— As crianças veem além das aparências, Ricardo. Elas são puras. Mais do que isso, são sinceras. Se ele gostou de você, é porque enxergou suas qualidades — respondeu com franqueza e depois, quando o silêncio retornou, levantou-se do sofá — Deseja beber ou comer algo?

— Obrigado, estou bem — entendeu que ela fugiria mais uma vez, afinal tinha sido isso durante o dia todo. Se precisava escapar de sua presença, era porque ele a afetava tanto quanto era por ela afetado. Não queria classificar aquilo apenas como atração. Eram quase quatro anos sem um toque sequer entre eles, só podia ser amor. Porém, entendia o motivo de ela não dar o braço a torcer,

não se eximia de sua culpa.

— Então me dê licença, vou ao toalete — pediu, deixando-o sozinho na sala.

Júlia lavou as mãos e molhou o rosto. Aquela versão de Ricardo estava ferrando com a sua mente, essa era a verdade. Tirando o incidente na cozinha, não tinha qualquer ressalva sobre comportamento, pois ele estava sendo adorável com o seu filho e uma companhia bastante agradável. E quanto mais agradável se mostrava, mais pensamentos de que poderiam ter dado certo surgiam.

Antes de retornar para a sala, passou em seu quarto e olhou seu celular. Não havia nenhuma ligação de Eduardo. Ele prometera que não se intrometeria no dia de Ricardo com o Lipe, só não sabia que isso queria dizer que nem mesmo se comunicaria com ela para dizer como havia sido na delegacia.

Pensar em Eduardo era uma fuga, sabia disso, porque Ricardo estava há poucos metros, sentado em seu sofá, na sua sala.

Assustou-se ao sair de seu quarto e dar de cara com Ricardo.

— Desculpe, não resisti e vim ver se o Lipe estava dormindo bem. É comum essa paranoia? — quis saber.

Júlia fez que sim com a cabeça. Não imaginava que Ricardo seria um pai tão babão, achou engraçado o jeito dele. Pior, achou encantador.

Voltaram para a sala e Ricardo a viu apanhar duas pequenas taças e ir em direção à cozinha. Quando retornou, elas estavam com o licor que ela havia ganhado. Júlia entregou uma taça para ele e sentou-se ao seu lado. Fazia muito tempo que não tomava licor de jabuticaba, talvez porque isso lembrasse da época em que estavam juntos.

— Ao seu encontro com Lipe — Júlia propôs o brinde.

— É, às segundas chances da vida — Ricardo completou, batendo sua taça à dela, antes de saborear a bebida. Olhou para baixo, para não fixar seus olhos no rosto dela. Estar a um passo da mulher que tanto desejava era uma tortura. Muito mais difícil do que resistir às suas investidas, quando fora drogada — Acha que o Lipe acorda ainda hoje?

— Foi um dia atípico, Ricardo, então não tenho certeza. Ele passou muito da hora de dormir, por isso, não sou capaz de afirmar.

Ricardo olhou no relógio preocupado.

— Não se prenda, se tiver algum compromisso. Terá outros dias com o Lipe.

— Adorei ouvir isto — sorriu, tomando mais um gole, depois ficou sério — Não tenho outro compromisso. Porém, tenho noção de que você também deve estar cansada e comigo aqui, tem que ficar fazendo sala.

— Ver meu filho feliz, compensa qualquer cansaço — não mentiu e Ricardo gostou de ouvir que sua presença contribuiu para a alegria de Lipe. Porém, simultaneamente, sentiu uma ponta de dor ao saber que ele representava apenas um sacrifício para ela. Finalizou o licor e se levantou.

— Com a promessa de que terei outros dias assim, vou liberá-la do nosso compromisso.

Júlia quis dizer que ele não precisava ir tão cedo, mas não o fez. Estavam rareando as palavras, talvez o melhor fosse deixá-lo ir. Levantou-se também, apanhando a taça da mão dele e pedindo licença para colocá-la na cozinha.

— Se já está decidido, tudo bem — Júlia disse ao voltar e viu Ricardo começar a caminhar em direção à porta cuja entrada dava na sala. Parou encostado à porta, impedindo que ela o abrisse.

— Antes, gostaria de te agradecer pelo dia. Nem sei por onde começar, Júlia. Fiquei embasbacado com o Lipe. Aquela foto que me mostrou não descreve nem um terço do que o nosso garoto é. Obrigado pelo belo trabalho que fez, por mais que eu sinta todo o tempo em que me ausentei, sinto que não fiz falta, pois você o educou muito bem.

— Ele ainda está sendo educado, poderá contribuir muito — fez questão de dizer.

— Espero que sim, mas estou tranquilo que ele tenha uma boa base já — sorriu de modo cativante, os olhos verdes fitando-a diretamente — Eu sei que temos muito a conversar sobre o Lipe e se depender de mim teremos essa e outra conversa, quando desejar. Só queria agradecer por tudo o que me fez sentir.

— Na verdade não fui eu, e sim o Lipe — Júlia minimizou.

— Foi você sim, por dois motivos. Por me permitir estar aqui, apesar do quanto errei e o principal, por ter colocado essa pessoa tão especial no mundo — acabou se emocionando novamente naquele dia e a voz saiu meio falhada — Obrigado — afastou-se da porta para que ela pudesse abri-la.

Júlia destrancou a porta e viu Ricardo sair. Ele pensou em beijá-la no rosto, porém, achou melhor não fazê-lo, despedindo-se com um singelo aperto de mão.

— Não precisa esperar que o elevador chegue — deu-lhe a permissão para fechar a porta.

— Obrigada pelo dia que proporcionou ao Lipe — foi sua vez agradecê-lo — E pelo cuidado ao escolher brinquedos adequados para ele.

— Não queria parecer mais tolo. Já não bastava ter aceito o que as vendedoras me empurraram, só faltava não ter trazido de acordo com a idade dele — Ricardo piscou para ela, ganhando um sorriso sincero em resposta, e apertou o botão, chamando o elevador — Pode ir, prometo não me perder — brincou e Júlia hesitou, antes de fechar a porta, deixando-o do lado de fora.

Estava realmente cansada, mais mentalmente do que fisicamente. Aquele encontro tinha abalado um pouco suas convicções. Precisava de um bom banho, depois trocar de roupa para poder deitar tão cedo quanto o filho. Começou a se encaminhar para o seu quarto, quando ouviu duas batidas na porta. Voltou-se imediatamente, caminhando rápido até a porta.

Não se surpreendeu ao ver Ricardo, imaginando que ele tivesse deixado alguma coisa para trás.

— Ricardo, esqueceu-se de alguma coisa?

— Sim, Júlia — assentiu com a cabeça e se aproximou dela — Esqueci-me disso.

Ele a puxou em sua direção, sem que ela tivesse tempo para reagir e depositou em seus lábios um beijo cheio de urgência, desejo e vontade, comprimindo-a contra a porta, mas ciente de seu braço engessado. Ainda que seu gesto estragasse todo seu esforço, não conseguira ir embora sem matar sua

vontade de beijá-la novamente. Júlia tentou resistir, porém não conseguiu. Fechou os olhos e correspondeu o beijo de Ricardo com a mesma intensidade. Ele tomou posse de sua boca sem a menor intenção de parar de beijá-la.

Quando finalmente conseguiu pensar, Júlia colocou a mão no peito dele e o empurrou.

— Ricardo, eu não posso! —– sussurrou.

— Já fomos formais demais para um dia só, volte a me chamar de Rico, Júlia — praticamente implorou, sem largá-la.

— Eu não posso — lembrou-se de Eduardo e se sentiu mal, pois estava com ele e aquilo não era certo.

— Não poder é bem diferente de não querer — Ricardo sussurrou em seu ouvido, antes de depositar beijos em seu pescoço, queixo, para mais uma vez sugar-lhe a boca, sem dar-lhe qualquer opção de afastá-lo novamente.

Capítulo 32

Algumas horas antes

Eduardo batucou no volante. Viajar fora uma forma bastante eficaz de não demonstrar todo o seu receio em relação ao encontro entre Júlia, Ricardo e Lipe. Conhecia seu irmão mais velho, afinal passara boa parte de sua vida a admirá-lo e sabia que uma de suas características era a persistência. Assim, se houvesse a menor possibilidade de ele recuperar aquela que deveria ser sua família, ele não hesitaria em tentar fazê-lo.

Não mentira ao dizer que compreendia a importância do encontro. Antes mesmo de saber que Constância não era sua mãe, a condição de seu sobrinho já o preocupava. Sabia como as crianças eram cruéis e temia que, em certo momento, a ausência de um pai o prejudicasse no colégio. Por esse motivo, chegara a propor à Julia registrar o menino. Naquela época, Júlia sequer o enxergava e achou a ideia incabível, negando delicadamente sua oferta.

— Não posso criar o meu filho em uma mentira, Edu. Ele é apenas um bebê, no entanto quando tiver idade para entender, contarei o nome do pai dele — havia sido a resposta que ela lhe dera na época.

Depois, os anos se passaram, as coisas foram acontecendo, até que culminasse naquele momento: na qual Júlia percebera a importância de pai e filho conviverem.

Deu um leve suspiro e manteve a atenção na estrada. Entregaria os papéis da concessionária ao delegado responsável pelo caso e ouviria dele quais os próximos passos a serem tomados. Mantendo-se útil, esperava não pensar em coisas sobre as quais não tinha poder.

Dirigindo com cuidado, nem viu o tempo passar, levando um pouco mais de uma hora e meia para chegar à delegacia da cidade em que Júlia se acidentara. Parou no estacionamento próprio do prédio, apanhou a pasta com os documentos no banco de trás e, após fechar o carro, caminhou com passos largos, entrando

rapidamente e se identificando para um dos guardas.

— Gostaria de falar com o delegado Palhares, fiquei de trazer um laudo para ele — explicou — Diz respeito a um acidente que...

— É o senhor Eduardo Vidal? — o policial quis saber, antes que ele concluísse e Eduardo fez que sim com a cabeça — Está sendo aguardado.

Agora sua expressão foi a de incredulidade. Como poderia estar sendo aguardado? A menos que o delegado fosse algum tipo de médium, não havia como saber que estava indo para lá

Sua dúvida se dissipou, logo que a porta foi aberta. Vivian estava sorrindo para o delegado e, mesmo sabendo que era ele, não fez menção de se virar para vê-lo entrar. Ao contrário, ajeitou-se na cadeira, cruzando as pernas discretamente, mas o suficiente para chamar a sua atenção.

— A senhorita Garcia me informou que vinha, senhor Vidal — o delegado Palhares comentou assim que o viu — Por favor, sente-se.

Eduardo achou melhor não dizer nada, ainda que tivesse certeza que a surpresa ficou estampada em seu rosto. Ela era a última pessoa que esperava encontrar ali e deveria ter chegado bem cedo, visto que nem eram dez horas ainda. De repente, viu-se incomodado com uma Vivian toda sorridente para o delegado, ainda mais depois de se lembrar do modo como o homem a olhara da primeira vez em que estiveram ali. Sentou-se, sem fazer questão de cumprimentá-la.

— Conseguiu os documentos? — o delegado foi direto, fazendo com que Eduardo finalmente emitisse alguma palavra.

— Sim — apanhou a pasta e a abriu, deixando visíveis os papéis que Júlia havia pego na concessionária — Como o senhor pode verificar, consta a data em que a revisão foi feita, exatamente dois dias antes da viagem — Eduardo falou, estendendo a pasta em direção ao delegado.

— Realmente estamos diante de uma mulher previdente — Vivian comentou, sem que nada lhe fosse perguntado e Eduardo achou estranho ao reconhecer certa ironia na frase.

Palhares passou a vista sobre o documento, olhando todos os itens que haviam sido verificados no laudo da concessionária.

— Diante destas novas provas, tenho que considerar a hipótese que o senhor aventou, senhor Vidal. É muito estranho o que houve com os freios. Se a revisão tivesse sido feita há um mês vá lá, no entanto o tempo foi muito curto para que alguns parafusos afrouxassem.

— Fico aliviado — Eduardo comentou, ajeitando-se na cadeira — Quais são os procedimentos a seguir?

O simples se mover do homem ao seu lado, fez com que Vivian se recordasse do episódio em seu apartamento e, com o teor dos pensamentos, ficou feliz por possuir a pele negra, caso contrário teria ruborizado. Que corpo era aquele? Já havia achado Ricardo bastante bonito, mas Eduardo era uma tentação. O homem transpirava testosterona e, por mais mal educado que houvesse se mostrado, não conseguia ignorar aquilo. Mais, não simpatizara com a tal namorada, por um simples motivo: Júlia era tão previdente que na falta de um Vidal, tinha se cercado de dois.

— Senhor Vidal, retomaremos as investigações e, sendo comprovada a sabotagem, não descansaremos enquanto não apanharmos os culpados.

— Acha que depois de tanto tempo, há a chance de serem bem-sucedidos? — Eduardo preocupou-se.

— Se não acreditarem, acho que não haveria sentido no trabalho da polícia, não é mesmo? — Vivian dirigiu-se para o delegado, fazendo com que Eduardo a olhasse pela primeira vez. Ela tinha um prazer gigantesco em provocá-lo, inclusive parecia que seus olhos brilhavam ainda mais, quando o fazia.

— Correto, senhorita Garcia — o delegado concordou, meio que flertando com ela. Vivian deu-lhe um sorriso mais contido — Se não acreditarmos que a justiça possa ser feita, não há razão em investigar. Portanto, senhor Vidal, fique tranquilo que faremos tudo o que puder ser feito. E havendo qualquer novidade, entro em contato com vocês.

— Obrigado — Eduardo levantou-se, pronto para deixar a sala.

Vivian levantou na sequência, inclinando-se sobre a mesa para cumprimentar

o delegado. Os três botões abertos de sua blusa foram o suficiente para revelar parte do sutiã meia taça e atrair mais uma vez o olhar do delegado. Disfarçadamente, aprovou a vista e não tirou os olhos do decote generoso que se formou, enquanto se despedia dela. Eduardo engoliu em seco e teve vontade de apanhar em seu braço para que saísse daquela posição, porém, não o fez, abrindo a sala para sair.

— Fico grato pela sua atenção — quebrou o silêncio, assustando o delegado de um modo que Vivian percebeu o motivo de sua dispersão. Tentando não aparentar o quão ficou constrangida, ergueu-se rapidamente, apertando o passo para alcançar Eduardo.

— Será que pode me esperar? — Vivian pediu, assim que o alcançou.

— Pelo que me conste, não viemos juntos — Eduardo respondeu de má vontade — Aliás, o que está fazendo aqui?

— Acompanhando o caso. Se você não se recorda, sou assistente de seu irmão e a ele também interessa o resultado da investigação — Vivian manteve seus olhos nos dele. Era mais fácil assim, pois se vislumbrasse qualquer parte longe do rosto, a imagem dele apenas de toalha retornaria.

— Como ficou sabendo que viria aqui hoje? — continuou, encarando-a.

— Não está prestando atenção ao que eu digo — queixou-se — Sou assistente do seu irmão. Logo, assim que a sua namorada ligou para ele, Ricardo me informou que viria aqui. Deduzi que chegaria cedo e me antecipei.

— Poderia apenas ter ligado. Não havia a necessidade de estar aqui — Eduardo começou a sair do prédio e ela o acompanhou.

— Tem razão, porém, precisava voltar à cidade. Ricardo acabou me dando mais detalhes sobre aconteceu e compartilhou comigo algumas dúvidas — disse o seguindo — Não entendo o motivo pelo qual vocês dois omitiram do delegado o fato de ela ter sido drogada. Não ficaria mais fácil comprovar que havia alguém querendo prejudicá-la?

Ao ouvir a pergunta, Eduardo parou para olhar para ela.

— Não posso falar pelo Ricardo, mas eu — frisou o prono me —Não

gostaria que a índole de Júlia fosse colocada em dúvida e é exatamente o que aconteceria, assim que ouvissem sobre o ecstasy. Digo mais, era capaz de se interrogarem se os dois não estavam drogados, quando aconteceu o acidente.

— Às vezes, para proteger alguém, fazemos coisas erradas — Vivian deixou claro que discordava do que ele estava dizendo. Eduardo pareceu não ligar e continuou a caminhar em direção ao seu carro. Vivian teve que dar passos mais longos para acompanhá-lo — Ei, será que poderia ter um pouco de educação e não me deixar falando?

— Julguei que já tivesse dito tudo o que tinha a dizer — Eduardo respondeu impaciente — Não temos mais nada a falar, você viu, entreguei os papéis para o delegado, fiz minha parte e você a sua.

— Não seja tão apressado. Tem coisas que são muito melhores com um pouco mais de calma — Vivian olhou-o de modo desafiador e Eduardo quase sorriu, diante do duplo sentido ali existente — Não terminei ainda.

Eduardo cruzou os braços.

— Ok, tenho o dia inteiro para tentar decifrar o que você quer comigo.

— Você é sempre tão grosso, assim? Não podia, pelo menos uma vez, ser refinado como o seu irmão?

— Eu e o Ricardo não temos nada a ver — a mera comparação o irritou.

— Há controvérsias — deixou escapar, pensando no gosto em comum que eles tinham. Eduardo chegou a fazer menção de deixá-la falando, quando ela apelou — Preciso de você.

— Como? — não compreendeu.

— Preciso da sua ajuda — melhorou a frase e viu a tensão dele se transformar em curiosidade — Ainda sobre o que aconteceu nesta cidade e sobre as coisas que seu irmão me disse, preciso averiguar um detalhe e se fosse comigo ajudaria muito.

— Se puder me colocar a par do que está falando, agradeço — mostrou-se um pouco mais paciente.

— Já viu o tamanho do meu salto? — Vivian perguntou do nada, fazendo automaticamente com que Eduardo olhasse para baixo. Realmente o salto era alto, pensou, forçando-se a voltar a olhá-la no rosto sem passar por suas belas pernas — Não dá para conversar aqui, no meio de um estacionamento!

— Está sugerindo o que?

— Que tenhamos essa conversa em outro lugar. Vi uma lanchonete a algumas quadras. Se puder me seguir, em minutos estaremos lá.

Eduardo refletiu por alguns segundos. Havia algo que lhe dizia que o melhor era entrar em seu carro e ir para casa. Porém, e se a informação que ela gostaria de checar fosse importante ao caso? Escolheu essa opção para aceitar o convite.

— Meu carro está lá embaixo -— Vivian apontou — Vou passar, aí você vem atrás.

Eduardo fez que sim com a cabeça. A mulher adorava mandar, fazia com uma naturalidade espantosa. Ele ficou parado, vendo-a se afastar. Mal havia começado e sabia que aquele dia prometia.

Entrou em seu carro e esperou um pouco, quer dizer, mais minutos do que gostaria. "Com certeza, livrando-se daqueles sapatos", pensou e aguardou até que ela passasse, dirigindo um sedã preto, para segui-la. Sem querer acabou comparando o gosto dela ao de Júlia e teve certeza de que eram muito diferentes. Não via Júlia dirigindo um carro como aquele.

A tal lanchonete era bem cuidada, apesar de poucos frequentadores àquela hora do dia. Mesmo sem conhecer o lugar, Vivian entrou, escolheu uma boa mesa e se comportou como se fosse frequentadora assídua, sendo simpática com a garçonete e brincando com o nome dos pratos da casa.

— Se desejava tomar café comigo, poderia ter me convidado — Eduardo comentou, assim que ficaram sozinhos.

— Sabe, estava começando a achar que havia me enganado e você era legal. Mas agora que abriu a boca, percebi que estava certa, você apenas estava em silêncio.

Eduardo sorriu, balançando a cabeça. Definitivamente não estava dando

certo. Começou a se levantar, obrigando Vivian a colocar a mão sobre a sua, impedindo-o de continuar.

— Primeiro me escute — pediu e o viu hesitar, até sentar-se novamente — Preciso de sua ajuda.

— Essa parte já me falou no estacionamento. Tem como me dizer algo que eu ainda não saiba?

Vivian bufou, mas lutou para recuperar a calma. Realmente precisava dele, caso contrário já o teria mandado para lugares muito feios para serem pronunciados.

— Assim que falei sobre a sua suspeita, o seu irmão disse que uma coisa o intrigou, logo que chegou à cidade — falou pausadamente, sabendo que agora tinha toda sua atenção — A questão da hospedagem, afinal eles tiveram que se hospedar nesta cidade, em vez da cidade na qual aconteceria o casamento.

— Confesso que também não entendi — Eduardo declarou, conversando com ela civilizadamente, pela primeira vez.

— O Ricardo disse que não parecia que o outro hotel estivesse cheio. Mesmo assim, o recepcionista lhe afirmou categoricamente que não havia mais vagas.

— Sim, a mesma coisa que falou à Júlia.

— Quando o Ricardo me disse, achei meio teoria da conspiração, no entanto, agora faz um pouco de sentido.

— Por que não me espanto com isso? Foi a mesma coisa, quando sugeri a sabotagem — como ela não retrucou, faz uma pausa — Não compreendi ainda, por que faz sentido agora?

— E se a pessoa que quisesse prejudicar a Júlia soubesse onde ela estaria hospedada?

— Não, não é possível isso. Por que se eu levar essa hipótese em consideração, terei que acreditar que tudo foi premeditado e ninguém é tão influente assim. Dessa vez, minha cara, você quem assistiu muita série policial.

Vivian deu um sorriso nervoso.

— Da outra vez, zombei de você e pode estar certo. Será que não seria mais fácil acreditar em mim?

— Acreditar exatamente no que? Que até mesmo a hospedagem de Júlia foi controlada? Desculpe, não consigo.

— Pense comigo: são os dois únicos hotéis da região, o restante é pousada, ou é uma espelunca tão grande que nem pode ser chamado de hotel. Uma chef precisa estar bem acomodada para cozinhar bem nos dias da festa, correto? — quis saber, buscando os olhos azuis dele. Eduardo fez que sim com a cabeça - Então, não é tão difícil descobrir em que lugar ela ficaria.

— Você contribuiu com essa sandice, ou foi só o Ricardo? — quis saber, irritando-a.

— Só ele e não é sandice, é lógica — reclamaria, se o pedido que havia feito não fosse trazido pela garçonete. Estava com fome, acordara muito cedo para estar lá antes que ele. Precisava tomar um bom café da manhã para pensar direito. Fez uma careta ao ver que o pedido de Eduardo restringia-se a um suco de laranja — É para isso que preciso da sua ajuda — falou, assim que a garçonete os deixou, desejando bom apetite.

— Como? Não entendi — Eduardo foi franco, enquanto ela começava a saborear o lanche natural de peito de peru. Achou interessante estar diante de uma mulher que comia com vontade, ou que estava com muita fome.

Um tanto incomodada com a observação dele, apanhou um guardanapo e limpou a boca, antes de falar.

— Antes de ir embora, vamos à cidade em que foi o casamento. E falamos com o gerente — comeria mais um pedaço, no entanto parou diante da risada de Eduardo.

— Diria mais. Está assistindo filmes ruins. Até parece que o homem do nada, se isso for verdade, vai nos revelar.

— É por isso que preciso de você, gênio. Por que não será do nada. Seu irmão não chegou a falar com o gerente. Ou seja, é bem capaz que ele nem saiba

que o dono do Magista esteve para se hospedar em seu hotel.

— Sim — começou a compreender a linha de raciocínio dela — E precisa que eu faça o que exatamente?

— Desejo que faça algo muito difícil para você — foi irônica — Seja desagradável.

A resposta esteve prestes a sair de seus lábios, mas se conteve e ela continuou.

— Só queria que encenasse alguém capaz de acabar com a reputação do hotel, por conta do acidente. Será que é tão difícil assim? Nunca fez uma peça no colégio? — quis saber e ele negou, movendo a cabeça.

— Eu te garanto que tinha coisa muito mais interessante para fazer...

— Que seja. Será que podemos tentar?

— E você fará o que, nesse teatrinho? — Eduardo aguardou, realmente interessado.

— Serei sua assistente — foi tão natural que ele riu.

— Você seria péssima roteirista e uma continuísta descuidada. Olhe bem para mim — pediu e ela ergueu o queixo para encará-lo — Acha realmente que pareço do tipo que tem assistente? Essa mentira não colaria nem aqui, nem na China — tomou mais um gole do suco.

Vivian entendeu o que ele queria dizer. Eduardo não era como o irmão. Vestia-se bem, mas muito mais despojado do que Ricardo. Era mais informal, mais casual. Passaria fácil por um playboy inconsequente, porém, jamais por um executivo entojado. O pensamento fez com que abrisse um sorriso.

— Se prometer não estragar tudo, podemos seguir em frente mesmo assim. Sei exatamente o papel que ocuparei na farsa — continuou confiante.

— Devo me preocupar com esse sorriso? — Eduardo olhou-a desconfiado.

— Se for um bom ator, não. Afinal, basta fingir um pouco — Vivian voltou

toda sua atenção para o lanche que havia pedido e que seria seguido de iogurte batido com leite e uma colher de mel e depois um pão de queijo que estava com um aspecto maravilhoso.

— Tudo bem! — concordou, principalmente por estar curioso com aquilo tudo.

Quase uma hora depois, Eduardo estacionou o carro em frente ao hotel no qual a equipe do Doce Pimenta havia ficado hospedada. Até a entrada da cidade havia seguido o carro de Vivian, no entanto, antes haviam parado em um posto de gasolina, de onde tiveram que chegar a um acordo sobre seguir juntos.

— Se isto é realmente necessário, você vem no meu carro, simples assim — Eduardo foi intransigente.

— Só falta me mostrar que é um machista e acha que todas as mulheres dirigem mal — Vivian cruzou os braços, irritada.

— Não sou machista e tampouco acho que todas as mulheres dirigem mal, só não quero uma carona sua — disse de modo simples.

— Ok — rendeu-se para não se irritar — Vou deixar o meu carro lavando, enquanto isso — explicou, antes de sumir e quando retornou, foi abrindo a porta do carona, jogou a bolsa no banco de trás e se ajeitou no banco, puxando com força o cinto de segurança para prendê-lo. Todos os movimentos sem olhar para o rosto dele, algo que o fez sorrir.

Eduardo chegou ao hotel e, conforme o combinado, entrou primeiro. Foi direto à recepção. Um rapaz alto e magro sorriu-lhe, não compreendendo sua feição fechada.

— Gostaria de falar com o gerente dessa pocilga — Eduardo se inspirou em Constância para passar credibilidade. Sua mãe destratava as pessoas com tanta naturalidade que, quando era adolescente, tinha receio de sair em sua companhia.

— O que houve, senhor? Alguma coisa com sua reserva? Falando nisso, nem me falou seu nome para que eu possa buscar seus dados aqui...

— Já te disse o que houve. Que tal me escutar? Preciso falar com o gerente agora — insistiu. Estava sentindo-se ridículo, essa era a verdade, nem sabia

porque aceitara fazer aquilo, já que nem era tão bom assim mentindo.

Ao notar a expressão do rapaz atrás do balcão, viu que talvez conseguisse mentir bem, pois ele estava intimidado. Eduardo o encarou, deixando claro que não sairia dali.

— O... senhor... não... pode... adiantar... o assunto? — o rapaz demorou a terminar a frase, devido a uma súbita gagueira. Eduardo fingiu perder a paciência e virou-se. Caso Vivian não tivesse entrado no hotel naquele momento, provavelmente teria saído do personagem, pois ficou incomodado em torturar o pobre rapaz daquele modo.

— Não — foi firme, observando Vivian se aproximar lentamente — Faço questão de falar com ele agora, ou lhe garanto que terá problemas.

— Senhor Vidal — Vivian chegou, parando ao seu lado. Não tinham combinado como agiriam — Continuo sugerindo que não trate pessoalmente do assunto. Talvez diante da polícia tudo seja esclarecido.

— Polícia? — o jovem arregalou os olhos e sua hesitação desapareceu, tirando o gancho do telefone e ligando imediatamente para o gerente.

— Você sabe com quem está falando, rapaz? — Eduardo voltou-se para ele novamente, e Vivian colocou a mão em seu braço, na falsa tentativa de acalmá-lo.

O rapaz fez que não com a cabeça e antes que tivesse a chance de perguntar, o gerente surgiu por uma porta atrás do balcão. Veio arrumando o óculos, ajeitando a gravada. Vivian fez uma leve pressão no braço de Eduardo, soltando-o em seguida. Mesmo o sabendo forte, surpreendeu-se com os músculos dele.

— Deve ser o gerente da espelunca — Eduardo aumentou um pouco o tom de voz — Chegou em um bom momento, estava para me apresentar para o seu funcionário, sou Eduardo Góes Vidal.

O gerente olhou-o, tentando entendê-lo, estendendo a mão para cumprimentá-lo sem, contudo, reconhecer seu sobrenome.

— Prazer, Augusto Marins.

— Sou irmão de Ricardo Góes Vidal, o dono do Magista — Eduardo cumprimentou-o, apertando sua mão mais do que um cumprimento formal exigia — Aquele a quem o senhor negou estadia e que, por conta disso, acidentou-se — sua fala fez com que a expressão dele e do recepcionista mudassem.

— Senhor Vidal — Vivian interveio — Acho que deve deixar nas mãos dos advogados da família.

— Senhor Vidal — o gerente repetiu e ficou aliviado, quando o cumprimento terminou — Não faço ideia do que esteja falando — fez um gesto para que o recepcionista os deixasse e o rapaz, mais do que imediatamente sumiu.

— O senhor Ricardo Vidal esteve aqui há alguns dias para um casamento, tentou se hospedar sem sucesso, pois vocês alegaram que o hotel estava lotado — Vivian o colocou a par do assunto — Aliás, alguém lhe indicou um hotel na cidade vizinha...

— Moral da história — Eduardo fingiu-se impaciente, interrompendo-a — No último dia de sua estadia, ele sofreu um acidente vindo para a festa. E agora estamos pensando seriamente em processar o hotel, porque meu irmão tem a certeza de que não estava cheio.

O gerente engoliu em seco. Ellen havia lhe pedido um favor, porém, não lhe disse que o próprio dono do Magista apareceria ali. Se o hotel fosse processado por uma pequena mentira como aquela, iria para a rua e estava precisando muito do emprego para perdê-lo logo agora. Além disso, Ricardo Vidal tinha poder para queimá-lo no ramo hoteleiro, se é que já não o tinha feito.

— Devemos ir embora, deixar nas mãos das autoridades — Vivian insistiu — A polícia tem outros métodos...

— Polícia? — o modo como o gerente questionou, fez com que os dois tivessem certeza de que havia algo mais ali. Por mais incrédulo que estivesse, Eduardo manteve-se firme.

— A quem mais chamaríamos? Vocês são o quê? Duas estrelas?

— Três — o gerente o corrigiu.

— Depois deste acontecimento infeliz, acredito que caiam para uma. O dever

do hotel não é acolher os hóspedes? E se fosse um avaliador? Por tamanho descuido e despreparo, ele teria destruído esse hotel.

— Não foi assim. O hotel estava cheio, por conta da festa — o gerente se defendeu.

— Acreditaria, se não houvesse amigos nossos que se hospedaram aqui. Eles podem testemunhar que isso aqui estava longe de estar lotado — Eduardo mentiu, pensando na equipe do Doce Pimenta.

— Será que podemos conversar em um lugar mais reservado? — o gerente perguntou, aproximando-se um pouco do balcão.

— Senhor Vidal, é melhor não tratar desse assunto, sem a presença de seus advogados — Vivian o advertiu — A sua mãe pediu-me que...

— Será que pode ficar quieta? — apesar de fazer parte do fingimento, Eduardo adorou dizer isso — Falarei com o senhor Marins, quer queira ou não.

— A sua mãe não aprovaria...

— Sabe porque é assistente dela e não minha, senhorita Garcia? — virou-se para ela e Vivian fez que não com a cabeça — Por que não preciso de alguém que fique tagarelando de cinco em cinco minutos o que devo ou não fazer — voltou-se para o gerente — Espero que não me faça perder tempo!

— Claro que não. Será uma conversa franca, entre cavalheiros.

— Basta me dizer, onde —Eduardo assentiu e viu o homem sair de trás do balcão. Estava decidido a contar tudo, desde que lhe fosse prometido não haver complicações legais para o hotel.

— Por aqui — fez um gesto para que ele o seguisse.

Vivian trocou um olhar cúmplice com Eduardo e começou a caminhar com ele. Não chegou a dar cinco passos, antes que Eduardo parasse de seguir o gerente, virando-se para lhe falar.

— Qual parte não entendeu, de encontro de cavalheiros? — perguntou e a decepção no rosto de Vivian não foi fingida. Os olhos dela faiscaram de raiva.

Como ele ousava? A ideia toda havia sido dela e agora, prestes a descobrir alguma coisa, ele a excluía! — Por favor, me espere no carro.

Chegou a abrir a boca para dizer algo, mas estava com tanta raiva que não conseguiu. Ao contrário disso, girou sobre os calcanhares e começou a caminhar em direção à saída o mais rápido que podia.

A conversa durou pouco mais de vinte minutos, porém, foi o tempo necessário para que Eduardo ficasse sem palavras. Conhecera a gerente do Magista no hospital, mas algo breve, não se recordava nem ao menos de ter trocado palavras com ela. Como trabalhava para seu irmão, ficou tentado a achar que Ricardo estivesse por trás daquilo.Prometeu que não processaria o hotel mediante a promessa do gerente de repetir aquela mesma declaração para o delegado da cidade vizinha. O homem relutou, porém, acabou concordando. Considerou que, de alguma forma, ainda conseguisse manter o emprego, se o nome do hotel não fosse envolvido.

Sem saber direito o que pensar, voltou para o carro. Vivian o viu e ele teve bateu quatro vezes na janela sem que ela abrisse a porta. Como o carro tinha insulfilm, ele foi até a dianteira do carro.

— Abra a porta — pediu e Vivian fez um gesto que não estava entendendo o que ele estava falando.

Ela estava com tanta raiva que foi preciso conter sua vontade de ir embora, deixando-o lá. Teria sido divertido, deixar que se virasse para chegar ao posto no qual havia deixado seu carro.

Eduardo bateu mais uma vez na janela do carro, estava nervoso demais para lidar com birra. Vivian olhou no relógio, mais cinco minutos. Era pouco, não compensaria o que sentira, porém, serviria para chateá-lo e por ora isso lhe agradava.

Quando finalmente destravou a porta, Eduardo entrou de uma vez, sentando-se com tudo no banco do motorista.

— De que droga de sanatório você fugiu? — quis saber, virando-se para olhá-la.

— De um bem longe do seu. O que que foi aquilo lá dentro? — Vivian aumentou o tom de voz.

— Apenas segui seu conselho e fui um bom ator — respondeu, num tom mais baixo, só para deixar claro que não se irritaria com ela.

— Não estava atuando, aquele lá dentro representa exatamente quem é — rebateu nervosa — Na hora mais importante, você simplesmente me deixou de fora.

— Queria que fosse crível, não queria? O gerente jamais falaria com você, porque encenou uma chata com perfeição e ele só conseguiria enxergar advogado e polícia, quando olhasse para você — explicou.

— Ainda assim, não foi o combinado. Para quem não queria vir, não pensou duas vezes, antes de me trair.

Eduardo revirou os olhos, pensando em pedir que ela fosse menos dramática.

— Se não fosse tão dramática e ficasse quieta, poderia saber o que descobri.

— Está me mandando calar a boca? — mais uma vez os olhos dela faltaram soltar faíscas.

— Claro que não disse isso! — exasperou-se, o plano de não se irritar indo por água abaixo — Fizemos tudo isso para que? Não quer saber o que ouvi do gerente?

Vivian controlou a própria respiração, tendo que dar o braço a torcer, maior do que a raiva, apenas a curiosidade. Fez que sim com a cabeça.

— Você estava certa — Eduardo declarou e pela primeira vez viu o semblante de Vivian desanuviar — Não foi à toa que Júlia e Ricardo foram parar naquele hotel. Tudo foi arranjado para que isso acontecesse.

— Por quem? — questionou abismada.

— Pela gerente do Magista: Ellen Marques.

— Como assim? — sua perplexidade só fez aumentar — Isso não faz o

menor sentido.

— Para a gente não, talvez para o Ricardo faça. Afinal, é funcionária dele — Eduardo deixou escapar.

— Não está insinuando que ele esteja por trás disso, não é? Porque, se estiver, torno a dizer que não faz o menor sentido.

— Sei disso — admitiu — Adoraria ser como o meu irmão e acusá-lo pelo simples prazer de fazê-lo, porém, não consigo. No entanto, apenas ele pode ter uma explicação para a atitude de sua gerente. Logo, precisa saber disso o quanto antes.

Vivian concordou com ele, faria com que Ricardo soubesse disso assim que chegasse em São Paulo. Incrédula, balançou a cabeça com um sorriso nascendo em seu rosto.

— Não acredito nisso. Apesar de tudo, descobrimos algo importante.

— Por esse tudo, devo entender "apesar de você" não é? — Eduardo questionou bem-humorado; também estava surpreso, pois não imaginava que pudessem trabalhar juntos e, muito menos, chegar a algum lugar.

— Exatamente — concordou mais uma vez, dessa vez sorrindo amplamente — Você pode ser presunçoso, desagradável e mal educado na maior parte do tempo, porém, confesso que se saiu bem.

— Você também. Quase me convenceu que fosse extremamente maçante — Eduardo rebateu mantendo os olhos no rosto dela. Havia recuperado a calma e estava mais bonita — Alguém incapaz de manter a boca fechada.

— Para ver o quanto não me conhece — Vivian olhou-o de modo desafiador. Não sabia o que havia naquele homem que a deixava tão irritada. Porém, pior do que irritar-se com ele, era ficar refém daquele silêncio. O silêncio era a morada dos pensamentos, por isso, não se espantou quando a lembrança de vê-lo quase nu retornou sem que pudesse impedir — Há maneiras muito mais eficazes de me fazer ficar quieta, você que nunca as usou — completou, surpreendendo a si mesma e a ele, ao se inclinar e beijá-lo.

Atônito, Eduardo chegou a se afastar um pouco, fugindo do contato de seus

lábios, algo que ela corrigiu, colocando as mãos em seu pescoço, puxando-o em sua direção. O gesto foi eficaz para que ele fechasse os olhos e correspondesse ao beijo, entrelaçando os dedos em seus cabelos e provando os lábios dela com a mesma vontade que ela provava os seus.

Vivian sentiu o coração disparar. A sua boca tinha um gosto delicioso e o modo como a língua dele buscava a sua, fez com que sentisse um arrepio de desejo.

Eduardo mais uma vez foi surpreendido, quando ela parou de beijá-lo e se livrou do sapato. Ignorando o fato de estar de saia, dentro de um carro parado no estacionamento de um hotel, Vivian pulou para o banco dele, sentando-se em seu colo. Sentiu a respiração entrecortada dele ao fazer isso e adorou a proximidade, encaixando-se nele, como se não estivessem em um local tão apertado.

Como se não houvesse ninguém mais do lado de fora, os beijos, antes contidos, ficaram mais ardentes. Eduardo abriu os olhos, para poder desabotoar os botões da blusa dela, puxando-a da saia. Com pressa, beijou-lhe o pescoço, o colo, e suas mãos tocaram o sutiã meia taça que havia visto na delegacia, sentindo pela primeira vez os seios redondos e firmes, buscando com o dedo indicador seus mamilos já rijos.

Ela quem fechou os olhos dessa vez, quando sentiu a boca de Eduardo em sua pele, cada vez mais próxima de seus seios. Por instantes, quis que fosse um pouco mais tarde e que não estivessem ali. Sentir aquelas mãos fortes tocarem seu corpo com tanta voracidade, foi uma sensação indescritível. Naquela posição em que estava, também foi impossível ignorar o quanto ele a desejava, sentindo-o pulsar debaixo de si. Depositou beijos no pescoço dele, subindo até a sua orelha direita, mordiscando lhe o lóbulo, parando com a boca bem perto de seu ouvido.

— Vamos para outro lugar — sugeriu, tonta de vontade.

Depois daquilo, Vivian teve que concordar com ele, que não sabia ficar quieta. Bastou falar no ouvido de Eduardo para que ele raciocinasse pela primeira vez, dando-se conta do que estava fazendo, e foi como se o encanto se quebrasse. Viu-o abrir os olhos e sentiu suas mãos abandonarem seu corpo.

— Desculpe, Vivian. Foi um erro.

— Um erro? — indignou-se, olhando-o nos olhos — Não está arfando assim por conta de um erro! Estou sentindo que me deseja tanto quanto o desejo, então não me venha com essa!

— Tenho namorada e você sabe disso — Eduardo não conseguiu encará-la. Não foi surpresa, quando ela se retirou de cima dele, voltando ao banco do carona — Espero que não tenha feito isto porque o Ricardo te pediu, para usar contra mim depois...

O tapa que recebeu foi tão inesperado que Eduardo não esboçou nenhuma reação. Apenas fechou os olhos, abrindo-os rapidamente, sentindo o lado em que foi atingido arder.

— É a segunda vez que me chama de garota de programa! — bradou irritada, a dor na mão era o menor de seus problemas.

— Não disse isso...

— Sei bem o que disse, não sou surda — interrompeu-o — Se o seu irmão está me pagando para te seduzir, o que eu sou então? — arrumou-se, de maneira nervosa, calçando o sapato e tentando fechar a blusa e colocá-la dentro da saia — Você é um idiota, Eduardo!

— Desculpe-me...

Mesmo sabendo que ainda estava uma bagunça, Vivian não queria ouvi-lo mais, pois já havia escutado o suficiente. Classificar o que acontecera como um erro, havia sido ótimo e acusá-la de estar a mando de Ricardo, foi fechar com chave de ouro. Saiu do carro, batendo a porta com força.

— Volte para dentro do carro, Vivian — pediu, entendendo o quão ofendida ela havia ficado — Já te pedi desculpas.

— Pois quero que você e suas desculpas vão para o inferno! — respondeu inflexível.

— Ainda tem que chegar ao seu carro — fez questão de lembrá-la.

— Verdade — Vivian caminhou em direção ao carro, abrindo a porta de trás, apenas para apanhar sua bolsa — Posso fazer isso sem você.

— Não seja tola. Seu carro está longe, sabe que estou certo.

— A única coisa que sei no momento é que não quero mais ficar ao seu lado. Conseguirei me virar sozinha, não se preocupe.

— Não insistirei — Eduardo avisou, esperando que ela reconsiderasse, mas em vez disso a viu começar a caminhar para longe do carro. Ligou o carro e aproximou-se dela — Vivian!

— Você sabe o significado de não insistir? Parece-me que não. Diz que não vai insistir e me segue.

Ele desligou o carro e desceu, embora não estivesse muito confortável para fazê-lo. Alcançou-a fazendo parar.

— Por favor, desculpe-me. Deixe-me levá-la até o seu carro.

—Já disse que não precisa — ela o encarou — Diferente de você, sei muito bem o que quero. Não digo algo com os lábios, que meus olhos desmentem. Se eu fosse você, entrava de uma vez no carro — aconselhou, após olhar para ele — Afinal, por conta do erro que quase cometemos, está parecendo um tarado.

Eduardo ficou constrangido pelo fato de ela estar certa. Mesmo com a calça jeans, a ereção estava visível e incomodava como o diabo.

— Como quiser — levantou as mãos em desistência e entrou no carro — Boa viagem de volta — desejou, batendo a porta e colocando o cinto, antes de finalmente ligar o carro. Dessa vez, Vivian retomou sua caminhada, sem olhar para trás.

"Que merda foi essa?", perguntou a si mesmo, enquanto dirigia. Algo assim nunca havia lhe acontecido antes. Estava arrependido de ter seguido seu lado animal, sim, porque fora algo instintivo, selvagem. Bem diferente do que tinha com Júlia. Pensar nela, fez com que se sentisse culpado. Será que ela o entenderia ou deixaria de confiar nele? Ficara preocupado com o encontro dela com Ricardo e ele que havia cometido um deslize. E que deslize. Não conseguia negar, Vivian era a perdição a qual resistira parcialmente, embora achasse difícil esquecer os poucos minutos em que se entregara. Naqueles minutos com ela, foi o homem que costumava ser.

Ao mesmo tempo em que queria ir embora daquela cidade, era muito cedo para voltar para São Paulo. Além disso, não teria paz , se não soubesse que Vivian chegara bem ao local em que deixara o carro. Se ela não fosse tão teimosa, poderia levá-la ao posto de gasolina. Tudo bem que seria bem estranho ficarem lado a lado como se não tivesse acontecido nada. Suspirou, ainda perdido com os acontecimentos.

Só tinha uma certeza, à noite, quando chegasse em casa, ligaria para Júlia e se ela permitisse iria vê-la. Mesmo não sabendo qual seria sua reação, estava disposto a contar o que ocorrera. Sorriu da estranheza da situação, nem em seus delírios mais insanos, a notícia de que Ellen armara para que fosse parar em outro hotel seria tão menor do que seus amassos com Vivian.

À noite

Por mais difícil que tenha sido, Júlia conseguiu se afastar de Ricardo. Os dois estavam ofegantes e, por isso, ela demorou um pouco para poder se dirigir a ele.

— Por favor, vá embora! — pediu e, quando ele deu um passo em sua direção, ela recuou — Não estrague um dia que foi maravilhoso, Rico.

— Caramba Júlia, pare de mentir para si mesma. Seu corpo confirma tudo o que sua boca nega. A nossa história ainda não acabou, é tão forte para você, quanto para mim.

— Foram apenas uns beijos...

— Sabe que não foi isso. Foi o reconhecimento de almas que se amam. Tanto tempo longe e não me esqueci de seu toque, de seu beijo, de seu cheiro. Sei ainda cada gosto seu, como te deixar arrepiada, ou com vontade de mim. Como está agora. E você, sem esforço algum, ainda sabe tudo o que me deixa louco. Porque é como uma tatuagem que está marcada em nossa história. Negue o quanto quiser, mas a gente ainda se pertence, Júlia.

— Não me superestime, Rico, qualquer amante, e você já teve várias, é capaz de descobrir esses detalhes...

— Se eu me referisse apenas ao sexo, talvez. Sabe que é muito além disso, Júlia. Por três anos tive saudade do que tínhamos e fui burro demais para admitir. Agora que o fiz, vou lutar para obter seu perdão e reconquistar seu coração.

— Será uma luta perdida, porque meu coração já tem um novo dono.

— Isso, continue a mentir para si mesma — Ricardo sorriu — Porque está dizendo isso para se convencer, muito mais do que a mim. Sei que você também sente saudades, mas está ferida demais para voltar a confiar. Serei persistente e terei toda a paciência do mundo para te provar que ainda posso fazê-la muito feliz.

— Será que pode ir embora? — foi mais um pedido do que uma pergunta. Ricardo fez que sim, sentindo ainda o gosto dos lábios dela.

— Irei, porém, volto a dizer: foi um dos melhores dias da minha vida. Conheci o meu filho e descobri que ainda me quer, por mais que negue. Portanto, terei uma noite de sono maravilhosa, ainda que sozinho.

— Rico... — pediu impaciente e quando ele fez a menção de se despedir com um beijo, ela se esquivou, fazendo-o sorrir.

— Tudo bem. Só quero que pense. Se está assim tão decidida e seu coração já tem um novo dono, por que foge tanto de mim? — sorriu, convicto de que ela ainda o amava — Não quero ser apenas seu homem. Quero mais, quero ser seu namorado, seu amigo, seu confidente, seu marido. Mais do que tudo, quero voltar a ser seu, entendeu?

Ela engoliu em seco, sem conseguir responder nada. A verdade é que as suas pernas haviam fraquejado, como se estivesse muito tempo sem caminhar e, depois de um longo período de inércia, tentassem se mover.

— Boa noite, minha pimentinha.

Disse, antes de se encaminhar para o elevador. Dessa vez, Júlia ficou até que a porta se fechasse.

Tantas emoções conviviam dentro de si que demorou para entrar e trancar a porta. Estava confusa, culpada, excitada, arrependida... perdida. Sentira-se tentada a fazer amor com Ricardo, não tinha como negar isso, pois ele realmente

ainda sabia todos os caminhos para enlouquecê-la. Porém, por outro lado, sentia-se mal. Na véspera da primeira vez em que fizeram amor, Eduardo a tinha beijado quase no mesmo lugar, na porta da sala, quando ia embora. E estava com ele agora, devia-lhe respeito, conforme haviam combinado, naquela conversa franca que tiveram após o acidente. Não queria e nem podia magoar a pessoa que lhe transmitia segurança e em quem sempre poderia confiar.

Capítulo 33

Era pouco mais de dez horas, quando Eduardo cumprimentou o porteiro e subiu. Chegara à cidade no comecinho da noite, pois demorara a pegar a estrada. Primeiro, foi preciso fazer com que a adrenalina baixasse, depois, mesmo sem ser visto, certificou-se de que Vivian chegou ao posto de gasolina, parando, por fim, em um restaurante para comer alguma coisa, embora não sentisse a menor fome.

Estava desconfortável com o ocorrido, porque jamais se deixara levar daquela maneira, estando compromissado. Se estivesse solteiro, vá lá, não estaria se recriminando tanto, afinal a mulher havia tomado a iniciativa e ele apenas correspondera. No entanto, não era assim. Não se eximiria de sua culpa.

Júlia estava tão aflita que esperara Eduardo na porta, surpreendendo-o a sair do elevador.

— Tudo isso é saudade? — conseguiu brincar, aproximando-se dela, embora não houvesse motivos para isso. Antes que Júlia respondesse, abraçou-a e a manteve nos braços, temeroso com o modo como ela reagiria. Por isso não a beijou.

Júlia não conseguiu ficar sob a proteção daqueles braços, não ali, onde horas atrás estivera com Ricardo. Não era assim, não conseguiria agir como se nada tivesse acontecido. Saiu dos braços dele e o puxou para dentro, fechando a porta. Nunca imaginou que fosse tão difícil começar a conversa, porém, era como se lhe faltassem palavras para dizer algo que sabia que o machucaria. Por outro lado, haviam prometido ser sinceros um com o outro e omitir aquilo seria agir de má fé.

Sentaram-se no sofá, a uma distância que demonstrava haver alguma coisa errada, visto que em uma ocasião normal, esta não existiria. Um pequeno silêncio se fez presente entre eles e durou bem pouco, pois Júlia e Eduardo o quebraram ao mesmo tempo.

— Precisamos conversar — disseram simultaneamente.

— Uau — Eduardo sorriu, sem jeito por ter falado por cima dela — Sabia que precisávamos conversar, só não tinha a ideia de que desejasse tanto quanto eu — abaixou o tom de voz — O Lipe está dormindo?

— Sim — Júlia assentiu com a cabeça — E pela hora em que dormiu, duvido que acorde ainda hoje.

— O Ricardo fez algo que tenha o decepcionado? — Eduardo quis saber preocupado.

— Não — negou imediatamente – Até se deram muito bem, para dizer a verdade — confessou, entendendo a expressão de Eduardo.

— Que bom — apesar de ser difícil escutar aquilo, foi sincero. Gostava muito de seu sobrinho, no entanto sabia que não podia interferir na relação entre ele e o pai biológico. Para o bem do Lipe, o melhor era que se dessem bem. Eduardo a encarou — Sei que devia te deixar falar primeiro, porém, não consigo guardar por muito tempo o que tenho para te dizer — chamou a atenção de Júlia, que até então, imaginou que o que ele fosse dizer era relativo à conversa com o delegado — Não há justificativas, portanto, não vou perder meu tempo, tentando me justificar... — sem desviar os olhos dela, disse com dificuldades — Encontrei a Vivian na delegacia e acabamos nos beijando.

— O que? — Júlia indagou sem acreditar — Você beijou a mesma mulher que estava o admirando outro dia em seu apartamento?

— Beijei — admitiu, pois não adiantava falar que fora beijado por ela e correspondera. Não era Vivian que devia respeito à Júlia, portanto, não importava quem tivesse começado.

— O que ela estava fazendo lá e como assim se beijaram? — não conseguiu evitar as perguntas, porque se já estava confusa antes, agora piorara. Não diminuía a culpa que estava sentindo, fazia o ressentimento juntar-se a ela.

— Você avisou o Ricardo que eu iria, lembra-se? Levaria muito tempo para te explicar como aconteceu o beijo — disse sério — O que é irrelevante agora. Só sei que estou arrependido e precisava te contar.

— Foi apenas um beijo? — Júlia continuou, precisava compreender melhor do que estavam falando. Diante do silêncio dele, deduziu que não — Vocês

foram além disso?

— Claro que não, Júlia! Não transei com ela, se é o quer saber. Confesso que demos uns amassos, contudo percebi o erro que estava cometendo e não fui em frente — quando Júlia baixou a cabeça, sem conseguir olhar nos olhos dele, angustiou-se — Não transei com ela, Júlia. Eu juro!

— Mas teve vontade — Júlia não conseguiu impedir as lágrimas e Eduardo ficou tão preocupado ao vê-la chorar que pegou delicadamente em seu queixo, fazendo com que voltasse a encará-lo. Com o polegar, limpou suas lágrimas.

— Por favor, desculpe-me por magoá-la. Agi por impulso e estou mortalmente arrependido. Não chore, Jú! Prometi que nunca a faria chorar e estou me sentindo um lixo por não ter conseguido cumprir essa promessa.

— Não é apenas por sua causa que estou chorando, Edu — revelou, surpreendendo-o – Estou chorando por nós. Deveria estar me sentindo aliviada, mas não estou. É óbvio que detestei saber disso, porque você é meu namorado e sim, sou egoísta ao dizer, que não queria que beijasse ninguém além de mim. Porém, não tenho nenhuma moral para isso — fez uma pausa, porque agora que tinha ouvido algo semelhante, sabia o quanto doía — Hoje, também beijei o Ricardo e, assim como você, não planejei, mas aconteceu. E, assim como você, também fui um pouco além dos beijos.

Eduardo engoliu em seco, soltando o rosto dela. Por essa não esperava. Agora compreendia o motivo de ela não ter tido uma reação exagerada. Havia falado que beijara outra mulher e ela não fora nem sombra da mesma que o apanhara em seu apartamento com a Vivian.

— Então, o meu receio não era à toa. Sabia que o Ricardo não sairia daqui sem fazer algo assim — a culpa e a mágoa formavam um redemoinho dentro de seu peito.

— O problema não é o Ricardo, nem a Vivian, Edu. Somos nós! — Júlia admitiu, aproximando-se para apanhar as mãos dele — Prometemos ser sinceros e um dia como hoje não pode passar como se não significasse nada. É triste reconhecer, mas se estamos tão suscetíveis a outras pessoas, talvez não estejamos tão juntos, quanto deveríamos.

— Você o ama, não é? — questionou inconformado — Ama o cara que a fez

sofrer, que a abandonou e que até alguns dias atrás, não sabia e nem queria saber da existência do Lipe...

— Eu não sei! — Júlia o interrompeu — Porém, consigo perceber que tivemos uma história muito forte e ficar dizendo que ela não existiu não vai fazer com que desapareça. Eu mais do que ninguém sei de tudo o que o Ricardo me fez, não precisa me recordar... No entanto, a quem estamos tentando iludir? Se você sente desejo por outra mulher, e eu por um homem que amei no passado e nos deixamos levar por este sentimento, está mais do que claro que não estamos funcionando como um casal. Talvez estejamos forçando a barra, porque gosto da sua companhia e você goste da minha.

— Eu sei que a amo...

— E deseja outras...

— Outra — fez questão de corrigi-la — Foi a primeira vez que aconteceu, não estava raciocinando direito.

— A vida me ensinou a não ter ideais românticos, Edu, porém, acredito que quando as duas pessoas se amam de verdade, não há espaço para terceiros. O Rico e a Vivian entraram em brechas que nós mesmo deixamos.

— Já voltou a chamá-lo de Rico? Acho que não foi só com o Lipe que a relação evoluiu — comentou nervoso. Sabia o que estava prestes a acontecer e não queria que tudo acabasse de um modo tão banal.

— Não posso mentir, Edu e negar que adore sua companhia, que faz com que me sinta especial e muito desejada. Porém, será que não estou com você, porque, além de tudo, faça com que me sinta protegida? Será que você não está comigo porque não tenha visto tudo o que o seu irmão me fez e queira, de alguma forma me compensar?

— Não quero compensá-la, eu te amo Júlia — afirmou, sem hesitar —— Errei porque sou um ser humano e, portanto, passível de falhas. Sei o que sinto e, por Deus, compensação não está nem perto. Sabe, se fosse apenas atração física, para mim seria muito melhor, mas não é. É algo para o qual não tenho uma definição exata, mas que me faz muito bem. Quero sua presença em todos os momentos da minha vida, sejam bons ou ruins. Não me basta dividir apenas a cama com você, quero compartilhar tudo. Sonho que seja a última imagem que

eu tenha antes de dormir e a primeira ao acordar. Isso não é compensação!

Júlia engoliu em seco, de forma diferente, ele dissera quase a mesma coisa que o irmão.

— Isso não muda o fato de ter desejado outra mulher e ter tido com ela momentos quentes — Júlia continuou irredutível — Talvez tenhamos errado continuando. Eu sinto que estou atrapalhando a sua vida, Eduardo. Você diz que não foi nada com a tal Vivian, mas eu já havia sentido a tensão existente entre vocês naquele dia no apartamento, por isso não gostei dela, pois nós mulheres sentimos de onde vêm as verdadeiras ameaças.

— Ainda que houvesse essa tensão, era apenas atração... E você jamais atrapalharia a minha vida.

— Como você sabe, Edu se nem se deu uma chance de vivenciar? Está tão convencido que me ama, que talvez esteja minimizando algo bem mais forte...

— Jú, se não me quer, diga de uma vez, não me venha com esse papo... — agora ele estava prestes a chorar e Júlia teve que se controlar para não fazê-lo de novo. Talvez ele tivesse razão, tomou coragem e fez o que achava certo.

— Adoro você Edu, é a pessoa mais importante para mim, depois do Lipe, porém, acho melhor darmos um tempo. Algo que devíamos ter feito, logo que voltei da viagem. O erro foi seguir adiante. Acho que tanto eu, quanto você, precisamos compreender o que desejar outras pessoas significa.

— Não sei o que fiz de errado, Júlia! — sua voz saiu sufocada, estava doendo muito mais dessa vez — A maioria dos caras esconderia o que aconteceu e ainda a faria se sentir culpada por ter beijado o pai do seu filho. Optei por dizer a verdade, consegui ouvir a mesma coisa de sua parte, sem dar um showzinho de possessividade, ainda que esteja morrendo de ciúme e raiva do Ricardo... E para que? Para o fim ser idêntico: dispensar-me do mesmo jeito.

Júlia suspirou, o tom dele era tão triste que lhe partiu o coração.

— Por que as mulheres continuam preferindo os canalhas?

— Ah Edu, não faça isso — pediu — Não estou mentindo ao dizer que gosto de você. Porém, enquanto não souber o que sinto pelo Ricardo e você pela

Vivian, é um erro estarmos juntos. Apenas sofreremos e não merecemos isto.

— Voltar para ele vai me fazer sofrer do mesmo jeito, Júlia — Eduardo se levantou, impedindo-a com um gesto que fizesse o mesmo — Porém, tudo bem. Vou respeitar sua decisão. Deixarei seu caminho livre — prometeu e ela percebeu, pelo modo como dissera aquilo, que não estava mentindo — Ainda que este seja direto para os braços dele... Dê um beijo no Lipe por mim, se não corresse o risco de acordá-lo, eu mesmo o faria — aproximou-se da porta e a abriu. Novamente, com um gesto impediu que Júlia se levantasse — Não precisa me acompanhar, sei o caminho — falou sério e saiu, mantendo a porta aberta. Antes de fechá-la, olhou para Júlia e sua frase soou bastante franca — Estou saindo da sua vida, atendendo ao seu pedido. Sei que vou continuar te amando, mesmo nunca ouvindo o mesmo da sua parte — surpreendeu-a, pois ela realmente não se dera conta, até então, que não retribuía, quando ele falava — Só não prometo continuar disponível, quando o meu irmão a magoar de novo — e encostou a porta, devagar, sem fazer barulho, contudo Júlia sentiu como se ela tivesse sido batida com toda força, pois seu coração ficou apertado, como se tivesse sido trincado com a força do baque.

◆◆◆

— Onde estava com a cabeça? — Vivian perguntou a si mesma, olhando para cima. Deitada em sua cama, o sono simplesmente a abandonara. Havia ligado para Ricardo, deixando o encontro para o dia seguinte. Se ele soubesse das novidades que tinha para lhe contar, não teria dito tudo bem, quando ela usou o cansaço como pretexto para não ir falar com ele.

Mal sabia que o motivo era outro, de quase um metro e oitenta e cinco, loiro, de belos olhos azuis. Não devia ter se deixado levar pela atração que sentia por ele e praticamente o atacado no carro, porque a rejeição doía um bocado. O pior era saber que ele a desejava do mesmo modo, porém sua devoção à Júlia impediu que continuasse.

Havia deixado transparecer por algumas vezes, as ressalvas que tinha contra a confeiteira, não porque tivesse algo contra ela, mas por achar que ela deveria se decidir por um dos irmãos, não mantê-los por perto, como tinha a impressão

de que fazia. Não conhecia a história a fundo, porque Ricardo não entrara em detalhes, por isso, reconhecia que talvez a estivesse julgando sem saber o que de fato acontecera.

Além disso, fazia muito tempo que não desejava alguém do modo como desejara Eduardo e o beijara, por este motivo, mesmo sabendo que era comprometido.

Se estava arrependida? Não. Apesar da rejeição ao final de tudo, pelo menos não teria que apelar à sua imaginação, quando pensasse em como seria beijá-lo. Agora conhecia seu beijo, seu toque, seu cheiro. O único pormenor disso era que não tinha certeza que conseguiria se esquecer, ou pior, se queria se esquecer desses detalhes.

◆◆◆

Uma noite péssima foi pouco. Mal conseguiu dormir, sentindo um vazio e tanto no peito. Começara o dia com uma descarga de adrenalina e terminara a noite deprimido. Júlia tinha razão em um ponto, o de que tanto Vivian quanto Ricardo só se aproximaram porque haviam frestas no relacionamento dos dois.

Já havia saído com muitas mulheres e a maioria esperava que o homem tomasse a iniciativa, então topar com uma mulher como Vivian era diferente. Nesse ponto, aproximava-se do velho Eduardo, aquele que mantinha amizades com benefícios com algumas mulheres, sem a menor intenção de ter algo sério com qualquer uma delas. A esse Eduardo, Vivian tinha fascinado, mudando o jogo de conquista a qual estava mais habituado.

Parecia uma grande ironia. A única com quem desejara algo mais, não o queria. Tudo bem, havia o fator complicador de ela ter quase se casado com seu irmão e ter tido um filho com ele. Nisso discordava de Júlia, pois não estava com ela apenas para protegê-la ou ressarci-la do mal causado pelo irmão. A proximidade fizera com que a conhecesse melhor e tão perto foi impossível não se apaixonar. Deveria, no entanto, ter se declarado para ela, antes de Ricardo retornar à vida deles. Considerava este seu maior erro, pois se tivesse falado antes, talvez quando ele reaparecesse, Júlia já tivesse entendido que seu sentimento era verdadeiro, apaixonando-se também e, desse modo, a presença do irmão não teria tanto impacto.

Ficara tão atordoado que nem mesmo havia contado o principal: o nome por trás da hospedagem na cidade vizinha. Virou-se para o lado, tentando dormir, pois podia não estar mais com ela, porém, ainda se preocupava a ponto de garantir que permanecesse em segurança.

◆◆◆

-— Não acredito nisso! — Ricardo comentou, andando de um lado para o outro. Estava tão bem-humorado que a notícia o fizera perder o apetite.

— Infelizmente, foi o que apuramos — Vivian comentou, um pouco incomodada com aquele ir e vir.

— Será que eu empreguei a uma sociopata? — questionou abismado — Usar da influência, citar o Magista para negar hospedagem à Júlia é um absurdo. Vou demiti-la e fazer com que não arrume mais nenhum emprego neste ramo.

— Desculpe-me a intromissão, mas só nós sabemos disso — ela tinha aceito o convite para se sentar à mesa de café da manhã, no entanto só aceitara um pouco de suco de laranja e o tomava em pequenos goles — Segundo o senhor Eduardo, o homem só repetirá aquilo diante da polícia. Ou seja, não tem como Ellen saber ainda. Se a demitir e ela estiver envolvida, estará dando tempo para ela fugir...

— Não havia pensado nisso. Porém, vai ser difícil olhar para ela — revelou — Não conseguirei tratá-la direito. Vai acabar percebendo que há algo errado.

Foram interrompidos pelo telefone. Como Ricardo estava mais próximo, ele o atendeu.

— Pronto — ouviu a recepcionista do hotel dizer que o irmão estava no hotel e queria lhe falar — Peça para que suba — hesitou e assim que desligou, virou-se para Vivian — Coincidência, seu parceiro de investigação está subindo. O que é uma surpresa, pois faz muito tempo que ele não vem até aqui.

Vivian quase engasgou. Que péssima hora para se mudar velhos hábitos,

pensou, desejando ter algum tipo de poder que a fizesse desaparecer. Ficou tensa, pois imaginou que demoraria para revê-lo.

— Algum problema? — Ricardo quis saber, notando seu incômodo.

— Não, apenas um princípio de enxaqueca — mentiu — Tenho às vezes.

— Espero que tenha medicamento para isto, é uma dor infernal.

— É sim — deu um sorriso amarelo —Se importa se eu for ao toalete?

— Claro que não. Aproveite e tome o medicamento, antes que a dor piore — Ricardo sugeriu e essa conversa serviu para disfarçar o quão curioso estava com a visita do irmão mais novo.

Poucos minutos depois, Ricardo estava abrindo a porta para o irmão. De longe, ainda sem ser vista, enquanto voltava à mesa, Vivian os comparou. Fisicamente eram diferentes, Ricardo sendo mais alto e dono de belos olhos verdes e Eduardo, com um corpo mais definido e um olhar de tão azul que lembrava o céu em um belo dia de verão. Do mesmo modo, eram distintos na questão do vestuário, um se pautando na elegância e outro na praticidade. Ainda assim, com pontos mais dissonantes do que concordantes, ela conseguia ver algumas semelhanças entre eles, algo sem muita explicação, mas que não deixava dúvidas sobre o parentesco.

Eduardo apertou a mão do irmão de maneira cordial, como não faziam há tempos. Os últimos encontros não haviam sido nada bons. Perdera tanto a confiança no irmão que deixaram de conversar sobre assuntos importantes.

— Por favor, entre — Ricardo convidou — Foi uma boa coincidência aparecer hoje, pois a Vivian também está aqui.

Eduardo sorriu sem graça, entrando. Nem pensara nesta possibilidade, afinal, era um domingo. Vivian levantou-se da mesa, assim que os dois irmãos entraram.

— Por favor, não precisava se levantar — Eduardo disse de maneira polida, mas Vivian não voltou a se sentar e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— É um prazer vê-lo novamente, senhor Vidal — respondeu também formal,

cumprimentando-o rapidamente.

— Se interrompi algo, posso voltar depois — Eduardo virou-se para Ricardo.

— Não sei pra que tanta formalidade — Ricardo estranhou os dois — Tudo bem que não tenham ido um com a cara do outro, mas por favor, estamos do mesmo lado — fez um gesto para que Eduardo se sentasse à mesa, sentando-se também. Ele se acomodou ao lado de Vivian, numa das situações mais constrangedoras que já havia passado nos últimos tempos — Fiquei sabendo da descoberta de vocês e estou pasmo. Por mim, demitiria a Ellen imediatamente.

— Agiria errado, se a demitir, nunca saberemos os motivos de ela ter feito isso —— Eduardo discordou imediatamente.

— Pelo visto vocês pensam igual — virou-se para a Vivian — Olha só, têm mais em comum do que imaginam! Se a Ellen soubesse que eu iria até o casamento, já teria o motivo. Porém, não contei para ninguém.

— Mais uma de suas conquistas... — Eduardo balançou a cabeça desaprovando.

— É aí que se engana, maninho, não cheguei a ter nada com a Ellen. E o motivo só poderia ser este, se ela soubesse da minha viagem.

— Viagem esta que fez para cercar a Júlia — Eduardo comentou, sem se importar em como o irmão reagiria.

— Cavalheiros — Vivian interveio, antes que Ricardo pensasse em responder — Se nos mantivéssemos no assunto principal, seria muito bom. A pergunta que devemos fazer é se isso pode ter a ver com a "possível sabotagem".

— Eu mato a Ellen, se ela estiver por trás disso — a reação de Ricardo foi legítima.

— Tenha calma, Ricardo — Vivian pediu, sentindo o olhar de Eduardo em si. Odiou perceber que um simples olhar fazia com que se lembrasse dos momentos compartilhados no dia anterior — Sem provas, tudo é suposição ainda.

— Também duvido que ela tenha cacife para agir sozinha — Eduardo

revelou o que pensava e viu o irmão arregalar os olhos.

— Não está sugerindo que a nossa mãe esteja com ela nessa, está?

— Pense o que quiser, só sei que as vi juntas no hospital e pareciam bem próximas. Se Ellen tiver feito algo, não foi sozinha — Eduardo sustentou sua hipótese — E quanto à mãe, bem... — olhou para o Ricardo e sem se importar com a presença de Vivian declarou: — Trata-se apenas da sua mãe.

— Como é? — Ricardo indagou estupefato — De onde tirou isso agora?

— Serve, dos documentos que o nosso pai guardava? — foi irônico, vendo a expressão perplexa do irmão — Não sei se consigo confiar em alguém que mente por trinta e cinco anos.

Ricardo passou a mão sobre a boca, sem acreditar. Só era três anos mais velho que o irmão, portanto, era muito novo e não conseguia se recordar de Constância grávida, mas tinha lembranças de Eduardo bebê.

— Se quiserem, posso me retirar — Vivian disse se levantando.

— Sua saída ou permanência não alterará as coisas — Eduardo respondeu rapidamente, sem olhá-la.

— Pode não alterar, no entanto, parece-me um assunto particular — Vivian continuou e se afastou da mesa na qual os dois irmãos estavam sentados.

— Sente-se Vivian, por favor — Eduardo pediu — Só me expus assim diante de você, para que meu caro irmão consiga ver além do aparente. Constância não é a pessoa que ele pensa e se meu argumento não o convencer... Não sei mais o que possa fazê-lo.

— Quero mais detalhes dessa história. Por que nosso pai nunca nos disse? — Ricardo questionou mais a si mesmo do que ao irmão, fez uma pausa para solicitar que Vivian voltasse a sentar. Depois virou-se para Eduardo — Sei que não estamos na melhor fase de nossas vidas, mas como você está com tudo isso?

— Bem — Eduardo sorriu de maneira triste, algo que fez com que Vivian desejasse ter ido embora. A última coisa que queria era se solidarizar com o sofrimento dele, como se fossem íntimos, só que isto era algo impossível. Se

pudesse, gostaria de confortá-lo em um abraço — Buscando informações sobre a minha mãe biológica.

— Porra, só bomba! — Ricardo sentiu a boca secar — Quero saber tudo o que sabe e se puder, e se aceitar, gostaria de ajudá-lo, de alguma forma.

— Obrigado — Eduardo foi sincero, pois estavam tão às turras que pensou que Ricardo não fosse ficar tão abalado, quanto se mostrara — Porém, deixemos para depois. O que precisamos agora é uma maneira de descobrir a verdade sobre a Ellen.

— Não sei como fazê-lo... Tenho certeza de que mal vou conseguir encará-la, quanto mais sondá-la para saber a verdade.

— Terá que fazer um esforço — Eduardo declarou, pensativo — Ainda que para mim, mesmo que a história se confirme, ainda não está claro como ela teve acesso à agenda da Jú...lia.

— Sendo namorado dela, pode verificar isso na confeitaria — Vivian intrometeu-se e viu os dois irmãos a olharem simultaneamente. Eduardo não teve coragem de dizer que não estavam mais juntos e Ricardo odiou ouvir a palavra namorado, principalmente depois da noite passada, onde compartilharam momentos para lá de apimentados.

— Seja como for — Ricardo quem tomou a palavra — Isso não resolve a minha questão com a Ellen. Não sei se existe uma forma de ela confessar que o fez, tampouco o motivo de tê-lo feito.

— Se há alguém que pode arrancar isso dela é você Ricardo — Vivian intrometeu-se mais uma vez e novamente os dois irmãos olharam para ela — Oras, você é o objeto de desejo dela — deu de ombros, demonstrando como aquilo era óbvio — Se ela acreditar que tem o que quer, quem sabe você não faça com que ela confesse...

Ricardo balançou a cabeça negativamente. Sabia o que Vivian havia acabado de sugerir. Mas Ellen era uma mulher inteligente, nunca cairia em algo assim, principalmente depois da última conversa que tiveram. E outra, mesmo um falso envolvimento com ela, poderia ser o suficiente para acabar, de uma vez por todas, com suas chances junto de Júlia.

— O que Vivian disse faz todo o sentido — Eduardo assentiu com a cabeça.

— Pensei que nem se suportassem e de um minuto para outro, começam a concordar em tudo? — Ricardo olhou-os contrariado. Estava sentindo asco pela sua gerente, como é que conseguiria fingir finalmente ter caído em seus encantos?

— Só sei que ainda não contei para a Júlia sobre o que descobrimos — Eduardo confesso, fazendo com que Vivian arqueasse uma das sobrancelhas, sem entender como não havia contado. Será que ele havia falado sobre o que acontecera entre os dois? Se o fizera, Júlia aceitara numa boa? Não entendeu — Sei também que seria capaz de qualquer coisa por ela e você? — desafiou o irmão, fazendo com que Vivian engolisse em seco e olhasse para baixo, sentindo-se tola. Aquele homem que beijara no dia anterior só tinha olhos para uma mulher e não fazia a menor questão de esconder esse fato. Era óbvio que não contaria algo tão sem importância como o que tiveram. Devem ter matado a saudade de outra forma, que não deixasse espaços para conversas, pensou.

— A Ellen jamais acreditaria, confiem em mim. Ela sabe de quem eu gosto — dessa vez foi Eduardo que não gostou do comentário. Chegou a retorcer a boca um pouco, mas permaneceu calado.

— Não sei — ela precisou retomar a concentração para se intrometer de novo e ela o fez, olhando apenas para Ricardo — Talvez acreditasse, se fosse algo público, ou se fossem vistos juntos pela "pessoa que você gosta".

Ricardo balançou a cabeça de um lado para o outro, inconformado. Não agora, não depois de ter tido Júlia em seus braços. Ela não entenderia e para que a farsa desse certo não poderia lhe contar a verdade.

— Tem que haver outro jeito — Ricardo bateu com os dedos no tampo da mesa.

— Sinceramente, Ricardo, você sabe que não — Eduardo tratou de dissuadir o irmão — Pense na segurança da Júlia, em seu bem-estar. Se o nome da Ellen apareceu na questão da hospedagem, quem me garante que não esteja envolvida nos demais eventos estranhos que aconteceram?

Ricardo ficou em silêncio. Era muita loucura acreditar que uma mulher como Ellen, seu braço direito, competente e discreta, pudesse cometer crimes como

aqueles. Da hospedagem, vá lá, tinha os meios para fazê-lo. Porém, como seria a responsável por drogar Júlia e sabotar o carro? Quanto mais pensava nessas possibilidades, mais enojado ficava.

— Além disso, tem o Lipe — Eduardo recordou-se preocupado — E se a pessoa que quer prejudicar a Júlia, tentar algo contra o menino? Não seria melhor impedi-la enquanto há tempo.

Ouvir o nome do filho fez com que Ricardo sentisse um calafrio e finalmente cedesse. Se fosse Ellen a responsável, sim, ela era uma ameaça para seu filho e estava perto demais dele para não se preocupar.

— Tudo bem. Se esse é o jeito de Júlia e Lipe estarem em segurança, farei o que for preciso.

— Se finalmente chegaram a um consenso, a próxima providência é a mais importante – disse de modo prático. Sua mente rápida era sempre assim, resolvido problema, concentrava-se no próximo — Se já temos a isca, falta-nos preparar a armadilha.

Os dois a olharam de uma forma que a ela pareceu engraçada.

— Desculpem, mas passei minhas férias na cidade de Piracicaba e vi muitas vezes meu tio e meus primos montando armadilhas para tentarem apanhar as raposas que acabavam com o galinheiro — explicou — Só foi uma metáfora...

— Cada dia me surpreende mais — Ricardo a elogiou — Onde estava até agora?

— Trabalhando como secretária em uma editora. Se não fosse o anúncio urgente da Sol, estaria lá até hoje. Mesmo com um aviso de “temporário” gigantesco, não pensei duas vezes em me candidatar para trabalhar para você — Vivian piscou para ele, fazendo com que Eduardo se sentisse sobrando diante do momento "patrão e secretária".

— Podemos ser mais práticos — Eduardo pediu, interrompendo-os e ambos concordaram, combinando os próximos passos a seguirem.

— Sei que é muito bom que estejam agindo civilizadamente e conversando como homens adultos que são — Vivian comentou, após combinarem algumas

coisas — Porém, para que dê certo, precisam fingir que ainda estão brigados.

— Estar aqui não significa que minhas divergências com o Ricardo acabaram — Eduardo fez questão de deixar isso bem claro — Sei muito bem o que fez, pois estava lá e vi o tamanho do estrago — olhou para o irmão.

— Não me iludi a esse ponto, Edu — Ricardo retrucou — Sei também que você estava lá e que irá me jogar isso na cara sempre. Porém, ter estado lá não quer dizer que vá permanecer. O jogo ainda está acontecendo.

— Minha intenção não era deflagrar a terceira guerra mundial — Vivian tentou mediar o início da discussão — E se o quiserem fazer, será que podem deixar de se referir a nós mulheres como um troféu?

— No fundo não é o que o Ricardo pensa da Júlia? — Eduardo aproveitou para alfinetar o irmão.

— Não tem ideia do que eu penso da Júlia, Eduardo. Só posso te garantir que estou bem longe de tratá-la como um objeto, ou uma conquista. Antes de tudo é a mãe do meu filho e só por esse fato, jamais vou minimizar sua importância.

— Por favor, vamos manter o foco? — mais uma vez Vivian teve que intervir, visivelmente incomodada com aquela disputa. Talvez, se os dois saíssem na mão seria menos tenso do que aquela situação. Talvez, também, se não tivesse se intrometido nas horas certas, eles tivessem chegado às vias de fato. No entanto, pareceram compreender a importância da conversa e não houve mais altercações.

Vivian foi a primeira a se despedir, tinha ainda o domingo todo para aproveitar. Passaria na casa do irmão e almoçaria com ele e a cunhada.

— Vou aproveitar a carona e ir embora também — Eduardo declarou.

— Ficou de me falar mais a respeito de ser filho apenas do nosso pai — Ricardo o recordou.

— Sim, porém, confesso que não estou com cabeça para isso. Prometo tirar um tempo para conversarmos a respeito disso.

— Tudo bem, também não estaria, se estivesse na sua posição – Ricardo

concordou, imaginando que ele fosse passar o domingo com Júlia e Lipe — Apesar de nossas diferenças e desavenças, quero te dizer que para mim não muda nada. Sendo, ou não, filho da minha mãe, ainda continua meu irmão.

Eduardo sorriu, pois não estava esperando pela declaração.

— Podemos ser adversários, Edu — continuou Ricardo — Porém, cara, crescemos juntos, passamos por muitas coisas, assim sendo, nunca o vi como inimigo — estendeu a mão para cumprimentá-lo.

Se Ricardo o surpreendeu com as palavras, Eduardo retribuiu. Em vez de apertar a mão que lhe era estendida, passou por cima de todas as disputas e conflitos existentes entre eles e abraçou o irmão.

Vivian ficou com os olhos cheios de lágrimas, e os disfarçou rapidamente, apanhando os óculos escuros dentro da bolsa. Para impedir que vissem que a cena a comoveu, passou pela porta aberta encaminhando-se para esperar o elevador e, com isso, acabou com o momento de trégua entre os irmãos.

Eduardo juntou-se a ela, poucos segundos depois. Vivian olhou impaciente para o elevador e o fato de ele demorar tanto teve o poder de irritá-la. Ricardo aguardou junto à porta e só a fechou assim que o elevador parou no andar.

— As damas primeiro —— Eduardo fez um gesto para que ela entrasse, entrando logo em seguida. Vivian colocou-se mais no fundo do elevador, distante propositalmente.

Ele ficou mais próximo da porta e apertou o botão para descerem. Era muito estranho estar diante dela, após o dia anterior. Pensou nas palavras de Júlia, querendo entender o motivo de sentir atração por ela. A explicação não veio tão fácil quanto achou que viria.

Vivian olhou-o disfarçadamente. Era muito infame o que estava fazendo, mas não conseguia se controlar. Desejava sim o "homem da próxima", porque além dele ser um deleite para os olhos, jamais conhecera alguém tão dedicado. Sua desculpa para continuar a desejá-lo era que Júlia ainda não batera o martelo a seu favor, pois se o tivesse feito, desistiria de uma vez por todas dele. Porém, enquanto ela não o fazia, ainda, restava alguma esperança que o devolvesse ao hall dos solteiros e esta possibilidade, naquele momento, era sua melhor amiga.

Chegando ao andar térreo, Eduardo virou-se para falar com ela. Estava tão calada que lhe pareceu ter feito o percurso sozinho.

— Espero que tenha um bom domingo — despediu-se cerimonioso.

— E eu espero que pegue essa solenidade e a... — respirou fundo, passando por ele — Que você e ela se danem! — corrigiu-se e saiu do elevador com passos decididos, sem olhar para trás, deixando Eduardo sem reação.

Capítulo 34

Pensando em preservar o pequeno avanço que tivera com Júlia, Ricardo resolveu cuidar de Ellen à sua maneira. Ele a conhecia há mais tempo do que o Eduardo e a Vivian e, por esse motivo, sabia que, em parte estavam certos, em outra não. A parte em que acertaram, sim ela o desejava e seria uma espécie de troféu ser de alguma forma "assumida" por ele. A parte em que erraram, ela jamais acreditaria em sua mudança súbita por dois motivos: era muito astuta e também o conhecia bem. A última conversa com ela não havia sido nada positiva para de uma hora para outra mudar sua postura.

Assim, foi mais devagar, reestabelecendo o contato profissional, chamando-a para toda e qualquer reunião, por menor que fosse o assunto. Ouvindo as opiniões dela e acatando a maioria, não por pensar no tal plano, mas por serem realmente boas. Nunca negara o quão a achava eficiente e nos últimos tempos, devido ao comportamento dela, nem isso estava valorizando. Começou assim, através de elogios relacionados à sua competência e da escuta de suas propostas e ideias, a lenta e gradual reaproximação.

Ir por esse caminho era mais fácil e mais cômodo do que partir para o lado pessoal de uma vez, visto que como mulher ela já havia perdido seus encantos e, diante da suspeita de que pudesse estar envolvida em boa parte do que aconteceu na viagem, o sentimento transformou-se em repulsa. Era uma mulher bonita, desejável, inteligente, porém, dona de um caráter duvidoso. Nunca fora muito bom em julgar o caráter das pessoas e colocou a sua gerente, com quem se deu muito bem por quase dois anos, neste patamar. Sua mãe, a cada dia que passava, a cada detalhe que sabia dela, estava muito perto de se juntar a ela nesta condição. Com Constância a decepção era maior, afinal ela era de sua família, deveria lhe querer bem, não o contrário. A simples verdade era que não sabia ler direito as pessoas que estavam mais próximas. Julgara honesta quem agora se mostrava desonesta e fizera o contrário com Júlia. Algo que aumentava sua culpa.

Como conciliar as duas reaproximações? Infelizmente, mentindo para ambas. Para Júlia, omitindo suas suspeitas e para a Ellen, fazendo com que acreditasse estar descontente em relação à distância de seu filho.

◆◆◆

Júlia estava tão aérea que mal escutou o que o médico lhe disse, apenas sorriu e fez que sim com a cabeça. Vinte dias haviam se passado e finalmente chegara o dia de se livrar do incômodo gesso no braço. Vinte dias em que a sua vida havia mudado um pouco. Mentira, a vida havia mudado bastante. Seus contatos com Eduardo tornaram-se raros e apenas por meio de Sarah soube que sempre que ele podia passava na escola do Lipe, na hora da saída para dar um beijo no sobrinho.

— Não haveria problema para mim, se ele quisesse ver o Lipe — comentou com a prima, assim que soube.

— Para ele, com certeza, haveria, não é Júlia? Está mais do que óbvio que ele não quer topar com a mãe do garoto — Sarah respondera de modo sincero e Júlia concordou, entendendo que Eduardo estava no direito dele de não querer se magoar mais e, se estar perto dela fazia com que isso acontecesse, ele tomara a melhor decisão — Acha que ele e a tal mulher já estão juntos? — quis saber, pegando a prima de surpresa com a pergunta.

— Não sei — Júlia deu de ombros — Como você pode perceber, não o vi nesses dias.

— Não acredito que não tenha nenhuma raiva dessa oferecida — Sarah cruzou os braços.

— Não sou tão boazinha assim, Sarah, é claro que não achei legal a atitude dela. Como assistente do Rico, já deveria saber e, para completar, ela me viu no apartamento do Edu, então, não pode dar a desculpa de que não sabia que ele "tinha alguém". Deveria ter respeitado, não se atirado em cima dele na primeira oportunidade. Ou então, apelando para o bom senso, ter se colocado em meu lugar e não fazer para os outros o que não quer para si.

— Aí que se engana, Júlia, ela se viu no seu lugar e esse foi o problema. Não apenas se colocou, como quis permanecer lá e desfrutar de todos os benefícios da posição.

Júlia deu de ombros.

— Mas qual a minha moral para apontar o dedo, Sarah? Eu me deixei levar e troquei beijos bastante reveladores com o Rico, aqui nessa mesma sala. Compreende?

— Sim — confirmou — Do mesmo modo que percebi a mudança no tratamento, voltando a tratá-lo por Rico. É sinal de que a mágoa foi embora?

— Nada, coisa alguma é capaz de apagar o que aconteceu e sempre vou lembrar aquele dia infeliz — foi sincera — Porém, ficar remoendo aquilo, faz mais mal para mim do que para ele, pode ter certeza. Se desejo seguir em frente, seja com ou sem ele em minha vida, tenho que dar um passo importante: aprender a perdoar. Não quero adoecer amanhã por ter carregado mágoas, quando as podia ter dispensado no meio do trajeto.

— E quanto ao Edu? Não sente falta daquilo tudo de homem?

— Sentir falta, eu sinto, mas não se pode ter tudo. Preferi dar um tempo e manter a amizade, do que não sobrar nem isso. Ele é muito importante para mim, então, nem posso pensar em magoá-lo. Não sei para onde eu e o Rico vamos caminhar...

— Eu sei, mas não direi, para não a chatear.

— Estou me referindo ao futuro, Sarah. Perdoar não significa retomar tudo o que tivemos... Ainda assim, até que eu saiba, preferi não machucar o Edu. Ele não merece — suspirou — Fala tanto de mim, mas e quanto ao seu relacionamento? Nenhuma novidade?

— Sim — Sarah sorriu timidamente — Quero desesperadamente meu "namorido" de volta — admitiu, ouvindo de Júlia o que estava esperando, então.

Quando à sua situação, vira Ricardo mais vezes nestes dias, do que em todos os anos que passaram afastados. Primeiro, conforme ele prometera, foram juntos ao cartório para começar a regularizar a situação de Felipe. Ainda que tenham sido acompanhados do advogado dele, de acordo com a explicação do escrivão, o procedimento, com o reconhecimento voluntário, demonstrou-se muito mais simples do que os dois imaginaram. Como Júlia voltara se dedicar ao trabalho,

estiveram juntos mais três vezes, quando ele estivera no apartamento dela durante a semana para ver o filho.

— Não vejo a hora de repetir um dia como aqueles — Ricardo dissera na última visita, enfatizando o duplo sentido da frase — Quero passar novamente um dia com vocês.

Júlia ajeitou o filho na cama, cobrindo-o com uma manta. Conseguira ficar a uma distância segura de Ricardo. Uma na qual seus instintos não a traíssem.

— A gente tem que marcar em um domingo, porque as coisas na confeitaria ficaram mais agitadas, depois da visita de um crítico. Então, tenho trabalhado aos sábados — explicou, enquanto saía do quarto, esquivando-se dele. Ricardo sorriu e ainda depositou um beijo no rosto do menino, antes de segui-la até a sala.

— Fico feliz por você, o sucesso é mais do que merecido. E quanto ao dia, como quiser — concordara, porém, teve a necessidade de saber mais — Nessas ocasiões com quem o Lipe fica? — questionara, preparando-se para se aborrecer, quando ela dissesse Eduardo. Havia estranhando não encontrá-lo em nenhuma das ocasiões em que a visitara.

— Com minha mãe ou com a Sarah, minha prima — Júlia respondeu rapidamente e lhe pareceu que os olhos de Ricardo brilharam com mais intensidade, como duas belas esmeraldas.

— Pensei que o Eduardo ficasse com ele, já que vocês estão juntos e os horários deles são mais flexíveis.

Júlia olhou para baixo, antes de responder.

— Não estamos mais juntos — sua voz saiu tão baixa que Ricardo pediu para ela repetir. Ao ouvir pela segunda vez, ele se conteve para não comemorar a notícia, no entanto sua voz saiu mais animada do que devia, em sua péssima tentativa de confortá-la.

— Não sei o que aconteceu, porém, espero que esteja lidando bem com a situação.

— Estou bem, como vê — Júlia desconversou. Talvez Ricardo não tivesse

conhecimento de que sua assistente pessoal também contribuíra para o afastamento dos dois, no entanto isso não fazia diferença agora.

A vontade que ele teve foi beijá-la para comemorar, mas novamente se segurou. Havia prometido não se comportar mais como um homem de neandertal, ainda que seus hormônios ficassem em ebulição perto dela. Não roubaria o próximo beijo, pois havia sentido que ainda existia muita química entre eles e a proximidade faria com que acontecesse naturalmente. Precisava ser paciente e não se impor a ela, pois a última coisa que desejava era que se afastasse e voltassem ao estágio anterior.

— Posso ficar com ele? — a pergunta saiu tímida, porque a ideia, apesar de ser totalmente espontânea, também lhe dava medo, afinal não sabia como o Lipe se comportaria longe de Júlia, ainda que por algumas horas.

— Rico, não sei... Você é o pai dele, mas...

— Ele não me conhece o suficiente para ficar comigo — Ricardo completou.

— O Lipe não é assim, Rico. Ele se acostuma rápido às pessoas, não estranha. Só que...

— Então, o problema sou eu? — quis entender.

— Quantas vezes já cuidou de um menino de três anos? — de modo leve, expôs seu receio.

— Realmente nenhuma, no entanto posso te jurar que me sairei bem. E ainda que não saia, tenho muitos empregados que podem me auxiliar com ele...

— O seu apartamento é seguro para ele? — encarou-o, detendo-se em seus olhos — Desculpe-me se pareço uma doida paranoica, porém, as crianças são imprevisíveis. No caso delas, mais do que nunca é melhor prevenir do que remediar.

Ele sorriu, admirando-a.

— O que foi? — incomodou-se com o jeito como ele a olhava.

— Deveria se ouvir, Júlia. Não soa como uma doida paranoica, e sim com

uma mãe zelosa, preocupada — zelosa, deliciosa e preocupada seria o correto, contudo guardou o pensamento para si — Está tão no módulo mãe que já vem com os ditados populares — completou, exibindo um sorriso agora mais amplo.

— Deixe de ser bobo!

— Não — protestou — Deixe-me ser bobo! Estive sendo sério por tempo demais. Gosto de me surpreender com você — confessou, num tom que fez com que Júlia se arrepiasse — Prometo cuidar dele e protegê-lo contra todos os perigos — sentou-se mais perto dela — Posso ficar com ele no próximo sábado?

Júlia acabou cedendo, embora depois, sozinha, revendo sua decisão, talvez o "sim" tenha saído apressado, porque estivessem muito próximos.

Novamente a voz do médico fez com que abandonasse as lembranças.

— Como foi uma fratura, estou sugerindo uma breve fisioterapia e analgésicos para o caso de sentir dor ou algum desconforto. Tudo bem?

— Sim, já estava ciente da necessidade da fisioterapia — sorriu — Porém, só de saber que já estou liberada para cozinhar, podendo mexer meus dois braços, usando minhas duas mãos... Não tenho do que reclamar.

O médico sorriu, escrevendo o nome do analgésico na receita média.

— Verdade, senhorita Pimenta. Seguindo todas as minhas orientações, como tem feito até agora, não terá mais com que se preocupar.

Júlia assentiu e pensou que em relação ao braço realmente não tinha, agora quanto ao resto, bem, ainda tinha que pensar mais sobre isso.

◆◆◆

— Acredito que nossa sintonia tenha voltado. Pelo menos no campo profissional — Ellen foi sincera, apanhando o menu oferecido pelo garçom. Aceitara o convite de Constância e a encontrara em um restaurante no Jardins — Ele voltou a se parecer com o Rico mais focado que aprendi a admirar.

— Isso ainda não é o suficiente para afastar a cozinheira da vida dele — Constância fez questão de notar. Nem precisou olhar o menu, pois já sabia o que desejava, sendo aquele um de seus restaurantes preferidos.

— Sei que não, porém, desde que conheceu o filho, parece que o encanto com ela tem diminuído, pois acabou deixando escapar seu descontentamento quanto ao tempo que tem ao lado do garoto.

— O Rico deveria pedir a guarda dessa criança de uma vez. Vai esperar o que? Que ele herde todos os defeitos da mãe ou dos parentes dela? Por mim, não só exigia a guarda do meu neto, como impediria qualquer contato com essa gente.

— Legalmente, é muito difícil acontecer isto, Constância, principalmente porque a justiça ficaria do lado da mãe que cuidou do menino até agora, não de um pai ausente.

— Meu filho não foi ausente porque quis — Constância rebateu.

— Ok, ainda que não tenha sido. Você tem como provar isso?

Constância fez que não com a cabeça. Dizer sim era admitir contar a verdade sobre o que havia feito e jamais faria isso.

— Aliás, se não me falha a memória, disse que que faria algo contra a cozinheira e até agora não vi nada.

— Não sou apressada como você, Ellen. Pressa e perfeição não caminham juntas, lembre-se disso. Eu posso demorar, mas o tiro será certeiro.

— Vai atirar nela? — Ellen questionou num misto de surpresa e aprovação.

— Linguagem figurada — Constância sorriu — Não sujaria minhas mãos por tão pouco, há maneiras mais inteligentes de afastá-la da vida do Rico, apesar de que seus olhos brilharam com essa possibilidade.

— Confesso que seria uma boa se esta mulher desaparecesse. Desde que surgiu, tudo piorou entre mim e o Rico — admitiu — Aquele acidente todo e só machucou o braço! Tem muita sorte.

— Deve ter, afinal conseguiu chamar a atenção do meu filho. Continuando em tópicos desagradáveis, e aquela mulher que o Rico contratou? A tal assistente? Ele já superou o lance das cotas e a demitiu?

Ellen balançou a cabeça negando, sem disfarçar o desapontamento.

— Embora não a tenha visto por esses dias, acabei questionando o Rico sobre a função dela, já que formamos uma excelente dupla. A resposta que me deu foi a de que ela ficará incumbida de tudo o que exceder as minhas atividades no Magista.

— Tome muito cuidado, Ellen. Conheço esse tipo. Daqui a pouco enxerga o Rico como um grande cofre e se mete na cama dele — Constância lembrou-se do caso do marido. Jamais deixaria que uma aproveitadora separasse o que Deus unira — Se tiver oportunidade, livre-se dela.

— Pode deixar, Constância — Ellen concordou. Havia encontrado a assistente apenas uma vez e bem rapidamente. Era uma mulher bonita, com certeza, porém não conseguia enxergá-la como uma ameaça — Você não quer me contar o que está preparando para a cozinheira? — mudou de assunto.

Constância negou com a cabeça.

— Saberá na hora certa, Ellen — sorriu, achando providencial o retorno do garçom.

◆◆◆

— Você não me parece estar tão bem assim — Luciana comentou, ao perceber o amigo pedir mais uma bebida. Haviam se encontrado no fim da tarde, por insistência dela, ao notá-lo estranho ao telefone.

— Deixa de ser careta, Lu. Estou apenas relaxando. Tenho trabalhado demais e viajado bastante. Acho que mereço uma trégua, não?

— Merece — concordou, pois havia escutado dele a história de sua mãe biológica e ficara sem palavras — Pelo menos, fez mais avanços.

— Sim — Edu assentiu com a cabeça —Acabei no interior do Paraná, em uma cidade chamada Santo Antônio da Platina, falei com pessoas que conheceram a família — deu um longo suspiro — E descobri que até os vinte e três anos ela morou lá, depois se mudou para Serra Negra, aqui em São Paulo.

— Não é a cidade em que...

— Minha família tinha a pousada – completou, piscando para ela, quando a vodca chegou — Tenho certeza de que foi lá que meu pai a conheceu — tomou um gole generoso — Será minha próxima parada.

— Se precisar de um apoio, conte comigo — Luciana ofereceu-se solícita e Eduardo lhe agradeceu com um sorriso. Se ela não o conhecesse bem, teria comprado aquela versão feliz do amigo.

— E sobre o outro assunto não quer conversar?

— Falar para que, Luciana? Para me dizer que, de alguma forma, havia me avisado? — encarou a amiga.

— Claro que não! Pensei que me conhecesse. Se fosse esse tipo de pessoa, estaria comemorando o seu término, afinal você está de volta ao mercado. Porém, não sou assim. Antes de tudo sou sua amiga, torço por você e está bem longe de estar bem.

— Vou sobreviver, Lu. Afinal, não é a primeira vez que quebro a cara. Vida que segue, como dizem! — sorriu mais uma vez — E você vai me acompanhar ou ficar aí, fazendo papel de terapeuta? Como você mesma lembrou, estou de volta ao mercado e espero não estar enferrujado, pois preciso extravasar.

— Você enferrujado, Edu? Deve estar brincando. Nunca vi alguém que sabe andar de bicicleta, desaprender. No entanto, quanto ao convite, vou terei que declinar, tenho uma tatuagem marcada para amanhã bem cedo. E você sabe o quanto odeio acordar cedo.

— Por que marcou neste horário, então? — não entendeu — Pensei que controlasse sua agenda.

— Sabe que meu coração é grande. É um favor, pois o cliente viajará nos próximos dias e só havia esse dia e horário.

Eduardo virou o restante do líquido do copo e seu sorriso foi bem diferente do anterior, quase sacana.

— Está dormindo com ele desde quando? — perguntou de uma vez e Luciana respondeu erguendo a mão e lhe mostrando o dedo do meio, fazendo com que ele risse — Suponho que este seja o motivo de não querer esticar em alguma balada... — sugeriu e diante do silêncio dela riu novamente — Pensei que não viveria para ver isso, você negando um convite para sair sexta à noite.

— Vá se danar, Edu!

— Mais? — riu — Desculpe, Lu. Conheço os sintomas, é assim mesmo, quando a gente encontra a pessoa certa, não tem vontade de sair — fez um gesto para o garçom, para poder repetir o pedido.

— Edu, não acha que está exagerando um pouco?

— Ao contrário de você, Lu, estou livre, leve e solto. A noite é uma criança e só está começando — piscou para ela.

— Isto é, se não tiver que sair daqui levado por um guindaste.

— Nem bem começou e seu affaire já está te provocando amnésia, Lu? — Eduardo a provocou — Tenho uma ótima resistência, não se lembra? — perguntou malicioso — Estou apenas esquentando.

— Só me prometa que não vai, para onde quer que seja, dirigindo.

— Prezo muito a minha vida, hoje estou de táxi — esclareceu e Luciana não teve certeza se ficava tranquila ou preocupada, pois ao mesmo tempo em que ele estaria seguro, sabia que tinha a intenção de beber muito mais do que já fizera.

◆◆◆

— Não é possível — Vivian teve vontade de retornar, enfrentando todas as pessoas das quais desviara para chegar até ali, ao reconhecer a figura que dividia a atenção de duas belas mulheres no meio da pista. Desde o encontro no

apartamento de Ricardo, havia se decidido a tirá-lo de sua cabeça e logo na primeira vez em que saíra, disposta a um encontro de uma só noite, dava de cara com ele — São Paulo tão grande, Vivian, tinha que escolher logo aqui? — resmungou, decidindo-se entre ir ou ficar.

Ele era a última pessoa que esperava encontrar ali e ainda mais tão animado. Não se parecia nada com um homem comprometido. Pulou o estranhamento e se decidiu por ficar, porque não deixaria que uma infeliz coincidência estragasse sua noite, nem seus planos. Tinha se vestido para abalar e isso que faria.

Acomodou-se junto ao balcão, colocando a pequena bolsa sobre o mesmo. De lá, tinha uma boa visão da pista, porém, virou-se, já que não tinha a intenção de vigiar ninguém. Não demorou muito para que o vestido vermelho que escolhera com cuidado e que se moldara perfeitamente a suas curvas, começasse a fazer sucesso. Negou dois drinks pagos por homens diferentes e até mesmo o barman flertou com ela ao receber seu pedido, perguntando discretamente se ela estava mesmo sozinha ali.

— Nossa, uma deusa de ébano, embrulhada em papel de presente vermelho — o homem falou, sentando-se ao lado dela, inclinando-se um pouco para que ela o ouvisse, apesar da música — Sua espera acabou, cheguei.

Vivian ergueu os olhos, apesar da abordagem descuidada, para não dizer péssima, o espécime até que não era de se jogar fora. Dono de uma pele bronzeada, rosto quadrado, com grandes olhos castanhos e escuros, nariz bem feito acima de barba rala, emoldurando uma boca de lábios convidativos.

— Fábio — estendeu a mão para cumprimentá-la. Vivian hesitou um pouco, mas o cumprimentou, sendo surpreendida por um beijo depositado no dorso de sua mão — E você minha deusa? — quis saber ao desencostar os lábios de sua pele.

— Vivian — sorriu, ele definitivamente era engraçado e, se não dissesse algo muito idiota, podia estar apto a ser o encontro descartável que buscava.

Foi por acaso. Assim que acabou a música, Eduardo avisou que pegaria algo para beber e deixou na pista. Ao se aproximar do balcão, a primeira coisa que lhe chamou atenção na mulher foi a cor vermelha que fazia uma bela composição com a pele cor de jambo. A visão foi subindo da curva do quadril, as costas, e os cabelos longos em cascatas, parando na cena do homem se

inclinando para lhe falar em seu ouvido, de modo bastante íntimo.

Chegou a se recriminar por olhar para o casal de namorados, até o momento em que ela ergueu o rosto para falar com o homem. Balançou a cabeça de um lado para o outro e sorriu. Pensou que alguém lá em cima devia estar brincando com ele. Por estar um pouco alto, não pensou duas vezes, antes de se aproximar. Quando chegou bem perto, o homem estava elogiando os olhos de Vivian.

— Sério mesmo, cara? — Eduardo chamou a atenção dos dois — Tanta coisa para falar e você me vem com essa dos olhos!

— E quem o chamou na conversa? Pelo que me consta, não é de bom tom ouvir a conversa alheia — Fábio afastou-se de Vivian para encará-lo.

— "Não é de bom tom"? — Eduardo zombou — Quem, pelo amor de Deus, em pleno século XXI fala assim? — a pergunta foi direcionada para Vivian.

— Está sendo inconveniente — Fábio se levantou, mas sem estatura suficiente para fazer frente a Eduardo, fazendo-o sorrir ao notar que ele era muito menor do que a mulher que estava cortejando.

— Você já viu o tamanho dela, amigo? Ou fez a cantada apenas sentado? — Eduardo o menosprezou.

— Será que pode parar com isso? — Vivian dirigiu-se para ele.

— Por favor, vai me dizer realmente que gosta dos baixinhos? — cruzou os braços sobre o peito largo, olhando o oponente de cima para baixo.

— Não é da sua conta o que gosto ou deixo de gostar... — Vivian fez menção de se levantar, mas Eduardo olhou para os pés dela e fez um gesto a impedindo.

— Vai humilhá-lo se o fizer, portanto, melhor que continue sentada.

— Deixe de ser idiota, Eduardo? Desde quando tamanho quer dizer algo?

— Tamanho ou estatura, Vivian? Porque são coisas completamente diferentes... Embora acho que o amigo aí não esteja bem em nenhum dos dois.

— Esperem um pouco — Flávio olhou para ela e depois para ele — Vocês se

conhecem?

Os dois responderam ao mesmo tempo, ela falando que não, ele que sim.

— É verdade — Eduardo sorriu de maneira maliciosa — Ela intuiu o meu nome e eu o dela. Faz parte do nosso show, pois somos de circo.

O homem bufou, irritado.

— Acho que são loucos, isso sim. Se estava acompanhada, deveria ter me dito — virou-se para ela —— Se me dá licença — e se retirou, sem olhar para trás ou pegar no copo que ainda tinha bebida.

— Está satisfeito? — Vivian encarou Eduardo e ele em vez de responder, sentou-se ao lado dela.

— Você não tinha intenção de ficar com aquele cara, não é mesmo?

— Não havia nenhum problema com ele...

— Fora bater no seu ombro? — manteve o olhar no rosto dela, caso contrário eles passeariam por seu corpo, já que estava um espetáculo no tal vestido vermelho com um belo decote em v.

— Para o que eu tinha planejado, não havia a necessidade que tivéssemos a mesma altura — rebateu.

— Acabei de livrá-la de um arrependimento e tanto, na manhã seguinte — comentou convencido — Não há a menor chance de um cara que fala daquele jeito ser bom de cama. Imagina as coisas que ele te diria enquanto estivessem juntos. Ficaria traumatizada, vai por mim.

— Em vez de estar estragando a minha noite, não deveria estar com a sua namorada? — Vivian questionou e viu seu ar de deboche desaparecer, beirando quase o mau humor com o qual o havia conhecido.

— Se estivesse namorando, pode ter certeza de que não estaria aqui — respondeu contrariado e os olhos de Vivian brilharam mais intensamente, ao ter sua explicação para a presença dele ali.

— E o fato de não está mais namorando te confere o direito de atrapalhar quem quer se divertir um pouco? — refeita da surpresa que a declaração lhe causou, emendou, tentando disfarçar o quanto gostara da resposta.

— De maneira alguma — a voz de Eduardo ficou mais rouca, tão sexy a ponto de arrepiá-la — No entanto, se quer diversão, por que se contentar com tão pouco, se pode ter muito mais?

— E você me apresentará essa pessoa... — Vivian mal teve tempo de acabar a pergunta, porque Eduardo a calou com um beijo, puxando-a em sua direção. Mal conseguiu raciocinar, deixando-se levar pela sensação maravilhosa do movimento lascivo da língua dele buscando a sua. Totalmente diferente do que havia sido no carro, pelo simples fato de que dessa vez ele estava no comando e fazendo exatamente o que desejava.

Quando parou de beijá-la, ela estava zonza. Sentia o coração batendo acelerado e todas as terminações nervosas do corpo pulsando. Tentou recuperar a raiva que sentira dele no último encontro dos dois, resistindo a tudo o que ele a fazia sentir, porém a tentativa foi sem sucesso.

— Vamos! — Eduardo se levantou e ofereceu a mão para ela.

- Mal cheguei – mesmo tonta, tentou argumentar e Eduardo insistiu, estendendo-lhe a mão novamente e quando ela finalmente a apanhou, ajudou-a a se levantar. Vivian apanhou a bolsa e o seguiu. Caminhar para fora da boate foi uma tortura, porque tamanha proximidade só fazia com que quisessem continuar se tocando – Veio de carro? – perguntou assim que se viram do lado de fora.

— Não mesmo. Não tenho a menor condição de ser o motorista da rodada — Eduardo explicou e Vivian caminhou com ele para onde havia estacionado seu carro.

Antes de entrarem, beijaram-se novamente, encostados ao veículo. Vivian assumiu a direção e Eduardo sentou-se no lado do carona. Enquanto ela tirava o sapato de salto alto, para calçar a sapatilha estratégicamente deixada dentro do carro, ele depositava beijos em seu pescoço, massageando com as mãos trêmulas de tanto desejo seu ombro e nuca. Se ela achou difícil concentrar-se para tirar um simples sapato, dirigir, tendo as mãos dele passeando por sua coxa, suas pernas e muito próximo de sua intimidade foi uma prova de superação. Como manter o foco na direção, tendo ao seu lado alguém que sabia exatamente o que fazer,

provocando-a daquela maneira? Sua vontade, por várias vezes, foi a de fechar os olhos e aproveitar a sensação, mas não podia.

Automaticamente ela dirigiu para sua casa, no bairro da Pompeia, pelo simples fato de ser mais próximo de onde estavam. Mal entrou na garagem, viu-o se livrar do cinto de segurança para se dedicar melhor ao que já havia começado a fazer. Sentiu as mãos de Eduardo puxarem o vestido para poderem entrarem em contato com sua pele. E sentir o calor da mão dele foi como se queimasse. Quase perdeu o fôlego, quando ele puxou sua calcinha para o lado e seus dedos encontraram seu sexo. Sufocou um gemido, quando ele fez movimentos circulares, cada vez mais rápidos, fazendo-a ficar muito perto do orgasmo.

— Está tão molhada quanto eu estou duro, Vivian — sua voz estava cada vez mais rouca, antes de cuidadosamente inserir primeiro um, depois dois dedos dentro dela. Vivian arqueou para trás e quando ele começou a simular o que desejava fazer com ela, entrando e saindo dela, viu-se ajudando-o, indo na direção de sua mão. Quando ela gemeu um pouco mais alto, próxima novamente, Eduardo parou, retirando devagar os dedos, numa espécie de tortura calculada.

— Por favor, não pare... — praticamente suplicou, encarando-o.

Eduardo sorriu, levando os dois dedos à boca e lambendo-os, ficando ainda mais excitado em sentir o gosto dela.

— Um carro é muito pequeno para o que eu desejo fazer com você — confessou e Vivian trêmula entendeu o recado, saindo do veículo. Eduardo a seguiu e, enquanto ela tentava achar a chave na pequena bolsa, colocou-se atrás dela, forçando sua ereção contra o quadril firme dela.

— Assim, nunca acharei a chave! — resmungou e Eduardo respondeu, colando-se mais ao corpo dela e dando-lhe uma leve mordida no ombro, arrancando-lhe outro gemido e obrigando-a desistir momentaneamente da procura para virar-se e beijá-lo de uma maneira que beirava o desespero, recebendo em resposta beijos e mordidas nos lábios, pescoço e ombro. Decidida, conseguiu interromper o ataque dele e encontrou a chave. Tremendo, teve dificuldades em encaixá-la na fechadura. Eduardo tomou a chave das mãos dela e a encaixou, como se não estivesse levemente embriagado e sempre tivesse

frequentado o lugar.

Mal entraram, Eduardo fechou a porta com o pé e a ajudou a se livrar do vestido, que ficou caído próximo à entrada. Procurou o interruptor até encontrá-lo e acendeu a luz, pois fazia questão de vê-la. Vivian resistiu um pouco à claridade, porém, gostou de enxergar os olhos dele mais escuros, bêbados de tesão por ela. Eduardo mais uma vez encurtou a distância entre eles e a outra peça que a ajudou a retirar foi o sutiã, liberando os seios volumosos, redondos e perfeitos.

— Você é muito gostosa — sussurrou, antes de explorá-los com a boca ou com as mãos, fazendo com que ela gemesse ainda mais.

Beijando-a caminhou com ela até uma bela mesa de jantar e quando estavam bem próximos dela, virou-a, fazendo com que se apoiasse as mãos no tampo da mesa. Apressadamente abriu o cinto e apanhou a carteira, antes de a calça deslizar para o chão. Não conseguia mais aguentar, precisava estar dentro dela. Apoiou uma das mãos nas costas dela, fazendo com que ficasse ainda mais inclinada e com a outra, apanhou o preservativo na carteira, jogando-a no chão ao lado de onde estava.

Vivian fechou os olhos, estremecendo com a expectativa, quando ele fez com que se livrasse da última peça que cobria sua nudez. Depois, ouviu o barulho da embalagem sendo rasgada e não precisou virar-se para perceber quando ele também ficou nu. Então, recebeu uma palmada em uma das nádegas, não forte, mas o suficiente para fazer com que ardesse, causando-lhe um arrepio que percorreu todo seu corpo. Sentiu as duas mãos de Eduardo em sua cintura. Ele se posicionou em sua abertura, roçando duas vezes em sua entrada e sem aviso prévio, com um só movimento, enterrou-se dentro dela. Vivian não conteve o gemido. Se não estivesse tão molhada quanto estava, a experiência poderia ter sido dolorosa, mas ao contrário, por não estar esperando, foi extremamente prazerosa.

Em outras ocasiões, ele teria perdido mais tempo nas preliminares, porém, não aguentaria mais um minuto sequer e por isso não se conteve. Senti-la foi maravilhoso, e uma vez dentro, começou a estocar cada vez mais rápido, colocando-se e retirando-se dela, em um ritmo controlado, arrancando-lhe mais gemidos e gemendo também com sua entrega. Quando ela moveu o quadril em sua direção, Eduardo teve que se segurar para não gozar, porém, não conseguiu

controlar mais o ritmo. Enrolou o cabelo dela para que pudesse segurá-lo melhor e intensificou os movimentos, ficando cada vez mais rápido, ao mesmo tempo, tendo o cuidado de apenas lhe dar prazer e não machucá-la, sendo plenamente correspondido pelos movimentos dela em direção à sua pélvis. Algo absolutamente intenso, alucinado, selvagem.

◆◆◆

Dia seguinte

— É uma pena que não tenhamos muito tempo – Ricardo sorriu para Júlia, estava ansioso para ficar com o filho, mas também para revê-la. Portanto, saber que tinha pouco tempo para isso era lamentável.

— Tem instruções dentro da mochila, caso tenha alguma dúvida — Júlia mudou de assunto, olhando no relógio e passando uma mochila de tamanho médio e uma bolsa pequena para Ricardo que esperava parado na porta — Lipe — gritou para dentro do apartamento.

Ao chamado da mãe, ele veio correndo e sorriu ao ver Ricardo.

— Como está, campeão? — Ricardo sorriu para o filho e viu que o menino o olhava diferente. Olhou para Júlia, tentando entender se ele estava esperando por outra pessoa.

— Posso falar aquilo mamãe ou é segredo? — Lipe perguntou, olhando para a mãe.

— Não é segredo Lipe — Júlia consentiu e Ricardo ficou ainda mais apreensivo.

—Papai Rico a gente vai passear?

Ouvir a palavra "papai" pela primeira vez, fez com que Ricardo ficasse boquiaberto e suas vistas embaçaram tão rápido, como se estivesse na chuva. Nunca fora tão emotivo, mas diante de situações como aquelas era difícil conter as lágrimas. Não esperava que Júlia fosse dizer tão rápido quem ele era.

— Sim, claro — respondeu ainda em estado de choque, olhando para Júlia.

— A mamãe disse que você não é meu tio, como o tio Du. Mas onde você mora, quando não está aqui?

Ricardo e Júlia ficaram sem graça, pois não esperavam pela pergunta.

— Você vai conhecer hoje, Lipe — Ricardo quem respondeu, enquanto atônito olhou para Júlia, perguntando bem baixinho "Por que não me disse que já havia contado?".

— Só fiz o que disse que faria e um dos livros de história que ele tem, ajudou-me a fazer com que ele entendesse melhor — respondeu no mesmo tom, abaixando-se para beijar o menino e recebendo um abraço e um beijo em resposta — Acho que assim é mais fácil estar com ele.

— Bem... — teve que controlar a voz para ela não sair tão embargada — Só me lhe resta agradecer. Não estava preparado para isso.

— O Nando também vai poder passear conosco, mamãe? — Lipe quebrou o momento.

— Claro que sim — Júlia levantou-se e viu a confusão estampada no rosto de Ricardo.

— Quem é esse Nando? — perguntou baixinho — Não sei se tenho estrutura para dois. Se ele vai conosco, onde está este garoto?

Júlia riu e Ricardo, mesmo sem entender o motivo do riso, ficou a admirá-la. Adorava quando ria, porque sabia que já a havia feito chorar demais.

— É o amigo imaginário — Júlia respondeu no mesmo tom de voz e depois aumentou-o para que o menino pudesse ouvir — Não se preocupe, Rico. O Lipe só leva o Nando em lugares para os quais ele quer muito ir.

— Então vamos — Ricardo disse ajeitando a mochila em um dos ombros e colocando a outra bolsa no chão — Venham Lipe e Nando — abriu os braços para o filho e o menino hesitou um pouco antes de ir em sua direção, permitindo que ele o pegasse no colo.

— Cuidem-se — Júlia apanhou a mão do filho para dar um beijo nela.

— Pode ficar tranquila, Júlia. Cuidarei do nosso filho — Ricardo prometeu — Tenha um bom trabalho. Mais tarde virei trazê-lo.

— Obrigada — Júlia agradeceu e acompanhou o filho se afastando no colo do pai, até entrarem no elevador, acenando em resposta aos acenos do filho. Esperava que tudo desse certo e pudesse desfrutar de um dia comum e tranquilo na Doce Pimenta.

Capítulo 35

Sentindo a falta do calor do corpo de Eduardo, Vivian esticou o braço, tateando a cama à sua procura. Lentamente abriu os olhos, ao perceber que ele não se encontrava. Foi preciso abrir e fechar os olhos repetidamente para que a imagem ficasse nítida. No entanto, não precisou se levantar para constatar que ele havia ido embora. Sem se surpreender, buscou o relógio de pulso, que estava sob o móvel ao lado da cama e se espantou ao saber que eram quase onze horas. Haviam demorado para dormir, porém, mesmo assim, não esperava acordar tão tarde. Se não estivesse de folga, teria pulado, desesperada com o atraso. Porém, espreguiçou-se devagar, sentindo-se cansada. Se o despertar não havia sido exatamente como gostaria, não tinha nada a reclamar da noite que tivera. Esta sim, fora muito melhor do que imaginara.

◆◆◆

Ricardo sorriu diante dos olhos arregalados do filho. No colo do pai, no terraço, o menino olhava maravilhado para todos os lados, vislumbrando a cidade lá embaixo, impressionado com a distância e como as coisas pareciam tão pequenas.

— Viu, Lipe? É alto mas não tão alto que chegue no céu — Ricardo quebrou o silêncio, respondendo à pergunta que ele fizera, assim que descera de seu carro e vira o tamanho do prédio.

Lipe continuou quieto, encantado com a vista. Depois de se cansar da paisagem, colocou os braços ao redor do pescoço de Ricardo, começando a mostrar desconforto.

— Só não conte para sua mãe, Lipe, senão, com certeza ficaremos de castigo — comentou bem-humorado, retribuindo o abraço e sentindo-o apoiar a cabeça em seu ombro. Uma sensação maravilhosa de tão boa —9i então, é bom que se acostume a olhar a vista assim. Agora que matei sua curiosidade, vamos descer.

Ricardo o levou de volta ao seu apartamento. Nem completara duas horas ao

lado do menino e já estava fascinado com ele. Não conseguira seguir todas as recomendações de Júlia, mas pelo menos haviam sido tomadas providências quanto às quinas e tomadas. Além disso, contratara uma babá para ficar de olho nele, quando não pudesse estar, o que esperava ser bem pouco tempo.

Mesmo tendo algumas coisas para resolver, queria ficar ao lado dele o máximo possível, portanto, trabalharia de seu apartamento. Ter seu filho junto a si era apenas o começo, não dava para recuperar o tempo perdido, mas o futuro era uma tela em branca a qual desejava preencher da melhor maneira possível e isso queria dizer: reconquistando a mãe de seu filho e tendo os dois ao seu lado.

◆◆◆

Com a confeitaria lucrando bastante e as contas no azul, Júlia decidiu que a equipe merecia um incentivo por tê-la ajudado tanto, principalmente no período em que seu braço estivera engessado. Foi o momento em que mais precisou de suporte e o recebeu indistintamente, podendo contar com todos.

— Participação nos lucros? — O contador questionou, conversavam no escritório e ele havia passado pelo salão e vira que o lugar estava cheio — Tem certeza disso? Sabe que, do jeito que está faturando, vai ser uma boa quantia que deixará de ir para o seu bolso.

— Tenho certeza disso — Júlia foi firme — Não cheguei aqui sozinha e sei que, da mesma forma que eu, cada um aqui tem seus sonhos e objetivos. Se puder contribuir, nem que seja um pouquinho, quero fazê-lo. Tenho a equipe mais dedicada do mundo e gostaria que eles soubessem que estou atenta a isso.

— Como quiser, senhorita Pimenta — o homem se levantou, estendendo a mão para cumprimentá-la — Entre o fim deste mês e o outro, esse valor será repassado para os funcionários.

— Obrigada — Júlia o cumprimentou e abriu a porta que ele pudesse sair, liberando a sala para seus dois funcionários que trabalhavam lá. No caminho, sorriu para alguns clientes e foi parada por Douglas, antes de ir voltar à cozinha. Após saber tudo o que acontecera na viagem, ele havia se arrependido de compartilhar informações importantes com uma desconhecida. Tudo bem, uma bela desconhecida, que desaparecera do mesmo modo que surgira. Não sabia se

tinha ligação e também não tinha tanta intimidade com Júlia para falar sobre suas suspeitas. Portanto, ainda que quisesse lhe falar a respeito, não foi por esse motivo que interrompeu seu curso.

— Júlia há uma produtora e um câmera do programa Cozinha e Magia, querendo falar com você.

— Sério isso? — fez uma careta e ele confirmou com a cabeça — Obrigada Douglas, estou indo.

O pretenso dia calmo acabou no instante em que ela ouviu a proposta da produtora, de fazer uma reportagem sobre a confeitaria. Júlia aceitou, após consultar seus outros confeiteiros, conscientizando-os que a reportagem iria ao ar ainda naquele dia. Porém, ficou surpresa, ao ouvir da mesma produtora que, devido ao fato de ela não ter participado como jurada do programa culinária, a rede gostaria de gravar a rotina do lugar por um mês. Ao mesmo tempo em que a proposta era uma vitrine e tanto, tirava muito a espontaneidade de todos, inclusive a sua.

— Pense com carinho e amanhã você me responde — a jovem produtora pedira, entregando-lhe seu cartão.

— Obrigada — Júlia agradeceu e quando a equipe deixou a confeitaria, já passava um pouco do horário do almoço. Pensou em Lipe, esperando que Ricardo estivesse se saindo bem com ele.

◆◆◆

Uma coisa era ver o menino diante de Júlia, outra era convencê-lo a comer coisas saudáveis. Depois de algumas tentativas frustradas, pediu a ajuda do chef do restaurante e, quando ele mandou um cardápio que brincava com os legumes, transformando-o em rostos e figuras, Lipe animou-se e, se não comeu tudo, comeu boa parte do que estava no prato.

— Uma fruta agora? — Ricardo consultou-o e sorriu, quando ele fez que não com a cabeça — Queria saber como a sua mãe consegue fazer com que a

obedeça.

— O Nando queria tomar um sorvete desse tamanho — fez o gesto com a mão de algo muito grande.

— Ah é? O Nando? — Ricardo riu — Então, se eu trouxer um sorvete desse tamanho só para ele, você vai ficar olhando?

— Se o Nando pode tomar sorvete, também quero papai — Lipe respondeu, provocando o riso nele.

— Ok, só hoje. Vou ter que me explicar para sua mãe por causa disso. No entanto, terá seu sorvete.

◆◆◆

Eduardo olhou-se no espelho, verificando se era possível disfarçar algumas marcas da noite passada. Só as notara ao tirar a roupa para tomar banho. Além das marcas vermelhas no pescoço e no tórax, suas costas estavam arranhadas, de maneira que sentiu uma leve ardência, quando a água caiu sobre os arranhões. Não seria surpresa se ela também as exibisse, pois ambos haviam se comportado de maneira bastante semelhante.

Não estava arrependido, tampouco culparia a bebida pela noite passada. Ela fora o combustível, com certeza, no entanto, não fizera nada que não desejasse. Fora algo realmente muito intenso, porém, ao acordar, estranhara o ambiente. Seria tão bom se a conexão que estabelecera com Vivian se estendesse além do físico, porém, sentiu como se faltasse algo.

Esperava que ela não se aborrecesse muito por ele ter saído da maneira que o fizera. Procurara um papel e uma caneta para lhe deixar um bilhete; como não achou, marcou seu número no celular dela e resolveu não acordá-la, deixando sua casa sem se despedir.

Agora, voltaria à rotina dos últimos dias: trabalhar nas fotos que tirara e buscar mais informações sobre sua mãe.

◆◆◆

Ellen sorriu para Ricardo, feliz pelo fato de ele mesmo tê-la chamado. Não o havia visto chegando acompanhado pelo filho e segurara sua vontade de aparecer sem ser convidada. Agora, próximo das cinco e meia da tarde, fora surpreendida com a atitude dele. Ricardo não só ligara em sua sala, como também lhe pedira para subir, confirmando sua impressão de que estavam ficando cada vez mais próximos, como eram antes de a tal cozinheira ressurgir das cinzas do passado, onde deveria ter permanecido. Queria conquistar a confiança do menino e depois seu afeto, por isso pedira que alguém fosse à rua comprar algumas balas. O funcionário voltou com um pacotinho de caramelos.

— Não era bem isso que tinha em mente, porém, vai servir — colocou alguns caramelos no bolso da camisa social branca indefectível que usava.

— A Sol me avisou que trabalharia daqui — Ellen disse, assim que Ricardo lhe abriu a porta. Gostou de vê-lo sem o habitual terno, não conseguindo evitar o rubor ao se recordar dele nu. Às vezes se arrependia, acreditando que devesse ter fingindo não ter escutado o que ele dissera. Pelo menos mataria a vontade que sentia dele.

— Sim, tenho um ótimo motivo para fazê-lo – fez um sinal para que ela entrasse.

Não era à toa que Ricardo fizera dali sua segunda casa. O Magista era um hotel cinco estrelas e de luxo. Natural que tivesse quartos tão bons quanto o dele. Era tão espaçoso e confortável que não ficava a dever nada para uma casa. Além de duas suítes, possuía mais três ambientes e uma sauna, Lipe estava em deles, onde desenhava sob a supervisão da jovem babá.

Mais uma coisa que não dera certo foi colocá-lo para dormir, ainda que ele já apresentasse sinais de cansaço, Lipe resistiu a dormir. Ricardo não demorou a concluir que seu colo não era tão bom quanto o de Júlia. Nisso, tinha que concordar com o filho.

— Ouvi falar — Ellen entrou, procurando o menino com os olhos, sem achá-

lo — E onde ele está?

— Com a babá — tocou na cintura dela para conduzi-la, fazendo-a estremecer, por não estar esperando o toque, e sentir as mãos dele em seu corpo, novamente a transportaram para aquele mesmo quarto, só que em outras condições — Lipe, venha até aqui — chamou, fazendo um sinal para que ela sentasse no sofá.

Mesmo cansado, Lipe apareceu após uns segundos, porém, ficou desapontado, pois, muito por conta do sono, achou que sua mãe havia chegado.

— Essa é a Ellen, amiga do papai — Ricardo os apresentou — Ellen esse é o Felipe, meu filho.

— Ele é lindo, Rico. Lembra muito você.

— Obrigado — falou orgulhoso — Ele tem muito... — diria que o filho tinha muito de Júlia também, mas conseguiu se corrigir a tempo — Dos meus trejeitos. E é muito bom reconhecer isso. Dá uma sensação de continuidade maravilhosa.

Maravilhoso, Ellen pensou, seria ficar com Ricardo, sem a necessidade de ter que lhe dar um filho. Entendia o motivo de Constância ter ficado tão feliz em conhecê-lo: o menino não tinha herdado os traços negros da mãe e tinha a pele clara. Poderia muito bem se passar pelo filho dela com Ricardo, sem nenhum constrangimento. Algo que não aconteceria com um mulatinho de cabelos crespos.

— A mamãe não vem? — a voz de Lipe despertou-a de seus pensamentos. Melhor seria se ele fosse quietinho, Ellen concluiu, pois Rico já havia pensado demais na cozinheira sem a ajuda dele.

— Mais tarde você estará com ela, Lipe – Ricardo explicou, vendo o menino esfregar os olhos — Que tal dormir um pouco?

Lipe fez que não com a cabeça.

— Tudo bem. Venha cumprimentar a amiga do papai — Ricardo pediu e Ellen estendeu os braços para ele. Lipe hesitou, caminhando devagar em sua direção, mal ficando no abraço dela, sem retribui-lo, voltando para junto de

Ricardo.

— Ele está com sono, Ellen — justificou a atitude do filho, sentando-o no sofá em frente ao dela. Sua intenção era sentar-se ao lado do filho e só não o fez porque seu celular tocou. Olhou no visor do celular e viu o nome de Humberto — O papai já volta, fique um pouquinho com a tia Ellen — pediu ao menino, antes de olhar para para Ellen — Já volto, tudo bem?

— Claro — Ellen sorriu. Era seu momento para cativar o menino. Assim que Ricardo foi para outro ambiente para atender o celular, ela se levantou e sentou-se ao lado do menino. Lipe esfregou os olhos novamente, acompanhando o pai com os olhos. Estava inquieto por não conseguir dormir, começando a apresentar sinais de irritação.

— Oi, Lipe, você é muito bonito — começou, após sentar-se — Gosto muito do seu pai.

— A mamãe já está chegando? — Lipe perguntou, sem se ater ao que ela lhe dizia.

Ela teve vontade de dizer que Júlia não iria, mas em vez disso, tirou um caramelo do bolso da camisa.

— Olha só o que eu tenho. Você gosta de doce?

Se queria ter a atenção do garoto, conseguiu, pois os olhos do menino cintilaram ao ver o caramelo.

— Você gosta? — Ellen insistiu e Lipe fez que sim com a cabeça — Então, vamos fazer uma troca, você me dá um beijo e eu te dou o caramelo — propôs, inclinando o rosto em direção ao menino. Dessa vez ele não hesitou, dando-lhe um beijo molhado na bochecha —Agora sim — sorriu, entregando o caramelo para ele.

O sorriso genuíno do menino desapareceu, quando ele encontrou dificuldades para se livrar do plástico que envolvia o caramelo.

— Deixe-me ajudar — Ellen apanhou o caramelo, retirando sua embalagem, devolvendo-o para o menino.

Lipe levou a bala à boca e, antes que ela pudesse dizer algo, pulou do sofá, voltando correndo para o local onde estava, antes de Ricardo chamá-lo.

Foi questão de segundos, até o grito da babá, chamando Ricardo. Ellen se levantou apreensiva, caminhando na direção do chamado. Porém, Ricardo, muito mais assustado que ela, ao ouvir o grito, encerrou a chamada e saiu correndo, ultrapassando sua gerente para chegar antes ao local de onde o som tinha vindo

— Acho que ele se engasgou com alguma coisa — a babá estava desesperada, assim que Ricardo entrou na sala. Ela dava tapinhas nas costas do menino, que estava com uma das mãos na garganta, sem conseguir tossir, tampouco respirar.

A primeira reação de Ricardo foi correr até o filho, agachando-se ao seu lado, abrindo sua boca para tentar retirar o objeto, se estivesse visível. Viu a expressão desesperada do filho, com os olhos arregalados e as lágrimas escorrendo.

Quando Ellen juntou-se a eles, o menino já estava vermelho, e Ricardo havia assumido o procedimento, sem obter resultados. Imediatamente, ela entendeu o que havia acontecido: Lipe havia engasgado com o caramelo que ela dera. Era preciso tomar uma providência urgente, pois ele já estava prestes a perder os sentidos e Ricardo o amparava.

— O treinamento, Rico! — Ellen gritou, sentando-se no sofá e fazendo sinal para que ele levasse o menino até ela. Como o Magista era um grande hotel, pelo menos duas vezes por ano, no primeiro e segundo semestre, todos os funcionários passavam por treinamentos com os brigadistas. Eles iam desde a evacuação imediata do prédio, até primeiros socorros. A sorte é que, como gerente, obrigatoriamente fora a todos os treinamentos e, como sempre, havia sido muito aplicada. Assim, não se esquecera de nada que aprendera ali.

Ricardo, por sua vez, estava tão atordoado que não se lembrava de treinamento algum. Na verdade, não havia participado de todos. Ellen fora em seu lugar. Agora, no entanto, diante do sentimento de impotência, desejou não ter faltado a um só treinamento. Apanhou o filho no colo e apressadamente o entregou à Ellen, juntando-se à babá, como mero expectador.

Ellen recebeu o menino dos braços do pai e o deitou de bruços em seu colo. Com a mão espalmada, ela deu algumas pancadas secas nas costas de Lipe, entre

suas clavículas, tendo o cuidado para não bater com muita força e mantendo um intervalo regular entre uma pancada e outra. A cada vez, sem reação do menino, mais desesperado Ricardo ficava. Após o procedimento ter sido feito pela sétima vez, Lipe conseguiu expelir o caramelo, desobstruindo suas vias aéreas, tossindo algumas vezes, antes de explodir em um choro alto e assustado.

Ricardo respirou fundo, aliviado. Tão apavorado quanto o filho, pegou–o do colo de Ellen, abraçando-o. Naquele momento não sabia se a tentativa era acalmá-lo ou acalmar a si mesmo, mantendo-o perto o suficiente para ter certeza de que ele estava respirando. Lançou um olhar de gratidão a Ellen. Não conseguia nem imaginar o que faria, se acontecesse algo com seu filho.

Ellen estava tremendo da cabeça aos pés, a culpa corroendo cada centímetro de seu corpo, pois nunca imaginara que uma simples bala pudesse ser capaz de causar tudo aquilo. Com as pernas bambas, levantou-se.

— Que bom que tudo acabou bem. Se precisar de mim, estarei lá embaixo — avisou, sem conseguir encarar Ricardo. A impressão que tinha era a de que se mantivesse seus olhos nos dele, acabaria assumindo sua culpa no incidente. Era melhor deixar que mantivesse aquele olhar cheio de gratidão.

Deixou o apartamento abalada e mesmo no saguão do hotel, ainda conseguia ouvir o choro do menino.

◆◆◆

Júlia atravessou o saguão como um míssil teleguiado. Quando Ricardo ligara para ela pôde ouvir o choro do filho e nada do que ele dissesse seria capaz de convencê-la de que ele estava bem. Não encontrou Sarah e, por isso, Rui a deixou no hotel, porque ela não quis que esperasse, dizendo que retornaria de táxi.

Encaminhou-se à recepção e Fátima, a recepcionista, por se recordar dela do episódio com o segurança, fez como Ricardo havia lhe instruído, informando qual seu andar e fazendo que ela subisse o quanto antes.

Estava tão nervosa que nem se lembrava do tempo que passara dentro do elevador, de tão rápido que ficou diante da porta da suíte dele. Também, como um passe de mágica, a porta foi aberta e uma jovem vestida de branco apareceu. A pobre tinha uma expressão assustada e mal a cumprimentou.

— O senhor Vidal está aguardando a senhora...

Júlia não precisou ouvir mais nada, além do choro do filho. Como Ricardo queria convencê-la de que ele estava bem, se o menino ainda estava chorando? Foi o suficiente para entrar e encontrar o caminho, sem que a moça precisasse lhe ensinar. Lipe estava no colo de Ricardo, enquanto ele tentava escutar o que o outro homem lhe dizia.

— O que fez com ele? — Júlia entrou, sem cumprimentar nenhum dos dois, e sua voz foi suficiente para que Lipe interrompesse o choro por segundos para estender a mão para ela.

— Acalme-se Júlia! — Ricardo pediu, entregando o menino e vendo-a acariciar o filho, ao mesmo tempo em que verificava se ele estava bem.

— Pronto Lipe, a mamãe está aqui. Não precisa mais chorar — Júlia ignorou o pedido de Ricardo, apanhando o filho e saindo do quarto, obrigando Ricardo a ir atrás dela. Não sabia o que tinha acontecido, no entanto Lipe ainda estava muito assustado, pois não era de chorar daquela maneira.

— Ei, tenha calma, não vá ainda! — Ricardo foi firme — Estou falando com o médico.

— Médico? — Júlia olhou-o decepcionada, começando a embalar o filho, para que ele parasse de chorar. Ricardo compreendeu bem aquele olhar, mas lhe fez um gesto, pedindo que esperasse, mesmo porque não queria iniciar uma conversa com ela, no estado em que estava, diante do filho.

Júlia beijou Lipe na testa e começou a cantarolar baixinho uma música que ele gostava, para acalmá-lo. A ausência de Ricardo serviu para isso, para conseguir fazer com que ele fosse parando de chorar e com a mãozinha no pescoço dela, fosse finalmente desistindo de lutar contra o sono.

Quando Ricardo e o outro homem saíram, Lipe estava dormindo no colo de Júlia. O médico cumprimentou-a com um leve aceno, antes de ser conduzido até

a saída pelo anfitrião.

— Pronto — Ricardo falou, assim que retornou à sala — Coloque o Lipe na cama para podermos conversar.

— Só se for na cama dele! — Júlia respondeu impaciente — Não o quero aqui, mais nem um segundo. Meu Deus Ricardo, você só tinha que prestar atenção nele.

— Não seja injusta, não sabe o que aconteceu.

— Irônico, ouvir isso de você — Júlia começou a caminhar em direção à saída, mas Ricardo colocou-se diante dela.

— Estou falando sério, você vai colocá-lo na cama, para que possamos conversar.

— Ou senão... ?

— Senão, nada, Júlia! Caramba, ele deve estar cansado! Você não tem ideia do quanto ele chorou — ainda que a frase tenha feito com que ela o olhasse com mais raiva, não desistiu — Deixe que descanse um pouco, será que é pedir muito?

Mesmo contrariada, Júlia consentiu e Ricardo a levou de volta ao quarto de onde haviam saindo, fazendo com que ela colocasse o filho na cama. Enquanto ela o ajeitava na cama, tirando seu tênis, Ricardo apanhou uma manta para colocar em cima dele.

— Pronto — Ricardo cobriu-o — Podemos conversar agora.

Júlia olhou para o filho, sem a menor vontade de deixá-lo. Seu coração ainda batia acelerado com o susto. Ricardo não tinha contado o que havia acontecido, só falara de um incidente e que o menino já estava fora de perigo. Ouvir as palavras "perigo" e o choro dele na sequência, fez com que pensasse um milhão de coisas.

— Vamos deixar a porta encostada e a Selma velará o sono dele — Ricardo garantiu, saindo do quarto para chamar a babá.

Júlia só deixou o quarto, quando a moça chegou. Finalmente cumprimentaram-se.

— Não me hesite em me chamar — pediu, antes de concordar em sair do quarto.

Ricardo fez um gesto para que ele a acompanhasse até a sala.

— Não me respondeu ainda o que aconteceu com o meu filho — Júlia ainda bastante nervosa, não conseguiu se sentar, como ele propusera.

— Nosso filho — Ricardo a corrigiu, também em pé, diante dela — Ele se engasgou com uma bala.

— Engasgou? — Júlia balançou a cabeça, inconformada — Você viu algum doce na minha casa? Sabe porque não permito que ele chupe balas? Porque está sempre correndo... Que grande ideia foi essa a de dar uma bala ao Lipe?

— Não fui eu quem dei, Júlia. Não sou tão irresponsável assim. Fora do cardápio que eu vi em sua casa, só o sorvete, no entanto, iria te contar. Não sei como teve acesso à droga dessa bala. Na verdade, foi muito rápido, nem vi como aconteceu.

— Quer dizer que não estava com ele? — Júlia continuou inflexível.

— Meu Deus! Passei o dia inteiro aqui de olho nele. Só fui atender um telefonema e aconteceu...

- O Lipe não pode ser sua segunda opção, Ricardo, quando estiverem juntos, ele tem que ser prioridade, porque só tem três anos e qualquer descuido é o suficiente.

— Não fui negligente com o nosso filho, Júlia. Foi um acidente!

— Acidente que poderia ter me custado o meu filho! A pessoa mais importante da minha vida! — Júlia continuou sem conseguir se acalmar.

— Da minha também, não seja tola a ponto de achar que não estou abalado com o que aconteceu! Porém, o médico o examinou e está tudo bem com o Lipe. Só estava bastante assustado e, como viu, estava morrendo de sono, contudo não

sou você, e não consegui fazê-lo dormir. Não sou um pai perfeito como deseja, mas sou o pai dele.

— Então, dedique-se mais! Você só tinha duas obrigações: tornar seu apartamento seguro e ficar de olho nele. Se não consegue saber de onde vem a tal bala e com esta ele engasgou, sou obrigada a achar que falhou nas duas. E, não venha usar o trabalho como desculpa, pois eu sempre trabalhei e, nunca descuidei do Lipe por causa de um telefonema.

Ricardo bufou, mais por saber que ela estava coberta de razão do que por discordar dela.

— Queria tirar essa palavra das nossas conversas, mas é impossível. Por favor, perdoe-me — aproximou-se dela — Queria apenas aproveitar o dia com o meu filho, não te desapontar mais uma vez...

— Não tem a ver comigo, tem a ver com o Lipe...

— Tem a ver com vocês dois — Ricardo a encarou, perto demais — Vocês são o meu objetivo, minha realização será ter minha família de volta. Como posso alcançar esse desejo, se minhas aproximações se mostram desastrosas?

— Quem sabe, se você fizer as coisas de coração e não tentando me impressionar, dará mais certo — comentou ácida e Ricardo sorriu nervoso. Nunca a vira tão nervosa, mas a entendia e apreciava o amor que ela tinha pelo filho. Mais uma vez não se conteve e, apesar do nervosismo dela, abraçou-a.

— Nosso filho está bem e aprendi com a lição, prometo que não deixarei que algo assim aconteça novamente, não por distração minha. Da próxima vez, não atenderei telefonema algum.

— Se houver a próxima vez — Júlia falou séria e sua voz saiu tão fria que Ricardo a soltou do abraço.

— Claro que haverá, sou o pai dele.

— Não sei se está apto para tomar conta dele — rebateu imediatamente.

— Não importa o que ache, tenho direitos e se ousar negá-los, entrarei na justiça — Ricardo reagiu e sua frase foi pior do que uma bofetada, pois fez Júlia

arregalar os olhos, incrédula. A nova certidão de Lipe nem havia saído e Ricardo não parecia o mesmo com quem estivera no cartório.

— Como é? Está me ameaçando, Ricardo? Você acabou de dizer isso mesmo? Vai entrar na justiça para tirar meu filho de mim, é isso?

Ricardo percebeu o ridículo do que havia acabado de falar e fez que não com a cabeça. Como podia pensar na hipótese, se não cuidava do menino tão bem quanto ela? Além disso, ela tinha um pouco de razão, se tivesse permanecido atento, poderia ter evitado que Lipe se engasgasse, ou pelo menos veria o momento em que ele apanhara a bala. Questionaria a babá e a Ellen sobre isso, porque tinha certeza absoluta que em seu apartamento não havia nenhum tipo de doce.

— Não foi o que quis dizer — tentou consertar, porém, percebeu que era tarde demais, quando Júlia se afastou dele e começou a se encaminhar para o quarto, com a clara intenção de apanhar o menino.

— Acaba de fechar com chave de ouro o dia de hoje — seu tom saiu decepcionado e decidiu sair dali o mais rápido possível, apanhando o filho e aproveitando a manta para mantê-lo aquecido.

— Desculpe-me, falei no calor do momento — Ricardo tentou, mas ao perceber que não a convenceria, passou a mão nos cabelos, de modo aflito — Deixe-me levá-los, pelo menos.

— Agradeço, mas podemos nos virar sozinhos — mesmo não tendo dito, para Ricardo foi como se ouvisse o complemento: Afinal, é o que temos feito nos últimos anos – Apanho um táxi!

Sem conseguir convencê-la do contrário, a única coisa que ele pôde fazer, foi abrir a porta para que ela saísse, depositando um beijo no rosto do filho. Sua saída foi tão intempestiva que esqueceu até a mochila que mandara com as coisas do Lipe.

Ricardo arquejou desanimado. Tinha o dom de abrir a boca na hora errada e dizer as piores coisas possíveis. Dez minutos após, Júlia ter deixado o apartamento, recebeu uma ligação de Ellen.

— O que houve, Ricardo? Soube que a mãe do seu filho, passou com ele

feito um raio pelo saguão! — Ellen quis saber, uma vez que havia se mantido em sua sala, preferindo não se encontrar com ela.

— Disse que vou pedir a guarda do meu filho — Ricardo pensou na tal farsa e mentiu, fazendo Ellen abrir um sorriso de contentamento, adorando saber que o relacionamento dele com a cozinheira ia de mal a pior. Para isso, o incidente com o menino, ainda que não planejado, servira com uma perfeição espantosa — Entrarei em contato com o advogado e providenciarei isso — falou, antes de desligar.

Ellen nem devolveu o telefone à base, correndo para contar as novidades para Constância. Ela mostrou-se apreensiva com a história do menino, no entanto adorou saber das intenções do filho.

— Seja proativa, Ellen — Constância sugeriu — Se essa é a intenção do Ricardo, poupe-o da burocracia e consulte o advogado.

— Mas...

— Pensei que soubesse reconhecer as oportunidades, quando ficasse diante delas — Constância comentou e seu tom era de desapontamento.

— Farei isso agora, Constância. Não se preocupe — prometeu, procurando na agenda em seu computador os telefones do advogado para ligar para ele e verificar os procedimentos necessários para o pedido de guarda.

◆◆◆

Vivian resistiu à tentação, tanto quanto pôde. Ele não tinha seu telefone, talvez se tivesse, teria ligado. Além do mais, se deixara o telefone, era para que ela ligasse. Eduardo atendeu após o quinto toque.

— Alô, desculpe-me, estava ocupado. Quem é?

— Sou eu, Vivian — sua voz saiu animada ao confirmar que ele realmente não tinha seu telefone e só por isso não ligara.

— Olá, como vai? — o tom dele foi normal, embora não estivesse esperando a ligação dela.

— Muito melhor agora, falando com você.

— Desculpe-me por ter saído cedo. Não quis acordá-la.

— Tudo bem, sem problemas — Vivian sorriu para o celular — Deixou-me boas lembranças.

— Será que isso se compara às marcas que me deixou? — questionou bem-humorado.

— Não sei — Vivian riu — Talvez. Acho que estamos empatados, porque também tenho minhas pequenas tatuagens do nosso encontro — ouviu-o rir — Liguei... Falaria que era para saber de você, mas não é verdade — foi sincera — Queria convidá-lo para jantar. Tem um restaurante muito bom aqui perto da minha casa, na Francisco Matarazzo.

— Vivian, passei o dia escolhendo fotos para um editorial de moda e ainda não acabei. Agradeço o convite, no entanto, não vai ser possível.

— Ah sim... — não conseguiu esconder o desapontamento.

— No entanto, se quiser que eu te faça uma visita muito mais tarde, podemos combinar. Acho que só acabarei depois da meia noite. Caso contrário, podemos deixar para um outro dia.

— Bem... — Vivian não esperava a proposta, pois queria conversar um pouco com ele, conhecê-lo de uma maneira que não fosse somente a bíblica — Tudo bem, por mim. Se quiser, posso ir até seu apartamento. Levar algo para comermos.

— Como disse, estou envolvido aqui com minha bagunça. Se viesse, por mais deliciosa que seja não conseguiria parar de pensar em trabalho. Agradeço, mas prefiro ir até você. Pode me confirmar o endereço? Meu estado não era um dos melhores, quando fomos para sua casa e ao sair, não consegui gravar o endereço.

— Tem papel e caneta? — Vivian perguntou, ouvindo o pedido para esperar

alguns segundos e quando Eduardo retornou, passou seu endereço.

Capítulo 36

Depois de todos esses anos, aprendera que a vida era muito curta para deixar algumas atitudes para depois. Errara ao falar a primeira coisa que viera à sua cabeça, mas não deixaria que ficasse daquele jeito. Não mentira ao dizer que desejava reconquistá-la. E, se para isso, precisasse engolir o orgulho, não tinha dúvidas de que o faria.

Júlia saiu tão desatinada que nem se lembrara da mochila do filho. A desatenção dela dera-lhe o pretexto necessário para procurá-la. Estava se acostumando à mais uma noite sem dormir direito. Havia perguntado inúmeras vezes para a babá sobre a tal bala e a moça não só não conseguiu responder, como também perguntou se estava desconfiando dela.

— Desculpe, claro que não. Só não faz sentido, afinal fomos só nós...

A imagem de Ellen surgiu em sua mente de maneira perturbadora. Ela havia sido a única pessoa a estar com Lipe e isto acontecera segundos antes de ele engasgar. A possibilidade de Ellen fazer mal ao seu filho causou-se um calafrio. No entanto, não tinha provas de que estivesse certo e, no fim das contas, ela acabara salvando o menino.

Antes mesmo das oito horas já estava de pé e pronto para ir levar as coisas do Lipe, aproveitando para conversar com a Júlia e se desculpar, ainda que realmente não tivesse tido culpa, pelo incidente.

◆◆◆

Vivian abriu os olhos no exato momento em que Eduardo, sentado na cama, calçava os sapatos. Passou a mão sobre os cabelos, na tentativa que sabia inútil, de arrumá-los.

— Há algum problema com a minha cama? — quis saber num tom jocoso.

— Nenhum, ela é perfeita: confortável, espaçosa e sua — Eduardo sorriu, dobrando a toalha com a qual se secara, após o banho. Não queria magoá-la, tendo que dizer que não sentia-se nem à vontade, nem com vontade de permanecer.

— Acontece que preciso mesmo ir.

— Muito trabalho no domingo? — Vivian o provocou — Aposto que poderia te dar muito mais trabalho, se ficasse.

Eduardo riu.

— Não tenho dúvidas disso, Vivian. É o convite mais tentador que já recebi.

— Então aceite, é simples.

Eduardo se levantou, inclinou-se em direção a ela e lhe deu um beijo no rosto.

— Vou dar um pulo em Serra Negra ainda, hoje — piscou — Preciso ir atrás da minha história. É algo, aliás, que tem me feito muito bem — parou de falar, percebendo a expressão decepcionada dela — Mas haverá outros dias, não é?

Vivian deu de ombros e fez que sim com a cabeça. Odiava sentir-se daquela forma. Até conhecê-lo era segura de si, no entanto, bastou que seus caminhos se cruzassem para sair do rumo. Estava agindo exatamente como as mulheres que antes condenava. Não tinha dúvidas que ele voltaria e lhe proporcionaria uma noite memorável; porém, naquele momento, desejava apenas que ele permanecesse.

◆◆◆

Júlia respirou fundo, sem acreditar que ele tivera a coragem de aparecer. A noite não havia sido muito boa, porque Lipe tivera pesadelos. Não sabia se estava relacionado ao susto que passara. Só sabia que ele ficara a maior parte da noite acordado, adormecendo só quando o dia amanheceu, e ela estava cansada, por ter ficado velando o sono do filho. Logo, seu mal humor havia atingido

níveis incríveis.

Ricardo percebeu seu humor, assim que desceu do elevador. Júlia mantinha a porta entreaberta, deixando claro que tinha a intenção de atendê-lo ali mesmo. Estava ainda com um confortável pijama, sem nenhum glamour.

— Você esqueceu algumas coisas do Lipe — Ricardo falou ao se aproximar, sem ousar desejar-lhe um bom dia.

— Obrigada por ter me trazido — Júlia estendeu a mão, pedindo a mochila, porém Ricardo recusou-se a entregá-la.

— Se a minha intenção fosse apenas te entregar a mochila, teria mandado um courier, não teria vindo eu mesmo.

— O que você quer, Ricardo? — Júlia não escondeu sua impaciência.

— Pensei que fosse óbvio — aproximou-se dela — Quero ver o Lipe.

— Não é uma boa ideia, ele dormiu não fazem nem duas horas ainda.

— Quer dizer que ele passou a noite em claro? — seu tom saiu preocupado — Por que não me ligou? Independente da hora, pediria que o médico o visse novamente.

— Ele teve pesadelos, apenas isso. Não teve febre, só não estava conseguindo dormir.

— Posso vê-lo? — Ricardo insistiu e Júlia suspirou, antes de abrir a porta, deixando-o entrar.

Ele colocou a mochila em cima do sofá e começou a caminhar na direção do quarto do menino.

— Se tivesse me esperado, teria descoberto que ele está em meu quarto — Júlia falou, alcançando-o.

— Desculpe por ter entrado assim. Quando falou que ele passou a noite em claro, fiquei alarmado — Ricardo foi sincero e Júlia passou em sua frente, indicando onde ficava seu quarto e abrindo a porta bem devagar para que ele

entrasse. Ricardo caminhou até a cama e se inclinou sobre o filho, acariciando seus cabelos, antes de depositar um beijo leve em sua testa.

O menino estava tão cansado que nem se mexeu e Ricardo aproveitou para ajeitar a coberta, antes de se afastar da cama e passar por Júlia que havia ficado junto à porta. Assim que ele passou, ela encostou-a.

— Sabe que não faria nenhum mal para o nosso filho, não sabe? — indagou, enquanto caminhavam para a sala.

— Sei, mas estava muito nervosa ontem — admitiu, encaminhando-se para abrir a porta para que ele saísse, vendo-o sentar-se de maneira confortável no sofá — Estou cansada, Rico — fez um sinal para que ele fosse embora.

— Eu também, Júlia. Por isso, é melhor fechar essa porta e sentar-se aqui para que possamos conversar.

— Tudo que não preciso agora é uma conversa arrastada, Rico! — Júlia confessou, pois sentia-se extenuada.

Ricardo levantou-se e ele mesmo fechou a porta, fazendo um sinal para que Júlia fosse até o sofá e se sentasse. Ela hesitou bastante até fazer o que ele sugerira. Ricardo caminhou até o sofá, no entanto, em vez de se acomodar ao lado dela, colocou-se atrás de onde ela estava sentada.

— O que está fazendo Rico? — a tentativa de se virar para trás, foi impedida com um gesto dele, apanhando em seu pescoço e começando a massageá-lo, procurando os pontos de tensão.

— Não queria uma conversa arrastada, estou tentando melhorar esse cenário — respondeu sério, sem dar margem para uma resposta da parte dela. Em vez disso, concentrou-se na massagem e mesmo por cima do pijama, foi muito bom tocá-la — Não aguento mais pedir desculpas para você, Júlia. Estou farto de um dia estarmos bem e no outro não. Jamais tiraria o Lipe de você, e precisava deixar isso claro. Nós estávamos nervosos e dissemos coisas que não sentíamos. Só que não vou esperar mais três anos para consertar meu erro, vim imediatamente.

Júlia fechou os olhos, parece que o tempo havia conferido ao Ricardo novas habilidades, pois ele sabia muito bem o que estava fazendo. Assim, não impediu,

quando ele, sem mudar de posição, abriu um pouco a blusa do pijama, o suficiente para tirá-la de seu ombro, deixando-o exposto.

— Somos adultos e já perdemos muito tempo com discussões. Tudo o que mais quero é um pouco de paz, você não? — continuou, indo da extremidade dos ombros, passando pelo trapézio, até chegar ao pescoço.

— Paz? Parece que desde que nos reencontramos, isso deixou de existir — respondeu, ainda de olhos fechados.

— É uma pena que pense assim porque, para mim, desde que eu a reencontrei, minha vida ganhou um sentido. Percebi que a estava desperdiçando — estava sério, agora concentrando-se em massageá-la na nuca — Só depende de você me dar uma chance. Não sou o melhor dos homens, porém, estou tentando me redimir de tanta merda que fiz. Porém, de nada adiantará meus esforços, se você não estiver disposta a me perdoar.

— Talvez, nosso tempo já tenha passado e seja um grande erro seguirmos adiante...

— Talvez, seja apenas o seu medo falando — seus dedos tocaram sua pele de uma maneira que fez com que se arrepiasse — Seu corpo continua dizendo totalmente o contrário daquilo pronunciado pela sua boca. Só estou te pedindo uma chance. Deixe-me tentar fazer as coisas certas, por favor.

— Seu plano passa por me seduzir?

Ricardo parou o que estava fazendo e saiu de trás da poltrona, ficando diante dela. Como ela estava sentada, abaixou-se para que ficassem na mesma altura.

— Não há um plano e não me basta seduzir a mulher que eu amo. Preciso estar com ela, entende? É óbvio que quero fazer amor com você, muito de preferência, no entanto, não quero apenas isso. Não acredito que me desconheça tanto assim. Você sabe que nunca foi apenas sexo entre a gente. Quero poder desfrutar de sua companhia, conversar sobre o seu dia, sobre o meu, rir... Falar bobagem e agora, mais do que nunca, falar sobre o Lipe... Se quiser, eu me ajoelho e te imploro por uma chance.

— Não! — Júlia o impediu — Sabe bem que não gosto de cenas dramáticas.

— Sim, eu sei. Sei também quando está feliz, ou irritada, quando está triste e quando está em dúvida, como agora. Aposto que, neste exato momento, está pensando nos prós e contras de me dar uma chance.

— Rico...

— Arrisque-se um pouco, Júlia! — não a deixou falar — E no fim, é uma chance apenas, se eu falhar, poderá revogá-la, a decisão estará em suas mãos. Deixe-me fazê-la feliz, já que até hoje só te trouxe infelicidade — antes que ela tivesse tempo para citar o filho deles, completou — E não vale citar o Lipe, já que não acompanhei sua gravidez. Por favor, Júlia!! — acariciou o rosto dela — Para nossa história dar certo, depende de nós — inclinou-se devagar e depositou um beijo em seus lábios. Bem diferente daqueles que haviam trocado naquele mesmo apartamento.

Júlia fechou os olhos. Ele tinha razão, estava morrendo de medo de deixar que ele entrasse em sua vida novamente. Não queria se machucar de novo e Ricardo demonstrara um potencial muito grande para feri-la, ele e sua impulsividade. Porém, ele também estava certo, não adiantava ele tentar, se ela não baixasse a guarda. Aí nunca saberia se estava sendo sincero e se havia realmente mudado

— Uma chance? — insistiu e, ao se afastar, viu-a respirar fundo, antes de fazer sim com a cabeça. Sorriu, aliviado, e novamente inclinou-se para beijá-la, agora com um pouco mais de intensidade, sendo correspondido do mesmo jeito. Se ela não estivesse tão cansada, adoraria continuar e tê-la ali mesmo. No entanto, queria lhe provar que tinham muito mais do que sexo; por isso, mesmo estando com muita vontade, afastou-se devagar e se levantou, arregaçando as mangas da camisa que vestia.

— O que vai fazer? — Júlia ficou surpresa com seu afastamento repentino.

— Vou preparar um café da manhã reforçado para você — revelou.

— Não precisa e, além do mais, nem sabe onde ficam as coisas na cozinha...

— Não preciso, mas quero e sou capaz de encontrá-las — piscou para ela — Trate de ficar aí quietinha, já retorno. Não farei bagunça, não se preocupe, sou extremamente organizado. Você passou a noite em claro, precisa relaxar um pouco e isso começa por se alimentar bem. Não sou grandes coisas na cozinha, mas você costumava gostar... — deu de ombros, antes de sair em direção à

cozinha.

Júlia fez que sim com a cabeça, sem dizer para ele que, antes, costumava amar tudo o que viesse dele. Só torcia para estar certa em sua decisão de deixá-lo novamente participar de sua vida.

◆◆◆

Ricardo chegou assoviando ao hotel. Fazia tanto tempo que não se sentia plenamente feliz, que já havia se esquecido da sensação. O melhor de tudo foi não precisar esconder seus sentimentos de Ellen, visto que ela não trabalhava aos domingos. Não havia feito amor com Júlia, ainda, mas obter uma nova oportunidade de recomeçar, não tinha preço.

Com isso em mente, poderia suportar a noite seguinte, quando levaria Ellen em um restaurante caríssimo de São Paulo, como agradecimento por ela ter salvado a vida de seu filho. Contrariando o plano de Eduardo e Vivian, antes de deixar o apartamento de Júlia, havia pedido que confiasse nele.

— Por que está me falando isso, Ricardo?

— Porque não quero mais nenhuma mentira entre nós e estou tentando explicar alguns dos últimos acontecimentos recentes em nossa vida. Talvez para isso, tenha que circular com outra mulher.

— Como é? — questionou confusa, ele tinha esse poder de confundi-la.

— Isso mesmo que ouviu: simularei o interesse em uma mulher...

— Simular engloba o que? Beijar, levar para cama? — Júlia quis saber e Ricardo riu, fazendo com que se irritasse de verdade — Que mulher?

— Não me lembrava que fosse ciumenta. A mulher não vem ao caso agora e é claro que não farei nada disso! Não haverá contato físico. Só desejo uma mulher e ela está na minha frente. Simular significa fingir interesse, ok? Não te contaria algo assim, se pretendesse dormir com outra mulher. Só quero que confie em mim, tudo bem?

Júlia não engoliu muito bem a explicação, mas fez que sim com a cabeça. Realmente, nenhum homem contaria algo assim, se pretendesse ter um caso. Teria que aprender a confiar nele.

Ricardo só omitiu um detalhe: após ter interpelado a babá, chegara à conclusão que a bala só poderia ter sido dada pela Ellen. Mesmo sem acreditar que ela tivesse como prever que o menino engasgasse, o fato só fez com que tivesse mais vontade de enredá-la e descobrir se fora a responsável por tudo que acontecera à Júlia naquela viagem.

◆◆◆

Dia seguinte

Eduardo apanhou a máquina fotográfica e viu mais uma vez as fotos de Júlia. Infelizmente ainda pensava nela, muito para dizer a verdade. Percebeu que ela tinha razão em dizer que precisava vivenciar a atração que sentia por Vivian e não se arrependia de ter feito isso. Afinal, o sexo podia ser libertador e sabia caminhar sem ser acompanhado de algum sentimento mais forte. Porém, frustrou-se ao achar que voltaria a se sentir bem, ou ter aquela sensação de plenitude, pois, passada a adrenalina, a excitação, não sobrava nada. Continuava sentindo-se metade.

Pior, não se sentia apto para ser o homem que Vivian merecia, porque estava longe de ser amor o que sentiam. Temia que ela estivesse confundindo as coisas e que acabasse por magoá-la. O que tinham era entrega, loucura, luxúria, satisfação física, tesão. Faltavam-lhes cumplicidade, conhecimento, envolvimento e isso, não mentiria, só se adquiria com o tempo. Não negava que um dia pudesse vir a amar a bela mulher, porém, acreditava que isso demorasse a acontecer. Preocupava-se com os rumos que os encontros deles estavam tomando. No momento, só podia lhe oferecer o corpo, visto que ainda não havia recuperado sua mente, tampouco seu coração e, assim, não poderia dispor daquilo que não possuía. Esperaria o melhor momento para falar com ela sobre isso, reconhecendo que ela não recebesse bem, quando o fizesse.

A verdade é que não conseguiria se envolver emocionalmente ainda. Estava

muito recente sua história com Júlia. Passara três anos ao lado dela como amigo e, ao se tornar seu namorado, não ficaram juntos um ano sequer. Por mais que doesse, talvez a história dela estivesse atrelada para sempre com a de Rico. Talvez, porém não queria se apegar nesta hipótese, para não se decepcionar, ela também precisasse viver esse momento ao lado de Ricardo, podendo chegar à mesma conclusão de que ele. Verdade que Vivian não tinha a mesma importância que Ricardo tivera na vida de Júlia, porém, ainda assim, não era nada impossível. Ela pedira que se afastasse e era assim que se manteria, por mais que tivesse vontade de fazer o contrário.

Após pensar muito, suspirou e selecionou as fotos de Júlia, apagando-as. Por mais lindas que tivessem ficado, naquele momento, pareciam resquícios de dias felizes e que jamais retornariam.

◆◆◆

Júlia contou mentalmente até dez. Se fosse dizer o que estava pensando, com certeza, seria convidada a se retirar. Portanto, respirou fundo, antes de finalmente abrir a boca.

— Peço perdão, pai, no entanto, o senhor me deve até hoje uma desculpa que nunca veio. O Ricardo ter duvidado de mim não foi fácil, no entanto, até consigo compreender. Agora, o senhor, meu pai, para mim foi inaceitável. Julgando-me como me julgou, creio que no fim duvidou da própria criação que me deram — na verdade, estava arrependida de ter aceito o convite para jantar. Sua mãe ficara assustada com o que acontecera com o Lipe e havia feito questão da presença deles. Como Sarah ainda estava em processo de volta com o namorado, também aceitara o convite. Ficou tão surpresa quanto os tios, quando ouviu de Júlia que ela e Ricardo tentariam novamente.

— Júlia... — Salete tentou intervir, porém, Júlia fez-lhe um sinal para que aguardasse. Sarah olhou para a prima com olhos arregalados, pois não era do feitio de Júlia usar aquele tom, tampouco confrontar o pai. A bem da verdade, fazia muito tempo que falavam apenas o básico. Pelo menos, até o momento em que Ivan em tom de sarcasmo perguntou se já havia se decidido com qual dos Vidal ficaria. Foi o suficiente para tirá-la do sério. Era muita coisa ao mesmo

tempo, estava cansada, natural que explodisse uma hora.

— Deixe-me continuar, por favor, mãe. Pois, isso está entalado na minha garganta há um bom tempo — falou para a mãe, voltando a se virar em direção ao seu pai — Pelo que me consta, sou adulta e pago as minhas contas... Além disso, não moro mais aqui para ter que me comportar conforme o senhor ache certo.

— Vou ver se o Lipe ainda está dormindo — Sarah quebrou o clima pesado, escolhendo uma desculpa para deixar a mesa.

— Sabe que está, porque não faz nem cinco minutos que dormiu —Júlia disse para ela — Portanto, mantenha-se sentada aí, porque não tenho segredos com você e não me importo em ter essa conversa na sua presença — virou-se para o pai — O Ricardo é pai do Lipe e meu filho tem o direito de estar com ele. Por muito tempo o mantive afastado de sua vida, por conta do meu ressentimento... Não estava pensando na felicidade do meu filho, estava sendo egoísta. E a função dos pais, na minha opinião, é zelar pela felicidade dos filhos. Pena que o senhor não pense assim, pai.

— Júlia, você quer que eu diga o que? — Ivan questionou irritado — Um dia o seu cunhado...

— Ele era meu ex cunhado — Júlia fez questão de corrigi-lo.

— Para mim, sempre será cunhado — Ivan manteve a nomenclatura, condizente à forma que o enxergava — Um dia, seu cunhado está dormindo em sua casa, no outro, você nos conta que vai tentar de novo com o irmão dele... Se achar essa situação estranha e discordar dela não seja zelar pela sua felicidade, então não sei mais o significado de zelo. Deveria se afastar dessa família, isso sim. Parece que quanto mais próxima deles, mais coisas estranhas te acontecem. Esses irmãos não prestam, será que não percebe isso?

— Não seja injusto, pai. Nestes anos, o Edu me ajudou demais. Além de me dar suporte, acreditou em mim, quando outros, como o senhor e o Ricardo, não o fizeram. E o Ricardo — fez uma pausa, por mais que ainda não concordasse com a atitude que ele tomara, havia entendido que fora enganado — Ele fez muita bobagem, admito, porém, também foi vítima de uma mentira.

— Pensei que jamais veria isso: você o defendendo — Ivan balançou a

cabeça, incrédulo — Quando quebrar a cara de novo com essa família, não diga que avisei.

— Sim, com certeza o senhor fará questão de me lembrar, agora um pedido de desculpas, acho difícil — Júlia largou o garfo e a faca, havia perdido o apetite — Sarah, será que pode me levar em casa?

— Claro, Júlia — Sarah mesmo sem graça, prontificou-se, vendo a prima se levantar e se levantando na sequência.

— Por favor, filha, fique — Salete levantou-se também, segurando a mão de Júlia.

— Desculpe, mãe, no entanto estou esgotada — Júlia confessou e todos na sala notaram que não se referia ao cansaço físico. Ela levou a mão da mãe até seus lábios e a beijou de modo carinhoso, como fazia, quando pedia a benção.

A discussão com o pai, havia sido a gota d'água de uma segunda feira corrida no trabalho, na qual, em uma votação, todos aceitaram terem seus passos gravados durante um mês. Só de pensar que na próxima quarta-feira as gravações começariam, sua cabeça queria doer. Para completar, havia a tal mulher com a qual Ricardo fingiria se envolver. Por algum motivo, que ia além do ciúme, não conseguia gostar da ideia.

****

— Uau! — Ricardo não fingiu sua admiração ao colocar os olhos em Ellen. Nunca negou que sua gerente fosse uma bela mulher e, antes de reencontrar Júlia, só não a levara para cama porque trabalhavam juntos. Afinal, sua gerente não perdia em nada para as mulheres com quem costumava sair.

Ellen não tinha apenas bom gosto. Para sair, ela sabia se vestir, dosando elegância e sensualidade. Se não fosse um decote, era uma fenda na saia, ou um sapato de salto agulha... Sempre havia um detalhe que fazia com que os olhos masculinos se virassem em sua direção.

Com vestido preto que estava, ele teve certeza de que não seria diferente nesta noite. Mulheres e homens olhariam em sua direção. As primeiras

invejando-lhe o corpo, os últimos desejando-o.

Houve um tempo em que ele apreciava a sensação de estar sempre muito bem acompanhado, sentindo em si e em sua acompanhante todas as atenções. Nessas ocasiões, divertia-se com os olhares masculinos que praticamente secavam suas companhias, como se estivessem em uma máquina de raio x. Sabia que, no fim na noite, estes pobres teriam que se contentar com a própria imaginação, enquanto ele desfrutaria da realidade.

Foram anos de uma superficialidade que, pensando bem, não lhe faziam falta. O que adiantava ter várias mulheres e na realidade não ter nenhuma? Era apenas sexo, sem nenhuma conversa, antes ou depois. Algo totalmente diferente do que tivera com Júlia. No caso dela, a coisa mudava de figura, pois a simples possibilidade de outro homem a desejando, fazia com que seu sangue fervesse. Fora assim, quando um cliente se referira a ela de maneira desrespeitosa e, também, ao flagrar o chef a assediá-la. Foi preciso muito força de vontade para não quebrar a cara dos dois.

Encontrá-la no apartamento de Eduardo fora um baque. Ali se deu conta, pela primeira vez que ela estava fazendo o mesmo que ele: seguindo em frente. Ainda não suportava a ideia de que Eduardo a tocara, conhecendo-a intimamente, vivendo tudo o que ele, um pouco por engano, outro por impulsividade, abrira mão.

— Eu fiz o que qualquer um faria — a voz de Ellen o despertou de seus pensamentos e ele sorriu, ligando o carro.

— Duvido, eu mesmo estava tão nervoso que não consegui ajudar em nada — verificou o melhor momento nos espelhos retrovisores e saiu com o carro.

— Mesmo assim, fiz minha obrigação, enquanto funcionária treinada. Logo, não precisava me oferecer o que eu quisesse. Você é sempre exagerado, Rico, em seus pedidos de desculpa ou agradecimentos — fez ele notar que ainda se lembrava da joia que ele lhe oferecera por ter errado seu nome.

— Pode ser, mas o maior presente não compensaria o que fez. Precisava te expressar minha gratidão.

— Só por isso que aceitei — sorriu recordando-se do receio demonstrado por ele ao se dar conta de que havia falado que ela poderia lhe pedir qualquer coisa.

De maneira correta, imaginou que ela pediria uma noite com ele. Porém, Ellen o surpreendeu, pedindo apenas que a levasse para um jantar em um dos melhores restaurantes de São Paulo, que ficava no Itaim Bibi.

Não que a ideia não tenha passado por sua cabeça. Porém ainda acreditava que pudesse seduzi-lo, aliás, era uma questão de honra, conseguir levá-lo para cama, sem ter que pedir por isso. Ainda lhe restava amor próprio, por mais que ele ficasse cada vez mais abalada, quando estava diante dele.

Avisara Constância de seu progresso e ela não só aprovara, como a parabenizou pelo avanço.

— Vou te mandar uma pequena surpresa — prometeu.

Ricardo comportou-se como um cavalheiro, dando-lhe a mão para descer do carro, o braço para conduzi-la para o interior do restaurante e não permitindo que o garçom puxasse a cadeira para que ela sentasse, adiantando-se a este.

Ellen achou a conversa leve e até engraçada, como costumava ser, antes da volta de Júlia. A comida italiana estava divina e o vinho escolhido foi o da melhor safra da casa. Era tão bom que ela se sentia levemente alcoolizada, quando saíram. Algo que não foi de todo ruim, já que obrigou Ricardo a segurar em sua cintura, para ter certeza de que ela estava bem.

Enquanto esperavam o manobrista trazer o carro, ela sentiu um pouco de frio e Ricardo, sem hesitar, tirou o paletó e o colocou sobre suas costas. Sentiu-se muito mais do que amparada. Sentindo o cheiro dele no paletó, ficou excitada ao imaginar o suor dos dois corpos se tornando um só... o cheiro dele em sua pele.

Quis devolver o paletó, mas Ricardo não permitiu, ajustando-o em seu ombro, delicadamente

— Não permitirei que passe frio. Assim que estivermos dentro do carro, ligo o ar condicionado e então você me devolve. Estamos combinados? — questionou, encarando-a. Ellen fez que sim com a cabeça e proferiu algo tão baixo que obrigou Ricardo a se aproximar para tentar entender. Foi a distância necessária para ela roubar-lhe um beijo.

Se fosse combinado, não teria dado tão certo, pois o mimo de Constância nada mais era do que um paparazzi de um jornal especializado em fofocas e o

homem era tão bom no que fazia que conseguiu tirar foto do exato momento do beijo. Não registrou o modo educado, apesar de constrangido, como Ricardo afastou-a, tentando convencê-la de que estava alta demais para ter noção do que estava fazendo.

Ricardo, a todo momento só conseguia pensar que aquele sacrifício compensaria, se isso significasse ajudar Júlia e manter seu filho em segurança.

Capítulo 37

Só o fato de saber que não fora um sonho fez com que Ellen acordasse sorrindo. Na noite anterior, podia estar um pouco alta, mas não a ponto de se esquecer do beijo. Nem se importou com o fato de estar atrasada, feliz demais por estar se aproximando de Ricardo de uma maneira mais concreta. Durante o jantar, ele falara em Júlia uma única vez e para reclamar dela. Ou seja, não demoraria para que ele entendesse que estava diante da mulher certa, a única capaz de fazer qualquer coisa por ele.

Pensou em ligar para o hotel, para avisar que ainda demoraria um pouco para chegar, porém, nem teve tempo. Seu celular tocou antes. Olhou no visor e sorriu novamente, dessa vez, por ser Constância. Pelo menos tinha uma boa notícia para dar para ela.

— Bom dia, Constância.

— Ótimo dia, Ellen. Adorei seus progressos com meu filho.

— Não tanto quanto eu, Constância — respondeu entre sorrisos — Porém, não entendi... Não recebi seu presente.

— Já passou diante de alguma banca de jornal hoje? — devolveu, sem dar mais detalhes.

◆◆◆

O barulho dos saltos chegou antes que ele. Ao vê-la, Solange estranhou.

— Veio correndo?

— Não, embora a situação talvez fosse para isso — Vivian deu um sorriso amarelo — O Ricardo está na sala dele?

— Sim, desde muito cedo. Hoje, está concentrado, revendo uma série de contratos do Magista...

— Então, deve ser por isso...

— Do que está falando, Vivian? — Solange indagou, curiosa e viu a assistente abrir a pasta executiva que trazia e tirar um jornal de qualidade duvidosa, fazendo questão de mostrar-lhe a primeira página. A secretária reconheceu imediatamente o patrão. Das outras vezes, ele costumava figurar em colunas sociais, sempre muito bem acompanhado, então, a foto não seria nenhuma surpresa, se não fosse o tipo de publicação e a companhia com a qual ele estava.

— Uau, é a Ellen?

Vivian não tivera muito contato com a gerente do Magista, mas ela era uma mulher marcante. Logo, não tinha dúvidas. Apenas assentiu com a cabeça.

— Tenho certeza de que o senhor Vidal não viu isso ainda.

— É o que pretendo corrigir – Vivian falou recolhendo o jornal e se dirigindo para a sala de Ricardo.

Deu duas batidas, antes de entrar. Ricardo falava ao telefone, porém, fez-lhe um gesto para que se sentasse. Mesmo prestando atenção ao que o fornecedor estava lhe dizendo, percebeu pela expressão dela que deveria haver algo errado. Apressou-se em encerrar a ligação.

— Algum motivo para esta expressão tão carregada, neste belo rosto? — questionou bem -humorado.

— Diga-me você — Vivian estendeu o jornal.

No primeiro momento, Ricardo não entendeu ao que ela se referia. Porém, sua ignorância demorou questão de segundos.

— Cacete! Não acredito nisso — levantou-se — A Júlia não vai entender nada.

— Agora eu que fiquei perdida — Vivian tentou entender, assim que

percebeu a intenção dele em sair da sala — O que houve neste fim de semana?

— Eu te conto com detalhes, quando voltar — apressou-se — Pois preciso agir, antes que eu perca a mulher que acabei de reconquistar. Peça para a Sol, se a Ellen perguntar, dizer que estou em reunião com o Humberto — e foi a última coisa que disse, antes de sair, deixando-a sozinha.

Vivian arqueou uma das sobrancelhas: ele e Júlia haviam feito as pazes? Nossa! Por essa não esperava. Imediatamente pensou em Eduardo. Talvez ele ficasse arrasado com a notícia, o que a deixaria triste, pois seria a prova de que aquela distância toda só podia ter a ver com os sentimentos que ele ainda guardava pela chef confeiteira.

◆◆◆

— Não vejo a hora de pegar outro carro. Coitada da Sarah, tem sido minha motorista particular nos últimos tempos — apanhou com a colher um pouco do recheio para prová-lo.

— Pois esteja feliz, afinal tem muita sorte de ter uma prima que gosta tanto assim de você — Karin comentou bem-humorada — Não tenho intimidade com as minhas primas e, de vez em quando, é cada discussão com minhas irmãs...

— Também acho — Andreia concordou, depois mudou de assunto — Vai fazer os cupcakes novos para a estreia do programa?

— Não era a intenção, estava apenas querendo testar, para ver se fica bom — Júlia aprovou o gosto e colocou a colher que usara na pia, para ser lavada.

— Estou para ver o dia em que não ficará bom — Karin continuou — Será que vai mudar muito nossa vida, essa exposição?

— Acho que só vai mostrar o talento de vocês. Vão perceber que o Doce Pimenta não é feito só por mim — Júlia sorriu — E eu ficarei muito orgulhosa disso.

— Só você para dizer algo assim, Júlia. Por muito menos, outras pessoas se

recusariam a dividir os méritos — Andreia comentou, terminando o ganache de chocolate meio amargo.

— Se eu enxergar as pessoas que trabalham comigo como adversárias, nem eu cresço, nem as deixo crescer. Para mim, cozinhar não se trata apenas de misturar bem os ingredientes. É saber que cada um deles têm um sabor, uma importância no prato e destacá-los, quando desejar. É o mesmo com as pessoas, cada um tem seu valor e se for sua hora de se destacar, não serei em que impedirei isso de acontecer... — a conversa foi interrompida pelo toque do celular de Júlia. Dois motivos faziam com que nunca deixasse o celular desligado: a própria confeitaria e seu filho, afinal já recebera ligações do colégio dele. Ao ver o número do pai no visor, ficou preocupada, temendo que tivesse acontecido algo com sua mãe, visto que era raro ele ligar, ainda mais estando os dois brigados.

Abaixou o fogo, fazendo um gesto para que Andreia ficasse de olho e se afastou, em direção dos vestiários.

— Alô. Aconteceu algo com a mamãe? — Júlia não escondeu a aflição.

— Não, Júlia, graças a Deus sua mãe está bem.

— Ufa! —Júlia respirou fundo — Que bom que tudo está bem.

— É aí que se engana — Ivan disse sério.

— Algo com o senhor? — novamente a preocupação retornou, ao se dar conta de que ele não ligaria, se não tivesse algo importante a dizer.

— Estou bem, também. Triste, é verdade, não só por ter brigado com você, mas sobretudo por descobrir mais cedo do que eu pensava, que estava certo.

— Do que está falando, pai? — agora foi a curiosidade quem falou por ela.

— Não adianta lhe falar, pois vai dizer que estou exagerando. Então, vá à banca de jornal mais próxima e veja a fofoca do dia...

— Por que não diz de uma vez, sabe que não leio esse tipo de coisa... — interrompeu-o, sem compreender o que ele queria dizer.

— Vai entender, quando vir — Ivan foi categórico, antes de encerrar a ligação. Foi o suficiente para deixar Júlia nervosa. Voltou agitada para a cozinha e só percebeu que tinha que descobrir sobre o que seu pai estava falando, quando se queimou, algo raro.

— Tudo bem Júlia? — Andreia olhou-a preocupada, quando a ouviu praguejar ao queimar a mão e desligar a panela.

— Só preciso dar uma saída e já volto — explicou, colocando a mão embaixo da torneira e ligando-a, deixando a água cair no local onde havia queimado. Felizmente não fora algo grave, pois não teve paciência de continuar com aquele procedimento pelo tempo que era recomendado. Desligou a torneira, antes de que se passasse nem cinco minutos, começando a tirar o dólmã, deixando a cozinha logo após fazê-lo, sem maiores explicações.

Andreia e Karin se olharam, sem compreender nada.

— Talvez, se o Rui estivesse aqui, ele conseguiria saber o que raios está acontecendo — Andreia comentou, recordando que o confeiteiro havia saído para a entrega de um bolo de aniversário em uma empresa.

◆◆◆

Ricardo estacionou o carro em frente à Doce Pimenta e desceu apressadamente. Queria explicar o que acontecera, antes que Júlia visse a imagem e entendesse tudo errado. Havia prometido sem contato físico e a foto mostrava totalmente o inverso.

A impressão que tivera ao entrar na loja é que todo mundo sabia, visto que alguns clientes olharam-no, acompanhando seu movimento até o balcão.

— Bom dia, Senhor. Já conhece nossos doces? — Douglas questionou sorridente, oferecendo-lhe um cardápio com todos os doces feitos na confeitaria.

— Obrigado — Ricardo recusou educadamente — Gostaria de falar com a chef Júlia Pimenta.

— Creio que tenha que esperar. Ela acabou de dar uma saída — Douglas, tomando-o por cliente, nem percebeu sua apreensão. Não raro, clientes faziam o mesmo pedido e Júlia jamais se recusou a falar com qualquer um deles.

— Foi fazer alguma entrega? — não conseguiu conter a curiosidade.

— Não — Douglas fez que não com a cabeça Como saiu a pé, talvez não demore, se o senhor puder aguardar.

— Com certeza o farei, obrigado — Ricardo cruzou os braços, decidido a não sair dali sem falar com ela.

◆◆◆

Júlia respirou fundo. Nem sabia ao certo o que estava sentindo. Raiva talvez, decepção, com certeza. Fosse o sentimento que estivesse experimentando, era muito maior do que o incômodo que sentia no lugar que queimara.

Não precisara de muito para descobrir sobre o que o seu pai estava falando. Em um jornaleco de quinta categoria, a cena do beijo de Ricardo em sua gerente, ainda acompanhava uma manchete de péssimo gosto: Será isto o que se chama de hora extra? Dono do Magista e funcionária são vistos aos beijos em restaurante famoso.

Ricardo havia falado em cortejar outra mulher, mas prometera que não haveria contato físico. Se aquilo não fosse contato físico, então desconhecia o que mais poderia ser. Comprou um exemplar do jornal para que pudesse lê-lo mais devagar, num lugar onde pudesse ficar indignada sem que ninguém a olhasse como se fosse um extraterrestre por estar passada com a capa.

Nervosa, caminhou de volta para a Doce Pimenta e teve vontade de retornar para a rua, ao dar de cara com Ricardo no salão.

Os olhos dele imediatamente foram para o jornal, o mesmo que Vivian lhe mostrara e que, até então, nem sabia que existia. Quando ela hesitou em continuar caminhando, percebeu que o estrago já havia sido feito. Júlia

caminhou em direção ao balcão, como se ele não estivesse ali.

— Deixe-me explicar — Ricardo pediu, assim que ela passou ao lado dele.

— As imagens falam por si — Júlia respondeu baixo a ponto de somente ele ouvi-la, mas quando ameaçou ir para a cozinha e deixá-lo falando, ele não permitiu, apanhando levemente em seu braço — Rico, este é o meu local de trabalho.

— Pois bem, se não quiser que todos escutem o que eu tenho para te dizer, é melhor vir comigo para outro lugar, onde possa lhe explicar o que houve.

— Você não existe, Rico. Vem aqui e ainda se acha no direito de exigir alguma coisa.

— Então, Júlia, como eu ia dizendo — aumentou o tom de voz, chamando a atenção das pessoas que estavam nas mesas — Júlia olhou para ele, suplicando para que se calasse e Ricardo contornou, ainda no mesmo tom — Faço questão dos seus doces na festa do meu hotel. Porém, é imprescindível que conheça o espaço. Pode vir comigo? — a pergunta foi feita de modo sutil e quem acompanhava a conversa não duvidou que se tratava de um contato profissional. Júlia, porém, compreendeu e não gostou do que ele fizera, visto que, com tanta plateia, ela não teve como dizer não.

— Sim, claro, senhor Vidal — respondeu entre dentes, forçando um sorriso, e falando tão alto quanto ele — Só o tempo de ir lá dentro, pegar minha bolsa — e passou, como um raio, em direção à cozinha.

— O que aconteceu, Júlia? Vimos que se queimou, alguma má notícia? — Andreia não teve medo de perguntar, ao notar que ela voltara mais estranha do que saíra.

Júlia não respondeu nada, apenas balançou o jornal.

— Vou deixá-lo no vestiário e dar uma saída — foi sucinta, entrando no vestiário para apanhar sua bolsa — Cuidem da loja, por favor — e saiu, deixando-as confusas.

— Vá lá de uma vez, Andreia — Karin sugeriu — Sei que está morrendo de curiosidade para saber o que há naquele jornal.

— Como se fosse só eu — a confeiteira respondeu, tirando o dólmã, preparando-se para ir ler o tal jornal.

◆◆◆

O sorriso de Júlia durou até passar a porta da confeitaria ao lado de Ricardo.

— Assim, poderemos conversar melhor — ele falou sério, abrindo a porta para que ela entrasse, fechando-a e dando a volta para assumir a direção do veículo — Pensei que pudéssemos ir para...

— Pode ser na minha casa — ela o cortou, pois não queria discutir algo que a magoara em um lugar em que não se sentisse bem.

— Como quiser — Ricardo concordou, antes de dar a partida e sair com o carro.

Ele percebeu o quanto ela estava nervosa ao fazerem o trajeto em um silêncio sepulcral. Somente no elevador, ele se atreveu a lhe dirigir a palavra.

— Eu havia te avisado, Júlia, por favor, não fique com raiva de mim.

Júlia permaneceu calada, até que estivessem dentro de seu apartamento. Uma vez fechada a porta, ela nem conseguiu se sentar para dizer o que estava entalado em sua garganta.

— Você me avisou por alto, pois não me disse que ficaria aos beijos com sua funcionária!

— Não foram beijos, foi um só — corrigiu-a, porém, diante da expressão dela, viu que havia piorado a situação ao admitir o beijo — E não a beijei, fui beijado. Há uma diferença e tanto.

— Sim, com certeza, você tão indefeso, foi coagido a colar seus lábios aos dela!

Ricardo não queria, mas sorriu com a frase, deixando-a mais irritada.

— Está tratando como se fosse brincadeira, mas para mim não foi. Se a intenção de faltar com a sua palavra era para me magoar, parabéns, você conseguiu!

— Claro que não foi a intenção... — aproximou-se dela, tentando fazer com que sentasse, mas não teve sucesso, continuando a conversa em pé, um de frente para o outro.

— Sabe, pensei que fosse corajosa ao tentar zerar nossas diferenças e retomar o que sentíamos... Porém, não tenho forças, nem sei se sou capaz de justificar a minha aposta na gente. Você tem noção do que é ter seu pai, que nunca liga para você, dando-lhe a notícia de que estava certo e de que é um tola por tentar reviver o passado? Você vem, tem a humildade de admitir seu erro e pede uma oportunidade e em pouquíssimo tempo bota tudo a perder de novo... Desculpa, Rico, no entanto é difícil te compreender.

— Por favor, mostre que é melhor do que eu e confie. Dê-me o benefício da dúvida, o mesmo que não lhe dei. Não sei de onde saiu esse fotógrafo de merda e nem com que intenção ele registrou o acontecimento, só sei que vim procurar a única pessoa que me importa para esclarecer o mal-entendido.

Júlia massageou as têmporas, como se uma grande dor de cabeça estivesse a caminho. Ricardo interrompeu o movimento, apanhando nas mãos dela. Júlia sentiu dor na mão queimada e a expressão dela a denunciou.

— O que houve?

— Nada, apenas me queimei, nada de grave.

— Tem certeza? — perguntou preocupado e ela fez que sim com a cabeça. Tomou fôlego e continuou — Ellen pode estar envolvida na série de incidentes que aconteceram no fim de semana que sofremos o acidente, visto que usou de sua influência no meio hoteleiro para fazer com que te negassem a estadia no primeiro hotel — confessou, deixando-a estarrecida com a revelação — Porém, o único meio de fazer com que ela fale é seduzi-la. Digo e repito, só há uma mulher com quem quero estar e esta é você, Júlia.

— Espera! Então quer dizer que, sabendo disso tudo e desconfiando de mais um pouco, você deixou essa mulher com o Lipe? — indagou, fazendo com que a soltasse.

— Ela salvou a vida do nosso filho — diante da expressão dela, mais uma vez, percebeu que falara a coisa errada.

— Tem que se decidir se ela é vilã ou heroína, caso contrário vou achar que está gostando bastante dessa dura tarefa de ter que beijá-la.

Ricardo perdeu a paciência, diminuiu qualquer distância existente entre eles e beijou-a, abraçando-a e caminhando com ela, até encostá-la na parede.

— Esqueci que demora para discutir, mas quando o faz, não quer parar — falou baixinho, sentindo os batimentos cardíacos dela tão acelerados quanto os seus — Se eu a tivesse beijado de verdade, seria isto que flagrariam, notou a diferença? Estou surpreso e lisonjeado com seu ciúme, porém, não é a Ellen que vive em meus pensamentos. Jamais a beijaria desse jeito, porque não a desejo da mesma forma que desejo você, não é dela que sinto saudades — voltou a beijá-la, agora com mais voracidade, controlando-se para se afastar dela — Assim que provar o envolvimento dela, termino a farsa. Entendeu?

— Rico, não quero, nem mereço sexo de reconciliação... — Júlia disse ofegante, assim que pôde, enquanto Ricardo distribuía beijos em seu pescoço e orelha. Os lábios quente em sua pele fizeram com que se arrepiasse.

— Nem eu — continuou traçando um caminho de beijos que iam do pescoço à sua boca, ao mesmo tempo em que colocou a mão por dentro de sua blusa, sentindo a pele macia de sua barriga. Adorou senti-la arrepiada — Mas não sou de ferro e já faz muito tempo, desde que a reencontrei, que estou com vontade de fazer amor com você. Beijá-la e ter que parar como das outras vezes é uma tortura.

As mãos dele subiram tateando seu corpo, explorando sua pele, até chegar à curva dos seios.

— Diga que não me quer também e eu paro agora — a voz dele soou rouca de tanto desejo e Júlia fechou os olhos, apenas sentindo o toque dele — Diga-me Júlia — como se fosse abraçá-la, as duas mãos buscaram o fecho do sutiã e com extrema facilidade, ele o abriu, liberando espaço para que pudesse ter acesso aos seios dela — Nossa, que delícia — sussurrou ao perceber os mamilos tesos — Posso parar, depende de você. Enquanto não disser nada, continuo — declarou, fazendo-a gemer ao tomar simultaneamente os mamilos na ponta dos dedos.

Ele sabia o quanto ela gostava daquilo e ficou impressionado em descobrir que ainda se lembrava de todos os atalhos para deixá-la excitada. Parou um pouco, para tomar seu rosto entre as mãos e beijá-la com intensidade, caçando a língua dela com a sua. Ela beijava de um modo tão gostoso que o deixava com mais tesão. Como não ouviu a ordem dela para parar, continuou, acariciando-a agora por cima da blusa leve que ela usava e com um simples movimento, como se esta fosse de papel, ele a rasgou, surpreendendo Júlia.

— Ei! Por que fez isso, Rico? Gostava dessa blusa.

— Shii — Ricardo colocou o dedo indicador sobre os lábios dela, maravilhado com a visão da pele dela e sedento por se livrar da peça que ainda escondia de suas vistas os seios bem feitos — Compraremos dez outras iguais se quiser, e além disso, não ouvi me pedir para parar — falou praticamente beijando sua orelha, antes de ajudá-la a se livrar do sutiã e do trapo que havia virado a blusa, finalmente libertando os seios firmes e médios. Novamente, olhou para ela extasiado — Só para constar odeio esse jeans que está usando hoje — falou malicioso, prensando-a ainda mais contra a parede.

Júlia sentiu o corpo de Ricardo contra o seu, sentindo sua ereção sobre a calça social. Não duvidava que ele ainda se recordasse de seus gostos, só não imaginava que ansiasse tanto quanto ele pelo que estava prestes a acontecer.

No entanto, também conhecia os pontos fracos dele, e quando estavam juntos, era comum tomar as rédeas da situação. Desse modo, surpreendeu-o ao morder seu queixo e depois seu pescoço, algo que ele adorava. Enquanto buscava a fivela de seu cinto, para abri-lo.

— Não devia fazer isso, não com a saudade que estou de você — avisou, desabotoando a calça dela e descendo o zíper e se afastando um pouco de seu toque para dedicar-se àqueles seios. Júlia perdeu um pouco a ação, quando sentiu os lábios dele beijando seu seio, antes de envolver seu mamilo, fazendo-a gemer.

Ricardo adorou o som do seu gemido, algo que não imaginava ouvir novamente. Por isso, esforçou-se para lhe arrancar outros, revezando-se de um seio para o outro, ao mesmo tempo que puxava a calça dela para baixo, até que Júlia se livrasse dela totalmente. Se já havia aprovado o sutiã branco, adorou a calcinha cavada e de rendas da mesma cor. Um contraste belíssimo que só perdia para a pele dos dois juntos. Diante da visão, cessou o que estava fazendo e ele

mesmo acabou de tirar a própria roupa. Queria prolongar aquele momento tanto o quanto pudesse.

Ao vê-lo apenas de cueca, Júlia se impressionou com sua forma física. Estava ainda melhor do que no tempo em que estavam juntos. Não era todo definido como Edu, tampouco todo depilado, exibindo alguns pelos loiros no tórax, mas seu corpo era bonito, estando em forma.

Ricardo sorriu-lhe ao se ver observado e se aproximou dela para beijá-la mais uma vez. Ainda sem parar de beijá-la, apanhou-a no colo, cuidando para não errar o caminho de seu quarto. Mesmo tentado a colocá-la na cama, passou direto para o banheiro, lembrando-se de algo que adoravam fazer.

Sem colocá-la no chão, abriu a porta do box. Ficou satisfeito ao notar que os dois cabiam lá dentro. Parou de beijá-la, depositando-a na bancada da pia, enquanto foi abrir a ducha. Sem demora, voltou até ela, colocando-se no meio de suas pernas e assim como ela não se incomodou com o mármore gelado da pia, ele não se incomodou de ajoelhar diante dela. Ajudou-a a se livrar da calcinha e puxou-a mais para frente, abrindo um pouco suas pernas, para que pudesse provar de sua intimidade.

Júlia teve que se apoiar, ao sentir a língua dele. Vê-la se contorcer e ouvir seu gemido, fez com que ele tivesse certeza de que nada havia esquecido. Senti-la tão molhada, deu-lhe vontade de interromper o que estava fazendo e preenchê-la completamente. No entanto, esperara tanto por aquele momento e estava tão excitado que, se o fizesse não conseguiria prolongar a primeira vez por tanto tempo.

— Goza para mim, meu amor, deixe eu te sentir novamente — fez uma pausa para pedir e intensificou os movimentos com a língua, chupando e dando leves mordidas, levando Júlia a atingir o clímax ao tocá-la com um dos dedos, fazendo movimentos circulares.

A sensação foi tão forte que Júlia fechou os olhos e encostou-se no espelho, tendo-o ainda no meio de suas pernas, saboreando-a, provocando-lhe ainda mais tremores. Júlia o puxou, fazendo com que ele levantasse, sedenta por retribuir. Queria que ele também sentisse o mesmo que ela. Ricardo a beijou, fazendo com que sentisse seu próprio gosto em seus lábios.

— Porra, Júlia, você é deliciosa, amo seu gosto. Poderia ficar fazendo isso

para sempre — falou, enquanto a colocava no chão.

Júlia ainda estava trêmula, quando ele a beijou e foi ela quem interrompeu o beijo, empurrando-o em direção ao interior do box. Ricardo seguiu os comandos dela e também não se importou em entrar embaixo da ducha, ainda de cueca. Não teve muito tempo para pensar nisso, pois ela mal fechou o box, ajoelhou-se diante dele e baixou-a, liberando seu membro rijo, envolvendo-o com a mão sã, antes de leva-lo à boca. Dessa vez, ele quem gemeu, ao sentir os lábios dela, buscando toda sua extensão. Recordava-se daquela sensação, mas não era nada parecido a senti-la novamente. Júlia também sabia o modo como ele gostava e demonstrou isso, fazendo com que ele falasse alguns palavrões ao ser tão intensa, quanto ele havia sido momentos atrás.

Apanhou nos cabelos dela, puxando-os devagar para poder ver seu rosto, quase gozando ao ver seu olhar. Teve que puxá-la, antes que acontecesse, beijando-a, com urgência de tê-la novamente.

— Como senti sua falta! — abraçou-a, puxando-a mais para perto, ficando completamente molhados — Você sentiu também?

— Sim, Rico — Júlia confessou, encostando os lábios nos ombros dele.

— Preciso de você... por favor, não me deixe afastá-la jamais de mim nunca mais — Ricardo pediu, suspendendo-a com facilidade, fazendo com que ela colocasse as pernas em volta do corpo dele.

Devagar, foi abaixando-a, posicionando-a devagar. Por mais que estivesse excitada, ainda que estivessem molhados, demorou um pouco para que o encaixe fosse perfeito. Júlia enlaçou o pescoço dele até que estivesse confortável, sentindo-o completamente. Só quando ele teve certeza de que ela estava bem é que ajudou-a nos movimentos, erguendo-a e a abaixando, repetidas vezes, sem deixar de olhá-la por um minuto sequer. Primeiro foi mais devagar, aumentando o ritmo cada vez mais, até que nenhum dos dois aguentasse, Júlia atingindo seu segundo orgasmo, ainda mais forte que o primeiro e Ricardo chegando ao mesmo segundos depois.

Exaustos, ainda na mesma posição, Ricardo encostou-a na parede, buscando seus olhos.

— Minhas pernas estão bambas — sorriu, ofegante — E ainda assim, estou

me sentindo muito bem. Não sei como pude ficar tanto tempo sem você. Você é minha e eu sou seu, ninguém vai nos separar, entendeu?

Ela fez que sim com a cabeça, o coração se acalmando aos poucos.

— Espero que esteja certo.

— Eu estou — Ricardo a ergueu com cuidado, desfazendo a união perfeita e colocando-a de pé, embaixo da ducha. Fazendo com que ela mantivesse a mão queimada, debaixo da água.

Júlia passou a outra mão no cabelo, sentindo o calor da água em seu corpo. Não chegava nem perto do calor que ele a fizera sentir. Não se surpreendeu, quando sentiu a mão dele em seu corpo. Ricardo a puxou para um beijo e depois a virou de costas para ele, buscando o sabonete e fazendo-o deslizar em sua pele, ajudando-lhe a tomar banho, ao mesmo tempo em que a abraçava.

◆◆◆

Eduardo conferiu o endereço e bateu palmas. Uma adolescente de aproximadamente quinze anos veio atendê-lo. A menina ruiva, cheia de sardas, ficou impressionada com o belo homem à sua porta. Achou que ele parecia um daqueles atores de televisão.

— É aqui que mora a senhora Deise? — Eduardo perguntou simpático.

— Quem quer saber? — a moça, olhou-a desconfiada.

— Você é algo dela? — Eduardo questionou, ignorando a questão que lhe fora feita.

— Eu perguntei primeiro — a moça insistiu, cada vez mais intrigada.

Eduardo viu que não conseguiria nada, se não falasse a verdade, portanto, não hesitou, antes de dizer.

— Tenho fortes indícios de que a senhora Deise é minha tia — falou de uma

vez e viu a moça se virar e entrar correndo na casa. Eduardo imaginou que a jovem não fosse dizer nada, por certo o tomara por louco. Achou que todo seu progresso tinha sido em vão e que viajara correndo à toa. Já estava preparado para ir embora, quando a porta novamente se abriu. A mesma moça retornou, de novo correndo.

— Minha avó me pediu para entrar — falou, olhando-o dos pés à cabeça — Verdade que você é meu primo de segundo-grau? — abriu o portão para que ele passasse.

Eduardo sorriu, dando de ombros.

— É isso o que estou tentando saber — piscou para ela, pedindo licença, antes de entrar.

◆◆◆

Júlia tirou o braço de Ricardo de sua cintura. Haviam dormido, só não tinha noção do quanto.

— Caramba! — sentou-se na cama, exaltada, acordando-o.

— O que aconteceu? — questionou, preocupado.

— Passamos o dia inteiro aqui, sabe o que isso significa?

— Que estávamos com muita saudade e cansados demais? Que não almoçamos? — foi dizendo as opções, vendo Júlia procurar uma roupa e começar a se vestir apressada.

— Que o Lipe está para sair e estou aqui ainda.

— Ok — Ricardo espreguiçou-se — Volte para cama, posso buscá-lo e te garanto que me arrumo muito mais rápido do que você — piscou para ela — Cinco minutos, se a minha cueca já tiver secado — falou sério, fazendo-a sorrir.

— Da próxima vez pense, antes de entrar na ducha de roupa.

— Fui empurrado para ela de roupa. No entanto, não faria nada diferente —

Ricardo sorriu, os olhos verdes brilhando ao encará-la — Se o resultado for igual a esse, nada de pensar. Entro até de paletó.

Júlia balançou a cabeça, gostando da resposta. O que tiveram foi bem distante de um sexo de reconciliação, fora muito mais intenso do que isso, afinal fazia muito tempo que não ficavam juntos.

◆◆◆

Eduardo não se importou em esconder as lágrimas. Não era apenas a primeira vez que ouvia falar sobre sua mãe, mas também que a via em fotos. Descobrir que ela, mesmo humilde, tinha muito talento para a arte, fez com que entendesse de onde poderia ter herdado sua paixão pela fotografia. A senhora à sua frente, devia ter sido muito bonita, quando nova, e tinha olhos tão azuis como os deles e os cabelos de um loiro mais escuro que o seu. Ele ficou tentando imaginar se sua mãe se pareceria com ela, caso estivesse viva.

— Por que nunca me procurou, tia? — quis entender e a senhora tirou os óculos para também secar as lágrimas com um lenço.

— Seu pai amava minha irmã, mas foi fraco — foi sincera — Esteve aqui para me pedir que não o procurasse, nunca. Eu já tinha perdido minha irmã. Sabe o quanto doeu saber que não poderia ter contato nem com o meu único sobrinho?

— Por que meu pai fez isso? — tentou entender, sem conseguir.

— Segundo ele, porque fora a única condição que sua madrasta impusera para criá-lo, como se fosse filho dela. Você precisava muito de uma mãe, afinal era um bebê. Carecia de cuidados, que eu não poderia te dar naquele momento. Era mais nova que sua mãe... No entanto, fico feliz em saber que o sacrifício valeu a pena, pois se tornou um homem de bem, belo e educado. Persistente também.

Eduardo abaixou a cabeça, inconformado. Será que Constância conhecia o sentido da palavra limite? Tinha certeza de que não.

— Ela era muito bonita — Eduardo observou a foto — Pena que tenha morrido tão nova. Não consegui ainda descobrir o que aconteceu...

— Ela era alérgica a alguns alimentos... Até hoje não sabemos o que ocorreu, porque ela sempre se cuidou... Já viu isso, pobre ter alergia? — novamente os óculos foram retirados para que as lágrimas fossem limpas — Um choque anafilático levou sua mãe de nós, acredita nisso? Foi tão rápido que nem houve tempo para nada.

Eduardo engoliu em seco. A resposta que tivera vontade de dar era a de que, definitivamente, não acreditava naquilo.

◆◆◆

— Confesso que não entendi muito bem o que ocorreu — Douglas respondeu à pergunta de Rui que ficara preocupado com o fato de Júlia não ter voltado a trabalhar. Ainda mais por ter se mostrado tão perturbada a ponto de se distrair e se queimar.

— Acabei escutando a conversa de vocês — Andreia falou, ao passar por eles — É simples, pelo que eu e a Karin entendemos, ela se acertou com o ex noivo.

— Júlia e Ricardo? — Rui não escondeu a surpresa — Nem sei por que me espanto com isso, ainda... Achei que ficariam juntos após a viagem — deu de ombros — E o que houve para deixá-la nervosa?

— O fato de Ricardo ser fotografado com outra, pode ser considerado alguma coisa grave? — Andreia questionou, vendo o amigo arregalar os olhos.

— Não acredito, sério isso?

—O jornal está lá dentro no vestiário, olhem se quiser. Estou já estou indo, também — jogou um beijo para os dois, despedindo-se.

Douglas e Rui aproveitaram-se de o expediente já ter chegado ao fim e serem os últimos na Doce Pimenta, para conferirem o tal jornal. Rui não entendeu

nada. Se Ricardo e Júlia houvessem voltado por que ele estaria beijando outra?

A curiosidade de Douglas estava mais ligada ao fato capaz de desconcentrar Júlia, porém, bastou olhar a foto, para perceber que havia muitos outros motivos para se interessar pela tal matéria.

— Meu Deus, é ela! — deixou escapar.

— Ellen, na verdade — Rui, olhou-a desconfiado.

— Ela mesma, não me disse esse nome.

— E desde quando a conhece?

— Ela já esteve aqui na confeitaria — Douglas respondeu naturalmente — Não se lembra?

Rui fez que não.

— Como se esquece de uma mulher dessa, Rui?

— Por que se lembra de uma mulher dessas, Douglas? — o confeiteiro devolveu e viu o jovem engolir em seco.

— Porque tive alguns momentos bons com ela.

— Está dizendo que ficou com essa mulher aqui? — Rui questionou incrédulo e o jovem fez que sim com a cabeça.

— Porém, ela sumiu — Douglas confessou e sua expressão tornou-se sombria.

— Algo você deve ter feito de errado, para ela dar no pé.

— Não — Douglas negou acintosamente — Ela sumiu, após saber de mim tudo o que desejava.

— E o que ela queria saber de você?

— De mim nada, mas sobre a Júlia e a Doce Pimenta, muita coisa — Douglas admitiu envergonhado.

— Por favor, comece do início, pois não estou gostando nada do rumo dessa conversa. Trate de dizer tudo o que ela perguntou e, principalmente, tudo o que você respondeu.

Capítulo 38

Nem o cansaço da viagem fez com que Eduardo se demonstrasse menos interessado. Havia sido uma surpresa chegar e dar de cara com Rui e o rapaz que trabalhava na confeitaria, Douglas, esperando para lhe falar. Ouvir o que tinham para dizer, então, fez com que tivesse certeza de que não podia deixar de ouvi-los.

— Desculpe mesmo, se pareceu invasivo — Rui ficou sem graça — Porém, diante dessa foto, não soube o que pensar. Se esta mulher fez diversas perguntas sobre a viagem e o seu irmão acabou aparecendo como o grande herói da situação, desconfiei que pudessem estar juntos.

"Quem dera", Eduardo pensou, sorrindo tristemente, observando o jornal. A única coisa que percebia era que Ricardo estava se empenhando para arrancar alguma informação da mulher. Arriscando–se, é verdade, no entanto, visando proteger Júlia e o filho.

— Não, o Ricardo não tem nada a ver com isso. Se a tal Ellen está por trás do que aconteceu, agiu sozinha. Deu azar de que ele estivesse lá.

— Como explica esta foto, então? — Rui não entendia como Ricardo poderia estar apaixonado pela Júlia, deixando–se flagrar beijando outra.

Eduardo olhou para o rapaz, sem ter certeza de que ele era de confiança.

— O Douglas foi apenas um tanto deslumbrado, afinal quem não seria, sendo cantado por uma mulher como essa?

— Sim — Douglas admitiu — Fiquei tão fascinado que acabei falando mais do que devia e estou arrependido. Júlia seria a última pessoa no mundo a quem prejudicaria deliberadamente.

— Acredito em você — Eduardo assentiu com a cabeça — Embora acho que deveria ter contato antes. A verdade que fica escondida é muito parecida com uma mentira — filosofou sem querer, pensando na própria história — Leva a inúmeros mal-entendidos e a uma sucessão de eventos que poderiam ser

evitados.

— Tem razão e eu peço desculpas — Douglas baixou o olhar, arrependido.

— Peça à Júlia, quando tudo isso se esclarecer — Eduardo achou melhor não culpá-lo, depois se virou para Rui — Quanto à foto, só posso dizer que o Ricardo está em busca da verdade. Diria mais, está se aproximando de escutá-la dos lábios de nossa principal suspeita.

— Bem, se está dizendo, acredito — Rui aceitou a resposta dele, pois se estava defendendo o irmão, devia saber o que estava fazendo. No fundo sabia que ainda estava ligado à Júlia e que não compactuaria com o irmão na intenção de magoá-la.

— Porém, enquanto ele tenta por uma via, podemos, através de suas informações, pegarmos um atalho — Eduardo retomou a conversa, entendendo o tom do amigo de Júlia e voltando-se para o rapaz — Você se lembra exatamente de todas as perguntas que ela fez?

— A maioria. Confesso que, se não estivesse tão a fim de levá-la para cama, teria achado estranho o teor do questionamento.

— Quer dizer, se não tivesse pensado com a cabeça de baixo — Rui o repreendeu.

— Exatamente, Rui. Deveria ter desconfiado que era areia demais para meu caminhão. O que uma mulher como ela iria querer com um atendente?

— Não diga bobagem, Douglas — Eduardo o interrompeu — Não é a sua posição que define quem você é. É a sua atitude e sua confiança. Sendo seguro, educado e deixando claro o que quer, pode ter a mulher que quiser, só ainda é um pouco novo, para entender isso — fosse outra situação, teria dito que experimentara a mesma insegurança para se aproximar de Júlia, ainda mais pelo passado que ela tivera com seu irmão — Voltemos à questão: recorda–se ou não?

— Bem, acredito que sim — a afirmação foi seguida pelo gesto com a cabeça — Quis saber onde era o casamento e quando aconteceria.

— Além disso, algo mais? — Eduardo foi insistente, afinal, ainda não havia nada que a ligasse à droga colocada na bebida de Júlia.

— Sim, ela quis saber como faríamos no casamento, já que a especialidade da Doce Pimenta são os doces.

— E aí, você falou sobre o outro buffet — Eduardo concluiu, antes que o rapaz terminasse de contar. Ele fez que sim com a cabeça — Será que pode me passar o endereço de lá. Se ela entrou em contato com alguém de lá, não sossegarei, enquanto não descobrir.

◆◆◆

— Sabe a vontade de não ir? — Ricardo sussurrou, parado junto à porta e Júlia fez que sim com a cabeça.

— Como vai explicar sua demora para chegar?

— Só devo satisfações para uma mulher e ela está diante de mim — deu de ombros — Não resisti a ficar um pouco mais com o Lipe, colocá-lo para dormir. Por mim, faria isso toda noite, antes de me ocupar da mãe dele — falou malicioso, recordando a tarde que passaram juntos.

— Um dia de cada vez, Rico — Júlia pediu e ele conseguiu entender. Mais do que isso, não a culpava por se mostrar receosa com ele – Além do mais, se a sua fã descobrir que estamos juntos, adeus confissão.

— Se descobrir que estamos juntos a fizesse desaparecer, não ligaria, contanto que estivesse comigo. Agora olho onde moro e percebo que é grande demais. Você e o Lipe ao meu lado faria muito mais sentido.

Júlia sorriu.

— Isso não é exatamente o que chamo de um dia após o outro, Rico. E, além do mais, você pode deixar para lá, mas eu não. Quero que essa mulher pague por tudo o que pode ter me feito.

— Eu sei... Desculpe, é claro que também quero. Porém, demorei tanto para conseguir seu perdão e quando consigo não posso ficar ao seu lado. Isso é frustrante demais.

— Se não desanimar, também não desanimo e quando, estivermos juntos, poderemos compensar — Júlia respondeu de imediato, sendo surpreendida por um beijo dele.

— Ok — afastou-se devagar — Vê se passa em algum lugar para ver essa queimadura.

— Foi leve, Rico, nem está mais doendo — Júlia minimizou.

— Seja como for, vá ver — insistiu e ela fez que sim com a cabeça — Prometo que não serei mais responsável por suas distrações na cozinha — sorriu malicioso — A menos que seja para se lembrar de quando eu... — inclinou-se e falou no ouvido dela, causando–lhe um arrepio apenas com a lembrança — Quanto a mim, ficarei no mundo da lua sempre que me recordar de nós dois juntos. Para alguém que imaginava que jamais fosse acontecer, como eu, inesquecível define. E é como será daqui para frente, Júlia, eu juro — roubou–lhe um beijo, antes de finalmente conseguir deixá-la e caminhar em direção ao elevador.

◆◆◆

Ricardo não se surpreendeu ao encontrar Ellen ainda no hotel, quando voltou. Ela já havia acabado sua jornada de trabalho, porém, o aguardara até que retornasse. Ela o abordou no saguão e aceitou o convite dele para irem ao seu apartamento.

— Acredito que finalmente tenha tomado uma decisão a respeito da joalheira — coube a ela quebrar o silêncio, enquanto Ricardo se servia de um pouco de uísque.

— Sim, com o laudo da segurança, estou a um passo de fechar esse negócio — mentiu — Quer beber algo?

— Não, obrigada — agradeceu — E quanto à foto... Bem, não sei como aconteceu.

— A culpa não foi sua, Ellen. Infelizmente aqueles abutres ficam à espreita. Só não imaginava que das colunas sociais fosse parar em um jornaleco de

quinta... — tomou um gole da bebida, sentando-se em frente ao local onde ela havia se acomodado, aproveitou a posição para olhar dentro dos olhos dela — Só temo que isso complique a minha situação, se tiver que pedir a guarda do meu filho.

— Não acredito nisso, Rico, afinal você é um homem respeitado.

— As imagens não dizem bem isso...

— Ainda assim, não é promíscuo. E, se houver necessidade, deponho a seu favor...

Ricardo sorriu-lhe em agradecimento.

— Apesar de achar que não adiantaria muito, agradeço Ellen. Nem todas mulheres fariam isso.

— É porque não o conhecem, Rico. Eu, por exemplo, seria capaz de qualquer coisa por você — sua convicção o surpreendeu — Morreria por você, se fosse preciso.

— Nem brinque, Ellen! — Ricardo pediu, levantando-se de onde estava sentado para sentar-se ao lado dela. Esperava ouvir qualquer coisa, menos isso — A gente tem que ter vontade de viver por alguém, jamais o contrário.

— Foi maneira de falar — ficou sem jeito, ao perceber que ele não apreciara a frase — Só quis dizer que pode contar comigo para o que precisar.

— Não duvido disso — tentou disfarçar o quão ficou preocupado com a declaração — Confio em você. Aliás, é a pessoa em quem mais confio neste mundo — fez uma pausa e o sorriso dela deixou claro que havia acreditado — Por falar em confiar, o aniversário da minha mãe está chegando.

— Sim, é no mês que vem — Ellen recordou–se.

— Ficará sob a sua responsabilidade organizar uma festa de aniversário para ela — Ricardo apanhou em suas mãos — Sei que ela gosta muito de você e que você conhece um pouco dos gostos dela... Então, pensei em unir o útil ao agradável.

— Fico lisonjeada, Rico. Será um prazer fazer uma festa para sua mãe... — ficou mais feliz com o toque dele do que por ser escolhida para tal tarefa.

— Surpresa — Ricardo a interrompeu — Será que consegue manter esse segredo?

— Sim, claro. Será nosso segredo.

— Ainda que isso tome muito de seu tempo? Pois, sabe que preciso muito de você aqui no hotel, também. Se não puder, peço que a Vivian tome conta disso.

— Nem pensar, conseguirei dar conta das duas coisas. Como disse, será um prazer e tenho certeza de que sua assistente pessoal não sabe nada sobre sua mãe e escolhê-la seria um desastre.

— Tudo bem, também acredito que seja a melhor opção. Quero esta festa na segunda torre, você escolhe tudo e vemos juntos a lista de convidados. Pode ser assim?

— Claro, no que depender de mim será uma festa inesquecível — respondeu, acariciando a mão dele.

— Por favor, Ellen não me tente. Senão vou ter que fazer jus àquela foto.

— Não vejo problema — olhou dentro dos olhos verdes dele — Além do mais, aqui não haveria o problema de paparazzi.

Ricardo riu, soltando suas mãos delicadamente.

— Deixe-me arrumar a minha vida. Ter meu filho comigo. Quem me garante que não há um jornalista hospedado no hotel e que acharia estranho você sair do meu quarto somente de manhã? — perguntou malicioso — Ou acha que a deixaria sair daqui antes disso?

— Não — sorriu, adorando o rumo das conversas — Confio que seria difícil me deixar ir embora.

— Então, é por esse motivo que não posso arriscar. Não agora. Depois, quando tudo estiver resolvido, não tenha dúvidas de que nossa história começará.

Ellen entendeu o recado e se levantou devagar. Teve vontade de dizer para ele que se dependesse dela, estaria com o filho o quanto antes. Porém, preferiu lhe fazer uma surpresa. Ele, com certeza, ficaria muito orgulhoso, quando soubesse que ela se adiantara e falara com o advogado. Não seria uma simples foto que faria com que perdesse a possibilidade de estar com o filho.

— É a primeira vez que me dá uma perspectiva de futuro — notou, assim que ele também se levantou.

— Verdade. Não tinha pensando em nós dois juntos, mas depois de ter salvado o meu filho... — deu de ombros — Talvez seja muito bom para mim e para ele, tê-la em nossas vidas.

Ellen ficou tão surpresa com a declaração que ficou sem fala. Apenas sorriu e fez que sim com cabeça. Inclinou-se para se despedir, beijando-o no rosto. Ricardo sorriu e a acompanhou até a porta. Mal Ellen saiu, não só fechou a porta, como limpou o rosto. Era muito difícil fazer aquilo, mentir daquela forma, ainda mais depois de ter passado a tarde toda nos braços de Júlia. No entanto, depois do que ela dissera, sobre morrer por ele, um sinal de alerta havia acendido. Ellen poderia ser mais perigosa do que imaginava.

◆◆◆

Dia seguinte

Não eram nem nove horas, quando Luciana chegou. Encontrou Eduardo parado junto ao carro.

— Entendi por alto seu plano — cumprimentou-o com um beijo no rosto — No entanto, como acha que vai conseguir isso, Sherlock Holmes?

— Com dois atrativos infalíveis — piscou para ela — Uma bela mulher e dinheiro – Mostrou algumas notas de cem reais.

— Nossa, tudo isso para um sacana desses? Dê esse valor para mim, que eu mesma confesso – falou séria, fazendo com que Eduardo risse.

— É sério, Lu. Pensa comigo: a Ellen deve ter feito o mesmo que a gente.

Esperou perto do buffet e jogou seu charme para os garçons. Duvido que tenha sido uma mulher, porque ela não teria como usar da aparência para se aproximar. Confesso que não imagino como chegou no restante, mas seja como foi, não deve ter mudado muito da maneira que fez com o Douglas.

— Tem razão, Edu — Luciana concordou — É rezar para que o cara ainda continue aqui.

— Azar no amor, sorte em todo o resto — Eduardo sorriu — Logo, tenho certeza de que estará e agradeço você de coração por embarcar nesta loucura.

— Sabe que nunca fui fã de você com a sua ex cunhada, não é? — Luciana questionou, mesmo sabendo que o assunto desagradaria o amigo. Eduardo fez apenas que sim com a cabeça — Tá na cara que você não a esqueceu, Edu. Ninguém se preocuparia tanto assim com alguém que não am...

— Não importa, Lu — Eduardo a interrompeu — Aliás, importa menos do que o que viemos fazer aqui. Podemos?

— Sim. Sabe que pode demorar um tempão até dar certo, não sabe? — ele fez que sim com a cabeça.

— Mesmo se não tiver tempo nos outros dias, só sairei daqui com uma resposta.

— Ok, Edu. Se está dizendo, eu acredito — sorriu para o amigo — Nunca me imaginei nessa situação de isca.

— Uma bela isca – Eduardo brincou — Talvez só o seu namorado não curta essa nossa ideia.

Luciana gargalhou.

— Cale a boca e vamos logo com isso. Só estou aqui pela nossa amizade e porque vai ficar me devendo uma.

— Sim, vou. Quem sabe não aceite o seu desafio e faça mais uma tatuagem contigo?

— Se eu conseguir, querido, fará o que eu quiser — Luciana piscou.

— Só não vale fazer papel de vela — ele a provocou, recebendo um tapa em seu braço — Não vai revelar mesmo quem é o príncipe encantado?

— Além de ser muito curioso, parece que não me conhece, Edu! Se eu gostasse de príncipe, teria me apaixonado por você. Minha queda é pelos sapos — sorriu —Agora, se quiser descobrir qualquer coisa, sugiro que mantenha o foco na nossa missão.

— Ok. Não está mais aqui quem falou.

◆◆◆

O sorriso de Júlia foi o suficiente para que ninguém na Doce Pimenta questionasse sobre a leve queimadura do dia anterior.

Depois de algum tempo, mesmo dedicando parte da manhã a sessões de fisioterapia, mostrou-se feliz e isto significava cozinhar ainda melhor, de modo que quanto mais as filmagens avançavam, mais inspirada e carismática se mostrava, vencendo a timidez diante da câmera e ajudando a equipe a lidar de uma forma leve com a exposição diária.

O mês passou tão rápido que no dia em que o programa mostrando a rotina da Doce Pimenta estreou, a equipe toda estava reunida para assistir. Melhor do que saber que os índices de audiência ficaram acima da média, apenas o benefício que a exibição do programa trouxe para a confeitaria, aumentando não só as vendas, como, também, os contratos para as festas.

Esse mês também foi marcado pelas visitas de Ricardo, sempre altas horas da noite. Ele chegava por volta de onze e meia e ia embora perto das quatro e meia. Era a única forma de se encontrarem, sem que Ellen descobrisse.

— Odeio que seja assim — confessou, puxando-a em sua direção, acomodando-se ao corpo dela, ficando de conchinha — Adoraria acordar aqui, quem sabe com o Lipe entre nós.

— Prefiro que o Lipe não nos veja juntos, por enquanto.

— Por que? — virou–a para que pudesse encará-la — Somos os pais dele.

— No entanto, ele é muito novo, Rico. Já já fará quatro anos. Ele está em uma idade em que começa a ter ciúme. Não duvidaria se ele ficasse meio assim com você, se o visse me beijando...

— Tudo bem. Não quero o Lipe achando que estou tentando roubar sua mãe, embora esteja — sorriu — Por enquanto, aceito a condição, Júlia. Porque você o conhece e sabe muito mais do que eu sobre esta fase. Porém, logo que tudo isso acabar, não esconderei nem do Lipe, nem de ninguém o quanto eu a amo — seu tom deixou claro que estava falando a verdade — Farei de tudo para tê-los ao meu lado.

— Quando isso estiver mais perto de acontecer, voltamos a conversar – Júlia, como sempre, foi mais realista.

— Tudo bem — encostou sua testa à dela — Quero sair contigo, levá-la nos lugares que gosto.

— Como isso seria possível? — não entendeu.

— Dei a Ellen uma tarefa muito grande e, na tentativa de agradar, ela está muito empolgada; tanto, que não está lhe sobrando tempo para me vigiar — respondeu animado — Assim, poderemos sair à noite.

— Sempre haverá fotógrafos — Júlia fez questão de lembrar.

— Estou pensando nisso, também. Portanto, não se preocupe. Infelizmente, são poucas pessoas que podem provar que estamos juntos. Até que a Ellen me dê alguma coisa, permanecerá assim.

—Sei bem a coisa que ela quer te dar — Júlia comentou desgostosa, fazendo Ricardo rir e lhe dar pequenos beijos, até se empenhar em um beijo mais demorado, capaz de fazer reacender o desejo nos dois.

— Já tenho tudo o que quero, tudo o que preciso para ser feliz — esticou o braço para apanhar o relógio em cima do móvel ao lado da cama — Bem, temos uma hora juntos, será que...– Antes que terminasse, Júlia o beijou, deixando claro que já haviam perdido tempo demais.

◆◆◆

Eduardo, por sua vez, durante este mês, já estava quase desistindo de sua campanha, quando Luciana obteve sucesso. Ela sondou alguns garçons, até encontrar alguém que participara do casamento e que não se espantou quando ouviu falar que precisava de um favor parecido.

— Posso garantir que o dinheiro falou mais alto do que a minha aparência — sorriu, conversando com o amigo.

— Então o cara é cego — Eduardo disse de modo cativante.

— É ambicioso e esperto, diria. Quer unir o útil ao agradável. Vamos a um barzinho e depois vou arrastá-lo para o meu apartamento, onde, mediante o que lhe prometi, contará tudo o que sabe.

— Tem certeza de que é ele? — quis saber, preocupado.

— Caiu na isca, confirmou que estava no casamento, também falou sobre a Júlia.

— Tome cuidado, Lu — pediu —Um cara desses, nem sei do que é capaz.

— Não se preocupe, Edu. Não nasci ontem. Faça o que combinamos e tudo dará certo.

Mesmo receoso que pudesse ter colocado sua amiga em uma situação perigosa, Eduardo seguiu o plano e quando Luciana entrou com o garçom em seu apartamento, trancando a porta, surpreendeu-os.

— Qual é, gata? Não curto lances a três! — reagiu nervoso ao dar de cara com Eduardo.

— A única coisa a três que vai rolar aqui é uma conversa — Eduardo parou em frente à porta.

— Não combinei nada com você, nem sei quem é. Iria falar com ela —

apontou Luciana que, a esta altura, já estava mais próxima de Eduardo.

Eduardo colocou a mão no bolso, fazendo com que o homem se sobressaltasse, imaginando que ele apanharia uma arma. Ficou aliviado ao vê-lo apanhar a carteira.

— Pensei que estivesse a fim de grana — mostrou ao homem algumas notas de cem.

O homem hesitou um pouco, mas quando Eduardo fez um gesto para que ele se sentasse, não se negou a fazê-lo.

— Como se chama?

– Adriano — cruzou os braços, visivelmente desconfortável — Não se faz uma emboscada dessas, gata.

— Não vai doer nada — Luciana piscou para ele.

— Isto é, se colaborar — Eduardo completou, num tom tão grave que Luciana não teve dúvidas de que ele falava sério.

— Vamos de uma vez, o que querem saber? — Adriano sentiu-se pressionado.

— Falou para a minha amiga que fez parte da equipe e que esteve no casamento da Vânia Alcântara Salles, correto?

Adriano fez que sim com a cabeça.

— Preciso que me conte o que houve na festa e o que exatamente lhe pediram para fazer.

Adriano hesitou, até que Eduardo tirasse, três notas de cem. Estendeu–as para ele.

— Poderia chamar a polícia e aí não receberia nada e ainda teria que explicar isso, atrás das grades.

— Ei, não fiz nada demais — Adriano apanhou as notas — A dona lá, disse

que era uma brincadeira, que a chef curtia uma viagem de vez em quando...

— Ela mentiu — Eduardo o encarou — Você tem ideia do que poderia ter acontecido?

— Não exagere. Foi uma viagem super de boa. Lembro que ela sentiu calor e cara... Começou a desabotoar o dólmã de uma forma que... Cara, quase me ofereci para ajudá-la...

Luciana colocou a mão no braço de Eduardo, prevendo que ele talvez não se segurasse e fosse para cima do homem. Sentiu que o amigo estava se controlando.

— Depois, para coroar ela dançou com o chef Oliver e tenho certeza de que todo mundo que assistiu, teve vontade de trocar de lugar com ele. Precisava ver como se esfregava nele... Porém, como tudo o que é bom dura pouco, o namorado ciumento chegou e acabou com a graça de todo mundo: do chef e da plateia.

Eduardo engoliu em seco ao pensar que fora naquela ocasião que começara a perder Júlia.

— O que deu para ela e quanto recebeu para isso?

— Já está querendo muito, para tão pouca grana.

Eduardo tirou mais cinco notas e repetiu o gesto, vendo o homem apanhá-las rapidamente.

— Ecstasy do bom, cara — colocou a mão no bolso e tirou uma caixinha — Foi um desses — mostrou dois comprimidos rosa — Não imaginei que fosse a primeira vez, nem que teria uma viagem ruim, embora não tenha me parecido que tenha sido tão ruim ver uma mulher daquelas dando mole pra...

Luciana nem teve tempo de impedir, em segundos Eduardo já estava ao lado do homem, tirando-o do sofá e o erguendo pelo colarinho.

— Você é um idiota. Devia encher sua cara de porrada. É um lixo, se precisa de droga para conquistar uma mulher...

— Não fiz nada com ela, só misturei a droga na bebida! — defendeu–se.

— Calma Edu!— Luciana pediu, aproximando–se.

— Quanto recebeu para isso? — sacudiu o homem.

— Cinco mil reais, em dinheiro vivo — Adriano respondeu assustado. Não era de violência, logo, se fosse para brigar com o homem que o erguera pelo colarinho, apanharia fácil.

— Se não quiser apanhar e sair daqui sem nenhum centavo, você vai me dar todos os detalhes da mulher que o contatou, está entendendo?

Ele fez que sim com a cabeça e respondeu tudo o que Eduardo precisava para confirmar que havia sido com Ellen que falara, dando-lhe, inclusive, o número de celular com o qual se comunicaram. Eduardo o deixou sair ileso, porém, não deixou que levasse os dois comprimidos de ecstasy.

— Edu, pensei que fosse acabar com o sujeito.

— Bem que merecia, um irresponsável. Já imaginou quantas garotas sofrem abusos nestas raves? E ele vem me dizer que a viagem foi boa...

— Estava nervoso com ele, ou pelo fato de seu irmão ter "presenciado" a viagem da Júlia?

— Não vem ao caso, Lu. O importante é que conseguimos ligar a Ellen também ao caso de doping.

— E o que vai fazer com esses comprimidos? Não me diga que vai experimentá-los, quando estiver na sua casa.

Eduardo riu.

— Claro que não. Deixe de ser besta. Só você mesmo para me fazer rir — fez uma pausa — Acontece que não achei certo dar quase mil reais para aquele imbecil e não pegar nada em troca.

— Sabe que ele vai sumir, se tiver que depor, não é?

— Sim, tenho plena consciência disso, Lu — inclinou-se para beijá-la — Muito obrigado. Você não tem noção do quanto lhe sou grato. Preciso ir agora.

— Contar para o seu irmão, presumo.

— Não hoje. Tenho que resolver algumas coisas antes.

Luciana arqueou a sobrancelha, tendo certeza de que "algumas coisas" referiam–se à mulher. No entanto não ousou dizer nada. Conhecia Eduardo há muito tempo e sabia que nada do que dissesse adiantaria.

◆◆◆

Desde que percebera que Vivian esperava mais do que poderia oferecer, acabou se afastando. Mesmo sem vê-la há alguns dias, nem confirmar se ela estaria em casa, resolveu aparecer. Queria colocar tudo em pratos limpos e terminar o que quer que tivessem começado, pois não estava preparado para outro relacionamento tão rápido.

Vivian atendeu à porta surpresa, sem convidá-lo para entrar.

— Edu, o que faz aqui?

— Desculpe ter vindo sem avisar, é que eu queria conversar com você.

Ela estranhou o tom dele e o que propunha. Tudo o que mais desejava era conversar com ele, porém, Eduardo não lhe dava espaço, apenas transavam como se o mundo estivesse perto de acabar, descansavam um pouco, ele tomava banho e ia embora.

— Acho que não temos nada para conversar. Aliás, era muito melhor quando a gente trocava farpas. Parece que havia mais palavras entre nós.

— Sei que tenho agido de uma maneira imatura — admitiu — Porém...

— Descobriu que a Júlia e o Rico reataram e veio aqui se consolar comigo – — completou, deixando-o estarrecido. Ele não tinha a menor ideia de que a Júlia havia voltado para o irmão — Você não sabia? — percebeu pela expressão dele que não — Desculpe-me.

Eduardo ficou sem ação. Tinha ido ali dizer que não dava mais para vê-la, que não a amava e que acreditava que ela merecesse alguém completo e não quebrado como ele. Não esperava ser ainda mais despedaçado

— Edu?

— Desculpe. Nem sei direito o que vim fazer aqui. Estou indo — chegou a dar as costas para sair, no entanto ela impediu que continuasse, segurando em seu braço.

— Não foi a minha intenção. Pensei que já soubesse. Juro que não queria magoá-lo.

— Não fez nada, Vivian, não se preocupe.

— Entra, fica — pediu, soltando–o —— Não precisamos transar, se não quiser. Só me deixe fazer alguma coisa por você. A gente pode conversar, como você disse.

Ele a encarou, antes de se inclinar devagar e depositar um beijo suave em seus lábios.

— Você me odiaria amanhã, se eu ficasse, porque não o faria pelo motivo certo — sorriu-lhe tristemente, antes de virar as costas e ir embora.

Vivian odiou-se, se não tivesse revelado de maneira tão abrupta que Ricardo e Júlia haviam reatado, talvez Eduardo estivesse ao seu lado. Na única vez em que ele aparecera para conversar, estragara tudo.

◆◆◆

No dia seguinte, estava tão abatida no trabalho que Ricardo acabou notando.

— Você está bem, Vivian?

— Na realidade, não — desabafou — Desculpe-me a sinceridade, mas já que perguntou, preciso dizer que estou me apaixonando pelo seu irmão.

Ricardo ficou tão surpreso que foi preciso sentar-se para digerir a notícia.

— Como assim? Achei que nem se suportassem.

— Bem-vindo ao clube.

Ricardo teve vontade de dizer que não entendia o que Vivian via no irmão, porém, ficou quieto.

— Isso não seria motivo para estar feliz?

— Seria, se fosse correspondida — Vivian não escondeu sua mágoa e viu Ricardo abrir a gaveta e se levantar.

— Conquiste-o, demonstrando que gosta das mesmas coisas que ele — ofereceu dois convites para ela.

Vivian apanhou os convites um tanto desconfiada, entretanto um sorriso brotou em seu rosto ao ler do que se tratava. Talvez ele não conseguisse dizer não à chance de ver uma exposição de um dos maiores fotógrafos brasileiros, em um evento restrito, conforme dizia o convite.

— Obrigada, farei isso — Vivian o agradeceu confiante, afinal, talvez Ricardo tivesse razão e só precisasse mudar a abordagem.

Para sua surpresa, Eduardo aceitou o convite, sem que ela precisasse perguntar duas vezes. Como um perfeito cavalheiro foi buscá-la em casa e Vivian nunca o viu tão bonito. Estava vestido de maneira elegante e refinada, sem perder o charme da casualidade. O ar bagunçado do cabelo, deixava-o mais descontraído e sexy, pois era como se tivesse acabado de fazer amor. Bem, pelo menos, foi exatamente do que se lembrou, ao vê-lo. Seus olhos também, estavam mais azuis do que nunca.

Vivian escolheu um vestido preto, clássico, que deixava em evidência sua silhueta bem feita e principalmente os bustos, ainda que não tivesse um decote. Para combinar, um sapato de salto altíssimo, da cor prata, combinando com a bolsa. Ficou feliz de estar tão bonita quanto ele.

— Você está maravilhosa — recebeu um elogio sincero de sua parte.

— E você, uma tentação. Fico feliz que tenha aceito o convite.

— Fico feliz que tenha me convidado. Aprecio muito o trabalho deste fotógrafo.

Mesmo estando trabalhando mais com fotos para revistas de moda, Eduardo era reconhecido no meio e, por isso, acabou tendo ótimos encontros, aos quais sempre fazia questão de incluir Vivian, integrando-a a conversas muito interessantes sobre a arte da fotografia.

Estavam em meio a uma dessas conversas, quando ouviu-se um burburinho e todos se voltaram para a bela escadaria de mármore, no centro do local em que as fotos eram expostas. O motivo era um só: finalmente o fotógrafo principal, Sidney Vasques, resolveu dar o ar da graça, surgindo ao lado do patrocinador da exposição.

Vivian gelou e seguiu o olhar de Eduardo. Teve certeza de que seu olhar fixou-se em Júlia, que estava deslumbrante em um vestido longo branco e o cabelo preso em um coque. Ela segurava no braço de Ricardo e este lhe conferia segurança para descerem com elegância os degraus da escadaria.

Foi meio instintivo apanhar na mão de Eduardo. Ele estava tão surpreso que nem ao menos fez menção de se soltar.

Júlia demorou um pouco para vê-lo, porém, ao enxergá-lo, o primeiro detalhe que notou foi sua acompanhante e os dois de mãos dadas. Desde o término, não haviam se visto mais, porque Eduardo a evitara, aproximando-se de Lipe por ter certeza de que não seria ela quem o buscaria. Logo, foi estranho encontrá-lo em um evento. Os olhares se encontraram rapidamente, porém, ela reconheceu um misto de decepção e tristeza, algo que a feriu. Só desviou seu olhar do dele, quando Ricardo lhe perguntou alguma coisa.

Por ser um evento restrito, com a nata da sociedade paulista, as fotos seriam tiradas por um ajudante do expositor e seriam enviadas a algumas agências de notícias. Ricardo fora claro ao dizer que não queria ser fotografado e obteve a palavra do próprio Sidney de que isto não aconteceria.

— É hora de ouvir os elogios — Ricardo falou, antes de apertar a mão do fotógrafo — Vou apreciar um pouco mais da sua obra. E como disse, anteriormente, tem dois quadros que faço questão de ter no saguão do Magista.

— Será um prazer, Ricardo — Sidney sorriu para Júlia — Do mesmo modo

que foi conhecê-la doce Júlia. Adorarei conhecer a confeitaria

— Obrigada — Júlia sorriu, sem graça — Será bem-vindo, quando aparecer — estava um tanto nervosa, porque agora lhe parecia óbvio que Eduardo pudesse estar ali, afinal, ele também era fotógrafo.

— Vamos cumprimentar as pessoas, Júlia — Ricardo sugeriu, colocando a mão na base de suas costas, um pouco acima do quadril.

Não foram precisos quatro passos, para encontrarem Eduardo e Vivian.

— Veja só que coincidência! — Ricardo ignorou o olhar que recebeu de sua assistente — Meu irmãozinho aqui. Confesso, que não esperava encontrá-lo.

Eduardo sentiu a boca seca. Sabia que eles haviam voltado, mas era a primeira vez que os via juntos. Não gostou da forma possessiva como Ricardo a conduzia.

— E muito bem acompanhado — sorriu para Vivian — Meu irmão e minha assistente, quem diria? Assim, vou achar que deseja todas as mulheres que ficam perto de mim.

— Rico! — Júlia interveio, desaprovando a atitude dele. Mal conseguiu olhar no rosto de Eduardo. Só conseguiu reparar que ainda estava de mãos dadas com a assistente.

— Surpresa é a minha — Eduardo agiu como se não tivesse abalado — Afinal, eu sou o fotógrafo aqui, não o hoteleiro.

— Diversificando os negócios, entende? — Ricardo continuou, sem se incomodar.

— Perfeitamente — Eduardo foi sucinto, pronto para se afastar.

— Querida, não vai cumprimentar o casal? —— Ricardo olhou para Júlia e só percebeu o quanto ela odiou a situação, ao vê-la pedir licença, com a desculpa de que precisava ir ao toalete.

— Vou dar uma circulada, também — Eduardo finalmente afastou a mão da acompanhante, logo que Júlia se afastou, saindo na direção contrária.

— Por que fez isso, Rico? — Vivian perguntou na primeira oportunidade em que pôde.

— Para te ajudar. Não queria ser correspondida? Agora duvido que ele mantenha falsas esperanças — Ricardo realmente acreditava nisso e Vivian balançou a cabeça negativamente, deixando claro que não concordara com a manobra.

— Com licença — pediu, mas em vez de ir atrás de Eduardo, foi em direção ao toalete.

Júlia estava pálida. Não gostara da atitude de Ricardo e a situação em si a incomodara demais. Não trocara uma só palavra com Eduardo, no entanto, pôde decifrar tudo o que seu olhar lhe dissera. "Cumprimentar o casal?", Ricardo só poderia estar brincando, ao dizer aquilo. Resolveu retocar o batom e o estava fazendo, quando Vivian parou ao seu lado.

— Deveria se envergonhar do que faz — começou, sem ao menos se importar se houvesse outras mulheres dentro das cabines.

— Está mesmo falando comigo? — Júlia não acreditou, era o que faltava.

— Sim. Não se faça de sonsa. Quer dizer, não finja ser mais sonsa do que é. Sim, é com você mesmo que estou falando. Vi a troca de olhares com o Edu.

— Você está viajando! — Júlia tentou ignorá-la, guardando o batom na pequena bolsa que carregava.

— Voltou com o Rico, portanto deixe o Edu em paz. Não vê que ele seguiu em frente?

— Que papel esse que se digna a fazer hein? Achei que não houvesse possibilidade de se rebaixar mais, vejo que me enganei — Júlia a encarou, perdendo a paciência — Você é a pessoa mais sem moral que conheço, portanto, guarde essa sua liçãozinha para quem não a conhece. Antes de falar bobagem, lembre-se: não fui eu quem ficou com ele, enquanto ainda era comprometido. Assim sendo, se teve competência para esse feito tão louvável, não se mostre ridiculamente insegura com essas cobranças idiotas. Se o conhecesse um pouquinho mais, saberia que o melhor lugar para estar é ao lado dele, não aqui, querendo se passar pelo que não é. Assim sendo, poupe-me, pois não tenho

tempo a perder com você — concluiu, saindo, sem dar tempo para que Vivian respondesse qualquer coisa.

Ricardo caminhou no salão, indo ao encontro de Júlia.

— Estava preocupado, demorou demais no toalete, pensei que...

— Não me importa — Júlia o interrompeu.

— O que? — não entendeu a reação dela.

— Não me importa o que pensou, ou deixou de pensar. Estou indo embora.

— Como assim, a noite mal começou, Júlia. Gostaria de te apresentar para alguns amigos e queria que escolhesse uma fotografia para comprarmos, além das duas que já são minhas...

— Pensasse nisto antes de fazer o que fez, Rico. Eu não sou burra a ponto de não perceber. E se importa saber, não gostei!

— Calma! — pediu, receoso, sem ter certeza do que exatamente ela não havia gostado: da cena que ele protagonizara, ou de ver Eduardo acompanhado. A segunda hipótese foi o suficiente para deixá-lo nervoso.

— Você pode ficar e conversar com quem quiser — Júlia manteve-se inflexível.

— Não tem sentido ficar aqui, se for embora, Júlia. Chegamos juntos e iremos juntos.

— Então se apresse, porque você conseguiu acabar com qualquer vontade que eu tinha de ver esta exposição — declarou, começando a caminhar em direção à saída, fazendo com que Ricardo tivesse que apertar o passo para alcançá-la.

◆◆◆

— O que eu fiz de tão grave, que não possa passar a noite contigo? — Ricardo indagou e Júlia olhou para ele sem acreditar que pudesse realmente não saber. Estavam conversando, já fazia alguns minutos, em frente ao prédio dela, pois ela não quisera que ele entrasse na garagem.

— Não gosto de joguinhos, Rico. Se tem alguma coisa para me perguntar, pergunte de uma vez. Mas, não crie teatrinhos! — respondeu — Não sei que droga você quis provar lá na exposição, porém, espero que esteja feliz. Agora se me der licença — tentou abrir a porta do carro novamente e dessa vez Ricardo a destravou, deixando que ela saísse.

Talvez ela estivesse coberta de razão, seria muito mais fácil conversarem sobre um assunto a respeito do qual ele sequer conseguia formular as perguntas que queria saber: se ela chegara a amar Eduardo e se ainda sentia alguma coisa por ele.

◆◆◆

Foi uma noite mal dormida. Ricardo precisava parar de fazer com que fosse do céu ao inferno tão rapidamente. Não gostava desse movimento, causava-lhe vertigens. Aproveitou a carona de Sarah para beijar e mimar bastante o filho, antes de deixá-lo no colégio.

— Ele deu trabalho? — quis saber, enquanto a prima dirigia em direção à Doce Pimenta.

— Trabalho nenhum. O Wagner leu para ele... — o celular de Júlia começou a vibrar, mas ela ignorou, certa de que fosse, Ricardo querendo se desculpar pela noite passada — Não vai atender?

— Não. Voltando à você, não falou que estavam se acertando aos poucos? O que o Wagner estava fazendo lá? — tentou parecer bem-humorada.

— Companhia, contudo não dormiu lá, foi embora bem tarde. Porém, teve tempo para ser fofo com o Lipe. Tenho certeza de que será um ótimo pai... Quem sabe, dos meus filhos.

— A única que sabe é você — Júlia sorriu e estranhou o trânsito próximo à Doce Pimenta. Naquela hora, por mais que a confeitaria ficasse perto de alguns colégios, os carros não chegavam a parar, como estava acontecendo com elas.

— Será que houve algum acidente? — Sarah questionou preocupada.

— Será que foi algo na Doce Pimenta? — o coração de Júlia bateu descompassado — Destrave a porta que vou seguir a pé, Sarah.

— Está certa disto? — Sarah quis saber, pois ainda faltavam dois quarteirões e como Júlia fez que sim com a cabeça, atendeu o pedido. Júlia nem se importou em levar a bolsa, deixando-a sobre o banco de passageiro.

Júlia teve certeza de que era algo na confeitaria, quando percebeu o motivo do trânsito: dois furgões de reportagem estavam impedindo o fluxo de continuar, pois a rua não era muito larga. A cada passo que dava, mais sua aflição aumentava, ao ver o número de jornalistas. Só tinha certeza de que não incêndio, pois não havia carro de bombeiros. O que poderia ser? Arrombamento? Roubo? Pensou nas coisas mais absurdas e que naquele momento pareceriam fazer todo sentido.

Sarah aproveitou-se de que o carro estava parado e apanhou o celular da prima dentro de sua bolsa. A intenção era a de desligar o aparelho, ou colocá-lo no silencioso, porém, interessou-se ao ver o nome de Rui no visor. Assim, atendeu preocupada:

— Aconteceu alguma coisa na Doce Pimenta?

— Não, está tudo bem por aqui, Sarah. Você está com a Júlia?

— Estava, por que?

— Fala para ela não vir para cá em hipótese nenhuma.

— Como assim, por que ela não iria até aí? Seja mais claro, Rui.

— Vazaram umas fotos íntimas dela e a imprensa está aqui, ávida para devorá-la no café da manhã...

— Oi? Fotos íntimas da Júlia? — Sarah pensou que tivesse ouvido errado. Se

fossem dela, vá lá, mas não era a cara da Júlia estes tipos de fotos. Não tinham segredos e se ela tivesse feito algo parecido, saberia. Ficou tão passada que nem teve tempo de dizer que era tarde demais, pois Júlia já deveria estar chegando.

Capítulo 39

Flashes, inúmeros microfones e repórteres falando ao mesmo tempo. Bastou que a vissem para que a cercassem e Júlia ficou no meio deles, sem entender o que estava acontecendo. A confeitaria não havia sido roubada, tampouco acontecera qualquer coisa. Só foi perceber que ela era o motivo de toda aquela aglomeração, quando conseguiu distinguir uma voz, entre todas que falavam ao mesmo tempo. A jovem repórter, de uma rede de televisão concorrente à que passava o programa sobre a rotina da confeitaria, conseguiu destacar-se sobre os demais, questionando de modo direto e tão perto de Júlia e ela teve que se afastar um pouco.

— Acha que esse escândalo é capaz de prejudicar o sucesso do Doce Pimenta?

Então, todos os repórteres se calaram, esperando que ela dissesse algo e Júlia olhou para a moça que havia perguntado com uma expressão perdida, evidenciando que não tinha ideia do que ela estava falando. Que escândalo?

Júlia nem teve tempo de dizer nada, Rui surgiu, abrindo caminho entre os repórteres.

— Ela não tem nada a declarar — apanhou em sua mão e a puxou, praticamente a resgatando dali, não sem dificuldades, conseguindo levá-la para o interior da Doce Pimenta que, por motivos óbvios, estava de portas fechadas.

◆◆◆

Ellen mal desligou o telefone, puxou a cadeira para mais perto do computador. Duas notícias boas, ao mesmo tempo não era possível. Seu sorriso tornou-se ainda maior. Magnifico! Na tela, Júlia aparecia em uma cama. Não estava completamente nua, porém, a parte de seu corpo que estava exposta, já era a suficiente para comprometer bastante sua imagem. Além disso, conhecia

Rico muito bem e podia apostar que ainda que a cozinheira não estivesse nua, ele desaprovaria que a mãe de seu filho parecesse uma desfrutável.

Afastou a cadeira para poder se levantar. Caminhou devagar até a porta e a trancou.

Sem pressa, também, retornou para sua mesa, apanhou o celular e ligou para Constância.

— Você já viu as novidades sobre a cozinheira? — quis saber ao escutar a voz de Constância.

— Só os tolos esperam por novidades, Ellen. Fiz com que acontecessem — Constância não escondeu o orgulho que sentia.

— Está dizendo que...

— Eu havia falado que pressa e perfeição não caminham juntos, Ellen. Também avisei que o tiro seria certeiro.

— Mas, como? Dê-me detalhes... Imaginei tantas coisas, menos que pudesse ser você.

— Sempre soube que o romance da cozinheira com o Eduardo poderia me ajudar...

— Foi com ele que conseguiu as fotos?

— Claro que não, Ellen, pense! Eduardo é um banana! Há algum tempo, estive no apartamento dele e descobri as fotos por acaso, em uma máquina digital. Mesmo não sendo nenhuma expert em tecnologia, consegui colocar o cartão de memória da máquina e cá estamos.

— E por que esperou tanto?

— Além de mim e de você, quem é que conhecia a cozinheira antes? — Constância indagou bem séria e diante do silêncio de Ellen continuou — Não dá para derrubar quem está no chão. Verdade que a confeitaria estava ganhando algum destaque, porém, não era grande coisa. O melhor que poderia acontecer foi esse reconhecimento que o programa conferiu à cozinheira. Enquanto para

ela conferiu notoriedade, para mim, ofereceu o momento certo. Depois, bastou fazer as fotos chegarem a um jornalista especializado em fofoca.

— É impressionante como tem contatos nos lugares certos. Você pensa em tudo...

— Qualquer coisa para manter essa mulher longe do meu filho. O Rico vai fazer a divulgação das fotos parecerem pouco, quando encontrá-la. E, para completar minha felicidade, vai apressar a saída do meu neto da senzala.

— Acho que seu desejo será atendido o quanto antes — Ellen sorriu, antes de perguntar mais detalhes para Constância.

◆◆◆

Ricardo não se conteve, atirando tudo o que estava em sua mesa no chão, para a surpresa do investigador.

— Tem certeza do que está falando? — quis saber, inconformado.

— Fiz o que me pediu, eu me desdobrei para encontrar o tal médico e o encontrei. Ele não concordou em retornar ao Brasil, porém, mediante o dinheiro que me mandou oferecer, caso estivesse irredutível, falou tudo o que acabou de escutar. É claro que não sabia que eu estava gravando.

— Nem sei o que dizer. Mentiria se não dissesse que, de um tempo para cá, já desconfiava. Porém, esperava muito estar enganado — inconformado, balançou a cabeça. Era difícil suportar que desconhecesse totalmente sua mãe e que ela fora a responsável por sua infelicidade. Passou a mão na testa, respirou fundo e retornou para trás da mesa, acomodando-se em sua cadeira. Pouco lhe importava que a sala estivesse uma bagunça. Acreditava que, ainda assim, não se comparava à sua cabeça — Se eu não tivesse conseguido reconquistar a mulher que amo, faria questão de ir até Sidney e apanhar esse cara pelo colarinho, até que ele confessasse o que fez. Muito me indigna que um cara desses ainda seja médico.

— Bastante respeitado, ao que tudo indica.

— A ponto de usar um nome falso... — continuou, ainda abismado com tudo o que ouvira — Agradeço seu empenho, será muito bem compensado por isso. Agora, será que pode me deixar sozinho? — pediu, vendo o homem deixar uma pasta com o fruto de meses de investigação, incluindo um pendrive com o áudio que ouvira, em cima de sua mesa.

Assim que o investigador abriu a porta, assustou-se com a presença da secretária.

— Desculpe-me — Solange disse sem jeito, dando um passo para o lado para o homem sair — É que ouvi o barulho, perguntaria se estava tudo bem.

— Depende — o homem sorriu para ela — Fiz o meu trabalho, ou seja, trouxe as respostas. Só não sei se era isso o que o seu patrão gostaria de ouvir — cumprimentou-a com um menear de cabeça e saiu.

Solange o viu se afastar, antes de dar duas batidas na porta e, entrar.

— Senhor Vidal, precisa de algo? — entendeu perfeitamente o barulho ouvido ao ver o estado do escritório.

— No momento, apenas ficar sozinho, Sol. Depois, peço para mandar alguém para arrumar isto aqui.

Sem precisar ouvir mais nada, virou sob os calcanhares e fechou a porta.

◆◆◆

Se tivesse ideia de que encontraria Ricardo e Júlia, não teria convidado Eduardo. Afinal, não era cega, nem tola para ignorar o quão mexido ele havia ficado com o encontro e saber que ele não a esquecera totalmente, machucou-a. Havia sido pretensiosa, não tinha dúvidas, porém, acreditara que, se ele se rendera à atração existente entre eles, era um sinal de que o relacionamento não caminhava muito bem.

Pelo menos, ele não achara que fora cúmplice, pois vira sua surpresa. A verdade é que caíra facilmente na armadilha preparada por Ricardo e, por mais

que tivesse desaprovado a atitude, admitia que o patrão usava todas as armas que possuía para ficar ao lado da mulher que amava. Algo assim, ela não conseguiria fazer, ainda que quisesse muito ficar e ser importante na vida de Eduardo.

A volta para a casa, na noite anterior, havia sido péssima. Ele não dissera uma só palavra, e mesmo com uma vontade imensa de perguntar para ele o que o relacionamento deles significara, Vivian também havia se mantido calada. Logo, por conta do clima fúnebre no carro, surpreendeu-se quando Eduardo aceitou seu convite para ficar. Ficou mais surpresa ainda, por ter sido a primeira vez em que não transaram. Embora tenha se aninhado nos braços dele, percebeu que ele quem precisava de abrigo. Poderia ter ficado cismada com a atitude, ainda mais depois do encontro com Júlia no banheiro, porém, viu aquilo como a primeira abertura que ele lhe concedera.

De manhã havia sido muito bom acordar ao lado dele e só não ficara melhor por conta do telefonema que o fizera afastar-se e se sentar na cama.

— Como é, Sarah? — viu a expressão dele se modificar — Claro que não. Nem sei do que está falando — defendeu-se — Não estou online. Vou ver — disse, antes de desligar.

— Algum problema, Edu? Quem é Sarah?

— Só um momento, Vivian — pediu, entrando na internet através do celular. Digitou o endereço de um site comum e imediatamente entendeu do que ela estava falando — Merda!

— O que há? — Vivian ficou ainda mais preocupada ao vê-lo se levantar e começar a colocar a roupa apressado, preparando-se para ir embora.

— Ela nunca acreditará em mim! — resmungou mais para si mesmo do que para Vivian, mas foi o suficiente para estragar aquele despertar que, até então, considerara perfeito. Mesmo sem ele proferir, pelo tom de voz, soube que se referia à Júlia.

◆◆◆

Júlia olhou para a tela estarrecida, a mão na boca, a cabeça balançando em negação. Em tão pouco tempo, novamente uma foto estragando o seu dia! Era algum tipo de moda? Sorriu nervosa, porque a vontade era de chorar. Será que seu pai tinha razão e deveria se manter afastada da família Vidal? Pensar no pai, fez com que se desse conta de que ele, àquela hora, já deveria ter visto. Se foi assim com a foto de Ricardo, imagine com a sua. Só que neste caso, sabia que ele se envergonharia.

A decepção ficou estampada em seu rosto. Não sabia dizer o que lhe doía mais: saber que aquela foto saíra da máquina de Eduardo, ou constatar que representava um momento feliz.

— Que mal eu fiz aos deuses? — suspirou, quebrando o silêncio e Rui sorriu cúmplice — Como se não bastasse, estou sitiada na minha própria confeitaria! O que esses jornalistas querem que eu diga! Posso garantir que estou mais surpresa do que qualquer um deles.

— Quanto ao sítio, prepare-se, pois a Andreia irá lá fora, distrair os abutres, enquanto a Sarah vai estacionar na saída dos fundos. Será o seu momento...

— Vocês são tudo, muito obrigada, Rui... Mais um motivo para não me conformar! Logo agora que a Doce Pimenta estava indo bem, tinham que surgir essas fotos. Parece que quando um lado da minha vida está bom, o outro desanda — desabafou.

— Calma Júlia, não há tempestade que dure para sempre — Rui se aproximou da amiga, desligando o computador, sem encontrar resistência por parte dela. A verdade é que já havia visto a imagem demais. Por conta de tudo o que acontecera, os funcionários haviam sido dispensados e só os confeiteiros permaneciam no lugar, de modo que, para conversarem no escritório, foi necessário desligar o telefone que não parava de tocar. Alguns deveriam ser novos contratos, mas a maioria, tinham certeza de que era a imprensa tentando contato.

— Estou querendo muito acreditar nisso, Rui, mas está difícil. Parece que de uns tempos para cá, é só trovoada — respirou fundo — Tudo o que eu queria era sumir.

Karin bateu duas vezes na porta, pedindo licença para entrar. Não se surpreendeu com a expressão abatida da amiga e patroa. Se fosse com ela, nem

saberia como agir.

— A Andreia acabou de sair e a Sarah está te esperando, Júlia.

— Nem sei o que faria sem vocês! — Júlia agradeceu, levantando-se — Sinto muito que isso esteja os prejudicando também... Queria tornar a Doce Pimenta conhecida, mas não desse modo.

— Deixe de bobeira! — Rui a repreendeu — A Doce Pimenta já é conhecida por sua causa, muito antes dessas fotos.

— Eu sei, mas agora que realmente entramos na grande mídia, temo que essa má publicidade possa afetar a confeitaria... Prejuízo já deu, estarmos fechado indica isto.

— E daí se afetar, Júlia! Você a ergueu a marca do nada, confiando apenas em seu talento. Tem medo de fazer tudo novamente, se for necessário?

— Claro que não! — afirmou e pela convicção, ficou claro que estava sendo sincera – Acontece que às vezes, cansa — piscou para ele, acompanhando Karin e deixando a sala.

◆◆◆

Um pouco por curiosidade, muito porque o silêncio de Júlia a estava matando, Sarah atreveu-se a tocar no assunto.

— Até agora não consigo imaginá-la tirando esse tipo de foto.

Júlia olhou bem para a prima. Sarah a conhecia muito bem a ponto de saber que era reservada demais em relação aos assuntos que tratavam de sua vida pessoal. Logo, posar para uma foto íntima, realmente não combinava com ela.

— Sinal de que me conhece, Sarah. Fui contra, mas o... — percebeu que só de pensar no Eduardo, sentia raiva — Mas ele acabou tirando, mesmo assim. Disse que era para guardar de lembrança! Guardar! — riu nervosa — Na primeira oportunidade, usou isso contra mim.

— Não pode ser do mesmo Edu que estamos falando, Júlia — Sarah rebateu sem hesitar —Ele não é mau caráter para fazer uma coisa dessas. Desculpe, mas não acredito.

— Pode ter certeza de que há uma parte de mim que se recusa a acreditar, porém, fica complicado inocentar o homem que tirou as fotos e que era a única pessoa a tê-las. E depois, ele me viu com o Ricardo pela primeira vez e o clima foi muito estranho...

— Ok, imagino que tenha sido estranho para você também, porém, desculpe ficar te contradizendo, no entanto não me parece a cara do Edu atacar de "vingança pornô". Pelo amor de Deus, Júlia. Estamos nos referindo ao cara que comprou livros sobre bebês só para saber como deveria agir, quando o Lipe nascesse. Sinto muito te dizer, mas essa atitude, não é de alguém que sai por aí expondo a ex namorada, só porque não estão mais juntos. Além do mais, ele pareceu tão surpreso quanto você, quando falei com ele...

— Você fez o que?

— Isso mesmo, fui lhe dizer alguns desaforos e ele não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Desculpe, mas só me fez acreditar que não foi ele.

— Você não deveria ter ligado... — Júlia a repreendeu, mas sem muita firmeza. Estava abatida demais para discutir com sua melhor amiga..

— Desculpe. É que quando a coisa não é tão clara, minha tendência é a pensar em todos os detalhes. Tem muita coisa estranha te acontecendo. Mas, se ainda assim, tiver certeza de que foi ele, , sabe que há medidas legais, não é? Esse tipo de crime já tem punição...

— Não tenho certeza de coisa alguma — seus olhos se encheram de lágrimas — Eu não era assim... Portanto, é claro que irei atrás dos meus direitos, mas pena alguma vai conseguir diminuir o que estou sentindo agora. Desse jeito, vou acabar virando perita em sofrer humilhações públicas!

— Pode parar, Júlia. Você não é assim, nem vou deixar que se torne. Sem essa de querer jogar a toalha. É meu exemplo de mulher guerreira e batalhadora. Não serão umas fotos, nas quais nem está nua completamente, as responsáveis por você desistir, não é mesmo? Dos males o menor, pelo menos está com o corpo em forma — falou séria e surpreendeu-se com a risada da prima.

— Só você mesma para me fazer rir de uma situação como essa.

— Mil vezes vê-la rindo do que chorando — Sarah dobrou sua atenção ao volante, diminuindo a velocidade ao chegar perto do prédio de Júlia. Felizmente não havia repórteres lá.

— Obrigada. O apoio está vindo de onde tinha certeza de que viria, caso precisasse. Muito grata, Sarah. Estou sem coragem de falar com a minha mãe, acredita nisso? Desliguei o celular, apenas para evitar esse momento.

— Acho que não deve temer, minha tia te ama demais e vai apoiá-la também.

— Assim, espero, porque vai ser difícil suportar as palavras do meu pai... — respirou fundo mais uma vez — Quem diria, estou me sentindo uma adolescente que fez algo de muito errado e está com medo da reação de seus pais... Por falar em pais, será que você pode...

— Apanharei o Lipe e o levarei para minha casa — Sarah a interrompeu — E quanto à culpa, pode abandonar este posto, pois você é a vítima aqui — e quando entraram na garagem, Júlia ainda sorria, porém, era um sorriso tímido e que estava ali somente para não preocupar ainda mais a prima, mascarando o dor que sentia.

Para completar sua maré de sorte, o elevador da garagem estava em manutenção e, assim, foi preciso subir de escadas até a portaria para, de lá, apanhar o outro.

◆◆◆

Sarah foi a primeira a vê-lo e fez uma careta. Ainda não acreditava que ele tivera sido capaz de um ato tão baixo e sua presença no hall demonstrava que estava certa. Ao vê-lo, Júlia teve vontade de dar meia volta e só não o fez porque Sarah segurou em seu braço.

— Desde quando é de fugir? Pode parar com isso, vocês têm muito a conversar! — falou — Você nunca foi covarde, Júlia, não começará agora, não é

verdade?

Eduardo caminhou até elas. Pelo modo como Júlia o olhou, teve certeza de que não acreditaria em uma palavra sequer, porém, tinha que dizê-las. Ela não o cumprimentou, em vez disso, passou por ele e foi em direção ao elevador, apertando o botão impacientemente. Um senhor juntou-se a ela e Júlia cumprimentou-o educadamente, envergonhada demais para olhá-lo nos olhos. A sensação era muito ruim, parecia que todas as pessoas tinham visto as tais fotos.

—Vá falar com ela, Edu — Sarah o aconselhou, porém, antes que ele o fizesse, fez questão de dizer o que achava — Não acredito que tenha feito isto. Mas se fez, pode ter certeza de que acabou de ganhar uma inimiga, para sempre.

— Juro que não fiz — olhou dentro dos olhos de Sarah e virou-se a tempo de ver Júlia, abrindo a porta do elevador — E tampouco a quero como inimiga — completou, antes de apertar o passo e conseguir entrar no elevador, antes que ele se fechasse. Teve sorte de que o senhor, ao vê-lo, apertou o botão que mantinha a porta aberta. Eduardo buscou os olhos de Júlia, mas eles olhavam para o chão.

O clima estava tão pesado que o senhor olhou para Eduardo e, sem cerimônia, comentou:

— Vocês mais novos brigam com os namorados e parece que acabou o mundo. Não liga, daqui a pouco estarão bem novamente.

— Nós não... — Eduardo chegou a gaguejar e Júlia ergueu o rosto para contemplar o senhor que dissera aquilo com a maior naturalidade.

— Já os vi juntos antes, meu jovem, portanto não precisa negar. Só falta aquela criança adorável...

Júlia agradeceu mentalmente, quando chegou seu andar e, mesmo estando no fundo do elevador, disse um bom dia bem baixo e saiu primeiro, uma vez que Eduardo ficou segurando a porta para que ela o fizesse.

— Torcendo para que façam as pazes, meu jovem — o homem retrucou, quando Eduardo desejou-lhe um bom dia. Acabou sorrindo sozinho, quando a porta se fechou, pois se ela o perdoasse já estaria ótimo.

Júlia abriu a porta sem pressa e hesitou, antes de fazer um sinal para que ele

entrasse. Eduardo entrou, no entanto, não conseguiu se sentar, aguardando que ela trancasse a porta. Ela inspirou e expirou lentamente, quando se virou para encará-lo.

— É muita coragem sua aparecer, depois de tudo isso!— a mágoa ficou estampada em sua voz e nos olhos cheios de lágrimas — Por que, Edu? — a pergunta que lhe fez doeu mais do que se ela tivesse acertado seu rosto em cheio.

— Você acredita mesmo que eu seja o responsável por toda essa exposição? — olhou-a aborrecido — Pelo amor de Deus, Júlia! Achei que me conhecesse, não sou um moleque, seria incapaz de expô-la desta forma.

— Você tirou as fotos, mesmo após ter pedido para não fazê-lo! — continuou, descontando nele tudo o que estava sentindo, sem se importar em limpar a primeira lágrima que desceu — Disse-me que apagaria e mentiu! Se tivesse cumprido sua promessa, nada disso teria acontecido.

— Eu sei! — ficou abalado em vê-la chorando. Sentiu-se mal em saber que, de alguma forma, era responsável pela sua dor. Sua emoção exigia que se aproximasse, enquanto a razão, fazia com que ficasse imóvel — Errei em tê-las tirado sem sua permissão e não tê-las apagado, peço perdão por isso. Depois que a gente acabou... — fez uma pequena pausa, para não falar além do que devia — Não consegui apagá-las de imediato. No entanto, juro por tudo de mais sagrado que jamais usaria essas fotos contra você!

— Quero muito acreditar em você, porém, elas estão lá disponíveis para quem quiser ver e saíram da sua máquina!

— Sim saíram — admitiu — Contudo, não fui eu quem as disponibilizei. Não me vingaria de alguém que só me fez feliz, ainda que esta pessoa não me quisesse mais. Convivemos há mais de três anos e se não consegue enxergar isso, então, realmente não posso fazer nada. Não tenho provas da minha inocência, só minha palavra. Vai de você, aceitá-la ou não.

As frases dele tocaram-na pela primeira vez. Estava a ponto de agir exatamente como condenava e, por mais raiva que estivesse, isso não era de seu feitio. Controlou-se, tentando, raciocinar.

— Então, acredita que alguém entrou em seu apartamento e as tirou da sua máquina?

— Por mais impossível que possa parecer — ele fez que sim com a cabeça.

— Há chances de ter sido a sua atual namorada? — Júlia deixou escapar, arrependendo-se imediatamente. Porém, depois daquela conversa no banheiro, ficou claro que aquela mulher não lhe nutria simpatia alguma.

— Não estamos namorando e ela não frequenta o meu apartamento — fez questão de esclarecer e o fez como se estivesse se justificando, o que foi bem estranho.

— Desculpe... Se estivessem, não seria da minha conta. Estava só buscando alguém que tivesse trânsito livre em seu apartamento — tentou consertar.

— Ela não tem — Eduardo disse sem graça e teria completado a frase dizendo "nem livre acesso ao meu apartamento, nem ao meu coração", se não conseguisse frear a língua — E nem seria capaz de algo assim, mas juro que descobrirei quem esteve lá durante a minha ausência.

— Mais alguém quer o meu mal? Eu me recuso a acreditar que a Ellen esteja envolvida nisso também. Afinal, o que fiz para aquela mulher para ela me odiar tanto?

— Os invejosos incomodam-se com o sucesso alheio, Jú...lia. Em todo caso, não seria tão branda assim, em relação àquela mulher...

— Por que está dizendo isso? Sabe de algo que eu não saiba? — preocupou-se.

— Não — mentiu. Apesar de ser uma informação importante, havia combinado com Rui de falar antes com Ricardo, e só revelar para Júlia sobre a participação da Ellen no dopping, quando fosse seguro. Dizer agora nada serviria, além de deixar Júlia mais nervosa — Só acho que é necessário ficarmos atentos com ela. No entanto, concordo com você e não acredito que tenha sido a Ellen — pensou na história de sua verdadeira mãe e a imagem de Constância veio em sua mente — Teria que ser alguém que, por algum motivo, o porteiro deixasse entrar. Prometo, e dessa vez farei questão de cumprir, que não sossegarei enquanto não souber o nome dessa pessoa.

— Só queria um pouco de paz, será pedir muito? É duro ter que lutar com inimigos que agem nas sombras e te ferem quando menos espera.

— Seja quem for, há de pagar, Júlia. Porque as pessoas que te a... que gostam de você, não deixarão que vençam no final — sua vontade era de abraçá-la, porém, manteve-se afastado — O agradecimento por acreditar em mim será descobrir o responsável por isso. Juro, assim que souber, eu o denunciarei à polícia por ter invadido, roubado as fotos e as divulgado.

— Espero que consiga...

— Nem que seja a última coisa que eu faça, Júlia — prometeu, aproximando-se dela, para ir embora. Acabou cedendo à tentação e limpando a lágrima, chegando a tremer ao fazê-lo — Se eu soubesse que essas fotos te prejudicariam tanto, não as teria tirado. Vou me redimir, achando o verdadeiro responsável. Perdão!

Júlia fez que sim com a cabeça e não se esquivou, quando ele depositou um beijo em sua testa, antes de passar por ela, destrancar a porta e sair.

◆◆◆

— O que há com ele? — Ellen tentou não sorrir ao fazer a pergunta. Da antessala era possível ouvir Rico discutindo com alguém por telefone. Solange e Vivian olharam-na ao mesmo tempo, sem ter uma resposta para a pergunta — Pelo jeito, nem tentaram descobrir.

— O que sei é que ele está irritado, como jamais vi antes — Solange respondeu e antes que pudesse dizer que ele ficara assim, após a visita do tal homem, Ellen estendeu a mão, pedindo a chave da porta.

— Melhor não, Ellen. Se ele está trancado, é porque não quer ser incomodado.

— Deixe de ser medrosa, Solange. Dê-me logo esta chave, eu me entendo com o Rico — exigiu e a viu a secretária temerosa, apanhar a chave na gaveta. Uma vez em posse da chave, saiu rebolando em direção à porta do escritório, destrancando-a sem hesitar.

— Ela é sempre tão autoconfiante? — Vivian quis saber, assim que a viu entrar na sala de Ricardo. Ela mesma não ousara fazê-lo, preferindo esperar o momento em que ele saísse para conversar com ele.

—Na maioria das vezes — Solange confirmou — Principalmente no que se refere ao senhor Vidal.

Ricardo não gostou de ver Ellen, mas não a fez sair, como ela imaginava. Nervoso como não o via há tempos, sentou-se diante dele e esperou que acabasse sua discussão com um fornecedor do hotel que não cumprira os prazos.

— Queria ficar sozinho — encarou-a, assim que colocou o telefone na base —Deveria ter respeitado isso.

— Tudo isso por causa daquela mulher? — Ellen olhou em volta e jogou as palavras no ar e viu a expressão confusa de Ricardo, como se não entendesse ao que estava se referindo. Não era possível que estivesse falando de sua mãe.

— Está falando de que? — a visita do investigador e a confirmação de que Constância estivera por trás da farsa o deixara tão nervoso que nem havia saído do escritório.

— Sobre a mãe de seu filho, sobre quem mais seria?—— Ellen indagou, ficando surpresa ao notar que ele ainda não sabia. Estava crente que sua irritação fosse proveniente disso.

—Por que estaria nervosa com a mãe do meu filho? — Ricardo fez-se ainda mais sério.

— Porque ela é notícias, oras! Em que mundo você está Rico? Ela está em todos os sites e até em programas de fofoca da televisão aberta — levantou-se, deu a volta na mesa, ficando ao lado dele e inclinando-se, de modo que seus seios quase tocassem no rosto dele, para mexer em seu notebook, a única coisa que ainda permanecia no lugar. Rapidamente abriu a página de um site bastante conceituado.

Ricardo arregalou os olhos, engolindo em seco ao ler a manchete: Fotos apimentadas da chef, Júlia Pimenta. Ellen se afastou um pouco e, com cara de satisfação, viu-o clicar no artigo e de lá no link do primeiro site a divulgar as fotos.

◆◆◆

Sua vontade ao atender o interfone era dizer que não o atenderia. Não mentira ao dizer que desejava um pouco de paz e isto significava ficar em silêncio, sozinha, se possível no escuro. Desde que Eduardo saíra do apartamento era como estava. Mesmo desligando os telefones, fixo e celular, sabia que não poderia escapar de falar com Ricardo e ele não lhe frustrara, aparecendo em seu prédio.

Não tinha estrutura para mais uma conversa difícil, ainda assim permitiu que ele subisse, deixando a porta aberta e voltando para o sofá.

Ricardo não demorou muito e pelo modo como respirava parecia ter subido os lances de escada a pé, ou melhor, correndo. Tocou a campainha, antes de constatar que a porta estava aberta e entrou.

— Porra, Júlia! Que merda é aquela? — indagou, sem esconder o nervosismo — Tinha mesmo que posar para o Edu? Era mesmo necessário? Tem noção do quanto de pessoas a viram? Tem ideia do quanto sua imagem já foi replicada? Imagina o número de homens que neste momento estão apreciando cada parte do seu corpo e se tocando diante da sua imagem? Caralho! Não vai dizer nada?

— Para que falar, Rico, se você só gosta do som da própria voz?

— O meu dia já estava um desastre e conseguiu piorar muito ao ver suas fotos picantes...

— Acha que o meu dia está bom, Rico? — perdeu a paciência — Droga! Deixe de ser egoísta e pare de pensar somente em si mesmo! Fui a pessoa mais atingida pela divulgação das fotos, não você. Sim, eu tenho ideia de que todas as pessoas que me conhecem já viram as imagens. Também tenho ideia de que muitos clientes viram a imagem, ou que os pais do colégio onde o Lipe estuda viram as fotos. E, por fim, tenho noção de que meus pais e todos meus parentes, também, viram as imagens. Posso te garantir que não estou nada feliz com a sensação de que todas as pessoas, conhecidas ou não, possam ter visto as fotos.

Se pudesse, não sairia mais daqui.

Ricardo arrependeu-se da forma como falara. Aproximou-se dela e sentou-se ao seu lado no sofá.

— Desculpe-me. É claro que você é a mais prejudicada! Por favor, não leve em consideração nada do que disse, estava nervoso demais para raciocinar o quanto estava sendo idiota — acariciou o rosto dela e ficou feliz por ela ter permitido — Fui egoísta mesmo, porque não consigo entender que a levou a tirar fotos seminua,afinal que tipo de homem gostaria de exibir sua namorada?

— Não posei para as fotos, Rico, será que consegue entender isso? E o Edu não pretendia exibir-me para ninguém!

— Se não posou, concluo que ele tirou sem o seu consentimento e e você ainda defende o cara? — ela suspirou, desistindo de conversar com ele e Ricardo puxou-a para si num abraço — É mais forte do que eu, não consigo me segurar — impossível diminuir a raiva que sentia — Pois, só um canalha para tirar as fotos sem que você percebesse.

— Não foi assim, não posei, mas o vi bater as fotos e não me importei, pois ele disse que as apagaria.

— Mas não o fez! Tem que deixar de ser ingênua, Júlia. Ele não só apagou, como as divulgou. Caramba! Você não imaginou que ele pudesse fazer algo assim?

— Não foi ele, Rico! E não imaginei, porque o Edu jamais faria algo assim.

Ricardo parou de abraçá-la, para olhar em seu rosto.

— O cara tira as fotos sem você desejar e depois elas aparecem na internet por mágica? Por favor, Júlia!

— Estou dizendo que não foi o Edu quem as divulgou! Ele me disse e eu acredito nele.

— Ele te disse? Quando? — quis saber, irritando-se com a informação — Vocês estiveram juntos hoje?

— Ele veio aqui sim, para se explicar e me dizer que não as divulgou — Júlia confirmou e viu Ricardo franzir a testa.

— Quais os argumentos que ele usou para te convencer? Você gosta de ser enganada?

— Não gosto de ser enganada, mas acredito nas pessoas Ricardo — disse nervosa — Se ele me jurou que não fez nada, acredito nele. Como acreditei em você, quando disse que não tinha nada com a sua gerente, apesar de ter sido fotografado aos beijos com ela.

— Um beijo apenas e foi totalmente diferente — defendeu-se.

— Por que diferente? Só porque era você? Foi exatamente a mesma coisa, as provas não estavam a seu favor e, mesmo assim, fiquei com a sua palavra.

—No entanto, revelei o motivo daquilo tudo... Duvido que o Eduardo tenha te revelado qualquer coisa significativa. Ele nos viu juntos, não gostou e agora está querendo se safar.

— Quer mesmo voltar à este episódio lamentável? — achou que não era o momento de voltarem ao último motivo pelo qual haviam discutido — Você tem que aprender a acreditar nas pessoas que gosta, Ricardo. Se tivesse feito isso, nunca teríamos nos separado.

—Voltamos a isso? — imitou-a — Sempre acabamos nesse mesmo assunto! —queixou-se — Será que nunca vai me perdoar pelo que te fiz?

— Será que nunca vai aprender e sempre repetirá os mesmos erros? — rebateu.

— E o que quer dizer com "pessoas que gosta"? Você gosta do Edu ainda? É por isso que acreditou tão fácil na desculpinha dele?

Júlia bufou. Estava esgotada demais para continuar discutindo com Ricardo.

— Não dá, desculpe! Será que você pode ir embora? — pediu — Acho que sua presença aqui só vai me deixar pior.

Ricardo não esperava pela declaração e ficou sem ação. Foi a primeira vez

que percebeu todo o abatimento dela. Não queria, de maneira alguma, contribuir para seu sofrimento.

—Não quero deixá-la pior, Júlia. E também não quero ir embora. Estou cansado de brigar com você. Quero ficar ao seu lado. Desculpe-me. Permanecerei aqui, mesmo calado — havia sido tão descuidado em suas cobranças que não o espantava Júlia querer ficar sozinha — Estou tomando as medidas legais para retirar as imagens do ar. Sei que ainda não é minha esposa, mas pedi para meus advogados para estudarem o caso e verificarem o que poderemos fazer. Logo, todos que as exibirem pagarão uma multa substantiva, além de serem obrigados a indenizá-la.

— Como consegue ser prático em meio ao caos?

— É assim no mundo dos negócios, Júlia. Ou você contra-ataca rápido ou vão achar que sentiu o golpe.

— E quem disse que não senti? — confidenciou e Ricardo abraçou-a novamente, envolvendo-a em seus braços e depositando um beijo em seus lábios.

— Prometo que se depender de mim, vai se refazer dele. Vou pensar antes de falar e não a magoarei de novo. Além disso, não deixarei ninguém nos separar dessa vez. Não me afastarei de você, até que as coisas melhorem. E você vai ver, hão de melhorar e ainda desfrutaremos de muitos momentos bons para compensar todos os ruins que já vivemos.

— Espero que esteja certo, Rico, porque não aguento mais tanta pancada.

— Se depender de mim, serão só beijos — prometeu — Quer que eu busque o Lipe?

— Pedi para a Sarah ficar com ele. Não queria que me visse deste jeito...

— Tudo bem — assentiu — Nem eu quero vê-la desse jeito. Seu sorriso é a parte mais bonita do meu dia, sem ele é sempre chuva. Então, trate de fazer com que ele volte logo, porque sabe o quanto eu odeio dias chuvosos.

Júlia sorriu, apoiando a cabeça no ombro dele. Era tudo o que mais queria, ter a sensação de alegria, sem tanto conflito ao redor. Mas cada vez mais, este

desejo parecia ficar distante, quase inatingível.

Ricardo ficou com ela até quase onze horas da noite e praticamente a obrigou a se alimentar, o que foi uma vitória já que não conseguiu convencê-la a falar com os pais.

— Se não fosse pela vigilância da Ellen, adoraria passar a noite com você. Tenho que chegar fingindo estar uma fera com você, quando o que mais queria era cuidar para que melhore logo.

— Dormiria aqui mesmo que eu não esteja no clima?

— Principalmente por isso, porque você não está bem e tudo o que não quero é vê-la infeliz. E, além disso, não preciso fazer amor com você para ter motivos para permanecer a seu lado.

— Você é a pessoa mais estranha que conheço, Rico — Júlia disse de modo franco.

— Por que sou estranho? — não entendeu.

— Porquê, ao mesmo tempo em que me irrita, diz as coisas mais lindas. Você me confunde demais.

— Sei que sou egoísta, ciumento, impulsivo... Mas, apesar de tudo isso, sou sincero e posso te dizer que meu amor por você também é de verdade — declarou, antes de se despedir com um selinho.

◆◆◆

No dia seguinte, Júlia acordou por volta das nove horas da manhã, por conta do toque insistente no interfone. Também não lhe causou surpresa ao saber que era sua mãe. A falta de contato, fizera com que ela fosse procurá-la.

Levantou-se da cama sem vontade e se arrastando foi até a porta, chegando exatamente no momento em que a campainha fora tocada. Abriu de uma vez e ficou surpresa ao perceber que a mãe não estava sozinha. Além dela, havia mais

duas pessoas: seu pai e um homem que não conhecia, todo trajado de terno e gravata.

— Desculpe, filha, mas o homem queria falar com você — Salete foi quem quebrou o silêncio.

— Meu nome é Sérgio Oliveira — o homem estendeu a mão para ela — Pertenço ao quadro de advogados do escritório que representa o senhor Vidal — explicou e Júlia imaginou que ele tivesse vindo buscar uma procuração para poderem agir em seu nome, contra o sites que divulgaram as fotos.

—Veio por conta da procuração, imagino... — Júlia quis ter certeza.

— Na realidade não. Vim para discutir com a senhora os detalhes do pedido.

— Pedido? — Júlia sentiu-se tola em ficar repetindo, no entanto, não sabia do que ele estava falando. Os pais de Júlia, também quiseram entender ao que ele se referia. Vendo-se com alguns expectadores, o advogado arrumou a postura e, sem dificuldades, abriu a maleta, retirando dela uma folha, estendendo-a na direção dela.

— Sim. Do pedido de guarda do menor Felipe Lins Pimenta Vidal.

Capítulo 40

— Você só pode estar brincando! Não há pedido nenhum de guarda do meu filho — Júlia sentiu o sangue ferver — Quando é que esse pesadelo acaba? Juro que não aguento mais — questionou para si mesma, passando a mão sobre a testa — Posso saber desde quando vocês estão tratando disso?

— Costuma ser o processo natural, após o registro ter sido modificado — o advogado respondeu calmamente — Porém, as papeladas para a guarda foram solicitadas um pouco depois.

— Quanto tempo depois? — Júlia encarou-o interessada na resposta e quando o advogado respondeu a data, ficou furiosa, pois o pedido datava de um dia depois que o menino havia engasgado.

— Vim aqui para te dar mais detalhes — Sérgio continuou, na expectativa de ser convidado a entrar, visto que aquela conversação estava sendo realizada na porta.

— Olha só, não sei se percebeu, mas está cedo demais e tenho visitas. Não dá para e recebê-lo agora. E para ser bem sincera, quero falar com o senhor Vidal pessoalmente, não com os seus advogados.

— Desculpe-me, senhorita Pimenta — o homem ficou constrangido — Farei como achar melhor. É que, como advogado, sempre buscamos um acordo entre os pais, antes de abrir o processo em si, é sempre melhor para a criança evitar o litígio...

— Minha filha já entendeu — Ivan o interrompeu — E se a escutou, ela não pode e nem quer falar com o senhor.

— Desculpem-me — a face do homem estava vermelha — Depois o escritório entra em contato com a senhorita — falou, antes de dar as costas e se retirar.

Júlia e os pais observaram-no entrar no elevador que ainda estava no andar e a porta se fechar. Quando finalmente se viram a sós, Salete foi quem se dirigiu à

filha.

— Que ideia é esta de não atender minhas ligações? Eu e seu pai estávamos preocupados.

— Preocupados ou envergonhados? — Júlia perguntou amarga, olhando para o pai — Vamos pai, diga o que realmente está pensando!

— Sei que temos nossas diferenças, Júlia, mas não sou o ignorante que julga que eu seja. Eu me preocupo com a minha única filha, mas sei muito bem que você foi vítima nesta situação. O que faz ou o que deixa de fazer, quando está namorando, não interessa nem a mim, nem à sua mãe, muito menos para todo mundo que recebeu estas fotos. Sou um homem antigo, mas sei que para vocês mais novos, é comum, essas demonstrações de carinho. Não vim para julgá-la, já tem gente demais fazendo isso, filha. Vim porque, conforme sua mãe disse, estava preocupado.

Júlia não aguentou a declaração do pai, dando dois passos até ele e o abraçando. Sentir que ele estava falando sério, fora um alento no meio de tanta coisa.

— Vamos entrar — Salete sugeriu, com os olhos cheios de lágrimas — Estava achando que não fariam as pazes nunca mais.

— Nunca me envergonhei de você, está entendendo? — Ivan apanhou no rosto dela, para que o encarasse — Vi você transformar seu amor por doces em seu ganha-pão, criar um filho sozinha e nunca reclamar por isso, sinceramente não há motivos para me envergonhar de você. Acontece que sou seu pai e a vejo do mesmo jeito que você enxerga o Lipe, para mim sempre será a minha garotinha, aquela a quem preciso proteger e poupar dos sofrimentos. Se exagero, se sou duro com você, é porque não quero que sofra mais; não quando seu velho pai é incapaz de impedir que coisas ruins te aconteçam.

— Só preciso do seu amor pai. Só ele basta para que eu me sinta protegida — Júlia declarou, beijando-o no rosto.

— Vamos entrar, antes que sua mãe nos dê uma bronca — Ivan sorriu, colocando o braço em volta do pescoço de Júlia — Onde está o meu neto?

— Sarah ficou com ele, não queria o Lipe neste clima — respondeu,

entrando após seu pai.

— Não respondeu minha pergunta Júlia — Salete insistiu, entrando por último e fechando a porta — Por que não atendeu minhas ligações?

— Porque não estava querendo falar com ninguém, mãe — disse a verdade.

— E se alimentando, será que está? Aposto que não. E desde quando fica na cama até tarde? Já tomou banho, Júlia?

Júlia sorriu, deveria esperar aquela atitude. Prometeu a si mesma que não repetiria o erro e, se houvesse uma próxima vez, falaria com sua mãe, antes de desligar os telefones.

— Acabei de acordar, porque dormi mal... Logo, ainda não tomei banho, mas vou fazê-lo — respondeu pacientemente.

— Isso, enquanto preparo um café da manhã reforçado — fez uma pausa — E isto sobre a guarda do Lipe? Você não havia se acertado com o Ricardo? Procede essa informação?

— Após o café da manhã reforçado, é o que vou tentar descobrir.

◆◆◆

— Deveria mudar de profissão, Edu — Luciana sorriu para o amigo — Acho que se daria bem como investigador. Primeiro o lance do buffet e agora se desbancando até o fim do mundo para falar com um porteiro.

— Era o jeito, já que o Almir jurou de pé junto que não deixou ninguém entrar em casa na minha ausência, só pode ter sido o Romão, que não trabalha mais no prédio. Ainda bem que o Almir se lembrou disso e me passou o endereço dele — respirou fundo — É bom saber que posso contar contigo, Lu, fico feliz que tenha me acompanhado nas duas ocasiões — observou as indicações do gps — Minha vida deu uma guinada e, às vezes, sinto-me sozinho, por isso agradeço sua paciência e amizade.

— Deixe de bobeira, Edu, nunca estará sozinho. É claro que pode contar comigo. Faço meus horários, logo, estou sempre disponível para solucionar mistérios — brincou.

— Que bom. E o melhor de tudo: você não pira.

— Pirar? Defina isso.

— Poderia chamar outra pessoa para me acompanhar, porém, se o fizesse, talvez ela pensasse que o próximo passo seria pedi-la em casamento.

— Nossa, Edu —— Luciana riu — Você foi cruel agora.

— Não é questão de crueldade, Lu, mas de sinceridade. Nem tudo é sexo ou amor. Sem a amizade, tem coisas que são forçadas. E, além do mais, não suporto mentira. De repente, é como se tudo fosse uma grande mentira. O lance que tenho com ela e as coisas que estão acontecendo à minha volta. Sobre a Júlia, então, nem sei o que dizer. Tanta armadilha, tanta armação, para o que? Apenas para prejudicar uma pessoa. Será que não é gastar muita energia tentando fazer o mal, em vez de viver a própria vida?

— Sei lá, Edu. Acredito na lei do retorno, por isso, tento me manter no lado bom da força. Faço o que posso para ser boa e tento me colocar no lugar dos outros. Então, se não quero para mim, não desejo para os outros. Não sei o que leva alguém a tentar prejudicar outra pessoa, realmente, para mim, não faz sentido. Porque, quando a vida parar para acertar as contas, a fatura será muito alta.

— É bem por aí — Edu concordou, estacionando — Chegamos.

Eles estavam em uma rua do bairro de periferia da zona sul, chamado Grajaú. A casa era bem simples e Eduardo temeu que não houvesse ninguém em casa. Não eram nem dez horas, logo, era possível que o homem tivesse ido trabalhar. Ainda assim desceu do carro, sendo seguido por Luciana. Diante do portão baixo e de ferro, bateu palmas.

Uma senhora abriu a porta e, desconfiada, foi até eles. A mulher estava uns quilos acima do peso, já tinha os cabelos brancos e usava um óculos de lentes grossas, demonstrando que enxergava muito pouco sem eles. Luciana fixou-se na corrente que ela usava, não soube identificar qual, mas teve certeza de que

trazia o símbolo de algum santo católico.

— Oi, gostaria de falar com o Romão. Ele trabalhou alguns anos como porteiro no meu prédio.

— O senhor veio oferecer algum trabalho para ele?

— Não — Eduardo preferiu não mentir — Na verdade, preciso muito da ajuda do seu...

— O Romão é meu irmão — a senhora falou, ainda receosa.

— Preciso muito da ajuda do seu irmão.

— Para o que, exatamente?

— Alguém entrou no meu apartamento e prejudicou uma pessoa muito importante para mim. Parece que foi durante o turno do seu irmão. Gostaria apenas que ele me dissesse quem foi esta pessoa.

— Moço, pretende chamar a polícia? — ficou preocupada — Isso vai prejudicá–lo?

— Claro não. Só preciso, e muito, saber quem foi — tranquilizou-a.

— Não sei não, o Romão não é bom fisionomista. Talvez ele não se lembre, ainda mais se já tiver passado um bom tempo.

— Não custa nada tentar, não é mesmo? — Luciana interveio — Se ele não se recordar, o caso seguirá sem justiça, é o jeito.

— A justiça de Deus sempre acontece, minha filha.

— Engraçado, acredito exatamente nisso, que ela tarda, mas não falha — Luciana começou a conversar com tanta naturalidade com a mulher que Eduardo sorriu, nem parecia a amiga tatuadora, amantes de piercings, argolas e cabelos coloridos e que jamais havia morado em uma casa, tendo crescido em pleno centro de São Paulo, num prédio antigo, perto da galeria do rock. Naquele momento parecia que ela estava diante de uma vizinha de longa data.

— Isso mesmo, menina, no juízo final só os bons permanecerão — sorriu — Vou falar com o meu irmão e já volto. Espero que ele queira atendê-los — olhou para Luciana — Vou fazer uma forcinha para convencê-lo.

— Você é uma caixinha de surpresas — Edu comentou, assim que ficaram sozinhos — Desde quando é tão religiosa?

— Minha mãe e minhas tias são carolas. Para desgosto delas, tornei-me o que a ovelha negra da família ao me desviar dessa rota — sorriu — Porém, se há uma coisa que aprendi, durante a minha infância e parte da adolescência, foi identificar quem seja devota de um santo. Não sou tão boa a ponto de saber qual santo é, mas usei isto a nosso favor.

—Você é meu trunfo, Luciana — Eduardo sorriu — Vou ficar te devendo mais uma.

— Vou cobrar na hora certa — disse em tom de ameaça e Eduardo sorriu, deixando claro que concordaria. Em poucos minutos a senhora voltou e abriu o portão para que elas entrassem. Conduziu-os até a sala de móveis simples e pediu que se acomodassem.

— Gostariam de um chá, ou café — a senhora ofereceu.

— Muito obrigada — Luciana negou educadamente — Só o fato de nos receber já é o suficiente — agradeceu, antes de a mulher pedir licença e se retirar em direção à cozinha. Romão estava acabando de se arrumar, pois entraria no trabalho à tarde, no entanto parou para atendê-los.

— Senhor, Eduardo — cumprimentou-o com um aperto de mão — O que faz por aqui? Deve ser muito sério, para vir à minha casa.

— Na verdade é sério sim, Romão. Lembra-se da Júlia? — questionou e o homem demorou um pouco, antes de abrir um largo sorriso.

— Claro que sim, muito simpática. Sempre me cumprimentou. Sabe, tem gente que, por sermos porteiros, passa por nós como se nem existíssemos. A senhorita Júlia não só cumprimentava, como trocava algumas palavras e até me deu uma caixinha com brigadeiros uma vez.

— Que bom que se recorda — Eduardo sorriu, aquele cuidado era mesmo

típico dela — Pois bem, alguém entrou no meu apartamento e apanhou uma coisa que prejudicou a Júlia.

— Sério? Não acredito...

— Preciso muito saber quem esteve no meu apartamento, enquanto estive fora.

— Bem, não me recordo direito — pensou um pouco e olhou no relógio — E temo que não tenha muito tempo para pensar à respeito, pois daqui a pouco tenho que sair, se não vou me atrasar. Pode me dar mais detalhes. Quando foi, mais ou menos?

Eduardo deu-lhe todos os detalhes solicitados e esperou que Romão dissesse algo, mas o homem ficou em silêncio.

— Não sou muito bom fisionomista. Talvez seja mais fácil ganhar na loto — finalmente quebrou o silêncio — Ainda assim, se errei a ponto de deixar alguém entrar em seu apartamento, sem permissão, tentarei muito prazer em ajudá-lo. Desconfia de alguém que não more lá?

— Sim — Eduardo respondeu, surpreendendo Luciana que não esperava ouvir aquilo – Vou facilitar. Quem sabe vendo uma foto, ajude — tirou o celular do bolso e buscou em suas fotos. Propositalmente separou um álbum no qual havia uma foto de Júlia e outra de Constância. Estendeu-o para Romão, mostrando como ele passava de uma foto para a outra, com um simples deslizar de dedo na tela.

— A senhorita Júlia — sorriu e parou ao chegar na foto de Constância. Não queria falar sem ter certeza, por isso, olhou mais de uma vez.

— Essa senhora aqui é sua mãe? — questionou e Eduardo fez que sim com a cabeça, embora a vontade fosse negar — Acho que um dia ela entrou sim no seu apartamento. Foi deixar um presente para o senhor e pediu minha ajuda... — Luciana olhou abismada para Eduardo.

— Você acha ou tem certeza? — Eduardo questionou aflito.

— Tenho certeza. A sua mãe tem cara de gente rica. Anda sempre com a postura rígida, e o nariz quase tocando o céu. Não tem como esquecer — deixou

escapar, fazendo Luciana sorrir — Desculpe, não quis dizer isso.

— Entretanto, tem toda a razão — Eduardo concordou — Então, foi ela quem entrou no meu apartamento? — insistiu.

— Sim — dessa vez falou com mais convicção.

— Se fosse preciso repetiria isso, diante da polícia?

— Senhor Eduardo, não quero me complicar... Sabe me meter com gente rica... A corda sempre arrebenta no lado mais fraco.

— Eu garanto que não deixarei nada te acontecer. Só queria saber se posso contar com você, se for preciso.

Romão hesitou muito, antes de fazer que sim com a cabeça. Eduardo queria estar aliviado, mas estava angustiado ao perceber que Constância era pior do que poderia supor.

— Preciso ir trabalhar — Romão disse, após consultar o relógio.

— Vamos lá, podemos te dar uma carona, não é Luciana? — Eduardo indagou à amiga que concordou, piscando para ele.

◆◆◆

O Magista estava se tornando um lugar desagradável, pois só conseguia ligá-lo a coisas ruins. Não tinha como se esquecer de que o episódio com o segurança acontecera lá, assim como Lipe ter engasgado. Quanto ao primeiro, acabara não dando em nada, visto que o homem respondera por injúria racial e havia sido solto após alguns dias. Quanto ao seu filho, acreditara que a situação estivesse resolvida, até receber a visita do tal advogado.

Sabia que Ricardo trabalhava na segunda torre, por isso evitou o hotel, indo direto para lá, não queria se aborrecer, tendo o desprazer de se encontrar com Ellen. Missão parcialmente cumprida, pois, ao entrar no elevador se deparou com Vivian. Enquanto havia outras pessoas conseguiu suportar o ambiente, mas

ao ficarem somente as duas foi difícil. Se Vivian fingisse que ela não existia, agradeceria, no entanto, aquela mulher fazia questão de lhe dirigir a palavra,

— Fiquei sabendo das fotos — começou — Sinto muito — pareceu sincera.

— Obrigada — Júlia agradeceu, rezando para que o andar chegasse logo.

— O Edu soube logo cedo e ficou muito abalado...

— Ah sim, imagino que tenha ficado no apartamento dele, enquanto ele foi falar comigo — Júlia respondeu à altura àquela provocação sem sentido, deixando-a sem palavras, pois ficou evidente que sabia que Vivian não frequentava o apartamento de Edu. Não queria usar as informações que tinha, porém, havia sido provocada. Estava para ver mulher tão insegura. Se estivesse realmente com o Edu, não teria a necessidade de reafirmar isso sempre que a visse.

Quando o elevador parou, Júlia soltou o ar que estivera prendendo e desceu apressadamente. Caminhou até a mesa da secretária.

— Gostaria de falar com o senhor Ricardo Vidal, é possível?

— A senhorita marcou hora? — Solange questionou simpática e Júlia fez que não.

— Se puder anunciar que a mãe do filho dele está aqui e veio discutir a guarda da criança, agradeceria — falou naturalmente, deixando Solange sem ação.

— Sim, claro — disse sem graça, apanhando o telefone da base e repetindo diante de Júlia o que ela acabara de dizer. Menos de cinco minutos, Ricardo abriu a porta do escritório, para conferir se aquilo era verdade. Surpreendeu–se ao dar de cara com ela.

Diante de Solange foi o mais formal possível, pedindo que entrasse.

Vivian aproximou-se da mesa de Solange, quando a porta se fechou.

— Só tenho tido surpresa aqui. Nem sabia que o Ricardo estava disputando a guarda do filho — comentou com Vivian.

— Nem eu —Vivian respondeu meio sem vontade, tentando descobrir por que Júlia a intimidava tanto.

◆◆◆

— Arriscado ter vindo aqui, Júlia — Ricardo falou ao fechar a porta, enquanto ela caminhava pelo escritório, detendo-se em frente à janela, de onde era possível ver boa parte da cidade —E que diabos de maneira de se anunciar foi aquela?

— É justamente o que vim saber — virou–se para ele — Meu Deus, Rico, você havia me falado que nunca tiraria o Lipe de mim!

— Sim falei — não compreendeu onde ela queria chegar.

— Então por qual motivo um advogado foi ao meu apartamento, para me explicar sobre o pedido de guarda? — questionou num tom de acusação, encarando–o.

— Não faz nenhum sentindo o que está dizendo, pois não entrei com pedido algum — falou, aproximando-se dela.

— Aceito qualquer tipo de pressão, e percebi que sou capaz de perdoar muitas outras coisas. Somente não admito que coloque o Lipe nessa história. Se ele fizer parte dos seus joguinhos, juro por Deus que...

— Pare e me escute! — pediu — Nem parece que estávamos juntos ontem! Que tipo de insensível acha que sou para, diante de tantos acontecimentos, tentar tirar o Lipe de você?

— Está difícil suportar, cada dia é uma novidade pior que a outra — Júlia desabafou.

— No entanto, essa novidade não procede, pois não quero e nem vou brigar pela guarda do nosso filho! Além do mais, meus advogados teriam que me consultar para abrir... — pensou melhor e viu que não era verdade. Antes de reconhecer a paternidade do filho, havia feito uma procuração para que o

advogado, em nome dele, buscasse regularizar a situação de Lipe — Seja o que tiver acontecido, vou interromper, antes que o pedido seja aberto, tudo bem? — como ela não respondeu, voltou até a mesa, apanhou o telefone na base e ligou para o escritório que o representava.

— Qual o nome do advogado que esteve com você? — afastou o fone da boca para saber a informação de Júlia — O doutor Sérgio Oliveira — Ricardo ficou ouvindo o que lhe era dito, antes de voltar a falar — Com a ordem de quem? — perguntou exaltado — Em momento algum liguei para o escritório. Portanto, exijo saber o nome da pessoa que deu a ordem. Espero sim — afastou o telefone da boca — Acredita agora que nada tive a ver com isso? — nem teve tempo de ouvir a resposta dele, pois novamente alguém disse algo para ele. Ricardo fechou os olhos e contou mentalmente até dez. Depois, praticamente bufou, antes de responder — Agora que estou ciente, espero que sigam a minha decisão. Não fiz pedido algum de guarda, portanto, não quero que sigam em frente — nova pausa — Não estou abrindo mão do meu direito, verei meu filho sempre que quiser e entrarei num acordo com a mãe dele, sem a necessidade de um juiz. Espero que esta conversa fique somentee entre nós — deixou bem claro, antes de desligar o telefone, devolvendo-o à base. Passou a mão nos cabelos — A Ellen ligou para o escritório e falou em meu nome — revelou.

— Essa mulher já passou dos limites, Rico! Chega! Quero que a demita.

— Não posso, Júlia, não ainda — aproximou-se dala. Sem a conclusão das investigações referentes ao acidente, não podia despedi-la e correr o risco de que ela fugisse.

— Você vai esperar essa mulher fazer mais o que para tomar uma atitude, Rico? Será que já não foi o suficiente? — indagou inconformada.

— Tenha paciência, amor, por favor! — tentou abraçá-la, mas ela fugiu ao seu contato, caminhando novamente em direção à janela, obrigando-o a segui-la.

— Mais? — Júlia riu nervosa — Cheguei até onde podia. Não aguento mais essa mulher interferindo na minha vida. É melhor que não a encontre, caso contrário ela vai se arrepender de estar no meu caminho.

— Confia em mim, está muito perto disso tudo acabar — Rico prometeu, parando atrás dela e apanhando em sua cintura — Depois da festa de aniversário da minha mãe, tudo se resolverá — beijou o pescoço dela — Vai ver.

Júlia fechou os olhos por alguns segundos, estava muito próxima de um esgotamento nervoso.

— Se você não tomar uma atitude depois disso, eu mesma tomo — avisou.

— Ok — Ricardo concordou, colando seu corpo ao dela e a abraçando — Qual parte de não deixar que nada nos separe, você não ouviu? Vou colocar tudo em seu devido lugar, prometo. E será antes do que imagina — prometeu.

Júlia suspirou, querendo muito acreditar no que ele estava dizendo. Saber que não partira dele o pedido acalmava seu coração, porém, ao mesmo tempo, ficava preocupada ao notar que Ellen buscava a todo custo prejudicá-la.

◆◆◆

Constância não escondeu sua surpresa. Ao entrar na sala, Eduardo levantou-se.

— Interessante, você me vê mais agora que sabe que não temos nenhum laço sanguíneo — comentou sarcástica — Posso saber o que o traz aqui?

— Estou cada dia mais impressionado e feliz — Eduardo respondeu nervoso, vendo-a se acomodar no sofá e sentando-se também.

— Diga-me logo: impressionado com o que e feliz por qual motivo. Ainda que essas informações não me interessem, quero entender o que o traz aqui — Constância foi fria, sem surpreendê-lo.

— Impressionado com a sua maldade e feliz demais por saber que seu sangue não corre na minha veia — respondeu prontamente e o som do riso de Constância preencheu a sala.

— Não me espanta sua ingratidão, Eduardo. Dediquei muitos anos da minha vida à sua criação, porém, entendo que um dia isso aconteceria, seu sangue ruim falaria mais alto.

— Sangue ruim? — Eduardo sorriu incomodado — Não tive o privilégio de

conhecer minha mãe, mas pelo que apurei, tenho certeza de que ela era bem melhor do que você. Alguém incapaz de fazer mal à outra pessoa ou de matar.

Constância arqueou a sobrancelha, pela primeira vez interessada no que ele estava dizendo.

— Não tenho ideia do que está falando.

— Não sei como o meu pai acreditou que uma reação alérgica tenha matado minha mãe... Está evidente que você está por trás disso!

— Se vem à minha casa me acusar, então deve ter provas — manteve-se impassível — Correto?

— Não mas...

— Por favor, Eduardo. Você já é bem grandinho para acusar sem prova e pensar que achismo nos leva a algum lugar — Constância levantou–se — Além disso, supondo que estivesse certo em sua paranoia, seria o crime perfeito, concorda? E, por fim, deve saber que bem... — caminhou até o barzinho, do outro lado da sala, e serviu-se de um licor. Chegou a oferecer para ele, que recusou — Isso já tem mais de trinta anos, ou seja, pelo que sei no meu parco conhecimento, o período para ser julgado já prescreveu.

— Fala com a naturalidade de uma sociopata... — Eduardo não escondeu seu desconforto.

— Falo com a naturalidade de uma pessoa instruída, é diferente. Se você ousar me acusar de coisas que não possa provar, não terei outra saída além de processá-lo por injúria e difamação. Estamos entendido?

Eduardo engoliu em seco e fez que sim com a cabeça. Pensou em falar sobre as fotos de Júlia, porém, percebeu que seria inútil. Constância negaria tudo, como acabara de fazer. Só não imaginava que dessa vez, pelo menos, havia alguém capaz de implica-lá de alguma maneira. Se não fosse capaz de incriminá-la, com certeza, colocaria uma sombra em sua reputação imaculada, o que para uma dama da sociedade era inaceitável.

— Falta mais alguma coisa para conversarmos? — Constância indagou, antes de voltar ao seu lugar.

— Não — Eduardo levantou-se. Deveria estar preparado, porém, a verdade é que estava bem longe disso. Por anos havia tido respeito e sentido amor por aquela mulher, então, por mais que ela se revelasse uma péssima pessoa, aquilo ainda conseguia atingi-lo.

No fim das contas, fora um erro ir até ali. A única pessoa que poderia ajudá-lo com as informações que obtivera estava bem distante dali.

◆◆◆

Ricardo não se surpreendeu com a informação que Solange lhe deu, afinal fazia pouco tempo que Júlia deixara o seu escritório. Ellen até que demorara para aparecer.

— Depois conversamos mais, Vivian — Ricardo falou sério — Por enquanto, cuide do que pedi.

— E se a Ellen descobrir sobre a minha intromissão. Acredito que não gostará, pois ela que está tomando conta de tudo referente à festa.

— Confio em você para dar um jeito, afinal faço questão que essas pessoas estejam presentes na festa.

— Tudo bem — Vivian guardou a lista na pasta e se levantou.

— Peça para ela entrar — Ricardo pediu e Vivian fez que sim com a cabeça, deixando a sala em seguida.

Ellen estava de braços cruzados e mal olhou no rosto de Vivian, quando ela lhe transmitiu o recado de Ricardo. Em vez disso, entrou no escritório, sem olhar para trás.

— Fiquei sabendo que a Júlia esteve aqui. É verdade?

Ricardo teve vontade de perguntar como ela soubera disso, porém, preferiu não se aborrecer mais do que já havia.

— Sim — fez um sinal para que ela se sentasse — Veio falar do pedido de guarda do Lipe — segurou-se para não demonstrar o quão estava nervoso com ela, fingindo o contrário — Soube de mim, que pretendo ir até o fim — mentiu, por acreditar que ela não entraria novamente em contato com o escritório, sem sua permissão — Estava com tanta coisa na cabeça que nem havia entrado com o pedido.

— Eu o fiz... — confessou — Falei com seu advogado para lhe poupar desse trabalho.

— Você foi incrível — esforçou-se para soar verdadeiro — O pedido não podia ter chegado em melhor hora.

Ellen sorriu surpresa, nunca esperou que ele admitisse, muito menos que a elogiasse.

— Não quero a educação do meu filho nas mãos de uma mulher que não se dá ao respeito — Ricardo continuou —— Depois daquelas fotos, não posso admitir que ela crie o meu filho.

— Concordo plenamente com você, Rico. Seu filho é uma criança adorável e não pode descuidar de sua educação. Referências são tudo e não vejo exemplo melhor do que você — seu tom encantando, incomodou Ricardo. Cada vez mais percebia que Ellen não era apaixonada por ele e sim obcecada, ou seja, precisava tomar muito cuidado com ela.

◆◆◆

Ricardo respirou fundo. O dia começara agitado e seu término não seria diferente.

Havia passado o resto do dia em companhia de Ellen, sem conseguir se concentrar nos assuntos do hotel, livrando-se de sua gerente somente ao término de seu expediente. A parte boa foi falar com Júlia ao telefone e notar que ela já estava ao lado de Lipe e muito mais calma do que aparecera no hotel.

Quando finalmente achou que descansaria, recebeu uma ligação da recepção avisando-o da presença de Eduardo. Num primeiro momento pensou em não recebê-lo, porém estava engasgado com o episódio das fotos e, por isso, permitiu que subisse.

— Você é muito corajoso em aparecer aqui depois do que fez à Júlia! — Ricardo mal abriu a porta para recriminá-lo.

— Não fui o responsável pelas fotos, Ricardo! — defendeu-se — Posso te garantir que sou muito mais maduro que você e pensaria duas vezes antes de magoar a Júlia.

— Isso não diminui sua irresponsabilidade em tirar aquelas fotos — fez um gesto para que ele entrasse, algo que Eduardo fez, sem esconder o receio.

Uma vez dentro do apartamento, os dois ficaram em silêncio por uns segundos, até que Ricardo, por educação, falasse para o irmão se acomodar no sofá, sentando-se diante dele.

— Afinal, o que veio fazer aqui?

— Percebi que o seu cerco à Ellen não deu nenhum resultado, apesar de protagonizarem capa de jornal de quinta categórica — comentou, fazendo com que Ricardo franzisse a testa, visivelmente irritado.

— Diga de uma vez o que tem a dizer, Eduardo — impacientou-se.

— Tenho investigado paralelamente e descobri que a Ellen foi a responsável por Júlia ter sido dopada naquela festa de casamento.

— Não é possível! — disse abismado — Tem certeza disso?

Eduardo fez que sim e narrou tudo, desde a confissão do atendente do Doce Magia até o encontro com o garçom do buffet principal.

— Ele recebeu uma bela quantia para fazê-lo — tirou do bolso o plástico com a pílula de ecstasy e o estendeu para Ricardo — Essa foi a droga diluída na bebida da Júlia.

Incrédulo, Ricardo apanhou a amostra, agora convicto de que Ellen era

perigosa.

— Disse que o cara recebeu uma bolada... — Ricardo voltou ao assunto, verificando a droga.

— O que me remete à segunda parte do que me trouxe aqui — Eduardo continuou, agora mais sério — Entendo se você não acreditar em mim, ou me expulsar daqui. Porém, tenho a certeza de que Constância e Ellen estão agindo juntas contra a Júlia. A menos que sua gerente tenha desfalcado o hotel, você sabe que ela não teria dinheiro suficiente para subornar ninguém.

— Tenho noção disso. Está sugerindo que a nossa mãe, isto é, a minha mãe esteja patrocinando todos os passos da Ellen?

— Não tenho provas ainda, no entanto é exatamente o que estou afirmando — Eduardo fez que sim com a cabeça — E sobre as fotos...

— Vai dizer que não as bateu?

— Posso tê-las batido, porém, não as divulguei. Caso não tivessem entrado em meu apartamento, tais fotos teriam sido apagadas há alguns dias e somente eu as teria visto.

— Deixe-me adivinhar: a Ellen esteve em seu apartamento e...

— Não — Eduardo nem mesmo deixou que terminasse — A Ellen nem passou perto da minha casa e, tampouco conseguiria entrar sem levantar suspeitas. Parece que a Constância dessa vez não usou intermediários, o porteiro que trabalhava no prédio a reconheceu...

— Sabe, Eduardo, tinha tudo para achar que você está querendo tirar o corpo fora, eximir-se da culpa sobre uma situação que você mesmo criou. Porém, infelizmente, sei que está falando a verdade e não duvido que minha mãe tenha descido tão baixo.

— Por que está dizendo isso? — questionou surpreso com a facilidade com a que Ricardo aceitara o que acabara de lhe contar — Sabe de algo que eu não saiba?

— Digamos que percebi que Constância desconheça o que seja amor.

— Estranho você dizer isso, já que sempre foi o preferido dela...

— Confesso que me senti mal ao descobrir o motivo desta predileção — foi sincero — Ainda assim, agora vejo que nunca foi amor, era qualquer outra coisa. Se me amasse como sempre fez questão de dizer, jamais teria, por capricho, estragado o dia mais importante da minha vida.

◆◆◆

Um brinde para comemorar, foi com esse convite que Ellen chegou ao apartamento de Ricardo. O tempo havia voado e duas semanas se passaram num piscar de olhos. No dia seguinte, um sábado, Constância teria sua festa surpresa e o motivo da comemoração era esse, ela ter conseguido organizar tudo, sem que a matriarca da família Vidal ficasse sabendo.

Estava tão feliz que nem mesmo o fato de Júlia ter entrado na justiça, bloqueando a exibição de suas fotos, fez com que essa felicidade diminuísse. Estava ali, no apartamento de Ricardo, para comemorar com ele, o sucesso de uma festa que ela havia organizado.

Ricardo trouxe os copos da cozinha. Havia escolhido brindar com um vinho chileno que ela adorava, procurando taças adequadas para servi-la da maneira correta.

— Um brinde à sua competência, Ellen — Ricardo falou estendeu-lhe a taça. Brindou com ela, e antes de beber o vinho, sentiu o seu aroma, gesto imitado pela bela mulher. Os dois tomaram o gole ao mesmo tempo, porém, ele bebeu bem pouco, observando-a dar pequenos goles. Quando Ellen já tinha bebido um pouco mais da metade do copo, Ricardo apanhou a taça da mão dela e a colocou sobre o balcão, onde ficava o pequeno bar — Vamos conversar um pouco, depois mais vinho — sugeriu e ela sorriu, concordando.

— Claro, Rico. Sabe que é um prazer conversar com você.

Por cerca de meia hora, conversaram de maneira descontraída sobre assuntos do hotel, antes de falarem sobre a festa do dia seguinte.

— Nem sei como agradecer o seu empenho. Em meio a tanta coisa acontecendo, conseguiu organizar esta festa sozinha e tenho certeza de que será um sucesso.

— Sim, planejei tudo para que seja. Só não entendi a intromissão de sua assistente pessoal...

— Não se zangue com a Vivian, a culpa é minha. Fui eu quem lembrei de alguns nomes cuja presença era muito imprescindível, importante para os negócios.

— Tudo bem, Rico. O importante é que consegui contornar... — Ellen sentiu um calor súbito e estranho, como se o ar condicionado não estivesse ligado.

— Algo errado? — Ricardo quis saber, vendo-a desabotoar um pouco a camisa.

— Só está quente aqui, não? – perguntou se abanando — Você se importa de apanhar um pouco de água para mim?

— Claro que não — Ricardo se levantou e foi novamente até o barzinho, voltando com uma garrafa de água mineral evian e um copo. Estendeu-os para ela. Ellen o surpreendeu, deixando o copo de lado e bebendo diretamente na garrafa de uma maneira tão sensual que para ele foi impossível não entender as referências.

— Ficou sem graça — ela riu — E isso porque não tem ideia do que sou capaz de fazer.

Ricardo engoliu em seco. Já havia lidado com uma mulher sob os efeitos de ecstasy e resistira a ela, mesmo sendo a mulher que amava. Logo, por mais tentadora que Ellen pudesse ser, conseguiria não só resistir a ela, como também, arrancar dela as confissões que ainda não conseguira. Não havia pensado na possibilidade, quando Eduardo lhe deixara a droga, porém, resolveu arriscar. Pesquisara muito antes de colocar meio comprimido no copo dela, pois sua busca pela verdade não significava ser descuidado em relação à integridade física de Ellen. Só lhe daria um pouco do próprio veneno, estando pronto para qualquer eventualidade que pudesse acontecer.

◆◆◆

A última coisa que se lembrava era dos lábios de Ricardo sobre os seus. Depois, nada mais. Abriu os olhos e se virou na cama, movimentos mínimos que lhe pareceram muito difíceis de executar. Tentou se levantar e não conseguiu. Reconheceu o quarto dele ao olhar para cima. Se não estivesse vestida poderia apostar que fizeram amor e talvez tivesse bebido demais para lembrar.

Sem conseguir se levantar, apenas virou-se de lado, a procura do relógio que não estava em seu pulso. Após alguns minutos, que pareceram eternos, achou-o, no lado direito, onde Ricardo deveria ter dormido. Apertou os olhos como se o gesto fosse melhorar sua visão e achou que estivesse louca: eram oito horas da noite. Não era possível, visto que chegara no apartamento de Ricardo, quase às dez. Olhou mais uma vez e foi quando percebeu que o horário estava correto: eram oito horas da noite do dia seguinte. Haviam se passado quase vinte e quatro horas e não se lembrava exatamente de nada.

— Meu Deus, a festa! —– exclamou, sentindo a cabeça doer, pior do que aquilo, só o cansaço. Não sabia o que estava acontecendo, só sabia que precisava se levantar, pois a festa já havia começado e naquela altura, Ricardo já tinha ido buscar Constância, surpreendendo-a com a comemoração.

◆◆◆

Constância olhou para tudo maravilhada. Era uma festa lindíssima, de muito bom gosto. Reconhecera alguns amigos do clube e outras famílias importantes com as quais mantinha um bom relacionamento. Não imaginara em momento algum que aquele fosse seu presente. Ellen conseguira esconder a surpresa e estava feliz por isso, pois estava amando ser o centro das atenções. Não duvidava que Ricardo fosse capaz de demonstrações de carinho como aquela. Havia uma mesa preparada para ela, na qual Ricardo também estava sentado. Pelo menos, até o horário de cortar o bolo.

Eduardo chegou quase ao mesmo tempo que Júlia e ambos ficaram sem graça ao se encontrarem na entrada do salão. Eduardo fez um gesto para que ela

entrasse primeiro e a seguiu. O lugar estava divinamente decorado, parecendo um cenário de filme.

— Você sabe o que está acontecendo? — Júlia perguntou para ele — O Ricardo pediu que me buscassem e só aceitei porque meus já pais estão aqui.

— Seus pais? O que fazem aqui? — surpreso quis saber e Júlia não soube responder — Confesso, que cada vez faço menos ideia — declarou, colocando as mãos no bolso — Também me foi pedido que comparecesse. Se soubesse que era para a festa de aniversário da Constância, juro que não teria vindo. Nem estou vestido adequadamente — referiu-se ao seu traje casual. Não era próprio para ir a uma festa como aquela, mas também estava longe de estar mal vestido.

— Não se preocupe, Edu. Está muito bem — sorriu, tranquilizando-o — Você ainda está muito magoado com ela, não é? — Júlia perguntou realmente interessada. Não mais tivera oportunidade de perguntar para ele como andava a investigação sobre sua mãe biológica, porém, isso não queria dizer que houvesse se esquecido.

— Não tem ideia do quanto, Júlia — respondeu de modo simples e teriam conversado mais, se Vivian não surgisse. Estava muito bonita, em um vestido longo da cor vinho e os cabelos que haviam sido cacheados, caiam sobre os ombros. Se não fosse uma pessoa segura, Júlia teria se sentindo intimidada, pois não estava vestida para matar como a mulher à sua frente. Seu vestido era bem básico, porque realmente não havia tido muito tempo para se produzir, e seu cabelo estava armado, do jeito que gostava.

— Que bom que chegou, Edu — inclinou-se para surpreendê-lo com um selinho.

Júlia desviou o olhar, achando aquela a melhor hora para se afastar. Afinal, parecia que a mulher só fizera aquilo para provocá-la e não queria perder seu tempo com ela, antes precisava entender o que estava fazendo ali e por qual motivo seus pais seriam convidados para o aniversário de Constância. Tentou encontrá-los, saindo sem se despedir de Eduardo.

— Não devia fazer isso, Vivian — Eduardo afastou-se assim que ficaram a sós.

— Desculpe, foi mais forte do que eu, afinal faz dias que não o vejo — olhou

para o lado e ao não ver Júlia fingiu estar chateada — Puxa, cumprimentaria sua cunhada, no entanto ela nos deixou — resolveu mudar de assunto, diante do silêncio de Eduardo — Que bom que chegou na hora do bolo. O Ricardo fará um discurso para a sua mãe. Venha, vamos sentar, está na minha mesa.

Eduardo manteve-se no mesmo lugar, sem entender o que Ricardo queria com aquilo tudo. Não condizia com a conversa que tiveram. Delicadamente deixou de apanhar a mão que Vivian lhe estendia.

— Vou ficar por aqui mesmo, obrigado.

De lá tinha uma boa visão do salão. Assim, viu o bolo sendo trazido e colocado no centro deste e Ricardo conduzindo Constância até ele.

Os detalhes estavam tão bem pensados que as luzes do salão foram diminuídas, incidindo apenas uma sobre os dois e alguém levou um microfone sem fio até Ricardo.

— Bem — Ricardo começou. Estava muito bem vestido em um terno inglês da cor azul marinho. Seus olhos verdes pareciam brilhar ainda mais — Gostaria, primeiro de agradecer a todos pela presença. Principalmente àqueles que convidei em cima da hora. Muito obrigada por estarem presentes neste dia. Estamos aqui para celebrar o aniversário da minha mãe, a senhora Constância de Góes Vidal — fez um gesto apresentando a matriarca, que estava muito elegante em um vestido creme, e todos aplaudiram — É uma data muito especial minha mãe e para mim também. Afinal, temos que celebrar a vida, os feitos, os sucessos. E este ano foi muito difícil. Perdemos um grande amigo, não é mãe? Porém, apesar disso, tem sido um ano coroado de sucesso — estendeu o microfone para que ela falasse.

— Sem dúvida, meu filho. O doutor Vicente faz muita falta.

— Demais — Ricardo sorriu ao retomar a fala — Afinal, ele era mais do que um amigo, não é mesmo? — questionou e Constância fez que sim com a cabeça, achando-o estranho em sua insistência ao falar de Vicente, afinal a noite era dela e o amigo, por mais cruel que pudesse soar, fazia parte do passado — Diria mais. Só estou em dúvida sobre a melhor palavra para definir a pessoa que nos ajuda em todas as ocasiões — sorriu mais uma vez — Sim, recordei-me da palavra correta — virou-se para a mãe, olhando-a nos olhos— A pergunta que gostaria de fazer é como está conseguindo destilar toda sua maldade sem seu cúmplice,

seu comparsa... O homem que a ajudou a arruinar meu casamento?

Capítulo 41

As palavras de Ricardo foram pronunciadas com tamanha segurança e propriedade que ocasionaram troca de olhares entre todos convidados. À perplexidade inicial seguiu-se um silêncio pesado e incômodo. Era como se esperassem que o orador alternasse seu tom de voz grave e descontraísse sua expressão, anunciando que aquilo tudo não passava de uma brincadeira, ainda que de gosto duvidoso. Algo que não aconteceu.

Júlia, que havia acabado de encontrar os pais, precisou se sentar para acreditar que Ricardo havia realmente falado aquilo. Seu motivo de incredulidade não se resumia somente às suas palavras. Até chegar ao local em que estavam seus pais, havia encontrado muita gente conhecida e que não via há muito tempo, mais exatamente, desde o dia de seu casamento.

— O que é que está acontecendo, Júlia? — Salete perguntou baixinho para a filha.

— Não faço ideia do que estejam fazendo aqui, muito menos do que esteja acontecendo. Porém, começo a imaginar — voltou sua atenção para o centro do salão.

— Você bebeu, Ricardo? — Constância olhou para o filho estarrecida, questionando-o num tom que somente ele pudesse ouvir.

— Estou sóbrio — respondeu no microfone, para desgosto de Constância que teve intenção de deixá-lo sozinho, porém, foi impedida por um gesto delicado de Ricardo, apanhando em seu braço — Diria mais: estou lúcido, finalmente. Por muito tempo estivesse cego, mas agora consigo enxergar que não passa de uma mulher amarga, preconceituosa e má.

Diante da nova afirmação, houve burburinhos, a maioria ainda sem entender o que estava acontecendo.

Eduardo prestou atenção na cena sem saber se concordava com o que via e ouvia; achava que Constância merecesse ser confrontada, só não sabia se fazê-lo

em público fosse o correto.

— Que tal nos sentarmos, Eduardo? — Vivian insistiu, tão abismada quanto ele, com tudo o que estava acontecendo.

— Por favor, Vivian — pediu — Se quiser pode ir para sua mesa. Preciso entender o que está acontecendo.

— Posso te fazer companhia...

— Por favor, Vivian — insistiu e Vivian, engoliu em seco, deixando-o sozinho e caminhando sozinha em direção à sua mesa.

***

Com extrema dificuldade, como se as pernas pesassem toneladas, Ellen conseguiu chegar à sala segurando nas paredes. Além de tonta, estava morrendo de sede.

No barzinho, quase derrubou tudo, quando foi apanhar uma garrafa de água, no frigobar. Recordou-se do vinho. Forçou-se para lembrar-se de mais alguma coisa após o beijo e não conseguiu.

Sentada no sofá, ao tomar um gole da água, após travar uma batalha com a garrafa para abri-la, conseguiu refletir melhor sobre os acontecimentos e tomou um baque com a conclusão.

— Não é possível! O Rico me drogou! — abismada, tomou pequenos goles de água — Por que? — negou-se a acreditar que estivesse certa.

Após secar a garrafa de água, tentou se recordar de onde deixara suas coisas. Tinha que falar com Constância, avisá-la de que havia algo errado e pedir sua ajuda.

****

— Há quase quatro anos atrás, tive o dia mais importante da minha vida destruído por uma mentira — Ricardo olhou para Constância — E com muito pesar descobri que a responsável por ela foi minha mãe.

— Ricardo! — Constância o advertiu — O que está fazendo? Está nos envergonhando!

— Desculpe-me, esqueci-me de que é uma dama da alta sociedade e a todo custo tem que manter sua imagem, ainda que seja uma farsa — debochou, sem a menor intenção de parar, ou poupá-la, falando sempre no microfone — Pois bem, está na hora da sociedade rever seus conceitos — fez um gesto para alguém que Constância não soube definir e em vez das músicas que tocavam, antes de irem até o centro do palco, o que começou a ouvir, fez com que arregalasse os olhos.

"(...)O doutor Vicente foi quem me apresentou à senhora Góes Vidal e ela, sem a menor cerimônia, ofereceu-me muito dinheiro para forjar o exame. Era algo simples, bastava substituir os exames de seu filho pelos de um homem que realmente não podia ter filhos...

— Ela revelou o motivo para fazer isto?

— O que importa isso agora? Você já me encontrou e eu já admiti meu erro...

— É primordial que meu cliente saiba, não abrirá mão disso.

Pausa

— Tudo bem — a voz do homem soou com um leve constrangimento — Ela me disse que queria impedir que seu filho se unisse a uma mulher... — nova pausa — A uma mulher de cor, porque não educara seu filho com tanto cuidado para que esse se envolvesse com gente desse nível. Tampouco, queria netos mestiços..."

Dessa vez, várias pessoas não se contiveram e soltaram um "oh", diante do áudio.

Júlia colocou a mão sobre a boca, pasma. Constância era, sem dúvida, a pessoa mais falsa que conhecera, pois jamais deixara transparecer o que realmente pensava a seu respeito. Sentiu-se tola por não enxergar como ela era

realmente e enojada por se dar conta da forma como ela tratava o próprio neto.

Nunca levara desaforos para casa por conta da cor de sua pele, não deixando que ninguém diminuísse o orgulho que possuía de sua origem e, no entanto, não conseguira enxergar a verdadeira natureza daquela mulher. Triste era perceber que agora fazia o maior sentido tudo o que acontecera, desde o pedido para que não revelasse a gravidez, até a conversa que tiveram dias depois, afinal fora pedir ajuda à pessoa que mais queria prejudicá-la.

Embora ainda houvesse muito da conversa entre o médico e o investigador, o trecho reproduzido foi somente aquele.

— Por que expor minha vida em público? — assim que o som parou, Ricardo questionou, soltando o braço de Constância — Apenas pagando na mesma moeda. Levado por uma mentira, humilhei, diante de alguns convidados, a maioria presente hoje — revelou para surpresa de sua mãe — Alguém que não merecia... No entanto, sendo minha mãe, acredito que a senhora sabia exatamente como eu agiria e deixou que eu cometesse aquela injustiça. Essa não é a melhor forma, porém, é a minha maneira de dizer mais uma vez, e demonstrar, o quanto me arrependo de ter feito o que fiz.

Uma vez livre do contato de Ricardo, Constância não esperou mais nenhum segundo para deixar o filho sozinho e, mesmo sabendo que estava sendo observada por centenas de olhares, caminhar em direção à sua mesa, com a intenção de apanhar sua bolsa e ir embora.

Ricardo não fez nada para impedir que ela fosse, para o ego de Constância ter sido desmascarada na frente de todos os amigos, que considerava muito importantes, era um vexame sem tamanho, algo imperdoável.

— Bem, amigos, parece que minha mãe não gostou muito da surpresa — deu de ombros — No entanto, espero que não se retirem, afinal, a festa continuará e não tem hora para terminar. Bebida e comida à vontade...

Júlia não conseguiu permanecer indiferente ao acontecimento. Assim, acompanhou Constância com os olhos e quando ela, cabisbaixa, apanhou a bolsa de mão e se encaminhou para a outra saída do salão, aquela na qual não precisava passar novamente por todos os convidados, não pensou em duas vezes, levantando-se também.

— O que vai fazer, Júlia? — Ivan foi quem perguntou, mas não obteve resposta, já que viu a filha sair sem olhar para trás. Já havia feito as pazes com a filha, mas saber que ela havia sido vítima de uma armação fez com que também se sentisse arrependido da forma como duvidara de sua filha por um bom tempo.

De onde estava, Ricardo conseguiu ver Júlia saindo do salão e começou a caminhar para se encontrar com ela. Passou pelas mesas, percebendo olhares estupefatos em sua direção, sem se importar com eles. Estava prestes a sair, quando teve seu braço segurado. Não ficou surpreso ao olhar para trás e dar de cara com seu irmão.

— Que droga foi essa, Rico? — Eduardo quis saber, realmente contrariado com aquela exposição desnecessária.

— Pensei que tivesse sido bem claro, ainda precisa que eu desenhe? — Ricardo respondeu com outra pergunta.

— Que você achou o tal médico, entendi. Só não vi a necessidade desse circo todo.

— Não entendo você, Eduardo. Tem até mais motivos do que eu para ter repulsas por essa mulher que aprendemos a chamar de mãe e, no entanto, vem questionar as minhas atitudes... Ela me prejudicou, acabou com o meu casamento com a Júlia por ser preconceituosa... Acho realmente que o que fiz foi pouco.

— Se a intenção era se igualar a ela — Eduardo bateu palmas — Foi perfeito. Por alguns segundos, consegui enxergar o quão são parecidos. Os pretextos da Constância para agir assim são a arrogância e a maldade, o seu, a impulsividade. Com a desculpa de ser impulsivo, age feito um furação, destruindo tudo ao redor, ao se deixar levar pela ira. E depois, claro, se arrepende.

Vivian aproximou-se dos dois, pigarreando para chamar a atenção.

— Desculpem-me, mas estão chamando a atenção dos convidados.

— Tudo bem, já acabamos por aqui — Ricardo acalmou-a, pronto para continuar caminhando.

— Não acho que tenhamos acabado — Eduardo discordou, sem se mexer.

— Posso ajudá-los em algo? — Vivian questionou aflita, sem saber como agir.

— Por ora, volte para a sua mesa — o pedido de Ricardo soou como uma ordem — Esse é um assunto entre mim e Eduardo.

Vivian hesitou, olhou para Eduardo e como este não disse nada, pedindo-lhe para ficar, acatou a ordem de seu patrão.

— Não vou discutir com você, Edu, pois não estou com cabeça para isso — Ricardo declarou, assim que se viram novamente a sós — Você tem muito mais motivos do que eu para se revoltar com ela. Não é possível que não sinta raiva... Pode parar de fazer tipo, pois a Júlia não está aqui para impressioná-la. Aliás, se me soltar, pretendo ir atrás dela — falou, olhando para o braço, fazendo com que Eduardo o soltasse, sem impedir o irmão de segui-lo para fora do salão.

◆◆◆

— Você é muito vil e asquerosa — Júlia fez com que Constância se virasse. Ela estava no hall de entrada e estava prestes a ligar para um táxi, quando foi abordada.

— Era só o que me faltava para estragar de vez a minha noite. Aposto que a ideia dessa palhaçada toda foi sua. Não sei que feitiço usou para encantar meu filho... Só sei que não o reconheço mais depois que se reaproximou de você.

— Tem muita sorte de ser idosa, caso contrário seu rosto também conheceria o poder da minha mão.

Constância sorriu, encarando-a.

— É por esse motivo que não a queria ao lado do meu filho. Não tem nível, não quero o nome dos Vidal envolvido com uma cozinheira acostumada com escândalos. Meu filho merece uma mulher à altura dele... Não se misturar com gente do seu tipo.

— Que tipo? — Júlia indagou irritada.

— Não cairei na sua armadilha, cozinheira! Quer que eu diga tudo o que penso de você, para me acusar de racismo, injúria racial e todas essas bobagens que inventaram para nos impedir de dizer as verdades... Não preciso de nomenclaturas para dizer que não quero macular a história da minha família com alguém como você. Graças a Deus, meu neto não saiu nem a você, nem aos seus...

— Lave a boca para falar do meu filho! Ele nunca será seu neto. Depois de tudo o que ouvi lá dentro, duvido que o Rico deixe que se aproxime dele também.

— Ainda assim, mesmo que não tenhamos contato, meu sangue continuará correndo nas veias dele e há de falar mais alto. Quem me garante que, quando for mais velho, não pense como eu, tendo vergonha de ter nascido de você. Talvez, ele se conscientize e nem queira contato com você e sua família.

— Sua praga não vai pegar, sua bruxa! Meu filho jamais vai renegar suas origens, porque estou o educando para dar valor à sua história.

— Isso, está agindo muito bem! — zombou — Educando-o para ser um perdedor como a gente que conhece, quer dizer. Jamais, um Vidal. Quem sabe, com sorte, vire um balconista ou dependa de uma cota para estar em uma boa universidade. E vai ensinar que é natural andar com jovens piores do que ele e a frequentar lugares péssimos, as tais comunidades. Aí quando se envolver com maus elementos, vai pensar duas vezes e ver que eu que tinha razão, querendo afastá-lo de tudo isso.

— Desprezível é pouco para defini-la Constância! — Júlia estava cada vez mais enojada.

— Como se eu fizesse questão de ser definida por você. Os únicos que não resistem aos seus encantos são os homens tolos da minha família. Sinto muito apenas pelo meu Rico, pois quanto ao Eduardo, não seria nenhuma novidade. Afinal, o que se pode esperar de um bastardo? Já tem o sangue ruim, associar-se a outro não seria nenhuma novidade.

— Você é nojenta! O Eduardo tem muita sorte de não ter saído de você. Pode ter gerado o Rico, mas isso não a deixou menos seca, sem coração, incapaz de

amar os próprios filhos.

— Filho — corrigiu-a — É por amar o Rico que fiz tudo para mantê-lo longe de você...

— Nunca precisei que você escolhesse por mim — Ricardo supreendeu-as. Elas não foram capazes de precisar há quanto tempo estavam ali e Júlia esperou que Eduardo não tivesse ouvido o que Constância dissera antes. Viraram-se e Ricardo e Eduardo estavam lado a lado, o último com os braços cruzados, incomodado demais com toda aquela situação.

Eduardo havia escutado o que Constância dissera a seu respeito e por mais que já ivesse ouvido o termo "bastardo" da própria, era algo que ainda o machucava.

— Você é muito ingrato, Ricardo! Tudo o que fiz por você, para protegê-lo, e me trata desse modo, expondo-me ao ridículo na frente de todos os nossos amigos!

— Certas pessoas só conseguem se colocar no lugar dos outros, sentindo a ferida na própria pele. Não é bom expor as pessoas? — Ricardo falou se aproximando e Júlia percebeu que não se referia somente ao casamento.

— Existe algo que ainda não saiba? — Júlia questionou, olhando para os dois irmãos.

— Diga-lhe Eduardo o que descobriu — Ricardo pediu, sem consultá-lo antes.

— Edu? — Júlia insistiu, diante de seu silêncio. Ele havia se arrependido de ter seguido Ricardo e se envolver ainda mais no circo que ele havia montado. Por mais que tivesse sido lesado por Constância, não costumava lidar com as coisas do mesmo jeito que Ricardo.

— A Constância esteve em meu apartamento, sem que eu soubesse — Eduardo respondeu contrafeito.

— Você foi a responsável pela divulgação das fotos? — Júlia voltou-se para Constância, cada vez mais incrédula com as revelações sobre a mulher.

—— Provem isso — Constância respondeu, sem deixar de encará-la e Júlia soube no mesmo momento que a resposta era positiva e, pelo tom dela, seria muito difícil provarem.

— Você é muito baixa! — Júlia revoltou-se.

— Não sou eu quem me dispo na frente dos homens, como uma prostituta de beira de estrada — Constância respondeu rapidamente e se Ricardo não estivesse perto de Júlia, ela teria avançado na senhora, pois chegara ao seu limite e saber que devia aquela humilhação também a ela fora a gota d'água.

— Vamos de uma vez daqui, antes que fale mais alguma bobagem — Eduardo declarou, caminhando até Constância, apanhando em seu braço e a conduzindo para fora do prédio.

— Não me toque, Eduardo! — Constância tentou se desvencilhar, mas Eduardo continuou a levá-la para o local onde os manobristas traziam os carros.

— Realmente, nem sei porque me importo. Deveria deixá-la dizer mais algum absurdo, a ponto de Ricardo ser incapaz de segurar a Júlia. Aí queria ver o que ela faria com a senhora.

— Ela seria incapaz de me bater, pois vocês "bonzinhos" acham que resolvem as coisas na conversa...

— Paciência tem limite, Constância! Não queira descobrir qual. Sempre ouvi falar que quem semeia ventos, colhe tempestades. Como você tem plantado há anos, acredito que a colheita será farta...

— Se é verdade o que diz — Constância olhou para Eduardo, desafiando-o, enquanto ele dava a chave de seu carro ao manobrista — O que está fazendo aqui?

— Sou "bonzinho", como disse. Pessoas idosas e desequilibradas me causam pena.

— Não preciso de nada seu, muito menos de sua pena.

— É verdade, porém, neste momento sou a única coisa que tem. Talvez queira ser ridicularizada mais um pouco... — falou, soltando-a — Vamos, está

livre para voltar lá para dentro. Retorne para a sua festa e explique para seus convidados que o Ricardo estava um pouco nervoso, porém, não mentiu em momento algum.

Constância se manteve parada ao lado de Eduardo. Odiava saber que ele estava certo, depender dele, então, era pior ainda.

Quando o manobrista chegou com o carro, viu Eduardo abrir a porta do carona para ela entrar, fechando-a em seguida e dando a volta no carro, para sentar-se ao lado do motorista.

— Em troca do que está fazendo isso, Eduardo? — indagou, quando ele deu a partida.

— Já disse, por dó — respondeu sério — Além disso, não é preciso ser um vidente para saber que terá muito tempo para ficar sozinha.

◆◆◆

— Rico, por que assim? — Júlia quis saber, quando ficaram sozinhos. Estava tão nervosa que tremia. Sua vontade era esganar Constância, se Ricardo não a tivesse impedido, talvez seria difícil tirar as mãos do pescoço dela — Para que trazer nossos convidados para assistirem esse espetáculo deprimente?

— Porque achei que devia uma explicação para eles, deixei que pensassem o pior de você. Tinha que reparar esse erro!

— Por mais que eu odeie Constância, e agora sei que odeio muito, já estive do outro lado e não é legal, Rico. Como posso querer para os outros o que não quero para mim? Além do mais, pouco me importa o que aquelas pessoas pensam ou deixam de pensar de mim. Ninguém esteve ao meu lado, quando precisei e não deixei de viver por causa disso. Por que tinha que se justificar para eles? Estou farta de escândalos, eles estão prejudicando a minha carreira, será que não poderia tê-la confrontado em seu apartamento?

— Poder, eu podia. Mas, Constância precisava de uma lição. Quem sabe não

aprenda como tratar as pessoas...

— Se não aprendeu até agora, duvido que aprenda. Só achei desnecessário tudo isso.

— Imagine o que é ser manipulado e induzido ao erro! O que fiz foi pouco, minha mãe merece mais, merece ser denunciada à justiça pelo que te fez. Ela é um monstro, não tem coração.

— Eu sei disso. Mas pagar na mesma moeda faz de você o que? — Júlia o encarou — Pelo amor de Deus, Rico, comece a agir com o seu coração. O homem pelo qual me apaixonei era, antes de tudo, justo. Por mais que eu odeie sua mãe, poderíamos ter resolvido entre nós, sem envolver essa gente toda no salão. Tem noção de que sua vingança também me expôs um pouco?

— Em momento algum disse seu nome — defendeu-se — Também não há imprensa aqui.

— Não falou meu nome, contudo convidou todas as pessoas que sabiam de quem estava falando — Júlia comentou, sem ficar nervosa com ele — A presença dessa gente só me fez lembrar de tudo o que desejo esquecer. Se não me deixa esquecer o passado, como podemos seguir em frente? Além do mais, com esses celulares modernos, qualquer pessoa pode ter gravado tudo o que aconteceu lá dentro...

Ricardo percebeu que ela tinha razão. Abraçou-a num gesto de carinho, depositando um beijo em sua testa.

— Posso parecer um tornado, às vezes, devastando tudo e todos ao meu redor. Porém, só estou reagindo, após tanto tempo de inércia. Estou cansado de tanta farsa, de tanto ódio gratuito. A lição talvez não tenha sido a melhor opção, concordo, porém, foi algo que me fez bem momentaneamente. Quando a sua vida vira uma bagunça por causa de mentiras, tudo o que se quer é gritar a verdade para todos. Foi o que fiz. Só quero ser feliz, ao seu lado. Amo você e o Lipe e essa é a única verdade que sei e com a qual me importo. O resto — puxou-a mais para perto — Não me abala, nem me importa.

— E como vai resolver agora, toda essa gente lá dentro, falando sobre o que aconteceu, em uma festa sem motivos para se comemorar.

— Serei tão falso, quanto a minha mãe e me comportarei como um anfitrião perfeito. Estando presente até o último convidado se retirar. E depois, vou raptá-la para o meu quarto e liberá-la apenas quando tiver que ir buscar o Lipe.

— Estamos no hotel, lembra-se? A Ellen pode nos apanhar...

— Ela não é mais uma ameaça — a convicção de Ricardo a espantou — Pouco me importa se nos vir juntos. Agora é questão de tempo para que ela saia de uma vez da nossa vida.

— O que quer dizer com isso, Rico? Fez alguma coisa para ela? Ou com ela? Vocês passaram a noite...

— Claro que não, para as três perguntas — Ricardo a interrompeu — Eu te fiz uma promessa e cumpri. Só desejo a uma mulher e ela está em meus braços.

◆◆◆

Quando finalmente chegou à sua bolsa, Ellen apanhou o celular e se impressionou com a quantidade de ligações. Ao contrário do que pensou, apenas uma era de sua mãe. A outra era de um número que não conhecia. Sua bateria estava por um fio.

Sentada no chão, buscou o número de Constância na agenda, mas quando estava para ligar, recebeu uma ligação do mesmo número que ligara várias vezes. Apertou para atender e levou o celular ao ouvido.

— Você me garantiu que não havia possibilidades de dar errado —— a voz do outro lado, nem ao menos a cumprimentou e já foi falando, sem esconder a irritação de seu dono.

Ellen apertou os olhos, sem reconhecê-la de imediato. As ideias estavam embaralhadas ainda para saber do que se tratava.

— Quem está falando?

— Não se faça de besta não, moça. Se eu rodar, levo a senhora junto!

— Deixe de falar gíria e diga de uma vez do que está falando — praticamente implorou.

— A polícia está me procurando. Parece que havia uma câmera que me gravou próximo ao carro. Não vou voltar para a cadeia.

— Como assim? — queria não estar tão tonta ainda, para compreender melhor o que ele estava dizendo.

— Já está me irritando! Fazer-se de sonsa não vai salvar sua pele. Ou me arruma uma boa quantia para eu fugir, ou, se me pegarem, não hesitarei em dar o seu nome e contar tudo o que me pagou para fazer. Está entendendo?

— Sim, estou —Ellen conseguiu compreender o que estava acontecendo e não gostou. Se a polícia estava atrás do homem que mexera no carro, então, já sabia que fora sabotado. Precisava agir, antes que chegassem até ela — Vou arrumar o dinheiro e entro em contato.

— É melhor que entre em contato o quanto antes, pois, se não arrumar o que eu peço, vai se arrepender pelo resto de seus dias — o homem não hesitou em ameaçá-la, antes de desligar.

Ellen apertou e abriu os olhos, prenunciando uma bela dor de cabeça. Apertou rapidamente a tecla de atalho em seu celular para o número de Constância.

Não faziam cinco minutos que Eduardo a deixara em casa, quando seu celular tocou.

— Onde você estava, Ellen? — falou, assim que atendeu — Como pôde ser tão incompetente? Nunca vou perdoá-la pela vergonha que passei hoje.

— Não tenho muito tempo, Constância — mais uma vez não conseguiu compreender o assunto da conversa — Preciso de ajuda, ainda está no prédio?

— Depois de tudo o que passei aí, já estou em casa. Você deixou que me preparassem uma armadilha... Como pude confiar em você?

— Não tenho ideia do que esteja falando, nem bateria suficiente para descobrir — olhou o indicativo do aparelho, apenas cinco por cento, o celular já

estava em modo de economia de energia — Tenho quase certeza de que Rico me drogou — declarou, soando um tanto confusa.

— Como assim? Meu filho jamais faria algo do tipo — fez uma pausa. Após a noite que tivera, já não tinha tanta certeza — Quanto ao celular, não seja estúpida! Duvido que onde esteja não exista um telefone fixo.

— Estou no quarto dele e não estou muito bem ainda para ligar para você — declarou, surpreendendo-a — Preciso de ajuda, Constância. Encomendei um serviço para separar o Rico da Júlia e deu errado.

— Como tudo o que você faz. Que deu errado já sei, pois meu filho e aquela mulher estão mais juntos do que nunca. Por que fui acreditar em alguém tão burra quanto você?

— Ouviu, Constância? Preciso de sua ajuda — ignorou as palavras da mulher — Caso contrário, serei denunciada, isso se não me aconteer coisa pior.

— O que eu tenho a ver com isso, Ellen? Não contratei serviço algum, aliás, nem sei a que serviço se refere. E se a denunciarem, problema seu! Compre uma arma para se proteger dessa coisa pior que pode acontecer — não sem alterou, nem se importou — Avisei que não deixasse pontas soltas. Se as deixou, o problema é seu! Agora, resolva-as sozinha.

— Se eu cair, eu a levarei comigo — repetiu a ameaça que ouvira do homem que contratara.

— Então tente querida, continuo sem saber o que contratou. Será a palavra de uma Góes Vidal contra a de uma qualquer coisa Marques... Será que realmente quer saber qual tem um peso maior? — questionou, antes de desligar o celular. Já havia tido desgosto demais por uma noite, para se preocupar com as burradas daquela que considerara uma aliada, quando na verdade talvez tivesse sido o maior de seus erros.

Capítulo 42

Bad trip. A primeira vez que ouvira o termo foi ao questionar o que poderia acontecer após o organismo absorver a droga. "Cada pessoa reage de uma forma", havia sido a resposta que o garçom lhe dera, "Alguns podem ter uma viagem ruim, principalmente se for a primeira". Somente agora Ellen conseguia compreender o que ele quisera dizer.

Não experimentava apenas um esgotamento físico, mas também uma gama de sentimentos ruins. O medo a visitava, mas a angústia quem se assenhorava de todas os seus gestos. Se estivesse raciocinando direito, talvez estivesse preocupada com as duas conversas telefônicas que acabara de ter. No entanto, estava sensível demais, pois só conseguia pensar que Ricardo a enganara durante muito tempo, fingindo um interesse que jamais tivera por ela. No entanto, as lágrimas que se seguiram à conclusão não tinham qualquer outro sentimento, além da raiva.

Se não estivesse querendo distância da polícia, poderia denunciar Ricardo e o acusar de assédio. Afinal, não seria difícil provar que fora dopada, tampouco que passara a noite no quarto dele. Porém, isso não aplacaria sua fúria. Um único pensamento retornava à sua cabeça, quase de maneira incansável, como num loop infinito: Ricardo se arrependeria muito e pagaria caro por tê-la enganado.

◆◆◆

Ricardo só se arrependeu de uma coisa: ter que servir de anfitrião para pessoas que nem mesmo gostava. Em pensar que a festa havia sido planejada como uma homenagem à sua mãe, a mulher que aprendera a admirar, tinha vontade de rir.

Tudo bem que tivera a ideia da festa, antes do retorno do detetive. Diante da descoberta, chegou a pensar em cancelar a comemoração, porém, Ellen já havia planejado quase tudo e não perderia por nada a oportunidade de mostrar para

Constância que podia feri-la do mesmo jeito que fora ferido. Quando entregou a lista para Vivian, fê-la convidar as pessoas que estiveram em seu casamento, contando com a habilidade de Ellen em alocar convidados de última hora. Estando tudo certo, usar o comprimido que Eduardo lhe entregara, resolveu duas coisas ao mesmo tempo: arrancar algumas confissões de Ellen e afastá-la da festa. Era óbvio que se ela estivesse presente, nada do que fizera daria certo.

A sorte é que a maioria dos convidados fingiu estar incomodada demais com a situação para permanecer e aproveitar a boca livre. Assim, a festa foi se esvaziando aos poucos. Se convenceu Júlia a voltar ao salão, não conseguiu fazer com que fosse para sua mesa, tendo ela preferido fazer companhia aos pais, principalmente após saber que teriam a companhia de sua assistente pessoal.

Voltaram a se aproximar, apenas quando os pais de Júlia levantaram-se para ir embora. Não dera atenção a nenhum dos convidados, porém, devia uma explicação para os pais dela e, por esse motivo, pediu licença à Vivian e foi até eles, antes que saíssem do salão.

— Perdoem-me, senhor Ivan, senhora Salete — cumprimentou-os — Não queria reencontrá-los aqui e desta forma. Minha intenção era ir até a casa de vocês e conversar sobre tudo o que aconteceu... Não que apague os meus erros, ou os justifique... Porém, precisava que estivessem presentes hoje.

— Rico, não precisa se explicar para os meus pais — Júlia o interrompeu.

— Não preciso, mas quero... Aliás, quero muito fazer as coisas certas dessa vez.

— Preocupe-se menos com o que os outros pensam e mais em fazer minha filha feliz — Ivan respondeu sério, com a expressão fechada.

— Ivan! — Salete o repreendeu, notando o constrangimento de Ricardo e Júlia

— Estou sendo sincero, Salete! Hoje o que não faltou aqui foi sinceridade, logo melhor continuarmos na mesma sintonia. Prometi não me meter mais na vida da Júlia, porém, Ricardo, reitero o que acabei de dizer. Não a faça sofrer e não teremos problemas.

— É a última coisa que desejo — Ricardo queria muito que ele acreditasse

nisso, no entanto compreendia sua resistência.

— Melhor irmos, Ivan — Salete não quis que a conversa se prolongasse e despediu-se da filha, beijando-a no rosto. Mesmo Júlia não concordando com o que Ricardo fizera, entendeu a opção dela em ficar ao seu lado — E o Lipe? Tem certeza de que ele ficará bem? — quis saber do neto, assim que recebeu o beijo da filha em resposta.

— Sim, mãe. Inclusive já está até dormindo, acabei de falar com a Sarah — respondeu rapidamente e Salete não voltou a perguntar, pois sabia que se Júlia tivesse alguma dúvida a respeito do bem-estar do filho, ou então que o menino estaria atrapalhando a reconciliação da prima, seria a primeira a ir buscá-lo.

Júlia cumprimentou o pai e enquanto o beijava, falou baixinho em seu ouvido.

— Estarei bem, não se preocupe.

Ivan sorriu para ela, sem dizer nada, apanhou na mão da esposa e junto deixaram o salão da torre B do hotel.

— Agora nós — Ricardo olhou para ela e sorriu. Estava tenso ainda com tudo o que acontecera, porém, a presença dela o reconfortava — Nem tive tempo para dizer que está bonita.

— Nem teve tempo para mentir, é o que quis dizer, não é? — sorriu pela primeira vez na noite, fazendo o sorrir também — O lado ruim de ser convidada às pressas é escolher qualquer roupa.

— Qualquer roupa é um exagero — olhou-a de cima abaixo — Principalmente quando qualquer roupa fica muito bem em você.

— Os galanteios são a troco de que? — continuou num tom mais descontraído, pois, até então o clima estivera muito pesado.

— Não espero ser recompensado por eles, quer dizer, talvez espere um pouco — seu sorriso agora saiu mais tímido — É que tive tempo para pensar no que me disse e talvez concorde um pouco com você... Não sobre Constância... Faria tudo novamente. Porém, não devia ter tornado a lembrança do nosso quase casamento tão viva para você. Não sem consultá-la antes... Só pensei em estourar a bomba,

sem me preocupar com os estilhaços. Infelizmente, é algo no qual preciso melhorar e conto muito com sua ajuda para isso... — declarou, mantendo seus olhos verdes nos olhos dela.

— Aceito suas desculpas — Júlia fez que sim com a cabeça e Ricardo sorriu, agora com vontade, puxando-a para si em um abraço — Esta festa já não precisa de nós.

◆◆◆

Não queria estragar mais uma vez as coisas, então, seu plano era falar sobre a Ellen, enquanto se encaminhavam para o seu quarto. Sabia que não era certo o que fizera, porém, cuidou para que a mulher não se machucasse, tampouco corresse qualquer risco, estando em contato com um médico, para o caso de qualquer eventualidade. Somente com a palavra deste de que ela passara a pior fase, deixara o quarto, sabendo que talvez ela acordasse um pouco confusa, mas fora de perigo.

Ellen havia respondido tudo o que queria e o que não queria saber. Por esse motivo, tornava-se inviável mantê-la no quadro de funcionários do hotel. Apesar de ser uma ótima funcionária e ter sido seu braço direito por muito tempo, era alguém que não mais lhe inspirava confiança e sim receio. Só esperava que ela não fugisse e pagasse por tudo o que fizera.

— Da próxima vez que for aprontar uma surpresa dessas, peço que me avise com antecedência, pois parece que entrei num ringue e lutei cinco grandes rounds — Júlia tentou mensurar seu nível de estresse.

— Por falar em avisar com antecedência... — Ricardo hesitou, fazendo com que Júlia arqueasse uma das sobrancelhas, desconfiada. Mesmo que soubesse que aquele era o momento ideal para lhe contar sobre a noite passada, tinha certeza de que Júlia não o entenderia. Pensou em parar o elevador em um dos andares, no entanto, não o fez. Acreditava que àquela hora Ellen já devia estar longe, porém, teria que explicar a bagunça na qual sua suíte devia se encontrar, visto não ter permitido que a arrumadeira entrasse, enquanto velava o sono de

sua gerente.

—Tem toda a minha atenção.

— Lembra-se do que falei sobre a Ellen?

— Sobre ela ser carta fora do baralho? — quis saber e Ricardo fez que sim com a cabeça — Confesso que não entendi o que você quis dizer com aquilo.

— Finalmente consegui todas as respostas que buscávamos e na segunda-feira, sem falta, eu a demitirei. Queria mantê-la por mais tempo no hotel, para que não houvesse nenhuma oportunidade de fugir da justiça, porém, a situação ficou insustentável. Uma coisa é você desconfiar, a outra, é ter certeza.

— Como obteve a confissão? — Júlia pronunciou a pergunta que sua intuição ditou. Por algum motivo, não gostou do tom de Ricardo.

O elevador chegou ao seu andar e, somente por isso, ele deixou de responder. Saíram juntos, enquanto Ricardo buscava o cartão magnético no bolso do paletó. Felizmente, o Magista tinha um sistema que permitia que os hóspedes saíssem do quarto sem a necessidade do uso do cartão que, no entanto, era imprescindível para se entrar nele, de modo que não havia possibilidade de Ellen ter ficado trancada.

Assim, quando abriu a porta, esperava tudo, menos dar de cara com Ellen. Sua surpresa só não foi maior do que a de Júlia. A mulher não só ainda estava ali, como também desabotoara a maioria dos botões de sua blusa, a ponto de mostrar a lingerie, apresentando-se bem sexy para espera-lo.

— Demorou tanto que quase voltei para cama, Rico — Ellen aumentou o tom de voz, encarando-o. Fingiu ignorar a presença de Júlia, quando na verdade torcera para que ela estivesse ali e, assim, tivesse a oportunidade de descontar sua raiva para prejudicá-lo.

Para Júlia foi a gota d'água. Poderia muito bem dar a meia volta e sair do quarto. Porém, já havia tido uma noite suficientemente ruim para dar esse gostinho àquela mulher. Se a intenção era irritá-la, conseguiu. Surpreendendo os dois, passou rapidamente por Ricardo, sem que ele tivesse tempo de fazer qualquer coisa e foi até Ellen, apanhando-a pelos cabelos. Não era a favor da violência, mas paciência tinha limite e a dela havia chegado ao fim. Pelo menos

nela podia bater, porque estava bem longe de ser idosa.

— Poupou meus esforços, querida, caso contrário teria que lhe arrastar de lá! — Júlia a tirou do sofá com um puxão. Ellen ficou tão surpresa que mal conseguiu reagir e ainda que seu cabelo não fosse muito longo, achou que ele ficaria todo nas mãos dela. Até tentou se soltar, mas aquilo só fez com que doesse mais.

— Sua selvagem! — gemeu — O que mais poderia esperar de... — nem conseguiu completar diante de mais um puxão que quase a fez engatinhar, achando melhor ir na direção a qual era puxada.

— Júlia! — Ricardo, aproximou-se na intenção de separá-las.

— Nem ouse, Rico! — Júlia o avisou e pelo seu tom de voz, teve certeza de que sobraria para ele, se interferisse, de modo que só lhe restou sair de seu caminho. Júlia continuou a puxar Ellen pelos cabelos até a porta, chegando a sair com ela. Uma vez fora do apartamento, não só a soltou como a empurrou. Como já estava encurvada, Ellen caiu sentada — Experimente se levantar, enquanto estiver aqui, sua piranha, para ver o que te acontece!

Ellen não teve dúvidas que ela cumpriria a ameaça e não arriscou se levantar. Se a dor de cabeça havia amenizado, ter seus cabelos puxados daquela forma fez com que retornasse com força total. Atônita viu Júlia lhe dar as costas e entrar, batendo a porta. Estava recolhendo a pouca dignidade que lhe sobrara para se levantar, quando a porta foi aberta de maneira abrupta. Chegou a se encolher e foi o melhor que fez, caso contrário teria sido alvejada pelos pertences que havia deixado no apartamento e que foram arremessados em sua direção, antes de a porta ser fechada novamente.

Apenas quando teve certeza de que a porta não seria aberta novamente, Ellen começou a se recompor, juntando suas coisas, antes de se levantar. Seu coração batia acelerado. Fora pega tão de surpresa que não conseguira reagir à altura. Ao olhar para cima, soltou um palavrão ao se dar conta de que tudo havia sido gravado pela câmera que havia no corredor. Foi da dor à humilhação em questão de segundos, o que só fez aumentar seu desejo de vingança, jurando a si mesma que aquilo não ficaria assim.

Logo que Júlia entrou, Ricardo ficou a uns passos dela, observando-a, receoso de se aproximar. Deveria ter contado tudo sobre Ellen, não ficar

protelando. Nervosa, ela ainda ficou parada um bom tempo junto à porta, tentando acreditar que aquilo realmente houvesse acontecido.

— Se você está com o cartão que abre seu apartamento, como é que ela podia estar aqui, Rico? — indagou, respirando devagar, tentando manter o controle e baixar a adrenalina que sentira ao colocar Ellen para fora.

— Ela... — Ricardo finalmente se aproximou — Poderia dizer que como gerente do Magista, não seria difícil para ela, porém, estaria mentindo. Ellen já estava aqui. Era isso o que estava tentando te contar no elevador.

Para não estourar com ele, virou-se para a porta, inspirando e expirando lentamente. Não imaginou que em tão pouco tempo teria tantos dias para esquecer. Aquela noite, em especial, já havia entrado para a lista. Virou-se novamente para ele.

— É agora que diz a frase típica: "não é nada disso que você está pensando"?

— Não, pois realmente não dormi com ela, embora ela tenha dormido aqui — disse de uma vez, fazendo com que ela arregalasse os olhos surpresa.

— Como é?

Dessa vez, foi Ricardo que puxou o ar, respirando mais profundamente.

— Não sei se o termo correto é dormir. Acho que o certo seria "apagar" — baixou os olhos, ciente de que não tinha nada do que se orgulhar — Fiz com que ela provasse do próprio veneno...

— Do que está falando? — Júlia não entendeu a referência e Ricardo aproximou-se mais ainda, ficando diante dela.

— A Ellen é a responsável por ter sido drogada — disparou — Aliás, ao que tudo indica, foi a responsável por tudo de ruim que te aconteceu naquela viagem, até mesmo em relação à hospedagem.

— E só me conta isso agora? Como pode ter certeza.

— O mérito da descoberta não é meu - teve pesar em admitir — Não podia me afastar mais do hotel — justificou-se — O Edu acabou, junto da Vivian,

descobrindo sobre a hospedagem e, graças a um funcionário seu, chegando à questão do doping.

Júlia colocou a mão sobre a boca, incrédula.

— Cada vez aparece mais coisa que eu não sei! E pelo jeito, parece que sou a única por fora da minha própria vida.

— Foi uma tentativa de te proteger, Júlia!

— Enquanto davam vantagem para a porra das minhas inimigas? Deveriam ter me alertado! — balançou a cabeça inconformada e voltou ao que Ricardo havia falado inicialmente — Você falou que a Ellen bebeu do próprio veneno... E apagou... Não é possível! Você a drogou, Ricardo? Foi assim que conseguiu as tais confissões?

O silêncio dele deu a resposta que ela não queria ouvir.

— Não me orgulho disso, mas...

— Os fins justificam os meios...

— Só fiz o que tinha de fazer, Júlia, e faria tudo de novo se necessário para proteger você e o Lipe — Ricardo disse firme — Prometi que ninguém vai nos separar novamente. Não tenho sido muito bom com promessas, portanto, estou me esforçando para cumprir esta.

— Tem horas que não o reconheço mais Ricardo — Júlia confessou — E isso me assusta demais.

— Posso ter me tornado mais duro, porém, ainda sou o mesmo homem que se apaixonou pela mulher mais brava que conheceu... — tentou sorrir, mas ela estava séria demais, olhando-o de uma forma que não soube decifrar — Você vai ver... Quando estivermos juntos, longe de todas essas pessoas negativas que quiseram nos atrapalhar.

— Rico...

— O quê? Você quer ir embora? — doeu perguntar-lhe aquilo, pois a queria perto. No entanto, se fosse seu desejo, ele a deixaria em casa. Júlia hesitou um

pouco. A razão pedia que fosse, o coração insistia para que ficasse.

— Eu me recuso a dormir na mesma cama que aquela mulher...

Ricardo respirou aliviado e lhe fez um sinal, pedindo um abraço. Nova hesitação, antes de ceder e abraçá-lo, deixando-se envolver pelos seus braços grandes e fortes.

— Ficaremos no quarto de hóspedes — beijou o pescoço de Júlia, sentindo-a se aninhar em sua proteção. Aquela sensação era, disparada, a melhor da noite. Se todos os dias ruins acabassem com a mulher que amava em seus braços, consideraria a si mesmo um homem de sorte. Júlia relevou tudo o que acontecera ali, porque estava cansada de desavenças. Só queria se esquecer daquela noite.

◆◆◆

Não ter conseguido dormir bem contribuiu para que, antes mesmo das nove horas estivesse na sala da casa de Constância, esperando-a. Depois de ter sido escorraçada do apartamento de Ricardo, desceu como se nada tivesse acontecido e foi preciso apanhar um táxi para ir embora.

— Você é a pessoa mais insistente que conheço, devo admitir — Constância disse ao chegar na sala, fazendo com que Ellen se levantasse — Meu Deus, olhou-se no espelho? Está péssima!

— Obrigada pela lembrança — Ellen esperou que ela se sentasse para fazê-lo também.

— Veio aqui ouvir pessoalmente de mim o que te disse por telefone?

— Por favor, Constância. Achei que fôssemos aliadas... Não pode me abandonar assim...

— Aliadas? — Constância riu — Você não fez nada de certo, desde que eu concordei com a ideia absurda de você estar à altura do meu filho. Todos seus planos infalíveis não serviram para nada e, como se não bastasse, organizou uma festa na qual fui publicamente ultrajada. O Rico me expôs diante de todos os

nossos amigos, por causa daquela cozinheira.

— Não sabia nada a respeito disso...

— Você não sabe nada a respeito de coisa alguma, essa é a grande verdade. Se soubesse, não estaríamos tendo essa conversa. Eu me enganei com você, Ellen. É uma decepção. Não tem fibra, nem atitude. Definitivamente não poderia ser minha nora. E, como se não bastasse, ainda tem a audácia de me ameaçar. Baseada em que? Uma pessoa prudente como eu não deixa rastros. Todo o dinheiro que te dei, tinha em casa, ou seja, não fiz nenhuma grande retirada no banco para não correr o risco de levantar suspeitas. Então, diga-me: como acha que vai me envolver nas suas burrices?

— Falei aquilo na hora do desespero. Não a trairia, Constância — garantiu — Mas ainda preciso muito de sua ajuda. Por favor! Estou sendo ameaçada, já recebi uma ligação hoje cedo...

Constância cruzou os braços, cogitando se queria saber no que ela havia se envolvido a ponto de ser ameaçada.

— Só a ajudarei, se me disser o que aprontou dessa vez. É a minha condição para ajudá-la — encarou-a e porque não tinha opções, Ellen começou a contar tudo, desde quando contatara o homem até o pedido para ele mexer no carro de Júlia.

Constância levantou-se após o relato, chegou a andar de um lado para o outro, antes de parar diante de Ellen.

— Você quase matou o meu filho! Agora entendo como chegou lá tão rápido!

— Não era a minha intenção. Não era para ele estar lá... Era para a Júlia estar sozinha. Depois do vexame na festa, teria que voltar para o hotel e o acidente aconteceria, quando estivesse indo para casa. Era para ter sido simples... Bem diferente do que foi.

— Além de inconsequente, Ellen, você é burra! Nem vou perguntar como teve acesso a este homem e porque raios manteve contato com ele, usando o seu número de celular! Aprenda: se não quer se complicar, nunca deixe coisas importantes nas mãos de terceiros! Por falar em mãos, sinto muito querida, mas

está nas mãos de um marginal.

— A menos que me ajude — Ellen praticamente implorou.

— Você quase mata o Rico e ainda tem coragem de me pedir ajuda! Ou é muito estúpida, ou muito confiante. Estou em dúvida.

— Depois de tudo o que aconteceu, sei que serei demitida. Não me restou nada, percebe? Considere como um empréstimo...

— Com licença, deixe-me pensar alguns segundos. Já retorno — Constância pediu, antes de sumir pelo mesmo caminho que chegara.

Os segundos se revelaram minutos e quando Ellen estava prestes a desistir e ir embora, Constância reapareceu. Ela trazia duas bolsas, uma maior e a outra menor. Impediu que Ellen se levantasse e sentou-se diante dela.

— Como sou benevolente, vou te ajudar. Sabe que se ceder a essa chantagem, ela jamais acabará. Por isso, tenho duas sugestões. E espero que as escute, porque tenho muito mais experiência que você. Tem dinheiro aqui, suficiente para sair de São Paulo, ir para um lugar onde seja difícil encontrá-la. Não tenho mais do que isso em casa e não vou recorrer ao banco.

— Minha vida é aqui, Constância...

— Acabou de dizer que será despedida. Que vida? Sua família? Por favor! — estendeu a bolsa maior para ela — Vá para um lugar onde não possa ser encontrada, troque o número do celular... E, para o seu bem, da próxima vez, não se envolva com delinquentes... Tenha classe.

Ellen hesitou, mas acabou apanhando a bolsa.

— Chegamos à outra sugestão — Constância apanhou a bolsa pequena — Antes de se mudar, marque um encontro com o tal homem, dizendo que vai pagá-lo — abriu a bolsa devagar, e Ellen arregalou os olhos ao ver o conteúdo: era uma arma prateada, pequena.

— Isso é uma arma! Meu Deus, está sugerindo que eu o mate?

— É uma calibre 22 para ser exata — Constância a corrigiu — Quem é que

sentiria falta de um bandido, Ellen?

— Nunca atirei em ninguém...

- Nem eu, nem meu marido, a quem pertencia essa obra de arte. Sempre ficou escondida por causa dos meninos. Porém, se fosse no caso de legítima defesa, acredito que nem eu, nem ele, hesitaríamos. E é o seu caso, ou não? Basta comprar balas, mas com as pessoas com quem tem contato, isso não será difícil.

— Mas ele tem muito mais experiência do que eu nisso... Posso ser ferida ao tentar fazê-lo.

— Sua cabeça, seu guia. Este homem nunca vai lhe deixar em paz e se for preso, você também irá — deu de ombros — A decisão é sua. Para não nos afastarmos do tema: lavo as minhas mãos.

Ellen sentiu a boca seca. Constância teve que oferecer a arma três vezes para ela, até que finalmente aceitasse, guardando-a com cuidado dentro da bolsa maior.

— Se você tivesse um sobrenome como o meu, nunca seria presa, mas não tem. Então, cuide de si mesma e nunca mais volte a me procurar. Agora se me der licença, apareceu cedo demais, ainda não tive tempo de fazer o meu desjejum.

Ellen fez que sim com a cabeça, automaticamente se levantando. Ainda balbuciou um obrigada, antes de se retirar.

◆◆◆

— Uau, que história! — Luciana se admirou do relato de Eduardo. Haviam se passado dois dias e ironicamente não havia saído uma só nota sobre o que acontecera na festa. Estavam no estúdio dela, decidindo o desenho da próxima tatuagem que ele faria.

— Triste o mundo em que as pessoas veem coisas como essa como normais

— Eduardo deu de ombros — Há uma diferença bem grande entre justiça e justiçamento, o olho por olho, o dente por dente — tirou do bolso da camisa um papel e o mostrou para a amiga — Recebi hoje cedo, quando saía para vir aqui.

Luciana o deixou olhando o álbum e examinou o papel. Era uma intimação.

— Pretende contar a verdade?

— Claro — não hesitou — Tirei as fotos, mas não as divulguei. Não vou pagar por isso. Direi o que apurei e colocarei a senhora Constância Vidal como principal suspeita, contando com a ajuda do porteiro que permitiu a entrada dela no meu apartamento.

— Sabe que pode não dar em nada, se o pessoal do tal site não se pronunciar, não sabe? Ainda mais por se tratar de uma senhora — frisou a palavra — Bastante respeitada nos meios sociais.

— Sim. Mas sei também da natureza humana e aposto nela. Duvido que arcarão com todas as consequências, sem entregar o verdadeiro responsável. No caso, a verdadeira responsável.

— Que situação, Edu. Depor contra a mulher que sempre achou que fosse sua mãe... Por mais que ela mereça, sei que não deve ser fácil.

— Pior seria permanecer calado — Eduardo parou em uma imagem — Se cometeu um erro, tem que pagar por ele — Pronto, já me decidi — mostrou o desenho para a tatuadora. Luciana foi até ele e ficou surpresa, já que costumava escolher desenhos abstratos — Bem, agora só falta me dizer o nome do cara por quem está apaixonada, aquele do outro dia — provocou-a.

— Esse é o nome — mostrou-lhe o dedo do meio da mão direita — E este o sobrenome — completou, mostrando-lhe o da mão esquerda, fazendo-o rir.

— Só você mesmo para me fazer rir, Luciana. Olha que não tenho tido muitos motivos.

— É para isso que servem os amigos — ela sorriu, piscando para ele — Agora que tal começarmos?

◆◆◆

Uma semana depois

— Puxa pagaria o que fosse para ter visto a cena — Sarah declarou, experimentando a cocada — Nossa, isso ficou muito bom, Júlia. Não gosto de vir aqui, porque depois tenho que pagar muitas flexões para me livrar dessas calorias todas.

— Pois eu me arrependo, se o Rico tivesse me contado antes todas as coisas que ela fez contra mim, teria quebrado a cara dela ali mesmo. O que fiz foi muito pouco.

— Agora pelo menos, ela foi demitida, não é? — afastou-se um pouco, deixando Júlia mais à vontade para trabalhar. Rui e Karin haviam saído para uma entrega e Andreia não fora trabalhar, por conta de uma consulta, de modo que estavam sozinhas na cozinha da confeitaria.

— Oficialmente não — Júlia respirou fundo — Quem disse que ela retornou ao hotel? Teve coragem de mandar alguém buscar o carro e não voltou. Faz mais de uma semana que o Rico não tem contato. Ele já até falou com a família dela e nada.

—Talvez a vergonha seja tanta que desistiu de aparecer — Sarah sorriu, ficando séria depois — Antes assim, deixa essa oferenda para lá. Talvez seja um livramento.

— Concordaria com você, Sarah. No entanto, prefiro meus inimigos onde possa enxergá-los. Sabe, agora que a sabotagem foi provada, e depois de descobrir tudo o que tramou contra mim naquela viagem, fica evidente que está envolvida. Logo será procurada não só pelo Rico, mas também pela polícia... Se não tiver fugido ainda...

— Também não aparecerá por aqui, então, esqueça essa mulher — resolveu mudar de assunto - Ainda falta muito para acabar? - referiu-se ao doce.

— Não, está pronto. Só falta colocar nas formas e resfriar. Aí teremos nossa ganache de chocolate com pimenta, com a cobertura de cocada.

— Parece meio bruxa, às vezes, para fazer essas misturas deliciosas. Só de ouvir o nome desse doce, acho que já engordei uns quilos — exagerou, fazendo a prima sorrir — Por falar em mistura, passada toda esta tormenta, você e o Rico, finalmente se acertaram?

— Estamos caminhando para isso. Ele me prometeu, nada mais de surpresas desagradáveis, embora ainda tenhamos divergências em algumas coisas — respondeu, enquanto colocava a ganache nas formas, para em seguida por a cocada.

— Perdoe a minha curiosidade, mas quais coisas?

— Ah coisas de casal — sorriu — Por exemplo, porque este será o primeiro aniversário que estará presente, quer uma festa enorme para o Lipe, enquanto prefiro algo menor, apenas com os amiguinhos da escola e algumas crianças com as quais ele brinca no parquinho do prédio. Quero que o Lipe aproveite a festa, ao lado das crianças que conhece, não perdido no meio de um monte de desconhecido...

— Tenho certeza de que você tirará esta de letra — Sarah piscou para ela — E por falar no Lipe... — apontou para o relógio, avisando que não tinham muito tempo para sair dali.

— Já estou finalizando — Júlia avisou —Só o tempo de colocá-las para resfriar e pedir para o Douglas fechar a confeitaria.

— Fiquei surpresa e ao mesmo tempo feliz por saber que o manteve aqui, mesmo depois de saber que ele contribuiu com a víbora... — Sarah riu — Parece que sempre voltamos a ela...

— Verdade. Quanto ao Douglas, foi apenas mais uma vítima das armações da Ellen... Se não fosse por ele, jamais teríamos descoberto... Quer dizer, o Edu... — Júlia recordou-se desconfortável. O fato de não estarem mais juntos não impediu que ele se esforçasse para desvendar tudo.

— Senti um certo incômodo na sua voz? — Sarah não deixou que isto escapasse.

— Impressão sua — tentou negar, porém, viu-a cruzar os braços — Tudo bem. É que, sei lá, é estranho... Enxergo a Vivian como uma Ellen amanhã. Ela

pode não ser adepta das armações, mas reconheço o mesmo desespero, a mesma ânsia de agradar... Ela me olha como uma oponente, quando na verdade, ela é sua própria inimiga. Conheço o Eduardo o suficiente para dizer que ele prefere mulheres independentes e que não sejam pegajosas... Tudo o que ela não está sendo.

Sarah riu, embora Júlia falasse sério.

— Onde está a graça? — quis saber.

— Júlia, referente ao gosto do Edu, se você estivesse diante de um espelho, não teria descrito a si mesma de melhor maneira — quando viu que a prima não gostara, nem concordara com seu comentário, sorriu de modo mais amplo.

◆◆◆

— Rico! Que surpresa! Pelo menos dessa vez é uma surpresa boa — Constância comentou, parando de jantar. Fazia tempo que o filho não aparecia em casa.

— Age como se não tivesse acontecido nada. Isso é fantástico, mãe! — Ricardo comentou incrédulo, ou era fruto de muita dissimulação, ou aquela mulher vivia num mundo descolado da realidade — Não precisa se levantar.

— Sei que não estava em seu pleno juízo Ricardo, mas eu o perdoo. É meu filho querido, sempre o perdoarei.

— Não inverta os papéis! Não sou eu quem preciso de perdão; por sua culpa, perdi três anos preciosos da minha vida.

— Não fui eu quem deixou a noiva no altar, Ricardo. Então, não mereço todos os créditos — Constância comentou normalmente, irritando-o.

— Deixei-me levar pela mentira...

— Que seja, mas não o obriguei a agir como agiu. Não me culpe pelo seu temperamento.

— Fico espantado com o seu cinismo... Se foi capaz de fazer isso com seu filho querido, fico feliz de nunca ter estado na pele do Eduardo — deu por encerrada a conversa — Agora se me der licença, vou subir.

Constância não disse nada, apenas sorriu. Sabia que cedo ou tarde ele retornaria. Só não esperava que, ao descer, ele estivesse com duas malas. Dessa vez interrompeu o jantar não para conversar com ele, mas porque perdera o apetite.

— O que significa isso, Ricardo?

— Exatamente o que está vendo. Estou saindo desta casa para não mais voltar. Peguei apenas o básico, por enquanto. O restante mandarei buscar, a partir de amanhã.

— Não pode fazer isso. Somos uma família...

Ricardo riu, interrompendo-a.

— Veja ao seu redor, que bela família este — apontou as cadeira vazias — É isso o que te sobra, Constância, móveis! Eles, com certeza não conseguirá afastar. Como é uma mulher preconceituosa, sugiro que os troque todos pelos de cor branca. Não é a favor da monocromia? — questionou irônico — Talvez o resultado final lembre um hospital ou, se der sorte, um sanatório. Enquanto isso, vou estar bem longe daqui, curtindo minha vida colorida, ao lado da minha mulher e do meu filho. Aliás, farei um favor ao Lipe: não permitirei que conviva com uma avó como você.

◆◆◆

Eduardo sorriu ao ver as fotos que tirara do sobrinho. Havia prometido fazer um álbum e dá-lo para Júlia e pensou nisso como presente de aniversário. Ela já estava com as primeiras fotos que tirara e sabia que amaria o resultado final. No entanto, para supreendê-la, escolheu aquela que considerou a melhor foto para ampliá-la e transformá-la num quadro, iguais aos que tinha em seu apartamento.

As fotos eram sua vida e por conta de uma delas havia parado em uma delegacia. Não ficara surpreso ao saber que os advogados do irmão cuidavam do caso, tampouco que o próprio, e não Júlia, havia citado seu nome como a pessoa responsável pelo vazamento. Entendeu, também, que a acusação havia sido feita antes de ele desccobrir a verdadeira culpada. O que deveria deixá-lo triste, na verdade o deixou feliz, pois, deixou claro que Júlia jamais duvidara de sua palavra..

Pensara que conseguiria esquecê-la e que bastasse se envolver com outra mulher para tirá-la da cabeça. Infelizmente não era tão simples assim. Júlia ainda balançava suas estruturas de uma forma que não conseguia compreender e vê-la ao lado de Ricardo, fazia com que sofresse. Prometera que não atrapalharia os dois, nem declararia os sentimentos que ainda tinha por ela. Desejava que fosse feliz, ainda que não fosse ao seu lado. Só não estava pronto para ver isso acontecer.

Por esse motivo, resolveu que, após o aniversário do sobrinho, viajaria. Primeiro, até a cidade na qual descobrira sua nova família e depois para fora do país, só que dessa vez em férias, nada de trabalho.

Estava na hora também de agir corretamente com Vivian, parar de evitá-la como vinha fazendo e se decidir: ou convidá-la para ir junto e, desse modo, tratar de maneira mais séria a atração que sentiam ou, e estava mais inclinado a isso, colocar um ponto final no que tinham. Era verdade que ela o sufocava um pouco, porém, sentia-se culpado por isso. Afinal, nunca fora sincero com ela, deixando-a confortável com o que estavam vivendo. Sempre se dera fisicamente, mas não de corpo e alma, como deveria, porque, para isso, tinha que admitir que, embora não a visse como um estepe, ou tapa-buraco, ainda amava Júlia e se ela tinha pretensões de ter algo sério com ele, tinha que entender que talvez levasse ainda algum tempo para esquecê-la. Se tivesse sido claro desde o começo, talvez Vivian não estaria tão perdida em relação ao modo que deveria se comportar quando estivessem juntos.

◆◆◆

Ricardo sorriu, sem conseguir tirar os olhos dela. A parte boa de Ellen ter

sumido era a de que não precisava mais fingir e, desse modo, podia visitar Júlia, quando bem entendesse. Após deixar suas malas em seu apartamento, fora para o apartamento dela.

Antes de tê-la em seus braços, colocou o filho na cama e velou seu sono por um tempo. Seu encantamento com ele só fazia crescer. Se dependesse dele, queria dar-lhe irmãos, talvez mais dois. Era muito bom crescer ao lado de outra criança. Muito de sua infância ter sido feliz fora graças à presença de um irmão mais novo.

— Por que está me olhando assim?

— Porque nem acredito, minha pimenta, que finalmente estejamos juntos — sorriu — Depois de tanta coisa ruim. Pena que não seja ainda o ideal para mim.

— Qual é o ideal para você? — olhou-o intrigada.

— Quero você e o Lipe comigo, o tempo todo. Quero o nosso filho nos acordando ao pular no meio de nós. Quero chegar e sentir seu perfume e segui-lo para poder te beijar e dizer que o meu dia estava chato até encontrá-la — sorriu — Isso é o ideal para mim. Por que vocês não vêm morar comigo?

— Rico, você talvez não compreenda. Porém, eu me orgulho de morar aqui. Algo que conquistei com o meu trabalho e que ainda nem quitei...

— Entendo sim. Você quis, você conseguiu. No entanto, quero nossa família junta e, sou bem-sucedido, posso te proporcionar o que precisar. Inclusive, posso te ajudar a quitar o apartamento e pode, sei lá, vendê-lo e aplicar o dinheiro em investimentos...

Júlia afastou-se um pouco, incomodada com o que ouvira.

— Está sugerindo que eu venda meu apartamento?

— Sim... Por que não? O que é este apartamento em relação a tudo o que temos?

— O fruto do meu trabalho? — Júlia incomodou-se — E você tem, não "nós".

— Não quis menosprezar suas conquistas, longe de mim — percebeu que talvez não tivesse se expressado bem — Quando nos conhecemos, eu não tinha nada, por isso, sei a importância das suas conquistas. Em três anos o Magista passou de duas estrelas para cinco. Compartilho com você o querer e conseguir, então jamais diminuiria o valor de ter este apartamento. Entendeu?

— Se não está diminuindo as minhas conquistas, o que quis dizer com vender meu apartamento? — ainda não estava convencida.

Ricardo ficou em silêncio por alguns segundos. Sem que ela esperasse, levantou-se da cama e sem ao menos cobrir a própria nudez foi até a sala. Quando voltou, escondendo algo atrás das costas, Júlia havia se sentado. Ricardo subiu na cama, sentando-se ao lado dela.

— Não queria ter feito desse modo, no entanto, não sou bom com as palavras, e consigo estraga qualquer clima, principalmente, quando fico nervoso — declarou, revelando o que estivera escondendo. Sobre o olhar espantado de Júlia, abriu a caixinha de veludo azul e de lá tirou um anel cravejado de diamantes — Era isso o que eu queria dizer: Você quer se casar comigo?

Capítulo 43

Os olhos de Júlia se encheram de lágrimas. O anel era lindo e estava diante do homem com o qual sonhara compartilhar o resto de seus dias. No entanto, ficara sem palavras.

— Júlia? — Ricardo insistiu, diante do silêncio dela.

Júlia fechou os olhos por alguns segundos e reviveu a cena do altar. Quando voltou a abri-los, já sabia o que dizer.

— Não — a resposta que saiu de forma natural, atingiu Ricardo como o corte de um punhal. Dessa vez ele quem arregalou os olhos, atônito — Não consigo, Rico. Cerimônia de casamento para mim, só a trabalho. Não me vejo mais em um altar.

— Ufa — respirou aliviado —Por segundos achei que não me quisesse mais. Se o problema é a cerimônia, oficializamos no cartório, na presença de pouquíssimas pessoas... Posso fazer do jeito que quiser.

— Então, por ora, esqueça isso de casamento — Júlia pediu, provocando o olhar confuso dele — Por enquanto, continuemos como estamos...

— Longe um do outro... O Lipe longe de mim... Você sem exibir a aliança, mostrando que é minha mulher... Assim? — quis saber, discordando.

— É. Longe, só ficaremos, se você quiser. O Lipe sempre será seu filho e terá acesso a ele, quando bem entender. Por fim, não é um anel que me faz estar ou não com você. Eu tenho trauma com casamentos, desculpe, mas não posso.

Ricardo não teve argumentos, antes experimentou um pouco do que ela sentira, quando ele dissera não. Sabia que não foi proposital, porém, teve certeza de que os sentimentos foram bastante parecidos. Além de se sentir rejeitado, sentiu-se desapontado, sem saber onde errara. Porém, para ser justo, assumiu que a culpa era exclusivamente dele, afinal se receber um "não" a um pedido de casamento na cama, sem testemunhas, já machucava, tentou imaginar o que ela passara, tendo uma pequena amostra, sabendo que nem tinha comparação.

Apenas por isso resolveu não insistir.

◆◆◆

Sarah acertou ao dizer que Júlia levaria a melhor e, desse modo, o aniversário de quatro anos de Felipe foi realizado em um salão de festas muito menor do que o desejado por Rico e situado mais perto da casa de Júlia, de modo que fosse acessível para as crianças com quem ele estudava e com quem dividia o playground do prédio. Adultos, eram bem poucos. Além dos pais de Júlia, estavam presentes a Sarah e seu namorado; Solange, a secretária de Ricardo, e sua filha; Fátima, a nova gerente do Magista e a equipe toda do Doce Pimenta com seus respectivos pares. Júlia vetara a presença de Vivian e ele acatou a restrição, ainda que não tenha entendido, ou melhor, ainda que não tenha gostado, pois o levava a pensar que a única coisa que podia ter contra Vivian era o fato de ela estar envolvida com o seu irmão.

Ao ver o filho interagindo com outras crianças e se divertindo, ao pular na piscina de bolinhas, teve que concordar que Júlia estava certa. Lipe não se divertiria do mesmo modo, caso estivesse no meio de adultos e crianças que jamais vira antes.

Eduardo apareceu um pouco antes de cortar o bolo e bastou que o menino o visse para que abandonasse o que estava fazendo para correr a seu encontro.

— Tio Du!

Sob os olhares de todos, inclusive de Ricardo, Eduardo deixou os presentes num canto e o recebeu da mesma maneira de sempre, apanhando-o no colo, para depois simular um voo de avião, no qual Lipe era a própria aeronave.

— Ou você está ficando grande, ou eu, velho, pois esse aviãozinho está cada vez mais pesado — falou, assim que parou.

— Achei que não viria cantar o meu parabéns — Lipe disse de modo espontâneo, fazendo com que Eduardo o abraçasse. Estava em falta mesmo com o menino, pois deixara de visitá-lo no colégio.

— Não perderia por nada — respondeu bem-humorado, afrouxando o abraço.

— Tio Du, tem muita coisa — começou a falar e gesticular, tentando mostrar para o tio onde estavam as coisas —Doce, bexiga, pipoca vermelha, brigadeiro, e uma mulher que faz desenho na gente. Quer fazer um também? Só tem que esperar na fila, um atrás do outro, pois não pode passar na frente do amiguinho — disse tudo ao mesmo tempo, fazendo Eduardo rir com o excesso de informação.

— Acho que estou grande para o desenho, mas vou adorar comer doce e brigadeiro — respondeu, prestes a devolvê-lo ao chão.

— Tio Du — a voz do menino fez com que ele adiasse o ato de colocá-lo no chão — Então, você fez esses desenhos que tem no braço, quando era pequeno?

Eduardo riu novamente, nunca imaginaria que o garoto associa-se os desenhos com suas tatuagens.

— Sim, Lipe, fiz quando era pequeno ainda — concordou.

— Mas então o desenho vai crescer com a gente? — questionou, encantando o tio com mais aquela pergunta.

— Não, Lipe, a tinta que a mulher está usando sai com água — tratou de tranquilizá-lo — Esse desenho não vai crescer — resolveu não tentar explicar muito, visto que ele não entenderia. Colocou-o no chão e o viu correr e retomar a brincadeira que deixara só para falar com ele.

Júlia e Ricardo foram recepcioná-lo. Não houve cumprimentos formais entre Júlia e Eduardo, além da troca de sorrisos. Ricardo nem ao menos sorriu, cumprimentando o irmão com um aperto de mão frio e formal.

— Fico feliz que tenha vindo, o Lipe gostou muito — Júlia quebrou o silêncio.

— Não perderia a festa dele — Eduardo comentou de modo sincero, apanhando os dois pacotes, que encostara no chão para pegar o sobrinho no colo, e estendendo o menor para Júlia — Este é um brinquedo de montar, com vários blocos coloridos. Sei que ele tem esse lance com as cores.

— Sim — Júlia recebeu o presente dele — Vai adorar, tenho certeza.

— Esse, é um presente para a casa de vocês — falou num tom mais sério — Acredito que gostarão — viu Júlia entregar o primeiro presente para Ricardo, para poder receber o segundo. Como ele declarara que era para os dois, começou a abri-lo.

— Obrigado — Ricardo disse seco, pois não havia uma "casa" deles ainda. Não pôde evitar observar a expressão de Júlia ao desembalar o presente e dar de cara com uma belíssima foto do filho no formato de quadro de madeira. Era como se a foto tivesse sido desenhada no painel, que não tinha molduras, iguais aos quadros que Eduardo tinha em seu apartamento.

— Uau! Ficou lindo, Edu — sorriu, imaginando que aquela imagem ficaria perfeita em qualquer ambiente. Era uma obra de arte.

— Vire — Edu pediu, apanhando o papel que antes servira de embrulho, e a viu virar o quadro com cuidado. Preso na parte de trás do quadro, o álbum que prometera.

— Não se esqueceu? — Júlia sorriu, soltando-o.

— Jamais me esqueceria — Eduardo retribuiu o sorriso.

Ricardo sentiu-se incomodado com a cumplicidade dos dois, mas não quis protagonizar nenhuma cena de ciúme. Portanto, conhecendo-se, preferiu arrumar um pretexto e se afastar, antes que falasse alguma bobagem.

— Deixe-me colocá-los junto aos outros, amor — pediu os presentes que ainda estavam com Júlia. Ela agradeceu e os entregou a Ricardo, que se retirou rapidamente, caminhando em direção ao local onde estavam os outros presentes ganhos por Lipe.

Sozinhos, houve um pequeno silêncio entre os dois.

— Que bom que tudo esteja dando certo para vocês — Eduardo foi quem comentou.

— É sim — Júlia concordou — E você como está?

— Já estive melhor — Eduardo brincou, piscando para ela e a fazendo sorrir — Falando sério, aconteceu muita coisa... Estou precisando de férias urgente.

— Férias sempre é uma boa... Devido ao que aconteceu, houve uma queda nas encomendas da Doce Pimenta, porém, parece que está estabilizando. Estamos voltando a figurar entre as primeiras opções, quando o assunto são doces. Portanto, não posso nem pensar em férias agora.

— Com certeza tudo vai melhorar e vão retomar todos os pedidos de antes. Você nasceu para brilhar, Jú. Até o sol é encoberto por algumas nuvens, mas elas passam. Daqui a pouco, tudo volta ao normal.

— Espero que sim — sorriu — E você já decidiu como vai curtir suas férias?

— Estou indo para Turim na próxima sexta-feira — resspondeu, surpreendendo-a — Talvez visite Roma e Milão também.

— Nossa, mas já está em cima...

— Sim. Às vezes é preciso mudar de ares — deu de ombros — Aproveitar para fotografar por prazer, não por trabalho.

— E terá tempo suficiente para visitar todos os lugares que quer?

— Se um ano se mostrar pouco tempo — sorriu — Então, é sinal de que não estou sabendo me planejar bem.

Júlia não escondeu a surpresa, o período de um ano não poderia ser chamado de férias. Esta parece ter ficado estampada em seu rosto, pois Eduardo fez questão de dizer.

— Vou sentir muita saudades... Quer dizer, do Lipe — tentou se corrigir e respirou aliviado, quando Wagner e Sarah se aproximaram. Sarah achou a prima estranha, observando-a, enquanto Wagner cumprimentava Eduardo, com quem tivera muito mais afinidade do que Ricardo. O empresário pareceu não ter gostado de escutá-lo chamando-a de Julinha, como fazia, desde que a conhecera, de onde a antipatia foi recíproca. Os pais de Júlia juntaram-se a eles, pouco depois.

Sarah esperou e na primeira oportunidade que teve, quando a encontrou no

banheiro retocando o batom, quis saber se fora impressão sua, ou realmente, Eduardo dissera algo que a deixara abalada.

— De forma alguma, ele não me aborreceria na festa do Lipe. É do Edu que estamos falando — continuou se olhando no espelho.

— Eu a conheço muito bem, Júlia. Qual é? Ele disse algo que você não gostou...

— Impressão — Júlia deu um sorriso amarelo — Estávamos falando sobre trabalho e férias. Ele me contou que vai sair de férias.

— Sei... — Sarah continuou desconfiada — Com a oferecida-mor?

— Não, quer dizer, acho que não. Vai para a Itália — Júlia disse de uma vez.

— Aí sim, elevou férias para outro nível — sorriu, ainda sem entender o desânimo com que Júlia estava lhe dando aquela informação.

— Por um ano.

Sarah balançou a cabeça, entendendo finalmente.

— Ah meu Deus, Júlia!

— O que? — não compreendeu.

— Sinceramente, não queria estar na sua pele. Se realmente não entende o que está acontecendo, tem problemas graves.

— Desde quando fala por enigmas, Sarah? Diga de uma vez o que quer dizer.

— Você está confusa, ainda.

— Não, nada a ver.... Já me decidi, estou com o Rico.

— Então, por que raios, o fato de saber que o Edu vai embora, deixou-a tão abalada? Se fosse você, tentava responder a essa pergunta — nem deu tempo para que Júlia respondesse, saindo do toalete e a deixando diante do espelho.

◆◆◆

Com as últimas coisas da viagem para decidir, a semana pareceu passar mais rápido e não poderia ser diferente, começando do modo como começou.

Em plena segunda-feira, estava fazendo as malas, quando o celular tocou de modo insistente. Olhou no visor e só atendeu por se tratar de sua amiga, Luciana.

— Edu, para que tem celular se não o atende?

— Não estava próximo dele, Lu, agora já atendi, qual a urgência?

— Não está vendo televisão?

— Sabe que é raro que o faça...

— Então ligue imediatamente, noticiário... — falou o nome do canal.

Eduardo, sem tirar o celular do ouvido, caminhou até o local onde ficava a televisão, apanhando o controle e ligando o aparelho e colocando no canal indicado. Imediatamente viu a entrada de uma casa conhecida. Tratou de aumentar o volume.

"A conhecida socialite, Constância de Góes Vidal, foi oficialmente implicada no vazamento de fotos da chef Julia Pimenta. Segundo testemunhas e contatos do site, as fotos foram entregues por ela a um repórter..."

— Caralho! — Edu não conseguiu conter o palavrão, continuou escutando a notícia.

— Foi o que pensei também, Edu.

"Ela será levada para depor (...) A divulgação das fotos será julgada de acordo com a lei de 2012, que tem o nome de uma atriz da mídia televisiva e cuja punição é de três meses a um ano, para todos aqueles que invadirem dispositivo informático alheio, com a intenção de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo..."

— Parece que a justiça tarda, mas não falha.

— Vamos ver, Lu. Depois do episódio do segurança, que o cara saiu sob fiança e ficou por isso mesmo, só acredito vendo.

— Mas, já é um começo — Luciana comentou — Caramba, viu isso? — referiu-se à Constância saindo da residência e entrando na viatura policial.

— Aposto que ela deve estar perguntando para os policiais se eles têm ideia de com quem estão falando — Eduardo respirou profundamente — Espero que ela aprenda algo com isso...

Ricardo havia ido à Doce Pimenta e, enquanto Júlia se reunia com clientes no escritório, ficara no salão e estava ao lado de Rui, quando recebeu a notícia de Vivian. Via celular, assistiu ao vídeo da mãe sendo levada para depor. Ficou surpreso, pois aquela exposição era ainda maior do que a da festa. Apesar de saber que a justiça seria feita, não teve como ser indiferente à notícia. Além disso, esse indiciamento significava trazer o caso das fotos à tona. Viu que remoer aquela história, mexeria com Júlia. O confeiteiro notou pela expressão dele que havia algo errado e logo se inteirou do assunto.

— Puxa, essa história tinha que voltar logo agora! — comentou, chamando a atenção de Ricardo.

— Não entendi — Ricardo virou-se para o homem.

— Estávamos para fechar um casamento em Lins, de uma família influente de lá, donos da empreiteira Guerra e Gutierrez. Seria ótimo para recolocar a Doce Pimenta no circuito das grandes festas de casamento. Desde que tudo isso explodiu, rarearam os contratos para as festas, o forte tem sido apenas a venda aqui na confeitaria, e algumas encomendas... A Júlia ficará bastante chateada, se o motivo de não fecharmos for a história dessas fotos novamente.

Ricardo pediu licença para Rui, com a desculpa de saber mais sobre sua mãe e se afastou um pouco, ligando para Solange.

— Será que pode descobrir uma informação para mim, Sol? — a mulher respondeu que sim — Os nomes e telefones dos donos da empreiteira Guerra e Gutierrez e quem da família irá se casar.

— Assim que descobrir, entro em contato, senhor Vidal — Solange demonstrou que uma boa secretária não perdia tempo realizando perguntas, e sim fazendo apenas o que lhe era solicitado.

◆◆◆

Não havia sido uma decisão fácil, porém, Eduardo já havia se decidido. Assim, na terça feira, saiu do apartamento por volta das onze horas e percebeu na expressão de Vivian o quanto ela ficara surpresa com sua presença no Magista.

— Aconteceu algo para estar aqui?

— Sim, quero conversar com você. Acredito que tenha horário de almoço, não?

Ela fez que sim com a cabeça, olhando no relógio.

— Se me der quinze minutos...

— O tempo que precisar — concordou, aproximando-se da janela, observando a vista do prédio.

Quinze minutos depois, os dois estavam juntos, descendo de elevador. A intenção dele era levá-la para almoçar, perto dali, onde pudessem conversar, sem que ela perdesse o horário de retornar ao trabalho.

— Exatamente o que faz aqui? — quis saber, antes que o elevador chegasse ao térreo, fazendo com que ela sorrisse.

— Sou assistente pessoal do seu irmão — reiterou — Agora, com a saída de Ellen, tenho aprendido algumas coisas que ela também fazia. Parece que ela era um braço direito do Rico, sabia tanto desse hotel, quanto ele e tomava algumas decisões importantes, assim como marcava e participava das reuniões. Funções que a Fátima acabou não herdando.

— Entendi — Eduardo sorriu — Embora tenha certeza de que poderia

trabalhar onde quisesse.

— Quis esta vaga, então você tem razão — concordou, agradecendo quando ele segurou o botão para que ela saísse. Sem trocarem mais palavras, caminharam até o carro dela e em silêncio foram até um restaurante que Eduardo gostava e que ela não conhecia.

— Pronto, Eduardo. Diga-me o que tem a me dizer — Vivian falou assim que ela e Eduardo fizeram os pedidos para o garçom — Não me traria aqui à toa.

— Tem razão — fez uma pausa — Na sexta feira vou viajar para a Itália — disse de uma vez e viu Vivian morder levemente os lábios inferiores. Ela recusou-se a olhá-los nos olhos.

— Por isso estava me evitando, não é? Para que eu me acostumasse com a sua ausência. De repente, no fim das contas, acho que agi certo ao buscar ajuda.

— Está falando do que? — ele não entendeu.

— O que sinto por você tem me feito mal — confessou — Não por sua culpa, é claro... Pelo fato de não nos conhecermos bem, de não nos conhecermos nada, quer dizer, a coisa deveria ter rolado de modo diferente. Só que me perdi neste processo. Ter sido deixada sozinha em uma mesa fez com que percebesse que não estava dando certo. Você havia ido embora, sem ao menos se despedir e o Ricardo fora ficar ao lado de Júlia. Entrei naquela festa sozinha e terminei me sentindo ainda mais solitária — fez uma pausa — Não estou o culpando, de modo algum. Só estou tentando te explicar.

— Deveria ter falado com você...

— Falar por obrigação e não por vontade, não mudaria o que estava sentindo, Edu — forçou um sorriso — Mas foi bom. Atingi meu limite. Não queria mais me sentir daquele jeito, nem me comportar daquela maneira. Fui procurar ajuda, finalmente — inspirou e expirou lentamente — Segundo a minha terapeuta, apresento um quadro de insegurança emocional — sorriu de modo triste — As atitudes que tomo tentam compensar tudo aquilo que acho que falta em mim. E assim, antes que perceba, já estou forçando uma situação, como aquela da festa por exemplo na frente da Júlia, roubando-lhe um beijo de propósito, só para provar que posso ser desejada, que posso ser amada, mascarando, assim, todos os meus medos.

— E quem disse que não é digna de ser amada? — Eduardo questionou preocupado e a viu tocar no lado da têmpora, como se respondesse "minha própria cabeça".

— Não posso te explicar o que ainda não entendi — confessou — Só sei que tem a ver com a minha baixo auto estima. Somente quem ama a si mesma está pronta para ser amada por outra pessoa.

— Você é linda, Vivian. Como pode não amar a si mesma?

— Sempre escondi meu sentimento de inadequação, sendo uma profissional impecável. Assim, as pessoas se encantavam com esse lado e não precisavam conhecer o outro. Aí você chegou e mexeu com isso. Tirou-me da minha zona de conforto. Fez-me lembrar de que havia aqui uma mulher com muitos desejos e com uma vontade enorme de não ser só. Ao mesmo tempo, deparei-me com a versão perfeita, com o padrão de mulher que gostaria de ser. Sim, a Júlia. Eu a odiei no primeiro momento. Além de ser uma profissional bem-sucedida, era querida por todos, mãe e, ainda por cima, conseguia despertar o amor em dois homens — mordeu novamente os lábios — A inveja é um espelho de ponta-cabeça, sabia. Enxergava nela, tudo o que jamais poderia ser. Por isso, antes mesmo de conhecê-la, já a odiava. Pior, queria que ela não tivesse tudo o que tinha. Principalmente, queria que ela não tivesse você, porque eu o queria para mim, meu Deus, afinal ela já tinha o Ricardo! — Eduardo fez a menção de falar algo, mas Vivian não deixou — Fui tola e burra. Porque tivemos um sexo maravilhoso, o melhor que tive há tempos. E depois fiquei obcecada. Eu o afastei, enquanto o queria por perto, ainda que percebesse que você estava só de passagem e não me queria de verdade em sua vida. Aliás, realmente me desejou, porém, estava longe de me amar. Nunca me ofereceu uma brecha sequer para entrar em seu coração, porque ele ainda estava ocupado.

— Desculpe-me, pelo modo que a tratei, Vivian. Fui imaturo também e te faltei com o respeito. Foi idiotice minha, mantê-la afastada. Também concordo que a nossa sintonia na cama foi espetacular...

— Porém, isso não basta para um relacionamento... — ela o interrompeu — De modo que, quando disse que viajaria, não me surpreendi tanto. Assim, como não se pode sentir saudades do que não se viveu, a gente não pode perder o que nunca teve. Nunca cheguei nem perto de tê-lo, Edu.

— Tinha vindo mudar isso. Eu te perguntaria se quer viajar comigo — declarou, surpreendendo-a — Ou ir me encontrar lá...

Vivian bebeu um pouco de vinho e sorriu.

— Mudar de país não vai diminuir o que sente, Edu. Tampouco levar um tapa buracos, um estepe, vai fazer com que se sinta melhor...

— Não era a intenção... Poderíamos tentar...

— Para o que? Você acordar um belo dia e se dar conta de que foi um erro; uma tentativa desesperada de forçar a felicidade? — sorriu — Agradeço muito o convite. Vou pensar em você por muito tempo, porque você ainda está na minha pele, feito um entorpecente e basta fechar os olhos para lembrar de todos os momentos que tivemos juntos. Porém, a resposta é não. Valorizar-me passa por entender as minhas limitações e me afastar de tudo o que me faz mal. Você Edu, é o homem mais encantador que conheci, mas não posso viajar contigo, porque jamais serei prioridade na sua vida. Talvez um dia encontre alguém para quem eu seja a primeira opção, até lá vou me manter focada na minha profissão. A única certeza que tenho é que essa pessoa não é você.

Eduardo engoliu em seco. Por esta realmente não esperava. Achou que deveriam ter tido a conversa após o almoço, pois havia perdido o apetite.

— Em todo caso, adoraria acompanha-lo até o aeroporto, se quiser — comentou séria e Eduardo fez que sim com a cabeça.

— Com certeza, Vivian. Será muito bom ter uma amiga de quem me despedir.

◆◆◆

Andreia aproveitou que todos os confeiteiros estavam reunidos na cozinha, para dar as más notícias. A manhã de quarta-feira não poderia ter começado pior.

— Bem — entrou na cozinha, chamando a atenção de Júlia, Karin e Rui — Fui ao escritório fazer uma ligação e estava lá quando receberam a resposta

sobre o casamento na cidade de Lins.

— E aí? — Júlia perguntou ansiosa.

Andreia deu um sorriso amarelo.

— Infelizmente, para os doces já fecharam com outro buffet — relatou, dizendo a seguir o nome do buffet que havia sido escolhido no lugar do Doce Pimenta.

— Como assim? — Júlia questionou inconformada — Nossos produtos são infinitamente superiores ao desse buffet. Está na cara que foi por causa das fotos — foi tirando o dólmã e o chapéu — Vou ligar para lá e falar com o Mauro. Quero ouvir dele que a verdadeira razão foi a história voltar para a mídia...

— Que velha miserável, até mesmo o que era para ser ruim para ela, transforma-se em algo negativo para a gente — Rui não se conteve — Se eu fosse você, a processava por perdas e danos, Júlia.

— Não quero um centavo vindo daquela bruxa. Do jeito que ela é, esse dinheiro só nos traria coisas ruins — Júlia limpou, antes de sair da cozinha e ir em direção ao escritório — Por favor, quero o telefone do Mauro Guerra — pediu à Aninha e prontamente recebeu os números do fixo e do celular.

Discou o número do celular e ficou aguardando alguns minutos.

— Alô, senhor Mauro, é a Júlia Pimenta. Sim, da Doce Pimenta.

— Desculpe-me, Júlia, deveria ter falado mesmo com você — o homem usou um tom solene — Eu e minha esposa resolvemos contratar outro buffet, mas agradecemos o cuidado e achamos deliciosas as amostras.

Júlia respirou fundo, se tudo era só elogio, como puderam preterir a confeitaria?

— Eu que peço desculpas, nem deveria estar ligando. Só queria dizer ao senhor e à sua esposa que o fato de ter minha imagem exposta, não tirou o capricho, o carinho e a dedicação, com os quais todos os nossos doces são feitos...

— Senhorita Pimenta — o homem a interrompeu, de modo calmo — A desistência não tem nada a ver com a sua exposição, nem com a qualidade dos doces que vende. Sei que são os melhores. No entanto, foi impossível não ceder a um pedido.

— Pedido? Seu filho pediu que procurasse outro buffet? — não entendeu.

— Não, na realidade o senhor Ricardo Vidal, pediu-me que não contratasse o buffet, alegando que queria preservá-la e que o momento não era bom..

Júlia quase deixou o celular cair, sem acreditar no que acabara de ouvir.

— Senhorita Pimenta? — o homem estranhou o silêncio — Sei que não deveria te contar, porém, entendi a situação. Talvez, se estivesse no lugar dele, faria o mesmo para preservar minha esposa.

— Muito obrigado, senhor Mauro — Júlia respondeu passada, por não ter outras palavras para falar.

Naquela noite não conseguiu falar com Ricardo, porque ele não fora dormir em seu apartamento. Quando falou com ela ao telefone, achou-a estranha, porém, Júlia não quis falar de um assunto tão sério. Precisava ser pessoalmente.

— Passo aí, amanhã à tarde — ela avisou.

— Você no Magista? Será um prazer — respondeu, acreditando ter sido apenas impressão e que ela estava normal, afinal até faria uma visita para ele, durante o expediente, algo raro, mas que adoraria. Uma de suas fantasias era fazer amor com ela em sua sala, quem sabe não a realizava.

◆◆◆

Eduardo já tinha tudo resolvido. Deixaria fechado o apartamento e Luciana ficaria com a chave, prometendo ir pelo menos uma vez no mês até lá, para abrir as janelas e deixar que o ambiente ficasse arejado.

Tinha corrido os outros dias resolvendo as última pendências, de modo que

não conseguira ver Lipe, na saída do colégio. No entanto, tinha reservado aquele dia para isto. Se possível, caso fosse Sarah a buscá-lo, gostaria de ficar um pouco com o sobrinho. Se ela ficasse reticente, ligaria para Júlia e pediria sua permissão.

◆◆◆

Vivian baixou os olhos, quando Júlia passou por ela. O correto era lhe pedir desculpas, mas tinha que dar um passo de cada vez, não tinha feito terapia suficiente para isso. Viu Solange a anunciar e ela entrar no escritório de Ricardo.

Ricardo foi ao encontro de Júlia e teria a beijado, se ela não se esquivasse.

— Se me negar um beijo, roubarei dois — ameaçou, de bom-humor.

Júlia olhou para ele sem conseguir dizer nada, até tentou, mas não conseguiu fazer nada do que havia planejado. Imaginou-se gritando com ele, brigando, exigindo-lhe explicação, porém, diante dele, e de como agia como se não tivesse feito nada, ficou sem ação. Não esperneou, nem berrou, apenas chorou.

— O que houve, Júlia? — Ricardo ficou preocupado e se aproximou ainda mais, com a intenção de secar suas lágrimas.

— Eu que deveria te perguntar, Rico. Por que fez isso comigo? Com a Doce Pimenta?

Ouvir o nome da confeitaria fez com que caísse a ficha. Sentiu-se um idiota, é claro que o homem não guardara segredo, aliás, podiam ser empresários, mas nem se conheciam pessoalmente, bem diferente do tipo de relacionamento que tinha com Humberto.

— Eu só pedi para...

— Para não nos contratar — ela não deixou que ele secasse suas lágrimas — Meu Deus, Rico! Sabe que estávamos precisando desse contrato. Logo você me boicotar.

— Não foi boicote, Júlia! Só estava a protegendo. Estive naquela festa, vi como aquele chef se comportou com você e naquela época nem havia figurado seminua pela rede... Não queria que fosse desrespeitada por nenhum desses homens que a viram...

— As benditas fotos! — Júlia disse inconformada — Você não consegue esquecê-las. Cogitou a possibilidade de confiar em mim?

— Eu confio em você, Júlia, não confio nos outros...

— É aquela história, não é? "À mulher de César não basta ser honesta, deve parecer honesta" — Júlia disse inconformada — Por conta do seu ciúme, não pensou duas vezes em prejudicar a confeitaria e as pessoas que trabalham comigo!

— Deixe-me explicar, por favor!

— Acha realmente que isso tem explicação, Ricardo? É com muito pesar que vejo que tudo se resume à sua falta de confiança em mim. Ainda que não tenha te dado motivos para isso, não há jeito de torná-lo mais seguro. Faz parte da sua natureza, não consegue se livrar dela... Estou decepcionada por ver que, apesar de tentar, você não muda. Talvez nunca mudará. Continuando nessa linha de raciocínio, o próximo passo será qual?

◆◆◆

O caminhar foi devagar, seguro. Nem parecia que o mundo estava desabando em sua cabeça. Dera tudo errado. Marcara o encontro, mas o homem nunca aparecera. Antes, havia sido apanhado pela polícia. Até tentou usar o dinheiro para fazer documentos falsos, porém, a quantia revelou-se insuficiente.

Depois, ver Constância ser indiciada, deu-lhe a medida exata de que não tinha saída para ela. Desesperada, não só retornou para a cidade, como também voltou com a intenção de se vingar da pessoa que acabara com sua vida: Júlia Pimenta. Antes dela ressurgir, tudo era uma maravilha. Nunca esquecera do último encontro com ela e o modo como fora tratada. Também, tinha o Rico. Se

ele não seria seu, também não seria de ninguém. Faria com que sofressem tudo o que ela estava sofrendo esse período, longe da família, paranoica com medo de tudo e de todos. Foragida de sua própria vida.

Havia um jeito de atingi-los ao mesmo tempo e estava indo apanhá-lo.

A mulher da escolinha estranhou um pouco.

— Se quiser, ligo para os pais dele — Ellen tirou o celular da bolsa. Estava vestida impecavelmente, e sua expressão suave disfarçava suas intenções — Ou então, vocês ficam com o Lipe até que um dos dois possa vir, já que a prima da Júlia está ocupada. Posso ligar?

A atendente ficou em dúvida. Pediu um tempo e foi falar com a diretora. A mulher foi falar com Ellen. Julgou sua aparência e acreditou que ela fosse uma pessoa de bem.

— Tragam o menino — ordenou, pensando que se Lipe a reconhecesse, teriam se preocupado à toda.

Ellen interiormente torceu para que o menino se recordasse dela. Viram-se apenas uma vez, justamente no dia em que ele engasgara com uma bala que ela dera. Esperava que não a associasse com o episódio ruim.

Lipe veio trazido pelas mãos da atendente e olhou para Ellen. Ela sorriu para o menino, antes de lhe estender os braços. Lipe a olhou por uns minutos e quando Ellen estava para desistir, ele disse.

— Vou ver o papai Rico?

— Sim, o papai e a mamãe — Ellen sorriu aliviada, abaixando-se para pegá-lo no colo.

— A tia Sarah vai também?

— Hoje não, Lipe — Ellen apanhou mochila das mãos da atendente — Muito obrigada por liberá-lo alguns minutos antes das outras crianças — olhou para a diretora e para a atendente e despediu-se delas, antes de começar a caminhar com o menino em direção ao seu carro. Estava tão ciente do que faria que havia comprado uma cadeirinha e ela estava à espera de seu pequeno

ocupante.

Foi por acaso que Eduardo a viu, carregando Felipe. Como não conseguira lugar para estacionar, teve que dar a volta no quarteirão e, quando estava procurando uma vaga próxima à escola, reconheceu primeiro o garoto. Ao notar que no braço de quem ele estava, sentiu um calafrio e sua vontade foi largar o carro em qualquer lugar da rua, porém, uma buzina o impediu que o fizesse, ao mesmo tempo que chamou a atenção de Ellen. Mesmo ela não vendo que se tratava dele, apressou-se para colocar o menino no carro.

Com uma mão apenas no volante, Eduardo ligou para Sarah, imaginando que a demora em responder fora porque estivesse dirigindo. Não teve alternativa, além de ligar para Júlia. Ela também não atendeu o celular. Tentou, então, o número de Ricardo.

— O que você quer, Edu? Estou ocupado! — será que nem discutir com a Júlia podia, sem a interferência de Eduardo?

— Cala a porra da boca, Rico. Acabei de ver a Ellen, ela pegou o Lipe na escola.

Ricardo ficou pálido na hora, a situação entre eles já estava ruim. Como é que conseguiria contar para Júlia aquilo?

— Você tem certeza?

— Não, estou brincando! — Eduardo retrucou nervoso — É claro que tenho. Essa droga desse congestionamento...Ela não me viu... Vou tentar segui-la.

— Por favor, Eduardo... Mantenha-me informado.

— Volto a ligar — Eduardo prometeu, encerrando a ligação.

Mesmo com raiva dele, Júlia não ficou indiferente e achou estranha a conversa entre Ricardo e Eduardo.

— O que aconteceu, Rico? — Júlia quis saber, assim que o viu colocar o celular sobre a mesa, pálido demais. Ele sentou-se e lhe fez um gesto para que se sentasse.

— Por favor, sente-se — pediu e ela que já estava nervosa, ficou ainda mais ao sentar-se e enxergar o medo nos olhos dele.

— Fala de uma vez, Rico! O que aconteceu?

— A Ellen está com o Lipe — pronunciou as palavras pausadamente, mas a frase caiu como uma bomba, deixando-a desesperada. Sem querer acreditar, começou a ligar para Sarah. Após a quarta ligação, a prima atendeu.

— Júlia! Já estava para te ligar. Cheguei uns minutos adiantadas na portaria do colégio... Acabaram de me dizer que o entregaram para uma mulher...

— Ah, não! Então é verdade! — Júlia começou a chorar, deixando Sarah sem entender nada. Ricardo tirou o celular das mãos dela e explicou para Sarah o que estava acontecendo.

Com muita sorte, Eduardo conseguiu ver o carro de Ellen, quando passou por ela, que seguia na direção contrária. Não esperou um retorno para fazer a volta, atrapalhando um pouco o improvisar um retorno e virar o carro. Porém foi a única maneira de não perder o carro de vista. Por mais nervoso que estivesse, teve que se concentrar, entre segui-la sem ser percebido e não perder o carro de vista. Quando ela entrou nas marginais, ficou ainda mais apreensivo. Porém, a ausência de semáforos diminuiu o risco de se afastar muito do carro.

Ellen seguiu em direção à marginal Pinheiros e continuou até a saída em direção à Barueri. Mais alguns quilômetros estaria na chácara que alugara. Depois, era só atrair Ricardo e Júlia e se vingar dos dois.

Eduardo parou próximo ao portão e verificou o gps, em que lugar estavam. Somente após isso, ligou para o irmão, passando o endereço.

Vivian e Solange se assustaram com o estado em que os dois saíram do escritório de Ricardo. Era evidente que Júlia havia chorado e Ricardo estava mais nervoso do que o normal.

— Teremos que sair, Sol. Se quiser ir embora... — a voz de Ricardo falhou, de modo que mal entenderam o que ele disse.

— Vão sair assim? — Vivian intrometeu-se — Desculpem-me a sinceridade, mas não têm a menor condição. Não sei o que está acontecendo, mas se

pretendem dirigir assim, vão acabar provocando um acidente — ela estendeu a mão pedindo a chave —Posso levá-los, onde precisam — seu oferecimento foi tão sincero que até mesmo Júlia que não simpatizava com ela, concordou, apanhando a chave de Ricardo e entregando-a para ela.

— Por favor, só vamos logo! — pediu.

Estavam a caminho, quando Ricardo recebeu um telefonema de um número desconhecido. Sem hesitar, atendeu-o.

— Rico, que saudades de você — Ellen disse irônica — Não vejo a hora de reencontrá-lo.

— Por onde esteve, Ellen? — tentou se manter calmo, embora só tivesse vontade de perguntar sobre Lipe.

— Não interessa. Importa onde estou e com quem estou — Ellen o interrompeu — Passei no colégio e apanhei seu filho. Não hesitaram em me entregá-lo. Já te disse que ele é lindo, Rico? Tão lindo quanto o pai. Se não pude ficar com você, talvez possa ficar com ele.

— Isso é entre nós, Ellen. O Lipe não tem nada a ver com isso.

Vivian ergueu as sobrancelhas ao entender o que estava acontecendo. Pelo espelho retrovisor dianteiro, pôde ver Júlia apoiar a cabeça no ombro de Ricardo e chorar.

— Engano seu. Ele é fruto do seu envolvimento com aquela cozinheira. Acha que eu a deixaria de fora, após tudo o que me fez? Se quer ver o Lipe novamente, quero que você e ela estejam no endereço que vou informar, no máximo em duas horas.

— Ellen, por favor, não faça nada com o Lipe!

— Como é lindo vê-lo implorar, Rico — continuou, irônica — Tem duas horas para estar aqui — passou o endereço para Ricardo. Ele fingiu anotar, pois já sabia, por conta de Eduardo já tê-lo informado — E nem pense em chamar a polícia.

Vivian dirigiu até o local indicado, ficando impressionada com a escuridão

do local. Quando Eduardo surgiu da penumbra, parando ao lado da janela, quase pulou. Ela surpreendeu-se com a presença dele e a reação dele foi parecida.

— Pensei em ligar para a polícia, enquanto estiverem lá dentro — Eduardo declarou, ao entrar no carro, sentando-se ao lado de Vivian — No entanto, não sei o que ela faria com o Lipe, se sentisse ameaçada.

— Não quero que meu filho corra qualquer risco — Júlia que estava quieta, até então, manifestou-se — Por favor, façamos do jeito dela. Se o Lipe ficar fora de perigo, aí sim, chamamos a polícia.

— Tudo bem, Júlia. Nada vai acontecer com o nosso filho — Ricardo tentou acalmá-la, embora estivesse tão nervoso quanto ela.

— Sendo assim, entro com vocês — Eduardo falou sério — Talvez se intimide por estarmos em maior número.

— Ou talvez se assuste — Vivian se intrometeu.

— Não tem a menor possibilidade de eu ficar de fora — Eduardo deixou claro que entraria com eles e olhou para a motorista — Você sim, Vivian. Nos espere aqui. Se algo der errado, chame a polícia.

Vivian não concordou, mas não estava ali para discordar. Eduardo mostrou a ela, o local onde deixara seu carro e abriu a porteira da chácara, enquanto ela saía do carro. Ela o viu garantir que o portão ficasse aberto, enquanto passassem e pela primeira vez sentiu medo. Ficou parada perto do carro e quando Eduardo se aproximou para entrar nele, Vivian o abraçou.

— Tome cuidado, por favor — pediu e ele fez que sim com a cabeça. Júlia observou a cena e, ainda que sentisse receio de ir ao encontro de Ellen, só queria que aquilo chegasse logo ao fim.

Eduardo entrou no carro e deu a partida, indo em direção ao interior da chácara. Para chegar à casa principal, foi preciso andar quase mais um quilômetro.

Ao ouvir o som do carro, Ellen aproximou-se da porta. Estava com Lipe no colo. Haviam feito um lanche e o menino já estava sonolento. Não tinha a intenção de feri-lo, mas torturar Júlia e Ricardo com a possibilidade.

Surpreendeu-se ao ver Eduardo, porém, não impediu a aproximação dele, achou que a coisa só estava ficando mais interessante.

— Chegaram rápido, ponto para vocês — disse, quando estavam a duzentos metros da entrada, levantando a mão para que percebessem que estava armada — Não acharam que os chamei aqui apenas para conversar, não é mesmo? — sorriu — Ponto para mim!

Júlia gelou ao ver uma arma tão perto do filho. Caminhando ao lado de Ricardo, aproximou-se cada vez mais da entrada e bastou que Lipe a visse para erguer a mão em sua direção.

— Daqui a pouco a mamãe te pega, Lipe — Ellen disse para o menino, dando passos para trás, à medida que eles entravam.

— Por favor, Ellen. Você não tem nada contra ele — Júlia falou, sem conseguir tirar os olhos da arma.

— Cale a boca! —Ellen aumentou o tom de voz e assustou o menino — Lembro-me muito bem do nosso último encontro. Então, dane-se o que você quer. Entrem logo, em direção à sala — continuou, andando de costas, indicando o lugar para onde deveriam ir.

— Se o problema for dinheiro, é só dizer — Ricardo declarou nervoso.

— Para você, tudo se resume a dinheiro. Se eu quisesse dinheiro, teria pedido resgate, Rico – apontou a arma para ele, fazendo com que desse um passo para trás — Digamos que esteja indo à forra.

— Por favor, mantenha a calma – Eduardo pediu. Ele estava ao lado entre Ricardo e Júlia.

— Quem disse que não estou calma, lindo bastardo? Estou até mais do que deveria. Por que graças à esta cozinheira maldita — agora apontou a arma na direção de Júlia —A minha vida está um inferno!

— Você fez por onde — Ricardo não se conteve e novamente ela mudou a direção da arma.

— Fique quieto, Ricardo! — Eduardo pediu nervoso.

— Isso, faça o que seu irmão está dizendo. Cala essa boca! Não vê que eu estou com a razão? — levantou a arma — Prazer: esta é a razão.

Lipe voltou a erguer as mãos em direção à mãe, mas novamente, Ellen não deixou que ela fosse até ele. Em vez disso, virou a arma para o garoto e encostou o cano na cabeça do menino, fazendo com que Júlia se desesperasse.

— Pelo amor de Deus, Ellen! Faço tudo o que quiser — Ricardo pediu aflito.

— Seu mentiroso! É fácil dizer isso na hora do desespero. Sempre quis tão pouco de você. Sempre mendiguei por sua atenção. No entanto, ficou com todas as mulheres de São Paulo, menos com aquela que sempre o apoiou. Aí bastou reaparecer essa maldita, para você me deixar de escanteio de vez.

— Acalme-se, Ellen — Eduardo pediu.

— Bem que a Constância disse que você era um banana, Eduardo. Se algo acontecer com o Rico, pode ficar com essa aí — declarou, afastando a arma do menino, apontando-a para Júlia — Mas não chamei vocês aqui para conversar. Já perdi tempo demais — por conta do sono, e por ter tentado duas vezes, sem sucesso ir para o colo de Júlia, Lipe começou a chorar.

— Quero a mamãe!

— Calma, Lipe, a mamãe está aqui — Júlia tentou se manter calma, para acalmar o menino.

— Faça ele parar de chorar! — Ellen ordenou, irritada.

— Não vê que ele está com sono? — Júlia ergueu a voz e foi o suficiente para que Ellen apontasse a arma para ela.

— Ajoelhe — ordenou.

— Como?

— Agora — Ellen gritou, fazendo com que Lipe chorasse ainda mais. Temendo pelo filho, Júlia fez o que foi pedido — Isso! Gostei de ver, cozinheira. Já pensou se apelasse como você e puxasse seu cabelo? Teríamos Bombril para exportação, não é? — zombou, sem aguentar o choro do menino. Ainda

apontando a arma para Júlia, resolveu abaixar-se e deixá-lo ir. Lipe finalmente parou de chorar, correndo em direção à mãe. Júlia o abraçou, sem ousar se levantar — Que lindo a família feliz reunida! Pai, mãe, filho e amante. Pois aprenda, Júlia. Não perderei meu tempo puxando seus cabelos, primeiro porque não iria me sujar, tocando neles e depois, porque há meios muito mais efetivos para se vingar — apontou a arma para o menino mais uma vez — Já pensou?

— Por favor! — Júlia implorou — Deixe meu filho ir.

— Não tenho nada contra ele. O Lipe nunca me fez nada. Ao contrário de você e do Ricardo — ficou revezando a arma entre um e outro — Um dos dois verá o outro morrer, basta saber quem. Uni — a arma na direção de Júlia — Duni — na direção de Ricardo — Tê — novamente em Ricardo.

— Ellen, fui eu quem não te quis. A Júlia não tem nada a ver com isso — Ricardo a interrompeu — Mesmo se ela não tivesse aparecido, nunca ficaríamos juntos.

— Ricardo! – Eduardo o advertiu — Não a provoque.

— Tem razão, Rico. A culpa é sua! Você quem me desprezou e me enganou por todo esse tempo, enquanto se divertia na senzala — Ellen olhou-o com raiva — Mas se eu não estou à altura para ficar com você, dê adeus aos planos de ficar com ela. Prefiro você morto a vê-lo feliz ao lado da cozinheira – foi sincera, colocando o dedo no gatilho.

Ricardo duvidou que ela fosse adiante, então ouviu um estampido seco, seguido do grito de Júlia e do choro assustado de Lipe. Espantando olhou para Ellen e a viu soltar a arma, assustada com o que acabara de fazer. Viu Eduardo colocar a mão na altura do abdômen e cair para trás. Não entendeu o motivo pelo qual ele fizera aquilo, mas se colocara na direção da bala que era destinada para Ricardo.

Capítulo 44

Após o tiro, os eventos que se sucederam foram rápidos e muito confusos, principalmente para duas pessoas: Ellen, que atirou e Eduardo, que foi atingido.

Diferente de todo filme que já havia assistido, Ellen não conseguiu, após ter atirado pela primeira vez na vida, agir com naturalidade, como se não tivesse feito nada. Ao contrário, ver alguém ferido, mediante uma atitude que tomara, deixou-a paralisada. Mesmo se quisesse fugir, não conseguiria, pois suas pernas pareciam pregadas ao chão. Como em câmera lenta, viu Ricardo avançar em sua direção e chutar a arma para longe, sacudindo-a violentamente ao alcançá-la.

— Você está louca? Tem noção do que fez? — as perguntas, embora direcionadas a ela, pareciam que eram feitas a outra pessoa, pois estava chocada com o que acabara de fazer. Não era simples como Constância fizera parecer, só que não tinha como voltar atrás.

— Não era para acertá-lo — repetiu como um mantra.

— Sei que não, pois atirou em minha direção — respondeu, nervoso, sem acreditar que por tanto tempo convivera com ela, sem suspeitar de seu desequilíbrio.

◆◆◆

Para Eduardo, a sensação foi a pior possível. Apesar de sentir o descontrole de Ellen, imaginou que ela estivesse blefando e que não fosse capaz de ir até o fim em sua ameaça; afinal, estivera por muito tempo com o Lipe sem lhe fazer qualquer mal. Por isso, quando o projétil o acertou, primeiro veio a surpresa, depois a dor. Deitado, ouviu o grito de Júlia, o choro de Felipe e depois Ricardo insistindo com Júlia para que tirasse o sobrinho dali. Seu irmão teve que gritar com ela duas vezes, para que ela se movesse.

Júlia levantou-se com o filho no colo, protegendo-o da visão do tio ferido, mas sem conseguir desviar o próprio olhar dele. Esse olhar ele pôde captar, pois

caíra olhando para cima e ela se colocou em seu raio de visão, como se resistindo à cumprir a ordem de Ricardo.

Quando os olhares se cruzaram, ele tentou não demonstrar a dor que sentia, pois ao vê-la com os olhos cheios de lágrimas, só pensou em acalmá-la, mostrando que estava bem, ainda que fosse mentira. Com as duas mãos no local onde havia sido atingido, ignorando o ferimento que ardia, balbuciou de longe.

— Vá, por favor!

◆◆◆

Com os olhos marejados e o corpo todo tremendo, foi preciso resistir ao desejo de permanecer ao lado dele, para tirar seu filho de toda aquela confusão, tentando acalmá-lo e fazê-lo parar de chorar. Até mesmo a voz que usou para tranquilizá-lo saiu vacilante. Era inacreditável que aquela mulher houvesse atirado e que o tiro tivesse ferido Eduardo. Caminhou com o filho para a porta da casa, enquanto tentava apanhar o celular.

— Está tudo bem, Lipe. Pare de chorar, amor. A mamãe está aqui — abraçou-o, acariciando seus cabelos. Lipe, bastante agitado, demorou para se acalmar, mas ela teve paciência e, assim, ele parou de chorar. Aproveitou a calma do filho para realizar uma ligação. Nem se lembrou de chamar a polícia, pois só conseguia pensar que Eduardo precisava de ajuda o mais rápido possível.

◆◆◆

Vivian chegou a pular no carro, quando ouviu o barulho. Em um lugar tão silencioso como aquele, o som fez seu coração disparar. Embora não tivesse informações sobre Ellen estar portando uma arma, não teve dúvidas de que se tratasse de um tiro.

Sem hesitar, deu a partida no carro, entrando na chácara, ao mesmo tempo em que ligava para a polícia. Não sabia o que acontecera, no entanto não podia permanecer lá fora sem fazer nada. Arrependeu-se de não ter chamado a polícia antes. Tudo bem que o menino estava em posse daquela mulher e ela poderia se

assustar, quando os policiais chegassem. Porém, eles eram treinados para evitarem coisas do tipo, não é mesmo? E no final, do que adiantara não chamar reforços? Pelo estampido, a história acabara mal do mesmo jeito.

— Um tiro... Tenho certeza... Por favor, venham logo... — começou de maneira atabalhoada e a policial, que atendeu sua ligação, tentou fazê-la ficar mais calma, até conseguir dizer rapidamente o que havia acontecido e onde estava. Só conseguiu arrancar isso dela, já que Vivian desligou rapidamente o celular, assim que estacionou em frente à casa e viu Júlia, caminhando de um lado para o outro com o filho. Lipe não chorava mais, porém ainda estava assustado com o que vira e, principalmente, ouvira.

Desceu correndo do carro, indo ao encontro deles.

— O tio Du se machucou, mamãe? — o menino perguntou, assim que Vivian se aproximou e bastou ouvir isso, para que suas pernas fraquejassem. Ainda que tivesse recusado o convite de Eduardo, gostava dele demais para não temer pela sua vida. Olhou para Júlia esperando que ela desmentisse, mas em vez disso, viu as lágrimas escorrerem de seus olhos, quando confirmou com a cabeça.

— Ele vai ficar bem, Lipe — foi mais um desejo do que uma afirmação. Depois, olhando para Vivian, falou — Sei que nunca nos demos muito bem e que não gosta de mim, mas será que pode ficar com o meu filho?

Vivian hesitou, pois queria se certificar que o Eduardo estivesse bem, porém, não conseguiu negar o pedido. Já sabia, por ouvir falar, do cuidado que Júlia tinha com a criança e, por esse motivo, entendeu que ela estava passando por todas as diferenças que tinham para lhe confiar seu bem mais precioso. Fez que sim com a cabeça e apanhou o menino. Lipe ameaçou voltar a chorar, mas ela, mesmo nervosa, impediu que isso acontecesse, balançando-o e cantarolando uma música que sua mãe costumava lhe cantar quando era criança, acalmando-o ao mesmo tempo em que se acalmava.

◆◆◆

Júlia entrou correndo na casa, voltando ao local no qual vivera aquele pesadelo. Ricardo, visivelmente abalado, usava uma de suas mãos para segurar

no braço de Ellen, impedindo que fugisse, ainda que a mulher parecesse catatônica e não tentasse se desvencilhar, enquanto, com a outra, tentava completar uma ligação do celular, irritando-se com o péssimo sinal do lugar.

— Por que voltou, Júlia? Onde está o Lipe? — chamou-lhe atenção, bastante irritado sem conseguir sinal.

— Ele está bem, está com a Vivian — respondeu rapidamente, chegando até Eduardo. Ele continuava olhando para cima. Suas mãos estavam muito sujas do próprio sangue que formava uma pequena poça ao lado de onde havia caído. Ignorando os olhares de Ricardo, ajoelhou-se ao lado dele.

—Vai ficar bem, Edu! — disse para ele, e para si mesma, colocando suas mãos nas dele, sem se importar em se sujar de sangue.

Eduardo ouviu sua voz e conseguiu mover a cabeça lentamente para olhá-la. Seus olhos não apresentavam o mesmo brilho com o qual ela já se acostumara.

— Já chamei ajuda, aguente — sussurrou, procurando ao redor alguma coisa que pudesse colocar sobre o ferimento, em uma tentativa vã de diminuir a hemorragia. Não achando nada à mão, tirou a blusa que usava, permanecendo apenas com a regata que estava por baixo dela. Enrolou a peça de roupa e afastando as mãos dele, colocou-a o sobre o ferimento, pressionando-a. Ele gemeu, fazendo com que ela se assustasse um pouco. Algo que que ele percebeu e tentou corrigir, esboçando um sorriso, sem mostrar os dentes.

— Devia estar com o Lipe — conseguiu falar, já apresentando alguma dificuldade para fazê-lo.

— Não fale, Edu... O Lipe está bem — com a mão livre apanhou sua mão.

◆◆◆

Ricardo não conseguiu ficar insensível à cena. Estava tão nervoso que, mesmo tendo ouvido que ela já chamara uma ambulância, ainda tentava completar a ligação. Ellen continuava em um mundo à parte, alheia à vida em volta. Se ela estivesse prestando alguma atenção a ele, talvez percebesse que

poderia ter errado o tiro, porém, havia o atingido de uma maneira ainda mais dolorosa.

◆◆◆

Eduardo segurou a mão dela, o quanto pôde. O desconforto só fazia aumentar a cada segundo. Se fosse verdade que a vida passa diante dos olhos, quando estamos prestes a morrer, não pôde dizer, porque quando a dor se fez insuportável, viu a imagem do rosto de Júlia se esmaecendo, embaralhando-se, até finalmente desaparecer, restando apenas a escuridão na qual emergiu.

Júlia desesperou-se, quando ele perdeu os sentidos, soltando de sua mão.

— Você não pode morrer! — implorou — Não vai quebrar a promessa que me fez, vai? — perguntou sem conter as lágrimas, fazendo com que Ricardo, que assistia a cena de longe, chorasse também.

◆◆◆

O carro de polícia e a ambulância chegaram quase ao mesmo tempo. Os policiais, entraram na chácara com as sirenes ligadas e desceram com armas em punho, causando mais um sobressalto em Lipe que estava quase pegando no sono.

Por causa dele, Vivian não pôde se aproximar de Eduardo, como desejava e assim, quando os paramédicos passaram correndo com a maca, respirou fundo, com tanto pesar, como se tivesse sido ferida também.

Poucos minutos depois da entrada dos policiais na casa, Ellen saiu algemada, tendo que ser amparada para andar normalmente. Estava em estado de choque e talvez não tivesse ainda se dado conta da besteira que fizera. O policial fez com que abaixasse a cabeça para entrar no carro, colocando-a sentada como se fosse um manequim, visto que ela não esboçou nenhuma reação.

Pela comunicação das viaturas, Vivian ouviu os policiais chamarem outras

equipes, distinguindo apenas a frase "preservar o local" e as palavras "perícia" e "flagrante".

Júlia e Ricardo deixaram o interior da casa somente quando a maca saiu e Vivian não soube dizer o que lhe causou mais impacto: perceber que ela tinha as mãos sujas com o sangue dele, vê-lo desacordado, com uma máscara de oxigênio, ou, então, perceber a preocupação de Ricardo, andando muito perto dos paramédicos, por pouco não os atrapalhando, como se pudesse, assim, assegurar que estivessem dando o melhor tratamento ao irmão.

Ao passar por onde estava, Ricardo deu um beijo no rosto do filho.

— Obrigado por ficar com o Lipe, o Edu sairá dessa, Vivian — tentou acreditar no que dizia, vendo a maca ser colocada na ambulância.

— Alguém pode acompanhar o paciente, na parte da frente da ambulância — um dos paramédicos disse, fechando o veículo. Ricardo hesitou alguns segundos, até saber que outra ambulância estava chegando para verificar o estado das duas mulheres e da criança.

— Eu vou – respondeu — A gente se encontra no hospital — dirigiu-se à Júlia, beijando-a na testa, enquanto limpava suas lágrimas, vendo-a assentir com a cabeça.

◆◆◆

A noite foi longa, a espera angustiante. Por mais que Ricardo insistisse para que Júlia fosse embora, ela se recusava, pois só sairia dali, quando tivesse certeza absoluta de que Eduardo estivesse fora de perigo. Salete, acompanhada de Sarah e de Wagner, estivera no hospital, e sem demover a filha da ideia de permanecer ali, pelo menos conseguiu dela a permissão para retirar o neto daquele ambiente hospitalar.

Assim como Júlia, Vivian não se afastou um minuto sequer da área de espera, nem mesmo para se alimentar. A verdade é que não tinha o menor apetite. Era tudo tão surreal que temia sair dali, justamente quando o médico viesse dar informações sobre o estado de saúde de Eduardo. A única certeza era a de que ele fora direto para a cirurgia, mas não havia informações sobre esta.

Júlia estava temerosa, só conseguia pensar na quantidade de sangue que ele havia perdido, sangue que parecia ainda estar em suas mãos, por mais que as tivesse lavado por várias vezes.

Ricardo nunca se sentira tão perdido em toda sua vida. Fazia tempo que o relacionamento entre ele e o irmão mais novo estava longe de ser ideal, mas em momento algum lhe desejara mal. Queriam a mesma mulher, e nisso culpava-se também, por ter se negado a escutá-lo e não ter imaginado que tão perto de Júlia, apaixonar-se por ela não seria algo impossível. Ao mesmo tempo, ele era seu irmão, queria que tivesse colocado o parentesco à frente de todos os sentimentos que pudesse nutrir por sua ex noiva, mãe de seu filho. Seria muito mais fácil continuar com o clima de animosidade entre eles, do que se deparar com aquele gesto.

Por outro lado, havia a Júlia. A cena dela com Eduardo voltava em sua cabeça sempre que fechava os olhos. Ela chorando, assim que ele desmaiou, cortou-lhe o coração de uma forma que estava tentando compreender. Ela continuava irredutível, negando-se a deixar o hospital e seu abalo e temor ficando ainda mais evidentes em seu rosto, nos seus gestos, na maneira como se arrumava na cadeira sempre que alguém de branco se aproximava de onde estavam. Ela que sempre fora muito protetora em relação ao filho, pela primeira vez, pensara em alguém mais do que no Lipe, confiando-o a Vivian e submetendo-o ao cansaço do hospital. Se a mãe e a prima não tivessem aparecido, talvez ela ainda estivesse com o garoto no colo, mesmo sabendo que aquilo não faria bem ao menino.

Assim como acontecera, quando estivera internado, Eduardo precisou de sangue, porém, por conta dos tipos sanguíneos diferentes, ele não pôde doar. Sentiu-se mal com isso, pois não fora capaz de retribuir esse simples gesto.

Já eram quase sete horas da manhã, quando finalmente uma médica surgiu no corredor. Júlia respirou fundo, preparando-se para o que quer que fosse. Ricardo, sentindo uma tensão em volta do pescoço, não aguentou esperar que sua caminhada chegasse até eles, levantando-se e indo ao encontro dela. Júlia e Vivian fizeram o mesmo e logo estavam os três a rodear a médica.

— O senhor Eduardo Vidal, quando chegou ao hospital, já havia perdido muito sangue. Por isso, tivemos que agir rápido. Ele passou por uma laparotomia exploradora de emergência para sabermos quais os órgãos o projétil havia

atingido. Além disso, tínhamos que impedir uma possível peritonite e extrairmos, com cuidado, a bala.

Para Ricardo a mulher estava falando grego. Só queria uma informação e ela não precisava ser dada com termos técnicos.

— Desculpe, doutora, mas fora a extração da bala, não entendi coisa alguma do que falou. Preciso saber do meu irmão. A cirurgia correu bem? — questionou exasperado.

— Como o senhor quiser — concordou, desistindo dos termos técnicos aos quais estava acostumada — Por pouco não o perdemos na mesa de cirurgia — continuou de modo franco, chocando Júlia e Vivian — Felizmente, ele tem um coração forte — "e bom", Júlia completou mentalmente — E retornou após o uso do desfibrilador. Sobreviveu à operação, porém a recuperação é algo que inspira muito cuidado, principalmente com as infecções.

— Em termos práticos, ele não corre mais perigo de morte? — Ricardo precisava ouvir isso da médica.

— Perfurações intestinais por arma de fogo são as causas mais frequentes de óbito, portanto, pode-se dizer que o senhor Eduardo passou muito bem por esta fase. Mas fora de perigo mesmo, só quando estiver longe daqui.

Ricardo respirou aliviado, sentindo que Júlia e Vivian compartilharam do mesmo alívio.

— Quando poderei vê-lo, falar com ele...

— Calma – a médica o interrompeu — Ele passa o pós-operatório na UTI e visita mesmo só quando for para o quarto, antes disso, pelo risco de infecção, não é possível. Então, é inútil permanecerem aqui.

Diante da palavra da médica, não puderam mais permanecer e também, pela primeira vez, deixaram-se levar por todo o cansaço dos últimos acontecimentos. Como os carros haviam ficado na tal chácara, um táxi chamado via celular foi o responsável por levá-los para casa. Vivian foi deixada primeiro, enquanto Ricardo e Júlia, sem que ele precisasse insistir, ficaram no hotel.

Exaustos, tomaram banho e Ricardo novamente se sentiu muito mal ao vê-la

chorando no chuveiro, porém, não tentou, nem quis iniciar uma conversa. Em vez disso, deitaram-se juntos, de conchinha, oferecendo-lhe a proteção de seus braços. Pelo menos ali, tinha a certeza de que ela estava segura e que tudo estava bem. Não a culpou pelos pesadelos, porque também dormiu mal, pensando em todas as coisas que aconteceram, após reencontrá-la.

Acordaram por volta das duas da tarde e Ricardo não conseguiu convencê-la a se alimentar. Depois de ligar no hospital, prontificou-se a levá-la até a casa de sua mãe, onde poderia ficar com o filho.

— Obrigada, Rico — agradeceu, assim que ele desceu para lhe abrir a porta do carro — Tem certeza de que não quer entrar?

— Agradeço, Júlia. Por mais que queira dar um beijo no Lipe, é melhor deixarmos para outra ocasião. Acho que neste momento, ele está sentindo mais falta de você do que de mim — sorriu timidamente — Vou te manter atualizada sobre o estado do Edu — disse, sem que ela lhe pedisse e mais uma vez ela agradeceu — Precisando de mim, ou querendo me ver, sabe onde me encontrar — piscou para ela, antes de lhe dar um selinho.

Reencontrar Lipe, após todo aquele estresse, fez com que chorasse novamente.

— Você se machucou de novo, mamãe?

— Não, Lipe — sorriu, limpando as lágrimas com um lenço de papel cedido pela mãe — Estou feliz. Por isso que estou chorando — sorriu ainda mais quando o menino olhou para ela, deixando claro que não tinha entendido. Para ele só se chorava por estar machucado, doente ou com sono — Quando ficar maior, você entenderá — beijou-o.

— O tio Du já melhorou? — sua pergunta deixou claro que não havia se esquecido do que ouvira.

— Sim, ele está no hospital, recebendo todos os cuidados para voltar logo pra casa.

Ficou feliz por seu filho não fazer mais perguntas. Também aceitou o convite da mãe e permaneceu lá, planejando ir embora somente no dia seguinte. Mesmo sem sua presença, a Doce Pimenta abriu, com Andreia e Karin se

responsabilizando pelos doces que levavam seu condimento favorito.

— Preocupe-se em ficar bem, Júlia — Karin havia falado, após saber de tudo o que acontecera — Sabe que eu, o Rui e a Andreia não deixaremos que a confeitaria perca um cliente sequer... Ou seja, resolva o que tiver que resolver, que aqui a gente se resolve.

— Amos vocês — Júlia foi sincera — Agradecimento algum é capaz de expressar o que estou sentindo.

— A culpa é sua, Júlia. Formou uma excelente equipe.

— Não tenho dúvidas disso — sorriu para o telefone, antes de desligá-lo.

◆◆◆

O almoço do dia seguinte, contou com a participação de Sarah que lhe serviria de motorista pelas últimas vezes, já que Júlia já havia comprado um carro novo, faltando retirá-lo na concessionária. Na primeira oportunidade a sós com a prima, conversaram sobre o ocorrido.

— Nossa, que mulher louca! Sinto um arrepio só de pensar nela com o Lipe.

—Você não faz ideia de quantos "e se" já se passaram pela minha mente — Júlia engoliu em seco — E de quantos pesadelos, mudando a pessoa baleada, já tive. Num deles, a Ellen baleava os dois — mordeu os lábios e as lágrimas desceram pelo seu rosto — Que sensação horrível!

— Pelo menos, ela está presa. Ela e a bruxa pagarão por tudo o que fizeram.

— Sim, do mesmo jeito que o tal segurança pagou — deixou seu desencanto evidente — Não duvido que logo estejam em casa.

— Claro que não, Júlia! Se a gente não acreditar que as pessoas ruins pagam, qual o sentido de continuar vivendo em sociedade? Se for assim, o jeito é viver isolado...

— Depois de tudo o que me aconteceu nos últimos meses, não seria uma má

ideia.

— Por favor, sem essa de desanimar. Se o fizer, as duas ganham.

— Fico me perguntando, se realmente não ganharam, Sarah? Sabe? A Doce Pimenta tendo que recuperar clientes...Eu e o Rico, com mais erros do que acertos... O Edu hospitalizado... Tudo com o dedo delas...

— A Doce Pimenta chegou onde chegou pelo seu talento, ou seja, não é uma crise que o diminuirá. Então, trate de arregaçar as mangas e faça o que sempre fez. Da mesma forma que atraiu seus primeiros clientes, atrairá outros e quando menos perceber tudo voltará ao normal. Quanto a você e ao Ricardo, se o ama realmente, apesar dos erros, uma hora se acertarão. Isto é, se este acerto não tiver relação com o Eduardo. Pois se tiver, só você é capaz de resolver esta equação, Júlia.

◆◆◆

Na semana que passou, Ricardo conseguiu colocar um pouco a cabeça em ordem, mesmo estando presente à audiência que condenou sua mãe a um ano de prisão domiciliar e seis meses de serviço comunitário. O que pesou na decisão do juiz foi a idade de Constância, pois ele deixou claro que, se fosse mais nova, não teria a pena abrandada.

Não houve um dia, também, que deixou de visitar o irmão, acompanhando sua transferência para o quarto, até conseguir conversar com ele.

— Adeus abdômen sarado — zombou, simulando a cicatriz que parecia uma linha vertical e que percorria quase todo o abdômen.

— Não deveria brincar, dessa vez foi por bem pouco — Ricardo comentou sério.

— É por estar vivo, que tenho que brincar — sorriu, vendo seu irmão se aproximar. Ricardo parou diante dele, e inspirou profundamente, expirando devagar — Não tem mais motivos para estar tão tenso.

— Desculpe, mas esse é o meu jeito. Não consigo minimizar o que aconteceu. Foi grave demais. Não ter reparado na sandice de Ellen, convivendo com ela há anos, é assustador e algo que me persegue sempre que deito na cama — sentiu a boca seca e afrouxou a gravata — Nem sei como começar a lhe agradecer, Edu. Se não fosse por você, não teríamos chegado tão rápido à chácara. E, quanto ao tiro... — fez uma pausa, sem saber se devia ou não perguntar o que desejava. No entanto, não conseguiu se calar — Por que fez aquilo? Aquela bala era para mim...

— Juro que não foi para posar de herói... — respondeu, após pensar um pouco.

— Não insinuei isso — interrompeu-o — Só queria entender.

Nova pausa. Dessa vez, Eduardo não mais sorria, estava sério também.

— Acredito que faria o mesmo por mim, Ricardo. E meus motivos foram simples. Você é meu parente mais próximo, meu irmão... — viu-o cruzar os braços, como se soubesse que ainda faltasse algo a dizer. Diante da postura inquisidora do irmão, foi-lhe tão sincero quanto estava sendo exigido — Além disso, não queria que Júlia sofresse. O Lipe precisa do pai, afinal vocês mal se conhecem, têm muito o que passar juntos. E no mais, estava pronto para viajar, afastar-me por um tempo. Se fosse a viagem derradeira... — deu de ombros, retomando o ar brincalhão, mas ficou sério novamente ao perceber que o irmão não sorria — A verdade é que entre mim e você, decididamente, eu não tinha nada a perder.

Ricardo baixou os olhos, incapaz de dizer qualquer coisa. Ao contrário, aproximou-se mais do irmão, surpreendendo-o com um abraço. Foi um gesto genuíno, não só de agradecimento, mas principalmente de reconciliação. Acontecesse o que acontecesse dali para frente, nunca mais se esqueceria daquilo.

◆◆◆

Vivian sorriu e chorou ao visitá-lo pela primeira vez. Depois de tê-lo visto

passar em uma maca, vê-lo bem e fazendo piada com a própria situação, rendeu-lhe broncas, que ele reverteu em risadas.

— Fico feliz em saber que está se recuperando — fez uma pausa — Quando ficar bom, pretende manter seus planos? — questionou, após sorrir para ele. Eduardo pensou um pouquinho, antes de confirmar.

— Sim. Posso ter adiado por enquanto, porém, a decisão é a mesma. Afinal, nada mais me prende aqui.

◆◆◆

As acusações apresentadas contra Ellen foram desde a subtração de menores, por ter pego Lipe na escolinha sem o conhecimento e consentimento dos pais, até tentativa de homicídio. Para este item, seu nome foi ligado a dois episódios: à sabotagem do carro de Júlia, para o qual o depoimento de um homem chamado Arnaldo, ou simplesmente Naldo, foi decisivo para implicá-la, e ao tiro disparado contra Eduardo. Nos dois casos, o fato de haver uma premeditação e de os motivos terem sido considerados torpes, fez com que os advogados contatados pela mulher a deixassem ciente de que seria muito difícil escapar de uma pena severa.

O nome de Constância também apareceu nos autos do processo, quando descobriu-se que o registro da arma estava em nome do pai de Ricardo. Embora ela tenha contestado o depoimento de Ellen, a governanta, Rosa, em sua declaração, confirmou as presenças constantes da ex gerente do Magista na residência dos Vidal, contribuindo com sua versão. Por conta da declaração foi demitida dois dias depois.

Pela ausência de provas e testemunhas, a questão do doping sequer foi citada.

◆◆◆

Foi ao lado de Luciana que Eduardo deixou o hospital. Um dos favores que

pedira ao irmão, foi que a avisasse. Ela não só ficou espantada com toda a história, como também fez a mesma pergunta de Vivian, desaprovando ao saber que o amigo pretendia viajar, assim que estivesse melhor.

— Preste atenção, Edu — começou, assim que saíram do prédio, em direção ao estacionamento — Sabe que não sou tipo que dá conselhos, sem que a pessoa peça, porém, não posso mais ficar calada. Quando soube do seu envolvimento com a sua ex cunhada, fui a primeira a recriminá-lo. Porém, estive ao seu lado e o vi fazer campanha em frente a um restaurante para descobrir o garçom responsável por dopá-la e atravessar a cidade, apenas para descobrir quem havia divulgado aquelas fotos. Para finalizar, você recebe a bala que era para o seu irmão... Perdoe-me pela sinceridade, mas se mudar não vai alterar em nada o que sente. Só estará fisicamente mais longe dela, porque a levará para onde quer que vá.

— Lu, estar aqui ou lá, não fará diferença. Nos dois lugares, continuamos distantes. Ela fez sua escolha, portanto, respeitarei.

— Você é a pessoa mais teimosa que conheço! — esbravejou, gesticulando o suficiente para que ele apanhasse sua mão no ar.

— Ei, isso aqui é uma aliança de compromisso? Quer dizer que não havia ninguém e de repente me aparece com uma aliança? — mudou de assunto, realmente surpreso.

Ela puxou a mão, no entanto, mesmo a soltando, Eduardo não parou de olhá-la, esperando que dissesse algo.

— Ok — admitiu — Estou com alguém.

— Que está com alguém, eu já sabia há tempos. Só não entendo o lance do segredo. Está saindo com um cara casado, por acaso?

— Deixe-me colocar curioso nesta minha lista — comentou, fingindo indignação.

— Se não é casado... Não entendo! Velho demais? Muito novo? — sorriu diante das negativas que ela fazia com a cabeça — Mudou de time? — riu, diante da expressão dela.

— Deixe de ser podre, Edu. Não é nada disso. Ele só é bastante careta. Ok, careta para caramba!

— Um careta que faz tatuagem não é tão careta assim — rebateu, recordando-se da primeira vez em que desconfiara de seu envolvimento com alguém.

— Quem disse que ele fez uma? — piscou — Menti para você.

Eduardo cruzou os braços sobre o peito largo, intrigado.

— Por que mentiria para o seu melhor amigo?

— Porque você é muito intrometido e riria de mim ao saber o verdadeiro motivo de eu ter que atender alguém tão cedo.

— Nunca riria de você, Lu. Parece que não me conhece?

— Não riria? — duvidou e ele fez que não com a cabeça.

— Estou debilitado, recém-saído de um hospital... — fez drama, fazendo-a sorrir.

— Fui pega na malha fina do governo e precisei de alguém para dar um jeito na contabilidade do estúdio que, aliás, estava uma loucura. O que você julgava como um romance tórrido, não se passava de horas e horas buscando notas fiscais, revirando livros de entradas e saídas e todos os termos técnicos e burocráticos que possa imaginar. Nesse processo, interessei-me por um contador todo certinho, com direito a paletó e gravata, sapato brilhando de tão engraxado e anel de compromisso.

Eduardo fez silêncio e, ao imaginar o homem que ela descrevera, riu. Luciana era uma ótima pessoa, mas, de fato, nunca fora muito organizada com as finanças; até que havia demorado para ter os valores contestados pelo Imposto de Renda. Só não imaginava que uma das mulheres mais modernas e desorganizadas que conhecia, fosse se apaixonar por um homem, conforme ela afirmara, bastante careta e metódico. Então, a história dos opostos se atraírem realmente existia.

— Disse que não riria! — retrucou zangada, fazendo com que risse ainda

mais.

— Desculpe, Lu, mas fiquei só imaginando vocês, entre um balancete e outro, definindo as melhores posições financeiras, resolvendo as questões do ativo e do passivo a descoberto...Deve ter sido um investimento e tanto hein, com uma renda bruta e fixa daquelas, para resultar em uma aliança de compromisso.

— Ai, Edu, só você para conseguir tornar contabilidade em algo pecaminoso ... — foi impossível não rir das bobagens que ele estava falando, usando termos próprios da área — Mas saiba que é muito bom vê-lo sorrir novamente. Ficaria mais satisfeita, se soubesse que esse bom humor fosse sinônimo de felicidade.

Eduardo fez-se sério, entrando no carro e fazendo o percurso para casa em silêncio.

◆◆◆

Depois dos temporais, a calmaria. Foi assim que Júlia viu o passar dos dias, com Ellen e Constância pagando pelos males que haviam feito.

A Doce Pimenta não fechou no azul, mas também não atingiu o vermelho, como temia. Com a promessa de Ricardo de nunca mais se intrometer novamente, viu os contratos para as festas retornarem gradualmente.

Calmaria também experimentada no relacionamento. Em tempos, ela e Ricardo parecia um casal normal, sim com seus altos e baixos, como todos os casais, mas com mais acertos do que erros. Às vezes, ela e o filho dormiam no hotel, às vezes, Ricardo dormia em seu apartamento. Estava disposta a fazer dar certo, deixando o passado no passado. Do mesmo modo, sua confiança em Ricardo como pai só fazia aumentar. Ele se mostrava dedicado, interessado e apaixonado pelo filho. Por isso, permitiu que ficasse com Lipe, longe de sua presença. Ainda que não tivesse largado o celular uma só vez, tudo saiu muito bem, não havendo nenhum chamado de urgência.

— Eu o amo demais, para deixar que qualquer coisa aconteça com ele – Ricardo dissera ao lhe entregar o filho intacto — E como homens, precisamos de

nossos momentos sozinhos — fingiu falar sério, mas só disse aquilo para fazer com que ela sorrisse. Júlia era linda sorrindo, mas ultimamente seu sorriso só era farto ao lado de Lipe.

Para o fim do ano, planejou-se duas festas de Natal: uma na Doce Pimenta, com os funcionários e os familiares destes e outra no apartamento de Júlia. Esta última, ideia de Ricardo. Sim, haveria uma grandiosa comemoração no Magista, porém, destinada aos hóspedes e funcionários do hotel, nada que exigisse sua presença.

— Onde estiver, para mim é onde estará a melhor festa — havia sido sua resposta, ao ser questionado se não se arrependeria de trocar uma festa luxuosa por uma confraternização familiar.

Embora Eduardo ainda não tivesse viajado, não garantiu sua presença em nenhuma das duas festas. Não escapou a Ricardo o olhar distante e até meio triste de Júlia, durante a confraternização na Doce Pimenta. No apartamento, a impressão foi a mesma. Era como se todos estivessem experimentando de uma felicidade verdadeira, enquanto ela estivesse em outro estágio: contente, mas não feliz.

Assim que deu meia noite, Eduardo ligou. Falou primeiro com Lipe, depois com o irmão e por fim com Júlia.

— Feliz Natal, Júlia! Perdoe-me por não poder comparecer. Estou correndo com os detalhes para a viagem, acabei ficando exausto. Se tudo der certo, começo o ano na Itália.

— Tudo bem, Edu, o Lipe adorou o telefonema. Mesmo sonolento, amou ouvir sua voz.

— E eu a dele. Caramba, Jú...lia, ele está falando muito bem! Tudo certinho. É fantástico, parece que faz um século que ríamos ao ouvi-lo ensaiar as primeiras palavras... — tentou espantar o saudosismo — Amanhã chegará o meu presente, espero que ele curta. Não é nada assim tão espetacular, mas tenho certeza de que ele sempre se lembrará de mim. Também estou mandando um para você... Também não é nada tão espetacular...

— Mas sempre me lembrarei de você — Júlia riu, imitando-o.

— Bem — Eduardo riu do outro lado da linha — Espero que sim. Preciso desligar, tenham uma ótima ceia... Mesmo que não tenha sonhos, nada contra as rabanadas... Acredito que estará deliciosa — ficou a ouvindo rir, antes de se despedir e desligar.

Ricardo foi quem tirou o telefone da mão de Júlia e o devolveu à base, puxando-a para a mesa, onde todos a aguardavam. Apesar de estarem em seu apartamento, Júlia deixou que a prece fosse feita por sua mãe.

— Natal não é tempo de pedir, é tempo de agradecer. Por isso, Senhor, agradeço pela casa confortável, pela mesa farta, pela família sempre reunida, pela saúde e por todos os bons sentimentos tão ligados à esta data: a harmonia, o perdão, a união, a renovação e o amor.

Uma prece sucinta, porém, tocante. Ricardo, que apanhara Lipe no colo ao chegar à mesa, ouvi-a de olhos fechados, segurando a mão de Júlia. Fora uma noite maravilhosa ao lado de sua família, uma noite em paz, como não tinha há muito tempo. Foi impossível deixar de pensar na mãe. Naquele exato momento, ela cumpria parte de sua pena, em um abrigo próximo ao centro da cidade, ajudando a servir a ceia para moradores de rua e desempregados que frequentavam o lugar.

◆◆◆

O dia seguinte, amanheceu com a abertura de presentes e Ricardo fez questão de presentear a todos sem, no entanto, parecer que estivesse esbanjando dinheiro. Contara com a cumplicidade de Rui para presenteá-los com coisas que realmente combinassem com cada um. Algo que deixou Júlia orgulhosa.

— Queria te dar tanta coisa, Júlia. Por ora, só ofereço o meu coração — dissera, tirando uma caixinha em formato de coração para ela, provocando o riso em todos. Sentiu a tensão de Júlia ao pensar que fosse uma aliança e seu alívio ao notar que era um colar e um par de brincos de ouro, com um pingente que simbolizava o infinito. Ela fez questão de colocá-los, contando com a ajuda dele para fechar o colar.

Os presentes de Eduardo chegaram e ele acertou em cheio ao achar que Lipe

gostaria. Deu-lhe uma toca, igual à que ele comprara, quando o menino esteve em sua casa e um brinquedo simples, próprio para a idade, que imitava um avião do modelo Boeing. Para Júlia, um álbum de fotografia. Um que ela desconhecia e não sabia nem como ele fizera. Eram fotos da confeitaria. Cenas cotidianas, tratadas de uma maneira artística. Algo maravilhoso.

Mais um dia maravilhoso, sem qualquer imprevisto ou aborrecimento. Mais uma noite em que Ricardo, mesmo a tendo em seus braços, não conseguiu dormir direito.

◆◆◆

Faltavam três dias para o Ano-Novo, quando para Ricardo a situação ficou insustentável. Precisava conversar com Júlia e dizer o que estava sentindo. Saiu do Magista bem cedo, apanhou ela e o Lipe em casa e, após passarem a manhã e tarde em um shopping, levou-os para o seu apartamento.

Adorou poder colocar o filho na cama, descalçando-o e o cobrindo sob os olhares embevecidos de Júlia.

— Aprendo rápido, viu? — indagou e ela fez que sim com a cabeça. Quando teve certeza que o menino estava confortável e seguro, apanhou na mão dela e puxou-a para fora do quarto, deixando o abajur aceso e a porta encostada.

Levou-a até a sala de jantar e fez que se sentasse à mesa de jantar, toda de vidro, algo que estava com os dias contados por causa da presença cada vez mais frequente do filho. Foi até o quadro que ocultava o cofre, tirou-o do lugar para poder abri-lo e apanhou a caixinha preta de veludo. Voltando à mesa, colocou-a diante de Júlia.

— Sabe do que se trata? — quis saber e a viu erguer uma das sobrancelhas, dando-lhe a certeza de que sim.

— São as nossas alianças...

— Não se preocupe, Júlia. Não cometerei o erro de te pedir novamente em casamento. Por algum motivo, guardei-as por esse tempo todo — Ricardo abriu

a caixa — Talvez, mesmo sem saber que nossos destinos se reencontrariam, elas representassem a esperança de um dia isso pudesse acontecer. Lembra-se da nossa ideia sobre as inscrições?

— Sim, Rico, recordo-me. Era para ser surpresa, mandei gravar algo na sua e você, algo na minha, mas só leríamos as inscrições, quando as recebêssemos.

— Isso. Você nunca leu o que te escrevi — sorriu e, enquanto apanhava a aliança que teria sido dela, seus olhos verdes brilhavam intensamente — Impressionante nossa sintonia — entregou-a para que ela pudesse ler.

— Eternamente apaixonado — Júlia leu e baixou os olhos, entendendo o que ele quisera dizer: mudavam as palavras e o conteúdo era o mesmo.

— Para sempre sua, Júlia — ele leu e soltou o ar, visivelmente emocionado.

— O que há, Rico? — ela não entendeu.

— Não imaginei que fosse tão difícil... — fez uma pausa — Esse casal das alianças, em plena sintonia, não existe mais. Neguei-me a ver, demorei a enxergar que ele, assim como as alianças, pertence ao passado.

A expressão surpresa de Júlia denunciou que não fazia ideia de onde ele estava querendo chegar. Viu Ricardo respirar fundo mais uma vez.

— Na chácara... — mal começou a falar, uma lágrima grossa desceu de seus olhos — Comecei a entender.

— Rico, está me assustando. Não fiz nada...

— Calma, Júlia. Não se trata de uma acusação... Já te acusei demais. Estou me referindo à minha percepção das coisas. Estive cego por muito tempo — fez uma pausa — Aquele dia na chácara, ver você ao lado de Eduardo teve o mesmo impacto de ter sido atingido também. Meu Deus, Júlia! Com tanta coisa para sentir, só consegui desejar estar no lugar dele, para você me olhar daquela maneira — ela tentou falar, mas ele pediu que esperasse — Já te amei muito e do mesmo modo fui correspondido para não perceber a diferença — limpou as lágrimas que insistiam em cair.

— Estamos juntos, finalmente em paz, por que essa conversa agora?

— Porque meu maior defeito é ser egoísta, Júlia. Preciso ser amado na mesma intensidade que amo. Nada fere mais o meu ego do que saber que está comigo porque é o melhor para o Lipe. Gostaria que estivesse comigo porque é o único lugar onde desejasse estar, porque é o melhor para você. Tem se esforçado para me fazer feliz, perdoando, inclusive, tudo o que fiz de errado, e tem conseguido. Porém, ao mesmo tempo, seus sorrisos são escassos, está na maioria do tempo ou séria demais, ou com um ar de tristeza. Na minha imaginação, meu amor fosse capaz de te fazer bem, encher seu coração de alegria. Não somos mais os mesmos de quatro anos atrás. Mudamos, Júlia. Continuo, e acredito que continuarei por algum tempo, apaixonado por você. Não eternamente, como diz a aliança. Da mesma forma que você não é mais minha. O tempo, a distância, tudo o que aconteceu, diminuiu o nosso “para sempre”. Falei que não deixaria ninguém nos separara e esqueci de vigiar a mim mesmo. Em todas as situações que não houve influência externa, não consegui ser aquele homem pelo qual você se apaixonou. Por isso, não digo que me conformo, mas consigo compreender o nosso afastamento.

— A gente passou por tanta coisa, para acabar assim? — também não conseguiu conter as lágrimas.

— Você acabaria infeliz por não me amar e eu infeliz, por não a fazer feliz — Ricardo conseguiu sorrir entre as lágrimas — Voltando àquele dia na chácara, percebi algo que nunca poderei te oferecer, porque não faz parte da minha personalidade: o amor altruísta, o amor que se doa, o amor que se compraz com a felicidade do outro. Venho sendo assombrado pelo gesto do Eduardo e por uma dúvida, desde aquele dia. Quanto ao gesto, não sei se faria o mesmo, se estivesse no lugar dele. Não por falta de caráter, mas por ter a oportunidade de tê-la só para mim — percebeu a expressão chocada dela — Sim, também me assusto com isso. Para completar, você se lembra do que disse, quando o Edu desmaiou?

Júlia realmente não se recordava. Fora um momento muito estressante. Só se recordava do medo que havia sentido, dando-se conta que naquela situação ele havia prestado atenção a ela.

— Disse que ele não podia morrer, pois havia te feito uma promessa — fez questão de recordá-la — Não tem ideia de quantas coisas já imaginei que ele tenha te prometido, Júlia. No entanto, o que importa para mim é saber que você teria morrido junto com ele, se isso tivesse acontecido. Percebi que há uma diferença sutil entre o que a gente acha que é o amor, e o que ele seja. Julguei

que amar fosse preservar, proteger, cuidar. É, também, porém, em excesso, sufoca, prende, cerceia. Tinha razão ao dizer que não estava pensando em você, quando a fiz perder o contrato da festa. Era o meu ciúme, querendo afastá-la de qualquer homem que, por ventura, pudesse ter visto suas fotos. Amor também não é apenas prover, como imaginei, porque, em demasia, transforma-se em menosprezo às conquistas que não passaram por mim. Quando disse para vender seu apartamento, não me atentei ao fato do quanto ele significava para você. O amor é resistente, por durar por anos e sobreviver às armações, porém, também é frágil, tal como um cristal. Tenho noção de que nada será como já foi, pois as ranhuras em nossa história sempre existirão. Por fim, e não menos importante, aprendi que o amor não aprisiona, antes, ele liberta. E, por isso, estou deixando que vá, Júlia. Sem ressentimentos, sem mágoas, sem pontos finais. Não vou deixar de ser o pai do Lipe, e espero que me deixe aproveitar de muitos momentos ao lado do meu filho, porém, nossa história, como casal, acredito que não tenha mais nenhum sentido.

Júlia tentou dizer algo em contrário, porém, não conseguiu. Aceitou o abraço de Ricardo e chorou junto com ele, percebendo que concordavam. Aquele poderia ser o fim de uma história amor, mas jamais da amizade e do respeito que sentia por ele.

Epílogo

— É estranho ver isso aqui vazio — Sarah comentou, olhando para o salão. Ela, Sarah e Lipe estavam na Doce Pimenta, enquanto os funcionários gozavam de suas merecidas férias.

— Vou tirar do meu dicionário esta palavra, porque este ano foi o mais estranho da minha vida — Júlia sorriu, soltando a mão do filho, deixando-o explorar o ambiente, por saber que não havia nada em que pudesse subir ou ser derrubado por ele — Muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

— Sim, se fosse um roteiro, teria que cortar muitas cenas e colocar só o que fosse crível — Sarah respondeu bem-humorada.

— Puxa, se fosse assim, só ficariam as palavras começo e fim. A vida é inacreditável às vezes. Tanta volta, para me trazer aqui.

— Aliás, por que aqui e não em seu apartamento?

— Prefiro esta cozinha — Júlia explicou e ainda que Sarah não tenha engolido a resposta, não retrucou.

— Já pensou no que dirá? — Sarah questionou, observando Lipe de onde estava.

— Não planejei nada... Aliás, estou super nervosa — mordeu os lábios — E se ele disser não? Quer dizer, quando acabamos, falou-me que não estaria disponível, quando eu quisesse. E se ele não estiver?

— Bem... Neste caso, Júlia, é voltar a ser a mesma de antes, não é mesmo? Foco total no trabalho e no filho. Afinal, você já se virou trinta e um anos sem ele — manteve o bom humor — Adoro romance, você sabe, e te achava uma extraterrestre por conseguir ficar tanto tempo sozinha. Porém, sou contrária a depositar a nossa felicidade em determinada pessoa. A felicidade tem que estar em nós mesmos, se vamos compartilhá-la com alguém especial, aí já é outra história. Se as pessoas vivessem assim, teríamos muito menos sofrimento.

— Deveria deixar de ser personal e dar palestras motivacionais — Júlia sorriu, concordando com a prima — Olhe o Lipe, enquanto vou fazer o que vim fazer.

— Você leva a sério esse lance de conquistar pelo estômago hein... — comentou, fazendo a prima rir.

— Reconquistar, Sarah, o verbo é outro. Eu já tive, perdi, agora quem sabe tenha de volta. Se posso apelar ao meu dom... Quem sabe a conversa não seja amarga — piscou para a prima, vendo-a ir até onde estava o Lipe.

— Eu e o Lipe merecemos um bônus por estarmos aqui. Não se esqueça.

— Nunca vi alguém que malha gostar tanto de doce — Júlia retrucou, passando o balcão.

— Abdominais existem para isso, querida, então, faça o que tem que fazer e algo para mim e para o Lipe, pelo nosso tempo e paciência — Sarah rebateu.

— Tudo bem, general. Como quiser — piscou, antes de sumir em direção á cozinha.

◆◆◆

Como o coração na mão e os doces dentro da embalagem, Júlia abriu a porta do carro.

— Obrigada...

— Por ficar com o Lipe — Sarah completou — Depois daquele milk poderia me pedir o que quisesse. Até mesmo algo que não fosse tão prazeroso, quanto desfrutar da companhia desse príncipe. Nós nos damos muito bem, assim sendo, concentre-se no que veio fazer. Boa sorte.

Júlia mordeu o lábio inferior, sem esconder sua apreensão. Entrou no prédio cumprimentando o porteiro, pedindo para não ser anunciada. O porteiro concordou, até tentou dizer algo, mas ela estava tão ansiosa que não ouviu, ao passar direto pelo elevador, preferindo ir pelas escadas.

O coração estava ainda mais acelerado, quando tocou a campainha. Respirou fundo. Como não tinha o visitado no hospital, seria a primeira vez que se reencontrariam, após o episódio da chácara.

Quando a porta foi aberta, Júlia teve que verificar se não errara de apartamento, tamanha decepção. Esperava por tudo, menos encontrar Eduardo acompanhado. Ainda que fosse um tanto exótica, com suas tantas tatuagens, mechas coloridas e um estilo peculiar de se vestir, combinando coturno e vestido, não tinha como negar que fosse bonita. A bela mulher olhou-a surpresa.

— Você é a Júlia? — quebrou o silêncio.

Júlia olhou para ela intimidada e fez que sim com a cabeça.

— Eu sou a Luciana, amiga do Edu — estendeu a mão para cumprimentá-la. Como percebeu que Júlia cumprimentou-a só por educação, tratou de eliminar qualquer mal-entendido — Vou tomar conta do apartamento, nesse ano em que ele estiver fora.

— Ah sim — Júlia ficou sem graça por ter imaginado coisas — Será que posso falar com ele?

— Não sabe? — Luciana fez-lhe um gesto para que entrasse. Júlia aceitou o convite, ao mesmo tempo em que fez que não com a cabeça, pensando o que haveria de saber — Ele antecipou o voo — olhou no relógio — Essa hora, ele já deve ter saído. Não pude ir ao aeroporto, mas sei que uma amiga o levaria até lá.

Luciana viu a palidez tomar conta do rosto de Júlia e, pela reação, teve certeza do motivo que a levava até ali. Conduziu-a até o sofá.

— Não acredito — deixou escapar — Você veio atrás dele?

Júlia não esperara a pergunta e ficou sem ação.

— Sou intrometida mesmo, desculpe. Não concordei com essa viagem do Edu, porque sei que ele foi embora para fugir da história que tiveram — despejou de uma vez — Imaginei, e ele também, tenho certeza, que essa cena fosse impossível. Afinal, você e o Ricardo...

— Não estamos mais juntos — Júlia olhou para baixo, o baque fora tão

grande que nem se importou em estar falando sobre sua vida com uma completa estranha.

— Que droga! — Luciana não se conteve, demonstrado o quanto torcia por eles.

— Pensei que ele fosse amanhã, na véspera, não hoje -— Júlia continuava passada — Ele nem se despediu.

— O Edu achava que se tivesse que se despedir, não teria vontade de ir embora. Acha realmente que ele estava ocupado na noite de Natal?

Júlia balançou a cabeça, sem ter o que dizer. Era óbvio que era uma desculpa, só não sabia que era para não vê-la.

— Bem — engoliu em seco — Pelo menos, tentei — disse para si mesma — Ainda que não tenha dado em nada.

— Por que não liga para ele, tenho certeza de que voltaria, assim que soubesse...

— Não — Júlia afastou a possibilidade — Mesmo porque não tenho toda essa certeza.

— Você sabe que o Edu fez uma nova tatuagem? — Luciana disse do nada e Júlia ficou a olhando como se estivesse, tentando entender a relevância da pergunta. Diante de seu olhar persistente, negou — Além de amiga, sou a tatuadora dele — explicou-se — Acho que minha aparência deixa isso um tanto claro — brincou — Pois bem, o Edu sempre escolheu desenhos abstratos.

— Tenho de ir, Luciana — Júlia levantou-se — Não que a história não seja interessante...

— Espere, só um minuto — Luciana pediu — Dessa vez, o Edu escolheu uma figura de um lobo cinzento, ainda que estilizado...

— Bem, que bom — Júlia continuou sem entender, caminhando em direção à saída.

— Também não entendi na hora — Luciana foi a acompanhando — Mas ele

me disse que tinha a ver com a simbologia. Como curiosidade é meu sobrenome, fui procurar o que queria dizer e tenho certeza de que está relacionado ao que sente por você.

Júlia parou diante da frase.

— Eu conheço muito bem o Edu — Luciana garantiu — Todas as tatuagens dele tem um significado. Algo que ele quer levar para sempre no corpo, para nunca se esquecer. No caso do lobo cinzento, é um dos animais mais fieis existentes. Depois que ele encontra sua parceira ideal, permanece com ela até que, literalmente, a morte os separe.

Júlia sorriu, só o Edu era capaz de um gesto como aqueles. A história só a deixou mais triste, por não tê-lo encontrado.

— É o tipo de amor que ele busca...

— Espero realmente que encontre — Júlia sorriu — Muito obrigada por tudo e desculpas por interromper o que estava fazendo...

Luciana sorriu-lhe com cumplicidade, fazendo questão de lhe abrir a porta para que saísse. Júlia, tentou ser mais educada dessa vez, cumprimentando-a com um beijo no rosto, ficando assim de costas para a porta. Deixaria com ela os doces, porque não fazia sentido levá-los de volta. Não compreendeu o sorriso da mulher, assim que acabaram de se despedir. Pelo menos até se virar.

Parado na porta do apartamento, com a alça de uma mala no ombro e puxando outra, Eduardo estava tentando compreender o que Júlia estava fazendo ali. Não que a surpresa não fosse boa, mas era uma cena que realmente não esperava ver.

Júlia perdeu a fala ao se deparar com ele. Mais uma vez no mesmo dia sentiu o coração acelerar, pois já tinha dado sua ida até lá como perdida. Assim, não conseguiu não se emocionar com aquela outra oportunidade.

— Perdi o voo, Não faço ideia de como peguei meu passaporte antigo — Eduardo explicou-se, vendo a tensão no rosto de Júlia e o sorriso alargar-se no rosto de Luciana.

— Quem disse que o universo não conspira? — Luciana sorriu, sem

esconder a euforia — Vai agradecer por muito tempo essa passagem perdida, Edu! Quanto a mim, estou de saída. Vocês têm muito a conversar — falou apressadamente, passando por Eduardo, colocando a chave do apartamento em seu bolso, sem que ele tivesse tempo de dizer qualquer coisa.

Para sair de lá o mais rápido possível, não esperou o elevador, preferindo descer pelas escadas.

— Ela é um tanto... Agitada — Júlia comentou, vendo-o entrar, encostando a porta.

— Sim — Eduardo concordou, sério demais ainda, bem diferente de como costumava ser — O que houve? Aconteceu algo para estar aqui? — não se conteve.

— Não aconteceu nada... Você teria ido embora mesmo sem se despedir Edu? — Júlia começou, vendo-o esboçar um sorriso, deixando a bolsa que trazia no ombro, no chão.

— Nunca curti despedidas — a intenção dele era a de retornar ao apartamento, apanhar o passaporte correto e voltar para o aeroporto, tentando uma nova passagem com a companhia aérea. Encontrá-la, desarmou-o completamente — Se não aconteceu nada, o que faz aqui? O Ricardo sabe? — precisava entender a presença dela ali, pois não estava preparado para reencontrá-la.

— Seu irmão não sabe, porque... — fez uma pausa, estava nervosa demais. Buscou os olhos dele — Nós não estamos e nem ficaremos mais juntos - disse de uma vez.

Eduardo sentiu a boca seca e caminhou meio desnorteado até a bancada junto à cozinha, sentando-se à cadeira. Júlia o seguiu.

— Confesso que, mentalmente, havia pensado em várias coisas para te dizer, porém, não tê-lo encontrado aqui, bagunçou tudo — sentou-se ao lado dele. Ficou feliz em não ter dado os doces para Luciana — A ideia era te oferecer um doce — colocou a caixa em cima do balcão — E ganhá-lo pelo paladar — brincou, seus olhos estavam cheios de lágrimas — Eu sei porque não gosto de sonhos, Edu... Porque prefiro a realidade e estou aqui porque sei que a minha realidade sem você, não tem sabor.

— Talvez esteja confusa, Júlia...

— Já estive, bastante. Correndo atrás do passado, sem saber que ele jamais voltaria. Mas isso durou até quase perdê-lo naquela chácara... Você teria ido sem cumprir a promessa que me fez.

— Promessa? — diante do que estava ouvindo, não conseguia se lembrar nem mesmo de seu nome, quanto mais de uma promessa.

— Disse que não sairia da minha vida a menos que eu pedisse...

— Na nossa última conversa, Júlia, quando você acabou com o que tínhamos, julguei que tivesse pedido.

— Não daquela forma, não para sempre... Nós dois estávamos confusos, sentindo atração por outras pessoas, Edu. Você, por alguém novo e eu, por alguém do meu passado. Se não vivenciássemos aquilo, passaríamos a vida inteira sem saber se o que sentíamos um pelo outro era verdadeiro. Se você tivesse dado certo com a Vivian e eu com o Ricardo, não estaríamos aqui. Agora, se ficássemos juntos, desejando a outras pessoas, isto acabaria minando nosso amor.

— Caramba Júlia! Eu já havia desistido. Na vida nem sempre dá certo... Você foi por um tempo meu amor platônico, porque sim, ao contrário do que a maioria das pessoas pensam, quando sabem de seu envolvimento com o Rico, também me recriminei por ter me apaixonado por você, por isso me calei... Então, ele reaparece e eu, motivado pelo medo, confesso, tomo finalmente uma atitude. Conquisto a mulher com quem sonhei e com a mesma velocidade a perco. Depois disso, fica difícil acreditar em finais felizes. Eu já havia desistido.

— Não quero ser o seu final feliz, Edu. Quero ser o seu começo feliz. O que vamos viver daqui para frente, só Deus sabe. Por motivos óbvios não prometo que um dia vá me casar com você, pelo menos não em uma igreja... Mas há outras formas de se viver juntos, não?

Ele sorriu.

— Você está me pedindo em namoro? É isso mesmo?

Júlia sorriu, fazendo que sim com a cabeça.

— Quero você na minha vida. Seja como namorado, amigo, amante... O que for, o que quiser. Você decide.

Eduardo assoviou, maliciosamente.

— Não deveria me dar tanto poder, senhorita Pimenta.

— É um risco que vou correr — Júlia piscou para ele e não se afastou, quando Eduardo se aproximou para beijá-la. Foi apenas um selinho, mas o suficiente para ele suspirar. Luciana estava coberta de razão. Agradeceria todos os dias pelo erro, envolvendo o passaporte.

Assim que pararam de se beijar, Júlia abriu a caixa de doce, revelando os sonhos, seu doce preferido. Eduardo sorriu e deu uma mordida, assim que ela lhe ofereceu um pedaço. Júlia, lembrando-se da quase primeira vez deles, colocou o dedo no recheio do sonho, lambuzando-o e o sujando propositalmente, em cada um dos lados do rosto e no queixo, bem perto de seus lábios. Eduardo sorriu, fechando os olhos, quando ela começou a limpá-lo, usando a língua.

— Com certeza, nunca mais verei um sonho da mesma maneira — comentou malicioso, puxando-a para dar-lhe um beijo verdadeiro, matando toda a vontade que estava represada nele.

— Sim, Edu — Júlia respondeu ofegante, afastando-se um pouco dele, o suficiente para encará-lo, olhando em seus belos olhos azuis — Porque será a marca real do nosso amor.

— Isso, porque a pimenta, pode deixar por minha conta — puxou-a de volta para si, sem a menor intenção de deixar que se separasse dele novamente.

◆◆◆

Constância chamou a empregada e não obteve resposta. Demorou um pouco para se lembrar que a diarista já havia deixado a residência. Ninguém mais queria trabalhar para ela recebendo mensalmente, ainda que estivesse disposta a pagar muito bem. Por isso, passava suas horas livres naquela casa gigantesca, sozinha.

— A pobreza e seu orgulho, jamais entenderei — falou para si mesma.

Estava tanto tempo envolvida com moradores de rua que se sentia impregnada com o cheiro deles, independentemente do tempo em que ficasse no banho. O importante é que tinha sua bela casa para voltar, sua mesa farta, suas roupas de grife. Ainda que não tivesse ninguém com quem conversar, nem compartilhar coisa alguma.

◆◆◆

Dias depois

Júlia respirou fundo, antes de beijar o filho. Era a primeira vez que ficariam tanto tempo afastados.

— Promete que me liga, por qualquer razão, qualquer hora que seja?

— Prometo — Ricardo ajeitou o filho em seu colo — Estou levando duas babás e a Vivian também me ajudará se for preciso, portanto, fique em paz. Não pretendo deixar o Lipe um segundo sequer sozinho. Inaugurarei as reuniões com a presença do meu filho — garantiu — E se os empresários não gostarem... Então, já é um sinal de que não devo fechar negócio.

— Não preciso mais assinar nada? — mostrou-se preocupada.

— Não, Júlia. O passaporte do Lipe está ok e a sua permissão para que ele viaje comigo também. Só tem que ficar calma. Assim que chegar à Miami, eu ligo. Nós ligamos, não é Lipe?— perguntou para o menino, mas ele estava mais preocupado em brincar com a gravata do pai — Precisamos ir.

Júlia, com os olhos cheios de lágrimas, beijou novamente o filho e recebeu um beijo dele.

— Obrigado — Ricardo sorriu-lhe, antes de começar a caminhar, indo em direção à área de embarque.

Vivian seguiu o patrão, passando por Júlia, cumprimentando-a rapidamente.

— No que o Rico precisar, eu o ajudarei com o Lipe. Prometo.

— Muito obrigada, Vivian. Sem ressentimentos....

— Ressentimentos? O que é isso? — a assistente de Ricardo piscou para ela e apressou o passo para alcançá-lo.

Eduardo chegou a tempo de vê-los passando pelo portal de embarque e surpreendeu Júlia, abraçando-a por trás.

— Ele ficará bem Jú.

— Eu sei... Só é estranho... Pois nunca ficamos afastados.

— Também tenho certeza de que a Vivian ajudará o Rico... Ela é uma boa pessoa.

— Parece-me que sim.

— Para aturar o nível de exigência do Rico, pode ter certeza de que é. Graças a ela, o meu irmão também está fazendo terapia, tentando controlar o ciúme...

— Nem imaginava isto.

— Pois é, eu o Rico temos conversado bastante e ele me confidenciou. Por isso, acredito que a Vivian lhe possa ser uma ótima influência e que o Lipe estará bem com o Rico. Então, nem pensar em ficar triste, Jú. Sempre que a tristeza ameaçar chegar, estarei por perto. Vou ocupar o vazio que ficar em seu coração e prometo mantê-lo aquecido, até a volta do Lipe — disse em seu ouvido.

— Já te disse que você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida neste último ano?

— Ainda que já estivesse próximo nos últimos três? — provocou-a.

— Seu bobo. Você entendeu o que eu quis dizer...

— Sim — Eduardo respondeu com a boca no pescoço dela — Entendi. No entanto, pode repetir o que acabou de dizer porque não ouvi direito?

Júlia virou-se, encarando-o.

— Quantas vezes for preciso, até que acredite! Senhor Eduardo Vidal, você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida neste ano e eu te amo por isso — diante da declaração por tanto tempo esperada, os olhos dele brilharam com mais intensidade.

— Júlia, Júlia! Tem sorte de estarmos em um aeroporto super movimentado, pois declarações de amor assim, mexem comigo — brincou, malicioso.

— Então prepare-se, pois pretendo repetir essa declaração, quantas vezes for preciso. Até que você acredite...

— E quem disse que não acredito? Depois de tudo o que vivi até chegar este momento com você... Definitivamente, não duvido mais de nada — enlaçou-a pela cintura e a beijou em pleno saguão do aeroporto, em meio a tantas pessoas chegando e partindo, sem se preocupar com nada, nem com ninguém, apenas disposto a fazê-la feliz durante todo o tempo em que estivessem juntos. Se isso duraria um ano, dez ou mais, não queria saber, desde que fizessem como dizia o poeta: transformassem em eternos todos os momentos em que estivessem juntos.

Agradecimentos

Agradeço à minha família, pelo apoio irrestrito, à Camila, pela parceria de sempre, à Alessandra, por ser minha eterna primeira leitora e ao meu filho, João Victor, por fazer a minha vida melhor com seu amor.

Às amigas e autoras por quem torço e que sempre torcem por mim e que leram este trabalho: saibam que são parte dele e sempre as levarei em meu coração.

Meu agradecimento especial vai para todas as leitoras de Doce Sabor de Pimenta, quando ela foi postada na plataforma e alcançou 200 mil leituras. Torcendo para um ou para outro irmão, as leitoras foram imprescindíveis para o sucesso alcançado à epoca.

Esta história foi criada com a intenção de apresentar uma protagonista negra e trazer alguns clichês encontrados em várias comédias românticas, brincando com eles. Em ordem de aparição, e importância, vamos aos mais relevantes (visto que na história há construções menores nas cenas, que também são consideradas lugares comuns):

Ser deixada no altar

Triângulo amoroso, envolvendo dois irmãos

Segredo revelado por personagem no leito de morte

O reencontro entre o casal que se amou no passado

Mal-entendidos separando o casal protagonista.

A redenção e/ou mudança por amor

Sacrifício por amor – desistir de quem se ama

O amor da sua vida, sempre esteve ao seu lado

Um triângulo amoroso envolvendo irmãos é um recurso recorrente na arte, seja em novelas, filmes e livros, aina assim, tive o cuidado de pesquisar o Código Civil Brasileiro (e recorri a advogados conhecidos) para me certificar que um envolvimento desta natureza esbarra somente no tabu, nao constituindo crime. É bom lembrar que cunhados são parentes por afinidade; no caso da história, eles eram ex-cunhados.

Quando postada em uma plataforma de autopublicação, esse envolvimento causou grande frisson.

A história foi baseada em acontecimentos óbvios, mas nem por isso, construída de maneira óbvia. Ás vezes. é preciso pensar fora da casinha. Não é porque tudo parece que vai ser daquela maneira que será; afinal, enquanto a história não acaba, tudo pode acontecer. Quebrar expectativas dentro da coerência da história, ou seja, dentro do que pode acontecer por tudo o que foi apresentado, serve para sair da mesmice.

Como leitora, gosto de ler histórias com desfechos diferentes e esta é uma das minhas caraterísticas como escritora. Assim, agradeço a você que chegou até aqui, a quem amou e a quem odiou o final. Se a história fez com que sentisse alguma emoção, até mesmo raiva, com certeza ela cumpriu sua função.

Com carinho,

Lic Nunes